Friedrich Gorenstein

Salmo

romance-meditação sobre
os quatro flagelos do Senhor



KALINKA

Publicado com o apoio do
Instituto de Tradução (Rússia)



Tradução do russo
Moissei Mountian e **Irineu Franco Perpetuo**
Posfácio
Moissei Mountian
Capa
Fabio Flaks

PSALOM
Copyright © Friedrich Gorenstein, 2015
All rights reserved
Copyright © Kalinka, 2017
Tradução © Moissei Mountian, 2017
Tradução © Irineu Franco Perpetuo, 2017
Posfácio © Moissei Mountian, 2017
primeira edição, 2017

Essa publicação está de acordo com a reforma ortográfica.
A versão se baseou no livro Friedrich Gorenstein, Psalom (São Petersburgo, Ázbuka, 2012).
As notas de rodapé são da tradução, com colaborações da editora.

hedra
KALÍNKA

Sumário

Sobre a tradução
Salmo
I
    Parábola do irmão perdido
II
    Parábola dos suplícios dos ímpios
III
    Parábola do adultério
IV
    Parábola da doença do espírito
V
    Parábola do cálice quebrado
Notas sobre Salmo, romance-meditação sobre os quatro flagelos do Senhor
Colaboradores
Catálogo da Editora Kalinka

Sobre a tradução

Nas cinco partes, ou parábolas, que compõem *Salmo* (1975), é construído um paralelo entre os episódios e personagens bíblicos e os do enredo, por isso os trechos bíblicos receberam atenção dos tradutores.

As passagens da bíblia foram vertidas do texto original do romance, e não citadas de alguma tradução para o português, já que Gorenstein baseou-se na versão russa da bíblia para compor seu texto, embora ele próprio reclamasse das imperfeições dela. Na versão utilizada de *Salmo (*ed. *Ázbuka*, 2012*)* pela tradução, não há referências da bíblia russa usada pelo autor, mas deve tratar-se da versão feita por B. Götze em 1939, uma atualização da de 1876.

Apesar de as passagens bíblicas terem sido traduzidas, elas foram, na medida do possível, localizadas e anotadas pelos tradutores, que se basearam na *Bíblia de Jerusalém* (ed. Paulus, 2016).

Os nomes bíblicos, por terem uma significação na obra, não foram transliterados conforme as regras adotadas nos demais casos, mas foram padronizados também conforme a *Bíblia de Jerusalém* e o *Dicionário Bíblico*, de John L. Mckenzie (ed. Paulus, 1983).

Salmo

romance-meditação sobre
os quatro flagelos do Senhor

Dedicado à minha mãe.

Não seguirás a multidão para fazeres o mal; não deporás, em um processo, em nome da multidão, torcendo o direito. Não favorecerás o pobre em seu processo.

Segundo Livro de Moisés. Êxodo[1]

Seguir os pensamentos de um grande homem é a mais fascinante das ciências.

Púchkin[2]

Já ouvi falar também, e muito, de como você se pinta. Deus te deu uma cara e você faz outra. E você ondula, você meneia, você cicia, põe apelidos nas criaturas de Deus, e procura fazer passar por inocência a sua volúpia.

Shakespeare. *Hamlet*[3]

1 Êxodo 23: 2,3.
2 *O negro de Pedro, o Grande*, tradução de Boris Schnaiderman. (Editora 34, 1999)
3 *Hamlet*, tradução de Millôr Fernandes. (L&PM, 1997)

I

“Que desgraça! Um alvoroço de numerosos povos! Fazem tanto barulho como o mar. O clamor dos povos! Seu clamor é como o clamor de águas violentas!”[4] Assim falou Isaías, filho de Amós e o profeta que, oito séculos antes da estrela de Belém, previu o Nascimento da Criança, do Filho, ao seu povo amado, embora desobediente e teimoso. Seu povo era exaurido por brados e tropéis vindos de todos os lados. Assim falou o profeta, cujo ouvido sensível distinguiu o tropel mais perigoso, que vinha do Norte.

Sim, tumulto e inquietação se espalharam pela terra. Mas, quanto mais nos elevamos ao céu, menor o tumulto, quanto mais nos aproximamos do Senhor, menor a piedade Dele pelos homens. Eis por que o Senhor, por piedade dos homens, mandou seus mensageiros à terra. O Senhor não os escolheu sozinho, mas enviou os eleitos e designados pelos profetas. Esse direito foi concedido ao homem somente no princípio da existência, na criação do mundo. “O Senhor Deus moldou da terra todos os animais dos campos e todos os pássaros do céu e os levou ao homem para ver como ele os chamaria, e, como o homem designasse cada alma vivente, esse seria o nome dela.”[5] Dessa maneira, o Senhor introduziu no homem a força do Criador e o iniciou nos mistérios da arte. No sétimo dia da criação, houve o Nascimento da arte, no sétimo dia foi dado ao homem esse dom divino, até hoje reservado para seus eleitos. Entre os eleitos, Ele separou os profetas adivinhos, menores e maiores,[6] e, entre estes, elegeu somente três — Moisés, o criador da Lei de Deus; Isaías, que previu a vinda de Cristo, da tribo de Judá, o Messias; e Jeremias, que previu a vinda de Anticristo, da tribo de Dã, o Antimessias.

Em seu leito de morte, Jacó, o fundador de Israel, anunciou o futuro a seus doze filhos, para que eles saciassem a curiosidade por seu próprio destino e empregassem suas forças apenas na realização do Testamento. Ao quarto filho, Judá, ele disse:

— Tu, Judá, serás louvado por teus irmãos! Tua mão pousará sobre as costas de teus inimigos. Os filhos de teu pai se curvarão a ti. Um jovem leão é meu filho Judá, que se ergue de sua presa. Ele se inclinou e se deitou como um leão e uma leoa: quem o despertará? Um cetro não se afastará de Judá nem um legislador de seus pés até que venha Siló e os povos Lhe obedeçam...[7]

Ao seu sexto filho, Dã, Jacó disse:

— Dã julgará seu povo como uma das tribos de Israel. Dã será uma serpente

na estrada. Uma áspide no caminho que fere a pata do cavalo, de maneira que o cavaleiro cairá para trás...[8]

Do leão no auge de sua força e de seu caminho surgiu Cristo, o Messias. Da Áspide, a serpente, a arma de morte dos antigos carrascos e suicidas, surgiu Anticristo, o Antimessias. E no grande dia da Bênção e da Maldição, quando Moisés, da tribo de Levi, ensinou ao povo amar a Deus e temer a maledicência, eles estavam separados. A tribo de Judá no monte da Bênção, Garizim; a tribo de Dã no monte da Maldição, Ebal.[9]

Passou-se muito tempo desde o sétimo dia da Criação, dia sagrado para o Nascimento da arte. Mas o pensamento, a mais temível tortura terrena a que depois foi submetido Shakespeare, um gênio fixado na terra e rejeitado pelos Céus — pois quem é forte em desvendar mentes humanas é fraco em desvendar as ideias divinas —, o pensamento atormentava o homem, que por isso fora expulso do Éden e condenado ao trabalho eterno. Quanto à arte, um Dom sagrado do Senhor, o homem aprendeu a dirigi-la contra Aquele de quem a recebera. E a primeira maldição, pronunciada no monte Ebal conforme os Mandamentos de Moisés, foi:

— Maldito seja aquele que esculpir ou fundir um ídolo, uma indecência perante o Senhor, obra das mãos de um artista, e que o guardar em lugar secreto![10]

Dilacerado por seus desejos e por sua vergonha, o homem, concebido da Árvore do conhecimento do Bem e do Mal, continuava sem conhecer seus limites e não tinha medo. Criava ídolos já não de forma clandestina, mas aberta, elevava ao pedestal pecadores como ele, seus semelhantes... Em vão, como uma voz no deserto, clamava o grande profeta sofredor Jeremias:

— A língua deles foi polida pelo artista e eles mesmos cobertos de ouro, mas são de mentira e não podem falar. [...] E não podem se tornar nada além do que os artistas querem que eles sejam. [...] Ao ver uma multidão chegando de todos os lados para adorá-los, tu deves dizer mentalmente: “É a Ti que se deve adorar, Senhor...”.[11]

No entanto, conforme a tradição, lançaram-se contra Jeremias por sua profecia: bateram nele e o colocaram no porão do escriba Jônatas, transformado em calabouço popular.[12] Quando Jeremias estava a ponto de morrer, o rei apiedou-se dele e o transferiu para o calabouço real, no pátio da guarda, onde lhe davam pão.

O rei deu uma ordem a Ebed-Melec, o Etíope: “Leva trinta homens contigo e

resgata o profeta Jeremias, antes que ele morra". Ebed-Melec pegou uns trapos velhos e inúteis e uns retalhos velhos e inúteis e, com a ajuda de cordas, baixou-os no poço de Jeremias. E Ebed-Melec disse a Jeremias: "Coloca esses velhos trapos e retalhos que te foram jogados sob as axilas e a corda por baixo deles". E assim fez Jeremias. Puxaram Jeremias pelas cordas e o tiraram do calabouço, e ele ficou no pátio da guarda.[13]

Assim padeceu o grande profeta judeu que previu, entre os irmãos da tribo de Dã, a chegada do Anticristo e criou a legendária doutrina da não resistência ao ímpio pela maldade e pela violência, ensinamento que, depois de sete séculos, foi apropriado pelo mundo. Pois todo profeta prediz contra o rei e contra o povo e por eles é perseguido e punido. Como o Senhor poderia, com uma única pena, castigar muitos pecadores sem que alguns justos perecessem se a vida é um Manuscrito de Deus? Mesmo o criador terreno, a não ser que trabalhasse no estilo realista socialista, não conseguiria suprimir o mal deixando o bem a salvo; poderia apenas, como Gógol, lançar o manuscrito inteiro ao fogo, exterminando-o por completo.[14] Pois bem, o Senhor, que ainda na época de Noé rejeitou o castigo coletivo, criou, contra as punições dos reis e dos povos, quatro grandes flagelos. Ei-los segundo o relato do profeta do exílio, Ezequiel.

O primeiro flagelo é a espada, o segundo a fome, o terceiro o animal feroz, simbolizado pela luxúria, o quarto a doença, a peste...[15]

Às vezes os flagelos acontecem juntos, às vezes separados, às vezes um se fortalece, às vezes outro... Mas nesse ano, quando o que fora predito pelo profeta sofredor Ezequiel se realizou e na terra apareceu Dã, da tribo de Dã, a Áspide, o Anticristo, criado para julgar e amaldiçoar, e não para abençoar, intensificou-se especialmente o segundo flagelo do Senhor: a fome. Cumpriu-se assim o que fora predito pelo profeta Ezequiel:

— Enviarei as flechas ferozes da fome que vos causarão ruína; para vossa destruição, aumentarei a fome entre vós e arrasarei o trigo que vos alimenta...[16]

Nesse momento, Dã, da tribo de Dã, o Anticristo, veio à terra... Isso aconteceu em 1933,[17] no outono, perto da cidade de Dimítrov, na região de Khárkov... Lá se deu o início da primeira parábola. Pois, quando chegam os flagelos do Senhor, destinos humanos triviais transformam-se em parábolas proféticas.

Parábola do irmão perdido

— A colheita passou, o verão terminou, e nós não estamos salvos[18] — assim falava o profeta Jeremias, em um dia nublado como esse, vislumbrando os campos desertos da terra prometida que, no crepúsculo de outono, estavam tão desabitados e desolados como o céu escuro e ameaçador que pairava sobre eles. — Olhei para a terra e ela estava devastada e vazia, olhei para os céus e não havia luz neles.[19]

Realmente, da janela de uma antiga taberna, agora a casa de chá do colcoz “O Lavrador Vermelho”, via-se aquela mesma terra e aquele mesmo céu que dilaceraram o coração cheio de compaixão do profeta judeu, o coração de um pessimista-humanista, um cantor aflito de salmos.

É preciso notar, de passagem, que, se durante os mais de dois mil anos da atual civilização quase não se alterou o caráter do otimista, não lhe diminuindo o entusiasmo aéreo e superficial nem lhe aumentando a sabedoria, o caráter do pessimista modificou-se por completo... Perdendo o lirismo, ele adquiriu uma inspiração filosófica e um desprezo soberbo pela vida... Porém, de todas as pessoas reunidas na casa de chá “O Lavrador Vermelho”, apenas uma tinha consciência disso, e não passava de um adolescente, quase um garoto, que visivelmente não pertencia ao povo local, de modo que os outros fregueses, de início, espiavam-no sem parar. O garoto estava sentado distante dos outros, num dos lugares mais incômodos da taberna, a uma mesa perto da janela. Vestia-se à moda citadina e tinha aparência de um judeu, no entanto, como nesse ano de coletivização e de má colheita vinham muitos delegados de fora e, entre eles, muitos judeus, o adolescente acabou por se tornar familiar, e logo passaram a ignorá-lo. Além disso, como ventava muito na janela, parcialmente fechada com uma folha de compensado, nenhum dos fregueses assíduos ocupava a mesa perto dela.

Nessa noite, os fregueses da casa de chá eram da parte mais abastada da vila, para os tempos de então: os tratoristas recordistas,[20] que se reuniram depois de um encontro regional, por ocasião do qual trouxeram arenques e pãezinhos doces ao bufê e sementes de girassol e balas à casa de chá. Por isso desde manhã os pedintes haviam dado de importunar os tratoristas. Se os pedintes viessem somente da vila, Chagaro-Petróvskoie, não seria um grande problema. Mas eles vinham de todos os lados: de Kom-Kuznetsóvskoie, do povoado de Lípki e dos sítios...

— Senhor! Jesus Cristo... Filho de Deus...

Esse refrão, proferido ora por uma voz sonora de criança, ora por um

murmúrio enrolado de velho, acompanha a tradicional má colheita e a fome da Rússia desde o início dos tempos. Na época de Boris Godunóv[21] e em momentos mais tardios descritos por Lev Tolstói e Korolenko,[22] pais e mães e todos os trabalhadores devastados e famintos acabavam sustentados por suas crianças e por seus velhos, vivendo do nome de Jesus. Korolenko chamou uma vez essa mendicância da Rússia de grandiosa força popular. No entanto, agora temor e inquietação se reuniram à má colheita e à fome, e essa força, a última força na luta contra o infortúnio, começou a se esgotar. A Igreja, por seus pecados, virou pó, e fazia tempo que Jeremias, com tristeza no coração, havia falado sobre o povo sem pastor:

— São filhos néscios, não têm inteligência; são mestres em fazer o mal, mas não sabem fazer o bem.[23]

Antes nem todos davam esmola por ter bom coração, mas por medo do pecado. Agora todos os pecados divinos foram revogados pelo novo poder e, nas igrejas, onde, havia pouco, as bocas indiferentes dos sacerdotes transformaram verdades vivas em frivolidades, sentia-se cheiro de porão úmido, de álcool vindo da palha apodrecida, e de batata mal guardada. Jesus Cristo, da tribo de Judá, foi abolido e sua imagem substituída em todos os lugares: foi retirada das paredes dos espaços públicos, sendo raspada e coberta. Mas mendigava-se como antes, em nome de Cristo, porque, para os mendigos, nada mais foi inventado. Desde tempos imemoriais, os miseráveis, por estarem no patamar mais baixo da sociedade, podem usar para seu sustento algo mais elevado, que aja sobre a insensibilidade de seus irmãos. Quem seria capaz de mendigar em nome do Conselho dos Comissários do Povo sem ser considerado um provocador, passível de punição pelo GPU?[24] Por isso o nome de Cristo foi conservado pela mendicância como um anacronismo, à semelhança de algumas marcas de cigarro pré-revolucionárias.

Assim, quando em um fim de tarde soou o refrão habitual na casa de chá: “Senhor! Jesus Cristo... Filho de Deus...”, poucos levantaram a cabeça das rodas de conversa, dos copos de chá de cenoura e das balas de goma, ou do verdadeiro festim que rumorejava em volta da mesa do chefe da brigada. Lá havia uma garrafa de álcool diluído e, ao lado do arenque, pratos com fatias de um toucinho bem rosado...

Um pouco antes, haviam dado esmola a dois jovens irmãos, que cantaram e dançaram a ciganinha, depois a um velho, e ainda a uma mulher segurando um bebê... A miséria é inoportuna, não tem tato nem consciência, e sua vontade é

arrancar o máximo para si, passando para trás o irmão miserável...

Visivelmente, a garota que entrou na casa de chá não queria saber se as pessoas estavam cansadas no fim do dia, se o que estavam comendo e bebendo havia sido obtido à custa de trabalho árduo, da sorte ou de privilégios, ou se os miseráveis as aborreciam, como mosquitos sugando o sangue de um cavalo de carga.

Em geral, há algo de atrevido e exigente na mendicância das crianças, ao contrário da mendicância dos adultos e, especialmente, dos velhos. Em primeiro lugar, a criança que mendiga raramente chora em seu esforço de apiedar e, quando o faz, isso soa claramente falso, evidenciando que foi ensinada a fazê-lo e que não se trata de choro espontâneo. Em segundo lugar, agradece a esmola sem prazer ou, com frequência, sequer agradece, pega-a como se tivesse recebido o que lhe pertence, como se todos em volta lhe devessem algo ou fossem seus pais. Além disso, na casa de chá não havia mulheres, e os homens dariam esmola com mais vontade se o mendigo não lhes causasse pena, mas alegria, como os dois irmãos, ao dançarem a ciganinha, generosamente fizeram. Mas a garotinha, ao que parece, não fazia tempo que mendigava: não divertia o público, apenas andava, por entre as mesas, pronunciando o nome de Cristo de maneira monótona e com uma voz sonora, como uma cantiga infantil. Ela tinha um rosto típico de camponesa, tranquilo; nos olhos cinzentos havia algo como que entre a estupidez e a bondade, mas nos lábios roliços um quê de mulher, o que não poderia ser compreendido por ela mesma, mas por um olhar alheio e experiente. Rostos assim geralmente ficam cheios e fartos por pouco, por um pedaço de pão ou uma fatiazinha de toucinho, pois certamente passam tempos sem ver nem migalhas disso. Essas migalhas surgiam fartamente sobre a mesa do chefe da brigada, mas dessa mesa rica a menina fora expulsa, e, nas outras mesas, mais pobres, ninguém lhe dera atenção, sequer lhe ofereceram uma bala ou um punhado de sementes de girassol. Como é sabido, havia motivos para isso: a população vivia em dificuldades, estava cansada de mendigos e não tinha mais medo do pecado. Contornando todas as mesas, a garota dirigiu-se para a mais distante, onde estava sentado o jovem citadino, o que parecia judeu. Mas, de repente, ela hesitou. É preciso notar que nenhum dos mendigos que havia passado na casa de chá nessa noite se aproximou dessa mesa, por temer, decerto, o rapaz da cidade. A garota logo reconheceu nele um forasteiro, mas não foi por esse motivo que parou, indecisa. Os fregueses locais não tinham lhe dado nada e, nesse instante, ela decidira se aproximar do forasteiro, na esperança de ganhar algo. Mas seu olhar a deteve, de relance, como se o brilho do fogo interestelar

saísse dos olhos escuros do rapaz. Na realidade, ela não sabia que era o olhar da Áspide, do Anticristo, vaticinado pelo profeta.

Não, não era o Anticristo que desperta ataques histéricos em artistas cristãos e sobre quem os filósofos propagam discursos, não era o Anticristo inimigo de Cristo, nem o Anticristo adulado pelos místicos modernistas, que o chamavam de Criador e o colocavam acima de Deus, mas era o Anticristo que, ao lado de seu Irmão, cumpre o desígnio divino... O primeiro foi enviado para a Maldição e para o Julgamento, o outro para a Bênção e para o Amor... Um veio do monte da Maldição, Ebal, outro do monte da Bênção, Garizim... Apenas por um instante, feito um relâmpago, Dã, da tribo de Dã, profetizado por Jeremias, deixou-se levar por seus sentimentos, mas de repente o ambiente na casa de chá tornou-se pesado, o burburinho cessou e todos, incluindo o influente chefe da brigada dos tratoristas, encolheram as cabeças entre os ombros, de maneira involuntária e inconsciente, o que só acontece quando sentimos passar algo pesado e lancinante, anunciando a morte...

O motivo do descontrole de Dã era a saudade que sentia de casa, que estava fresca em sua memória como um túmulo recém-cavado. A noite chuvosa, tão frequente no outono de Khárkov, aumentou sua tristeza, que chegou ao auge quando ele se viu entre rostos estranhos e distantes de seu coração, mas que se alegravam e sorriam uns aos outros, tornando-se a gota d’água para a saudade ardente do forasteiro... Durante toda a noite, Dã, o Anticristo, impressionável como todas as crianças judias, esforçara-se por encontrar para seus olhos, olhos sábios e maldosos de Áspide, um objeto tranquilizador, se não para alegrar a alma, ao menos para fazê-la descansar. Quando ele olhava para o interior da casa de chá, por toda parte via as cabeças sombrias dos apóstatas: nas faces desanimadas não havia nem sombra de lirismo, nas insolentes nem sombra de grandeza e nas bondosas nem sombra de sabedoria. Quando ele olhava para o lado de fora, surgia aquela desesperança russa, provinciana e outonal, com álamos molhados dos dois lados da rua, latidos de cães, e duas ou três luzinhas piscando ao longe, e contra isso nada funcionaria, nem gritos nem lamentos, apenas um bom copo de aguardente de beterraba. Mas essa receita eslava era inútil para o filho de Jacó, que, ao cair no esquecimento, sentia algo semelhante à morte. E a morte, enaltecida por tantas religiões e filosofias orientais, repugnava seu povo, seja uma morte física, seja uma morte na contemplação budista... “Pois na morte não há lembrança de Ti; e no túmulo quem Te louvará? Volta-te, Senhor, liberta a minha alma. Salva-me com Tua graça.”[25] Assim foi dito no salmo seis. A morte priva o homem da possibilidade de exercer seu

dever: amar ao Senhor em plena consciência. No nirvana budista ele não ama ao Senhor, mas a si mesmo... Nenhum enviado do Céu que vagueia por caminhos terrenos pode escapar daquilo que é próprio do homem. Dã se lembrava desse sermão, anotado com as sentenças da Lei de Moisés de seus *tefilins*,[26] fixados em seus punhos. Mas ali, em suas primeiras horas em Khárkov, tudo o que é humano ainda era estranho a Dã, por isso ele voltou o olhar para dentro de si e viu sua cidade, iluminada pelo sol do mês de Aviv.[27]

A porta das Ovelhas, a porta dos Peixes, a porta da Fonte, perto do reservatório de Siloé, em frente ao jardim do Rei, junto à escadaria...[28] A torre dos Fornos... A subida do Arsenal, na Esquina, perto do túmulo de Davi. A cisterna construída perto da casa do sacerdote Eliasib. A casa do Rei, no alto, perto do pátio do cárcere, onde padecera o profeta Jeremias. O muro de Ofel. A porta dos Cavalos, em frente à morada dos comerciantes. A porta das Águas, na praça dos comerciantes, onde, do alto de um estrado de madeira, o grande escriba Esdras lia desde o amanhecer até o meio-dia ao seu povo, que andava cabisbaixo desde o jugo da Babilônia. Ele lia o livro da Lei de Moisés, e o povo era todo ouvidos. Esdras, da tribo de Levi, lia ao povo e os sacerdotes davam sentido ao que ele lia. Dã sabia que Esdras vivenciara a maior felicidade para um profeta: uma rara submissão do povo ao bem. “E Esdras abriu o Livro diante dos olhos do povo inteiro, porque ele se achava acima de todos. Quando ele o abriu, o povo todo se levantou.”[29]

Dã lembrava que, ao se iniciar no que é elevado, ao ouvir as palavras da Lei, o povo inteiro estava em pé, com lágrimas de felicidade nos olhos. O mesmo povo que, alguns séculos antes, queimara os sermões de Jeremias e que, alguns séculos depois, rejeitou o seu rei, Jesus, da tribo de Judá. Dã sabia que seu Irmão, Jesus, desejava o quinhão de sucesso que tivera Esdras, sonhava subir ao estrado de madeira ao amanhecer, no meio da praça dos comerciantes, defronte a porta das Águas, e ver nos olhos do povo lágrimas de felicidade e de arrependimento. Pois ele amava sua gente com a mesma paixão que o grande escriba Esdras sentia pelo seu povo de testa de cobre, como marca de teimosia, e veias de ferro na nuca, como marca de desobediência ao Senhor. Amava tanto seu povo que chegava a perder a elegância no discurso. Pois Ele, Jesus, Irmão de Dã, dizia viver para seus filhos maldosos, e não para os cães bondosos dos outros. Essa doutrina foi exposta de forma clara, embora bastante sucinta e incompleta, pelo evangelista Mateus, mas os pregadores cristãos — a começar por Saulo, da tribo de Benjamim, depois chamado Paulo,[30] o primeiro apóstata

da terra — acharam um jeito de não observá-la... O Irmão de Dã vivia e lutava para seu povo e morreu pelas mãos dos que cooperaram com os ocupantes romanos e que hoje seriam chamados “colaboracionistas”. Assim como os irmãos oprimidos não entenderam o amor de Jesus por eles, os opressores não entenderam seu ódio. A história do romano Pilatos, ao tentar ajudar Cristo, repete a história de Nebuzaradã, o chefe da guarda do rei da Babilônia que salvara Jeremias do calabouço em que este, por seu derrotismo, fora colocado por seus irmãos. Pois tanto Jeremias quanto Jesus indicaram o caminho da não resistência ao mal, o que só parece idealista àqueles que não compreendem as bases do pensamento judeu: extrema praticidade na existência e máxima metafísica quanto ao Sublime. O caminho da não resistência ao mal diante de um ímpio poderoso é possível, no entanto, com uma ressalva, apontada por Jeremias. Em princípio, ela assim se resume: que o ímpio tire tudo da pessoa, mas ela também deve tomar, como butim, sua própria alma do ímpio... O importante é conservar sua alma como se fosse uma presa, pois o ímpio, cedo ou tarde, perderá a alma dele, mas o amor que retribuirá à maldade do ímpio não terá proveito para ele. A pessoa mesma é que tirará proveito. Aqui está ele, o pensamento prático judeu sobre a não resistência ao mal pela violência... Mas, diante da face atual do ímpio, criada pelo progresso da civilização, torna-se cada vez menos viável cumprir a ressalva do profeta Jeremias, com a qual contava o Irmão de Dã, Jesus, da tribo de Judá, do monte da Bênção, Garizim...

Como Dã foi longe em seus pensamentos e visões, longe da noite chuvosa de outono da vila de Chagaro-Petróvskoie, do distrito de Dimítrov, na região de Khárkov, longe do momento em que a garota mendiga tentava ir até ele na esperança de conseguir uma esmola. Nos primeiros instantes, quando ele lhe dirigiu um olhar do Além ainda não de todo arrefecido, ela se assustou de tal maneira que sentiu vontade de gritar, mas já não tinha forças. Enquanto suas forças voltavam, Dã lhe estendeu um naco de pão que tirou de sua bolsa de pastor de couro rústico. Era um pedaço de pão impuro do exílio, legado pelo Senhor através do profeta do exílio Ezequiel, feito com uma mistura de trigo e de cevada, com favas e com lentilhas. Pelos pecados dos homens, o Senhor ordenou que se assasse o pão impuro em excremento humano, mas o profeta Ezequiel recebeu o direito de assá-lo em esterco de vaca...

Tanto a esmola quanto quem a oferecia assustavam a garota, mas ela estava faminta e pegou o pão impuro do forasteiro. Um burburinho abafado invadiu a casa de chá. A companhia ficou ofendida. Certa expressão antiga, quase esquecida, surgiu inicialmente nos rostos mais bondosos, passou para os mais

desanimados e, numa indignação peculiar, tocou nos rostos insolentes. Elas, pessoas de sua terra, de seu sangue, recusaram-se a dar algo à garota mendiga, no entanto, um forasteiro, um judeu da cidade, estendeu a ela um naco de pão. O camponês que estava mais próximo, com um copo de chá de cenoura na mão — um homem magro, ainda jovem, mas sem os dentes da frente, de modo que precisava molhar as cascas de pão na água quente, para, em vez de mastigá-las, chupá-las, o que era mais apropriado e mais econômico —, esse camponês desdentado foi o primeiro a estender algo a garota, uma casca de pão amolecida na água; depois outro sujeito, mais afastado, lhe deu duas balas de goma; alguém despejou um punhado de sementes; e, finalmente, da mesa mais rica, o chefe da brigada dos tratoristas, a "excelência" em pessoa, chamou a garota com um aceno.

—Vá, bobinha — cochichou o camponês desdentado —, não fique acanhada... Petró Semiónovitch está generoso. Peça um pouco de toucinho...

De fato, mal a garota se aproximou da mesa, o chefe da brigada, Petró Semiónovitch, solenemente e sob os olhos de todos, entregou-lhe um pedaço de toucinho sobre um papel de jornal, como se entregasse uma recompensa a algum trabalhador recordista — um corte de dois metros de tecido ou umas botas de cano alto...

— É assim — disse Petró Semiónovitch —, mas você pede ajuda a um forasteiro... Ele pode estar do lado inimigo, pode ser um *kulák*[31] ou um comparsa de um *kulák*... Isso ainda precisamos decidir...

A essa altura, Petró Semiónovitch estava bêbado e isso o instigava a fazer diversos pronunciamentos políticos. Sem coragem de responder e assustada pela segunda vez num curto intervalo de tempo, mesmo que por motivos diferentes, a garota pegou o toucinho em silêncio e começou a enrolá-lo no jornal.

— Por que não come, criança? — perguntou Petró Semiónovitch, que de repente mudou de humor e derramou lágrimas. — Para quem está guardando esse naquinho? Por acaso você tem filhos?

— Meu irmão Vássia[32] está me esperando nos degraus da entrada — timidamente disse a garota.

— Existe um irmão Vássia — disse Petró Semiónovitch —, isso é bom. E como você se chama?

— Maria — disse a garota.

— Maria, por que seu irmão Vássia manda você pedir esmola, enquanto ele mesmo se refresca na entrada?

— Ele ainda é pequeno... Tem medo.

— Por que ele teria medo? — ofendeu-se Petró Semiónovitch. — As pessoas daqui não são animais. É o nosso povo... A vila... Outra coisa são as pessoas de fora... É delas que deve ter medo, caso não tenham um mandato. Você é daqui, pelo visto, se o seu pai a deixa pedir esmola numa hora dessas da noite...

— Meu pai morreu no ano passado — disse Maria.

— E como ele se chamava? — perguntou Petró Semiónovitch.

— Não sei.

— Que quer dizer com isso? — surpreendeu-se Petró Semiónovitch. — E a sua mãe, como se chama?

— Não sei — respondeu Maria. — Mãe, só mãe.

— Ora essa — disse Petró Semiónovitch, limpando com o grande dedo indicador os cantos da boca, à moda ucraniana —, filhinha, alguém lhe ensinou algo errado...

— Deixe-a ir, Petró... — disse o moreninho sentado à sua direita.

— Não, espere, Stepan — disse Petró Semiónovitch —, algo não está cheirando bem... E o seu sobrenome, como seria?

— Não sei — disse Maria, quase chorando.

— Corra — cochichou, quase inaudível, o camponês desdentado.

Mas Petró Semiónovitch, que se agitou e no ato voltou ao normal, percebeu o cochichador.

— Eu vou cochichar também — disse, pegando a garota pela mão —, está querendo morar na Sibéria? Sei que nos sítios se escondem muitas famílias de *kulakes*, com seus comparsas, para não serem mandadas à Sibéria... E você é do sítio — disse aproximando de Maria seu rosto medonho, com uma cicatriz em forma de espada adquirida na guerra civil.

— Do sítio — quase morta de susto, respondeu Maria —, de Lugovoi.

— Agora você está falando coisa com coisa — disse Petró Semiónovitch, acalmando-se um pouco. — Continue falando como se deve.

— Tio — disse Maria —, eu não sei o meu sobrenome, e também não sei o nome do meu pai e da minha mãe, porque nossos pais nunca se ocuparam com a gente, eles não tinham tempo, estavam sempre trabalhando no colcoz. E, agora que meu pai morreu, minha mãe está fazendo de tudo, em casa e na horta, é preciso arrumar, arar, semear e cuidar dos outros trabalhos, mas ela não nos ensinou nada. Eu tenho um irmão mais velho, Nikolai, e uma irmã mais velha, Chura, [33] e os mais novos, Vássia e Jórik, mas Jórik ainda está no berço.

— Bravo — disse Petró Semiónovitch —, agora você não está se fazendo de

boba. E como chamam vocês? Eu, por exemplo, era chamado na infância por toda a vizinhança de “filho de Semion”... Olha o filho do Semion passando... E vocês?

— Nós somos os “filhos da cidadã” — disse Maria.

— Mas como devo entender esse “cidadã”? Em Dimítrov ou em Khárkov é que são “cidadãos”. Aqui são camponeses... Por que vocês são chamados de “filhos da cidadã”? A mãe de vocês por acaso é da cidade?

— Não — disse Maria, baixando a cabeça.

— Você está mentindo — disse Petró Semiónovitch, irritado —, está mentindo e não está olhando nos meus olhos — e sua fala subitamente perdeu o sotaque e os termos ucranianos, ficou seca, russa, protocolar. — Se vocês não são da cidade, por que são chamados de “filhos da cidadã”?

— Chamam porque chamam — de novo o moreninho, sentado à direita do chefe da brigada, tentou se colocar. — Será que não conhece os apelidos dos aldeões, Petró?

— Fique quieto, defensor... Está querendo bancar o advogado? Mas você não é judeu para ser advogado... Então, continue — dirigiu-se à Maria.

— Fale, menina, não tenha medo — disse-lhe o moreninho.

— No ano passado, nosso pai morreu, foi um ano de fome.

— Isso eu já ouvi — disse Petró Semiónovitch. — Continue...

— Mamãe ficou sozinha com cinco crianças, uma menor do que a outra — disse Maria —, depois da morte do meu pai, nossa casa[34] desabou e os chefes do colcoz nos deram outra, perto da *tamba*... Mamãe ficou nessa casa, pois quase todas as crianças incharam e caíram de cama. Não sobrou nada para trocar por comida, tínhamos só a roupa do corpo e uns farrapos...

Maria calou-se. Petró Semiónovitch também estava calado. Todos estavam calados. A garota mendiga contou o que todos sabiam e o que muitos já tinham sofrido, mas, dito em voz alta e infantil, e ainda sob coação, soou como uma prece, um lamento sobre suas dificuldades e desgraças. Talvez por estarem muito tempo sem rezar muitos tenham derramado lágrimas, mas Petró Semiónovitch ficou com o rosto pálido de tristeza e fúria, e apenas sua cicatriz de espada matizou-se de sangue.

— Eis o que os sanguessugas burgueses fizeram conosco — disse ele pesadamente, por entre os dentes —, o cerco capitalista... Mas não faz mal, nós aguentaremos... Não lhes daremos o prazer de se alegrarem com nossa desgraça... Vamos botá-los na cova — e levantando bruscamente a cabeça —, mas onde se meteu o sujeito que estava sentado perto da janela, o que lhe deu o

pão? Mostre já a sua esmola — disse à Maria, estendendo-lhe a enorme palma de sua mão, em que se espetavam os dedos que pareciam barras de ferro, capazes de, num átimo, estrangular alguém até a morte.

E, nessa mão calosa pelo uso de utensílios de trabalho e de armas, ela depositou o pedaço do pão impuro do exílio, marrom-escuro, preparado segundo a receita do profeta Ezequiel.

— Eu sabia — disse Petró Semiónovitch —, esse pão não é nosso, veio de fora... Ah, não vigiamos o suficiente...

Com efeito, o lugar perto da janela estava vazio. Ninguém vira o forasteiro ir embora.

— É preciso correr ao soviete da aldeia — gritou Petró Semiónovitch. — Stepan — virou-se para o moreninho —, vá depressa até o soviete, ligue para Maksim Ivánovitch, o delegado do GPU... Quanto a nós, por ora procuraremos aqui... Vamos, cinco sujeitos comigo... Você, você, você, você... — andando, ele enfiava o dedo no rosto dos frequentadores da casa de chá e escolhia os mais apropriados para a busca e a perseguição.

Sempre andando, tirou da jaqueta um velho revólver Nagant, à vista de todos, com a tinta descascada e muitas vezes consertado com suas mãos de artesão autodidata. O grupo de perseguidores corria em fila espaçada, sobre a lama e as poças d’água da rua da vila, diante das casas escuras e em meio aos latidos dos cães.

Nesse meio-tempo, como se esperasse a alvorada, a chuva parou, recarregando-se até o dia seguinte, quando os moradores famintos sairiam de suas casas para cuidarem da vida, pública e pessoal. A lua apareceu, uma lua ucraniana, que ali, na região de Khárkov, onde se sentia uma grande mistura com a Rússia, poderia não ser tão lustrosa como a lua de Poltava, mas se distinguia da lua de Riazán por ser menos soturna, mais luminosa e por seus jogos de luz. Foi sob a luz dessa lua que saíram correndo à *tamba*, como ali chamavam a estrada para a cidade de Dimítrov.

— Deve ter se metido no *zakáz* — disse o camponês desdentado, também escolhido para participar da perseguição —, e no *zakáz* não se pode pegá-lo de noite...

Zakáz,[35] no jargão local, era a floresta que escurecia depois dos campos.

— Okhrimienko, você está desorganizando o povo — Petró Semiónovitch dizia como em 1918, à moda revolucionária, batendo o maxilar —, eu não apenas arrancarei esse contrarrevolucionário do *zakáz*, mas arrancarei sua pele com minhas próprias unhas, caso ele esteja escondido lá. Já persegui muita

gente, de muita gente já limpei nossa terra socialista...

Decerto Petró Semiónovitch, agora chefe da brigada, ao longo de sua vida perseguira muitos homens até a morte. Os intelectuais seguidores de Deníkin,[36] que assassinaram cruelmente na prisão seu melhor e único amigo, o operador de metralhadora e xará Petró Luchnó, e os camponeses partidários de Petliura,[37] que lhe deixaram a marca de espada. Petró Semiónovitch ainda lembrava o dia em que atacara na *tamba*, perto da vila Kom-Kuznetsóvskoie ou simplesmente Kuznetsovka, uma carroça de *petliurovistas*, carregada com os trastes roubados de uns judeus da cidade de Dimítrov. Sem demora, ele os golpeou com o sabre, apesar dos pedidos de clemência — Petró Semiónovitch gostava de dar golpes com o sabre, eventualmente atirava com o Nagant e quase nunca com a carabina, pois o que mais apreciava era a luta corpo a corpo —, e assim os matou, então chegou a vez de lidar com os trastes dos judeus. Soltou as plumas dos colchões, despedaçou os vestidos de veludo com rendas, os lenços, os xales e também uns casaquinhos, e jogou no rio os cálices e os castiçais de prata: não se interessava pela riqueza... Uma vez um homem de seu destacamento tentou apropriar-se das tralhas de uns judeus, e Petró na hora o colocou no paredão. O homem também chorou, também implorou, mas não passava de uma pulga de cavalo. Por que um sujeito desses deveria viver? Se é um ladrão e não sabe viver honestamente, que roube uma peliça ou um cavalo. Mas que serventia teria para um camponês o colchão de um judeu ou um vestido de veludo com rendas? Além disso, deixam um cheiro desagradável em casa; nada melhor que o cheiro de maçãs curtidas e de esterco de vaca, sem aquele fedor de bombons adocicados... Eis que tipo de homem era Petró Semiónovitch, o chefe da brigada. Guerreava duramente, mas tinha princípios: as mãos se enchiam de sangue, mas estavam sempre limpas... No ano anterior, o *kulák* Mitka, o filho do moleiro, incendiou a estrebaria do colcoz, e Petró Semiónovitch saiu em seu encalço, seguido por Maksim Ivánovitch, o delegado do GPU. Petró alcançou Mitka no *zakáz*, pegando-o pela garganta, e, quando Maksim Ivánovitch chegou correndo e pronunciou seu costumeiro “mãos ao alto”, não havia ninguém para render... Redigiram uma ata, autenticaram-na no soviete da vila e a enviaram a Dimítrov, enquanto o estrangulado foi entregue ao velho moleiro para ser enterrado. Petró Semiónovitch perseguira e alcançara muitos homens, mas nunca estivera no encalço do Anticristo, sob a lua de Khárkov, mais opaca que a de Poltava, porém com mais jogos de luz que a de Riazán.

Deve-se reconhecer que esses jogos de luz não existiam à toa, pois a vila de

Chagaro-Petróvskoie era bonita mesmo no outono... E o sítio Lugovoi, onde vivia Maria, a garota mendiga, ficava bem perto. Sua casa nova, dada pela direção do colcoz no lugar da que desabara, ficava recuada, com um canteiro à frente, onde no verão colhiam morangos silvestres e cogumelos. No canteiro só era possível entrar às escondidas, correndo grande perigo, porque pertencia ao sanatório. O sanatório situava-se sobre uma colina e sua mãe contava que ali vivia uma velha que, depois da revolução, ficara muito zangada e tentava acertar a bengala em qualquer camponês que passasse, e sua filha, uma senhorinha bondosa e chorosa, continuamente a detinha. Um dia a filha se descuidou e a velha correu para fora do portão e acertou a bengala em um camponês que voltava da taberna, Volodka Sentchuk, o qual, embriagado, deu-lhe um golpe em resposta que fez a alma da velha partir... Depois disso, a filha dela foi embora e em sua casa organizaram o sanatório para os trabalhadores de Dimítrov. Junto ao sanatório, ficava um grande pomar, onde Maria se embrenhava se houvesse maçãs — comia umas e levava outras para casa. Bem ali se achava a igreja,[38] agora um depósito do colcoz, perto do clube do colcoz, de onde se ouviam os ruídos do moinho d'água, e o rio, ao pé da colina, conduzia-se para a outra vila, Kom-Kuznetsóvskoie. Do outro lado da *tamba* se avistava a floresta apelidada de *zakáz* e, depois dela, surgia a aldeia de Popovka. Maria lembrava que, muito tempo atrás, quando ela era menor que Vássia, Vássia estava no berço como Jórik e Jórik não existia, sua mãe e seu pai, com trajes de festa e alegres, a haviam levado a Popovka para visitar seus avós. Eles caminharam pelo campo e depois pelo *zakáz*. Chegaram a um grande quintal e, de repente, um porquinho surgiu correndo de um barracão. Maria se assustou e gritou, mas sua mãe levantou-a e a acalmou. Na casa de sua avó havia um prato com ovinhos vermelhos, pois era Páscoa. Sua avó disse:

— Menininha, diga "Jesus ressuscitou"[39] e eu lhe darei um ovinho.

Maria ficou assustada e não disse nada, mas sua avó mesmo assim lhe deu o ovo. Fazia tempo que tudo isso acontecera. Maria nunca mais foi ver sua avó, nem sabia se ela e seu avô tinham morrido ou ido embora. Desde então, seu pai morreu, a fome chegou e, em meio à fome, seu irmão Vássia crescia. No começo ele era alegre e carinhoso, e Maria passava o tempo todo em sua companhia, porque Chura, Nikolai e sua mãe tinham outros afazeres. Mas então a barriga de Vássia começou a inchar, as pernas ficaram fininhas, e ele passava mais tempo sentado que de pé. Dava um ou dois passos sobre a estufa[40] e sentava. Tornou-se carrancudo e bravo. Para beliscar Maria já não tinha forças, então a mordia,

mas só de vez em quando. Quando comia alguma coisa, ele ficava carinhoso de novo. Maria não queria levá-lo para pedir esmola com ela, mas Chura disse:

— Leve, ele tem uma aparência doentia, vão dar mais esmola.

Maria não tentou discutir com Chura, pois por essa discussão poderia apanhar, mas, quando chegaram à casa de chá, deixou Vássia na entrada, sentou-o em um banquinho num canto, tirou o lenço que vestia e cobriu a cabeça do irmão. Dessa vez, receberam coisas boas, apesar dos dois sustos que levaram — do forasteiro de aspecto citadino e do chefe da brigada, que tomou o pão oferecido pelo primeiro. Ainda assim, ela conseguiu as cascas de pão, as sementes de girassol, algumas balas de goma e, o principal, o pedaço de toucinho. Maria saiu da casa de chá e viu Vássia no mesmo lugar em que o deixara, como se estivesse dormindo, só que ele não dormia, seus olhos estavam abertos e viam tudo.

— Vamos, Vássia — disse Maria —, já está tarde, é noite.

— Não quero — disse Vássia —, é longe para ir a pé, o melhor é ficarmos aqui até amanhã, encoste-se em mim, Maria, e ficaremos aquecidos.

— Você é bobo — disse Maria —, vão expulsá-lo daqui. Assim que chegarmos, vamos comer o que eu ganhei, e pode ser que mamãe ou Chura deem mais alguma coisa.

— O que você ganhou? — perguntou. — Dê o pão, senão não consigo ir.

— Vássia, eu ganhei algo melhor — disse Maria, orgulhosa, e mostrou o toucinho.

Vássia agarrou o toucinho e enfiou o pedaço inteiro na boca.

— Por que você é assim, Vássia? — perguntou Maria, mas depois pensou e não lamentou. “Que coma, de nós ele é o que mais sofre.”

Vássia terminou de comer, levantou-se e disse:

— Vamos para casa.

Eles caminharam pela rua escura, depois pelo campo, atravessaram a *tamba* e passaram diante do *zakáz*. Do *zakáz* vinha o ruído de galhos molhados, e pássaros noturnos os assustaram. Mas nem Maria nem Vássia tinham medo da noite. Os lobos tinham sido extintos havia tempo, e quem se atrairia por crianças miseráveis? Só se fosse por diversão, mas, nesses tempos de fome, até malfeitores pararam de se divertir, perderam o ideal de bandido e se tornaram práticos — o melhor seria atirar no comissário encarregado pelo confisco de provisões ou assaltar um depósito de cereais. Apenas um intelectual *raznotchínets*,[41] atormentado pelo desejo de compreender a ideia do sofrimento universal e as razões de Deus para permiti-lo, um admirador do Messias de Dostoiévski, seria capaz de esfaquear crianças miseráveis por motivos

doutrinários. Porém, devido à revolução, tipos assim morreram em grande quantidade ou mudaram completamente sua aparência. Além disso, em seus tempos áureos, eles se encontravam em lugares em que a histeria religiosa pudesse aflorar, onde havia mais ícones, e não na tediosa região de Khárkov. Graças a essas circunstâncias, Maria e Vássia chegaram ao sítio em segurança: ouviu-se o ruído da barragem do moinho e logo surgiu o muro do sanatório. Eles bateram na porta, e Chura, abrindo-a, disse:

— Chegaram... Mamãe já estava preocupada, mas eu disse que vocês viriam.

A mãe abraçou e beijou Maria e Vássia e perguntou:

— Crianças, vocês ganharam alguma coisa?

— Ganhamos — respondeu Maria.

— Então, sentem ali no canto, jantem e vão dormir, porque preciso conversar com Kólia e Chura.

— Mamãe, ganhei um pedaço de toucinho — disse Maria —, mas Vássia comeu tudo.

— Não faz mal — disse a mãe —, Vássia está fraco, precisa comer. Jantem, crianças; eu, Kólia e Chura estamos satisfeitos.

Maria e Vássia comeram toda a esmola dada pelos homens, lamentando o fato de o chefe da brigada ter tomado o pedaço de pão que ganharam do forasteiro, subiram na estufa e, encostados um no outro, adormeceram. E a mãe continuou a conversar com seus filhos mais velhos, Chura e Kólia.

— Não temos uma vaca nem roupa, nem mesmo pão — dizia a mãe. — Pelo trabalho no colcoz neste verão só ganhei dez quilos de centeio, nem batata temos o suficiente. Não nos restou nada e só vejo duas saídas: ou morreremos de fome, ou viveremos, mas doentes... Não tenho como alimentar vocês, meus filhos, por isso resolvi separá-los. Levarei os pequenos embora, mas vocês, Kólia e Chura, irão trabalhar no campo do colcoz e terão o que comer.

— Está certo — disse Chura —, se carregarmos Maria, Vássia e Jórik nas costas, não daremos conta. Quem sabe alguém fique com eles ou algum orfanato os aceite, e eles consigam sobreviver.

— Se tiverem que morrer — disse a mãe —, que pelo menos não seja diante dos meus olhos. Não aguentaria ver meus filhos morrerem.

E decidiram: os pequenos seriam levados embora.

Ainda não havia clareado quando a mãe acordou Maria e Vássia, mas Jórik já tinha sido tirado do berço e enrolado em um cobertor vermelho e quente. Vássia, evidentemente, não queria se levantar.

— Está frio lá fora — dizia —, o sol ainda não se levantou.

A mãe respondeu:

— Crianças, vamos para a feira em Dimítrov, talvez eu troque ou compre alguma coisa, e darei um presente a vocês. Quem sabe eu compre um raminho com ameixas secas, nozes e balas. Lembram os raminhos que vocês ganharam depois do enterro de seu pai?

Obediente, Maria não só se levantou como, para ajudar sua mãe, tentou convencer Vássia a se levantar:

— Vássia, você se lembra das ameixas secas? Só que temos que nos apressar, porque a cidade é longe e, se chegarmos tarde, os outros camponeses levarão tudo.

Saíram com o céu ainda cinza e vazio. Como de costume, passaram diante do muro do sanatório, da igreja e do moinho; à medida que desciam a colina até o campo, o céu se iluminava, e sobre o *zakáz* se ergueu o sol fresco da manhã.

Maria e Vássia andavam de mãos dadas, e a mãe levava nos braços o pequeno Jórik, enrolado no cobertor vermelho, o que estava mais aconchegado. Enquanto andavam pelo campo, Vássia várias vezes ameaçou sentar-se para descansar, pois suas pernas eram muito finas e não sustentavam o corpo, e a mãe e a irmã, para fazê-lo andar, ora o ridicularizavam, ora o persuadiam, mas, assim que chegaram à *tamba*, até Vássia animou-se e começou a andar direito, sem menear. Nesse ínterim, o sol se afastou do *zakáz*, iluminou todo o céu e ficou quente, uma revoada de pássaros migratórios sobrevoou, na esperança de aproveitar as espigas espalhadas, e um inseto de asas brilhantes saiu voando de debaixo de seus pés e sumiu numa valeta da estrada. O outono visivelmente não tinha avançado, pois na mesma época em anos anteriores ainda se podia banhar no rio, os veranistas da cidade de Dimítrov ainda estavam em suas *datchas* e faziam conservas com as frutinhas silvestres que a mãe, Chura e outras mulheres lhes traziam. Até Maria lembrava que ela e sua mãe iam colher frutinhas e as vendiam aos veranistas, uma orquestra tocava no jardim do sanatório, e um veranista de barbicha ria e dizia algo à sua mãe, que também ria, afastando-o com um gesto, e uma vez ele pegou na sua mão, mas ela a arrancou dele e foi para casa com a filha, sorrindo o caminho todo. Naquela época, sua mãe tinha um rosto bonito e usava sobre os cabelos pretos um lenço florido, que no inverno anterior haviam trocado por painço.

O sol ia esquentando, o dia melhorando, o moinho de vento girando preguiçosamente suas asas de madeira, e as carroças do colcoz com sacos de cereais saíam da *tamba* em direção ao moinho para saldar o imposto em espécie cobrado pelo governo; tudo isso claramente perturbou sua mãe, despertando algo

prazeroso nela. Ela suspirou profundamente e ficou pensativa, mas sem tristeza. Vássia, que fazia algum tempo que andava com dificuldade, agora relinchava feito um potro num pasto matutino e corria alegremente à valeta para apanhar um belo inseto e esmagá-lo. Respirava com facilidade, seu cansaço havia desaparecido. As primeiras casas que surgiram eram de pedra, diferentes das casas das aldeias.

— Chegamos, Vássia — disse Maria, alegre —, chegamos à feira a tempo.

— Não, crianças — disse a mãe, como se despertasse de um sonho —, ainda não é a cidade de Dimítrov, é o povoado de Lípki. Fiquem de mãos dadas, é tanta gente que vocês podem se perder.

O povoado de Lípki estava apinhado de pessoas e de carroças, e logo as crianças ficaram com fome. Numa praça perto de uma grande casa de pedra, via-se uma bandeira vermelha de pano pendurada, protegida do vento, e sentia-se cheiro forte de painço cozido com banha. Vássia começou a resmungar, pedindo painço e pão, e Maria disse:

— Mamãe e Vássia, não fiquem tristes. Agora mesmo vou pedir esmola naquela casa. Vão me dar alguma coisa.

Mas a mãe replicou:

— Não temos tempo, crianças. Dimítrov está longe, vamos perder a feira. É melhor sairmos do povoado, logo ali fica um poço com água tão limpa que, ao beberem, perderão a fome.

Com efeito, assim que tomaram água, a fome diminuiu, e eles seguiram adiante. De Lípki a Dimítrov, a *tamba* ficou ainda mais larga e povoada — surgiam pessoas com carroças e a pé. De repente, Maria reconheceu num dos transeuntes o forasteiro que lhe oferecera pão na casa de chá. Ele vestia um sobretudo surrado com mangas curtas e estreitas que deixavam muito visíveis suas mãos ossudas, e uma espécie de gorro de pele gasta. Os sapatos, que não tinham nada de especial, sobressaíam apenas pela resistência e pela grossura das solas, algo raro nessa época, como se fossem feitas especialmente para caminhadas longas e frequentes. Seu sobretudo tinha uma gola de veludo, a mesma que os janotas da aristocracia usavam no início do século e que mais tarde muitos intelectuais passaram a usar, até os menos abastados. O forasteiro estava vestido como um homem vivido, entretanto não passava de um adolescente, quase um garoto. Mesmo que Petró Semiónovitch, o chefe da brigada, corresse, mesmo com sua vasta experiência na perseguição e no extermínio dos inimigos do estado socialista, ele não poderia alcançar esse forasteiro. Para aumentar sua raiva e aflição, não encontrara dele sequer rastros.

O Senhor abandona muitos homens, por seus pecados, à arbitrariedade do ímpio, abandona até o Redentor, enviado para a Bênção, por pecados alheios, porém jamais abandonará à arbitrariedade do ímpio a Áspide, o Anticristo, enviado para a Maldição. O Anticristo é o juiz do ímpio e também o juiz de tudo o que existe. No entanto, esse fardo era pesado demais para quem fora enviado pelos Céus, mas transpunha caminhos terrenos. Não estava em seu poder salvar e ajudar, mas julgar e executar. Andando pela estrada de Lípki para Dimítrov, numa manhã ensolarada de outono, Dã, da tribo de Dã, o Anticristo, falava com o Senhor através do profeta Jeremias, cujo espírito o concebeu, um pai espiritual. E disse o Senhor:

— Antes que Eu te formasse no ventre materno, Eu te conheci; antes que saísses do ventre, Eu te santifiquei.[42]

— Oh, Deus — respondeu Dã —, eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem.

Mas o Senhor disse:

— Não digas: "eu sou jovem", pois irás a quem Eu te enviar e dirás tudo o que Eu ordenar [...][43] Não tenhas medo, pois Eu estou a teu lado para te livrar de tudo [...][44]

E ali, naquela estrada movimentada, apelidada de *tamba*, Dã sentiu Algo tocando em seus lábios e ouviu:

— Ponho Minhas palavras em teus lábios [...][45] Levanta a cabeça, olha para o povo que anda à tua volta com suas preocupações... Eles renunciaram ao Senhor e disseram: "Ele não existe; nenhuma desgraça nos atingirá, não veremos a espada nem a fome".[46]

E o Senhor se dirigiu a Dã por meio de outro profeta, Isaías, cujo espírito concebeu o irmão de Dã, Jesus, da tribo de Judá, o Redentor:

— Vê, eles irão reproduzir o feno, conceber a palha [...][47] Levanta teus olhos e olha em volta... Uma mulher pode esquecer o bebê que alimentou ao seio? Pode não se apiedar do filho que carregou no ventre? Mas ainda que ela dele se esqueça, Eu não o esquecerei [...][48]

Dã levantou a cabeça e viu à sua frente Maria lhe estendendo a mão, como na véspera na casa de chá; um pouco afastada, uma mulher com um bebê nos braços, ainda jovem, mas castigada pela fome e pelo infortúnio; e também um menininho, filho dela, no qual se exprimiam pavor e esperança. Dã voltou a tirar de sua bolsa de pastor o pão da fome e do exílio, feito de uma mistura de trigo e cevada, favas e lentilhas, assado conforme a receita do profeta Ezequiel, e deu

um grande pedaço a Maria. Pela primeira vez, algo tocou o coração de Dã, e ele se alegrou com seu ato caridoso, mas o Senhor o preveniu:

— Não te alegres com a tua bondade, Dã, pois tu não foste enviado para isso. Esse povo destruiu o jugo de madeira do pescoço e em seu lugar colocou um jugo de ferro.[49] Há muita coisa para ele aguentar antes que sua terra seja desposada.[50]

O Senhor se calou, e Dã deu as costas a quem oferecera ajuda, afastou-se a passos largos e logo desapareceu.

Maria, alegre, disse à mãe:

— Que pedaço grande de pão, vamos dividir. Mamãe, divida em três partes: uma para você, uma para Vássia e uma para mim, e podemos enrolar um pouco de miolo no lenço para Jórik chupar.

Vássia estendeu a mão de imediato, para beliscar um pedaço além de sua cota, antes da divisão, mas a mãe o deteve:

— Jogue fora esse pão, Maria. Ele é impuro, um homem ruim o deu. Esse pão não é russo.

— Mas como jogar fora, mamãe? — disse Maria. — Estamos com fome e não colocamos nada no estômago hoje além da água do poço... Deixe a gente comer um pedacinho, apenas eu e Vássia.

— Não, crianças — disse a mãe —, é melhor comerem taboa do que esse pão. A taboa é uma planta comestível e cresce à vontade à beira do riacho, depois do pântano. Assim que voltarmos da feira, vamos colher algumas.

A mãe arrancou o pão legado pelo profeta Ezequiel das mãos de Maria e o jogou bem longe, no campo enlameado do colcoz, amolecido pelas chuvas, alvoroçando um bando de pássaros, que, no entanto, imediatamente começou a bicá-lo.

Dã, a Áspide, o Anticristo, viu tudo isso, apesar de estar muito longe dali, e disse através do fundador das profecias, do primeiro profeta do Senhor, Amós, o pastor de Técua:[51]

— Por isso vos dei dentes esfomeados em todas as cidades, e carência de pão em todos os lugarejos. [...] E impedi que chovesse por três meses antes da colheita [...][52]

Dã, o Anticristo, como todas as crianças judias, ficava facilmente ofendido e rancoroso, e guardou rancor da mulher pecadora.

Passava muito do meio-dia quando a mãe e seus três filhos chegaram a Dimítrov. Maria somente ouvira falar da cidade, mas nunca estivera lá, Vássia

tampouco, mas a mãe já a conhecia bem, por isso, sem perguntar o caminho a ninguém, chegou aonde queria. Ela parou perto de uma casa grande e bonita com uma escada de ferro coberta por uma trepadeira selvagem. Ao redor, numa rua com calçamento de pedra, havia muitas casas bonitas como essa, e os troncos das árvores haviam sido revestidos de cal até a metade, como faziam nos casebres das aldeias. Carroças passavam sem parar pela rua que levava até a feira, e o calçamento estava abundantemente coberto pela palha que caía delas. A mãe juntou uma braçada da palha caída na rua, forrou um banquinho perto da casa e disse:

— Crianças, sentem e esperem por mim aqui. Suas perninhas estão doendo, vocês estão cansadas, e na feira está um tumulto, gente por todo lado. Vou até lá, compro as ameixas secas e as balas, e volto para cá.

Vássia sentou-se no mesmo instante, sem que ninguém precisasse insistir, e Maria sentou-se ao seu lado com Jórik nos braços. A mãe foi embora rapidamente, sem sequer beijar as crianças, para não levantar suspeitas de que estivesse se despedindo, de que iria abandoná-las. No início foi agradável ficar ali, a palha estava macia e o sol os esquentava, e eles também se alegravam ao imaginar que sua mãe traria ameixas secas da feira. Eis que o vento começou a soprar, anunciando a noite, e as carroças começaram a se arrastar na direção oposta da feira, quase todas sem mercadoria, que havia sido vendida. Um cachorro magro correu até o banquinho onde estavam sentados, assustando Vássia, mas não havia nem sinal da mãe ou das ameixas que ela traria. Vássia ameaçou várias vezes desatar no choro, mas Maria tentava acalmá-lo, dizendo que estavam em uma época de fome e que achar boas ameixas secas era difícil e levava tempo. No entanto, quando o pequeno Jórik começou a gritar em seus braços, ela caiu em desespero. Jórik estava doente, cheio de erupções, e faminto, precisava comer, mas Maria não tinha nada para dar, nem a ele nem a Vássia. Ela mesma sentia as entranhas doendo de fome e também se desfez em lágrimas, pois não podia substituir sua mãe, nem para Vássia nem para Jórik. Assim eles estavam, ali sentados, chorando, e Jórik começou a se debater, desenrolando o cobertor vermelho que o protegia. Então uma porta se abriu, e um homem de óculos saiu e perguntou:

— Vocês são de onde, crianças, e por que estão chorando?

— Nós viemos do sítio Lugovoi — disse Maria.

— E onde estão seus pais? Seu pai e sua mãe? — perguntou o homem de óculos.

— Nosso pai morreu no ano passado — disse Maria —, foi um ano de fome.

Mamãe ficou sozinha com cinco crianças. Depois da morte do meu pai, nossa casa desabou e os chefes do colcoz nos deram outra, perto da *tamba*...

— Claro, claro — impaciente, disse o homem de óculos, interrompendo a fala de Maria, que evidentemente não o interessava —, e qual é o sobrenome de vocês? Qual é o nome de sua mãe?

— Nós não sabemos — disse Maria —, só sabemos que somos chamados na aldeia de “filhos da cidadã”.

Nesse momento, uma mulher muito bonita, vestindo uma camisa masculina e uma gravata, apareceu na porta:

— Pável, o que aconteceu?

— Largaram umas crianças aqui... Ligarei agora mesmo para o orfanato.

— Então convide-as para entrar — disse a mulher. — Já estão espiando das janelas, vão pensar que as estamos maltratando... Entrem, crianças — acrescentou, abrindo a porta.

Com Jórik chorando em seus braços, Maria entrou no vestíbulo, onde havia muitas roupas penduradas e cheiro de algo apetitoso. Era cheiro de naftalina, mas, para Maria, qualquer cheiro, mesmo o de Jórik, lembrava algo do *kvás*,[53] lembrava o que ela comera e bebera na casa de sua avó na aldeia de Popovka, na Páscoa. Do vestíbulo ascendia uma escada íngreme de madeira com corrimão, pintada de verde. Vássia deu dois passos com suas perninhas finas e se agachou, pois a barriga inchada o atrapalhava. Maria, porém, cochichou a ele:

— Vamos para cima, Vássia, talvez nos deem alguma coisa para comer, pão ou *borsch*[54] de ontem, que não farão falta a ninguém.

Ela ouvira certa vez de uma velha mendiga de sua aldeia, Chagaro-Petróvskoie, que nas casas ricas da cidade davam *borsch* aos pobres, pois cozinhavam tamanha quantidade que as sobras eram jogadas fora, e a velha não raro conseguia tomar um prato de sopa excedente. Só que não lhes deram nem *borsch* nem pão; enquanto subiam, Vássia com as pernas finas e Maria com o pesado Jórik, a mulher, na certa, teve tempo de tirar o *borsch* da mesa, colocando livros em seu lugar. O homem telefonou para alguém — Maria já tinha visto um telefone, havia um no soviete da aldeia. Num relance, como se morasse na casa em frente, surgiu uma mulher zangada de cabelo curto, abriu o cobertorzinho de Jórik de forma habitual e rude, examinou-o e perguntou seu nome e sobrenome. Maria disse o nome e, em vez do sobrenome, começou a contar a história da casa que desabou. Mas a mulher não se pôs a ouvi-la, pegou Jórik e saiu.

— Então, agora podem ir para casa — disse o homem de óculos.

— Não, não podemos ir para casa — disse Maria —, nós queremos ir para a feira. Nossa mãe está lá. Como chegamos até a feira?

— É muito simples — disse o homem animadamente —, mais simples impossível. — Sigam pela rua sempre à esquerda, atravessem a praça, e lá acharão a feira.

Ele conduziu apressadamente Maria e Vássia pela escada de madeira e fechou a porta atrás deles.

Maria e Vássia foram em direção à feira, achando-a rapidamente, e procuraram sua mãe por longo tempo, mas ela não estava lá. Embora tivesse anoitecido e as carroças se retirassem aos poucos, ainda havia muitos sacos de painço e cebolas em tranças, e uma velhinha, parecida com a mendiga da vila de Chagaro-Petróvskoie que contara à Maria sobre as sobras de *borsch* que recebia das casas ricas, vendia ameixas secas ajeitadas em montinhos sobre um pano feito de saco. E ali, pela primeira vez, passou pela cabeça de Vássia a ideia de roubar.

— Vou pegar um monte de ameixas, com as duas mãos — disse ele —, e, mesmo que minhas pernas sejam fracas, a vendedora é velha e não me alcançará.

— Deus me livre — respondeu Maria. — É um pecado grande. Não quero ouvir nem mais um pio sobre isso. E também não conseguirá se safar. A velha não alcançará você, mas fará um escândalo e outras pessoas o pegarão. Você sabe como batem nos ladrões? Uma vez eu vi baterem num cigano na nossa vila...

— E por que mamãe não comprou as ameixas? — disse Vássia. — Para não roubarmos?

— Provavelmente porque na feira quiseram dar pouco pelo xale que ela trouxe para vender — disse Maria —, e é um bonito xale de lã. O pai deu o xale para mamãe no casamento. Ela deve ter ficado com pena de vender por pouco e foi tentar algo nas casas ricas. Vamos dar uma volta na cidade, Vássia, talvez achemos mamãe.

Dimítrov era uma cidade grande e bonita. Lá havia um bulevar cercado por um gradil que, embora fosse de ferro, era baixo, e mesmo Vássia, com uma ajudinha, conseguiria passar por cima dele. Inúmeras lâmpadas elétricas iluminavam grandes vitrines com diversas mercadorias, roupas e sapatos, mas não produtos alimentícios, pois era um ano de fome e os alimentos só eram entregues aos moradores que tivessem cupons de racionamento. Os transeuntes eram estranhos, desconhecidos, por isso, quando Maria vislumbrou na multidão, perto do correio central, bem no centro da cidade, o forasteiro que conhecia,

cochichou a Vássia:

— Veja, é o moço que nos deu pão duas vezes. Vamos, pode ser que nos dê de novo. Nem mamãe nem o chefe da brigada estão aqui para tirá-lo de nós, e poderemos matar a fome.

Na frente do correio central havia uma fonte de antes da revolução, escurecida, com esculturas de crianças nuas montadas não em cavalos, mas em sapos de cujos focinhos saíam jatos de água. Ao lado, via-se um ídolo recém-esculpido em granito que fora fixado em um pedestal de pedra, de modo que o pesado monólito ainda não tivera tempo de se amalgamar ao solo que o sustentava, como acontecia com os antigos ídolos das cidades pagãs.

Durante sua breve permanência na terra, Dã, da tribo de Dã, o Anticristo, entendeu que estava entre pagãos cuja crença tinha sido adotada recentemente ou atravessava um período de florescimento, pois havia ídolos em demasia — fundidos em metal, talhados em madeira e esculpidos em pedra — e também muitas figuras desenhadas ao redor. Os ídolos eram variados, porém a imagem mais recorrente era a de um homem bigodudo com as maçãs do rosto tipicamente asiáticas,[55] lembrando os ídolos da Babilônia, cuja idolatria fora censurada pelo profeta Jeremias... Dois grandes profetas, dois inimigos dos ídolos, Isaías e Jeremias, preveniram o povo dos perigos da veneração, mas o povo não os compreendeu.

— Quem fabricou um deus, esculpiu um ídolo sem nenhum proveito? — exclamava Isaías com amargor. — O ferreiro faz um machado e trabalha sobre brasas; lhe dá forma com seu martelo e o manipula com seus braços fortes, até ficar sem forças e faminto; ele não bebe água e se esgota. Depois de escolher a madeira, o carpinteiro estende uma linha sobre ela e, com uma ferramenta pontiaguda, delineia o contorno do rosto e o aprimora com o buril, criando a imagem de um homem de belo semblante para ser colocada em casa. Ele corta os cedros, arranca um pinheiro e um carvalho, os quais escolhe entre as árvores na floresta, e planta um freixo que a chuva faz crescer. Isso tudo serve de combustível ao homem, que usa uma parte para se aquecer, para acender o fogo e assar seu pão. Com a outra parte faz um deus e se curva, fabrica um ídolo e se ajoelha. Uma parte da madeira ele queima no fogo, usa para preparar seu alimento, faz um assado e come até se saciar, então se aquece e diz: “Eu me aqueci bem, senti o fogo”. E com as sobras da madeira ele constrói um deus, seu ídolo, e o adora, curva-se e faz uma prece, dizendo: “Salva-me, pois tu és meu Deus”.[56]

Não, o paganismo e a idolatria não são novidade nesta terra. Dã, da tribo de Dã, o Anticristo, vira num templo da cidade muitos velhos ajoelhados, curvando-se à imagem, esculpida em madeira, de um monge eremita de Alexandria, pregado numa cruz, que sacrificara sua carne devido à falta de fé e era, por algum motivo, chamado pelo nome do Irmão de Dã, Jesus, da tribo de Judá, robusto como seu ancestral, o jovem leão de Judá com olhos ardentes como os de seus irmãos Macabeus, Jesus, que pereceu pelas mãos de idólatras de sua terra e de fora, assim como, sete séculos antes, perecera seu profeta, Jeremias, que propusera quebrar a espinha do ímpio por resignação. Nesse templo, em meio a estalos de incontáveis velas e de cânticos solenes, olhando para esses velhos ombros curvados, Dã, da tribo de Dã, pensava com amargor através do profeta Isaías:

— Isso não atingirá seus corações, eles não têm conhecimento ou inteligência para dizer: “Eu queimei metade no fogo, sobre as brasas fiz o pão, assei a carne e a comi; e com as sobras eu faria uma indecência? Eu me curvaria a um pedaço de madeira?”.[57]

Dã sabia que mesmo os primeiros cristãos, dos dois primeiros séculos do cristianismo, apesar de terem muito de não divino, apesar de seu paganismo, jamais cultuaram imagens e ídolos. No momento em que começaram a cultuar a imagem do monge descarnado de Alexandria, exatamente nesse instante, aconteceu a substituição, e o cristianismo tornou-se inimigo de Cristo. Mas, se em épocas imemoriais substituíram o Senhor, que tinha carne mas não forma, por elegantes ídolos gregos de madeira, osso e mármore, agora passaram a substituir o Criador por grosseiros ídolos babilônicos, feitos de materiais pesados — metal ou pedra. No entanto, esse processo é coeso e já dura mais de mil e quinhentos anos, sendo essencialmente o mesmo. Só que a idolatria grega, bela e refinada, conservada apenas em alguns lugares pelos mais velhos, foi superada pela idolatria babilônica, com ídolos expostos em praças, atraindo multidões de jovens que ensinavam até crianças a adorá-los, e nessa noite muitas dessas crianças corriam em volta da fonte e diante do ídolo bigodudo com as maçãs do rosto tipicamente asiáticas, recentemente fixado em seu pedestal. Mas crianças são crianças e, passado o primeiro susto do rosto de pedra severo e endeusado, sentiram vontade de correr e de fazer travessuras. Nessas brincadeiras infantis está o germe do que é próprio do Senhor, do que Deus ensinou ao homem no sétimo dia da criação, porém a fome excessiva destrói tudo o que é pueril — uma criança faminta é como um velho sábio; mas, se este existe unicamente porque pensa, os pensamentos de uma criatura faminta se direcionam para um

único ponto: como conseguir pão? Movida por tais pensamentos, Maria aproximou-se de novo de Dã, estendendo a mão para ganhar uma esmola, mas no ato sua mão foi agarrada por um representante da lei, cujo posto de observação da ordem se localizava ao lado do ídolo recém-instalado, onde qualquer mendicância, jogos de azar e outras desordens eram proibidos.

— Menina, você é de quem? — perguntou o policial com firmeza, mas sem raiva. — Onde estão seu pai e sua mãe?

— Nosso pai morreu no ano passado — disse Maria —, foi um ano de fome. Mamãe ficou sozinha com cinco crianças, uma menor do que a outra. Depois da morte do meu pai, nossa casa desabou, e os chefes do colcoz nos deram outra, perto da *tamba*. E mamãe ficou nessa casa, porque quase todos estavam inchados e doentes.

— Deixe a menina ir, camarada policial — disse uma mulher, piedosa.

— Eu não a estou segurando — disse o policial —, mas onde será que ela mora? Onde você mora? Conhece o caminho de casa?

— Conheço — disse Maria, afoita —, por Deus se conheço... O sítio Lugovoi... É preciso ir sempre pela *tamba*, sem nunca virar. A gente passa pelo sanatório, pela igreja, depois pelo clube e pela escola; há um riacho no pé da colina e também um moinho d'água. Ao lado do moinho fica o canteiro onde no verão colhemos frutinhas silvestres e cogumelos. E atrás do canteiro fica a nossa casa.

— Então, vá para casa —, disse o policial, que, mesmo sem crianças miseráveis, tinha trabalho até o pescoço —, vá logo e diga a sua mãe que, se ela mandar você pedir esmola outra vez, eu prenderei tanto uma como outra.

— Muito bem — apoiou um voluntário, no meio da multidão —, em lugar de trabalharem no colcoz, ficam mendigando e roubando, feito ciganos.

— Apenas não fale em nacionalidade, pois entre nós todas as nações são iguais.

— Desculpe pelo meu erro — disse apressadamente o voluntário, embrenhando-se na multidão.

Impedida pela terceira vez de comer o pão legado pelo profeta Ezequiel, mas contente em se ver livre, Maria pegou seu irmão faminto pelo braço e foi embora, faminta também.

Vendo tudo isso, Dã, da tribo de Dã, o Anticristo, passou a língua nos lábios e sentiu um amargor. E ele disse através do profeta Jeremias:

— Mais vale uma vasilha útil, da qual o dono da casa irá se servir, que deuses falsos, ou mais vale uma porta em casa que proteja seus bens que deuses falsos

[...][58]

Isso foi dito pelo profeta que adorava o Senhor e, conforme o entendimento atual, significa:

— Se não houver forças para acreditar no Senhor, até o ateísmo é melhor do que a idolatria. Mas um ateísmo saudável, maternal. O ateísmo tolerado pelo Senhor só é acessível a trabalhadores honestos, de alma endurecida, ou, ao contrário, a sábios passivos e contemplativos. Ou seja, o verdadeiro ateísmo está ao alcance de poucos. Desde os tempos imemoriais deste país e deste povo, os ateístas são tão poucos quanto os que acreditam no Senhor. Mas muitos são os cantores de salmos apáticos e os idólatras exaltados.

E Dã disse consigo:

— Seus profetas profetizam mentiras e seus sacerdotes prevalecem por meio deles, e o povo adora isso. O que farão depois de tudo, renegados? Será que minha alma não se vingará de um povo como esse? O maravilhoso e o terrível coexistem nesta terra...

Assim dizendo, Dã, o Anticristo, virou a esquina do correio central e se afastou ao longo de uma travessa fracamente iluminada por escassos lampiões.

Temendo perguntar o caminho a alguém e serem pegos de novo, Maria e Vássia perambularam um bom tempo sob o entardecer da cidade, até conseguirem encontrar a *tamba*.

— Bem, agora acharemos nossa casa — disse Maria, alegre. — Iremos sempre pela *tamba*, sem desviar, até o *zakáz*.

De novo essas pobres crianças andaram à noite sem nenhuma proteção, de novo a ninguém essa vulnerabilidade incomodou, de novo a lua do céu de Khárkov iluminou-lhes o caminho. Só que dessa vez o caminho era muito longo e, ao chegarem ao povoado de Lípki, estavam esgotados. Como de costume, Vássia começou a chorar e a lamuriar.

— Maria, vamos passar a noite em algum saguão, na escada. Ou achamos um banquinho numa viela sem vento. Encostaremos um no outro e dormiremos até o sol nascer. E de manhã continuaremos.

— Não, Vássia, Deus nos livre — respondeu Maria —, talvez mamãe já tenha voltado para casa e, se não nos achar, ficará preocupada. Vamos, falta pouco. O tempo que levamos para chegar até Lípki através do campo do colcoz, onde mamãe jogou fora o pão que o forasteiro nos deu, é o mesmo que levaremos andando pelo campo até o nosso riacho, e logo ali estão o *zakáz*, o moinho, a igreja e o sanatório. Assim que passarmos pelo sanatório, veremos a nossa casa.

Maria convenceu o irmão e eles seguiram adiante, cansados, famintos e

indefesos. À noite tudo parecia diferente. O campo do colcoz parecia mais exposto ao vento, as margens do rio não se distinguiam da água, o *zakáz* surgia como uma nuvem escura e densa, e eles mesmos estavam tão pequenos e solitários que seriam um alvo tentador para uma criatura mal-intencionada, que não veria nessa miséria um empecilho, pois sua única recompensa é o sofrimento humano. De modo que, se não estivessem em Khárkov, onde o ímpio vestia botas besuntadas de breu e não tinha um semblante pálido, inspirado e imaginativo, é pouco provável que as crianças chegassem até sua casa. Mas elas chegaram. Bateram na porta uma vez, depois outra. Chura, sua irmã, abriu, fitou-as severamente e disse:

— Onde vocês deixaram Jórik?

— Uma tia veio e o levou — respondeu Maria.

— Mas vocês sabem — perguntou o irmão, Kólia — que mamãe se recrutou e quer ir embora?

— Ir embora para onde? — perguntou Maria.

— Isso não sabemos — respondeu Chura —, mas, já que vocês voltaram, deitem-se no canto e durmam.

Maria e Vásia se deitaram perto da estufa gelada, no chão de terra, encostaram um no outro, aquecendo-se como podiam, e dormiram, exaustos. O sol ainda não havia se levantado quando sentiram alguém os sacudindo: levantem! Maria levantou-se de um salto, pensando que fosse Chura com alguma repreensão, pois tinha medo dela, mas não era Chura, mas sua mãe, que parou diante deles vestindo um casaco acolchoado e segurando uma trouxa.

— Venham se despedir, crianças — disse ela. — Eu vou partir.

Ela beijou Maria e Vássia, ainda muito sonolento, beijou Chura e Nikolai, e partiu. Maria não voltou a dormir, mas Vássia caiu no sono novamente. Bastou, porém, o sol se levantar e ela o acordou.

— Chega de dormir — disse. — Agora vamos cuidar de nosso sustento.

Ao saírem de casa, ainda fazia frio e os galos da vila de Chagaro-Petróvskoie chamavam um ao outro. Maria e Vássia chegaram até a *tamba*, passaram diante do pântano e desceram a colina até a beira do rio. A neblina ainda pairava na água agitada, e o local era úmido e desagradável, mas lá havia planta comestível, a taboa.

— Vá arrancando, Vássia — disse Maria —, pegue um punhado e arranque assim — continuou ela, mostrando como se fazia. — Vamos pegar bastante, o quanto conseguirmos levar, porque nem tudo da taboa é comestível, uma parte é jogada fora.

Enquanto Maria e Vássia colhiam, a neblina dispersou, e ficou mais quente. Voltaram com as folhas de taboa para casa e acomodaram-se num canto ensolarado; Maria começou a limpá-las da película não comestível e dos galhos secos, e o que podia ser comido ela separava para Vássia e para si. Eles comeram até se fartarem, então começaram a refletir.

— Escute, Vássia — disse Maria —, vamos para Dimítrov, até a estação, pois já conhecemos o caminho.

— Vamos — respondeu Vássia.

— Mas teremos que correr o caminho todo — continuou Maria —, pois tenho medo de não encontrarmos mamãe... Concorda?

— Sim! — respondeu Vássia.

Saíram correndo, e correram o caminho todo, mas dessa vez a estrada lhes pareceu mais curta, talvez por terem comido taboa à vontade e se sentirem mais fortes. O sanatório, o moinho, a igreja e o *zakáz* ficaram para trás sem que notassem. Só pararam para tomar fôlego um pouco antes de Lípki, no campo do colcoz, então continuaram a corrida. Passaram pelo campo em que a mãe jogara fora o pão dado pelo forasteiro, e Lípki ficou para trás... Eis que surgiu Dimítrov.

— Tia — disse Maria a uma moradora —, qual é o caminho mais rápido para a estação?

— Ora essa — disse a mulher, sorrindo —, vai perder o trem?

— Eu não sei o que é um trem — respondeu Maria —, mas nós precisamos chegar até a estação depressa.

— Se você não sabe o que é um trem, como sabe o que é uma estação?

— Estação é onde as locomotivas apitam — respondeu Maria.

— Claro — riu a mulher —, o que é um trem você não sabe, mas o que é uma locomotiva você sabe? — e, continuando a rir, indicou a Maria e Vássia o caminho para a estação.

Maria e Vássia atravessaram os trilhos e avistaram sua mãe sentada num banquinho ao lado de sua trouxa. Eles correram até ela e ela levantou os braços e começou a beijá-los entre lágrimas; foi com eles até a lanchonete da estação e comprou-lhes pãezinhos. Maria e Vássia terminaram de comer e a mãe disse:

— Agora, crianças, corram para casa, antes que escureça.

Nesse momento, Maria e Vássia se desfizeram em lágrimas e pediram que não fossem mandados embora com tanto desespero que chamaram a atenção das pessoas em volta. Então a mãe disse:

— Não chorem, crianças, fiquem sentadas perto de mim, eu não vou mandá-las embora — então ela se dirigiu a uma mulher, que também vestia um casaco

acolchoado, mas portava um bauzinho em vez de trouxa: — Sei que é proibido, mas eu não posso mandá-las para longe de mim. Meu coração não suportaria.

— Sim — assentiu a mulher do bauzinho —, uma mãe é sempre uma mãe para seus filhos.

Maria e Vássia sentaram-se perto de sua mãe e se encostaram nela, estavam felizes. No entanto Vássia olhava para os lados, curioso.

— Oh, que montanhas grandes — disse ele, apontando aos vagões.

— Não são montanhas — explicou a mãe —, são vagões de areia. Crianças, aqui não é como no sítio, aqui o perigo nos espreita em todo lugar e pode nos esmagar. Nosso embarque será à noite, por isso, Maria, fique de olho em Vássia. Você vai embarcar com ele, separada de mim, e depois nos encontraremos no vagão. Senão o recrutador irá notar e me proibir de levar vocês.

Realmente, logo que escureceu, uma sensação de medo invadiu a estação. Havia muitas pessoas, todas se empurravam e corriam, as locomotivas apitavam, uma confusão generalizada, e ninguém se preocupava com ninguém. E entrar no trem era ainda mais assustador. Quando ele apareceu, todo de ferro, Vássia se apavorou, fincou os pés no chão, tremendo, relutando em ir. Oh, como Maria sofreu para fazê-lo entrar no vagão, mas ali dentro, apesar de apinhado, a mãe logo os localizou. Colocou Vássia ao seu lado, no banco, e disse à Maria:

— Esconda-se embaixo do banco.

Maria se enfiou embaixo do banco, mas ali era mais confortável, havia menos gente, e sob o piso se ouvia algo batendo, como dois martelos numa forja, mas não harmoniosamente, como ferro contra ferro, mas como ferro contra madeira. Bateu, bateu, então começou a apitar, depois a chiar, até que Maria dormiu. Acordou quando sua mãe lhe passou uma chaleira de lata.

— Tome um pouco de água, filhinha.

Maria bebeu e voltou a adormecer. Estava dormindo quando, de repente, sentiu, no sono, que algo ruim e terrível lhe acontecia. Ela acordou, espiou ao redor e, nesse instante, os dedos de alguém agarraram seu ombro, machucando-a, e a puxaram de debaixo do banco.

— Mas resolveu escondê-la debaixo do banco! — um vulto na escuridão começou a gritar para a mãe, que se mantinha calada, com a cabeça baixa e ar culpado. — Eu avisei... Eu a proíbo de levar as crianças — disse ele ao sair.

— Quem é esse? — perguntou Maria.

— É o recrutador — respondeu a mãe —, ele estava passando e viu Vássia do meu lado. Oh, que desgraça, que desgraça — ela ficou aflita, mas não obrigou Maria a voltar para debaixo do banco, e seus filhos dormiram o resto da noite

sobre seus joelhos.

De manhã chegaram a Khárkov. Meu Deus, que riqueza! Maria e Vássia não acreditariam que algo assim existisse se alguém lhes contasse. Dimítrov era uma cidade grande e bonita, mas, diante de Khárkov, parecia uma aldeia ou um sítio. Passaram com a mãe por algo que se assemelhava a uma porta, mas se viram num lugar que não era nem uma casa, nem uma rua. Um céu de vidro surgiu sobre eles, árvores estranhas cresciam em vasos de madeira, entre as árvores ascendia uma escada de pedra branca e reluzente, ao redor tudo brilhava, e Maria viu em um minuto mais gente do que havia visto durante toda a sua vida. Maria e Vássia logo se alegraram, querendo ver e tocar tudo. Maria pegou o irmão pela mão e eles subiram correndo a escada branca e reluzente; em cima o piso era de ladrilhos cor de framboesa e escorregava como gelo. Vássia, que no inverno gostava de deslizar pelo morro, correu e caiu, mas, em vez de chorar, começou a rir. Maria correu atrás dele e caiu, rindo também. Assim ficaram eles, correndo e caindo, até que Maria inventou outra brincadeira — ela correria em volta dos vasos de árvores e ele deveria alcançá-la. Mas é preciso notar que, por mais que Maria brincasse, de tempos em tempos ia até o corrimão e olhava para baixo, certificando-se que sua mãe continuava sentada no banco, ao lado de sua trouxa. Todas as vezes que ela foi até o corrimão, viu sua mãe sentada no mesmo lugar. Só que, da última, sua mãe não estava lá. Maria e Vássia desceram correndo, começaram a gritar e a chamar pela mãe, sem saber de onde vinham forças para gritarem por tanto tempo, tão alto e sem intervalo, pois, além do pãozinho da véspera em Dimítrov, não tinham comido nada. Por mais que gritassem, não localizaram sua mãe em lugar algum. Os gritos atraíram as pessoas em volta, que formaram uma roda ao redor dos dois e começaram a acalmá-los:

— Agora mesmo vamos chamar um policial e ele achará a mãe de vocês.

Um policial se aproximou, pegou Maria e Vássia pelas mãos e disse com ternura:

— Vamos procurar a mamãe.

Maria gostou do policial de imediato, mas Vássia olhava para ele de soslaio e tentava puxar sua mão, que, no entanto, o homem segurava com força. Ele conduziu Maria e Vássia pelos trilhos até um vagão isolado e desengatado. No vagão havia muitas crianças da idade de Maria e de Vássia. Maria disse ao policial que os trouxe:

— Tio, fique conosco até encontrarem nossa mãe, para sairmos juntos, porque eles vão nos bater.

— Não tenho tempo, menininha — respondeu o policial, acariciando sua

cabeça —, e vocês, peraltas — dirigindo-se ao grupo de crianças —, prestem atenção, não mexam com eles. Eles ainda não estão acostumados com essa vida. São da aldeia. Vocês são da aldeia, não é mesmo?

— Do sítio — disse Maria.

— Caso aconteça algo, chamem a vigia de plantão — acrescentou o policial —, ela está atrás daquele tabique.

Bastou o policial sair e os meninos peraltas começaram a rir de Maria e de Vássia e a imitar o homem:

— Chamem, chamem... A vigia de plantão, a vigia de plantão... Ela está atrás do tabique.

Quase todas as crianças estavam encardidas, cobertas de carvão e de sujeira, e fazia tempo que haviam esquecido as carícias maternais ou talvez jamais as tivessem conhecido, ao contrário de Maria e Vássia, que, ainda nessa manhã, tinham sido abraçados por sua mãe, que os apertara contra si. Maria disse a Vássia:

— Sente-se perto de mim e não olhe para eles.

Mas um garoto da idade de Maria, vestido em uns farrapos ensebados, com o pescoço imundo e as mãos sujas e arranhadas, mostrou um apito de barro a Vássia, que se aproximou dele, esquecendo a irmã. Assim que ele se avizinhou, o garoto deu-lhe um piparote na orelha, e a turma caiu na risada.

— Bem feito — Maria disse a Vássia —, agora sabe o que acontece quando não obedece a sua irmã. Vou contar para a mamãe quando a encontrarmos.

Depois disso, Vássia sentou-se perto de Maria e não se afastou mais. Em seguida, um homem com uma pasta e uma mulher com uns papéis entraram no vagão. O homem olhou em volta, franziu o rosto, na certa devido ao cheiro ruim — os meninos peraltas, sem cerimônia, soltavam sonoros peidos seguidos de risos —, e disse:

— Parece que há mais gente aqui, onde vou meter todo mundo... No orfanato não há mais lugar... Que escândalo... Só se os mandar para o orfanato do distrito.

Nesse momento, Maria, uma garota perspicaz, falou:

— Tio, nós nos perdemos hoje da nossa mãe, precisamos achá-la.

— Pois é, Kaléria Vassílievna — disse o homem da pasta —, destes temos de sobra. Precisamos mandar todos para suas casas, para não ocuparem os lugares dos órfãos.

A mulher disse a Maria e Vássia:

— Vamos — e os levou para trás do tabique.

Lá havia uma mesa e uma pequena estufa de ferro acesa. O homem colocou a

pasta sobre a mesa, tirou o sobretudo, tirou o chapéu, pendurou tudo no canto e começou a interrogar Maria, enquanto a mulher anotava.

— Qual é o seu sobrenome? — perguntou o homem.

— Não sei — disse Maria.

— E como o papai e a mamãe se chamam?

— Também não sabemos, apenas papai e mamãe, só isso... Chamávamos papai de pai, mas ele morreu no ano passado, porque foi um ano de fome.

— Vocês têm irmãos e irmãs?

— Temos.

— Sabem os nomes?

— Sabemos — respondeu Maria. — Meu irmão se chama Kólia, minha irmã Chura, e eu tenho um irmãozinho, Jórik, mas ele não está mais em casa.

— Está bem — disse o homem e trocou olhares com a mulher, que tomava nota —, e será que vocês sabem onde moram? A aldeia, o distrito ou a região?

— Não — disse Maria —, não sabemos nada disso, mas conhecemos a nossa vila e o nosso sítio.

— Qual é o nome da vila de vocês? — perguntou o homem.

— Vila de Chagaro-Petróvskoie, sítio Lugovoi — respondeu Maria.

— É pouco provável que fique longe daqui — disse o homem —, fora da região de Khárkov.

— Mas, Modest Fiéliksovitch — disse a mulher —, na região de Khárkov há muitas vilas chamadas Petróvskoie... Eu mesma conheço três vilas com esse nome.

— Então — disse o homem — vamos arrumar um guia e ração seca para que percorram as vilas e encontrem sua casa. Acho que o Departamento de Educação Popular aprovará nossa iniciativa. Teremos somente os gastos das passagens e da ração. E, para guia, escolheremos um entre os ativistas locais do voluntariado social.

Maria, que prestava atenção em tudo, disse:

— Rezarei eternamente pelos senhores se nos levarem para casa, se pudermos rever nossos irmãos, Kólia e Chura, já que Jórik não está mais em casa.

— Agora, Kaléria Vassílievna — disse o homem —, mande-os para a casa de desinfecção da estação.

De novo Maria se mostrou perspicaz e disse:

— Querido senhor, dê um pedaço de pão para mim e Vássia, pelo amor de Cristo, porque desde ontem à noite não comemos nada, nem taboa, uma planta comestível que só dá na nossa vila.

O homem fixou os olhos em Maria, cujas súplicas podiam ser bastante convincentes, como quando, na casa de chá, o *tchekista*[59] de ferro, o chefe da brigada Petró Semiónovtch, derramara lágrimas. E o homem da pasta, de repente, também limpou os óculos com um lenço, dizendo:

— Kaléria Vassílievna, ofereça uma xícara de água quente para cada um e dê também isto — e tirou da pasta um embrulho de papel engordurado, estendendo-o à mulher.

— Vou solicitar uma ração para eles — disse Kaléria Vassílievna. — Como o senhor ficará sem o desjejum, Modest Fiéliksovitch?

— Não faz mal — respondeu Modest Fiéliksovitch —, dê às crianças. Vejo que elas ainda não sabem roubar e, em geral, são totalmente dependentes dos outros, como gatinhos. Ainda não são uns peraltas endurecidos pela rua.

A mulher pegou uma chaleira de lata sobre a estufa, encheu canecas de lata com água quente e abriu o papel engordurado. Oh, que dádiva Maria e Vássia receberam! Era um pão branco fresco, cortado ao meio, e em cada metade havia duas fatiazinhas de salame com gordura. Vássia engoliu sua metade num minuto — de sua felicidade restou apenas a lembrança — e começou a olhar com avidez para Maria, que comia seu pedaço devagar, com sabedoria.

— Vássia, tome água quente — disse Maria, sem forças para retirar um pouco de pão e de salame de sua parte e dar ao irmão. Justamente o que ele queria!

Mais tarde, ela veria nisso um presságio e se repreenderia com frequência. Assim, Maria não deu a Vássia nenhum pedacinho de sua porção, comeu até as últimas migalhas, que recolheu dos joelhos. Percebendo que não iria ganhar nada, Vássia começou a beber água quente. Maria também bebeu a sua e ficou mole, com os olhos pesados, pois tinha dormido por curtos intervalos, ora debaixo do banco, ora apoiada nos joelhos da mãe. Mas a mulher não a deixou aproveitar seu momento, sentadinha na cadeira, no calor.

— Vamos para a casa de desinfecção — disse ela —, pois, além de vocês, tenho outros afazeres.

Ela os conduziu de novo pelos trilhos. Maria ficou alegre por terem se livrado dos garotos peraltas, que seriam capazes de bater neles e de ensinar coisas ruins a Vássia.

Chegaram a um local abafado e molhado, e seus pés chapinhavam na água.

— Tirem toda a roupa, será desinfetada — disse a mulher.

Vássia despiu-se — a barriguinha estava mais inchada e as pernas mais finas, e sob sua pele cada osso era visível. O corpo de Maria, apesar de extenuado, tinha uma forma regular, e já fazia tempo que ela sentia vergonha de tirar a roupa na

frente dos homens, até de seu irmão Kólia. Mas de Vássia ela não se envergonhava. A essa hora não havia ninguém na casa de desinfecção, e as crianças, alegres, se lavaram com água quente, que, depois do pão com salame, foi a segunda dádiva do dia, uma após a outra... Maria achou no chão um pedaço de sabonete e ensaboou abundantemente Vássia, que, deliciando-se, emitia rosnidos como um cachorro agradecendo ao dono. Deram uma toalha com a textura de um *waffle*, uma para os dois. Logo que Maria começou a enxugar Vássia no vestiário, sentiu que alguém os olhava. Virou-se e viu um rapaz espiando da porta. Ela deu um grito e correu de volta ao banheiro, e o rapaz caiu na risada.

— O que há com você? — disse ele. — Eu sou o guia de vocês, fui indicado para acompanhá-los e vocês devem me obedecer.

— Feche a porta do banheiro — disse Maria —, deixe-me colocar minha roupa, e depois vestirei Vássia.

— Está bem, pode se vestir — disse o guia e desapareceu dando uma risadinha.

O guia parecia um Vássia mais crescido. Como Vássia, ele era magro, tinha pequenos olhos cinzentos, um rosto comprido e um nariz levemente arrebitado. Apesar da semelhança com o irmão, Maria antipatizou com ele na hora, ao contrário de Vássia, que se sentiu atraído pelo rapaz. De maneira que Maria, pela primeira vez, experimentou uma sensação estranha e vaga, mas era de descontentamento com o irmão e de inveja do guia, como se este possuísse algo para Vássia que ela, sua própria irmã, não possuísse. No entanto, ela não poderia mostrar abertamente sua antipatia pelo guia, que se chamava Gricha, pois ele estava com o cesto de provisões — pão e toucinho. Na verdade, o guia, Gricha, não lhe deu toucinho nenhuma vez, apenas pão.

Assim começaram a percorrer as vilas chamadas Petróvskoie da região de Khárkov. Chegaram a uma grande vila com muitas casas de pedra e uma igreja branca na praça.

— Aqui está — disse Gricha — sua vila Petróvskoie.

Vássia, para agradar ao guia, disse:

— É a nossa, é a nossa!

Mas Maria olhou em volta e disse:

— Não, não é a nossa... A igreja da nossa vila ficava sobre uma colina, ao lado do sanatório, e embaixo da colina corria um riacho.

— Está bem — disse Gricha —, se não é a de vocês, não é.

Voltaram a subir no trem e partiram, depois desembarcaram e conduziram-se

pela estrada numa carroça. Na carroça, Gricha cochichava o tempo todo com Vássia, e Maria olhava para eles com desaprovação, mas em silêncio, pois o cesto de provisões estava com Gricha. Maria reparou que Gricha cortava pão e toucinho para si e para Vássia — para si um pouco mais e para Vássia um pouco menos —, enquanto a ela dava somente pão, e um pedaço pequeno. “Que seja,” pensava Maria, “pelo menos Vássia comerá toucinho, já que eu não ganharei de qualquer jeito.” Assim, apesar de amargurada por si mesma, alegrava-se por Vássia.

Finalmente chegaram a outra vila. Havia uma igreja na colina e um riacho embaixo.

— É a vila Petróvskoie de vocês? — perguntou Gricha.

— É a nossa! — respondeu o tolo Vássia, para lhe agradar.

— Não, não é a nossa — disse Maria —, ela pode ter uma igreja sobre a colina e um riacho, mas onde está o sanatório? E não dá para ver o *zakáz* que leva para a aldeia de Popovka, onde vovó e vovô tinham uma casa.

Seguiram viagem, primeiro de carroça, depois de trem, depois de novo de carroça.

— É a vila de vocês? — perguntou Gricha.

— É a nossa — disse Vássia.

— Se é a nossa — Maria não se conteve —, onde está o sítio Lugovoi? Então, Vássia, encontre a nossa casa, onde moram Chura e Kólia... Será que você não lembra que a nossa casa era mais afastada, que tinha um canteiro na frente onde no verão colhíamos morangos silvestres e cogumelos?

— Está bem — disse Gricha, sorrindo —, só não briguem. Seguiremos em frente.

Chegaram a um apeadeiro.

— Hoje não passa mais trem — disse Gricha —, de modo que dormiremos aqui. E também não podemos procurar a vila Petróvskoie de noite. Nem de dia vocês conseguem reconhecê-la.

Mas Maria replicou:

— Eu reconheceria nossa vila até de noite se a visse. Um moinho fica na colina, ao pé da colina corre o riacho que leva até a outra vila, Kom-Kuznetsóvskoie; a *tamba* vai até a cidade de Dimítrov, e, no meio do caminho, fica o povoado de Lípki.

— Então amanhã, com essas indicações, você irá encontrá-la — disse Gricha, sorrindo como de costume —, mas está na hora de jantar — e cortou para si uma grande fatia de pão e uma de toucinho, para Vássia fatias menores, e para Maria

apenas uma fatiazinha de pão.

Vássia mordia o pão e lambia o toucinho, mordia o pão e lambia o toucinho, sempre cochichando com Gricha. Por fim, Gricha disse:

— Por que devemos passar a noite neste apeadeiro? Aqui venta muito e não vamos conseguir dormir — os trens fazem barulho, as locomotivas apitam. Eu conheço os arredores... Vamos, restou um celeiro por perto de um proprietário de terra, cheio de palha. Expulsamos os ratos a grito e dormimos.

Maria se opôs, não por preferir ficar no apeadeiro, mas simplesmente porque sentia vontade de retrucar a tudo o que Gricha dizia. Vássia, porém, o apoiou.

— Aqui vou passar frio — disse —, não vou conseguir dormir. Quero ir para o celeiro...

Que fazer se Vássia também queria ir? Eles saíram do apeadeiro, onde ao menos havia um lampião aceso, e rumaram para a escuridão, pois nessa noite nem a lua esquálida de Khárkov nem as estrelas eram visíveis no céu. Embora o céu estivesse escuro, não chovia, tudo estava silencioso, não se ouviam sequer latidos de cães, e também não havia vento, parecia até esquentar. Maria quis pegar o irmão pela mão, mas ele a puxou e se aproximou do guia, e ela caminhou sozinha, um pouco para trás. Não havia estrada, e sob os pés sentiam apenas ressaltos e buracos e tinham a impressão de andarem por um campo aberto, sem nenhuma habitação ao redor. Finalmente algo surgiu.

— Aqui está o celeiro — disse Gricha. — A porta está trancada, é preciso afastar uma tábua, aqui temos uma solta.

Enfiaram-se pelo buraco e realmente encontraram palha.

— Oh, como é macio aqui — disse Vássia —, e quente.

— Pois é, Maria — disse Gricha —, e você não queria vir.

— Vamos, Vássia — disse Maria —, deite-se ao meu lado, encoste-se em mim, ficará mais quente; mesmo com a palha, de madrugada irá esfriar.

— Não — disse Vássia —, eu vou me deitar com Gricha.

Vássia já não o chamava de “tio Gricha” ou de “guia”, mas simplesmente de “Gricha”, como se fosse seu irmão Kólia.

— Deite-se onde quiser — respondeu Maria, irritada —, você é ruim...

— Você é que é ruim — respondeu Vássia.

Maria ficou perplexa.

— Vássia — disse —, meu irmãozinho, quem ensinou isso a você? Se mamãe ouvisse você falar desse jeito ou se Chura ou Kólia vissem quem você se tornou, pensariam que lhe ensinei coisas ruins, pois sou eu que cuido de você o tempo todo. Vássia, você ainda é uma criança e deve obedecer a mim como obedece à

mamãe, uma vez que estamos longe dela...

— Você não é minha mãe — disse Vássia. — À mamãe eu obedeceria, mas a você não.

Então Gricha se intrometeu da escuridão.

— Já chega — disse. — Vássia, realmente, não fale grosserias à sua irmã.

Ao ouvir isso, Vássia parou com as grosseiras. Mas o motivo que o deteve não tranquilizou Maria, ao contrário, deixou-a ainda mais triste. “Se Vássia se tornar um homem ruim,” pensava ela, “mamãe, Chura e Kólia não irão me perdoar.”

Assim, entre tristes pensamentos, ela adormeceu sozinha, sem o irmão, que começou a roncar do outro lado do celeiro. De repente, mergulhada no sono, ela sentiu alguém ao seu lado.

— Vássia — disse Maria, alegre e sonolenta —, deite-se perto de mim.

E realmente alguém se deitou ali e, apertando-se nela, arrastou a mão entre seus joelhos, pois Maria dormia de lado, com os joelhos unidos. Ela rapidamente percebeu que não era Vássia, empurrou a mão estranha e deu um pulo.

— O que você quer?

— Quieta — disse Gricha. — Vai acordar Vássia.

— O que você quer? — repetiu Maria, mais baixo.

— Eu trouxe toucinho — disse Gricha. — Você ainda não comeu toucinho, somente pão. Então eu trouxe a sua porção inteira.

Maria pegou o toucinho e, ao tateá-lo, sentiu que era realmente um pedaço grande, deu uma mordida, saboreou — um toucinho muito bom, suculento, macio —, deu outra mordida, e a tristeza que sentira ao adormecer aos poucos desapareceu. “E com Vássia,” pensava, “tudo vai se arranjar, ele fez isso por bobeira.”

— Está bom o toucinho? — perguntou Gricha, rindo.

— Está sim — respondeu Maria.

— Pois é — disse Gricha —, mas você está sempre contra mim. Se você me amar, não precisará de mãe nenhuma.

— Como não? — indagou Maria. — Ela é sangue do meu sangue...

— Isso mesmo — respondeu Gricha. — Sua mãe com certeza abandonou você e seu irmão de propósito... Para se livrar de vocês... Não é de uma mãe que você precisa, mas de um rapaz, porque agora você está na idade certa para o verdadeiro prazer; depois que ficar adulta, tiver seios grandes e engravidar, o prazer não será o mesmo.

Mal Gricha terminou de falar, Maria compreendeu o que ele queria, embora ninguém a tivesse ensinado e tudo lhe acontecesse pela primeira vez.

— Saia daqui, sem-vergonha —, eu logo entendi quem é você, assim que o flagrei me espiando nua no banho.

— Se entendeu, melhor ainda — disse Gricha.

De repente ele agarrou Maria pelas axilas, como se quisesse sentá-la em algum canto, e com seus joelhos férreos de homem desuniu os joelhos infantis dela, e ela ficou completamente sob seu poder no celeiro escuro, trancado por um cadeado do lado de fora, longe de tudo, no meio de um campo vazio que se ligava à linha férrea de um ermo apeadeiro. E nessa noite nem a lua esquálida de Khárkov iluminava o céu.

Só havia uma alma viva por perto, seu irmão Vássia, mas ele dormia entre roncos. E, mesmo se estivesse acordado, o que poderia fazer? Era apenas uma criança... Não havia a quem pedir socorro e, se ela o fizesse, somente assustaria Vássia, por isso Gricha não tapou a boca de Maria, como não se tapa a boca de um animal sendo abatido: quem ouviria seus berros? Maria tentou se defender calada, mas, a cada tentativa, Gricha torcia seu braço e ela sentia muita dor; quando ela parava de resistir, ele a soltava. Assim Gricha conseguiu de Maria o que queria, gemendo como um doente de tifo, mas Vássia continuava a dormir — não acordou quando Maria gritou da dor incomum e desconhecida que Gricha lhe causava para obter prazer, não acordou mesmo quando Gricha gemeu com muita força, como se, ao dilacerar o corpo de Maria, ele dilacerasse o próprio corpo. Ela só entendeu o que acontecera quando tudo havia terminado. Ouviam-se apenas a forte respiração de Maria e de Gricha e o ronco de Vássia. Maria alegrou-se por seu irmão não ter ouvido nada e não ter se assustado. A respiração de Gricha ficou tranquila, e ele disse a Maria, que continuava ofegante:

— Não se preocupe... Com sua vida, cedo ou tarde, você seria violentada por um velho qualquer... Melhor comigo... Pegue isso — e lhe deu um pedaço de pão.

Ela pegou o pão e aquietou-se, e Gricha se afastou, indo para o outro lado do celeiro, e logo começou a roncar como Vássia.

Não se poderia dizer que Maria adormeceu, mas antes que entrou em um estado de torpor, pois nem por um momento deixou de distinguir as vigas salientes do celeiro e de sentir a palha sob seu corpo. Seu ventre e baixo-ventre doíam, como se, em vez da taboa, tivesse comido uma erva venenosa, como acontecera a uma vizinha do sítio, que, intoxicada, morrera no mesmo dia em que o pai de Maria. Mas a dor diminuía aos poucos e, quando as vigas ficaram claramente visíveis no celeiro iluminado, ela era insignificante, algo como uma alusão ao que acontecera de noite. Maria acordou, sentou-se e viu que no celeiro

estavam só ela e o irmão, que o guia, Gricha, havia sumido. Isso a alegrou, mas logo a entristeceu, pois ele havia levado a cesta de provisões... No entanto ela voltou a se alegrar quando tateou no bolso um pedaço de toucinho e um pedaço de pão — embora, à luz do dia, não fossem tão grandes como pareciam no escuro, teriam do que viver por algum tempo.

— Vássia, levante-se — disse Maria —, o guia que deveria nos levar para casa fugiu, e agora temos que ir sozinhos. E ele levou toda a provisão... Pois é, irmão, agora se convença, veja quem você tomou por um homem bom, desobedecendo a sua irmã, a única pessoa próxima de você, já que mamãe não está conosco e Chura e Kólia também estão longe.

Vássia ficou em silêncio, sentindo-se evidentemente culpado.

Saíram pelo buraco e olharam em volta. O campo estendia-se para os dois lados: para onde ir? Caminharam a esmo, mas chegaram precisamente à estrada de ferro e ao apeadeiro, onde Gricha não poderia ter feito com Maria o que fizera no celeiro isolado, pois aqui o vigia de plantão poderia ver e sempre havia gente sonolenta zanzando pela plataforma. Nada teria acontecido se não fosse por Vássia, mas Maria não quis acusá-lo, não lhe contou nada sobre o que ocorrera e apenas disse:

— Eu não conheço o caminho para casa, para a vila de Chagaro-Petróvskoie, mas sei que devemos ir até uma estação maior, onde, em todo caso, é mais fácil pedir comida... Quando o trem chegar, suba logo depois de mim.

— Vou subir — disse Vássia.

Assim que o guia desapareceu, Vássia voltou a obedecer a Maria, sem mais ter medo dos trens, como acontecera em Dimítrov.

No trem, Maria e Vássia comeram o pão e o toucinho que ela ganhara de Gricha como uma compensação pelo que ele lhe fizera no celeiro. Mas não tudo, uma parte Maria escondeu de Vássia, para comerem mais tarde, ou o irmão comeria tudo de uma vez. Maria e Vássia chegaram a uma grande estação e saíram com uma multidão de passageiros, pois o trem não ia adiante. Os irmãos olharam em volta e gritaram de alegria.

— Mas é a cidade de Dimítrov... Daqui a *tamba* leva direto para o nosso sítio.

No entanto, um velho explicou:

— Crianças, não é Dimítrov, mas Izium... Vocês já comeram uvas secas doces? Então, em sua honra chamaram a cidade de Izium[60] — e sorriu.

Mesmo desapontada por não estar em Dimítrov, Maria ponderava sobre o velho: “Os velhos raramente sorriem, mas, se este está sorrindo, significa que é bondoso, e um velho bondoso nos daria alguma coisa, porque não restou quase

nada de pão e toucinho”.

— Vovô — disse —, nós não comemos nem uva doce, nem uva seca, porque nos perdemos da nossa mãe... Dê, pelo amor de Cristo, o que puder...

— Nós conhecemos vocês — disse o velho, que imediatamente se zangou —, ficam perambulando pelos trens à procura de uma mala dando sopa... Pois eu vou...

Maria pegou Vássia pela mão e eles fugiram do velho maldoso, correndo pela plataforma em direção ao prédio da estação.

A estação de Izium não era como a de Khárkov, não tinha um telhado de vidro nem uma escada branca e reluzente, mas também era bonita, grande e aquecida, com muitos bancos e até uma árvore estranha dentro de um vaso, igual à de Khárkov, mas, de fato, apenas uma...

— Não faz mal, Vássia — disse Maria —, aqui viveremos muito bem por enquanto. Eu sei mendigar, minha voz é chorosa, e, se um der esmola, outro dará também. E veja o mundaréu em volta. Vou pedir comida e na certa darão alguma coisa. Se alguém tentar nos bater, aqui mesmo de noite é cheio de gente e iluminado. Só que, Vássia, Deus o livre de roubar... Você viu como o velho ficou bravo? Ele não ficou bravo com a gente, mas com os ladrões. Não ofenda o povo, Vássia, e ele o defenderá em qualquer momento, mas o ofenda e ele o abandonará à própria sorte... Por acaso estávamos bem naquele celeiro escuro, em um campo escuro e vazio, com um sujeito ruim por perto, de quem você, Vássia, resolveu gostar por bobeira?

Assim Maria falava seu sermão a Vássia, que a escutava por depender do que ela receberia de esmola. E, realmente, o que ela conseguiu na estação de Izium não era de desprezar.

— Senhor — dizia ela —, Jesus Cristo... Filho de Deus...

Por tais súplicas ela recebia esmola de velhos e jovens, de homens e mulheres. Até alguns membros do partido se sentiam incapazes de recusar às súplicas de uma criança, mesmo que ela usasse termos religiosos obsoletos do antigo regime. Um passageiro, sem dúvida um membro do partido, porque vestia um sobretudo de couro e tinha uma cicatriz em forma de espada como a do chefe da brigada Petró Semiónovitch, deu à Maria um pacote com cinco pãezinhos recheados de ervilhas. Acontecia também de lhe darem arenque e embutidos, sem falar de pão; ali, na estação de Izium, Maria e Vássia, pela primeira vez, comeram pão, se não até se fartarem, ao menos a ponto de não passarem fome. À noite, dormiam em bancos num canto aquecido. Eles estavam muito contentes com a vida.

Mas toda sorte casual, não preparada pelo destino, é passageira, efêmera. Um dia, Maria voltava após ter juntado algumas esmolas quando notou, perto de Vássia, uma mulher zangada que lembrava a que tinha ido atrás de Jórik em Dimítrov.

— Aqui está ela, minha irmã — disse Vássia, apontando para Maria.

— Muito bem — disse a mulher —, e onde está a mãe de vocês?

— Nós nos perdemos de mamãe — respondeu Maria.

— Então vamos.

A mulher conduziu Maria e Vássia da estação quente a uma praça cheia de vento, onde havia outras crianças, que, por sorte, não eram peraltas como as do vagão de Khárkov. Maria já tinha aprendido a distingui-las. Enfileiraram as crianças aos pares e as levaram dali. Maria, evidentemente, andava com Vássia e segurava-o pela mão. Se fosse antes, quando ela ainda morava no sítio, estaria olhando para todos os lados, para as casas e para as pessoas. Mas ela não prestava atenção em Izium, e preferia saber para onde estavam sendo levados e o que lhes dariam para comer. Conduziram-nos a um pátio de cavalos, onde havia algumas estrebarias e, em uma área de terra batida, postes com correntes e estacas, para prender os cavalos, e muito estrume. A mulher de cabelo curto apresentou-se como instrutora, mas não disse seu nome: era simplesmente “a instrutora”. Ela abriu o portão de uma das estrebarias — o chão estava coberto de palha podre e havia poucos cavalos, que ficavam na extremidade oposta, deixando o espaço vazio.

— Ajeitem-se — ordenou a instrutora — e esperem até eu voltar e levá-los para almoçar. Mas não saiam sozinhos, porque os cavalos podem ferir até a morte.

Ela falou e partiu. Maria e Vássia sentaram-se longe das outras crianças, atrás de um monte de palha, e começaram a comer o que Maria tinha recebido na estação. De repente, ela notou um garoto se aproximar, um pouco mais novo que ela, porém mais velho que Vássia.

— Meu nome é Vánia...[61] — disse ele.

— E daí? — disse Maria.

— Daí — disse — passem algo para comer.

— Vá embora — disse Maria —, nem para nós é suficiente... Quando servirem o almoço, você comerá...

Ele se afastou, sem dizer nada.

O almoço coletivo demorou a acontecer. Só algumas horas depois a instrutora apareceu, agrupou-os de dois em dois e levou-os para um refeitório que ficava

do lado do pátio. Provavelmente, quando passava fome no sítio, Maria teria comido esse almoço com prazer, mas, depois de experimentar os arenques, os embutidos e os pãezinhos de ervilhas que lhe deram na estação de Izium, comia-o com esforço e por necessidade. Ela percebeu que Vássia também se esforçava para comer. “Pois é,” pensava Maria, “será difícil vivermos sem pedir esmola. É preciso ensinar Vássia a mendigar, porque ele está ficando preguiçoso e, de uma hora para outra, pode dar de roubar.”

E assim tudo se deu. Uma vez por dia, sempre na mesma hora, depois do meio-dia, a instrutora chegava e os levava para o refeitório, onde invariavelmente serviam uma sopa aguada — farinha em água quente —, mingau de trigo sem manteiga e um pedaço de pão. O restante do tempo, todos saíam atrás de sustento — havia quem esmolasse, havia quem roubasse. Maria não deixava Vássia se afastar, mesmo percebendo que ele não gostava de mendigar. Como não gostava de fazê-lo, raramente recebia alguma coisa, pois qualquer ofício exige dedicação e habilidade. Se ele não queria esmolar, que ao menos ficasse perto dela ou a esperasse numa esquina ou sentado num banco. Para que Vássia a escutasse e para lhe despertar algum interesse, Maria, ao receber uma boa esmola, a entregava a ele. Ela costumava mendigar em bares e perto das casas ricas, mas raramente ia à estação e nunca à feira, por causa do irmão. Maria sabia que na feira havia muitos ladrões, os quais poderiam ser uma influência ruim para ele. Dessa forma eles passavam os dias e depois iam dormir na estrebaria.

No pátio dos cavalos ficava um vigia noturno, um velho apelidado Moskal. Bondoso e terno, ele gostava de crianças e elas gostavam dele. Reunia-as em volta de si na estrebaria e contava-lhes histórias até que adormecessem. Algumas crianças dormiam logo, outras o ouviam até tarde. Maria e Vássia, por exemplo, o ouviam até de madrugada. O velho tinha várias histórias. Sobre o tsarévitche Ivan, sobre a órfã Márfucha, sobre Iliá Múromets, o destruidor dos infiéis.[62] Mas a história mais interessante era sobre um filho de Deus, Jesus Cristo. O velho apoiava o rosto enrugado de barba branca na palma da mão, com ar pensativo e triste, e começava:

— Em um reino longínquo de um país longínquo havia um grande pecado. O Senhor decidiu salvar o povo do pecado e enviou para a terra seu filho querido, Jesus Cristo. Assim que Jesus apareceu entre os homens, ficaram todos contentes. Ele deu pão a todos, que comeram até se fartarem, e os borrifou com água do rio Jordão, dizendo: “Agora vocês serão um povo batizado, ortodoxo,

mas para os judeus-*jides*,[63] que não querem trabalhar e só se ocupam do comércio de seus templos sagrados, não haverá reino de Deus". E os judeus-*jides* planejaram destruir a criança querida de Deus, seu filho Jesus Cristo. O judeu mais importante entre eles era Judas-Anticristo — nesse instante, o velho levantou o dedo, como se ameaçasse alguém no escuro, pôs-se a escutar os cavalos roncando e mexendo os pés do outro lado da estrebaria e prosseguiu: — Judas-Anticristo reuniu o *kahal*[64] mundial de judeus, um bando de bandidos, e disse: "Enquanto Jesus Cristo estiver vivo, não venceremos o povo ortodoxo, não conseguiremos fazer homens e mulheres ortodoxos trabalharem para nós nem pegaremos o sangue das crianças ortodoxas para cozinhar nossa *matsá*". Assim são chamadas suas panquecas impuras. Um dia, Jesus Cristo caminhava por um jardim, enquanto Judas e outros judeus o espreitavam atrás de moitas. Eles pegaram Jesus Cristo, arrastaram-no até uma montanha e pregaram suas mãos e seus pés em uma cruz, pensando que ele morreria. Mas ele não morreu, subiu ao céu por força divina e de lá voltou para o povo ortodoxo, dizendo: "Aqui está ele, aqui estou eu. Não acreditem nos *jides*, que dizem que eu morri, e vinguem-se deles por meus infortúnios divinos...".

Apesar de ser um conto muito interessante, era muito comprido, de maneira que, no fim, a maioria das crianças já tinha dormido. No entanto, Maria e Vássia não dormiam, nem Vánia, o menino que no primeiro dia lhes pedira comida, ouvindo tudo até terminar. O velhinho sempre contava o fim da história de um modo diferente. Ora ao chamado de Jesus Cristo vinham Iliá Múromets e Aliocha Popóvitch, ora Stepan Rázin e Emelian Pugatchóv, ora Ermák Timoféievitch, o conquistador da Sibéria...[65] Toda noite era assim. Os cavalos roncavam, uma lua aparecia na janelinha sob o telhado da estrebaria... Finalmente, uma noite, Vássia não aguentou, baixou a cabeça sobre o peito e dormiu emitindo sons pelo nariz.

— Vássia dormiu — disse então Maria e cuidadosamente levou o irmão para um canto que ela já havia coberto com palha, deitou-o e acomodou-se ao lado.

Maria gostava dessas histórias noturnas, mas depois lamentou ter permitido a Vássia ouvi-las, pois foi assim que ele se aproximou do garoto que lhes pedira comida.

Uma vez, quando Maria estava saindo para pedir esmola na cidade, Vássia lhe disse:

— Eu não irei com você, irei com Vánia.

— Vássia, meu irmãozinho — disse Maria —, por acaso eu o ofendi? Dou o

melhor do que recebo para você... Mas Vánia vai lhe ensinar a roubar, eu sei que ele fica zanzando pela feira.

— E daí se ele vai à feira? — retrucou Vássia. — Na feira dão mais esmolas e melhores.

— Eu sei muito bem como dão esmolas na feira, lá o povo é avarento — um quer comprar mais barato, outro vender mais caro... Não há lugar melhor para mendigar do que num bar ou numa casa rica. Na estação também dão boas esmolas, mas lá o povo é desconfiado, tem medo de ladrões. Se despertar simpatia, ganha algo, senão pode até apanhar. Vamos comigo, irmãozinho, você comerá bem.

Vássia não escutou a irmã e saiu com Vánia. À noite, ao voltar, ele disse:

— Maria, dê um pedaço de pão, eu não ganhei nada.

Maria respondeu com uma repreensão:

— Não tem nada que correr à feira, mas pedir esmola, trabalhar... — mesmo assim, ela deu-lhe pão.

No dia seguinte, Vássia não dirigiu palavra à Maria, nem apareceu no almoço. Voltou com Vánia bem tarde e ambos estavam contentes e chupando balas. Ela logo compreendeu tudo, mas não interrogou o irmão, apenas levou Vánia para o lado e perguntou:

— Vocês estão roubando na feira?

— Sim — respondeu Vánia.

— Vánia — disse então Maria —, você é responsável por si mesmo, mas eu sou responsável por Vássia perante nossa mãe, de quem nos perdemos no caminho... E perante nossos irmãos, Chura e Kólia... Não leve Vássia para o roubo.

— Mas nós não roubamos, pedimos — respondeu Vánia, sorrindo de modo insolente —, eu enganei você.

— Você está mentindo pra cachorro — disse Maria, brava, e afastou-se, pensando: “Agora a única esperança é que nos transfiram para orfanatos diferentes e separem Vánia e Vássia”.

Fazia tempo que corriam rumores sobre a transferência e, numa manhã, a instrutora reuniu as crianças e disse:

— Crianças, um carro chegará hoje e todos irão partir, mas eu não sei para onde. O carro não levará todos de uma vez, mas em grupos, por isso os irmãos devem permanecer juntos, para caírem no mesmo grupo.

Assim que ela o disse, Maria correu para avisar Vássia, mas não havia nem sinal dele. O carro chegou — um caminhão. Levou um grupo, e Maria esperou.

O carro voltou, reuniu um segundo grupo, e ela começou e se preocupar — Vássia não aparecia. O que fazer? Se fosse procurá-lo na feira, poderiam se desencontrar. Ele voltaria ao pátio, seria colocado no carro e levado sem ela. Maria se afligia e amaldiçoava Vánia por instigar seu irmão a roubar, principalmente num dia como esse. E se amaldiçoava por tê-lo deixado ouvir as histórias noturnas do velho vigia, ocasião em que ele e Vánia fizeram amizade. O carro retornou pela terceira vez, reunindo mais um grupo, e restaram poucas crianças, que seriam levadas todas juntas. Maria não aguentou: correu à feira, procurou-o, chamou por ele, mas não o encontrou em lugar algum. Correu também pela cidade, perto dos bares onde costumava pedir esmola com Vássia — ele poderia, quem sabe, ter tomado juízo, largado o roubo e começado a esmolar —, então correu à estação. Suada e cansada, Maria voltou depressa ao pátio dos cavalos. Vássia não estava lá, mas o caminhão já tinha chegado e as últimas crianças estavam sendo acomodadas nele. Ela pediu para ser deixada ali, para que pudesse encontrar seu irmão, mas a instrutora disse:

— Nós sabemos que seu irmão está roubando, e você quer ficar para roubar com ele? Nós o encontraremos e o levaremos para onde você estiver...

Maria começou a chorar, tentou explicar que era responsável por Vássia perante sua mãe, mas a instrutora e um homem grisalho a pegaram pelas axilas, como Gricha lhe fizera no celeiro, colocaram-na no carro e ordenaram às outras crianças que a segurassem. No entanto, se na noite do celeiro ela fora obrigada a se resignar, pois Gricha torcia seu braço, aqui ela lutou por seu irmão até o fim, tentando se soltar, mesmo sentindo a dor que aquelas mãos estranhas lhe causavam, e gritava como havia gritado na estação de Khárkov, quando ela e Vásia se perderam de sua mãe. Finalmente Maria conseguiu se soltar e pular do carro, mas a instrutora e o homem grisalho a alcançaram, pegaram-na pelas axilas e a colocaram de volta. O caminhão partiu sob o choro e as maldições de Maria, que só se acalmou um pouco quando saíram de Izium, atravessando a ponte e o campo. Apenas bem longe de Izium, Maria se cansou, resignou-se, e aí pararam de segurá-la. De novo, como acontecera depois do que Gricha lhe fizera, ela entrou em um estado que não era de dormência, mas de torpor. Parecia ver tudo, mas não compreendia nada. Lembrava somente que, em alguma vila, de todo o grupo de crianças haviam sobrado duas — ela e uma menina mais velha. Levaram a menina para algum lugar e disseram à Maria:

— Espere aqui.

No entanto, agora ninguém a vigiava e, logo que se deparou sozinha, ela fugiu.

Maria saiu correndo da vila e chegou a uma estrada e, assim que se viu no

campo pela primeira vez totalmente sozinha — embora fosse raro alguém da família estar ao seu lado além de Vássia, este estivera sempre por perto —, sentiu que algo havia mudado e, ao olhar em volta, percebeu que nevava... “Ah, meu Deus,” pensou, “como nesse frio e faminta acharei Izium, onde Vássia ficou?” Ela se apertou na velha blusa que vestia, enfiou o rosto na gola, para aquecer o peito com a própria respiração, e pôs-se a andar.

Enquanto caminhava, o campo embranquecia — a neve caía e caía, e, quanto mais caía, mais sua fome acentuava. A terra sob seus pés estava branca e limpa e o céu, mesmo um pouco escurecido, também estava branco, nevado, e somente Maria se deslocava como uma mancha preta miserável em meio a essa alvura. Se pudesse entender a si mesma, sentiria nesse instante como sua vida era desnecessária para o mundo e até como comprometia a beleza dele. Porém, para sua felicidade, Maria não podia se ver com a primeira neve caída ao fundo, nem compreender a si mesma com um olhar distanciado, como as pessoas dadas a filosofar. Se soubesse filosofar, ficaria horrorizada ao perceber que não era necessária a ninguém, nem mesmo a Vássia, e que sua existência só gerara prazer a um homem ruim como Gricha, que a violentara em um celeiro. Esses pensamentos humanos desesperadores, que não saem de um tratado, possuem aquele raro ateísmo fecundo que mais agrada ao Criador do que o canto frio dos salmos ou a idolatria difundida. No entanto, a alma e a razão estavam separadas de Maria por um espaço infinito, mas o coração silencioso, privado do dom divino da palavra, fazia parte dela, e ela chorou, sem palavras ou discernimento, apenas emitindo sons sem sentido.

Esse choro não era igual ao de sempre, como quando fora separada de Vássia, nem o choro insano que esbraveja e amaldiçoa e que em nada resulta. Era o pranto divino, vindo do coração, com o qual às vezes o Senhor recompensa os insensatos ao substituí-lo por grandes verdades acessíveis apenas aos profetas. E Maria, a miserável criatura que fora renegada pela mãe e pelos irmãos mais velhos, que perdera o irmão mais novo e cuja ausência neste mundo privaria de prazer apenas aquele que violara seu corpo, elevou-se através desse pranto, sob esse céu branco e essa terra branca, obteve através desse choro insensato mas sincero, o consolo do Senhor, pronunciado através do profeta Isaías:

— Como uma mãe que consola Eu vos consolarei [...] Vós o vereis, e vosso coração se alegrará e vossos ossos florescerão como ervas frescas[...][66]

Ela leu o sermão do Senhor sem ajuda de palavras, compreendeu-o sem o uso da razão. Confortada por esse precioso dom que recebera — o pranto divino —, tranquilizada e com o coração aliviado, Maria percorreu o campo nevado e se

aproximou dos edifícios de uma estação, cobertos de neve. Não era a estação de Izium, mas de Andréievka.

“Não faz mal,” pensou Maria, com o coração em paz, “aqui sempre poderei me alimentar de esmolas e talvez invente algo mais... Será que devo mesmo ir até Izium? Pode ser que Vássia não esteja mais lá, pode ser que ele já não estivesse lá de manhã, enquanto eu corria feito uma louca pela feira e pela cidade. Talvez ele tenha ido embora com seu amigo Vánia, para roubar em outro lugar. Mesmo que eu sinta a consciência pesada por não ter cuidado dele, talvez minha mãe, quando ela for encontrada, e meus irmãos, Kólia e Chura, entendam que eu não consegui defender nem a mim mesma e sejam condescendentes com minha falta.”

Pensando assim, Maria tranquilizou-se totalmente e decidiu mendigar aos passageiros da estação de Andréievka, pois estava faminta. Da mesma forma que não mendigava em todas as casas, não mendigava em todos os trens. Quando via chegar um trem abarrotado de passageiros vestidos com farrapos como ela, com suas coisas embaladas em trouxas e cestos, ela não se mexia, preferia ficar em um banco no calor. Mas se via um trem rico, com poucas pessoas e com malas, ia atrás de esmola.

Eis que chegou um trem rico como esse, e Maria foi esmolar. Notou um moço saindo de um vagão com uma mala reluzente, acompanhado por uma jovem sem bagagem. Maria queria aproximar-se, mas de repente se intimidou. Nunca tinha visto pessoas tão bonitas, e pareciam ter cheiro de mel. Sem saber por que, começou a andar atrás deles. Seguindo-os, ouviu o moço dizendo:

— Eu não vou pegar o trem para Khárkov, vou a Lgov por Kursk.

Nesse momento, Maria levou as mãos à cabeça. “Meu Deus... Nossa irmã mais velha, Ksiénia, trabalhava numa casa de repouso em Lgov.” Antes era como se Maria soubesse e não soubesse disso. Porém, ao falar de Lgov, o jovem subitamente reavivou a memória dela.

Enquanto isso, a moça se afastou, deixando-o sozinho. Maria começou a chorar. Certamente não chorou como tinha chorado no campo nevado, por si mesma, agora era um choro intencional, para atrair a atenção. O jovem olhou para ela e perguntou:

— Menina, por que está chorando?

— Eu me perdi de minha mãe — disse Maria —, e minha irmã mais velha, Ksiénia, trabalha numa casa de repouso em Lgov, mas eu não tenho dinheiro para ir lá...

— E você está com fome? — perguntou ele.

— Sim, estou com fome — respondeu Maria.

— Então vamos até a lanchonete, comprarei alguma coisa para você comer — disse o jovem.

A pequena lanchonete da estação de Andréievka não era como a de Izium, mas o jovem disse alguma coisa ao garçom, que logo trouxe frango assado e uma deliciosa garrafa de água açucarada. Enquanto comia, Maria encarava o moço e, de tão atraída pela beleza dele, nem mesmo sentiu o gosto do frango.

É preciso notar que, depois do que Gricha lhe fizera no celeiro, algo mudara dentro dela. Maria vivia normalmente — comia, bebia, dormia, sem nenhuma alteração —, mas de repente sentia que havia algo diferente e isso a agradava. Era tão agradável que por vezes sonhava voltar ao celeiro escuro e isolado, no meio de um campo vazio, mas não com Gricha, e sim com outro homem, que ainda desconhecia... Ao ver o jovem, ela soube com quem gostaria de ir ao celeiro e, mesmo se fosse dolorido, não tentaria se proteger nem gritar. Surgiu-lhe a ideia de, em vez de ir a Lgov atrás de Ksiénia, ligar-se a esse jovem. Mas ela não sabia como lhe dizer isso. Nesse ínterim, ele falou:

— Menina, coma depressa, tenho pouco tempo. Agora você irá comigo.

Maria se alegrou, roeu os ossinhos, tomou toda a garrafa de água açucarada e só então voltou a si, sentindo-se envergonhada:

— Perdão — disse —, eu comi tudo e para o senhor não sobrou nada.

O jovem riu com seus dentes brancos, alinhados e brilhantes.

— Tudo bem — disse —, eu aguento.

Maria foi atrás do jovem com tanta alegria que, pela primeira vez em muitos dias, sentiu vontade de cantar. É preciso notar que ela cantava frequentemente com sua mãe e Chura — gostavam de músicas como “Que bela noite de luar”[67] ou “Ponham chá na caneca; adeus, eu vou partir”. A canção sobre o chá, pelo visto, não era apropriada para momentos felizes, mas de outras canções Maria se lembrava com prazer. Assim ela seguia o jovem e se perdia em lembranças agradáveis. Aproximaram-se do vagão, e, logo que a jovem viu seu acompanhante pela janela, saiu para a plataforma, abraçou-o e chorou como se tivesse ficado muito tempo sem vê-lo. E o jovem lhe disse:

— Vália,[68] acompanhe esta menina até Khárkov; de lá ela pedirá que a levem para Kursk e então para Lgov, onde tem uma irmã.

A jovem imediatamente tirou as mãos dos ombros dele, enxugou as lágrimas de seu rosto com um lencinho rendado e disse:

— Mas é você que está indo para Kursk e Lgov.

— Eu não viajarei tão cedo — respondeu o moço —, e essa menina precisa ir logo... Meu lugar ficará livre... Pegue o dinheiro — e o esticou a ela.

— Eu não preciso de dinheiro — respondeu a jovem. — Ela que viaje no seu lugar.

Maria entrou em um vagão de beleza indescritível, todo forrado de seda, com um espelho e bancos estofados. Sentou-se perto da janela com uma cortina cor creme e ficou admirando o jovem. A moça sentou-se no banco oposto e fingia não notá-lo, mas Maria percebeu que vez ou outra ela o espiava. “Ah,” pensou Maria com raiva, “pelo menos não sou só eu que ficarei longe dele, você também ficará... Ele não será meu, mas também não será seu.”

Nesse momento, o trem colocou-se em marcha e, de tão macio e silencioso, Maria teve a impressão de que alguém a carregava nos braços.

— Como você se chama? — perguntou a jovem.

— Maria.

— E quantos anos você tem?

— Eu não sei.

— Você é da aldeia?

— Sim — respondeu Maria —, da vila de Chagaro-Petróvskoie, do sítio Lugovoi.

— Você, com certeza, não tem nem catorze anos — disse a jovem —, deve ter uns doze... Que idade feliz, sem homens nem sofrimentos.

E não falou mais com Maria, ficou sentada no canto, calada, às vezes encostava o lencinho rendado nos olhos com os dedos finos como agulhas e as unhas pintadas de vermelho. Só quando chegaram a Khárkov, a jovem trocou algumas palavras com ela:

— Pegue esse dinheiro — disse. — Compre uma passagem para Kursk e lá compre uma para Lgov.

— Que Deus a proteja — agradeceu Maria, como sua mãe lhe ensinara —, mas dê também um pedacinho de pão, pelo amor de Cristo... O caminho é longo e sabe-se lá com quem vou deparar.

— Aqui há mais do que o suficiente para as passagens — respondeu a jovem —, você pode comprar pão e salame... Eu não tenho pão, e também estou com fome...

Maria agradeceu mais uma vez e foi embora, e nunca mais viu a jovem. Foi até o prédio da estação, que, mesmo bonito como antes, agora não lhe parecia tão grande. Reconheceu o banco em que sua mãe se sentara ao lado de sua trouxa e a escada branca e reluzente pela qual correra com seu irmão. Viu

também as estranhas árvores plantadas em vasos... Sentiu um nó na garganta e se pôs a chorar amargamente, mas não como no campo nevado, a caminho da estação de Andréievka, de modo que, após o choro, continuou a sentir tristeza e um peso no peito. Ela nunca havia ganhado dinheiro em notas, apenas moedas de cobre, e sabia onde poderia comprar pão e salame, mas não passagens. Mas o jovem que ela escolheu entre tantas pessoas para perguntar lhe mostrou onde as passagens eram vendidas e ela comprou um cartão verde e duro.

Esse jovem não era tão bonito como o da estação de Andréievka, no entanto sua aparência a agradava e ela sentiu que, se ficasse com ele no celeiro escuro, talvez não gritasse também...

O salame que comprou era duro e escuro e, depois do frango assado da lanchonete de Andréievka, não satisfez Maria, que já tinha se habituado a esmolas ricas — não é que o número de ricos tivesse aumentado, mas ela aprendera a mendigar nos lugares certos e às pessoas certas.

— Que foi, não gostou do salame? — perguntou um homem vestindo um capote militar e com bandas de pano enroladas nas pernas, de rosto vermelho, como se congelasse de frio. — Um dia eu cavalguei num salame... Como diz a canção: "A cavalaria de Budiónni virou salame"[69] — e riu. — Se não gostou do salame, passe para cá...

Maria arrancou-lhe um pedaço e, pela primeira vez na vida, em vez de receber algo, oferecia. Ela entendeu como isso era agradável e que prazer as pessoas propiciavam a si mesmas ao darem esmolas. Os miseráveis não deveriam agradecer a quem oferece uma caridade, é este que deveria agradecer aos miseráveis, que lhe proporcionam tanto prazer por existirem.

Embora o homem estivesse sujo, sua água-de-colônia era cheirosa, como a do jovem de Andréievka. Com as mãos trêmulas, ele pegou o salame de carne de cavalo e começou o roê-lo. Maria gostou de dar-lhe o embutido, mas, quando ele se pôs a comê-lo, ficou desapontada e se afastou, pensando com tristeza: "Vássia nem um salame desses tem para comer. Será que com o roubo ele ganhará alguma coisa além de tabefes, já que não lhe ensinei a esmolar?". No entanto, a amargura da separação havia diminuído. Se Maria estudasse filosofia, entenderia que sua amargura agora era otimista, pois qualquer otimismo, mesmo o universal, existe em função de interesses próprios. "Não faz mal," pensou ela, "logo acharei Ksiénia, e ela encontrará Vássia mais rápido do que eu, porque faz tempo que ela mora na cidade, que deixou de ser uma mulher da aldeia." Maria tinha pão, salame, mesmo que fosse de cavalo, e uma passagem para Kursk. Viajou a noite toda em seu próprio assento, sentada como uma dama,

empurrando com os cotovelos aqueles que avançavam para o lugar dela.

Em Kursk também havia muita gente e árvores dentro de vasos, mas Maria já estava acostumada e não mais se interessava por coisas supérfluas, pensando apenas em como chegar a Lgov e conseguir comida, porque o pão e o embutido de Khárkov tinham acabado. No entanto, mimada pelas esmolas fáceis de Izium, pelo encontro afortunado com o jovem na estação de Andréievka e pela viagem no rico vagão, ela tornou-se preguiçosa e começou a esmolar como Vássia, sem vontade. Em Kursk ninguém lhe ofereceu esmola, e uma mulher, da qual ela se aproximou mendigando em nome de Cristo, deu-lhe subitamente uma bofetada. Maria fugiu e se escondeu atrás de uns caixotes no fim da plataforma, mas não chorou. Só pensava em como chegar até a casa de Ksiénia em Lgov, pois já não tinha dinheiro para a passagem: gastara no salame à toa e poderia ter comprado menos pão ou mesmo nada, já que era possível mendigá-lo. Quanto à mulher que lhe batera, Maria se tranquilizou: “Não faz mal, ela me confundiu com uma ladra...”. Mas logo desanimou: “Isso provavelmente acontece com Vássia todo dia. É preciso chegar rápido até a casa de Ksiénia, para que ela ache Vássia”.

De repente Maria viu dois meninos sujos, de sua idade, e uma menina.

— Foi você quem roubou a mala daquela dona? — perguntou o menino mais alto.

— Não, não fui eu — respondeu Maria.

— Então por que está sentada aqui? — perguntou a menina.

— Onde mais eu sentaria — respondeu Maria — se preciso chegar até Lgov e não tenho dinheiro para a passagem?

Os dois meninos e a menina deram risada e disseram:

— Pode viajar conosco para Lgov... O trem está para sair — e apontaram para os vagões de areia.

“Na certa, são uns peraltas,” pensava Maria, “mas preciso viajar... Se me importunarem, começo a gritar.”

Subiram no vagão e partiram.

— Vamos — disse o garoto mais alto —, encoste-se em nós, senão você vai congelar.

Maria se sentou separada, mas o vento do vagão descoberto atravessava os ossos e ela se enfiou entre eles. Logo que se acomodou, o garoto mais alto começou a tocá-la, enquanto o mais baixo já cuidava da outra garota, enfiando-lhe a mão por baixo da saia. “Ele até pode me tocar, mas debaixo da saia não deixo,” pensou Maria e apertou os joelhos. Ela percebeu que ele não tinha força de homem, como Gricha, e não conseguiria desunir seus joelhos. O menino

também o compreendeu e disse:

— Vamos namorar. Para que você precisa de uma irmã em Lgov? Meu pai mora em Khárkov e mesmo assim eu fugi dele. Viajaremos de trem, teremos uma boa vida.

Maria certamente entendeu a insinuação, mas se fez de boba.

— Não — disse —, eu preciso achar minha irmã em Lgov para que ela me ajude a encontrar meu irmão Vássia.

Enquanto conversavam, chegaram a Lgov.

— Peço desculpas — disse Maria —, obrigada pela companhia — e saltou do vagão-plataforma.

— Sua miserável — disse o menino e ameaçou correr atrás dela.

Mas Maria o advertiu:

— Eu vou fazer um escândalo — e ele desistiu.

Quando Maria estava em Izium, o que a chuva molhava o sol secava, mas ali, em Lgov, ela entendeu que não poderia dormir na rua, que estava coberta de neve, nem mesmo na estação, que era fria e menor do que a de Andréievka. “Caso eu não encontre Ksiénia, será o meu fim... Quem me deixaria entrar em casa para me aquecer? Ou eu terei que ir sozinha para um orfanato, e é disso que eu tenho mais medo,” pensava Maria.

Ela perguntou a um transeunte sobre a casa de repouso.

— De qual casa de repouso quer saber, menina? — disse ele.

— Como qual?... É onde a minha irmã Ksiénia trabalha.

— E em qual casa ela trabalha? Temos a casa de repouso “A Ladeira” e a do Décimo Congresso do Partido.

— Eu não sou daqui — disse Maria —, não sei.

— Então vá para a “Ladeira” e lá você verá — e ele indicou o caminho.

Maria partiu em meio a montes de neve, pois as ruas de Lgov eram estreitas e as casas baixinhas, e à noite, pelo visto, caíra uma nevasca. Ela caminhava e tremia de frio, e estava tão frio que nem se podia parar e olhar em volta para ponderar sobre onde seria mais proveitoso mendigar, já que os últimos vestígios das esmolas ricas tinham evaporado e os últimos frutos das vitórias passadas tinham sido gastos. Maria tornou-se de novo uma criatura esfomeada, como era no sítio — agora até se alegraria com a taboa, isso se fosse época de taboa... Apesar de tudo, não perdia as esperanças de estar perto de sua irmã rica, pois Maria imaginava Ksiénia rica: “Já que ela ignora sua pobre família da aldeia e não dá nenhuma notícia, deve ser rica,” pensava ela.

Maria chegou até os confins da cidade, onde o rio estava congelado e só se

distinguia dos campos brancos ao redor por uma margem íngreme. Ela viu uma cerca como a que havia no sanatório perto de sua casa... Quis atravessar o portão, mas um velho a impediu:

— Ei, você, vá embora daqui.

— Vovô — disse Maria —, não estou pedindo esmola... Eu tenho uma irmã que trabalha aqui, vim de longe para vê-la.

— Que irmã?

— Ksiénia.

— Qual é o sobrenome?

— Eu não sei o sobrenome.

— Então vá embora.

— Vovô — disse Maria —, eu vim de longe, do sítio Lugovoi... Nosso pai morreu no ano passado, porque foi um ano de fome. Mamãe ficou sozinha com cinco crianças. A nossa casa desabou, e os chefes do colcoz nos deram outra, perto da *tamba*; mamãe ficou nessa casa, porque todos nós inchamos, e não sobrou nada para trocar por comida, tínhamos só a roupa do corpo e uns farrapos.

— Está bem — disse o velho —, vá para a recepção e pergunte pela sua irmã — e ele deixou Maria passar.

Ela entrou e viu ao redor: uma casa bonita, antiga, branca, em volta da qual havia um jardim coberto de neve onde velhinhos e velhinhas passeavam. Maria teve receio de perguntar a eles. Pensava: “Aquele velho acreditou em mim, mas estes podem não acreditar e me expulsar. E onde vou me meter?”. E saiu andando a esmo ou, mais precisamente, farejando cheiro de sopa e de cebola frita. Ao se aproximar da entrada, ela avistou uma mulher gorda vindo ao seu encontro com um balde de lavagem na mão, do qual saía vapor de tão quente. Maria sempre confiou mais nas pessoas gordas do que nas magras, pois os gordos têm sempre algo de sobra, enquanto os magros raramente têm o que dividir, de modo que ele mesmo é que recebe.

— Tia — disse Maria —, onde está minha irmã Ksiénia?

— Korobko? — perguntou a mulher.

— Sim — respondeu alegremente Maria, pensando: “Se é Ksiénia, é a minha irmã, mesmo que seja Korobko”.

— Não trabalha mais aqui — respondeu a mulher gorda —, se demitiu ainda no Primeiro de Maio e foi embora da cidade.

Então Maria começou a chorar, e chorava de forma tão amarga, soluçava tanto, que a mulher gorda logo se pôs a chorar também, sem largar o balde. Depois

disse:

— Não chore, menina. Como eu era amiga de Ksiénia, sei o endereço dela... Ela partiu para Vorónej, casou-se com um hóspede.

— Mas como irei até Vorónej? — indagou Maria e continuou a chorar.

— Vamos — respondeu a mulher gorda —, vou lhe dar um pouco de sopa e depois veremos.

Ela levou Maria, congelada e trêmula, a um aposento onde lavavam pratos, sentou-a em um banquinho e lhe serviu sopa quente numa tigela de ferro. Por muito tempo Maria se recordou daquelas mãos rechonchudas, enrugadas devido à água quente, com dedos curtos, estendendo-lhe um prato de sopa, acomodando-a num banquinho, em um canto quente, pois para Maria nessas mãos havia algo de divino... Ela não se lembrou disso para sempre, pois para sempre só é necessário se lembrar Dele, e não de Suas manifestações, mas por muito tempo se recordou... Existe um tipo de bondade que provém dos homens e não é consagrada pelo Altíssimo. Maria comera o frango assado na estação de Andréievka sem qualquer sentimento e recebera o dinheiro da bela mulher do trem como se recebesse uma esmola qualquer — uma casca de pão ou cinco copeques... Mas ela tomou o prato de sopa velha, num aposento onde lavavam pratos, de modo solene — o caráter solene que envolvera seu pranto, no campo nevado, a caminho de Andréievka, também envolvia a gratidão que sentia pela sopa requentada que lhe foi servida em Lgov. Aqui não se tratava de bondade humana, mas de bondade divina...

Pela segunda vez, Maria leu o sermão do Senhor sem ajuda de palavras e absorveu, sem o uso da razão, o que é revelado permanentemente aos profetas através de sua justiça e inteligência. Ela escutou, sem palavras, e compreendeu, sem razão, o que foi dito através do profeta Isaías:

“Pobre, foste castigada por tempestades, desconsolada. Eu revestirei tuas pedras com rubis e erguerei tua fundação com safiras. Tuas janelas farei de rubis, tuas portas de pérolas e todas as tuas muralhas de pedras preciosas”.[70]

A mulher gorda, chamada Sofia, uma lavadora de pratos analfabeta, de uma bondade que não era humana, mas divina, muitas vezes tinha escutado o Senhor sem ajuda de palavras e O compreendido sem razão. Agora ela também O compreendeu sem razão, que era confusa, mas com o coração silencioso, através do profeta Isaías:

“Reparte teu pão com quem tem fome e leva para casa os pobres errantes; veste o nu quando o encontrares e não te escondas de quem possui teu próprio

sangue...”.[71]

Sofia pegou seu casaco acolchoado, que estava pendurado num canto, e o deu a Maria, dizendo:

— Vista o casaco, senão irá congelar.

E acrescentou:

— Assim que acabar meu plantão, vamos até a estação e eu pedirei ao condutor que leve você até Vorónej, porque eu não tenho dinheiro para a passagem.

O plantão de Sofia terminou perto do meio-dia e, nesse intervalo, ela ofereceu comida mais duas vezes à Maria, painço cozido com cebola frita e macarrão e, para a viagem, deu-lhe um pedaço de pão e um pedaço de arenque.

Assim que Maria e Sofia chegaram à estação, esta falou à menina que se mostrasse triste e até começasse a chorar. Porém, por mais que Maria se esforçasse, dessa vez as lágrimas não vieram.

— Está bem — disse Sofia —, talvez a gente consiga convencer o condutor mesmo sem choro.

Ela escolheu um condutor a dedo, e não o calmo, que afavelmente recusava um lugar a qualquer pessoa por o vagão estar cheio, mas aquele que xingava e empurrava todo mundo. Sofia aproximou-se dele e, sem preâmbulo, começou a falar dos sofrimentos de Maria.

— O que você quer? — o condutor a interrompeu, bravo. — Para que está me contando essas histórias? Eu mesmo posso lhe contar algumas.

— Leve esta menina até Vorónej, para ela encontrar a irmã dela — disse Sofia.

— E você é o que dela?

— Ninguém — disse ela —, mas agora nós lhe serviremos de família.

O condutor ficou em silêncio, mas Sofia se postou a seu lado, sem arredar dali, e ordenou a Maria que ficasse com ela. Quando terminou o embarque, o condutor disse:

— Vou permitir, mas que ela se ajeite em qualquer lugar.

Sofia abraçou e beijou Maria, fez o sinal de cruz e disse palavras vazias, acessíveis, pronunciadas por muitos, pois não eram palavras divinas, mas humanas:

— Que o Nosso Senhor, Jesus Cristo, a guarde.

E ela repetiu as mesmas palavras ao condutor, que respondeu:

— Deixe disso, tia, faz tempo que seu Cristo foi revogado por decreto, o melhor seria rezar para que a menina não cruze com um inspetor no caminho...

O condutor do vagão nº 7 tinha razão. A força do homem comum não está na

palavra divina, mas na ação divina — somente a força dos profetas se acha na palavra de Deus.

Assim, graças à ação divina de Sofia, a lavadora de pratos, e do condutor do vagão nº 7, Maria foi levada a Vorónej. O trem chegou no meio da madrugada e, no início, ela pensou em esperar na estação até amanhecer, mas depois mudou de ideia: “Afinal, ela é minha irmã”. Ela perguntou a um policial de plantão onde ficava a rua, que, como se revelou, era bem próxima. “Eu vou,” decidiu.

As ruas de Vorónej eram mais largas que as de Lgov, e, à primeira vista, a nova cidade lhe agradou. “É um pouco parecida com Izium,” pensava Maria, “em Kursk não davam boas esmolas, mas em Izium davam. Mesmo se eu não achar minha irmã, passarei o inverno aqui.” Assim pensando, Maria andou conforme o endereço que tinha — ela sabia ler e escrever, aprendera antes do ano da fome — e entrou num quintal silencioso e escuro, pois era noite e todos dormiam. Aproximou-se da porta, sempre conforme o endereço, e começou a bater. Bateu, bateu, mas ninguém abriu. “Será que ela viajou?” pensou Maria com tristeza, “talvez ela não esteja ouvindo, quem sabe se eu bater na janela do outro lado...”

De repente uma janelinha se abriu sozinha, e de lá saltou um homem vestindo umas calças brancas enfiadas em botas de feltro. Assim que ele passou a toda, como se fugisse de cachorros, Maria entendeu que não eram calças, mas ceroulas. Ficou perplexa e, nesse momento, ouviu a porta se abrir. Foi correndo até lá e deparou com sua mãe, só que muito mais jovem e bonita, em algo lembrando a moça da estação de Andréievka. Com os lábios pintados e o rosto muito pálido, ela segurava uma vela numa mão e a gola de um penhoar azul com fios dourados na outra.

— Quem está aí? — perguntou.

Assim que ela começou a falar, Maria compreendeu que não era sua mãe, mas Ksiénia, sua rica e linda irmã.

— Ksiénia — disse Maria —, sou eu, sua irmã Maria.

Então Ksiénia deu um grito, deixou cair a vela, abraçou Maria e, desfazendo-se em lágrimas, levou-a para dentro. Tudo o que Maria havia suposto se confirmou. A casa era rica e num dos quartos havia um guarda-roupa e um divã — tudo isso ela conhecera nas casas que lhe ofereciam boas esmolas. No outro quarto havia uma cama larga e desarrumada e dois travesseiros enormes.

— Eu pensei em quem estaria batendo à noite — disse Ksiénia e chorou. — Como você me achou, irmãzinha?

Maria começou a contar sobre a morte do pai, a casa que desabou e Vássia.

Ksiénia perguntou:

— Quem é Vássia?

— É o nosso irmãozinho — respondeu Maria.

— Mas nós temos um irmão mais novo? — admirou-se Ksiénia. — Eu conheço Kólia, Chura e você, mas, quando eu fui embora, você era tão pequena, ainda engatinhava.

— Nós temos um irmão ainda mais novo, o Jórik — disse Maria —, só que ele não está mais em casa — e contou também sobre Jórik.

Ksiénia desatava no choro a cada história que a irmã contava. Maria contou tudo, exceto o que Gricha lhe fizera naquela noite no celeiro, e também não mencionou o homem vestido em ceroulas que ela tinha acabado de ver saltar da janela.

— Está bem — disse Ksiénia —, está bem, irmãzinha. Amanhã de manhã chega o meu marido, Aleksei Aleksándrovitch; ele é técnico ferroviário, um homem bom, generoso. Vamos convencê-lo a deixar você passar o inverno conosco, e depois veremos...

Realmente, pela manhã chegou Aleksei Aleksándrovitch, o técnico ferroviário. Maria viu um homem bem agasalhado, com uma peliça curta, calças acolchoadas e botas de feltro, e, ao tirar seu chapéu de pele com abas para orelhas, descobriu-se uma cabeça calva. Ksiénia começou a abraçá-lo e a beijá-lo tanto que Aleksei Aleksándrovitch disse:

— Deixe-me antes me lavar, gatinha, estou cheirando a graxa.

— Essa é minha irmã Maria — disse Ksiénia —, ela veio passar um tempo aqui.

— Que fique — respondeu Aleksei Aleksándrovitch —, a casa é ampla, lugar não faltará.

Maria passou a morar lá. Levantava-se de madrugada, ainda no escuro, e precisava acender uma vela na cozinha quente em que dormia para começar a limpeza. Aleksei Aleksándrovitch comprava caixas de velas baratas e com seu uso economizava eletricidade. Primeiro, Maria recolhia sua roupa de cama do chão — uns xales e uns paletós velhos — para lavar o piso da cozinha, depois engraxava os sapatos; assim que clareava, ela ia para dentro, sentava-se à mesa com Aleksei Aleksándrovitch e Ksiénia para tomar chá adocicado e comer pão com banha de porco ou geleia de ameixa, e voltava para a faxina, mas agora nos quartos... Mal se dava conta, já era hora do almoço, quando Aleksei Aleksándrovitch voltava para casa. O almoço era sempre farto e delicioso. Ksiénia cozinhava bem, pois tinha sido cozinheira na casa de repouso. Fazia

borsch, como o que a velha mendiga do sítio sonhava receber numa casa rica, macarrão com molho de carne, almôndegas com painço cozido, e panquecas. Maria comia e pensava: “Ah, Vássia deveria estar aqui... Chura e Kólia também...”.

Depois do almoço, Maria lavava a louça por longo tempo, sob o olhar atento de Ksiénia. Inicialmente fervia um tambor com água para tirar a gordura dos pratos e talheres, enxaguando com água fria peça por peça. Assim Maria passava o inverno, satisfeita. Em seu tempo livre, ia à feira com Ksiénia ou passeava pela cidade. “Vorónej é um bom lugar, não é como Kursk,” pensava, “agora, além de estar perto da minha irmã, é possível viver de esmola, sem emagrecer.” Assim Maria passava o inverno quando, certo dia, Ksiénia lhe disse:

— Engraxe as botas de serviço de Aleksei Aleksándrovitch, porque ele fará uma viagem de trabalho.

Maria começou a engraxar as botas, que eram pesadas, de couro grosso, com forro de flanela e pequenas ferraduras pregadas na sola. Como ela sofreu para engraxá-las, quantos panos velhos gastou, quanta graxa, para que as botas adquirissem brilho e o couro amaciasse! Aleksei Aleksándrovitch calçou as botas, bateu com os pés no chão e disse:

— Agora eu não vou molhar os pés. Às vezes, que diabo, os canos explodem e, com as botas de feltro, os pés ficam molhados.

Aleksei Aleksándrovitch partiu e Ksiénia disse:

— Maria, hoje você não vai mais varrer o chão, pois é de mau agouro quando alguém viaja. Se você quiser, pode passear um pouco e depois se deitar.

Maria passeou por Vorónej até começar a anoitecer, depois voltou e viu Ksiénia sentada diante de um espelho, e seu rosto era tão belo que não devia nada ao da jovem da estação de Andréievka. “Se nossa mãe pudesse ver Ksiénia agora, ficaria feliz,” pensava Maria.

— Maria — disse Ksiénia, alegre, cantarolando —, coma as almôndegas com pão e pode ir se deitar. Hoje você não vai limpar nada.

Maria jantou fartamente na cozinha, acomodou-se sobre os xales macios e adormeceu depressa. No meio da noite foi despertada por sussurros e risadinhas. “Aleksei Aleksándrovitch deve ter voltado,” pensou.

De repente, a conversa silenciou e Maria ouviu gemidos de Ksiénia. “Está doente,” pensou Maria, “Ksiénia adoeceu.” Ela se levantou e foi até a porta, que estava trancada, e não conseguiu sair da cozinha. Ficou junto à porta ouvindo os gemidos de Ksiénia. Mas sua irmã gemia tão melodiosamente que era como se, movida por uma dor aguda, cantasse uma canção alegre. E de súbito Maria se

lembrou de como Gricha gemera no celeiro escuro ao violentá-la. “Será que sentirei isso algum dia?” pensava Maria. “Comida é possível mendigar e, para alguém habilidoso, não é difícil conseguir um abrigo para passar a noite, mas experimente pedir por esse prazer...” De repente Maria sentiu um calafrio, como se estivesse no meio de um campo gelado, mesmo estando em casa, na cozinha quente. Desejou voltar ao celeiro escuro, sobre a palha, se não com o jovem bonito da estação de Andréievka, na pior das hipóteses com Gricha. “Será que aprenderei a gemer tão agradavelmente?” pensava Maria, febril.

No entanto, os gemidos sonoros de Ksénia repentinamente cessaram e logo soou um barulho indescritível, como se alguém quisesse tirar o guarda-roupa de casa e tivesse entalado na porta. Maria ouvia gritos de diferentes vozes, dentre as quais a de Ksiénia. Se Maria entendesse algo de música, perceberia que as vozes soavam no mesmo tom, sem articular um discurso compreensível. De repente, a porta da cozinha escancarou e dela irrompeu alguém familiar, o homem que Maria, na noite de sua chegada a Vorónej, tinha visto saltar da janela de Ksiénia, fato que havia escondido da irmã. E de novo ele vestia ceroulas brancas enfiadas em botas de feltro. Irrompeu e correu para a janela, seguido por Aleksei Aleksándrovitch, bem agasalhado, de calças acolchoadas, metidas nas botas engraxadas por Maria. Logo após, Ksiénia entrou correndo, totalmente nua. Embora Maria estivesse apavorada, ficou tão admirada com a visão de Ksiénia nua que não podia desviar os olhos esbugalhados da irmã e involuntariamente se comparava a ela. Os seios de Ksiénia eram leitosos, encorpados, empinados, e na ponta de cada um se via um mamilo vermelho e comprido, igual aos dedinhos de bebê de Jórik. Já Maria, em vez de seios, tinha dois montículos que precisavam ser apalpados para serem descobertos, e cada mamilo parecia uma espinha. O corpo de Ksiénia também era leitoso, sem ossos aparentes, e a barriga e as pernas se fundiam completamente; como ela tinha perdido todo o pudor em função da briga feroz de dois homens cobertos, não foi sua vergonha que se desnudou, mas sua beleza e, de vez em quando, os dois lhe lançavam olhares, já não brigando com tanta veemência. Ksiénia apareceu nua, mas era como se estivesse vestida; se Maria aparecesse nua, permaneceria nua e seria motivo de zombarias. As pernas de Maria eram ossudas e a barriga saliente, e onde Ksiénia exibia beleza Maria exibia uma cicatriz. Antes Maria não pensava nessas coisas, mas, depois que Gricha a violentara, ela começou a pensar e agora, olhando para Ksiénia, entendia que, se ela um dia permitisse que alguém se aproximasse, seria no escuro. Já Ksiénia poderia fazê-lo também na claridade...

Assim, através de Gricha e dos episódios que se desenrolaram depois, Maria

conheceu o terceiro pesado flagelo enviado aos homens pelo Senhor, do qual falava o profeta Ezequiel. O terceiro flagelo do Senhor, um animal chamado luxúria, é peculiar, pois os profetas não temem a espada, a fome ou a doença, mas temem o animal. O rei Salomão, que era justo, fora castigado com o terceiro flagelo. E Dã, a Áspide, o Anticristo, sabia que, ao transpor caminhos terrenos, não precisava temer o primeiro flagelo, a espada, pois era imortal; nem o segundo, a fome, pois sua bolsa de pastor estava repleta do pão impuro do exílio; tampouco o quarto, a doença, pois ele era suscetível somente aos castigos divinos; mas do terceiro flagelo, o adultério, ele deveria se precaver.

Moisés, que havia conduzido o povo para longe da opressão egípcia, dizia que o terceiro flagelo ainda viria, enquanto Jeremias, que muitos séculos depois conduziu o povo para longe da opressão babilônica, dizia que o terceiro flagelo já tinha vindo. Se para Moisés o destino do rei Salomão, o justo, ainda era desconhecido, para Neemias era conhecido e funcionava como uma parábola.

— Não pecou por isso Salomão, rei de Israel? — dizia Neemias. — Poucos povos tiveram um rei como Salomão; ele era amado por seu Deus, que o tornou rei de todos os israelitas, no entanto até ele foi levado a pecar por mulheres estrangeiras...[72]

Mas qual é o mistério do terceiro flagelo do Senhor? Por que estão fadados a ele não somente os pecadores, mas também os justos? Porque a espada, a fome e a doença apenas dilaceram, enquanto o animal feroz, ao dilacerar, frutifica. Porque no terceiro flagelo não há somente o joio, mas também o trigo. Porque nem a razão nem a justiça nos salvarão dele. Mesmo os ascetas, que violam o próprio corpo, não se salvarão: eles alcançarão somente a deformidade, como mostra o exemplo dos monges de Alexandria, aos quais os cristãos da Idade Média haviam substituído a imagem de Jesus, da tribo de Judá.

Em sua indignação com a mulher pela maçã do Éden, o Senhor transferiu o terceiro flagelo para as mãos poderosas do ímpio, por isso só é possível resistir a ele pela não violência, como ensinara o profeta Jeremias e como, sete séculos depois, reforçou Jesus, da tribo de Judá. No entanto, a salvação só é possível segundo a ressalva do profeta Jeremias: que se entregue tudo ao ímpio, mas se conserve, como um butim, a própria alma. O amor foi inventado justamente para que se pegue o butim, a alma, do ímpio adúltero. Para que, ao separar o joio do trigo e ao pagar o tributo ao animal-luxúria, se conserve a frutificação. Mas, em virtude de tal amor, é necessário que se cumpra a maldição de Deus e se suplante a razão seduzida pela serpente. Mesmo se a razão for grande, o justo ficará enfraquecido, como ficara o rei Salomão, em quem a mulher superou Deus. No

entanto, uma razão pequena é um estorvo ainda maior para o trabalho espiritual, pois, à medida que se diminui a razão, diminui-se a necessidade de dominá-la e se cresce a atração pelo ócio. A mais elevada manifestação do ócio espiritual é o animal-luxúria. Assim era também na Antiguidade.

— Levanta teus olhos para as alturas — disse com tristeza Jeremias, o profeta sofredor — e vê: onde tu não te profanaste? Tu sentavas para eles na estrada e maculavas a terra com tua perversão e malícia. Por isso foram retidas as águas e não vieram as chuvas tardias, mas tu exibias a face de prostituta e não te envergonhavas.[73]

— A cada começo de estrada, tu construías para ti um lugar alto — disse também o profeta do exílio Ezequiel —, para desonrar tua própria beleza e abrir as pernas a qualquer um que passava, assim multiplicaste a tua libertinagem...[74]

Assim também pensava o técnico ferroviário Aleksei Aleksándrovitch, mas à maneira de Vorónej. Ele brandiu a mão e esbofeteou os dentes do homem de ceroulas.

— Por que está me batendo? — perguntou ele, limpando o sangue.

— Por sua baixeza — explicou Aleksei Aleksándrovitch.

— Então bata nela — disse o homem de ceroulas —, eu somente satisfiz o seu pedido.

Nesse momento, Aleksei Aleksándrovitch chutou-lhe com a bota que Maria engraxara, a das ferraduras, pesada como uma pedra do calçamento. Após o golpe, o homem das ceroulas enfiadas em botas de feltro passou a andar como numa parada, com passadas solenes e de trás para a frente, golpeou a janela, quebrou o vidro e atirou-se pelo vão, lançando as botas para cima. De maneira que, num instante, ele desapareceu da cozinha, onde restaram Aleksei Aleksándrovitch, bem agasalhado e de botas, e Ksiénia, nua e descalça, já que Maria, esquecida por todos num canto, parecia não existir. Marido e mulher ficaram praticamente face a face. Sem nem tirar o chapéu de pele, ele fixou os olhos injetados em Ksiénia por um ou dois minutos. Depois estendeu os braços para segurá-la e castigá-la. Ksiénia não o impediu, mas apenas, com um movimento das coxas largas, evitou que ele a pegasse pela garganta e, em vez disso, Aleksei Aleksándrovitch, visivelmente em choque, começou, com uma mão, a estrangular o seio encorpado e leitoso de Ksiénia — motivo pelo qual seu mamilo, comprido como um dedinho de bebê, tensionou — e, com a outra mão, agarrou Ksénia por sua beleza exuberante, deu um grito, ergueu-a como uma pesada caixa de ferramentas da ferrovia, pressionando a palma contra o ventre

redondo da esposa, e levou-a da cozinha. Com seu braço rechonchudo, que tinha uma covinha no cotovelo, Ksiénia fechou a porta atrás de si.

Por algum tempo se pôde ouvir um ruído atrás da porta, o choro fraco de Ksiénia, mas logo tudo silenciou. De repente, Ksiénia voltou a gemer melodiosamente. Tendo perdido o amante, ela seduziu o marido... E de novo Maria sentiu um calafrio, mas muito mais forte que o primeiro, um calafrio não só por tudo o que havia acontecido como também pelo vento que vinha da janela quebrada.

Maria não dormiu a noite inteira — tentando se aquecer, andou de um lado para outro enrolada nos xales velhos sobre os quais dormia. De manhã, bem tarde, Ksiénia finalmente entrou na cozinha, de rosto amassado, sonolento e feio, justo ela que, antes disso, tinha o rosto sempre bonito.

— Escute — disse Ksiénia, com o rosto feio e enrugado —, eu e Aleksei Aleksándrovitch decidimos mandá-la para casa, para a aldeia. Vamos colocá-la no trem, daremos dinheiro e provisões... Você concorda?

— Concordo — respondeu Maria.

Ao dizer isso, sentiu de fato vontade de ver o sítio, com o canteiro em frente de casa, onde se podia colher morangos silvestres e cogumelos. Adiante ficava a igreja, ao lado o clube, e, no pé da colina, o riacho com o moinho d'água. O riacho corria para a outra vila, Kom-Kuznetsóvskoie, a *tamba* ia até a cidade de Dimítrov e, depois da *tamba*, via-se o *zakáz*.

— Eu já queria voltar para casa — disse Maria —, só que eu e Vássia não conseguimos achar a nossa vila de jeito nenhum. Passamos por muitas vilas, mas não encontramos a nossa. Tínhamos até um guia particular — Maria, porém, não estendeu a conversa sobre o guia, Gricha.

— Como não? — disse Ksénia. — Por acaso não sabe que a nossa vila pertence ao distrito de Dimítrov?

— Eu sabia que se pode chegar até Dimítrov pela *tamba*, mas não que Dimítrov é um distrito — respondeu Maria. — Nossos pais nunca nos explicaram, tinham outras coisas para fazer.

Por Ksénia, ela soube que sua mãe também se chamava Maria e seu pai Nikolai, como seu irmão Kólia. [75]

— Mas eu tenho medo — disse Maria — de que Kólia e Chura me culpem por eu ter abandonado Vássia numa terra estranha, por não ter cuidado bem dele.

— Você não tem culpa — respondeu Ksiénia —, não foi por sua culpa que nossos destinos foram separados.

Dizendo isso, deu uma espiada na porta da cozinha, para se certificar que

estava fechada, e sussurrou:

— Pegue isto e, para que ninguém descubra, esconda bem e não gaste, porque é dinheiro. Para você, em separado, darei dinheiro e provisões, conforme foi combinado com Aleksei Aleksándrovitch, mas este dinheiro é meu, de minha parte, para mamãe. Caso ela não esteja em casa, entregue para Kólia e Chura — disse estendendo um pacote à Maria. — Esconda na sua calcinha, mas, na hora de fazer as necessidades, não o perca.

Assim fez Maria, depois foi acompanhada por Ksiénia diretamente da cozinha até o trem, de modo que não mais entrou nos quartos e não se despediu de Aleksei Aleksándrovitch. Já da irmã se despediu afetuosamente. Chorando, Ksiénia abraçou-a e beijou-a, acenando-lhe até ficar fora de vista. E com Ksiénia desapareceu a bela cidade de Vorónej.

Maria viajava em assento próprio e com provisão própria; além disso, levava entre as pernas, apertado por um elástico, o pacote com o dinheiro que Ksiénia mandara à mãe. Durante a viagem, não falou com ninguém, para proteger seu dinheiro, e também não dividiu o pão e o embutido. Se alguém lhe pedisse, até poderia dar, mas oferecer de vontade própria, isso ela não faria. "É melhor levar os sobras para Kólia e Chura," pensava, "passam fome no sítio." Mas ninguém lhe pediu pão, nem suspeitou do dinheiro.

Maria chegou a Dimítrov e, ao se ver entre lugares conhecidos, derramou lágrimas de alegria. "Todos os lugares são diferentes," pensava, "Kursk é uma cidade ruim, Lgov um pouco melhor, Izium e Vorónej são cidades muito boas, mas não existe nada como a casa da gente, em parte alguma." Ela começou a andar por Dimítrov e reconheceu a casa diante da qual sua mãe, também chamada Maria, acomodara-os sobre um punhado de palha e os deixara para ir à feira atrás de ameixas secas, e, nesse meio-tempo, uma mulher estranha levara embora o pequeno Jórik. Maria saiu da cidade e caminhou pela *tamba*, reconhecendo o lugar onde o forasteiro lhe oferecera pão, mas sua mãe, assustada, tirara-o dela e o jogara no campo. À medida que Maria avançava, reconhecia lugares queridos. Lá estava o *zakáz*, todo branco, brilhando ao sol, com galhos curvados sob a neve. Lá estavam o riacho e as rodas do moinho presas no gelo. Logo surgiu a igreja sobre a colina. Maria não notou nada fora do comum, como ocorrera quando procurava sua vila com Vássia e Gricha, o guia que a violentara no celeiro. Aquela vez, ela só vira o que era estranho, desconhecido; agora, tudo lhe era familiar. Ali estava a vila de Chagaro-Petróvskoie, invernal, nevada, bela, com fumaça saindo das casas. Na rua uma multidão de pessoas andava segurando bandeiras. Então Maria ouviu uma

conversa entre um homem que vagamente reconhecia e um camponês local que conhecia de vista.

— Que festa é esta? — perguntou o homem.

— Camarada, não é uma festa, é o enterro de um membro do partido — respondeu o camponês.

— Quem estão enterrando?

— Petró Semiónovitch, o chefe da brigada. Ele foi assassinado — respondeu o camponês.

— Mas quem o matou?

— Parece que o moleiro, não pode ser outro — disse o camponês —, o moleiro e seu caçula, Lióchka, por causa do filho mais velho, Mitka, que Petró Semiónovitch estrangulou... Mas o moleiro fez de um jeito que Petró Semiónovitch não parecia um cadáver, mas uma peça de carne bovina ou suína largada em cima do balcão do açougue de Dimítrov, nos tempos de fartura. Agora o moleiro e seu filho Lióchka serão condenados e fuzilados, levaram o dois para Khárkov.

Maria ouviu a conversa, mas não reconheceu o homem que indagava. Lembrava-se, porém, de Petró Semiónovitch. Apesar de lamentar sua morte, ela não chorou. Reparou que todos em volta lamentavam a morte de Petró Semiónovitch e também não choravam, levando-o em silêncio dentro de um caixão fechado. Maria passou pelo cortejo, e logo surgiram o sítio Lugovoi, a cerca do sanatório, o canteiro coberto de neve e, atrás dele, sua querida casa. Ah, como seu coração disparou, como ela gostaria que sua mãe, Maria, lhe abrisse a porta e a abraçasse entre lágrimas, como Ksiénia fizera ao se despedir, e que Vássia estivesse ao seu lado, que, sem mais roubar, teria voltado para casa antes dela...

Mas foi Chura, sua irmã, quem abriu.

— De onde você veio? — perguntou.

— Eu estive em Vorónej — respondeu Maria —, na casa de Ksiénia.

— E onde está Vássia?

— Vássia — disse Maria — se perdeu em Izium.

E aconteceu o que Maria mais temia: Chura começou a repreendê-la.

— Como foi abandonar Vássia num lugar estranho? — disse ela.

Maria ficou em silêncio, não sabia o que responder. A voz de Kólia soou de dentro de casa:

— Quem está aí?

— É Maria, que acabou de voltar — disse Chura —, mas Vássia se perdeu no

caminho.

E Kólia também a repreendeu:

— Por que você não cuidou de Vássia? O que vamos responder para mamãe, que mandou uma carta perguntando de você e de Vássia?

Assim que Maria ouviu falar da carta de sua mãe, esqueceu-se de qualquer mágoa.

— Onde está mamãe? — perguntou.

— Ela está em Kertch — respondeu Kólia. — Mas por que você não ficou com Ksiénia? Por acaso ela vive na pobreza, não poderia alimentá-la?

— Não — respondeu Maria —, Ksiénia não vive na pobreza, até mandou dinheiro para vocês; eu voltei porque estava com saudade de casa — depois de dizer isso, tirou o pacote da calcinha e o entregou a Chura.

Chura pegou o pacote e começou a contar o dinheiro com Kólia. Depois ela disse:

— Ksiénia sempre soube se arrumar na vida, com abundância e riqueza, mas aqui estamos perdidos... Ela fugiu em 1923, aos catorze anos, com um fotógrafo que passou por aqui, e não voltou mais... Ela ainda está com esse fotógrafo?

— Não — respondeu Maria —, ela mora com Aleksei Aleksándrovitch, um técnico ferroviário, mas, antes disso, trabalhava numa casa de repouso em Lgov... Mamãe tinha me contado.

— Mamãe sempre a mimou mais do que os outros filhos — disse Chura — e o pai, quando estava vivo, amava-a muito, eu me lembro... Bem, já que você voltou, sente-se, eu vou lhe servir um prato de *borsch*.

E ela deu a Maria um prato de *borsch* frio, de gosto entre o amargo e o salgado, pensando que a irmã ficaria agradecida, já que, antes de sua partida, não comiam um *borsch* como esse — desde que Chura e Kólia passaram a trabalhar no campo do colcoz, começou a haver alguma comida na mesa, embora, com certeza, não sobrasse nada.

Disso Maria pôde se convencer depressa, pois voltou a passar fome, só que ali não havia a quem pedir esmola, não era Vorónej ou Izium; ali, em sua terra natal, a esmola que davam era ainda pior que a de Kursk. Mas ali as paragens eram bonitas no verão, até no inverno eram bonitas, só era ruim no outono e na primavera, quando chovia, mas, no inverno e no verão, se vivia muito bem...

Maria atravessou a *tamba* coberta de neve, marcada por trilhas de carros e de carroças e, por um atalho, dirigiu-se ao *zakáz*. As botas de feltro e o xale dados por Ksiénia a aqueciam, assim como o casaco acolchoado de Sofia, a lavadora de pratos de Lgov. A menina caminhava agradavelmente e respirava com leveza.

Um pássaro levantou voo, deixando cair neve dos galhos de um abeto, e ela se sentia bem. Apenas tinha fome e se angustiava com a solidão. Antes nem sua mãe nem seu pai, quando ele estava vivo, se ocupavam dela, tampouco Chura ou Kólia, mas ela estava sempre ao lado de Vássia. Pode-se dizer que Maria fez as vezes de mãe para Vássia, e ele, quando pequeno, trouxera muitas alegrias à irmã. E Maria começou a se acusar em pensamento de ter se descuidado do irmão. Talvez devesse ter ido atrás dele em Izium, em vez de ter seguido o jovem em Andréievka...

Angustiada, Maria saiu do *zakáz* e viu brilhando sobre o campo branco um sol cor de framboesa. Ela se ajoelhou, sem que ninguém lhe houvesse ensinado, virou o rosto em direção ao sol, estendeu as mãos, como fazia ao esmolar, e disse:

— Senhor! Jesus Cristo! Filho de Deus!

Maria se lembrou da história que o velhinho bondoso, o vigia noturno da estrebaria de Izium, contara sobre os judeus-*jides* que tinham matado o Filho de Deus, e chorou copiosamente por não saber quem poderia salvar Vássia, pois, embora o Filho de Deus continuasse vivo, estava no céu, enquanto Vássia estava na terra, em Izium...

Nesse meio-tempo, um rapaz que passava pelo campo nevado perguntou a Maria o mesmo que o jovem da estação de Andréievka havia perguntado:

— Menina, por que estás chorando?

Maria respondeu:

— Estou chorando porque os judeus-*jides* mataram o Filho de Deus e ele agora está no céu, mas meu irmão Vássia está na terra, em Izium, e não há ninguém para ajudá-lo.

E Dã, da tribo de Dã, a Áspide, o Anticristo, disse as palavras do Senhor que haviam sido pronunciadas pelo profeta Isaías, palavras celestias em que se encontra o sentido de tudo e que Dã havia reservado para o momento final, mas, ao passar por ali, compreendera que havia chegado a hora de usá-las, para depois somente repeti-las inúmeras vezes.

— Eu me revelei aos que não perguntavam por mim — através de Isaías, Dã pronunciava as palavras do Senhor —, e fui encontrado pelos que não estavam à minha procura...[76] Já os que me procuram — acrescentou Dã, após uma pausa — não me encontrarão... Eu me revelei àqueles que eu mesmo escolhi, e não aos que me escolheram... Já os que me escolheram devem lembrar as palavras do meu Irmão, Jesus, da tribo de Judá, sobre seus filhos maldosos e os cães bondosos dos outros... Os cães não tomarão a parte que cabe às crianças, mesmo

que estas sejam maldosas... Somente através da fé eles poderão receber seu quinhão. As crianças, ao contrário, mesmo sem rezar, receberão sua parte. Assim diz o Cristo... Pois ou tu tens uma matilha forte, que toma, ou tu tens Deus, que oferece...

Dizendo isso, ele atravessou o campo em direção ao *zakáz* e desapareceu. Só quando ele ficou fora de vista, Maria deu-se conta de que era o forasteiro que havia lhe oferecido pão duas vezes e lamentou não ter lhe pedido novamente, pois, agora que o chefe da brigada, Petró Semiónovitch, estava morto e sua mãe vivia em Kertch, não havia ninguém para lhe tirar o pão — ela poderia se saciar. Já que não sabia se Chura lhe daria algo, mesmo um prato de *borsch* amargo e gelado ou uma tigela de mingau ralo. As lembranças de uma vida farta em terras estranhas só aumentavam a fome em terra natal. O mendigo que vagueia pelo mundo, longe de sua morada, não se surpreende com nenhum alimento. Prova de tudo, venha do pobre ou do rico. “Pena que eu não lhe pedi pão,” Maria voltou a refletir, “não entendi o que ele disse — esse homem, pelo visto, vem de longe —, mas o pão eu bem que comeria.”

Escurecia rapidamente. Na região de Khárkov, as noites de inverno são de um frio gelado e, quando as estrelas aparecem e a lua começa a brilhar, esfria ainda mais.

Maria voltou para casa depressa e lá encontrou Chura, que disse:

— Vá se deitar, Maria, porque amanhã você se levantará cedo... Kólia e eu resolvemos mandá-la para a casa de mamãe em Kertch. Você concorda?

— Concordo — respondeu Maria, pensando consigo: “Eu estou com saudade de mamãe e quem sabe lá eu não passe fome”.

De manhã, no escuro, enquanto ainda brilhava uma lua gelada, Maria se aprontou, beijou Kólia e Chura e partiu. Parecia estar triste, mas não muito... Ela havia procurado sua terra natal e a encontrado, portanto, abandonava-a sem angústia, partindo a um lugar desconhecido, à cidade de Kertch, para encontrar sua mãe. Seria bom ir à casa dela, ela sentiria pena da filha e a alimentaria com o que tivesse. Adeus, *zakáz*; adeus, igreja da colina; adeus, moinho d’água... A vila de Chagaro-Petróvskoie desaparecia, assim como desapareceram Izium, onde ela vivera tão bem, Kursk, onde passara tão mal, e Vorónej, onde vivera ainda melhor, perto de Ksiénia. Maria seguia pela *tamba*, na contramão, rumo à estação de Dimítrov. Kólia e Chura lhe deram dinheiro para a passagem, mas não pão; só que não adiantaria mendigar na *tamba*, ela teria que passar fome até chegar a Dimítrov. Os mendigos possuem uma lei: quando a fome apertar, se abasteça de paciência. Com efeito, foi em Dimítrov que ela conseguiu pão seco,

perto de uma casa rica. Ela o comeu na estação e comprou uma passagem até Khárkov, porque não vendiam para Kertch. O trem havia se transformado para Maria em algo habitual, e Khárkov também não a surpreendeu como da primeira vez. Lá ganhou mais um pouco de pão de uns passageiros ricos, comprou uma passagem e partiu para Kertch, que ela acreditava ser parecida com Izium ou Vorónej, pois sua mãe, Maria, não escolheria morar em uma cidade ruim como Kursk.

A viagem para Kertch durou um dia e uma noite. De manhã ela acordou e olhou pela janela: a neve tinha desaparecido, o sol brilhava e no horizonte se estendia um campo azul infinito.

— É o mar — explicaram —, suas águas vão até a Turquia, um estado estrangeiro.

E Maria olhou ao redor: a terra se encostava no céu!

— É o monte Mitrídates — explicaram...

Kertch em nada se parecia com Izium, onde a esmola era boa, com Kursk, onde a esmola era ruim, ou com Vorónej, onde vivera tão bem com Ksiénia... "Como será este lugar?" pensava Maria, descendo do trem para a terra quente. Ela caminhava e se surpreendia a todo instante, quase como da primeira vez em que estivera em Khárkov, quando correra com Vássia por entre as árvores estranhas plantadas em vasos. As ruas de Kertch não eram como em outros lugares, mas pedregosas e íngremes, e o mar, que, visto do vagão, de longe, parecia limpo e largo como um campo, era ruidoso, esfumaçado e até pequeno, apenas um pouco maior que um rio, porque se avistava a outra margem com inúmeras casinhas, que, em vez de se fincarem no chão, se empilhavam, umas sobre as outras. "Como é possível? Que esquisito!" pensou Maria e perguntou ao redor.

— Não é o mar — disseram —, é uma baía e um porto. O mar fica mais adiante, virando a esquina.

Maria caminhou pela rua de pedra e realmente viu o mar sem fim... "Mesmo diferente," pensou Maria, "parece uma boa cidade, mamãe fez bem em se recrutar aqui."

No entanto, a cidade de Kertch deixou de lhe causar uma impressão insólita quando ela chegou à periferia, onde, conforme o endereço que tinha, sua mãe morava. Longe da periferia, as casas eram alegres, de pedra branca, mas, onde sua mãe vivia, eram severas, de tijolo vermelho, cobertas de fuligem, como as casas perto da estrada de ferro de Vorónej. Ela entrou num prédio e perguntou onde morava Maria Korobko. Explicaram. Não por sua mãe ser conhecida por

todos, mas porque ali se achava, por acaso, uma mulher que a conhecia. Maria aproximou-se de uma porta, bateu e ouviu a voz de sua mãe. Ao ouvir essa voz, os pés e as mãos de Maria começaram a tremer, lágrimas jorravam de seus olhos, e ela irrompeu gritando: “Mãezinha!”. Sua mãe estava sentada na cama remendando uma camisa masculina militar. Ao ver a filha, ela empalideceu e disse a outras três mulheres, que também estavam sentadas em suas camas, ocupadas com seus afazeres:

— É minha filha Maria...

A mãe começou a chorar com mais força que Maria, e elas choravam tanto que as três mulheres, que também se desfaziam em lágrimas, mal conseguiram acalmá-las. Quando, enfim, sossegaram, a mãe disse:

— Você vai morar comigo... Ali na panela sobrou mingau de ontem, coma...

As mulheres se chamavam Olga, Klávdia e Matvéievna. E cada uma ofereceu algo à Maria... Uma deu pão, outra uma bala e Matvéievna duas maçãzinhas.

— Pegue — disse ela —, estamos na Crimeia, aqui as frutas são nossa fonte de alimentação.

Depois as três mulheres saíram.

— Vamos, mulheres — disse Matvéievna —, vamos passear um pouco... Deixem mãe e filha conversarem.

Maria começou a contar sobre sua vida à mãe, contou tudo, exceto sobre a violência que Gricha lhe fizera no celeiro e também sobre o marido de Ksiénia, Aleksei Aleksándrovitch, que flagrara a esposa no meio da noite com um homem de ceroulas. E sua mãe a repreendeu:

— Como você pôde abandonar Vássia numa terra estranha?

— Eu sei que sou culpada — respondeu Maria com tristeza. — Não o vigiei bem.

— Pelo menos Ksiénia, minha filha mais velha, conseguiu o que queria — disse a mãe —, e eu me alegro com isso... Quando eu tive Ksiénia, ainda havia pão e toucinho à vontade; no almoço, comíamos uma libra inteira de toucinho... Naquele tempo, eu era jovem, bem alimentada, e seu pai, Kólia, também era jovem e bonito. Chura e Kólia nasceram quando nossa vida ainda era farta, mas foram criados durante a fome... Mas você, Vássia e, especialmente, Jórik vieram da fome...

Então se ouviram batidas na porta e um homem de meia-idade entrou:

— Remendou minha camisa militar? — perguntou ele.

— Remendei — respondeu a mãe —, mas veja, Saviéli, que alegria inesperada eu tive... Minha filha Maria chegou...

— Que bom — disse Saviéli —, as crianças pequenas devem ficar perto da mãe...

Maria passou a morar com a mãe, habituou-se à nova vida e à cidade de Kertch. E era uma cidade tão bonita que, depois dela, seria difícil morar em qualquer outra. Ela não lamentaria se tivesse que viver ali até morrer. As pessoas em volta tinham pena de Maria. Saviéli e Matvéievna eram bons e Klávdia gentil, apenas Olga era um pouco desagradável. Sua mãe também não gostava de Olga. Sem querer Maria a ouviu dizer a Matvéievna:

— Olga está descontente por minha filha ter vindo morar comigo. Ela diz que tem três filhos na aldeia e também deveria trazê-los para cá... E que aqui ficou apertado...

— Não faz mal — respondeu Matvéievna —, não é Olga quem manda aqui, mas a sociedade... Deixe Maria ficar por enquanto... Mas no outono que vem será preciso colocá-la na escola, senão seria como se ela vivesse no antigo regime... Será que foi para isso que a revolução bolchevique e o finado Lênin lutaram?

— Mas, quando ela morava comigo, estudou três anos — respondeu timidamente a mãe.

— É pouco — disse Matvéievna. — Eu e você, por exemplo, somos ignorantes... E o que conseguimos? Cavar terra... Nossos filhos deveriam ser médicos e engenheiros...

— Uma das minhas filhas, Ksiénia, vive ricamente em Vorónej — gabou-se a mãe. — Ela é uma beldade, como eu fui nos anos de juventude... Seu marido é um técnico ferroviário. Maria foi visitá-la, comia até se fartar, e ganhou dela um lenço, botas de feltro e um casaco acolchoado.

— Não foi Ksiénia quem deu o casaco acolchoado, foi a tia Sofia, de Lgov — disse Maria.

— Não interrompa quando os mais velhos estão falando — disse a mãe, brava. — Eu a mimei muito, Matvéievna... Ela foi viajar com Vássia, meu filho mais novo, descuidou-se dele e ele se perdeu.

— Vássia não é o mais novo, é Jórik — disse Maria —, que uma tia levou embora, em Dimítrov, quando você nos deixou para vender seu xale e comprar ameixas secas na feira.

— Está querendo voltar amanhã mesmo para nossa vila? — perguntou a mãe, brava. — Viajou bastante, eu vejo, e se encheu de malícia.

Matvéievna apoiou a mãe:

— Não irrite sua mãe, ela trabalha por você.

Então Maria se desculpou por sua grosseria, e elas a perdoaram.

Essa conversa aconteceu por volta do terceiro mês de convívio de Maria com sua mãe, e foi a primeira vez que ela ficou zangada com a filha. Já a havia repreendido por causa de Vássia, mas era a primeira vez que se zangava de fato. Na manhã seguinte ao ocorrido, Maria dirigiu-se à cidade de Enikalé, que era contígua a Kertch, como Dimítrov à vila de Chagaro-Petróvskoie. É preciso notar que, àquela altura, Maria já frequentava Enikalé em busca de esmolas, pois, embora morasse com sua mãe, continuava com fome. Em Kertch, Maria tinha medo de que Matvéievna pudesse vê-la, mas, em Enikalé, ninguém a conhecia. Ela escolhia as casas mais ricas para pedir comida, onde moravam judeus, gregos ou tártaros, e eles lhe davam. Costumava caminhar pela areia da praia, respirava o vento marítimo e alegrava-se, revigorando-se, pois mesmo quem sofre de tifo ganha um aspecto saudável perto do mar. Nessa época, Maria aprendeu a nadar no mar e o fazia tão bem quanto no rio. Ela já tinha seu próprio caminho de Kertch a Enikalé. A areia longe do mar era macia e quente; perto do mar, dura e fresca; a água era limpa, deixando visíveis todas as pedrinhas ao fundo; ao longe, se elevavam duas rochas e, mais ao longe, se avistava o monte Mitrídates. Nesse dia, Maria resolveu banhar-se, pois era primavera e, nessa época do ano, o sol ali era tão quente como no verão de Khárkov. Maria olhou em volta e não viu ninguém; tirou o vestido — não usava calcinha devido ao calor — e correu para a água, e de repente notou que seus seios, embora não fossem iguais aos de Ksiénia, já não eram dois montículos e o mamilo estava saliente, não parecia mais uma espinha. As pernas se fundiam à barriga de forma tão bela que ela sentiu vontade de acariciá-las, sem mais ter vergonha de se olhar à luz do dia... Maria, porém, não se deu conta de que um grego a espiava, antigo proprietário de uma cafeteria de Enikalé, agora funcionário de uma associação de alimentação popular. Após o desjejum, o grego gostava de passear ao longo da praia, munido de um binóculo marítimo, na esperança de flagrar uma mulher nua. Ele viu Maria e a desejou. Quando ela terminou de se banhar e se vestiu, fresca, limpa e cheirando a mar, o grego se aproximou:

— Menina, aonde você vai?

— Eu vou esmolar em Enikalé — disse Maria.

— Você não tem vergonha? — disse o grego. — Uma menina tão bonita... Ah, isso não é bom... Venha comigo, eu vou lhe dar carne assada, você quer?

Maria olhou para o homem, que era bonito e rico e não era russo, e sentiu vontade de comer carne assada com ele. Foi até a casa dele, na cidade de Enikalé. Lá havia tapetes por toda parte e um cheiro doce e agradável, que

também não era russo. Uma velha trouxe um prato quente de carne assada, salpicada com pó vermelho. Maria deu uma mordida e sentiu sua garganta queimar, o que fez o grego desatar numa risada:

— É pimenta grega... Fogo em pó...

Maria se empanturrou de carne e bebeu tanto vinho doce que o grego mandou a velha tirar a garrafa, que se tornou inútil. A menina se deitou no tapete macio, e o grego deitou-se ao lado dela. E Maria conseguiu dele o que queria, o que Ksiénia tomava do amante e do marido e o que Gricha, o guia, tomara dela no celeiro escuro. Ouvindo sua própria voz, melodiosa, emitindo gemidos de alegria, Maria agarrou-se ao grego, um homem bem nutrido, belo, não russo, usufruindo de sua força para obter prazer, o dia todo, a noite toda, a madrugada toda.

— Como foi fraco o teu coração — disse o Senhor através do profeta Ezequiel —, tu fizeste essas coisas como uma meretriz indômita.[77]

Desde a infância, Maria vivenciou o segundo flagelo do Senhor, a fome, mas a fome prazerosamente saciada tem poder de embriagar, de excitar o corpo, e o segundo flagelo foi superado pelo terceiro: o animal feroz, a luxúria, o adultério.

Maria não se afastou do grego até a manhã seguinte, e teria ficado ali por mais tempo se ele não tivesse dito:

— O normal é que o homem viole a mulher, e não o contrário... Você é uma menina tola, comeu muito da minha carne e tenta violar a mim, um homem grego...

Ele expulsou Maria, sem sequer lhe oferecer comida na despedida. Triste e faminta, ela regressou a Kertch, pois a energia obtida com a carne assada havia sido gasta no grego. Maria chegou receosa à caserna dos trabalhadores — o alojamento de tijolos vermelhos onde sua mãe morava —, pensando numa forma ardilosa de esconder de sua mãe o que havia acontecido, assim como escondera a violência que Gricha lhe fizera no celeiro e o sujeito de ceroulas que o marido de Ksiénia havia flagrado. No entanto, esconder isso era mais fácil por ter acontecido quando Maria estava sozinha, em terra estranha, mas agora ela morava com sua mãe. Com tais pensamentos, Maria se aproximou da caserna, subiu a escada de ferro e no corredor encontrou Matvéievna, que disse, em pranto:

— Onde você se meteu? Nós a estávamos procurando. Sua mãe foi atropelada por um trem, e agora você é órfã.

No início, ela não pôde atinar com o que Matvéievna dizia. Quando caiu em si, sentou-se no chão, no corredor perto da porta. Enquanto isso, sua mãe jazia em

um caixão de pinho, colocado sobre a mesa de refeições do alojamento, entre as quatro camas. Muitos vieram se despedir, principalmente mulheres, mas também alguns homens, amigos de Saviéli, que construíra pessoalmente o caixão.

— Por que você está sentada aqui? — Olga perguntou, brava, assoando o nariz com um lencinho e enxugando os olhos. — Por que não vai se despedir de sua mãe?

Maria, porém, continuava sentada no corredor, perto da porta, sem ter nada a dizer. Apenas entreabriu a porta, uma pequena fresta, pela qual viu o topo da cabeça imóvel de sua mãe, envolvido no lenço branco de Matvéievna. Olhou por um minuto ou dois e fechou a porta. Passou um bom tempo, talvez uma hora, até que ela alargasse um pouco mais a fresta e visse a testa branca de sua mãe sob o lenço de Matvéievna. Maria voltou a fechar a porta e ficou longo tempo sentada, sem nada dizer, então tornou a abri-la, um pouco mais, e viu uma vela acesa colocada nas mãos de sua mãe, cruzadas sobre o peito. Encostou a porta novamente e continuou sentada no corredor, mesmo com as súplicas de Matvéievna e Saviéli para que ela entrasse e se despedisse. Maria abriu a porta ainda três ou quatro vezes, cada vez a abria mais, até encarar sua mãe de frente, deitada no caixão com o lenço branco de Matvéievna, a vela nas mãos, e o vestido preto de lã que usava nas festas de família, no sítio Lugovoi... E Maria lembrou que, ao atravessarem o *zakáz* a caminho da aldeia de Popovka, indo à casa de seus avós, na Páscoa, quando seu pai ainda vivia, Vássia estava em casa e era pequeno como Jórik e Jórik não havia nascido, era aquele vestido preto de lã que sua mãe usava... Assim que viu sua mãe por inteiro, Maria aceitou o fato, escancarou a porta e entrou no quarto para se despedir. Os pés descalços da mãe estavam brancos, assim como o rosto e as mãos. Apareceram muitas crianças do alojamento, e até de outros prédios, acompanhadas por seus pais, e a todas elas Matvéievna deu maçãs, bolachas doces e avelãs da Crimeia.

Assim Maria ficou sem mãe, e ninguém sabia o que fazer com ela. Embora todos que a rodeassem fossem gentis, para Maria não passavam de estranhos, assim como Maria em relação a eles.

— É preciso mandá-la para a casa de seus irmãos — disse Saviéli. — Você quer ficar com seus irmãos? — perguntou a Maria.

— Não — ela respondeu. — Chura e Kólia, que moram no sítio, estão passando fome; em relação a Ksiénia, que mora em Vorónej, seu marido, o técnico ferroviário Aleksei Aleksándrovitch, não gosta de mim.

— Então pode ir para um orfanato — disse Matvéievna —, aqui em Kertch temos um bom orfanato.

Maria começou a chorar.

— O orfanato é a coisa que mais temo na vida — disse ela.

— E o que você quer? — disse Matvéievna. — Nessa idade, não se pode ficar sozinha, porque você pode seguir um caminho ruim e acabar no roubo ou na prostituição, ou até nas duas coisas.

Maria respondeu:

— Nunca em minha vida roubei nada, somente pedi. Eu não consegui livrar Vássia do roubo e sei que sou culpada. Mas prostituição eu não sei o que é.

Saviéli riu e disse:

— É quando uma mulher devassa faz por dinheiro o que uma mulher legítima faz de graça.

— Ah, sem-vergonha — disse Matvéievna. — Dizer isso na presença de uma menina...

No entanto, Maria compreendeu do que se tratava, pois agora era entendida nesse assunto, e pensou: “Então o que Ksiénia faz com Aleksei Aleksándrovitch é uma coisa, e o que eu fiz com o grego é outra... Aquilo é permitido, mas isto é comparável ao roubo e deve ser bem escondido”.

Saiu do quarto apavorada com a ideia de suspeitarem do grego de Enikalé e angustiada ante a necessidade de evitar o orfanato de Kertch. De toda maneira, havia decidido ficar em Kertch, porque era uma cidade boa, quente e próxima do mar, que, até então, ela nunca tinha visto. Até sair de Dimítrov pela primeira vez, com sua mãe e Vássia, ela nem sabia o que era uma locomotiva. Agora Maria sabia o que era navio a vapor, chalana e muitas outras coisas, pois passou a pedir esmola no porto. Algumas vezes ela fazia com os marinheiros o que deveria ser bem escondido e era comparável ao roubo, mas depois uma mulher bateu nela com mais força que a mulher de Kursk, e Maria parou de frequentar o porto. Além disso, os marinheiros faziam tudo muito depressa, sobre bancos duros ou no chão, e ela não conseguia usufruir de sua força viril para obter prazer, como se dera com o grego. E não lhe pagavam com carne assada, mas com pão ou peixe seco, o que se poderia conseguir esmolando, sem fazer o que era comparável ao roubo. Após ter apanhado no porto, ela até perdeu a vontade de fazer tais coisas, mas não o desejo de, pelo menos mais uma vez, gemer melodiosamente de prazer, como gemia sua irmã Ksiénia com o marido e o amante e como ela mesma gemera com o grego, que, sem que ela soubesse o porquê, na manhã seguinte ficara zangado e descontente.

Maria não voltou ao alojamento depois da morte de sua mãe, por medo de que Matvéievna a forçasse a ir para um orfanato. Dormia onde podia, já que a

primavera em Kertch era quente e, quando chovia, sempre era possível se proteger embaixo de um alpendre.

Em uma noite mais quente, ela resolveu pernoitar na praia, sob um alpendre, porque, com o céu estrelado, às vezes caía uma chuva rápida, que sussurrava no teto por um ou dois minutos, silenciava e então tornava a sussurrar por cinco ou dez minutos. A lua sobre o mar em nada lembrava a lua soturna e toldada de Khárkhov, que, quando brilhava, era como se fosse acometida por uma febre de tifo, o que só agradava na ausência de coisa melhor, e cujos jogos de luz só eram comparáveis aos da lua de Kursk, esta totalmente esquálida e severa. Em seu esplendor, a lua sobre o mar não era inferior à de Poltava e ainda a superava muitas vezes em dimensão. Assim como a lua de Khárkov e a de Kursk, que se firmavam sobre o campo ou sobre o *zakáz*, a lua de Poltava se fixava solidamente no céu, mas a lua sobre o mar parecia sempre estar a ponto de cair. Como se a qualquer instante pudéssemos ouvir o estrondo de sua queda no mar. Ela não caía, mas a expectativa de uma queda iminente atormentava o coração.

Nessa noite, o coração de Maria estava especialmente atormentado, o que poderia ser explicado pelo fato de quase não ter recebido esmola nesse dia e por estar com fome, mas também pelo ruído diferente que a chuva fazia, como se estivesse conversando com o alpendre, se calasse para refletir e então voltasse a falar. O céu estava coberto por grandes estrelas do Sul e a lua se mostrava tão instável e tão grande que parecia se recostar no mar — se alguém fechasse os olhos, poderia ouvir o estrondo da queda e, ao abri-los, a lua não estaria mais no céu. Nesse estado de espírito, Maria não conseguia dormir. De repente, ela ouviu passos de alguém à beira do mar que estalavam com pedrinhas molhadas. Ela olhou e percebeu que era um homem. “Irei até ele e pedirei pão,” pensou, “se não der, talvez eu me deite com ele sob o alpendre e, em troca, ele me dará pão ou peixe seco.” Maria se aproximou do homem e reconheceu o forasteiro de Khárkov, que ali, em Kertch, onde ela, depois da morte de sua mãe, vivia em completa solidão, não parecia um estranho. E disse Maria, estendendo as mãos para ganhar uma esmola:

— Senhor! Jesus Cristo! Filho de Deus!

E Dã, da tribo de Dã, a Áspide, o Anticristo, respondeu:

— Não é a mim que chamas, mas a meu Irmão, da tribo de Judá. Eu sou Dã, da tribo de Dã, o Anticristo, o Filho de Deus enviado para a Maldição, pronunciada pela primeira vez na montanha de Ebal. Ainda não chegou a hora da Bênção, pronunciada pela primeira vez na montanha de Garizim, por isso meu Irmão Jesus, da tribo de Judá, não responderá...

Maria não entendeu o que foi dito, porque não possuía razão, e não havia nada nas palavras de Dã, o Anticristo, que pudesse ser compreendido sem o uso da razão. E ela começou a chorar. Então Dã, a Áspide, o Anticristo, perguntou:

— Por que estás chorando?

— Meu pai morreu há muito tempo — disse Maria —, e minha mãe acabou de morrer. Meus irmãos me rejeitaram e eu perdi meu irmão mais novo, Vássia, em Izium, e agora não há ninguém para cuidar de mim e eu não tenho de quem cuidar... Estou sozinha...

Dã respondeu a ela:

— Tem piedade de tua mãe, chora por ela, mas esse choro não trará alívio. Ela não morreu por ação dos homens, pois o Senhor também julga sem indulgência o pobre... Até monstros dão o seio às suas crias para amamentá-las, mas a filha do povo tornou-se cruel como avestruzes no deserto. A língua do bebê gruda na garganta de tanta sede, e as crianças pedem pão, mas ninguém o dá.[78]

Assim disse Dã, a Áspide, o Anticristo, através do profeta Jeremias, então tirou de sua bolsa de pastor o pão impuro do exílio, legado pelo profeta Ezequiel, e o estendeu à Maria. Dessa vez, ninguém lhe tirou o pão, sobre o qual o Senhor disse:

“Come-o como se fosse pães de cevada e asse-o à vista deles com excremento humano...”.[79]

Então o Senhor disse:

— Assim os filhos de Israel comerão o pão impuro, entre os povos pelos quais Eu os espalharei.[80]

O profeta Ezequiel, no entanto, convenceu o Senhor a assar o pão do exílio em estrume de vaca, e não em excremento humano.

E Maria, a menina mendiga, através do pedaço de pão impuro do exílio, uniu-se ao desígnio de Deus, e todos os que a conheceram e a depravaram, mesmo por ordem divina, tornaram-se detestáveis ao Senhor, e todos os que a ajudaram, mesmo por vontade própria, e não divina, tornaram-se agradáveis a Ele. Através do pão impuro do exílio, Maria uniu-se a um povo estranho, como Tamar[81]se unira a Judá, e Rute, uma moabita, se unira a Boaz, que era de Belém, uma cidade judia. Maria não escolheu, mas foi escolhida. E Dã, a Áspide, o Anticristo, uniu-se à Maria através do terceiro flagelo do Senhor, o único dos quatro flagelos a que ele estava vulnerável em seu caminho terreno.

Eles se deitaram sob o alpendre, o mar rumorejava na escuridão, a chuva sussurrava por alguns minutos e silenciava, e Maria respondia a esses sons

vindos de várias direções com gemidos alegres e melodiosos. De repente, ela ouviu um estrondo na água, como se um peso insustentável tivesse caído no mar. Ela olhou por baixo do ombro ossudo de Dã, o Anticristo, e percebeu que a lua tinha sumido. De repente tudo silenciou, o mar e a chuva se calaram, como se os dois refletissem; Maria enrodilhou-se como uma rosca, como dormem os desabrigados sob o friozinho da manhã, e adormeceu, acalentando a semente ainda fresca do sexto filho de Jacó, estranha ao seu ventre eslavo. Afastando-se da menina adormecida, Dã, o Anticristo, saiu andando ao longo da praia.

Dã se encontrava perto de sua terra natal, pressentia isso, e seu coração batia como bate o coração do filho pródigo diante da porta paterna. Caminhava sobre Panticapeu,[82] terra helênica, onde, antes do nascimento de seu Irmão, Jesus, os helênicos haviam construído seus povoados ao pé do monte Mitrídates. E, por haver algo de helênico, Dã já se sentia em terra própria, pois, embora fossem hostis ao seu povo, os helênicos não eram estranhos a ele; da mesma forma, dois povos podem ser estranhos um ao outro, mas não hostis, ou podem ser tanto estranhos quanto hostis... Assim como não existem dois homens iguais, cada um é bom para si mesmo, não existem dois povos iguais, e os povos, como os homens, dependem de seu destino. Alguns povos convivem pacificamente, enquanto outros não têm uma relação agradável, apesar de estarem ligados entre si pelo destino, assim como se dá entre os homens...

Ainda não tinha amanhecido, mas o trabalho da alvorada estava no auge de suas forças quando Dã, da tribo de Dã, a Áspide, o Anticristo, parou para descansar perto de Enikalé. No mesmo lugar em que Maria se banhara e pela primeira vez admirara seu corpo repleto de força feminea. O lugar realmente era magnífico, o mar translúcido da manhã fazia reluzirem como joias as pedras que surgiam da água nos bancos de areia, mas a força inerte das rochas, vinda da água, lembrava a quem o doce rumor das ondas na calma matinal deslumbrava que na beleza do mar, como em toda beleza desmedida, predomina a crueldade, e a crueldade só pode ser admirada por uma alma abatida. A beleza do mar não é humana, assim como a beleza do cosmo. Para o homem, a grandeza espiritual não se acha no mar, nas rochas ou no mundo absoluto, mas no campo, na relva, no riacho, no céu terreno... A bíblia surgiu perto do mar, mas quase todas as suas ações acontecem longe dele, entre vales e rios, entre pastagens, em cidades do interior, e não da costa. E será que os feudos das principais tribos dos filhos de Jacó, que desencadearam as grandes paixões bíblicas, estavam distantes do mar por acaso?... O Senhor apareceu a Abraão numa colina e a Moisés numa sarça,[83]

Moisés conversou com o Senhor no monte Sinai, no deserto, e um Anjo apresentou-se a Jacó numa sarça... O homem mora ao lado do mar, vive graças a ele, admira-o, mas o mar só pode lhe ensinar o que é ser forte, porém cruel; belo, porém mau; grandioso, porém sem coração... Não foi por acaso que, entre todas as tribos de Israel, somente a de Dã, incumbida de conceber o Anticristo, possuía seu feudo perto do mar. De Hetalon a Emat e até Haser-Enã,[84] do leste ao oceano estendiam-se as terras de Dã, criado para amaldiçoar os feitos dos homens. Depois de cinco feudos, achava-se o de Judá, de onde surgiu Cristo, enviado para abençoar. Jesus, da tribo de Judá, foi levado ao mar pelo infortúnio; veio para operar milagres, para andar sobre as águas como se andasse sobre a terra, mas sua alma continuava no deserto, no rio Jordão, na Cidade Santa...

Seu irmão, Dã, da tribo de Dã, o Anticristo, cujo feudo ficava perto do mar, não se acalmou na costa. No mar só é possível se alegrar desprovido de razão: a razão absorve o tormento das águas.

Dã, o Anticristo, olhou para o monte Mitrídates: atrás das ruínas da Fortaleza Genovesa medieval, o sol se levantava numa faixa de luz estreita e afiada, cortando, como uma espada, nuvens sombrias, encharcadas de sangue, de modo que, se fossem espremidas, despejariam no mar uma chuva rubra, até se consumirem e se transformarem em nuvenzinhas tão leves que mesmo uma brisa seria capaz de levá-las... Ele viu os últimos pingos de sangue caírem da espada ao mar e as faixas sangrentas da alvorada surgirem sobre as ondas. E Dã, a Áspide, o Anticristo, disse consigo, através do profeta Jeremias:

— Minhas entranhas, minhas entranhas! Sinto uma tristeza no fundo do coração, meu coração se agita dentro de mim, não posso calar-me, pois tu ouves, minha alma, o som da trombeta, o clamor da batalha...[85]

Então ele pronunciou de novo as palavras do profeta Jeremias:

— Eles renunciaram ao Senhor e disseram: “Ele não existe; nenhuma desgraça nos atingirá, não veremos a espada nem a fome”.[86]

E Dã, o Anticristo, uma criança judia que amadureceu através de caminhos terrenos e se transformou num jovem, disse:

— Faz anos que o Senhor os castiga com o segundo flagelo — a fome —; que se sentem sempre indefesos diante do terceiro flagelo — o animal-adultério —; e que se torturam com o quarto — a espada —, que agrega todos os outros... Como disse o Senhor: “Toda a terra será assolada, mas a destruição não será completa”.[87]

Dizendo isso, Dã, o Anticristo, seguiu adiante, para continuar executando a

Maldição prescrita pelo Senhor. O caminho que lhe fora indicado o conduzirá à cidade de Rjév, um local totalmente diverso, para visitar outros destinos humanos. Embora ele só devesse aparecer em Rjév após seis anos, no ano 1940 depois do nascimento de seu Irmão Jesus, da tribo de Judá, Dã sumiu rapidamente daquelas paragens e, por mais que Maria o procurasse, não pôde encontrá-lo.

Condenada por prostituição e vadiagem, Maria teve o filho de Dã, o Anticristo, no hospital da prisão. Conforme a medicina, o bebê não sobreviveria, pois a mãe era uma menina e estava exaurida; no entanto, ele sobreviveu e Maria o chamou de Vássia, como seu irmão perdido. O bebê tinha olhos profundamente pretos e seu narizinho não eslavo quase tocava no lábio quando ele sorria à mãe. Quando dava o peito à sua boca ávida, entregando-lhe toda a seiva de seu corpo, obtida com dificuldade da pobre sopa prisional, Maria gemia de forma tão alegre e melodiosa que o médico da prisão dizia:

— Isso é algo doentio... Será que ela não esconde uma sífilis?

— Ela deve ter se deitado com um *jid*, ou com algum georgiano ou armênio — dizia a auxiliar de enfermagem da prisão, que tinha aversão à Maria por ela ter tido um filho judeu...

Tiraram-lhe Vássia, seu filhinho de olhos pretos, e o entregaram a um orfanato. Depois disso, Maria não quis mais viver; morreu aos quinze anos no hospital da prisão, em 23 de fevereiro de 1936, e foi enterrada sem caixão. No mesmo dia, seu nome foi retirado da lista de racionamento da prisão e seu processo arquivado.

4 Isaías 17:12.

5 Gênesis 2:19.

6 Segundo classificação de Agostinho, os profetas maiores, os que escreveram mais, são Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel; os menores, Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias (os doze últimos livros proféticos do Velho Testamento).

7 Gênesis 49:8–10.

8 Gênesis 49:16, 17.

9 O monte Garizim (atual Cisjordânia) é separado do monte Ebal (hoje chamado Jebel et-Tor) por um vale; ficam frente a frente. Moisés ordenou que os judeus, após atravessarem o rio Jordão, fossem aos montes Ebal e Garizim: “Após ter atravessado o Jordão erigireis estas pedras, conforme hoje vos ordeno, sobre o monte Ebal, e as caiarás [...]” (Deuteronômio 27: 4). (*Bíblia de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 290)

10 Deuteronômio 27: 15.

11 Baruc 6 (Carta de Jeremias): 7, 45, 5.

12 Jeremias 37: 15.

13 Jeremias 38:10–12. Após ter ficado no pátio da guarda, por ordem de Zedequias (Matanias), último rei

de Judá, com Israel cercada pelas tropas de Nabucodonosor (632 a.C–562a.C), rei da Babilônia, Jeremias ainda foi jogado num poço.

14 Nikolai Gógol (1809–1852), em crise nervosa, queimou a segunda parte de *Almas mortas* duas vezes: em 1845 e, depois de refeita, em 1852, morrendo algumas semanas depois. A obra, portanto, permaneceu inacabada.

15 "Ainda que eu envie a Jerusalém meus quatro castigos terríveis, a saber, a espada, a fome, os animais ferozes e a peste [...] sobrará nela um resto que conseguirá escapar [...]" (Ezequiel 14:21). (*Bíblia de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 1498).

16 Ezequiel 5:16.

17 1933 foi o ano da implantação da coletivização na URSS, quando as propriedades dos camponeses foram confiscadas e agrupadas em cooperativas (colcozes). Houve também a apreensão de animais e de cereais. Na Ucrânia, instalou-se o que ficou conhecido como *Golodomor* (em tradução literal, "morte pela fome").

18 Jeremias 8:20.

19 Jeremias 4:23.

20 No original, *udárniki* (de *udar*, "golpe", "choque"), trabalhadores soviéticos que alcançavam os melhores resultados em suas tarefas, que batiam recordes de produção. Para estimular os operários a produzir, havia propagandas, competições e até gratificações em dinheiro.

21 Boris Godunóv (1551–1605), regente e depois tsar da Rússia.

22 Vladímir Korolenko (1853–1921), escritor e jornalista, conhecido como a "consciência da Rússia".

23 Jeremias 4:22.

24 GPU, acrônimo de *Gossudárstvennoie Politítcheskoie Upravlênie* (Direção Política de Estado). Um dos órgãos de segurança da URSS, antecessor do KGB.

25 Salmos 6:5, 4.

26 Duas caixinhas quadradas de couro em que se deposita um pergaminho com quatro parágrafos da Torá: *Shemá Israel*, *Vehayá Im Shamoa*, *Cadêsh Li* e *Vehayá Ki Yeviachá*. As caixinhas são fixadas no corpo por meio de tiras pretas de couro.

27 Conforme calendário judaico, o mês de Aviv é o mês da primavera, o primeiro do ano.

28 Escada que desce da Cidade de Davi. Após a grande destruição de Jerusalém (586 a.C.), durante o reinado de Zedequias, pelas tropas de Nabucodonosor, os habitantes que restaram na cidade reconstruíram suas muralhas com suas doze portas (Neemias 3): Porta das Ovelhas, dos Peixes, Velha, do Vale, do Esterco (Monturo), da Fonte, do Cárcere, das Águas, dos Cavalos, do Oriente, da Atribuição, de Efraim.

29 Neemias 8:5.

30 Após sua conversão para o cristianismo, Saulo de Tarso torna-se também Paulo, um dos apóstolos de Jesus Cristo: "Então Saulo, que também se chamava Paulo, repleto do Espírito Santo, fixando nele os olhos, disse [...]" (Atos dos Apóstolos 13: 9). (*Bíblia de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 1925)

31 Camponês abastado.

32 Apelido de Vassíli.

33 Chura é apelido de Aleksandra.

34 No original, *khata*, casebre de camponeses na Ucrânia e na Bielorrússia.

35 *Zakáz* significa "encomenda", mas também designa uma área florestal onde o desmatamento e a caça são proibidos.

36 Seguidores do general Anton Deníkin (1872–1947), líder do exército Branco, opondo-se aos bolcheviques.

37 Membros do exército da República Popular da Ucrânia, sob a liderança de Simon Petliura (1879–1929). Figura controversa, Petliura esteve ligado a *pogroms* na Rússia tsarista. Foi morto em Paris por Shalom-

Shmuel Schwarzbard (1886–1938), anarquista e poeta judeu nascido na Bessarábia.
38 Durante a URSS, muitas igrejas foram desapropriadas, ganhando outros usos, como museus, depósitos e moradias.
39 *Khristós voskries*, "Jesus ressuscitou", é a expressão usada na Rússia como felicitação pela Páscoa.
40 A estufa (*piétchka*) pode ser constituída de uma grande estrutura com fogão embutido. Em cima dela, costumavam dormir em dias frios.
41 O *raznotchínets* era um intelectual que não pertencia nem à nobreza nem ao povo. Desligado de suas raízes, o tipo se reflete em vários heróis de Fiódor Dostoiévski, como na personagem de Raskólnikov de *Crime e Castigo* (1866).
42 Jeremias 1:5.
43 Jeremias 1:7.
44 Isaías 41:10.
45 Jeremias 1:9.
46 Jeremias 5:12.
47 Isaías 33:11.
48 Isaías 49:15.
49 Jeremias 28:13 (adaptado).
50 Isaías 62:4 (adaptado).
51 A cidade natal de Amós, Técua, pertencia à tribo de Judá e é identificada ao sul de Jerusalém.
52 Amós 4:6, 7.
53 Bebida obtida da infusão de levedura e pão de centeio torrado.
54 Sopa de origem ucraniana feita com beterraba, repolho, batata e carne.
55 Alusão a Stálin.
56 Isaías 44:10, 12–17.
57 Isaías 44:19.
58 Baruc 6 (Carta de Jeremias):58 (adaptado).
59 Membro da Tcheká, primeira polícia secreta do governo bolchevique. Foi criada em 1917 e substituída pelo GPU em 1922.
60 *Izium*, em russo, significa "uva-passa".
61 Apelido de Ivan.
62 Personagem do folclore eslavo, Iliá Múromets é herói de muitas *bylinas* (narrativas épicas medievais eslavas).
63 *Jid*, termo pejorativo para designar judeus.
64 *Kahal*, do hebraico, era a forma de organização da antiga sociedade de Israel e hoje designa uma congregação de pessoas.
65 Aliocha Popóvitch é um personagem das lendas populares eslavas. Stepan Rázin (1630–1671), cossaco de Don, liderou as insurreições dos anos 1670 e 1671. Emelian Pugatchóv (c. 1742–1775) comandou um levante cossaco no reinado de Catarina II, acontecimento descrito na novela *A filha do capitão* (1836), de Aleksándr Púchkin. Ermák Timoféievitch (1531–1585) foi o líder cossaco que conquistou a Sibéria.
66 Isaías 66:13, 14.
67 No original, em ucraniano: *Nitch iaka missiátchna* (1870). Canção popular com música de Mikola Líssenko (1842–1912) e letra de Mikhail Starítski (1840–1904).
68 Apelido de Valentina.
69 Sátira da canção "Carta a Vorochílov" (1938). Kliment Vorochílov (1881–1969) e Semion Budiónni (1883–1973), militares soviéticos, participaram da Guerra Civil (1918–1921).

70 Isaías 54:11, 12.
71 Isaías 58:7.
72 Neemias 13:26.
73 Jeremias 3:2, 3.
74 Ezequiel 16:25.
75 Kólia é apelido de Nikolai.
76 Isaías 65:1.
77 Ezequiel 16:30.
78 Lamentações de Jeremias 4:3, 4.
79 Ezequiel 4:12
80 Ezequiel 4:13
81 Personagem do Velho Testamento, Tamar casou-se com dois filhos de Judá (filho de Jacó): Her e Onã, ambos mortos por castigo de Deus. Depois, Judá a encontrou e, sem reconhecê-la e confundindo-a com uma prostituta, engravidou-a.
82 Antiga colônia grega (séc. VI a. C.), a cidade de Penticapeu, na Crimeia, foi fundada junto ao monte Mitrídates.
83 Do Velho Testamento, arbusto que ardia sem se consumir através do qual Deus surgiu a Moisés, que foi encarregado de libertar os hebreus da escravidão egípcia.
84 “Eis os limites da terra: do lado do norte, desde o Grande Mar: o caminho de Hetalon até a entrada de Emat, Sedada, Berota, Sabarim, que fica entre os limites de Damasco e os de Emat, Haser-Ticon, junto à fronteira de Aurã. Os limites irão desde o mar até Haser-Enã, tendo ao norte o território de Damasco e o território de Emat” (Ezequiel 47: 15, 16, 17). (*Bíblia de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 1549)
85 Jeremias 4:19.
86 Jeremias 5:12.
87 Jeremias 4:27.

II

A vida repete a vida, o destino imita o destino, como o dia repete o dia e a noite imita a noite... O que é a existência senão repetição e imitação? O dia substitui a noite, a noite substitui o dia. A primavera imita a primavera, o outono imita o outono, e a base de toda imitação, ou seja, a existência, é uma ordem racional. Esse é o classicismo de Deus. O destino de Isaac imita o destino de Abraão, o destino de Jacó o de Isaac. Tudo o que é mais sublime, que vive através da razão divina, se repete e vive da imitação, assim como tudo o que é mais terreno e vive através do instinto divino. O classicismo é a imitação do Senhor pela razão ou do mundo do Senhor pelo instinto. O profeta imita o Senhor; o povo, o mundo do Senhor. Mas, quanto mais se desenvolver a sociedade, mais inovações haverá e menos classicismo. No começo, aparece o dogma. O classicismo morre, desfigurado por adoradores decadentes. O inovador, que não possui forças para lutar contra o classicismo vivo, lança-se sobre o cadáver e celebra a vitória... E então, conforme a profecia do profeta Jeremias, que destruiu o jugo de madeira, sobrevém um jugo de ferro. Assim surge o profeta-inovador, que deseja viver pelo instinto, e o povo-inovador, que deseja viver pela razão. O profeta-inovador, desejoso do instinto, cria o materialismo idealista, a utopia social eclética e o idealismo místico-materialista; o povo-inovador, desejoso da razão, cria o homem-deus e a idolatria — nos seus melhores momentos, o homem torna-se ateu e, nos seus piores, idólatra... Cada um almeja criar o que lhe é próprio e dizer algo de único. No entanto, os patriarcas não buscavam o que era conveniente a eles, mas a Deus, e os profetas não falavam de si mesmos, mas de Deus... O pequeno povo pastoril era tão maldoso quanto os outros povos, grandes e pequenos, próximos ou afastados de si no espaço e no tempo. Ele só se distinguia dos outros por seus patriarcas e profetas, e por meio deles foi escolhido pelo Senhor. E assim disse o profeta Jeremias:

— Teus caminhos e tuas ações é que te causaram isso. Foi tua maldade que fez a amargura atingir teu coração.[88]

E disse o profeta Isaías:

— Nossas iniquidades nos arrastam como vento [...][89]

No entanto, os homens depositam muitas esperanças na inovação e contam com a variedade de destinos. Então a imitação, da qual desviaram a felicidade que dependia deles, caiu sobre eles como uma desgraça que deles não dependia.

Parábola dos suplícios dos ímpios

Na cidade de Rjév, na região de Kalínin, em 1940, vivia uma menina de nome Ánnuchka.[90] Sua mãe também era chamada Ánnuchka. E a menina sabia seu sobrenome — Emeliánova. Ela tinha um irmão chamado Ivan, que todos, sem saber por quê, conheciam por Mítia,[91] e ainda um irmãozinho, Vova,[92] de dois anos. Ánnuchka, porém, não tinha pai, que fora morto na Guerra da Finlândia,[93] já que Rjév é uma cidade do Norte, e muitos homens do Norte foram enviados à guerra. Ánnuchka havia nascido nessa região, mas não em Rjév, e sim no distrito de Zubtsóv, na aldeia de Nefiédovo. Ánnuchka lembrava que, quando morava em Nefiédovo, de manhãzinha, no verão, com o sol acalentando a aldeia, gostava de sair da cama só de camisola, sonolenta, e acomodar-se na terra, ao lado da isbá, para terminar de embalar seu sono. No entanto, agora o endereço de Ánnuchka era: cidade de Rjév, 3º setor, barracão nº 3, quarto nº 9. Com tal endereço, não era possível se acomodar, ao lado da isbá, sob o sol da manhã. O barracão em nada parecia uma isbá. Havia um cheiro ruim, que não era de lenha forte, mas de argamassa e de tábuas podres. A terra em frente não era macia, mas seca e áspera, e as poças, que demoravam a secar, ensopavam pedaços de jornal, tijolos quebrados e trapos ensebados. Do aeródromo, onde a mãe de Ánnuchka tinha um emprego na construção, vinham sem parar ruídos e estrondos, como se muitos tratores se deslocassem de uma vez. Mas fazia tempo que Ánnuchka sabia que era o barulho dos aviões, e só às vezes imaginava, como nos primeiros dias, que tratores rumorejavam. Sua mãe levava Ivan-Mítia ao jardim de infância e deixava o caçula, Vova, aos cuidados de Ánnuchka, que por isso não gostava dele.

A isbá da aldeia de Nefiédovo era melhor que o barracão da cidade de Rjév, mas a cidade era mais alegre que a aldeia. No verão, um circo se apresentava na praça da feira e, mesmo sem ingresso, era possível se divertir; no inverno, Ánnuchka costumava vestir botas vermelhas de feltro, compradas numa loja da cidade. No entanto, o episódio que marcou o destino de Ánnuchka não se deu não no inverno, quando ela vestia suas botas vermelhas favoritas, mas no verão, quando o circo se achava na praça da feira. Fazia tanto calor que mesmo as poças em frente ao seu barracão, que nunca secavam, desapareceram, e delas só restou um pouco de lama espalhada. Embora sua mãe tivesse tirado os trapos das inúmeras frestas do barracão, usados para tapar o vento gelado do inverno, continuava muito abafado, e Vova chorava sem parar, mordia Ánnuchka e se

recusava a comer semolina, cuspindo o mingau nos pés. Ánnuchka, que sabia que o circo já estava instalado na praça, onde se podia ouvir música, ficou zangada com Vova, que a obrigava a ficar plantada num barracão abafado; assim, quando o irmão deu-lhe uma mordida particularmente forte, ela o beliscou. Ele começou a chorar com mais força ainda, de modo que Chura, do quarto nº 12, foi dar uma espiada no quarto nº 9. Ela trouxe uma bacia de água quente, lavou o rosto de Vova, as mãozinhas e os pezinhos, lambuzados de mingau, e ele parou de chorar e dormiu. Quando Chura saiu, Ánnuchka de novo se viu sozinha no barracão abafado com Vova, adormecido. Então ela resolveu, enquanto seu irmão dormia, dar um pulo na praça da feira, onde estava o circo. Lá tudo era muito bonito e muito alegre. Ela andava por todo lado, olhava para tudo e ria, mesmo que ninguém a fizesse rir, até que de repente uma mulher de chapéu-panamá branco lhe disse:

— Menina, por que está rindo? Rir sem motivo é sinal de tolice.

Ánnuchka ria porque ficar ali, na frente do circo, no meio de uma multidão elegante, que ouvia música, era melhor do que ficar no barracão abafado com Vova; porém, ela não se pôs a dar explicações, simplesmente se afastou e continuou a rir. De repente escureceu e começou a chuviscar. Todos se alvoroçaram, dizendo: “Um temporal, um temporal! Olhem, que nuvem preta!”. Realmente, dali, da praça de feira, via-se uma nuvem preta avançando: árvores imóveis começaram a tremer, a cúpula de lona do circo itinerante estalou inquietantemente e a música cessou. Então Ánnuchka correu para casa. Mal percorreu algumas ruas, caiu uma chuva forte, raios cintilaram de cima a baixo, um trovão ressoou no céu, depois um segundo, depois um terceiro, mas ela não conseguia se acostumar com isso e se assustava a cada estrondo. Num minuto, Ánnuchka ficou tão molhada que seu vestido grudou ao corpo, a respiração ficou ofegante da corrida, mas ela não podia se abrigar na entrada de alguma casa nem sob a sacada onde se aglomeravam pessoas encharcadas e alegres, já que precisava voltar depressa ao seu barracão, na periferia da cidade, onde Vova estava sozinho — se até batidas de portas o assustavam (por isso sua mãe proibia Ánnuchka e Mítia de baterem as portas), agora ele deveria estar apavorado.

Perto dos barracões, onde havia pouco as poças secaram pelo calor, a água corria como numa torrente — alcançava o tornozelo de Ánnuchka e, em alguns lugares, chegava até seus joelhos. Umedecida, a porta empenou e, quando Ánnuchka a abriu, a muito custo, com a chave que retirou de debaixo de uma tábua do piso, água jorrou do quarto, indo em direção ao corredor... Ela se assustou e gritou:

— Vova!

Mas Vova não estava em sua cama. Ánnuchka correu pelo quarto, chapinhando na água, chamando por Vova. Depois notou que a janela estava aberta e, achando que o irmão tivesse saído por ali, gritou por ela:

— Vova, Vova! — pois tinha medo de ser castigada por sua mãe por ter deixado Vova sair pela janela.

Depois ela olhou sob a cama e encontrou Vova lá, deitado com o rosto voltado para baixo. Ánnuchka entendeu que ele tinha caído da cama e rolado pelo chão. Vova estava molhado e frio, com o rostinho tão enrugado que era como se estivesse chorando, mas sem emitir som e, por mais que Ánnuchka o chamasse, ele continuava sem se mexer. Então Ánnuchka entendeu que Vova estava morto. Nesse momento, ela ficou completamente apavorada. Não lamentava Vova, a quem não amava, mas temia que sua mãe, ao voltar do trabalho, lhe aplicasse um castigo severo. Movida por tais pensamentos, Ánnuchka caiu em desespero e desejou estar morta como Vova, para que sua mãe não pudesse castigá-la ou gritar com ela. Mas não sabia como morrer, por isso ficou simplesmente sentada no chão, agarrando a cabeça e chorando baixinho, para que nenhum vizinho entrasse no quarto e descobrisse que Vova havia morrido por causa dela.

Quando, à noite, sua mãe voltou do trabalho trazendo Mítia do jardim de infância, a primeira coisa que notou foi Ánnuchka sentada no chão com os olhos fechados e os ouvidos tapados por suas mãozinhas, para não ver nem ouvir nada.

— O que você tem, filhinha? — gritou a mãe, assustada e, nesse momento, viu Vova morto sobre a cama.

Ela gritou como nunca havia gritado, e seu rosto e sua voz ficaram irreconhecíveis. Os vizinhos acorreram no mesmo instante; um foi à casa do administrador chamar uma ambulância, outro tentou fazer respiração artificial em Vova, segurando suas mãozinhas e seus pezinhos, mas alguém disse:

— É inútil, ele já está morto.

Mítia, o irmão de Ánnuchka, olhava para tudo de soslaio e não chorava, pois era um menino calmo e ponderado. Mas sua mãe, que Ánnuchka temia por sua raiva habitual, agora estava fora de si e tornou-se para a filha mais assustadora do que qualquer animal selvagem da floresta. Ela se lançou contra Ánnuchka e gritou terrivelmente, batendo nela não com a palma da mão, mas com o punho, como nunca havia batido... Quando uma mãe ou um pai batem num filho, mesmo com raiva, sempre pensam na dor que causarão à criança, e o golpe, por mais doloroso, não é aplicado com indiferença. Mas naquele instante a mãe batia na filha com indiferença, como se golpeasse um inimigo, até que Ánnuchka

sentiu seus olhos escurecerem. Alguém bate assim num filho somente quando está por demais magoado ou por maldade, pois a mágoa e a maldade, em essência, são plantas diferentes de uma mesma raiz... Ela queria bater mais, mas foi contida.

Chura levou Ánnuchka e Mítia para seu quarto, deu um caramelo a cada um e colocou uma compressa na testa de Ánnuchka, que passou a noite com ela. No dia seguinte, enterraram Vova. Trouxeram um pequeno caixão de criança e colocaram duas moedas de cinco copeques sobre seus olhos.[94] Ánnuchka queria ir ao cemitério, mas Chura não a deixou, e a menina viu pela janela sua mãe, que, coberta por um lenço preto e sem mais chorar, andava atrás do caixãozinho de Vova acompanhada por Mítia.

Ánnuchka passou também o dia seguinte com Chura e lá almoçou — uma sopa deliciosa de cogumelos e batatas assadas com leite cozido. À noite sua mãe foi vê-la e agora já não chorava com raiva, mas com doçura, voltando a se parecer com quem ela era. Ela beijou Ánnuchka intensamente e levou-a dali, acariciando-a e apertando-a contra o peito com tanta força que o ponderado Mítia disse:

— Mamãe, cuidado, assim vai sufocar Anka.

Desde então, a mãe mudou seu comportamento com Ánnuchka: raramente a xingava e nunca mais bateu nela. E Ánnuchka, do fundo do coração, se alegrava por Vova ter morrido. Agora, nas horas vagas, passeava pelas ruas da cidade ou ia até o aeródromo onde sua mãe trabalhava e por isso a deixavam entrar. Em geral, ela preferia se relacionar com adultos, pois não gostava de crianças. Ánnuchka sentia prazer quando se apiedavam dela, e as crianças, criaturas impiedosas, nunca têm pena de ninguém. Os garotos da vizinhança a provocavam, assim como os da escola, por isso sua mãe tentou transferi-la para outra, mas lá também implicaram com ela; tentou enviá-la no verão ao acampamento dos *pioneiros*,[95] não o da empresa onde trabalhava, mas o da cooperativa[96] das empresas de leite, mas Ánnuchka acabou fugindo de lá, porque não conseguia acordar quando sentia vontade de fazer xixi. Com seu irmão Mítia ela vivia amigavelmente, ele a consolava quando ela sofria nas mãos dos outros garotos, no entanto jamais a defendia. Apenas se aproximava com calma e dizia:

— Vamos para casa, Ánnuchka — e estendia-lhe a mão.

Assim, irmão e irmã iam para casa de mãos dadas.

Desde setembro, Mítia também passou a ir à escola, mas lá não o provocavam,

apesar de todos saberem que ele era o irmão da “Anka-mijona”... Mas, em vez de Ivan, como estava escrito na lista da classe, conforme seus documentos, as crianças só o chamavam de Mítia, a ponto de a professora também chamá-lo algumas vezes por esse apelido...

Em todo caso, mesmo que Ánnuchka não tivesse se habituado às provocações, conformou-se, pois era possível conviver com elas, principalmente por Rjév ser uma cidade grande, com espaço suficiente para se manter longe dos provocadores maldosos. Além disso, aos poucos diminuíram as implicâncias, pois em sua classe apareceu um menino que ceceava, e todos passaram a provocá-lo. Até Ánnuchka o provocava. Assim, depois da morte de Vova, a vida de Ánnuchka não ia nada mal, até que uma nova desgraça sucedeu. Essa desgraça não aconteceu no verão, quando o circo se achava na praça da feira, mas no inverno, quando Ánnuchka vestia suas botas vermelhas favoritas.

Certo dia, quando Ánnuchka esquentava sozinha almôndegas num fogareiro a querosene — ela estudava no turno da tarde, Mítia estava na escola e sua mãe no trabalho —, a porta se abriu, sem ninguém bater, e entraram dois desconhecidos.

— Menina, você está sozinha? — perguntou um homem que calçava botas brancas de feltro revestidas de couro.

— Sim — disse Ánnuchka.

— Então sente-se nessa cadeira e fique quietinha — disse o outro homem, que vestia uma peliça curta de cor preta.

Ánnuchka sentou-se e os homens começaram rapidamente a tirar todas as coisas do guarda-roupa e a colocá-las em malas. Abriram todas as gavetas e olharam o criado-mudo, andando na frente de Ánnuchka como se ela não existisse. Depois foram embora, levando, além das malas, uma pequena máquina de costura.

A mãe de Ánnuchka, quando conseguia uma carona na obra, vinha almoçar em casa, como nesse dia. Ela chegou e viu: tudo escancarado, o guarda-roupa vazio, o lugar da máquina de costura sem ela, e Ánnuchka sentada na cadeira. A mãe de novo se pôs a gritar e de novo os vizinhos acorreram de imediato, como quando Vova morrera.

— Fomos roubados! — gritava a mãe. — Levaram tudo! Até o terno de Kólia que eu guardei de recordação... Um terno de lã grossa que ele só usou duas vezes — e a mãe se desfez em lágrimas.

O vizinho do quarto nº 11 disse:

— Eu ouvi gente passando, mas escutei Ánnuchka mexendo com o fogareiro e achei que fossem parentes.

— E por que você não gritou? — Chura perguntou à Ánnuchka.

— Fiquei com medo de me baterem — disse Ánnuchka.

— E por que você não gritou quando eles saíram com as malas? — perguntou o vizinho do quarto nº 11.

— Pensei que estivessem escondidos atrás da porta e tive medo de me baterem se eu gritasse... — disse Ánnuchka.

Então, pela primeira vez em longo tempo, sua mãe bateu nela, mas não com o punho, como quando Vova morrera, mas com a palma da mão e com piedade; por mais que usasse de força, era de um jeito maternal. Nesse ínterim, apareceu o administrador e disse:

— Tapas não vão ajudar nesse caso. Menina, você seria capaz de reconhecer os ladrões?

— Sim — respondeu Ánnuchka —, um vestia uma peliça curta de cor preta e o outro botas brancas.

— Vamos enfileirar todos os homens dos barracões... — disse o administrador. — Talvez fossem alguns dos novos contratados... Entre eles há um número colossal de *deskulakizados*...[97]

Enfileiraram todos os homens dos barracões num terreno baldio coberto de neve. Ánnuchka saiu, olhou ao redor e ficou aterrorizada. Ao lado dela estavam sua mãe, o administrador e dois policiais. Andaram ao longo da fila — todos os homens olhavam com pavor para Ánnuchka, que olhava para eles da mesma forma. Passaram por todos uma vez e ela não reconheceu ninguém. Havia rostos conhecidos e rostos desconhecidos, mas nem sinal dos ladrões.

— Não faz mal — disse o administrador —, não é possível distinguir de primeira.

Passaram pela fila mais uma vez. De novo olhavam para Ánnuchka com pavor e ela estava ainda mais apavorada que eles. De tão assustada, não conseguia distinguir ninguém, todos os rostos se pareciam e mesmo os rostos conhecidos lhe pareciam desconhecidos.

— Não faz mal — disse o administrador —, vamos de novo... Talvez ele esteja assustando você com o olhar.

Com efeito, Ánnuchka tremia como se estivesse febril, sem saber para quem apontar... Já havia molhado a calcinha de susto e o frio era de congelar, mas ela continuava sem saber quem indicar. Enfim apontou para o terceiro homem da fila, do lado esquerdo.

— É este — disse ela.

— Menina — gritou o homem —, eu sou de Zubtsóv... Meu sobrenome é

Potchiválin... Tenho sete filhos...

— Se é de Zubtsóv, isso lhe dá o direito de roubar a viúva de um herói da Guerra da Finlândia? — disse o administrador e deu-lhe um soco nos dentes.

Imediatamente sangue começou a jorrar e, ao ver isso, Ánnuchka caiu no choro.

— Está bem — disse o administrador —, podem levar a menina. Ele mesmo entregará seu cúmplice.

A mãe levou Ánnuchka para o barracão e já não a repreendia nem lhe batia, mas tornou-se carinhosa, como depois do enterro de Vova. Após alguns dias, o administrador passou no quarto nº 9 e disse:

— Anna Alekséievna, ainda não conseguimos reaver as suas coisas, mas tenho algo a dizer que irá alegrá-la... Ainda será esclarecido se esse patife roubou ou não, mas foi inegavelmente provado que, em 1934, em Zubtsóv, ele incendiou o trigo do colcoz. Considerando sua ajuda para desmascará-lo e também o fato de ser viúva de um herói da Guerra da Finlândia, com dois filhos, de ter sofrido recentemente a perda de seu filho mais novo e o prejuízo do roubo, decidimos conceder-lhe uma habitação e um emprego nas redondezas. Dirija-se ao armazém nº 40 para preencher as formalidades.

O armazém nº 40 ficava na cidade e seria possível trabalhar num local quente e coberto. A mãe se alegrou.

— Agradeço ao camarada Stálin por sua preocupação... — disse ela. — Porque eu estou sozinha com as crianças... O menorzinho morreu... E agora nos roubaram tudo...

No começo, sua alegria transformou-se em lágrimas, depois ela se pôs a rir entre as lágrimas, pois nunca imaginou que chegaria a ver o dia de sua saída do barracão.

Eles lhe deram uma moradia na periferia de Rjév, na outra extremidade da cidade — não perto do aeródromo, mas do cemitério. Antigamente, o prédio onde passaram a morar era a igreja do cemitério, mas, pouco antes de terem se mudado para a cidade, a igreja fora fechada e seu endereço tornou-se: Rua do Trabalho, nº 61. As reformas ali foram feitas às pressas, para que entregassem mais rapidamente os apartamentos à população necessitada — nas paredes mal caiadas ainda eram visíveis as faces de santos, e onde ficava o criado-mudo, sobre o qual se pendurava um alto-falante, havia um afresco mal feito da crucificação de Cristo que a mãe cobriu com jornais e, sobre eles, pendurou o retrato de Stálin. Mas, como as paredes grossas da igreja eram úmidas, os jornais descolaram e enrugaram, de modo que o busto do Cristo ortodoxo ficou ao lado

do busto de Stálin, e era possível imaginar que fossem companheiros de luta.

A igreja fora fechada, assim como o sacerdote preso, porque constataram que, no primeiro domingo de Quaresma, sob o pretexto de uma festa ortodoxa, adoradores de ícones organizaram ali um comício antissoviético. Supostamente havia aparecido um ícone — da Nossa Senhora de Rjév — que não era obra de mãos humanas e, conforme informações do departamento de saúde da cidade, não apenas tocaram nele, mas também rasparam sua tinta sobre a comida e a bebida, o que favorecera o aumento de casos de infecção. Sem demora, o escritório responsável pelas reformas, tendo dificuldades em aprontar os apartamentos, fez um planejamento que se verificou bastante modesto — retirada da iconóstase, demolição do altar e outras obras insignificantes... Alguns meses mais tarde, os primeiros *stakhanovistas*[98] se mudaram para a antiga igreja, agora o prédio nº 61 da Rua do Trabalho, perto do cemitério. As paredes eram úmidas, cheiravam a mofo no verão e ficavam cobertas de geada no inverno, além de transpirarem devido às chaminés improvisadas, que soltavam muita fumaça; mesmo assim, essas paredes protegiam mais as pessoas do frio intenso e do vento do que as tábuas rebocadas dos barracões.

Ánnuchka, a mãe de Ánnuchka, gostava dali, e a menina também gostava, mas Ivan-Mítia não expressou sua opinião sobre a antiga igreja em comparação ao barracão, porque era de caráter reservado.

Não foi possível reaver as coisas roubadas, no entanto eles conseguiram se arranjar e também adquiriram algumas coisas novas, pois a mãe agora era uma funcionária com responsabilidades do armazém nº 40, onde ganhava mais do que na construção do aeródromo.

Mal tinham se abastecido de alguns pertences, incluindo um sobretudo de inverno forrado de algodão para Ánnuchka, apareceu outro homem em casa, declarando que queria vistoriar os afrescos e o lugar onde antigamente ficavam o altar e a iconóstase. De novo, Ánnuchka estava sozinha e, de novo, teve medo de apanhar, então se sentou, silenciosa e tristemente, numa cadeira, apesar de não ter sido forçada a isso pelo homem.

Esse homem era Dã, a Áspide, o Anticristo. Os anos na Terra o haviam amadurecido, e ele aprendera a conversar com as pessoas sem sentir aversão, o que não é acessível aos anjos celestes, mas apenas aos profetas, mesmo assim nem a todos nem para sempre. Dã sabia que amar ao homem significava superar sua aversão por ele; no entanto, mesmo os grandes profetas, em momentos de fraqueza, eram incapazes de dissimular essa aversão. Assim aconteceu a Moisés no intervalo entre as primeiras e as segundas Tábuas da Lei, no momento em que

ele quebrou as primeiras, aflito com a necessidade de entregar seu elevado coração a criaturas tão baixas, que preferiam os caldeirões de carne da escravidão egípcia ao maná celestial do Sinai livre. O mesmo aconteceu ao Irmão de Dã, Jesus, da tribo de Judá, que sentia aversão crescente pelos apóstolos, por essa ralé clerical, escolhidos não por desejo dele, mas por necessidade, seres incapazes de penetrar sinceramente no intento ousado do Impostor de salvar seu povo — tão ímpio como os outros povos —, o qual, ao ser salvo, realizaria o desígnio divino... Assim se deu também com Eliseu, que, devido à ofensa dos homens, decidiu tornar-se um profeta, pedindo-o com insolência ao profeta Elias:

— Que o espírito que há em ti seja duplicado em mim.[99]

Ao que Elias respondeu:

— O que pediste é algo muito difícil. Se tu me vires quando eu for tirado de ti, assim tu ficarás; mas, se tu não me vires, nada acontecerá [...][100]

O que se desenrolou depois com o profeta inspirou Iazykóv, poeta russo da época de Púchkin. Tanto a grandeza dessa passagem bíblica como a grandeza da inspiração do jovem Iazykóv foram assinaladas por Gógol em *Passagens escolhidas entre minhas correspondências com amigos*.[101] Gógol escreveu que Iazykóv ali se superara, tocando em algo sublime. Com efeito, a mão de Iazykóv adquirira uma potência puramente puchkiniana.

> *Quando, bramindo e flamejando,*
> *O profeta se elevou ao céu,*
> *Um fogo poderoso invadiu*
> *A alma viva de Eliseu.*
> *Assim, alegre, o gênio estremece,*
> *Sente a sua grandeza,*
> *Quando diante dele ressoa e resplandece*
> *O voo de outro gênio.*[102]

Em Eliseu entrou o espírito de Elias, que, “flamejando, se elevou ao céu”. Eliseu[103] se dirigiu de Jericó a Betel já não como um homem calvo desprezado pelas pessoas, mas como um profeta. Os adultos passaram a ter medo de rir e de zombar dele, mas às crianças faltava juízo tanto para dissimular a própria crueldade como para temer a própria maldade. Por isso na revolta humana, no elemento humano e no totalitarismo humano há sempre um jogo infantil, e uma sociedade infantil é sempre uma sociedade totalitária. O Senhor não dá preferência nem aos grandes nem aos pequenos: todos são iguais perante o Senhor, que castiga a crueldade e a maldade das crianças, mas o faz quando elas atingem a idade adulta e o castigo torna-se especialmente pesado. Ao percorrer a

estrada de Betel, Eliseu não tomou consciência da profecia e não superou a aversão pelos homens cruéis que ainda estavam na primeira infância. “Enquanto ele andava pela estrada, as crianças saíram da cidade e zombaram dele, dizendo: ‘Anda, careca! Anda, careca!’. Ele se virou, olhou para elas e as amaldiçoou em nome do Senhor. E duas ursas saíram da floresta e despedaçaram quarenta e duas dentre as crianças.”[104]

O profeta Isaías disse:

— Se o ímpio não sofrer um castigo, ele não aprenderá a justiça.[105]

E o sábio rei Salomão lhe respondeu:

— A justiça que morre castiga os ímpios que vivem...

O Senhor raramente destrói um ímpio perante a face da justiça, com mais frequência destrói a justiça perante a face de um ímpio; então os ímpios estrangulam uns aos outros. Ao matar as crianças cruéis, Eliseu não soube castigar os ímpios, pois eles devem ser castigados na idade adulta, quando o apetite para a vida está maduro. A culpa de tudo são os momentos de fraqueza da alma, quando até para um profeta torna-se impossível dissimular a aversão pelo homem e retardar as punições por seus pecados.

Isso aconteceu também com Dã, a Áspide, o Anticristo, nas ruas de Rjév. Muitas vezes, durante sua vida terrena, em Khárkov, Kertch e Rjév, Dã ouviu pelas costas palavras raivosas, às vezes sussurradas, às vezes pronunciadas em voz alta por gargantas desenfreadas pela embriaguez. No início, pensava que essas pessoas suspeitassem que ele era o Anticristo, enviado para a Maldição. Depois, supôs odiarem a tribo de Dã, por terem descoberto, através das profecias do profeta Jeremias, que o Anticristo estava predestinado a deixá-la. Mas, por fim, entendeu que odiavam igualmente as doze tribos de Israel. E Rúben,[106] o primogênito de Jacó, e Simeão, e Levi, que deu origem ao grande profeta Moisés, e todos os sacerdotes levitas,[107] e Judá, o fundador do reinado do salmista Davi, e o sábio Salomão, e Jesus, da tribo de Judá, cujas imagens pagãs eram cultuadas nas igrejas, e Efraim e Manassés, os filhos de José, o Belo, e Benjamim, que deu origem ao profeta-sofredor Jeremias, e Zabulon, e Issacar, e Gad, e Aser, e Neftali... Todas as doze tribos eram igualmente odiadas. Então Dã, o Anticristo, entendeu que os ímpios receberiam o castigo completo apenas na maturidade, quando compreenderiam o valor do mundo divino e, se nada compreendessem até o túmulo, o castigo de Deus os alcançaria após a morte... No entanto, tanto Cristo como Anticristo, em momentos de fraqueza, agem às vezes contra o desígnio do Senhor que os enviou, executando a vontade divina

prematuramente...

Certa vez, andando por uma rua de Rjév, Dã passou por alguém vestindo um sobretudo cor de ferrugem, desabotoado e pendendo como um saco. Tudo o que tinha botões estava desabotoado: o paletó, o colete de tricô e a camisa; a camiseta azul de baixo não tinha botões, por isso não podia estar desabotoada, em compensação, estava rasgada. Esse homem tinha um rosto trivial, mas cada um de seus traços se tornava singular, pois sua trivialidade chegava ao extremo, à alegoria. Os cabelos eram castanho-claros e levemente grisalhos, mas desgrenhados e eriçados, a magreza das bochechas era acentuada por duas rugas compridas e pela barba grisalha por fazer, os olhos nórdicos eram aguados e o nariz tipicamente eslavo, com inúmeras veias vermelhas, e os lábios de um formato comum se aderiam por uma crosta de saliva seca e de muco, o que faria qualquer um involuntariamente estremecer ao pensar na mulher que tivesse de beijá-los. Quando Dã passou pelo homem, este o fitou na face como se o conhecesse. O ódio desfigurou-lhe o rosto sujo, descerrou-lhe os lábios descarnados, grudados por muco e saliva, e, além do fedor do ventre descuidado, ele emitiu através dos dentes amarelos, como que através de uma peneira podre, atrás de Dã:

— Credo, um *jid*, que ódio... *Jid*...

O homem russo simples não pronuncia essa palavra a todo momento, mas apenas em casos extremos. Costuma pronunciar "*jid*" com gosto, como se mordesse uma maçã suculenta e crocante. A palavra "judeu" também é útil para limpar a garganta que ficou rouca de ódio ou exprimiu muita alegria. Mesmo assim, não se pode compará-la à "*jid*"... Não há na palavra "*judeu*"[108] aquele quê de malícia, de originalidade, que distingue um cálice de vodca de uma caneca de *kvás*. É agradável tomar um pouco de *kvás* em um dia quente, mas somente como algo acessório, não como item principal... Já o pensador intelectual russo utiliza frequentemente o termo "*jid*" na função de adjetivo, para caracterizar fenômenos e acontecimentos. Na tradição intelectual, não se ouve tanto "*jid*" como "de *jid*", pronunciado em duas notas sonoras. O intelectual pronuncia "uma ideia de *jid*" como se tomasse um cálice de vodca de sorva acompanhado por uma perdiz e limpasse os lábios rubros e amadurecidos com um guardanapo engomado, produzindo um estalo.

Mas fazia tempo que o homem que topou com Dã limpava os lábios ressequidos da aguardente com a manga suja e ensebada, pois estava no limite. E em sua insensatez ele dizia:

— Credo, um *jid*, que ódio... *Jid*...

Então Dã, contrário ao desígnio divino, não suportou, assim como sucedera ao profeta Eliseu ao castigar de forma prematura, ou seja, frágil, as crianças cruéis e ímpias no caminho de Jericó a Betel. Como Jeremias profetizou, Dã colocou na frente do homem um obstáculo. As calçadas ruins de Rjév e a boa vodca de trigo da safra de 1941 o ajudaram nisso. O homem caiu, mas não de frente, sem quebrar a testa e o nariz, nem de lado, sem quebrar o braço — ele caiu de costas, batendo a nuca numa pedra do calçamento, e morreu, sem acarretar uma redução significativa à numerosa e ramificada estirpe eslava. O homem não disse mais nenhuma palavra, "*jid*" foi a sua última, e com ela na boca apresentou-se imediatamente ao Senhor, que, sem nada perguntar, enviou-o logo para o caldeirão quente de breu, onde o trataram com descortesia e bateram com ganchos em suas costelas emagrecidas pela revolução e pelos planos quinquenais. Já aqui, no mundo terreno, seus compatriotas, pesarosos, juntaram-se em torno do coitado, tentando, antes da chegada do socorro médico socialista gratuito, limpar a nuca ensanguentada dele com a água trazida em um tambor vazio de leite por uma camponesa que voltava da feira. Talvez algum dos compatriotas já tivesse ouvido aquele bêbado gritar *"jid"* para qualquer transeunte judeu — grande coisa! —, mas como distinguir o Rabinóvitch do armarinho do Anticristo, enviado pelo Senhor para a Maldição? São todos filhos do mesmo pai, apesar de terem mães diferentes, por isso cada um deles tem a mesma origem, mas não o mesmo fim.

Dois dias depois, enterraram o homem, e o Anticristo foi assistir ao funeral. Ánnuchka também foi ver, pois morava perto do cemitério e todo dia esperava um pouco de música. O homem era chamado, neste mundo, de Pávlik,[109] como o apóstolo da tribo de Benjamim, o primeiro convertido do mundo. É verdade que, no início, quando o apóstolo perseguia cristãos, ele tinha o nome de Saulo, mas depois começaram a chamá-lo Paulo, do que ele se orgulhava muito, assim como de sua nacionalidade romana, e foi também dos cristãos o mais fervoroso, apesar de nunca ter visto Cristo em vida. Mas o homem de Rjév chamava-se Pávlik desde seu nascimento. Houve um momento em que, por insistência do padrinho, ele quase foi Vássia, mas, no fim, acabaram por chamá-lo Pávlik.

O funeral de quem devia ser Vássia e acabou sendo Pávlik foi acompanhado pela orquestra do clube dos ferroviários, porque Pávlik, neste mundo, trabalhava nas oficinas ferroviárias de Rjév, possuindo o título de proletário hereditário e, mais tarde, de alcoólatra incurável. Assim que adquiriu seu último título, começou a cantar em público a conhecida *tchastuchka*[110] russa: "Bata nos *jides*,

salve a Rússia”,[111] que soa melhor quando cantada por um tenor. E Pávlik era justamente um tenor.

Apesar de ser considerada até hoje de origem popular, essa *tchastuchka*, como muitas canções populares, teve um dia um autor. Esse autor foi precisamente Márkov Segundo,[112] deputado de Kursk da Duma do Estado. Porém, como tantas canções que viraram na boca do povo falação, havia muito que ela perdera a autoria concreta, tendo sobrevivido à prova do tempo. E essa era a *tchastuchka* que Pávlik entoava com voz de tenor.

Pávlik era chamado para ir ao comitê do sindicato das fábricas, sendo repreendido por reproduzir costumes do antigo regime. Ele começou a faltar no trabalho cada vez mais. A esposa choramingava:

— Você morrerá na sarjeta, e ninguém irá ajudá-lo.

— Ora — dizia Pávlik, com um gesto de desaprovação —, depois de morto, podem até fazer um belo salame comigo...

Mas, quando Pávlik morreu em um acidente infeliz, muita gente foi ao seu funeral. Com coroas de flores. Carregaram o caixão para a extremidade do cemitério onde os túmulos com cruzes eram menos numerosos do que com estrelas. E sobre o túmulo de Pávlik não colocaram uma cruz, mas uma estrelinha, para que ele continuasse, no outro mundo, sob poder soviético.

Os proletários das oficinas ferroviárias não sabiam o que sabia Dã, a Áspide, o Anticristo. No outro mundo, Pávlik foi parar num caldeirão de breu apolítico, e sua última palavra, “*jid*”, grudou em seus lábios com breu, cortando-lhe a boca com as pontas afiadas. E os outros pecadores do caldeirão, que também sofriam torturas eternas, passaram a odiar Pávlik por seu grito torturante de porco, entoado com voz de tenor: *jid*. Nem por um segundo a dor cessava, nem por um segundo o grito torturante de Pávlik silenciava. Mas aqui embaixo, onde o céu é como os olhos de um eslavo do Norte, o corpo de Pávlik jazia serenamente num caixão vermelho.

Era o início da primavera do ano de 1941 depois do nascimento do Irmão de Dã, Jesus, da tribo de Judá. Na região de Khárkov ou mesmo em Kursk, em um dia ensolarado, a neve começava a derreter, mas em Rjév o inverno não se movia. A neve repousava sobre os túmulos, firme e inerte, os galhos das árvores do cemitério estavam mortos, e da boca dos que choravam saía vapor. Dã olhou ao redor, olhou para o rosto do morto e para os rostos dos vivos e se lembrou de um dos primeiros mandamentos de Moisés:

“Se alguém surpreender um ladrão em pleno roubo e feri-lo até a morte, não

será culpado de verter seu sangue. Mas, se o sol já tiver se levantado, o sangue lhe será imputado”.[113]

Esse foi um dos inúmeros mandamentos bíblicos apresentados de modo intencionalmente vago. O estilo bíblico evita o excesso de clareza, pois a clareza em excesso é um *slogan*. Alguns mandamentos exigem um grande esforço de interpretação e outros um insignificante, como esse. No entanto, não existe mandamento que possa ser digerido sem esforço algum. Aqui está sua interpretação: o ladrão surpreendido à luz do dia, diz o mandamento, tem direito ao perdão, mas a união do ladrão com a noite não dá direito à piedade.

Dã olhou ao redor e viu que o sol raiava, mas as pessoas em volta tinham rostos noturnos. E ele entendeu: o próprio sangue que verteram lhes era imputado...

Nesse momento, no meio da multidão do cemitério, o Anticristo avistou uma menina de olhar vivo, em nada parecida com a Maria de Khárkov, com quem, perto de Kertch, ele fora exposto ao terceiro flagelo do Senhor, o animal-adultério... Apesar de não se parecer com Maria, a menina o fazia se lembrar dela, e Anticristo começou a observá-la. Seguiu Ánnuchka até a igreja do cemitério e viu que fora transformada em moradia. Então pediu para olhar o lugar onde ficavam o altar e os afrescos.

Esses afrescos lhe provocaram aversão, pois infringiam o que havia de mais sagrado — o segundo mandamento do profeta Moisés. Como hebreu, ele sabia que no símbolo de Deus se ocultava a negação de Deus. Que essa negação havia começado na época da perseguição dos cristãos, nas catacumbas, nos afrescos que retratavam um monge de Alexandria descarnado sob a alcunha de Jesus Cristo, da tribo de Judá, vaticinado pelo profeta Isaías. No entanto, o próprio nome Judá era maldito entre eles, porque não lhe eram apenas hostis, mas também estranhos, e o incompreensível tem sempre um sentido único, mecanicamente decorado, pronunciado por bocas sem juízo, assim como aves falantes pronunciam palavras humanas... Judá foi amaldiçoado, mas também teriam duvidado de Jesus Cristo se não vissem continuamente sua imagem, criada por eles mesmos.

“Procurem a imagem do Cristo em suas palavras, anotadas no Evangelho” — aconselharam os Pais da Igreja mais sensatos aos que dele duvidavam. Porém, os criadores da religião, estranhos a uma percepção de mundo nacional, só poderiam acreditar, do fundo do coração, no que lhes era estranho vendo-o com os próprios olhos. Dã, a Áspide, o Anticristo, sabia para onde levava a fé quando seu objeto fosse visto com os olhos.

Assim como na igreja do cemitério de Rjév, em toda parte era possível cobrir os velhos ícones dos velhos ídolos com jornais e sobre estes pendurar novos ícones de novos ídolos. Pois acreditam no que está diante dos olhos e duvidam do que não veem; como diz o provérbio: “Longe dos olhos, longe do coração”. E, quanto mais uma mesma coisa se fixar nos olhos, mais se acreditará nela. Não era à toa que, em todos os lugares, sob os olhos de todos, surgia o retrato de um banhista assírio rechonchudo de bigode, que viera substituir o monge de Alexandria descarnado. Ali também, naquele quarto, ao lado da imagem do monge de Alexandria, coberta com um jornal, estava pendurada a imagem do assírio bigodudo... Mas a fé espiritual na Existência não pode ser coberta com jornais, nem substituída por um banhista assírio, da mesma maneira que não pôde ser substituída por um bezerro de ouro[114] no deserto do Sinai.

Assim pensava Dã, a Áspide, o Anticristo, enquanto Ánnuchka, ali sentada, assustada, esperava que ele abrisse o guarda-roupa e começasse a pegar os novos pertences que compraram, incluindo seu sobretudo novinho, forrado de algodão. No entanto, mesmo apavorada, Ánnuchka olhava furtivamente para ele, pois pensava que, quando enfileirassem todos os homens depois do roubo e a conduzissem pela fileira, ela poderia reconhecer o ladrão sem hesitar. De repente Ánnuchka viu pela janela sua mãe, que voltava para casa por um atalho em frente ao cemitério levando Mítia pela mão. O rosto de sua mãe estava triste, certamente tinha ido ver o túmulo de Vova, pois agora moravam ao lado e podiam visitá-lo todos os dias. Ánnuchka se alegrou ao ver sua mãe e, superando o medo, saltou da cadeira e correu ao seu encontro gritando:

— Um ladrão, um ladrão em casa!

A mãe também começou a gritar, instigada pela amarga experiência do roubo passado. Por sorte, as pessoas que moravam na igreja eram mais conscientes do que as do barracão, porque ali, conforme os privilégios trabalhistas, alojavam os melhores trabalhadores. Eles se juntaram a tempo de socorrer a desgraça alheia. Por perto não havia nenhum policial armado, em compensação, um dos *stakhanovistas* havia sido premiado por um feito heroico com uma espingarda de caça e a levou. Mal Dã caiu em si, uma multidão densa obstruiu a saída dessa parte da igreja transformada em moradia com tabiques de madeira. Olhavam para Dã com um ódio alegre, como se costuma olhar para inimigos fracos. Esse olhar era precisamente o de um antissemita em seu melhor momento, quando ele pronuncia “*jid*” como se desse uma bela mordida numa maçã madura.

— Fomos roubados faz pouco tempo e agora tentam de novo — lamentava a mãe. — Sou grata à minha filha, que soube manter a cabeça no lugar...

— Dizem que eles só roubam no comércio, mas de resto são honestos — falou um dos presentes.

— É preciso enfiá-lo num envelope e colar uns selos por trás — disse o *stakhanovista* premiado com uma espingarda de caça, mantida em riste.

Queriam se aproximar de Dã, o Anticristo, como um dia tinham se aproximado de seu Irmão, Jesus, da tribo de Judá. Pois eram as mesmas pessoas, e Dã, o Anticristo, sabia disso, enquanto elas não sabiam nada sobre si mesmas. Como Dã não fora enviado para a Benção, mas para a Maldição, não para o bem delas, mas contra elas, ninguém podia colocar a mão nele. De repente, a multidão foi dividida em duas, o amigo foi separado do amigo ao lado, o marido da mulher, Ánnuchka da mãe... Quando se reuniram de novo, o Anticristo não estava mais no recinto, já se achava longe da Rua do Trabalho, embora dentro dos limites da cidade de Rjév. Depois muitos se puseram a falar. Uns diziam que o bandido estava com uma faca nas mãos, outros com uma máuser, e alguns chegaram a dizer que ele segurava o rifle de cano serrado que era usado pelos *kulakes*. No entanto, como nada do quarto havia desaparecido, o caso foi esquecido no ato, principalmente por todos estarem sem jeito entre si depois do ocorrido na captura. Quanto a Dã, a Áspide, o Anticristo, após deixar a igreja profanada por imagens pagãs, antigas e recentes, ele foi parar na extremidade oposta de Rjév, perto dos barracões, onde havia pouco Ánnuchka morava, não longe do aeródromo.

Anoitecia, mas nos campos não havia o silêncio vespertino que caracteriza o pôr do sol no inverno. O sol se punha em meio ao barulho e ronco dos motores dos aviões, em meio à vibração do ar gélido. E Dã voltou a ver a espada que vira pela primeira vez perto de Kertch, a qual cortava nuvens encharcadas de sangue sobre um mar sangrento. Dessa vez, o cabo da espada se apoiava no sol vespertino, enquanto o gume desaparecia atrás dos telhados cobertos de neve da extremidade oeste de Rjév, e a neve era escarlate como o sangue das artérias. E Dã, a Áspide, o Anticristo, ouvia a palavra dita pelo Senhor através do profeta do exílio, Ezequiel:

— Ai da cidade sanguinária! Que desgraça, na caldeira formou uma crosta de ferrugem e a ferrugem não sai! Tira pedaço por pedaço, sem escolher por sorteio. Pois sangue está no meio dela. Ele o pôs sobre uma rocha calva, e não o verteu sobre a terra, para que ele não se cobrisse de poeira. Para suscitar a fúria e efetuar a vingança, deixei seu sangue sobre a rocha calva, de modo que ele não se ocultasse. Por essa razão, assim dizia o Senhor Deus: Ai da cidade sanguinária! Eu também farei uma grande fogueira![115]

Depois dessas palavras, o sol se pôs, e a visão da espada e do sangue sumiu. Dã, a Áspide, o Anticristo, caminhava por uma rua da periferia de Rjév, iluminada por escassos lampiões — crepitando sobre a neve seca e congelada, ele passou diante da luz pacata da noite que saía das janelas das casas e desapareceu onde começava a cerca recém-construída da cooperativa das empresas de leite. A essa hora eram raros os transeuntes na periferia de Rjév, e muito tempo se passou antes de surgir alguém, que vestia uma *telogreika*[116] e botas de feltro enfiadas em enormes galochas.

No entanto, a visão de Dã não se realizou de imediato, mas apenas quando Ánnuchka já fazia tempo que não vestia suas botas vermelhas favoritas e aguardava o retorno iminente do circo. Inesperadamente, ela passou a ouvir nas conversas dos adultos:

— A guerra, a guerra... Os alemães, os alemães...[117]

Mas para Ánnuchka, no início, nada mudou, e sua mãe também disse a uma vizinha:

— Para mim não fará grande diferença, já mataram meu Kólia na Guerra da Finlândia.

Durante o mês de junho não aconteceu nenhuma mudança. A não ser o circo, que não veio. Em julho, porém, as coisas começaram a mudar. Certo dia, sua mãe voltou muito preocupada do armazém nº 40 e disse:

— Crianças, vamos empacotar tudo. Vamos ter que nos refugiar na aldeia de Klechniovo, que fica a sete quilômetros daqui.

Empacotaram seus pertences de qualquer jeito, incluindo as botas vermelhas de feltro e o sobretudo forrado de algodão de Ánnuchka, caso precisassem passar o inverno em Klechniovo. Trancaram o quarto com cadeado. Levaram um dia inteiro para chegar, andando sob forte calor. Não pararam mais de duas vezes para descansar e comer.

— Crianças, precisamos nos apressar — disse a mãe — para nos instalarmos melhor, antes que outros venham.

Chegaram a Klechniovo à noite e foram acomodados em uma escola, mas Ánnuchka notou que ali havia muitas pessoas e que ninguém estava contente com a presença deles...

Viviam em Klechniovo como se viajassem de trem, vigiando suas trouxas, e, quando as reservas de comida acabaram, começaram a passar fome. Por isso Ánnuchka e Mítia se alegraram com as palavras de sua mãe:

— Vamos voltar para casa, em Rjév. Setembro está chegando, e vocês devem

ir à escola.

Voltaram mais rápido para Rjév do que dela partiram, cansaram-se menos, e, encontrando a casa intacta, alegraram-se: “agora tudo será melhor”.

Realmente, estar em casa era melhor do que na aldeia de Klechniovo, apesar da guerra. A mãe voltou a trabalhar no armazém nº 40, e a comida tornou-se mais abundante. Certamente, não era como antes da guerra, mas ainda assim comiam melhor.

Certa noite, num dos últimos dias de agosto, a mãe disse:

— Crianças, amanhã vocês vão para a escola. Vamos arrumar os livros nas mochilas, para que não precisem procurá-los de manhã e não se atrasem na primeira aula.

Mal se puseram a arrumar os livros, começou a estrondear em algum lugar. A última vez que trovejara desse jeito fora durante o forte temporal que causara a morte do pequeno Vova. Ánnuchka se assustou e sua mãe também. Ela pegou o filho pelo braço.

— Vamos correr para a horta — disse — e deitar no meio dos canteiros.

Como no cemitério havia um terreno baldio, as autoridades permitiam aos *stakhanovistas*, os moradores da antiga igreja do cemitério, manter pequenas hortas para auxiliar seu sustento. Ánnuchka reparou que alguns *stakhanovistas*, que não tinham conseguido fugir a tempo, também estavam deitados na horta, entre os canteiros. De repente, um estrondo soou bem perto, no cemitério, depois um segundo. Uma fumaça branca se espalhou, cheirando a omelete queimada. Ánnuchka pôs-se a chorar, mas o *stakhanovista* premiado com uma espingarda de caça acalmou-a:

— Não é nada — disse —, não tenha medo, menina... O poder soviético ainda está vivo.

Depois do bombardeio, Ánnucka retornou para casa com sua mãe e Mítia, e não conseguiu dormir a noite toda. Carros e carroças passavam, ouviam-se conversas e, até de manhãzinha, o poder soviético se manteve. Depois de amanhecer, o poder alemão se estabeleceu.

— Crianças, fiquem em casa — disse a mãe —, não saiam para a rua.

No entanto, o poder alemão não esperou que Ánnuchka e Mítia saíssem, ele mesmo foi à casa deles, produzindo batidas de pés no corredor que nada tinham de russo, e atrás do tabique de madeira logo se ergueu um tumulto, logo qualquer resistência foi superada com facilidade, pois a força estava do lado alemão. Ánnuchka sentiu tanto, mas tanto medo que ficou até curiosa, espiando o corredor. Ela não tinha vivido muito tempo, porém vira mais de uma vez pessoas

apanharem, pois vivia em um país onde esse tipo de agressão era recorrente. De fato ela via com mais frequência espancamentos sem sangue, a ponto de sangrar só havia presenciado duas vezes. O administrador do barracão batera até sangrar no homem apontado por Ánnuchka como ladrão, e depois dois garotos brigaram na frente dela, derramando sangue... Ánnuchka também conhecia a dor de uma palmada e mesmo de um soco, como sua mãe lhe dera quando ela descuidara de Vova e ele morrera — ela ainda se lembrava disso... No entanto, Ánnuchka nunca poderia imaginar que era possível se bater num homem como os alemães bateram no *stakhanovista* que um dia fora premiado por seu feito heroico pelo poder soviético. Quanto a bater não a ponto de sangrar, agora isso nem se cogitava. Era como se carregassem uma bacia cheia de sangue (como donas de casa carregam, após lavar roupa, bacias com água ensaboada) e tropeçassem na escuridão, derramando o sangue no chão. E os alemães sentiam mais aversão a cada surra, já sem o arrebatamento inicial, pois suas botas se sujavam de sangue. Andavam pelo corredor em volta dos corpos estendidos como se andassem na lama do outono ou da primavera, saltando de um monte a outro. Então um alemão não vestido à moda russa disse alguma coisa a um policial usando um terninho de algodão comprado numa loja de departamentos de Rjév. Este escancarou a porta, atrás da qual estava Ánnuchka, e gritou para a mãe:

— Ei, prostituta de Stálin, saia daí...

Ánnuchka começou a chorar de imediato, agarrando-se a sua mãe, assim como Mítka, então o policial, que inesperadamente deixou transparecer a tradicional bondade eslava, disse à mãe:

— Não tenha medo, ninguém tocará em você. É preciso tirar daqui o comissário, pois ele está coberto de sangue, e os senhores alemães estão enojados.

A mãe e uma vizinha carregaram o *stakhanovista*, cuja esposa e filhos tinham sido evacuados, enquanto ele fora retido por estar atrasado no envio de um equipamento da fábrica... Inicialmente os alemães mandaram levá-lo para a carroça, mas no meio do caminho mudaram de ideia, ordenando que o levassem para o cemitério. O policial com o terninho de algodão de segunda conduziu a transferência do *stakhanovista* pisoteado por botas alemãs.

— Mulheres, quanto mais longe o levarem — disse o policial —, melhor será para vocês... Para não feder na frente de casa.

As duas mulheres passaram com o *stakhanovista* em frente à cerca construída antes da revolução, diante de cruzes miseráveis e do pequeno túmulo de Vova, onde havia uma lápide. Elas levaram o corpo até a área dos túmulos soviéticos

com estrelas e pararam perto do túmulo ainda fresco no qual jazia Pávlik, que fora morto pelo Anticristo com a palavra "*jid*" na boca.

— Joguem aí — disse o policial do terninho comprado numa loja de departamentos, armado com um fuzil-baioneta pré-revolucionário, a baioneta triangular celebrada em canções russas.

A mãe de Ánnuchka e sua vizinha não jogaram o *stakhanovista*, mas colocaram-no cuidadosamente sobre a grama do cemitério, apoiando sua cabeça no túmulo de Pávlik, como se este fosse um travesseiro.

— Agora vão embora — disse o policial.

Mal a mãe e a vizinha se viraram, ouviram atrás de si um breve "eh", com o qual os camponeses costumam rachar lenha, e algo como um soluço... Olhando para baixo, elas aceleraram o passo, no entanto o policial as alcançou rapidamente, limpando a baioneta suja de sangue com um punhado de grama.

— Dão poucos cartuchos — queixou-se ele, com simplicidade —, o fuzil é russo, um troféu de guerra, os cartuchos também, mas são difíceis de achar — e, percebendo que as mulheres não respondiam, acrescentou, bravo: — Hoje tudo deve ser lavado e varrido. Os alemães ficarão alojados na casa de vocês, está claro?

Assim começou a vida sob poder alemão. Os alemães se sucediam uns aos outros sem parar. Uns eram cruéis, outros mais piedosos. Geralmente apareciam no fim da tarde para passar a noite. Os cruéis enxotavam de casa a mãe, Ánnuchka e Mítia a pontapés e os piedosos sem pontapés. No começo, a família dormia na rua, apesar de as noites de Rjév serem frias em setembro. Pelo menos ainda não chovia, e quando começasse? A mãe tentava bater nas portas vizinhas, pedia que os abrigassem, mas todos tinham medo, pensando que fossem judeus, os quais eram procurados pelos alemães. Nem quando a mãe exibia Mítia pela janela, mostrando que eram russos, os deixavam entrar, pois poderiam ser da família de um comunista ou de um *partizan*...[118] Finalmente, acharam uma velha bondosa que os abrigasse, e, desde então, toda noite, assim que os alemães chegavam e os enxotavam, eles iam dormir na casa da velhinha, levando até roupa de cama e travesseiros. De manhã os alemães iam embora, e os três voltavam para casa e não a reconheciam... O fedor alemão de ervilha era inigualável... Mesmo quando o frio tornou-se intenso, era necessário escancarar as janelas. O dia inteiro a mãe lavava e arrumava a casa, e Ánnuchka a ajudava, enquanto Mítia trazia água, e depois os alemães vinham dormir outra vez... É preciso notar que, além de tudo, a mãe temia que descobrissem o retrato de Stálin, que ela envolvera cuidadosamente numa velha camisa do falecido

marido, Kólia, e enterrara no cemitério, entre os túmulos soviéticos mais afastados. Contudo, ninguém descobriu nada nem se interessou por isso, e a mãe se acalmou. Ela arrancou os jornais da parede, deixando visíveis as antigos afrescos da igreja, pois ouvira dizer que os alemães respeitavam Deus. A bem da verdade, uma vez, durante uma esbórnia especialmente intensa, sob efeito de *schnaps*-vodca, os alemães desenharam com carvão por cima das faces dos santos e, na testa do Cristo, pregado na cruz, fizeram uma estrela de seis pontas e escreveram: *Jüdisches Schwein* — "porco judeu"... A mãe ficou com medo de apagar a inscrição e ordenou a Ánnuchka e Mítia que não tocassem nela.

Eles viviam famintos e se alimentavam sabe-se lá como. Às vezes a mãe trazia beterrabas, cenouras ou batatas. Um dia, Mítia fez amizade com um garoto na rua, que lhe disse:

— Sabe onde ficavam os quartéis militares? Agora muitos dos nossos estão ali, atrás do arame farpado. Vamos pedir pão a eles.

Ánnuchka disse:

— Não vá, Mítia, é perigoso, os alemães vão bater em você e podem até matá-lo.

Mítia foi e voltou inteiro, mas sem pão.

— Pedimos pão a eles — disse —, e eles pediram a nós.

Justamente nesse dia a mãe também não trouxe nada.

"O que vamos comer?" pensava Ánnuchka.

A essa altura, os alemães, como sempre, chegaram para dormir, porque já tinha anoitecido. A mãe vestiu Mítia e a si mesma e, quando começou a abotoar o sobretudo forrado de algodão de Ánnuchka, um alemão disse:

— *Nein, nein*... Não, não... Fiquem mais, como vocês dizem.

A mãe ficou desnorteada, mas o alemão sorriu e tirou uma fotografia do bolso.

— *Kinder* — disse —, meu bebezinho... *Zwei*... Também dois... Eu falo um pouco russo.

Depois pegou duas torradas e deu uma à Ánnuchka e outra a Mítia. Pegou uma terceira e deu à mãe. O alemão gostou especialmente de Ánnuchka.

— *Gut, gut* — disse —, você deve aprender alemão... Eu serei professor...

O alemão não foi embora na manhã seguinte, e a mãe se alegrou. Morou na casa deles quase uma semana, e a mãe se afeiçoou a ele, Ánnuchka também, somente Mítia ficou alerta. O sujeito se chamava Hans, e, pela primeira vez em muitos meses, ganhavam ora um pedaço de pão, ora um pedaço de toucinho, ora um pouco de caldo concentrado de ervilha. Esse alemão nunca escarrava nem assoava o nariz no chão, e comia polidamente. Assim que terminava de comer,

tirava do bolso um carretel, arrancava um pedaço de linha e começava a limpar os dentes dos restos de carne e de ervilha. Ao concluir sua higiene, dava um ou dois arrotos e chamava Ánnuchka para estudar alemão. Ánnuchka assimilou rapidamente muitas palavras e aprendeu a contar: *eins, zwei, drei*.

— *Brot* — dizia o alemão —, "pão"... *Anna mit Grossvater gehen spazieren*… "Anna está passeando com seu avô".

Ele notou a estrela de seis pontas desenhada sobre a testa de Cristo e a inscrição *Jüdisches Schwein.*

— *Jüdisches Schwein* — ele disse e começou a rir —, "porco judeu".

— *Jüdisches Schwein* — Ánnuchka repetia agilmente. — *Anna mit Grossvater gehen spazieren… Eins, zwei, drei…*

No fim da semana, no entanto, Hans ficou triste e, numa manhã, abotoou seu capote militar, pegou seu fuzil-metralhadora, colocou seu capacete e se transformou num alemão comum, de modo que Ánnuchka até se assustou.

— A guerra, a guerra — disse ele tristemente à mãe. — Rjév é ruim, Colônia é bom — e suspirou.

Então ele percebeu que Ánnuchka o fitava assustada, como se ele já não fosse o alegre e bondoso tio Hans que lhe dava toucinho e a ensinava a falar alemão, mas um alemão comum que a enxotava de casa a pontapés. Então Hans sorriu e piscou a ela, apontando para a estrela de seis pontas esboçada no meio da testa de Cristo e para a inscrição de carvão que atravessava sua face:

— *Jüdisches Schwein* — disse.

— *Jüdisches Schwein* — repetiu Ánnuchka —, "porco judeu". *Anna mit Grossvater gehen spazieren… Haus,* "casa"; *Vogel,* "pássaro"; *Katz,* "gato"; *Hund,* "cachorro".

— *Gut, gut* — Hans riu, acariciou mais uma vez a cabeça de Ánnuchka, curvou-se à mãe e saiu, porque na rua já o chamavam e caçoavam dele.

À noite vieram outros alemães para pernoitar, e entre eles havia um parecido com Hans. A mãe pediu em voz baixa à Ánnuchka que falasse com o alemão na língua dele, como Hans lhe ensinara, pois na semana anterior, enquanto Hans morava com eles, sentiam-se protegidos e comiam os restos da comida alemã.

— *Jüdisches Schwein* — disse Ánnuchka. — *Anna mit Grossvater gehen spazieren… Haus,* "casa"; *Vogel,* "pássaro"…

O alemão começou a rir e, como Hans, disse:

— *Gut, gut...*

Sem demora, a mãe, para ganhar mais simpatia do alemão, trouxe uma bacia de água quente e uma toalha limpa para que ele se lavasse e se enxugasse. O

alemão se lavou e se enxugou, depois olhou para a mãe e subitamente a pegou pela saia, abaixo do ventre. A mãe deu um grito, assustada, e depois outro, porque Mítia golpeou com a cabeça o flanco do alemão, fazendo-o cambalear. Ánnuchka ficou apavorada, pois sabia como os alemães batiam. No entanto, antes que o alemão batesse em Mítia, a mãe mesma deu uma palmada no filho, mas não na cabeça dele, o ponto mirado pelo alemão, e sim no traseiro. Ela batia em Mítia e, ao mesmo tempo, afastava-o do alemão enfurecido. Por isso o alemão não machucou Mítia, apenas os botou para fora de casa, como faziam os alemães antes de Hans.

Foram novamente à casa da velhinha caridosa, mas não conseguiram dormir, com medo de que viessem atrás de Mítia. De manhã, a mãe disse:

— Crianças, fiquem aqui enquanto vou para casa; esperarei que os alemães saiam e pegarei o que puder... Iremos até a aldeia de Agárkovo, eu tenho uma prima lá, quem sabe conseguimos um lugar para ficar.

A mãe foi para casa pedindo a Deus que os alemães saíssem, pois, sem a presença do poder soviético, não havia a quem pedir ajuda além de Deus. Seu pedido foi atendido: os alemães saíram, entraram num caminhão e desapareceram. A mãe imediatamente irrompeu no quarto. Evidentemente, tudo estava quebrado, revirado, molhado, mas no meio da cama se achava a toalha limpa que ela havia dado ao alemão. A mãe pegou a toalha, mas ela estava pesada — continha uma porção consistente e saudável de bosta ariana, por meio da qual, ao lado das medições do crânio, seria possível determinar a raça ariana. Impossível confundi-la com bosta eslava, muito menos com bosta judia. No entanto, o alemão não tinha envolvido sua bosta numa toalha russa em prol da análise da pureza de sua raça, mas pelo humor alemão, vigoroso como um prato de salsicha, um humor que se distinguia, na opinião dele, da ironia judia, ressequida como uma tigela de galinha. Somente os mais talentosos dos eslavos seriam capazes de sentir o espírito alemão. A mãe de Ánnuchka, também chamada Ánnuchka, não pertencia aos melhores elementos de sua raça, não se sentia uma ariana e, à diferença de um célebre escritor russo do século XIX, não almejava a unidade ariana dos Urais ao Reno. Ela era movida por seus pequenos interesses e, assim, pegava as coisas que estavam ao alcance da mão...

Logo depois, a mãe, Ánnuchka e Mítia se arrastaram por um campo nevado rumo à aldeia de Agárkovo. Eles não andavam, mas literalmente se arrastavam, pois carregavam todas as suas coisas. No entanto, não foram direto a Agárkovo, mas pararam em Klechniovo, e, de novo, ninguém se mostrou contente com a vinda deles. Deixaram que pernoitassem ali, mas não lhes ofereceram comida,

pois não tinham nada. De manhã, os três seguiram viagem e ainda pararam na aldeia de Grigórievka. Lá a mãe esmolou e conseguiu um pouco de batata cozida estragada pelo frio. Não os deixaram entrar na isbá, por medo do tifo, e levaram as batatas, em um jornal, para o quintal. Somente na tarde seguinte, a mãe, Ánnuchka e Mítia chegaram a Agárkovo. Era uma aldeia pequena, não tinha mais de dez casas; em compensação, era tranquila e os alemães só tinham estado ali uma vez, de passagem.

A prima da mãe, apesar de não ter ficado muito contente com a chegada deles, hospedou-os e deu-lhes comida. E assim começou a vida na aldeia de Agárkovo. Passaram-se o inverno e a primavera, e no verão, em agosto, tropas soviéticas libertaram a aldeia. Foi uma grande alegria. A pequena aldeia estava abarrotada de soldados soviéticos, que se alojavam e pernoitavam nas isbás.

Nosso soldado também fede, mas o fedor dele é familiar, não hostil. Devemos ainda lembrar que os russos e os demais habitantes da Rússia comem mais cereais e fermentados do que carne. Por isso seu fedor, apesar de intenso, não é corrosivo. Já entre os alemães, cuja base da alimentação é ervilha com toucinho, o fedor é calórico e persistente...

Mas aconteceu uma desgraça: mal o exército soviético libertou a aldeia de Agárkovo, Mítia ficou doente. A mãe o colocou numa telega que passava e o levou aos militares do setor sanitário; ela contou que era viúva de um soldado morto na Guerra da Finlândia e se apiedaram dela, deixando que Mítia se tratasse lá. Passados alguns dias, ele começou a se recuperar e até aparecia nos degraus da entrada do hospital para se encontrar com sua mãe e Ánnuchka e lhes dar pão, já que ele recebia à vontade.

— Comam — dizia ele —, senão vão acabar morrendo...

De novo pareciam felizes, de novo essa felicidade estava permeada de desgraça. Uma noite, inúmeros aviões alemães lançaram-se sobre a aldeia de Agárkovo, e, na manhã seguinte, nada havia sobrado dela. Os que conseguiram se salvar foram à floresta levando tudo o que podiam. A floresta ficava a três quilômetros da aldeia e agora as tropas soviéticas estavam instaladas lá. Só que os habitantes ficavam separados dos militares e Ánnuchka, sua mãe e Mítia separados dos habitantes, que os consideravam de fora.

Acolheram-se num abrigo subterrâneo, sob uma colina perto de um riacho. Mítia ficava deitado sobre uma cama macia, feita pela mãe de todas as coisas que trouxeram, para que ele pudesse se recuperar. No abrigo penduraram a gaiola com um passarinho que Ánnuchka achara na rua durante o bombardeio. Sem se importar com os tiros em volta, os gritos e o choro de crianças, o

passarinho punha-se a cantar assim que o sol se levantava. Ánnuchka adorava o passarinho, sua mãe também, mas Mítia o amava mais que todos. Ele tentava lhe dar pedacinhos de grama, sementes de girassol, água fresca... Um dia, Ánnuchka e a mãe ceifavam centeio nas redondezas e Mítia, deitado no abrigo, ouvia o passarinho cantar quando, de repente, caiu uma bomba, depois outra, bem perto do abrigo. Fumaça se levantou, mas a mãe não esperou que o vento a dispersasse, correndo, em meio à fumaça, ao abrigo, seguida de Ánnuchka. Então elas viram Mítia, ileso, se arrastando para fora. Parecia que um arado tinha passado por cima do lugar, e as árvores ao redor estavam queimadas. Depois viram a gaiola no chão, com o passarinho morto dentro... Lamentaram ao lembrar como ele cantava, mas que fazer? Mítia disse:

— Senti algo voando na minha direção, entrei no abrigo, me enfiei num canto e pensei que tudo iria desabar...

Pouco depois, apareceu uma carroça militar e os levou para longe, dentro da floresta. Ali Mítia curou-se totalmente; em compensação, logo Ánnuchka e sua mãe adoeceram... Eles viviam numa choupana de galhos de abeto, em mau estado, e não havia ninguém para consertá-la. No primeiro dia em que ficou doente, a mãe carregou, à medida que parava em pé, o máximo de galhos que pôde com Mítia, para que a choupana ficasse seca quando começassem as chuvas. Ánnuchka não podia ajudar, sua cabeça ficou quente e pesada, assim como seus pés e suas mãos, e ela não conseguia se levantar... Assim, mãe e filha ficaram acamadas por alguns dias. Mítia ajudava como podia: trazia água, limpava espigas de centeio, descascava sementes de girassol...

Certa manhã, viram chegar uma carroça do setor sanitário com a cruz vermelha. Duas militares andavam entre os civis aplicando-lhes vacinas, enquanto os padioleiros levavam os doentes para o veículo. Levaram Ánnuchka e sua mãe, mas não Mítia.

— Ele não está doente — disseram.

Assim que a carregaram, a mãe disse a Mítia:

— Filhinho, não vá embora daqui, fique com os outros. Logo voltarei para casa, para a choupana...

Ánnuchka ainda ouviu essas palavras da mãe, depois não ouviu mais nada. Quando voltou a si, viu-se num grande quarto, deitada sobre uma maca. E logo começou a gritar e a chamar pela mãe. Alguém lhe disse:

— Não grite, sua mãe está deitada ao seu lado.

— Virem-me de lado, quero ver minha mãe.

Ánnuchka ouviu suas próprias palavras, mas não ouviu mais nada até se

perceber deitada no chão, forrado de palha, ao lado de homens e mulheres, deitados e espremidos, que ela desconhecia, e um homem se apoiava firmemente nela, todo azul, com a boca aberta... Ánnuchka pôs-se a gritar, sem pronunciar palavras inteligíveis. Alguém disse:

— Enfermeiro, tire os mortos daqui, faz tempo que pedimos...

E de novo Ánnuchka perdeu a consciência. Quando novamente voltou a si, estava deitava do mesmo jeito, no mesmo quarto, mas não no chão, e sim numa cama. Ela desatou no choro e chorou até ver sua mãe, que estava deitada perto da parede oposta. Cada vez que Ánnuchka caía em si, só se acalmava e parava de chorar ao avistar sua mãe. No entanto, uma vez Ánnuchka viu colocarem sua mãe numa maca e a levarem dali. A menina se desfez em lágrimas e lhe explicaram:

— Sua mãe está sendo transferida para outro quarto... Aqui só ficam os doentes de tifo, não de disenteria...

— Onde estou? — perguntou Ánnuchka.

— Num hospital — explicaram.

— Que aldeia é essa?

— Não é uma aldeia, mas uma cidade — disseram —, chama-se Pogoriéloie Gorodische.

Ánnuchka escutou esse nome e com ele dormiu ou desmaiou, era-lhe impossível discernir. Voltou a si quando a colocavam numa maca.

— Para onde estão me levando? — perguntou Ánnuchka.

— Você será transferida para outro hospital — disse o auxiliar de enfermagem —, aqui perto. São dezoito quilômetros.

E carregaram Ánnuchka passando pelo quarto onde sua mãe estava. Ao vê-la, a menina começou a chorar e a implorar:

— Coloquem-me com minha mãe...

A mãe respondeu:

— Não tenha medo, filhinha, logo irei buscar você.

Levaram Ánnuchka.

Ánnuchka ficou muito tempo internada no novo hospital, mas pouco se lembrava desse período. Lembrava-se somente do dia em que lhe deram alta. Era outono e, na sombra, já havia geada. Ánnuchka vestia seu sobretudo de inverno, forrado de algodão, mas estava descalça. Para aquecer os pés descobertos, era necessário andar rápido, mas para isso ela não tinha forças. Caminhando pela rua, Ánnuchka se avizinhou de um garoto.

— Para onde você vai?

— Para Pogoriéloie Gorodische — respondeu ele. — Eu sou de lá.

Ánnuchka se alegrou.

— Quero ir com você, preciso ir lá.

— Vamos — disse o garoto —, eu conheço o caminho... Até a floresta são seis quilômetros e da floresta à cidade mais doze...

Caminharam o dia inteiro e chegaram à floresta, a seis quilômetros dali. A estrada que a atravessava era feita de troncos, que estavam cobertos de lama suja e fria. Ánnuchka pisou com os pés descalços na lama fria sobre os troncos e pensou: “Não vou conseguir”. No entanto, continuou andando. “Consigo chegar até aquela árvore abatida, mas não posso ir adiante.” Mas, ao chegar até a árvore, continuou em frente. Embora andasse, ela compreendia: “Um pouco mais e meu corpo vai enrijecer de vez, mesmo com o sobretudo de inverno, e os pés parecem que não são meus, não entendo como ainda me levam”.

De repente ela ouviu uma carroça se aproximar. Ao notar que Ánnuchka estava descalça, o condutor parou os cavalos, desceu e a fez sentar. Ele não pôde dar um lugar ao garoto que a acompanhava, porque a carroça estava entulhada de caixas, mas o escoltou. Assim, à noite, chegaram a Pogoriéloie Gorodische.

Lá Ánnuchka aproximou-se de uma patrulha militar, que lhe indicou o caminho para o hospital. Ao chegar, ela perguntou às pessoas que encontrou:

— Procuro Emeliánova... Eu sou a filha dela...

Uma mulher disse à outra:

— Emeliánova está mal...

No entanto, Ánnuchka não quis entender que sua mãe estava mal, só entendeu que estava viva. Entrou no quarto e viu sua mãe no mesmo lugar em que a havia deixado, usando o mesmo casaco e o mesmo xale... Ánnuchka se aproximou e não a reconheceu. De longe a havia reconhecido, mas, de perto, não. Era como se fosse ela e ao mesmo tempo não fosse. A mãe, porém, reconheceu a filha de imediato e disse:

— Não consegui buscar você, filhinha, como prometi, mas logo irei...

A enfermeira disse:

— Menina, vá para a Casa do Camponês, ali poderá passar a noite.

A patrulha militar indicou o caminho da Casa do Camponês à Ánnuchka, que, ao chegar lá, conseguiu permissão para pernoitar. Ela estava tão cansada que logo adormeceu, no chão perto da estufa. Quando acordou, já tinha amanhecido. Ao seu lado, postava-se um soldado, que lhe perguntou:

— De onde você vem, menina?

— Da aldeia de Agárkovo — respondeu Ánnuchka.

— Então vá até o comandante[119] — disse o soldado —, ele dará um papel para que você consiga carona em qualquer carro.

E o soldado deu um pedaço de pão à Ánnuchka. Ela o comeu e foi até o local indicado. Entrou na casa e se dirigiu aos militares — ela não tinha medo deles, porque, quando morava perto do aeródromo, em Rjév, acostumara-se a vê-los. Ánnuchka aproximou-se e algum chefe lhe deu um papel para que conseguisse transporte gratuito em qualquer carro. Então ela voltou para o hospital, onde lhe disseram:

— Emeliánova está melhor.

Ánnuchka mostrou o papel à sua mãe e esta lhe disse:

— Você, filhinha, é muito inteligente... Agora vá para casa, na floresta, pois Mítia está sozinho... Eu logo vou melhorar e também irei até o comandante pegar um papel igual, e voltarei...

Ánnuchka foi até a estrada, mas por longo tempo nenhum carro parou, então ela mostrou seu papel a uns guardas de trânsito e eles a colocaram em um veículo. Ela chegou à aldeia e encontrou o lugar na floresta onde os aldeões se instalaram. Viu a choupana de abeto totalmente desfolhada e suas coisas jogadas no chão, todas molhadas, e ninguém se aproximava.

— As coisas de vocês estão contaminadas com tifo — explicaram —, ninguém precisa vigiá-las, os piolhos é que vigiam.

— E onde está meu irmão? — perguntou Ánnuchka.

— Seu irmão chorou por três dias — disseram —, depois foi até a casa dos militares.

Assim, Ánnuchka não encontrou seu irmão.

Entretanto, no inverno, todos voltaram aos seus abrigos subterrâneos, situados nas redondezas da aldeia destruída de Agárkovo. E ela foi ao abrigo da prima de sua mãe, que, mesmo sem vontade, a acolheu. Ánnuchka pensava: “Quando mamãe voltar, vai me achar mais rapidamente aqui”. Mas, um dia, a prima lhe disse:

— Sua mãe morreu...

“Como ela pode dizer isso,” pensava Ánnuchka, “se aqui não há nem correio nem telefone?” Mesmo assim, Ánnuchka resolveu partir, achou a estrada que levava a Pogoriéloie Gorodische e se foi.

Quando chegou ao hospital, não a deixaram entrar — era demasiado cedo. Ánnuchka sentou-se na entrada, enrodilhou-se como uma rosca sob o friozinho da manhã e esperou. Uma enfermeira lhe deu esperanças:

— Emeliánova — disse —, acho que vi uma.

E, remexendo numa gaveta com documentos, encontrou um papel:

— Sua mãe morreu no dia 7 de outubro de 1942.

E já era dia 13 de outubro... Ánnuchka voltou para casa, na floresta, de mãos vazias... A floresta já estava coberta de neve e não havia nenhum civil. Atordoada, ela esquecera que todos da aldeia haviam ido para os abrigos subterrâneos. Ela vagou muito tempo pela mata, sem gritar nem pedir ajuda, caminhando devagar, sem palavras. Um soldado a encontrou e a levou até os abrigos. Ánnuchka se acomodou de qualquer jeito — estava muito apertado ali, havia duas ou três famílias em cada abrigo — e dormiu, muito cansada e amargurada. De manhã, foi despertada por conversas ao redor e saiu: um frio gélido, neve, vento. No entanto, Ánnuchka agora vestia as botas de sua mãe. Apesar de muito grandes, as botas esquentavam os pés se eles fossem envolvidos em trapos. Ela viu por perto uma carroça militar estacionada recolhendo todos os habitantes. Alguém disse:

— Vão pegar o trem em Pogoriéloie Gorodische, estão todos evacuando, porque os alemães avançam de novo.

Recolheram também Ánnuchka, levaram-na a Pogoriéloie Gorodische e a colocaram num trem. Ela não sabia quanto tempo havia viajado, perdeu-se em devaneios, lamentando a morte de sua mãe. De repente, como em um sonho, começou um bombardeio. Em volta tudo eram chamas e tiros. O povo corria sem saber para onde. E Ánnuchka também fugiu... A noite estava iluminada como o dia por causa dos incêndios, e seria fácil achar um caminho se as paragens fossem familiares. No entanto, elas não eram, e em toda parte Ánnuchka só via o desconhecido. Ela entrou correndo numa casa que estava totalmente intacta, mas não tinha teto. Lá havia uma estufa, também intacta, com um ícone em cima. Então ela saiu a toda e, passando por uma estrada, chegou a uma grande casa repleta de mulheres. É agradável se andar sozinho por lugares familiares, mas em lugares estranhos o melhor é ser conduzido. Uma das mulheres conduziu Ánnuchka a algum canto. Já era manhã e tudo estava em silêncio, somente a neve caía. Um homem apareceu e assustou Ánnuchka, porque ele mantinha sua mão direita sempre fechada. Depois ela soube que era Kuzmin, o diretor do orfanato, um ferido de guerra — os dedos de sua mão direita haviam sido retorcidos por uma explosão, permanecendo o tempo todo retraídos na palma. Kuzmin pegou Ánnuchka pela mão com sua mão esquerda e a levou para um recinto quente onde se apinhavam meninos e meninas vestidos iguais, com os trajes do orfanato. Muitos meninos, especialmente os mais novos, usavam vestidos como meninas, porque não havia roupas suficientes para eles. Assim

que Ánnuchka viu as crianças, soube que iriam caçoar dela, pois todas olhavam para ela com olhos risonhos, como em Rjév, antes da guerra.

Cada orfanato, assim como cada família, possui suas regras. Nesse orfanato, havia sido estabelecido, tempos atrás, que todos eram provocadores e se esforçavam por se alegrar. Para Ánnuchka foi inventado rapidamente um apelido, “chorona”, porque às vezes, encolhida num canto, ela chorava por sua mãe e por Mítia... Um dia, uma menina moreninha de nome Sulamita a seguiu furtivamente e inventou o apelido, depois do qual a vida de Ánnuchka nunca mais teve sossego.

Havia um motivo para essa menina ter se esforçado tanto em inventar um nome ofensivo para a novata: antes da chegada de Ánnuchka, adultos e crianças, para provocar, chamavam Sulamita de “judia”. No início, ela era a “moscovita de nariz empinado”, já que vinha de Moscou, depois virou a “judia”, pois ela não pronunciava direito a letra “r”. Assim que se perdeu dos pais, Mita, ou Sulamita, foi parar em um orfanato onde ninguém a conhecia por “judia”, mas nesse logo começaram a ofendê-la. Certamente, Kuzmin não a provocava — ele era novo ali e considerado um estranho. As crianças não o respeitavam, mas gostavam da antiga diretora, que agora era educadora, tia Kátetchka, também ferida de guerra, toda encurvada... As crianças a consideravam uma mãe, pois ela era animada. Quando Sulamita, enfurecida pelas provocações, gritava, entre lágrimas, que fugiria dali para ir atrás de sua mãe, tia Kátetchka respondia com um sorrisinho:

— Aonde você vai? Se seus pais estivessem vivos, eles a encontrariam. Os judeus não abandonam suas crianças...

E Sulamita compreendia que não tinha para onde ir. As crianças não gostavam dela também por outro motivo: enquanto andava, ela sempre estava à procura de alguma coisa no chão e não raro achava, ora uma maçã, ora uma moedinha, em troca da qual lhe davam algo para comer na cozinha, e uma vez até encontrou um soldadinho de chumbo.

— Essa judia é sortuda — diziam —, sempre acha alguma coisa.

Havia uma menina, bem branquinha, Gláchenka, que a própria mãe havia levado para o orfanato. Gláchenka não queria ficar lá de jeito nenhum, apesar de terem lhe dado uma bela maçã. Ela chorara e rasgara o vestido da mãe. Então a levaram para uma sala e começaram a tocar piano. A menina deixou-se levar pela música e, nesse meio-tempo, sua mãe foi embora.

A bem da verdade, Gláchenka tentou fazer amizade com Sulamita, mas esta não queria saber da outra. Gláchenka abraçava e beijava Sulamita, dizendo:

— Eu quero ser sua irmã... Por que você não quer brincar comigo? Nós duas

somos órfãs...

Sulamita respondia:

— Minha mãe nunca me abandonaria. Ela é muito boa, tem cabelo encaracolado, usa chapéu de palha e outros também. Em Moscou, ela distribuía balas igualmente entre as crianças do jardim de infância. E eu a amo muito, apesar de a chamarem de "*madame*", porque ela tem cabelo encaracolado, pinta os lábios e usa chapéus...

— A minha mãe é má — dizia Gláchenka e chorava.

Somente Gláchenka e Kuzmin não chamavam Sulamita de "judia". Mas ela não gostava de Gláchenka e tinha medo de Kuzmin, como todas as outras crianças. Por isso Sulamita se alegrou quando trouxeram Ánnuchka ao orfanato. Ela seguiu a novata e a apelidou de "chorona". Desde então, as provocações à Sulamita diminuíram, porque passaram a caçoar principalmente de Ánnuchka. Mas, um dia, os maiorais entre as crianças, alegres e maldosos, foram provocar, como de costume, uma vizinha chamada Fiokla.

Fiokla, uma velhinha seca e brava, morava sozinha numa pequena casa perto do orfanato e, desde tempos imemoriais, talvez desde antes da guerra, os maiorais zombavam dela.

— *Sviokla*! — gritavam. — Vovó *Sviokla*...[120]

Em resposta, o cachorrinho ruivo de Fiokla latia, bravo, enquanto ela mesma proferia xingamentos e ameaças, o que só aumentava a alegria da molecada. Dessa vez, para agradar os maiorais, Sulamita também quis ir provocar Fiokla.

— Não vá — pediu Gláchenka.

Mas Sulamita foi, e Ánnuchka também. Para agradar, Sulamita se aproximou correndo da cerca, atrás da qual o cachorro ruivo quase tremia de tanta raiva, e gritou:

— Vovó *Sviokla*!

Então a velhinha brava meteu-se para fora e, vendo Sulamita perto da cerca, disse:

— E você é uma judia, uma *jidovka*...[121]

E as crianças maldosas pararam de rir de Fiokla e voltaram a caçoar de Sulamita. E Ánnuchka, que Sulamita um dia furtivamente seguira, disse:

— *Jüdisches Schwein*, em alemão, quer dizer "porco judeu".

— Então você sabe falar alemão? — perguntou Kóstia, a quem cada criança dava uma fatia de pão da própria ração para não apanhar.

— Eu sei — respondeu Ánnuchka, querendo lhe agradar. — *Anna mit*

Grossvater gehen spazieren... “Anna está passeando com seu avô”...

— Fascista, fascista! — gritou Kóstia. — Alemã, alemã!

E as crianças começaram a gritar:

— Alemã, alemã! Fascista, fascista!

Desde então, passaram a chamar, com empenho especial, Sulamita de “judia” e Ánnuchka de “alemã” e “fascista”, e graças a isso elas começaram a se odiar.

Enquanto isso, Kuzmin, que havia viajado, voltou preocupado.

— Os alemães estão por perto — disse ele —, eu organizei a vinda de carros, está na hora de nos prepararmos para a evacuação.

Passou um dia, passou outro, mas não veio carro nenhum, e já se podia ouvir nitidamente o bombardeio. Haviam atingido a estação, mas o orfanato ainda estava em segurança. Kuzmin chamou Kátetchka e disse:

— Não podemos esperar mais, vamos partir a pé... Traga as listas das crianças, que eu vou destruí-las, pois os alemães estão atrás de crianças judias...

Kátetchka disse:

— O que é isso? Todos devem sofrer por causa de uma judia? Se destruir as listas, depois será impossível localizar as crianças...

Kuzmin retrucou:

— É uma ordem!

Kátetchka disse:

— Aqui não é o exército nem o *front* para dar ordens.

Então Kuzmin bateu na mesa com a mão que nunca se abria, e Kátetchka trouxe as listas.

Kuzmin mandou enfileirar as crianças aos pares e de mãos dadas. Calhou que Ánnuchka e Sulamita ficaram lado a lado, mas ambas temiam desobedecer a Kuzmin e não reclamaram. As crianças rumavam à estação quando, de repente, viram ao longe carros se aproximarem de lá.

— São carros alemães — disse Kuzmin —, eu os conheço do *front*... Vamos mudar o itinerário, vamos para as aldeias mais afastadas.

Andaram muito tempo. Kuzmin e Kátetchka carregavam nos braços as crianças menores. Carregavam ora uma, ora outra, e assim chegaram à vila de Brussiány.

Os habitantes das aldeias vizinhas costumavam ir à vila de Brussiány por causa da feira. E esse dia era justamente o da feira. Kuzmin ficou contente, certificou-se que ali não havia alemães, alinhou as crianças na praça da feira, entre as carroças, e disse:

— Camaradas camponeses... Aqui diante dos senhores se acham irmãos e

irmãs do orfanato. Peço que cada um fique com aquele que mais lhe agradar, senão as crianças não vão sobreviver.

Os camponeses se aproximaram e começaram a examinar e a escolher as crianças. Primeiro, foram escolhidas as mais fortes e espertas, porque poderiam ajudar em casa e também ser utilizadas no trabalho. Depois, tendo sobrado as menores e as mais fracas, foram selecionadas conforme o gosto de cada um. Quando escolheram Gláchenka, esta implorou à aldeã que levasse também Sulamita. No entanto, a mulher percebeu que Sulamita era judia e se recusou. Gláchenka desfez-se em lágrimas, abraçou Sulamita e disse que nunca a esqueceria. Mas Sulamita não prestava atenção nela, tinha outra preocupação em mente: quem iria levá-la? Quase todas as crianças haviam sido escolhidas, sobraram apenas Sulamita, Ánnuchka e um menininho franzino, que ficaram com Kuzmin, porque Kátetchka, tranquilizada depois de ter colocado seus peraltas favoritos em boas mãos, arranjou para si mesma um trabalho com um velho camponês. Também, quase não restavam boas mãos — em volta agora havia apenas maltrapilhos, talvez desabrigados, que só tinham ficado lá por curiosidade. De repente, Ánnucka viu uma possível mãe adotiva se aproximar, com a qual qualquer órfão teria sonhado. Roupas limpas, olhos bondosos, e um lenço camponês cuidadosamente atado à cabeça. Nem uma mãe de verdade ganharia dessa. Ánnuchka pensava: “Ela está vindo atrás de mim. Ela não pegaria o menino, ele é franzino e sem graça, nem Sulamita, que é judia”. A mulher aproximou-se, olhou para as crianças, tirou subitamente do pescoço uma pequena cruz de cobre e colocou-a no pescoço de Sulamita. E a menina abraçou a mãe bondosa que a escolheu.

— Mamãe — disse —, obrigada por me escolher como filha...

Ánnuchka sentiu um aperto no coração, de ciúme e tristeza. A doença havia lhe tirado o amor de sua mãe verdadeira, mas quem lhe tirou o amor da mãe adotiva foi a judia que, no orfanato, lhe inventara um apelido ofensivo depois de vê-la, às escondidas, chorar pela mãe morta. Ánnuchka sentia um grande peso no coração, mas quem, na contrariedade, conserva o senso prático da infância é capaz de cometer grandes maldades. E Ánnuchka desejou a morte de Sulamita, para que a mãe adotiva bondosa ficasse com ela.

Mas será que ela desejou algo difícil? Seria difícil providenciar a morte de uma menina judia em 1942, sob domínio alemão? Bastou Ánnuchka desejá-lo do fundo do coração e autoridades alemãs apareceram na praça da feira da vila de Brussiány. Entre elas Ánnuchka reconheceu tio Hans, o homem lhe dava pão e caldo concentrado de ervilha — os eslavos ainda não estavam sujeitos ao

extermínio completo.

— Tio Hans — gritou ela, alegre —, *Anna mit Grossvater gehen spazieren*... *Vogel*, “pássaro”; *Hund*, “cachorro”...

Hans reconheceu em Ánnuchka a menina em cuja casa morara em Rjév e em Sulamita uma judia, que, conforme as últimas regras de vida alemãs neste planeta, não deveria viver em parte alguma. A máquina nacional alemã trabalhava com precisão e distinção. Transferiram Kuzmin para um campo de prisioneiros; golpearam com coronhas o rosto da camponesa, que se cobriu de sangue; retiraram Sulamita da zona destinada à raça eslava da vila de Brussiány, mataram-na e jogaram seu corpo numa vala; e colocaram Ánnuchka num vagão de carga, para que ela aprendesse na Alemanha a cultura alemã e o trabalho alemão.

Dã, a Áspide, o Anticristo, viu tudo isso — fazia tempo que ele andava pela terra devastada, revestida de sangue, e nesse dia se achava na praça de Brussiány. Ele viu sangue fresco e ossos secos do ano anterior. Em dois anos o cabelo de Anticristo, o jovem judeu da tribo de Dã, havia embranquecido. Ele não fora enviado como executor, mas somente como testemunha do Senhor...

Ele andava entre resignados e revoltados, entre os que suspiravam pela vida da qual eram expulsos e os que tiveram a sorte de esquecer a vida antes de morrer. Mas, certa vez, perto de Minsk, ele se viu ao lado de um sujeito da tribo de Efraim, pois Dã sabia a que tribos as pessoas pertenciam, mesmo que elas mesmas ignorassem. E esse homem, sábio e filósofo, caminhando para o túmulo, disse com pudor e afobação:

— Nosso povo deveria ter ido embora há muito tempo; somos como uma visita abusada que ficou tempo demasiado na casa dos outros povos e agora é posta para fora à força e com humilhação... Nós, judeus, somos um povo ruim e eu sinto nojo de mim mesmo...

Dã, a Áspide, o Anticristo, olhou à sua volta e realmente não viu muitos rostos de justos no seu povo, que caminhava para o túmulo... Alguém cometia adultério, outro ofendia um órfão, esse era sovina e engolia vivo seu próximo, aquele filosofava de modo indecente, esse rezava com falsidade, essa traía, aquele abjurava... E Dã, a Áspide, o Anticristo, disse:

— Quem está nos expulsando e de onde? Por acaso o Senhor nos expulsa do Éden? Por acaso os santos anjos nos expulsam do céu? Não, nós, pecadores, somos expulsos por pecadores decaídos de um mundo decaído... Olhemos em volta. O adultério não seria um pecado deste mundo? E a traição? A filosofia indecente? A reza dissimulada? Em disputas entre irmãos, matamos nossos

próprios profetas, de Jeremias a Jesus, mas será que isso é algo raro neste mundo? Quantos libelos de sangue, quantas lendas maldosas podem ser criadas sobre outras nações que destruíram seus próprios justos em disputas entre irmãos? E que culpa em particular nos deve ser imposta? Por que antes de sermos colocados porta afora deste mundo decaído, mas habitável, eles nos arrancam tudo e ficam com o que temos de melhor? Quando estivermos em outro mundo, iremos adquirir novamente um destino histórico e outros bens.

O Senhor respondeu a seu enviado, o Anticristo, nesse dia de outono, perto de Minsk, à beira de uma trincheira antitanque coberta pelo sangue das doze tribos de Israel:

— Uma culpa em particular vos é imputada, é a única culpa verdadeira neste mundo decaído, mas habitável; é ela que vos distingue dos outros povos e é por ela que vós sofreis o castigo, pois é a única culpa que vos distingue... A única culpa verdadeira... E o nome dela é Fraqueza... Somente disso vós sois culpados para com os outros povos, somente nisso consiste vosso pecado contra Mim. Enquanto essa culpa em particular existir, Eu perdoarei todos os vossos pecados. Quando vos redimirdes dessa terrível culpa, Eu vos cobrarei os outros pecados. Já aos vossos perseguidores, através dos quais vos castigo, cobrarei sete vezes mais, farei com que paguem até o fim, pois a punição do Senhor jamais se realiza através dos justos, mas sempre através dos ímpios.

E Dã, a Áspide, o Anticristo, disse a seu povo, através do profeta Jeremias:

— Não tenhas medo, meu servo Jacó [...] — disse o Senhor. — Eu não te destruirei, apenas te castigarei. Não te deixarei impune.[122]

Depois disso, Dã retornou a Rjév, aonde tinha sido enviado para encontrar Ánnuchka, a mártir ímpia, após ter encontrado Maria, a jovem e bondosa prostituta que tivera, num hospital da prisão, o primeiro filho de Anticristo, chamado por ela de Vássia em homenagem ao irmão que perdera... Não encontrando Ánnuchka em Rjév, ele dirigiu-se à Brussiány, onde ela causou a morte de Sulamita, [123] da tribo de Manassés, que não estava fadada a ser incluída no Resto,[124] a deixar um descendente...

Foi dito pelo profeta Isaías: “Pois, ainda que teu povo, Israel, seja tão numeroso como a areia do mar, apenas um Resto dele voltará; a destruição está decidida, transbordará justiça”.[125]

A justiça, que transbordava dessa destruição, se devia a terrível culpa do povo no mundo: a Fraqueza. Já aqueles que destruíam, repetindo sete vezes a soberba assíria, diziam:

— Fiz isso com a força de minha mão e com minha sabedoria, pois sou inteligente. Mostro os limites dos povos e dilapido seus tesouros.

Anticristo respondeu a si mesmo, através do profeta Isaías:

— Por acaso o machado irá se louvar diante de quem o ergue? Ou a serra se vangloriar diante de quem a maneja?[126]

Então Dã, o Anticristo, falou:

— Por vossa terrível impiedade, o Senhor vos escolheu como um instrumento de punição contra seu próprio povo, por culpa dele. Há povos ímpios e há uma terra ímpia. Ao partirem, os povos ímpios levam sua maldição, e a terra se purifica. Mas uma terra maldita é imóvel, e tudo o que provém dela é amaldiçoado pela eternidade. Do povo da terra amaldiçoada não haverá nem resto nem descendente, como acontecera à Babilônia, sete vezes menos pecadora. Foi dito no livro do profeta Jeremias: "Jeremias escreveu em um livro todas as desgraças que deveriam se voltar contra Babilônia, todas essas palavras se referiam à Babilônia".[127]

O Senhor envia o Cristo aos povos pecadores para a Bênção e o Anticristo para a Maldição, enquanto os grandes profetas são enviados para interpretar os trabalhos do Senhor, mas pisar em terra impura não é permitido nem a Cristo nem a Anticristo, nem mesmo aos eleitos entre os profetas. Por essa razão, Jeremias não levou pessoalmente o livro da Maldição à Babilônia, mas o entregou aos que eram conduzidos à escravidão. "E Jeremias disse a Saraías: 'Quando tu chegares à Babilônia, atenção, lê todas estas palavras e diz: Senhor, tu falaste deste lugar que irias destruir até que não restasse nem homem nem animal, tornando-o um deserto eterno. E, quando tu acabares a leitura deste livro, prenderás uma pedra nele e o lançarás em meio ao Eufrates, dizendo: Babilônia afundará e não se levantará mais, graças ao mal que lançarei sobre ela, e todos eles irão desfalecer'".[128]

Dã, a Áspide, o Anticristo, sabia que precisava amaldiçoar, mas apenas o Senhor sabia como e quando a Maldição aconteceria. Porém, para realizar o ritual da Maldição, Dã precisava de um pecador que, em seu sofrimento, fosse conduzido à escravidão, pois a Anticristo, o enviado do Senhor, assim como a Cristo, não era permitido pisar em terra impura. Dã sabia que em seu povo havia muitos ímpios e muitos pecadores; no entanto, os soberanos das terras impuras, que resolveram distribuir benesses terrenas no lugar do Senhor, consideravam a escravidão demasiado apetitosa para um judeu, pois um escravo pode dormir em um estábulo e comer detritos, conseguindo levar sua vida. Isso contradizia as

instruções de Martin Bormann,[129] um apreciador da raça ariana, um dos deuses supremos do paganismo nazialemão: “Os eslavos, neste mundo, serão escravos dos arianos; enquanto os judeus, que são animais, não têm direito de existir”. Por isso o Anticristo precisou achar ímpios sofredores em outras nações, aos quais as benesses da escravidão alemã eram acessíveis.

Dã, a Áspide, o Anticristo, saiu da vila de Brussiány e foi até a estação onde eslavos eram enviados, em vagões de carga, à Alemanha, para se iniciarem na cultura alemã e no trabalho alemão.

Era um típico dia do norte, “frio gélido e sol”,[130] como escreveu Púchkin; um dia magnífico, brilhante. Qualquer um que ainda duvidasse que a natureza fosse desprovida de alma se convenceria, nesse dia, de que a natureza é uma esposa bonita, mas infiel. Na alegria e na sorte, ela está pronta para esbanjar suas carícias e suas formosuras, mas, na desgraça, abandona-o de imediato, juntando-se aos assassinos perto dos túmulos sangrentos, olhando impassível para os corpos frios que havia pouco ela agradava com as hortaliças de seu mato, com o cheiro picante de suas folhas outonais e com o ar de seus abetos nevados... Como um butim dos que foram destruídos, aos assassinos cabem a beleza, a generosidade, as carícias e os deleites propiciados pela natureza, mas não lhes cabe o Senhor. Por isso Abraão, o Patriarca, adorava apenas o Senhor, mas não as estrelas, que conduzem para o pântano do fatalismo, nem o sol, que desperta a beleza material, nem a lua, que desperta a beleza mística, nem a juventude efêmera das plantas, nem a velhice eterna das pedras, nem o céu infinito, nem a água indiferente. À noite, o Senhor disse a Abraão por meio de uma visão:

— Não temas, Abraão, Eu sou teu escudo, e tua recompensa será enorme [...][131]

Desde então, Abraão acreditou no Senhor, mas não na natureza do Senhor, como acreditavam os pagãos, pois é sabido que o Senhor está na natureza, mas não é a natureza. Como o homem, a natureza é dominada pela soberba; como o homem, às vezes ela se insurge contra seu Pai, mostrando-se ímpia tanto em sua perversidade como em sua beleza...

Assim, a natureza perto da vila de Brussiány, nesse momento, se mostrou ímpia diante do corpo castigado da judia Sulamita, da tribo de Manassés, que não estava fadada a receber uma semente em seu ventre ainda quente, a ser incluída no Resto, a deixar um descendente... Ao longe, o sol puro e gelado no céu fresco do Norte caía calmamente sobre a floresta nevada e cintilante, num esplendor indescritível, e, se os raios de sol do Sul, especialmente no verão, são

palpáveis devido ao calor que contêm, ou seja, não completamente puros, os raios do Norte são extraordinariamente leves e puros, quase irreais. Essa pureza gélida não seria a origem da angústia glacial e silenciosa das paixões nórdicas?... Eis que, em meio a esse esplendor gélido e à luz imponderável do sol, o corpo de Sulamita, da tribo de Manassés, jazia numa vala, congelado com o próprio sangue, sangue que fora trazido às suas veias ao longo de muitas gerações, desde o próprio Abraão, que fizera aliança com o Senhor. Anticristo não se deteve muito sobre o corpo de Sulamita, da tribo de Manassés, pois ela ainda estava quente, sua memória estava fresca — a camponesa bondosa, agora deitada numa estufa, com o rosto deformado por coronhas alemãs, ainda se lembrava claramente dela, chorando e lamentando, e, em um vagão de carga, também se lembrava dela Ánnuchka, que, movida por suas contradições infantis, havia desejado a morte de Sulamita, mas não pensava nela com a tristeza da camponesa, e sim com pavor, como, nos primeiros tempos, pensara em seu irmão Vova, que morrera em Rjév devido a um temporal.

Dã, o Anticristo, conhecia o grande mandamento bíblico: deixem que os mortos enterrem os mortos. Enquanto a memória do morto estiver fresca, ainda não de todo esquecida, ainda palpável, enquanto os outros mortos não a sepultarem decentemente, é permitido apenas rememorar o morto, mas não falar dele, pois ele ainda é humano, não divino.

O Anticristo passou pelo corpo de Sulamita com calma e tristeza, como se passasse diante do caixão de um estranho, de alguém distante. Afastou-se da vila de Brussiány, rumando para onde o dia frio e ensolarado do norte russo, mostrando-se ímpio, se amotinava contra os sentimentos do Senhor. E o Anticristo viu muitos ossos humanos. Eram das pessoas que foram assassinadas ali no ano anterior, nos jazigos de granito, as quais os outros mortos tiveram tempo de enterrar. Nos campos, porém, também não se encontravam poucos ossos, pois se acumulavam de vários lugares: Rjév, Pogoriéloie Gorodische e Zubtsóv, e eram trazidos em vagões-plataforma — através das ferrovias de bitola estreita instaladas antes da guerra — da estação até os jazigos. Para fuzilarem em massa, juntavam migalhas de toda parte, mas, mesmo assim, isso ainda não se comparava aos grandes fuzilamentos do Sul... Em todo caso, os fuzilamentos do Norte, unindo pessoas de toda parte, eram implacavelmente categóricos e escrupulosos. A essa altura, já havia sido editada a circular alemã secreta sobre o trabalho insatisfatório dos *Einsatzgruppen*:[132] “Os numerosos fuzilamentos dos judeus não provocariam em si objeções se, durante sua preparação e execução, não fossem cometidas falhas técnicas. Alguns, por exemplo, abandonavam os

corpos, insepultos, no próprio lugar de fuzilamento". Era a circular nº 25, datada de 25 de julho de 1942. Agora já era inverno de 1942, no entanto as infrações e as falhas técnicas ainda não tinham sido eliminadas. Foi justamente uma falha técnica alemã como essa que surgiu diante de Dã, o Anticristo, num campo perto da vila de Brussiány.

O Anticristo olhou em volta e, de repente, sentiu em seu ombro a mão do Senhor, e lhe aconteceu o mesmo que acontecera ao profeta do exílio Ezequiel: Dã, como Ezequiel, conversou com o Senhor.

"A mão do Senhor estava sobre mim e me conduziu em espírito, colocando-me no meio de um vale repleto de ossos. E me fez andar ao redor deles, e havia muitos ossos sobre a superfície do vale, e estavam completamente secos. Ele me disse: Filho do Homem! Esses ossos irão reviver? Eu disse: Senhor Deus, Tu sabes disso. E Ele me disse: Anuncia uma profecia sobre esses ossos, dizendo a eles: 'Ossos secos! Escutai a palavra do Senhor'. Assim dizia o Senhor Deus aos ossos: 'Eu farei o espírito entrar em vós e vós revivereis. Eu vos cobrirei de veias, criarei carne em vós e vos revestirei de pele, e farei o espírito entrar em vós, e vós revivereis e sabereis que Eu sou o Senhor."[133]

O Anticristo viu, num campo coberto de neve, os ossos se aproximarem, e cada osso, embora lançado longe um do outro, achou seu par, e um ruído se elevou, então veias surgiram sobre os ossos, a carne cresceu neles, e a pele os cobriu, e tudo ganhou a forma de uma multidão de mortos recém-enterrados, que se postavam sob o alegre sol do Norte como ídolos tristes. É sabido que, quando um morto enfurecido aparece e deseja zombar dos vivos, a primeira coisa que faz é dançar, pois a dança dos mortos é especialmente temida pelos vivos. Mas ali havia algo de diferente, já que esses mortos mártires eram tristes e se postavam imóveis, assim como imóvel jazia, perto de uma vala, o corpo castigado, congelado com o próprio sangue, da judia Sulamita, que, insepulta, infringia as instruções sanitárias alemãs.

Então o Senhor disse a Dã, o Anticristo, através do profeta Ezequiel:

— Anuncia uma profecia ao espírito, filho do Homem, anuncia: "Assim diz o Senhor Deus: Espírito, vem dos quatro ventos e sopra sobre esses mortos, e eles irão reviver".[134]

E, como o profeta Ezequiel, Dã, a Áspide, o Anticristo, pronunciou a profecia e os mortos renasceram, e eram muitos, um enorme batalhão. E o Senhor disse a Dã, o Anticristo, por meio do profeta Ezequiel:

— Esses ossos são toda a casa de Israel. Eis o que eles dizem: "Nossos ossos

secaram, nossa esperança morreu: fomos cortados pela raiz". Por isso, anuncia a profecia a eles: "Assim diz o Senhor Deus: Eu abrirei vossos túmulos e vos farei sair, povo Meu, e vos conduzirei à terra de Israel. E vós sabereis que Eu sou o Senhor quando Eu abrir vossos túmulos e vos fizer sair [...]".[135]

Depois disso, o Senhor tirou a mão do ombro de Dã, a Áspide, o Anticristo, e os mártires renascidos desfizeram-se novamente em ossos sobre o campo nevado. Começou a anoitecer, a floresta escureceu e o esplendor gélido do dia apagou-se. O Anticristo entendeu que isso era um sinal. Ele precisava correr até a estação, antes que conduzissem à escravidão, à terra impura, a mártir ímpia Ánnuchka, por cujas mãos ele deveria enviar a Maldição a essa terra. Foi para isso que o Anticristo havia sido enviado pelo Senhor a Rjév, para encontrar Ánnuchka, a jovem mártir, depois de ter passado por Kertch, onde encontrara Maria, a bondosa prostituta...

Quando o Anticristo chegou à estação, era noite, estava escuro, e os lampiões, conforme as condições dos tempos de guerra, iluminavam palidamente. Seguindo o ruído dos lamentos, o Anticristo achou, entre tantos vagões, os vagões de carga dos escravos, embora o choro soasse de modo abafado, pois as portas já tinham sido trancadas — o trem estava prestes a partir... Dã passou silenciosamente ao lado do vagão diante do qual se aglomeravam os alemães que conduziriam os eslavos à escravidão. Ele não andava silenciosamente por ter medo de ser morto pelos alemães, pois isso era impossível, mas porque fazia tempo que ele era dominado pelo desejo de matar um alemão. Na verdade, queria matar todos eles, para deleitar-se inteiramente, no entanto isso seria uma felicidade completa, e o Anticristo sabia que neste mundo não existe felicidade completa. Então ele sonhava com uma pequena alegria — matar pelo menos um alemão. Mas o enviado do Senhor não pode determinar Seus desígnios. O Anticristo sabia que o Senhor não tinha aprovado o profeta Eliseu, que punira com a morte crianças ímpias e maldosas. O enviado do Senhor tem o dever de executar apenas o que lhe é devido. Era por isso que o Anticristo andava silenciosamente diante dos homens cuja morte desejava.

O Anticristo olhou para dentro de um dos vagões, cujas portas os alemães precisaram abrir, e ele estava apinhado de pessoas, principalmente mulheres, mas também adolescentes, jovens... Quando os alemães abriram a porta, todos começaram a se empurrar para tomar um pouco de ar, e Ánnuchka estava lá, de pé, espremida por corpos estranhos. O Anticristo tirou de sua bolsa de pastor o pão impuro do exílio, legado pelo profeta Ezequiel, e começou a distribuí-lo entre os eslavos escravos. Ele deu um pedaço de pão à Ánnuchka, embrulhado

com um rolo de papel, e disse:

— Come o pão, mas esconde o papel na tua roupa. Quando tu chegares à terra impura, lerás o que está escrito no papel, depois o prenderás numa pedra e o lançarás ao rio dessa terra impura.

Ánnuchka olhou para quem lhe oferecia pão e, de repente, reconheceu nele o homem que, antes da guerra, em Rjév, aparecera em sua casa, uma antiga igreja, com a intenção de roubar. Ela se assustou e quis chamar o alemão que havia se afastado para fazer suas necessidades, pois não havia outra autoridade além dele. No entanto, Ánnuchka não teve tempo, pois uma mulher que estava ao lado com uma criança nos braços disse de súbito ao Anticristo:

— Bom homem, pegue minha criança, porque eu estou morrendo de fome e seu pão não durará muito tempo... Minha filha morrerá perante meus olhos...

A mulher estendeu ao Anticristo uma criança envolvida em um cobertor vermelho de algodão; percebendo-se em braços estranhos, o bebê começou a chorar furiosamente. Então a desordem, até então despercebida, ficou evidente. Essa desordem não era nada para os alemães, mas o que eles viram era inconcebível para sua mente nórdica: iluminado pelas lanternas das patrulhas alemãs, bem no centro da disposição militar, achava-se um judeu com a barba por fazer, ainda em vida, respirando o ar gelado e segurando uma criança, a qual, se conseguisse crescer e se enfiar por uma fresta, se disfarçaria com a máscara de outra nação, e quem conseguiria achá-la para exterminá-la?... Conforme a doutrina alemã — o organizado cérebro alemão sempre acredita em um materialismo idealista — e a doutrina da separação das raças, eles não poderiam supor que, nos braços de um judeu, estivesse uma criança eslava. O ímpeto de caçador dos alemães uniu-se à indignação de senhorios asseados. E surgiu uma alegria recíproca. Alegres, os alemães correram por todos os lados com o intuito de matar o judeu: pela caixa d’água, pela estação, pelos vagões vizinhos. Alegre, Dã, a Áspide, o Anticristo, percebeu o quadro que se formara e pensou: “Tenho nos braços uma criança que é mortal e que o Senhor não me impediu de pegar. Por isso, Ele me perdoará se eu antecipar, em parte, Suas intenções, como me perdoou quando eu coloquei um obstáculo na frente de Pávlik, o proletário de Rjév”.

Os alemães começaram a cair, agarrando a barriga, apertando as palmas das mãos geladas contra os lábios mordidos devido a uma dor súbita, soltando imundícies sangrentas pelas duas extremidades. Como se estivesse sob o fogo de metralhadoras, todo o destacamento da guarda tombou na plataforma coberta de neve, sobre sua própria diarreia. Após a resolução da questão judaica nas

trincheiras antitanques de Minsk, após os ossos secos encobertos pela neve perto de Brussiány, olhando para os rostos genuinamente alemães, azuis por sufocamento, deformados por asfixia, Dã, a Áspide, o Anticristo, entendeu o que era a felicidade terrena...

Mais tarde, autoridades alemãs determinaram que o envenenamento do destacamento dera-se pelo uso de conservas de má qualidade, e, para completar, morreu um intendente militar alemão. Dessa maneira, a quantidade total dos dolicocéfalos ficou ainda menor.

Como é de conhecimento geral, a dolicocefalia — alongamento do crânio — constitui, conforme a doutrina alemã, um indício germânico. Já Ánnuchka era uma típica braquicéfala, com o crânio redondo, eslavo, e, por essa razão, ela agora cuidava de porcos num planalto xistoso da região de Renânia do Norte-Vestfália... Seu patrão era um típico dolicocéfalo, com o crânio germânico, o que, na opinião dele, mesmo entre alemães, era um acontecimento raro, sendo um privilégio da zona rural, pois nas cidades havia forte mistura de elementos morenos: eslavos do Oeste, romanos, e, honestamente, até espécimes judeus, o que criava um problema picante, já que o próprio *Führer* — psiu! — tinha cabelos pretos.

Muito mais tarde, no período do pós-guerra, o patrão dolicocéfalo de Ánnuchka passou a afirmar que sempre fora antinazista e anti-hitlerista, pois na cúpula do partido nazista predominavam braquicéfalos, de crânio redondo, e o próprio Hitler não tinha um crânio puramente germânico, além de possuir cabelos pretos. No entanto, na época em que Ánnuchka trabalhava para esse senhorio, ele escondia sua revolta interior da Gestapo e se esforçava para abastecer a mesa nacional alemã de pratos variados e suculentos, incluindo patas de porco com repolho azedo... A criação de porcos e o cultivo de repolho são tarefas árduas, e Ánnuchka, não habituada ao trabalho alemão, sobre o qual lhe falara o bondoso tio Hans, ficava extenuada, principalmente porque, se às vezes comia sobras de repolho no almoço, nunca comia carne. E os outros braquicéfalos também se esgotavam do trabalho alemão, sem conseguirem restabelecer suas forças com as refeições alemãs.

Contudo, a região em que acomodaram a escravidão era bonita. As colinas, que se elevavam suavemente, entremeavam-se com vales, entre os quais os rios formavam uma sequência de sinuosidades graciosas. Em muitos lugares, a superfície da terra que deveria ser amaldiçoada estava quase totalmente coberta por florestas de folhas, onde cantavam passarinhos; por jardins frutíferos, onde pendiam maçãs, peras e ameixas coradas; e por campos de vinhas, de trigo e de

cevada. Tudo isso exigia cuidados, mas não havia dolicocéfalos habilidosos o suficiente, pois eles tinham sido encarregados pelo *Führer*, de cabelos pretos, de estabelecer na terra de Deus a ordem alemã. Por isso, no período de colheita dos frutos, para lá enviavam braquicéfalos preguiçosos e assustados. Em sua maioria, eram jovens que desabrochavam em meio à escravidão e, mesmo com a alimentação pobre, eram tomados de desejos, especialmente entre as árvores frutíferas aromáticas.

Um dia, Ánnuchka carregava uma pesada cesta trançada com a ajuda de um braquicéfalo de Kursk. O rapaz agradava a Ánnuchka. Ele tinha o nariz arrebitado e os olhos cinzentos e assobiava alegres cançonetas alemãs. Ao rir das cançonetas, Ánnuchka dava a entender que ele a agradava. Quando voltavam pelo jardim, com a cesta vazia, depois de descarregarem as maçãs no armazém, o braquicéfalo de Kursk, de olhos cinzentos, levou Ánnuchka para uns arbustos e de súbito a agarrou, com força, respirando pesadamente, como se carregasse de novo uma cesta cheia de maçãs; derrubou Ánnuchka na grama, desuniu os joelhos dela com os seus e, com seus lábios, tapou a boca dela. Assim, Ánnuchka repetiu o destino de Maria, violada perto da cidade de Izium, na região de Khárkov, em 1933. No entanto, em seguida tudo se deu de outra forma para Ánnuchka e para seu violador. Ela foi violentada de dia e, à noite, queixou-se ao seu patrão dolicocéfalo. O dolicocéfalo, que às vezes lia Goethe, não gostava, como ele mesmo dizia, “das mistificações de jovens”, por ser um homem semiparalisado e sentir aversão por semelhantes distrações. Dessa maneira, mandou castigar de forma exemplar o braquicéfalo de nariz arrebitado, que foi espancado na delegacia de polícia. Mas, como um dos policias calçava botas de couro de porco extremamente pesadas, com ferraduras de ferro nas solas, o braquicéfalo de Kursk apanhou mais do que exigia a justiça e morreu. Então o senhorio dolicocéfalo, que, como sabemos, entretinha-se com Goethe, foi invadido por dúvidas, sobretudo porque a relação com a mão de obra se mostrava complicada e, em geral, o ano de 1944 não estava fácil para a agricultura alemã. Ele lamentou o bom trabalhador que havia sido o braquicéfalo de Kursk e, zangado com Ánnuchka, que o induzira a cometer uma injustiça, começou a castigá-la: enviava-a aos trabalhos mais pesados do chiqueiro, mandava espancá-la por qualquer falha, dava-lhe uma ração ainda pior que a ração de fome reservada aos braquicéfalos, acusava-a de ser uma devassa. Por estar totalmente sob poder dele, Ánnuchka, um mês depois do ocorrido, no outono de 1944, tinha a mesma aparência dos prisioneiros de guerra russos que trabalhavam na extração de turfa e eram enterrados, perto do trabalho, em solo

pantanoso, onde, aliás, enterravam todos os braquicéfalos que morriam ou eram assassinados. Ela sabia que para lá também fora levado o jovem de nariz arrebitado e olhos cinzentos que a violentara atrás de uns arbustos.

Certa vez, Ánnuchka estava deitada sobre seus trapos depois de um dia especialmente árduo — ela estava febril e, nesse estado, era-lhe difícil carregar, apertando contra o ventre, a pesada tina com a comida dos porcos, por isso tinha se esgotado completamente. Todos dormiam, apenas os porcos grunhiam de vez em quando atrás do tabique, mas ela não conseguia se aquecer. Abraçou com as mãos os joelhos ossudos e pressionou-os contra o ventre dolorido para se esquentar; nessa posição, sentiu suas entranhas e se lembrou do rapaz de Kursk.

Assim, depois do primeiro flagelo do Senhor — a espada —, depois do segundo — a fome —, depois do quarto — a doença —, caiu sobre ela o terceiro — o animal selvagem, a luxúria, o adultério —, o único flagelo do qual ela havia sido poupada. E ele chegou em momento inesperado e inoportuno. Ánnuchka se lembrou do rapaz de Kursk, ou sonhou com ele, mas ele tinha outra aparência e surgiu na época em que a mãe dela estava viva e na presença de Ivan-Mítia. Era como se o rapaz de olhos cinzentos a acompanhasse por todos os lugares. Na aldeia de Nefiédovo, ele sentava perto dela, ao lado da isbá, sob o sol sonolento e terno da manhã, enquanto Ánnuchka cochilava de camisola, sentindo prazer... No quarto nº 9 do barracão nº 3 do 3º setor da cidade de Rjév, o rapazinho também se achava ao lado dela, divertindo-se com o jogo das pedrinhas[136] em companhia de Ivan, o irmão de Ánnucka, apelidado de Mítia... No edifício nº 61 da Rua do Trabalho, a antiga igreja que fora destinada como moradia aos *stakhanovistas*, o jovem de Kursk, de nariz arrebitado, também morava com Ánnuchka e juntos passeavam pelo cemitério onde Vova, seu irmãozinho, fora enterrado. Só que as árvores do cemitério pareciam maiores e mais bem cuidadas, como num jardim alemão. Havia muitas árvores aromáticas e vinhas, mas também arbustos com frutinhas silvestres, como os que cresciam na floresta perto de Nefiédovo. Ánnuchka e o rapaz de Kursk foram colher frutinhas e pararam atrás de uns arbustos, de súbito ele a agarrou e derrubou-a, sem esforço, pois ela mesma se entregou, abraçando fortemente os joelhos e pressionando-os contra o ventre, e tudo se tornou quente e agradável... Mas, de repente, Ánnuchka ouviu: “Sua mãe, Emeliánova, morreu no dia 7 de outubro de 1942...”. Então começou a chover, um temporal. Ánnuchka se esqueceu da felicidade vivida com o jovem de Kursk e correu a toda a força para que não enterrassem sua mãe sem a presença dela. Ela chegou ofegante até os barracões, mas havia tanta água que não foi possível passar, e o caixão com o corpo de sua

mãe estava no pátio, sob a chuva. Ánnuchka viu os antigos vizinhos — ela se lembrava de todos — se aproximarem do caixão para erguê-lo e levá-lo até o cemitério. Ela gritou:

— Eu estou aqui... Eu sou a filha de Emeliánova...

Mas eles não ouviam sua voz vinda de longe e a menina não conseguia transpor a água. Quando os vizinhos se inclinavam para levantar o caixão, a mãe de Ánnuchka inesperadamente se sentou e disse:

— Esperem, eu quero dizer uma coisa...

Ánnuchka ouviu claramente essas palavras, mas não conseguiu entender o que sua mãe disse em seguida, pois a água a impedia de se aproximar e fazia muito barulho. Os vizinhos, pessoas estranhas, a ouviam, enquanto sua própria filha não... Ánnuchka correu em direção à água, que alcançava sua cintura e depois seu pescoço, e ninguém se pôs a ajudá-la... Mesmo assim, ela conseguiu chegar até o caixão, mas sua mãe já tinha acabado de falar e jazia, inerte, como antes. Os vizinhos levantaram o caixão e o carregaram. Ánnnuchka caiu no choro e com esse choro despertou no chiqueiro alemão, perto do tabique de madeira onde grunhiam porcos...

A chuva rumorejava no telhado de telhas, mas não havia correntes de ar — o chiqueiro alemão se diferencia do chiqueiro russo por ser mais limpo e por melhor proteger contra o frio. Só que Ánnuchka não tremia do frio exterior, mas do frio interior, não por causa do vento, mas da febre. Durante o sonho, Ánnuchka chorara a plenos pulmões, porque estava em casa e ninguém poderia proibi-la de chorar, mas no mundo real ela chorava baixinho, porque vivia sob a escravidão alemã. Esse choro era o pranto divino, vindo do coração, com o qual às vezes o Senhor recompensa os insensatos, como se dera com a jovem prostituta Maria, em 1933, em um campo perto da estação de Andréievka. Através do pranto divino, Maria, naquele instante, se elevara — sem ajuda de palavras, ela lera o sermão do Senhor e, sem o uso da razão, compreendera o que o profeta Isaías, por meio da inteligência, havia recebido:

— Como uma mãe que consola Eu vos consolarei [...] Vós o vereis, e vosso coração se alegrará e vossos ossos florescerão como ervas frescas [...].[137]

Ao escutar, sem palavras, esse mesmo sermão e ao compreendê-lo sem razão, Ánnuchka saiu do chiqueiro alemão aquecido e, sob a chuva, entrou num atalho da terra impura que deveria amaldiçoar. Enquanto ela caminhava, parou de chover, e a terra impura, convencida de sua eternidade, deleitou-se com a lua alemã, cuja visão fazia alemães sem coração derramarem lágrimas de ternura...

As colinas monótonas alemãs erguiam-se aqui e ali, com magma vulcânico

grudado a elas, entre pastagens frias e úmidas... Na parte nordeste do rio se estendia uma floresta densa. O próprio rio se achava no meio de um vale pitoresco, entre margens rochosas, onde dormiam, sob seus telhados de telhas, verdadeiros povoados medievais... Tudo isso seria amaldiçoado pelo Senhor através de seu enviado, Dã, a Áspide, o Anticristo, e a execução da maldição estava reservada a Ánnuchka Emeliánova, de Rjév, a mártir ímpia que fora conduzida à escravidão. Ánnuchka aproximou-se da margem do rio, sentou-se numa pedra coberta de musgo e tirou do rolo o papel que o Anticristo lhe dera e do qual ela havia se lembrado agora. Ali havia inscrições em duas línguas: uma desconhecida e incompreensível, como rastros de passarinhos na neve ou na areia, e outra familiar, que lhe fora ensinada na escola. Por mais que a lua germânica tentasse se esconder nas nuvens de chuva, forças celestes a obrigaram a iluminar Ánnuchka, que, sob a resistente luz alemã, começou a ler, sílaba por sílaba. Embora, na escravidão, ela tivesse começado a esquecer o alfabeto, conseguiu decifrar a Maldição dos profetas bíblicos, agora lançada contra essa terra impura e contra esse povo ímpio. Com as maldições, os profetas preveniam seu povo do pecado. Mas sete vezes será amaldiçoado aquele que usar da própria maldade para castigar o pecado. Pois, para executar sua cólera, o Senhor escolhe sempre os tipos mais terríveis.

"Voltarei minha face contra vós e vós sereis abatidos por vossos inimigos [...] e vós fugireis sem que ninguém vos persiga. [...] Eu vos farei o céu de ferro e a terra de cobre. [...] vos reduzirei tanto que vossos caminhos ficarão desertos. [...] Em vão se consumirá vossa força; vossa terra não dará vegetação e suas árvores não darão frutos. [...] Eu suprimirei o pão que sustenta o homem; dez mulheres cozerão vosso pão em um só forno, vós comereis, mas não vos fartareis. [...] Enviarei temor ao coração dos que restarem entre vós, e o farfalhar de folhas inquietas os fará fugir."[138]

Eis a Maldição do profeta do exílio Ezequiel: "Eu, o Senhor, disse que assim será e assim farei. Não voltarei atrás, não pouparei nem concederei perdão. Eu te julgarei conforme teus caminhos e tuas ações, e já não te encontrarei pela eternidade".[139] Eis a Maldição do profeta Isaías, depois reiterada no Apocalipse de João: "Teu céu se enrolará sobre ti como um pergaminho".[140] E, em cólera, o primeiro profeta bíblico, o pastor de Técua Amós, ao olhar para a terra impura, anunciou a Maldição e depois a anotou em um manuscrito, legado pelo profeta Jeremias: "Eu odeio, desprezo vossas festas [...] Afasta de mim o barulho de teus cantos". E, no fim, o profeta Amós acrescentou: "Que o julgamento corra como

a água e a justiça como uma torrente...”.[141]

Com isso, Ánnuchka Emeliánova concluiu a leitura do manuscrito da Maldição. Saraías, o camareiro-mor do rei,[142] terminara de ler o manuscrito da Maldição sobre a Babilônia antes do amanhecer, e Ánnuchka, da mesma forma, terminou sua leitura quando era hora de voltar ao chiqueiro alemão e carregar as pesadas tinas com a comida dos porcos, para que não apanhasse por atraso e negligência. Assim, ela achou rapidamente uma pedra, arrancou um retalho de seu vestido, atou com ele a pedra ao manuscrito e lançou-o às águas do rio alemão.

O ódio, como sentimento permanente, torna a alma ressequida, mas o ódio contínuo ao povo alemão, a tudo o que se refere a ele, deveria, desse momento em diante, virar um traço do povo do Senhor, como uma advertência aos outros inimigos históricos menos hábeis. Se as gerações atuais e próximas levassem consigo, ao morrerem, essa antipatia, pelo menos uma desconfiança deveria permanecer para sempre, uma desconfiança nacional e razoável que, de algum modo, acabaria transformando esse ódio em sentimento permanente, uma forma inútil, grosseira e desajeitada de uma nação se defender. O humanismo místico-nacional nazista endeusava o homem nórdico e utilizava-o como medida para todas as coisas. A escada hierárquica racial conduzia do homem nórdico para baixo, e no degrau inferior estava o judeu desumanizado, separado do humanismo. E isso é natural. Os judeus, como indivíduos, são tão cruéis quanto o resto da humanidade. Mas, como formação histórica ou fenômeno bíblico, seu povo está próximo de Deus, e o homem, em essência, odeia Deus e por isso odeia os judeus, assim como muitos judeus odeiam a si mesmos e a seu destino bíblico. Essa ideia é tão inestimável que vale repeti-la em outras palavras. Certamente, o judeu enquanto homem é tão ruim como todos os homens, mas o judeu enquanto judeu, conforme a Bíblia, é uma parte do povo de Deus; para acreditar em Deus, o homem, que é Dele inimigo, precisa superar sua própria natureza humana, amaldiçoada por Deus, mas, como poucos o conseguem, o ódio contra os judeus torna-se algo absolutamente natural. Quanto mais longe um povo se acha de Deus, no atual estágio histórico, maior é seu ódio e mais naturalmente o antissemitismo se transforma num indício nacional. O próprio destino secular do povo judeu mostra ao homem que ele não é o dono da terra, mas somente um operário de Deus e um errante. Graças a isso, os povos, especialmente os grandes e fortes, que se imaginam donos do vinhedo divino e rejeitam a parábola do Evangelho sobre os vinhateiros, odeiam o povo judeu, o

qual, por seu próprio destino, zomba continuamente, embora muitas vezes de modo inconsciente, da pretensão dos homens de serem proprietários do vinhedo.[143] Assim como, na parábola do Evangelho, trabalhadores negligentes mataram repetidamente os enviados do Senhor — que os lembravam das obrigações para com o verdadeiro Dono do vinhedo —, tentou-se muitas vezes, no decorrer dos séculos, resolver a questão judaica. Mas o alemão fez disso a base de sua ideia de governo em um momento crucial de seu destino histórico, em nome do cumprimento de seu dever histórico para com a humanidade. Pois, como foi dito, a maioria dos homens odeia Deus, seja de forma secreta ou aberta. Os homens O odeiam porque Ele é forte, enquanto eles são fracos, porque Ele é imortal, enquanto eles são efêmeros. Em suas preces, mais imploram que enaltecem; em seus mitos, celebram titãs como Prometeu, um inimigo de Deus e um mártir da humanidade que se sacrificou por ela. Como poucos amam a Deus, o alemão, em sua solução científica categórica da questão judaica, se pronunciou em nome da maioria dos homens, os quais almejavam, segundo a parábola do Evangelho, serem donos do vinhedo de Deus, e não Seus operários...

Assim que o Senhor soube que Ánnuchka Emeliánova, de Rjév, cumpriu a Maldição, três dias antes de ela morrer de febre, chamou Anticristo, seu enviado, e disse:

— Tu irás para a cidade de Bor, às margens do Volga, e ficarás lá enquanto fores necessário...

— Senhor — respondeu o Anticristo —, eu não estou mais sozinho... Uma criança eslava está comigo, uma menina que salvei em pedido de sua mãe... Sua mãe não está mais entre os vivos, ela morreu num vagão de carga a caminho da escravidão alemã...

— Vai com a criança — disse o Senhor.

Assim Dã, a Áspide, o Anticristo, dirigiu-se com a criança eslava para a cidade de Bor, às margens do Volga. O Anticristo deu à sua filha adotiva o nome de Rute,[144] como a moabita que se unira ao povo dele perto de Belém, sem saber que, na aldeia dela, a menina era chamada por um nome grego: Pelágia... Mesmo ao Anticristo nem tudo é concedido saber. Ele também não sabia o que o esperava dessa vez. O Senhor o ocultou... Ele só sabia que, em Bor, nas redondezas do Volga, morava certa Vera Kopóssova com duas filhas, Tássia, a mais velha, e Ústia.[145] O marido de Vera, Andrei, estava, então, no *front*, no entanto ele logo regressaria para sua família, porque o primeiro flagelo do Senhor — a espada — havia terminado. Embora o mundo decaído fosse

merecedor dessa punição, o Senhor compreendia que o homem não a suportaria por muito tempo. O segundo flagelo — a fome — o homem tem mais condições de suportar; ao quarto — a doença — ele se adapta ainda mais habilmente; e ao terceiro flagelo — o animal selvagem, a luxúria — ele está completamente acostumado...

Sabendo da Maldição, o Senhor enviou uma recompensa a Ánnuchka, a mártir ímpia, antes de sua morte, um prazer em troca do que ela havia realizado: um sonho feliz, depois do qual Ánnuchka não mais voltou à sua existência terrível e não divina. Nesse sonho feliz, o rapaz de Kursk voltou a agarrá-la, derrubou-a sobre a terra quente, perto da isbá, na aldeia de Nefiédovo, onde ela nascera, e fez com ela por bem o que havia feito de assalto, com violência, na escravidão alemã.

Quando, ao amanhecer, os outros trabalhadores braquicéfalos ouviram os gemidos de agonia de Ánnuchka, eles se aproximaram e viram em seu rosto a expressão feliz da paixão irrefreável que só se manifesta no clímax nupcial. Casos como esse são conhecidos pela medicina — assim às vezes se morre de febre nos anos de mocidade, quando o corpo extenuado carrega paixões ainda não consumidas.

88 Jeremias 4:18.

89 Isaías 64:6.

90 Apelido de Anna.

91 Mítia é diminutivo de Dmítri.

92 Apelido de Vladímir.

93 A guerra soviético-finlandesa aconteceu entre novembro de 1939 e março de 1940. Começou com um ataque da URSS ao país vizinho, que foi derrotado após resistência de uma tenacidade inesperada.

94 Rito, seguido por algumas culturas e originado da mitologia grega, no qual se deve colocar uma moeda embaixo da língua do morto ou uma em cada olho, para que a alma possa pagar seu tributo ao barqueiro Caronte pela travessia ao mundo dos mortos.

95 Fundada sob princípios comunistas, a organização de *pioneiros* reunia crianças da URSS desde a escola primária. Em algumas de suas atividades, os *pioneiros* lembravam os escoteiros e o símbolo principal de sua vestimenta era um lenço vermelho usado como gravata. Depois disso, muitas crianças tomavam parte no Komsomol, a organização da juventude comunista.

96 No original, *kombinat*, grupo de empresas soviéticas trabalhando num mesmo setor em busca de melhores resultados.

97 A *deskulakização* (*raskulátchivanie*), por meio da coletivização, foi uma política soviética de repressão aos *kulakes*, camponeses enriquecidos, ou aos que eram assim considerados.

98 O termo *stakhanovista* (*stakhánovets* em russo) relaciona-se com o mineiro Aleksei Stakhánov

(1905–1977), que bateu um recorde de extração de carvão em 1935 na cidade de Írmino (Ucrânia), e designava, nos anos 1930 e 1940, os trabalhadores soviéticos que sobressaíam no trabalho, assim como o termo *udárnik* (aqui traduzido como “recordista”).

99 2 Reis 2:9.

100 2 Reis 2:10.

101 Antologia de Nikolai Gógol (1809–1852) publicada em 1847.

102 Trata-se do poema “O gênio” (*Guénii*), escrito por Nikolai Iazykóv (1803–1846) em 1825.

103 O ciclo de Eliseu é narrado no Segundo Reis. “Eliseu [...] estava arando quando foi chamado por Elias. Acompanhou-o até o momento de sua ascensão, dele recebendo o manto e uma ‘dupla porção’ [...] de seu espírito profético.” (*Dicionário bíblico*, *op. cit.*, p. 274)

104 2 Reis 2:23, 24.

105 Baseado em Isaías 26:10: “Se o ímpio é favorecido, ele não aprende a justiça. [...]”.

106 Pela tradição bíblica, o antigo Israel era estruturado por uma confederação de dozes tribos, dos doze filhos de Jacó: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Dã, Neftali, Gad, Aser, Issacar, Zabulon, José e Benjamim. Efraim e Manassés, filhos de José, deram origem a duas tribos, no lugar das de Levi e de José.

107 Membros da tribo sacerdotal de Levi.

108 Há três termos em russo para se referir aos judeus: *ievriei*, aqui traduzido como “judeu”, *iudiei*, vertido por “hebreu”, e o pejorativo *jid*, apenas transliterado.

109 Diminutivo de Pável (Paulo em russo).

110 Tipo de canção folclórica russa, frequentemente de caráter irônico ou satírico.

111 A expressão, que incentivava os *pogroms*, passou a circular durante a Guerra Civil (1918–1921). Hoje, é punível por lei. Alguns afirmam que ela é de autoria de Nestor Makhnó (1888–1934), líder de um movimento anarquista camponês no sul da Ucrânia.

112 Nikolai Márkov (Márkov Segundo) (1866–1945), político e escritor de origem nobre nascido no território atual da Ucrânia. Depois da Revolução de 1917, uniu-se ao Movimento Branco.

113 Êxodo 22:1, 2 pela *Bíblia de Jerusalém*; 2, 3 por outras consultadas.

114 Do Êxodo 32:1–8: enquanto o povo se afligia com a demora de Moisés, que subira ao Monte Sinai para receber os mandamentos de Deus, Aarão construiu um bezerro de ouro com os brincos das mulheres e disse ao povo que adorasse o novo deus. Em outro episódio (1 Reis 12:28-32), Jeroboão fez dois bezerros de ouro para que o povo os cultuasse.

115 Ezequiel 24:6–9.

116 Casaco acolchoado, simples e prático, para inverno rigoroso usado pelo Exército Vermelho na Segunda Guerra Mundial. Muito difundida por campos de prisioneiros, a *telogreika* deixou de ser uniforme militar na década de 1960.

117 A Alemanha invadiu a URSS em 22 de junho de 1941. De 1942 a 1943, ocorreram as Batalhas de Rjév, perto de Moscou, acarretando uma enorme perda ao Exército Vermelho. Depois de muitas ofensivas, os nazistas abandonaram a região.

118 Membro de uma tropa clandestina de resistência.

119 Na Rússia, alguns administradores são chamados “comandantes”.

120 *Sviokla*, “beterraba”. Fiokla é apelido de Fiénia.

121 Forma feminina de *jid*.

122 Jeremias 30:10, 11.

123 Sulamita, “a mais bela jovem de todo o Israel”, aparece no *Cântico dos cânticos*, no Velho Testamento.

124 O termo bíblico “o resto” “[...] significa o Israel que sobrevive depois da conquista [...]” e também adquiriu, nos livros proféticos, sentido messiânico, e Israel seria “o único a quem as promessas da

restauração messiânica são dirigidas”. (*Dicionário bíblico*, *op. cit.*, p. 794)
125 Isaías 10:22.
126 Isaías 10:15.
127 Jeremias 51:60.
128 Jeremias 51:61–64. O episódio da queda da Babilônia (ao norte da Assíria), profetizado em detalhes em várias passagens bíblicas, aparece descrito em Isaías 47: 1-15 e no Apocalipse 18.
129 Martin Bormann (1900–1945), alto oficial da Alemanha nazista, secretário pessoal de Adolf Hitler.
130 Primeiro verso do poema “Manhã de inverno” (*Zímneie utro*, 1829), de Púchkin.
131 Gênesis 15:1.
132 *Einsatzgruppen*, “grupos de intervenção”: unidades encarregadas do assassinato dos opositores do Reich. Em alemão russificado no original.
133 Ezequiel 37: 1–5.
134 Ezequiel 37:9.
135 Ezequiel 37: 11–13.
136 Antigo jogo, no Brasil conhecido como Jogo das pedrinhas ou Cinco Marias, no qual os participantes lançam as peças (às vezes de pano) no ar e tentam pegá-las com uma mão. O que mais peças pegar é o vencedor.
137 Isaías 66:13, 14.
138 Levítico 26:17, 19, 20, 22, 26, 36.
139 Ezequiel 24:14.
140 Isaías 34: 4. Apocalipse 6: 14.
141 Amós 5:21, 23, 24.
142 O sacerdote judeu Saraías, a quem Jeremias (51:61–64) se dirigiu ao falar da queda de Babilônia (“E, quando tu acabares a leitura deste livro, prenderá uma pedra nele e o lançarás em meio ao Eufrates, dizendo: Babilônia afundará e não se levantará mais, graças ao mal que lançarei sobre ela, e todos eles irão desfalecer’ [...]”), aparece como camareiro-mor do rei Nabucodonosor II.
143 Trata-se da “Parábola dos vinhateiros homicidas” (Mateus 21: 33–46), na qual se narra a história de vinhateiros que arrendaram a terra de um proprietário de um vinhedo. Quando o proprietário mandou seus servos receberem os frutos, os vinhateiros “espancaram um, mataram outro e apedrejaram o terceiro”. (*Bíblia de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 1742) Quando o dono mandou seu filho, os vinhateiros o assassinaram.
144 Rute, dos Campos de Moab, casou-se com um dos filhos de Noemi. Depois da morte de seu marido, Rute insistiu em ir com Noemi, também viúva, para Belém e lá conheceu Boaz, um parente influente de sua sogra, e com ele se casou e teve um filho: Obed, avô de Davi. (*Bíblia de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 389)
145 Tássia é apelido de Taíssia e Ústia de Ustínia.

III

Para obrigar o homem a realizar o primordial, é preciso de desvario. Para que o trivial exista, deve-se aspirar a algo grandioso. Para que o homem compreenda o grandioso, é necessário que esse seja rebaixado... Na cidade de Bor, na região de Górki, a antiga província de Níjni Nóvgorod, cumpriu-se um dos flagelos do Senhor: o animal selvagem, a luxúria... Em Bor morava a família Kopóssov: o pai, Andrei Kopóssov, a mãe, Vera Kopóssova, e suas filhas, Tássia e Ústia. E vejamos em que parábola suas vidas se transformaram...

Parábola do adultério

Era 1948, quando tudo já havia passado: os pesados sofrimentos militares, as alegrias esfuziantes do pós-guerra. A impressão de que tudo isso ficara para trás trazia algo de sério e decadente tanto aos sentimentos como aos semblantes. Mesmo as esperanças no futuro tinham um ar decadente; todos então buscavam recuperar a vida antes da guerra, pois as destruições militares faziam com que eles depositassem no modesto passado os sonhos de um futuro próspero. Enquanto, em planos estatais, a aspiração de reencontrar o passado no futuro foi apontada de forma direta, nas almas dos homens, certamente, essa ideia não foi planejada com tanta clareza, embora ela existisse e as cativasse, pois a alma de uma pessoa não é uma fábrica destruída em que a produção de tratores reduziu em comparação ao que era antes da guerra.

Por um lado, durante a guerra, Bor ficou na retaguarda, embora de forma parcial, não sofrendo destruições e perdas de civis; por outro, a cidade foi completamente exposta aos quatro flagelos do Senhor. Não eram raros os avisos de morte, não era pequena a fome, não eram poucas as doenças nem os casos de adultérios de mulheres abandonadas e da juventude empedernida. A audácia eslava também teve seu papel. Algumas pessoas não davam mais importância às recriminações dos outros ou de sua própria consciência, como se ignorassem um cachorro impertinente:

— Ah, a guerra apagará tudo...

No entanto, Vera Kopóssova esperou a volta de seu marido e foi fiel a ele. Ela trabalhava numa fábrica de costura, fazendo *telogreikas* e calças de algodão para soldados, e, com seus ganhos e o soldo do marido, criava as filhas, Tássia e Ústia... Acontecia às vezes de assediarem Vera. Uma vez ela foi abordada até por Pávlov, a quem mesmo esposas fiéis lançavam olhares furtivos, sem falar das

mulheres que tinham decidido gozar dos prazeres da vida e não mais se privarem deles. “Uma vez, dez vezes, tanto faz... A guerra irá apagar tudo... Lá eles também não perdem tempo...”

Pávlov era um ferido de guerra, mas sem mutilações aparentes: as pernas e os braços estavam inteiros e os ferimentos eram escondidos sob a roupa. Tinha um rosto bonito, adornado de olhos azuis, e um bigode fino sedutor. Vera via mulheres se atirarem a ele na rua, atraindo-o para suas casas... E Pávlov, com seus modos de marinheiro, não rejeitava nenhuma: nem a menina ingênua que seduziu, nem a viúva quarentona por quem tinha sido seduzido... Ele aproximou-se de Vera por sua beleza — nem a guerra conseguiu envelhecê-la — e não o fez de mãos abanando, como de hábito, mas cercando-a de presentes — um lenço de seda e duas latas de carne de porco guisada, as quais havia ganhado, por sinal, da viúva quarentona, uma funcionária do setor popular de alimentação.

— Pegue — disse —, é para você... Para se lembrar do amigo nas horas vagas...

Isso aconteceu à noite, na Rua Derjávin, não longe da casa nº 2, onde Vera morava. Se mesmo antes da guerra os lampiões mal iluminavam a rua, agora a escuridão era completa. A escuridão, como se sabe, excita o homem, e Pávlov queria aproveitar, principalmente porque era verão e, nas redondezas, havia um terreno baldio coberto de grama onde de dia pastavam cabras do subúrbio.

Em tempos de guerra, não era moda dar um bofetão em assediadores persistentes, e Vera deu um soco no nariz de Pávlov, o que saiu de maneira pouco feminina, e talvez a ausência de feminilidade tivesse tirado dele a vontade de repetir a tentativa. Ele apenas insultou Vera grosseiramente, chamando-a de “puta”, pressionou o lenço contra o nariz e foi embora, empregando sua força viril acumulada na viúva quarentona, que, para seus 23 anos, era até mais interessante. E Vera dirigiu-se à casa nº 2, onde Tássia, alegre, entregou-lhe a tão esperada carta triangular de soldado[146] — um bilhete de Andrei... Radiante, Vera esqueceu o infeliz incidente. Tássia crescia e ficava cada vez mais parecida com a mãe, e Vera começou a ajeitar os cabelos da filha numa trança, assim como trançava os seus. Ústia ainda era pequena. Porém, no outono de 1945, quando Andrei Kopóssov voltou da guerra, condecorado com ordens e medalhas, Ústia foi a seu encontro com os próprios pezinhos, e não mais nos braços da mãe ou da irmã.

Andrei Kopóssov encontrou tudo a salvo. A esposa estava saudável e sem mudanças, as filhas estavam saudáveis e com mudanças agradáveis, e mesmo sua bancada de carpinteiro de madeira, em um canto do quarto maior, estava

intacta, encobrindo lascas de madeira de antes da guerra que Vera não varrera de propósito, para ter uma recordação do pai de suas filhas. Andrei lembrava que Tássia gostava de brincar com essas aparas, e agora ele via Ústia, a filha que não conhecia, brincar com elas também. Ele derramou lágrimas de alegria. Que prazer ainda poderia desejar um soldado que havia passado quatro anos na guerra? Assim, com alegria, transcorreu o fim de 1945, alegria que continuou em 1946, embora neste ano tivesse começado a fome, que em 1947 se acentuou, então todos passaram a sonhar com a fartura de antes da guerra que substituíra os anos de fome da coletivização. Quanto mais o tempo avançava, mais desejavam o passado... Em 1948, as preocupações com a fome diminuíram um pouco, mas também as últimas alegrias do pós-guerra, e os sentimentos e os semblantes ganharam aquele ar decadente... A vida ficou mais tranquila, a vida ficou mais aborrecida.[147] Na pista de dança do jardim da cidade tocavam valsas líricas patrióticas, e os acordeões alemães, troféus de guerra, deixaram de se ocupar com os foxtrotes do Ocidente. A juventude, como antes da guerra, se distraía com o jogo de prendas,[148] mas sem beijos. E, mesmo a bebedeira, que, desde tempos imemoriais, conforme a tradição eslava, acontecia livremente nas ruas, agora era algo para ser feito em casa.

A essa altura, Tássia Kopóssova estava quase na idade de casar, exibindo toda a beleza de sua mãe de antes da guerra, e a trança castanho-clara e volumosa de Tássia nada devia aos cabelos trançados, dourados e perfumados de Vera, e vice-versa. Mãe e filha desabrochavam: uma em sua força feminea, outra em sua inocência virginal. Andrei Kopóssov, olhando para a esposa, amava mais a filha e, olhando para a filha, sentia-se mais atraído pela esposa, cujo corpo foi guardado para ele durante a guerra.

No entanto, nesse ponto se inicia a parábola graças à qual o Anticristo apareceu em Bor, na região de Górki, seguindo as ordens do Senhor. O terceiro flagelo do Senhor está em toda parte, pois nem mesmo Ele é livre para revogá-lo, como pode fazê-lo com o primeiro e mais terrível flagelo — a espada —, com o segundo — a fome —, ou com o quarto — a doença. O terceiro flagelo do Senhor — o adultério — segue o homem como uma sombra, e somente lhe tirando o objeto de desejo é possível livrá-lo dela. Porém, se o terceiro flagelo é onipresente, nesta parábola ele foi levado à cena principal...

Durante a guerra, Vera se guardou para o marido, mas, depois da volta dele, bastou um ano de convívio para ela deixar de amá-lo... Talvez fosse aquela impressão decadente, o sentimento coletivo e tácito de que tudo ficara para trás

— o bom e o ruim. Mesmo um grande homem é um escravo de seu tempo, e Vera Kopóssova era apenas uma mulher simples, muito bonita no passado e ainda bonita nessa época, só que agora um transeunte não a seguia obrigatoriamente com o olhar como antes, a menos que esse transeunte fosse Andrei Kopóssov. Mas Vera deixou de amá-lo. Ela sentia aversão por seu marido, uma aversão puramente feminina que ela não podia dividir com ninguém; seria até vergonhoso para uma mulher decente falar sobre isso...

Como antes da guerra, Andrei trabalhava no comitê do partido da cidade como carpinteiro, e nas noites e nos dias de folga ficava em sua bancada moldando utensílios de madeira — tinas, barrizinhos para óleo, batedeiras para manteiga, colheres, saleiros... Em casa pairava o cheiro agradável de lascas frescas de madeira, com as quais suas duas filhas brincavam — a caçula, Ústia, e a mais velha, Tássia, mesmo que esta estivesse quase em idade de casar. Elas amavam o pai e o chamavam de *tiátia*, como ele havia ensinado, pois era assim que falavam na terra dele... Logo que produzia uma considerável quantidade de peças de madeira, Andrei vendia-as na feira local ou mesmo em Górki. De lá trazia farinha e outros mantimentos. Vera sempre o acompanhava na ida e o recebia na volta, preparava pratos apetitosos, mantinha a casa limpa e arrumada. Porém, à noite, assim que se deitava ao lado dele, ela sentia que não poderia aceitá-lo, nem que a torturassem... Quando as intimidades conjugais começavam, era como se ela fosse violada. Prazer feminino nem se cogitava, mas que pelo menos não fosse tão repugnante... Vera ficava deitada, indiferente, até que Andrei satisfizesse sua força viril e dormisse. Logo que ele adormecia, ela passava para o leito de tijolos das filhas, junto à estufa. Era um leito largo o suficiente para três pessoas... Andrei percebia a aversão de sua mulher, embora nunca tivesse mencionado uma palavra a respeito. Mas, nesse assunto, palavras não são necessárias... Ele começou a tratar Vera com grosseria, depois passou a bater nela. A primeira vez que o fez foi ao voltar de Górki, sem farinha nem mantimentos, contudo visivelmente bêbado.

— Pessoas decentes me contaram! — gritava. — Você, puta, aqui, durante a guerra, se meteu com Pávlov...

E, sem se intimidar com a presença das filhas, Andrei usou de palavras abertamente obscenas para descrever o que a esposa teria feito com Pávlov durante a guerra. Depois disso, ele ficou fora de si, como os camponeses que, saídos de suas aldeias, se enfurecem na cidade e em seus subúrbios.

Na aldeia, especialmente nos velhos tempos, o camponês dava mostras de sua fúria de maneira diferente: espancava o que era vivo com crueldade, mas

preservava seus bens materiais, pois o que tem vida pode se regenerar, ao contrário dos objetos... Andrei, porém, esbravejava à maneira de um camponês suburbano. Arrastava Vera pela trança, quebrava a louça, dava golpes no leito junto à estufa com seu machado de carpinteiro... Houve uma vez em que ele saiu correndo atrás de Ústia, deixando-a terrivelmente assustada:

— Essa aqui é de Pávlov — gritava —, eu vou matá-la!...

Desde então, assim que Andrei se enfurecia, Vera pegava as filhas e ia passar a noite na casa de algum dos vizinhos. Havia uma família de ucranianos — os Morozienko da Rua Derjávin, nº 8 — que as acudia com mais frequência. A bem da verdade, Andrei não tocava na sua bancada de carpinteiro, à custa da qual comprava pão e vodca — diante de seu meio de trabalho ele se continha, assim como diante de sua filha mais velha, Tássia. Assim, a menina parou de passar a noite fora com a mãe quando o pai perdia a cabeça, ficando com ele para acalmá-lo.

— Deite-se, *tiátia* — dizia ela —, tome um pouco de salmoura de pepino, vai se sentir aliviado.[149]

O desordeiro russo é sempre capaz de cair no choro depois de concluir seu assunto principal, depois de maltratar ou mesmo de matar alguém. Então seu coração logo se tranquiliza, ele se porta como uma criancinha — "tenham misericórdia, boa gente..." —, e todos se apiedam. Um célebre escritor russo via nisso, em geral, uma qualidade nacional valiosa.[150] No entanto, Andrei, na presença de sua filha mais velha, mesmo livre de sua ira, podia entrar em estado de enternecimento:

— Você é do meu sangue, foi por sua causa que eu voltei da guerra, e não por sua mãe miserável. Graças a você, na Polônia, uma mina me pegou só de raspão — ele dizia enquanto trançava e destrançava os cabelos da filha, chorando e beijando sua trança. — Era assim que sua mãe trançava os cabelos quando nos casamos...

Mas, quando Vera estava presente, Tássia não conseguia conter o pai bêbado. Logo que ele via a esposa, ficava furioso. E não gostava de Ústia.

— Ela não é do meu sangue! — gritava. — Outro homem a pôs no mundo...

"Oh, Deus," pensava Vera, "se pelo menos ele arranjasse uma mulher por aí... Eu daria um jeito de aguentar essa tortura pelas crianças, desde que ele não me tocasse." Com esperança, Vera ficava de ouvidos atentos às conversas dos vizinhos. Por mais que eles não vissem Andrei com bons olhos, Vera nem uma vez ouviu qualquer alusão à devassidão dele, apesar de já não viverem como

marido e mulher fazia tempo. Quanto à devassidão de Vera, havia rumores de que ela teria tido algo com Pávlov, mas de Andrei diziam apenas que ele bebia, batia na esposa e maltratava as crianças.

Com o tempo, todos se acostumaram a essa situação. Andrei se habituou à crença de que sua mulher era uma devassa, Vera ao fato de que seu marido era um bêbado e um desordeiro e os vizinhos à ideia de que a família Kopóssov era infeliz e desregrada. Vera até conhecia os sinais dos acessos de Andrei, sabia quando ele ficaria furioso e quando se acalmaria. Ele se enfurecia às vésperas da lua cheia e dava uma trégua com a chegada da lua nova. Desde que começou essa vida infernal, Vera passou a recorrer a Deus, embora não fosse à igreja, e implorava que seus dias de folga caíssem na lua nova. A essa altura, Andrei, ao levar seus produtos de madeira para Górki, gastava tudo o que conseguia da venda em bebida, lá mesmo, na companhia de conhecidos, demorando um ou dois dias para regressar para casa. Ele voltava sombrio, no entanto mais calmo. E, se ele desatinava logo depois, sua fúria não chegava ao extremo. Tentava bater em Vera, mas não assustava Ústia nem destruía as coisas de casa. Vera agora só tinha um prazer, além das filhas, naturalmente. Ela morava em uma bela vizinhança e amava sua terra, a cidade de Bor... Ali havia bons lugares para pescar, para apanhar cogumelos, para colher frutas silvestres... Mesmo com sua desgraça pessoal, ela tinha motivos de alegria. Vera notou que Tássia, nos últimos tempos, começou a olhar para ela com desaprovação, apegando-se ao pai; em compensação, Ústia, que Andrei não amava e não deixava mais brincar com as aparas perto de sua bancada, não desgrudava da mãe. Vera continuava a trabalhar na fábrica de costura, só que agora não fazia casacos acolchoados militares, mas jaquetas de algodão sem personalidade, nas cores azul e cinza, para uso geral. Nos dias de folga, ia com Ústia para a floresta. Quantos prazeres variados havia! Podia-se sentir o gosto do prazer, ouvi-lo, apreciá-lo... O ar da floresta embriagava Vera e ela queria que Ústia, sua filha favorita, também se embriagasse desse alento. Não à toa a cidade era chamada de Bor, que, em eslavo, significa “floresta”.[151] “Tássia me recrimina,” pensava Vera, “ela é mesmo filha de seu pai, agora Ústia é minha única família...” E Vera temia que Andrei, em um acesso de bebedeira, fizesse alguma coisa contra Ústia, como ele costumava ameaçar...

Num domingo, no começo do inverno, quando a floresta estava especialmente perfumada, Vera decidiu levar Ústia para respirar um pouco de ar puro, mas não a encontrou. Chamou várias vezes, mas em vão... Ela irrompeu em casa — Andrei trabalhava em sua bancada, sombrio, mas não estava bêbado, e Tássia

sentava-se perto dele, recolhendo as aparas de madeira.

— Vocês viram Ústia? — Vera perguntou, preocupada.

— Não vimos a sua Ústia — respondeu Andrei, sombrio. — Eu não sou seu empregado para correr atrás dos seus pecados e vigiá-los.

Mas Tássia disse:

— Ela foi para a casa da velha Tchesnokova.

— Que Tchesnokova? — Vera continuava aflita.

— Aquela com quem vivem os judeus — Andrei sorriu com ar maldoso —, então talvez ela não seja filha de Pávlov, mas do judeu...

Com efeito, Vera lembrou que a casa nº 30 era da velha Tchesnokova e, parece, em um dos quartos viviam dois judeus, pai e filha...

Em Bor, na região de Górki, na Rua Derjávin, assim como em outras ruas, cidades e regiões (antigamente chamadas províncias), sentam-se em bancos de terra em volta de isbás, em tamboretes na frente de pequenas casas ou nas entradas de altos edifícios as sentinelas da nação, as raízes sinuosas do povo: velhas espadaúdas, inteiramente cobertas com xales de lã, que geraram filhos de ossos fortes. Mulheres com maçãs do rosto salientes asiáticas, narizes curtos e arrebitados, olhos incolores sem vestígio de ternura maternal, embora sua eterna vigilância seja também uma ocupação sentimental... “Nós, nós somos russos,” dizem não com palavras, mas com as maçãs do rosto salientes e os narizes arrebitados, “e vocês?”

Foi por meio delas que todos souberam que na Rua Derjávin (o grande poeta russo que abençoara Púchkin), na casa de Tchesnokova, uma *velha crente*,[152] moravam dois judeus: um homem, com cerca de trinta anos, e sua filha, de oito anos. Se a origem judia da filha não podia ser imediatamente identificada, sendo preciso observar com atenção, a do pai saltava à vista. Vera também ouvira falar disso, no entanto, entre tantas desgraças, não dera importância ao fato. Agora só pensava em Ústia: “Ela vai ver no que dá sair por aí sem permissão, como se já não falassem mal o bastante de nossa família”.

A velha Tchesnokova vivia sozinha numa pequena casa, depois de perder dois filhos no *front* e o marido. Corriam rumores de que ela era uma *velha crente* ou uma *subbótnitsa*.[153] Às vezes elas se encontravam na rua, mas não se cumprimentavam. Vera chegou à casa nº 30 da Rua Derjávin e bateu na porta. A velha abriu.

— Minha Ústia está com vocês? — perguntou Vera, brava, como se a velha fosse culpada de algo. Tchesnokova, ao contrário, respondeu em tom amigável:

— Está conosco, querida, está conosco... Está ouvindo o gramofone. Entre...

— Por que eu deveria entrar? — replicou Vera. — Chame Ústia, está na hora de ir para casa — e, sem conseguir se conter, disse: — Achou uma amiguinha. Como se não houvesse russas o suficiente para ela...

— E o que ela tem de ruim? — disse Tchesnokova. — Rute é uma menina educada, respeita os mais velhos, e seu pai não bebe...

E, de forma inesperada para si mesma, Vera teve vontade de ver os judeus com quem sua Ústia passou a se distrair. Ela sacudiu a neve de sua peliça curta.

— Está bem — disse largando sua peliça na antessala.

Vera entrou no quarto em que o gramofone tocava e viu Ústia sentada à mesa, ao lado de uma menina branquinha que ninguém jamais tomaria por uma judia se não soubesse disso antes. O pai da menina era evidentemente um judeu, sem tirar nem pôr, no entanto havia algo de incomum nele. Em Bor era raro se encontrarem judeus, embora na região de Górki houvesse muitos. Ao ver sua mãe, Ústia levantou-se de um salto e disse:

— Essa é a minha mãe... E essa é Ruthina, minha amiga... E esse é o *tiátia* dela...

Vera olhou mais uma vez para o "*tiátia*" de Ruthina e não pôde identificar o que tornava esse judeu tão incomum... Ao observá-lo, ela sentia um medo inexplicável, que, ao se acentuar, enchia seu coração de deleite...

Realmente, nessa época, Dã, a Áspide, o Anticristo, já era um homem feito — seus traços bíblicos estavam completamente definidos. Mesmo com os cabelos precocemente embranquecidos, graças ao que fora obrigado a ver e a executar, Anticristo atingiu, nesse momento, o auge de sua masculinidade em seu atual caminho terreno. E que Deus livre qualquer mulher de saber o que é a virilidade do Anticristo... Não, não é uma devassidão, é algo recluso, sufocado. Não é o Satanás dentro dele quem seduz. Na força viril do Anticristo se manifesta a força divina, como acontece com os fenômenos da natureza — eis o que Vera viu e sentiu, mas não compreendeu racionalmente, e a força não compreendida por meio da razão é especialmente temível. Graças a esse temor feminino, Vera foi tomada por uma agitação incômoda.

— Que música é essa? — disse. — Eu não entendo o que ela diz.

— É um disco judeu — respondeu Dã, a Áspide, o Anticristo.

— Ora essa — disse Vera e deu um riso afobado, como uma camponesa bêbada na feira. — E não poderiam colocar um disco russo, já que não aprendi a língua dos judeus?

— Podemos colocar um russo também — respondeu Dã, a Áspide, o

Anticristo, e virou-se para sua filha: — Rute, traga as *tchastuchkas* da cômoda.

De repente Rute, que era na realidade Pelágia, embora isso não fosse de conhecimento dela nem do Anticristo, mudou de expressão: seu olhar bondoso de camponesa — ela era natural da aldeia de Brussiány, perto de Rjév — revelou uma paixão verdadeiramente sulina, seca, ao alcance somente das meninas que amadurecem precocemente.

— Quero que Ústia vá embora — disse Ruthina —, eu não vou mais brincar com ela.

Então a velha Tchesnokova ficou agitada e começou a repreendê-la:

— Menina sem-modos, por que envergonha seu pai na frente das pessoas?

E seu pai, o Anticristo, também se manifestou, mas sem gritar, olhando calmamente a filha nos olhos:

— O que você tem, Rute? — perguntou ele, pois a conhecia como uma menina meiga, delicada, bondosa; era como se tivessem trocado sua filha por outra.

Porém, em vez de responder, Rute deu as costas e foi para o quarto vizinho.

— Grande coisa — disse Ústia —, uma chata... Eu também não vou mais brincar com ela. Vamos, mãezinha...

Desorientada, Vera saiu da casa da velha Tchesnokova acompanhada da filha e sentiu que, além dos velhos infortúnios, havia um novo a caminho.

E na família do Anticristo muita coisa também mudou após essa visita inesperada. É preciso notar que o Anticristo amava sua filha adotiva como só poderia amar aquele que aprendeu a sentir amor eterno por seu Criador. Por isso os judeus amam tanto as suas crianças, apesar de muitas vezes não se darem conta do motivo, pois o amor pelo Criador, para o povo de Abraão, não é tanto uma questão de religião, mas um instinto nacional. O homem tem uma relação complexa com seus próprios instintos, com frequência baseados no incompreensível, às vezes do ponto de vista científico-filosófico, ou numa negação, sem dúvida, impotente. Dessa maneira, entre os inúmeros homens que renegam o Senhor, os judeus parecem especialmente afetados; e, entre os ateus de talento, poucos são judeus — a maioria destes se acha na espirituosa e fútil sátira francesa. Via de regra, o judeu ateu ou é privado de talento ou é um inconsequente. No entanto, mesmo os judeus que renegam o Senhor vivem com Ele no cotidiano, e o grande instinto nacional do amor, transmitido através do Senhor, se revela no amor religioso que as mães e os pais judeus sentem por seus filhos. Que falar, então, do enviado do Senhor, o Anticristo, além de tudo um homem solitário? Ele amaria qualquer criança, dando-lhe o pouco que restava do seu amor, dirigido ao Senhor. No entanto, ele amava a filha ainda mais, cedendo-

lhe até uma parte do amor que reservava ao Senhor, pois um pai sensato sempre ama a uma filha com mais ardor do que a um filho. Rute-Pelágia, certamente, amava seu pai da mesma maneira, e o amor filial por ele em nada diminuíra após a visita inesperada daquela mulher, embora a menina tivesse ficado mais nervosa e pensativa. Agora Rute mudava de humor rapidamente.

Certa vez, ela voltou da escola alegre e agitada.

— Pai — disse ao Anticristo —, a rua está tão encantadora hoje... Coberta de neve!

Realmente, grandes flocos de neve caíam pesadamente, mas com suavidade, porque não havia vento. Rute pegou um prato fundo e foi correndo ao pátio apanhar um pouco de neve. Depois voltou, colocou o prato molhado sobre a mesa e disse de modo repentino:

— Pai, onde você me achou?

Ao longo de sua vida conjunta, Rute nunca fizera uma pergunta como essa a ele, mas agora o fez. Bem, todo pai pode ouvir semelhante indagação de um filho, embora, para algumas crianças, isso não seja um segredo, especialmente para uma menina da idade de Rute.

— Um dia — Dã, a Áspide, o Anticristo, respondeu a sua filha —, fazia um frio intenso, um vento muito forte soprava. E eu ouvi alguém chorar. Saí de casa, mas não vi ninguém. Depois, ouvi o choro de novo. Olhei para o alto e lá estava você, em cima de uma árvore...

Rute sorriu com certa tristeza, sentou-se perto do pai, encostando-se nele, e disse baixinho:

— Essa mulher que veio aqui é minha mãe...

— Não diga bobagens, Rute — disse o Anticristo —, sua mãe morreu num trem alemão... Essa mulher é a mãe de Ústia.

— Não — respondeu Rute —, eu a observei. Os olhos dela são iguais aos meus, e os cabelos também... Mas não tenha medo, pai, eu amo apenas você, mas a ela eu odeio...

— Isso também não é bom — disse o Anticristo —, por que a odeia?

— Ela olhava para você com maldade — disse Rute —, mas antes ela era bondosa. Lembro como ela fazia manteiga, chacoalhava a garrafa de leite, que tampava com um travesseiro...

Desde então, o Anticristo passou a olhar para a filha com preocupação, esforçando-se em estar sempre por perto. E ela também se empenhava nisso... Agora, para a alegria de ambos, ele a levava para a escola e a buscava, e eles iam juntos a todos os lugares.

Quanto à Vera, desde sua visita, o que lhe restava de alegria desapareceu de vez. Antes, Vera empregava todos os seus esforços e pensamentos em evitar as noites de intimidade com seu marido, já que de dia ela aprendera a despistá-lo. Agora, toda a sua paixão concentrava-se na ideia de se entregar ao judeu, de gastar sua energia acumulada nele, pois ela sabia que ainda tinha muita força como mulher. Mesmo após dois partos, seu ventre, como antes, era firme como o de uma menina, e Vera também não perdera a doçura, que seu marido, Andrei Kopóssov, cada vez mais seco, tentava furiosamente acessar. Mas, nessa época, Andrei batia nela com menos frequência — pelo jeito se cansara — e, à medida que se afastava da esposa, mais próximo ficava de sua primogênita, Tássia: trazia-lhe presentinhos da feira e, de noite, quando não trabalhava em seu canto junto à bancada, gostava de trançar e de destrançar os cabelos dela. A vida dos Kopóssov ficou menos violenta, porém não menos dura e torturante... Quando Vera não trabalhava, saía andando a esmo, pois tinha dificuldade em ficar parada; o que ela mais temia era o ócio do corpo, pois era quando começava o tormento maior. Improvisava uma cama no chão, perto da estufa, e se debatia até as três ou quatro horas da madrugada, adormecendo por um breve período pouco antes de amanhecer.

Em uma noite especialmente penosa, no começo da primavera, perto da lua cheia, Vera decidiu ir até a casa da velha Tchesnokova, mas precisava de um pretexto. De manhã, arrumando Ústia para ir à escola, Vera disse:

— Filhinha, você poderia passar na casa da Ruthina depois da aula? Vou pegar você lá.

— Era o que faltava — disse Ústia. — Eu não brinco mais com a Rute. Serguéievna disse que eles são judeus e têm muito dinheiro.

Serguéievna era uma velha de maçãs do rosto salientes e nariz arrebitado que fazia a sentinela na Rua Derjávin, junto à casa nº 17, advertindo a todos, por meio de sua feição: “Nós somos russos, e vocês?”.

— Você dá ouvido a Serguéievna — disse Vera, nervosa —, ela é uma velha. O melhor seria ouvir o que ensinam na aula.

— Na escola também falam a mesma coisa de Rute — respondeu Ústia —, que ela tem muito dinheiro e seu pai é um cosmopolita.

Então Tássia se intrometeu na conversa:

— *Tiátia* não deixa a gente ir lá.

— Ah, vocês são desprezíveis — disse Vera, enfurecida —, sempre *tiátia* e *tiátia*... Sua mãe para vocês não vale nada... Quem criou vocês durante a guerra, quem as alimentou?...

— E *tiátia* nos defendeu — disse Tássia —, ele tem três ferimentos e condecorações.

— Mesmo se tivesse dez ferimentos — disse Vera, com raiva —, isso não lhe daria o direito de me humilhar, de me bater, de beber...

— Ele bebe de tristeza — disse Tássia —, porque ama você. Aliás, não devemos ter essa conversa na frente de Ústia... Ústia, vá para a escola. Também está na nossa hora, mamãe.

Vera havia conseguido um lugar para Tássia na fábrica como aprendiz na oficina de costura. Logo que Ústia foi para a escola, Vera disse à Tássia:

— Por que você me envergonha na frente dessa criança? Seu pai tirou você de mim, agora vocês querem me tirar Ústia. De repente Ústia virou a queridinha, mas antes ela não era do sangue dele... Colocada no mundo por outro homem... Pávlov...

— Eu já disse — respondeu Tássia —, *tiátia* fala essas coisas de tristeza. Ele ama você, mamãe.

— Ora essa — Vera ficou ainda mais zangada —, você mal aprendeu a assoar o nariz e já quer me explicar a vida? Você ainda é minha filha e deve me obedecer. Será que tratar os vizinhos dessa maneira é uma atitude humana? Será que você é como a velha Serguéievna?... Foi isso que lhe ensinaram na escola?... Na escola falam sobre a amizade entre as nações...[154] Por acaso nossos vizinhos têm culpa de serem judeus? Será que eles são judeus por escolha?... Ponha a mão na consciência. Se você e seu pai não deixam Ústia ir, você mesma fará uma visita a eles. Pedirá a Tchesnokova um desenho para um bordado. Reparei que Tchesnokova tem almofadinhas com belos motivos no seu divã...

— Está bem — disse Tássia —, se é o que você quer, mamãe, eu vou. Só não mande Ústia para lá. Ela ainda é uma criança.

Depois do trabalho, mãe e filha dirigiram-se à casa nº 30 da Rua Derjávin, onde morava Tchesnokova. Vera bateu no portão, e Tássia ficou distante, permanecendo o tempo todo assim, o que era visível tanto em sua fisionomia como em seu comportamento. Em sua paixão febril, Vera, ao pensar que veria aquele que a fazia passar os dias e as noites suspirando, ficou ruidosa e agitada. Tássia, sempre distante, estava em silêncio. Assim que viu o judeu, o inquilino de Tchesnokova, Vera quase perdeu os sentidos, mal se mantinha sobre as pernas, mas conteve-se e, em vez de pedir a Tchesnokova um desenho para bordar na almofada, pôs-se a falar sem cerimônia, feito uma mulher vulgar, como se não tivesse se guardado durante a guerra, ainda jovem, vivendo somente das notícias do marido no *front* e das filhas, renunciando a todas as outras

alegrias:

— Boa tarde... Eu e minha filha viemos ouvir o gramofone, ou vão nos mandar embora? — e riu sem motivo, como riem as mulheres vulgares.

— Sentem-se — disse o Anticristo —, agora mesmo Rute trará as *tchastuchkas* da cômoda.

Rute foi até a cômoda pegar as *tchastuchkas* e subitamente empalideceu. E a velha Tchesnokova, que espiava por uma fresta de sua porta, deu um suspiro forte, dizendo:

— Oh, nada de bom sairá disso, que Deus nos proteja — e fez o sinal da cruz sem juntar as pontas dos dedos como se pegasse uma pitada de sal, mas unindo dois dedos inteiros, como as pessoas faziam.[155]

Nesse meio-tempo, Vera tirou do bolso um lenço de cambraia, limpou a cadeira e disse a Tássia, sempre distante:

— Sente-se, Tássia, eu tirei a poeira da cadeira, porque você está de vestido novo — e novamente ela se alegrou por si só, dando risadinhas.

Tássia não a contrariava, temendo novos embaraços, e se sentou na cadeira, apenas ruborizada pelos disparates na conduta de Vera. E, ao enrubescer, a beleza de Tássia, ainda suave, não extenuada pela vida como a de sua mãe, revelou-se em plenitude. Dã, a Áspide, o Anticristo, notou essa beleza delicada, e seu coração bateu tão estranhamente que ele até ficou surpreso com sua condição. Pois, sendo um enviado do Senhor, ele conhecia somente o amor divino e amava Rute com esse mesmo amor, como um pai ama a uma filha ou um irmão ama a uma irmã. Mas o amor dos homens Dã, a Áspide, o Anticristo, ainda não havia provado, embora fosse, evidentemente, conhecedor da verdade: tudo o que existe de bom nos homens vem de Deus e foi rebaixado para ser compreendido por eles... Somente os pecados são perfeitamente ajustados aos homens. Dessa maneira, o amor humano é também um rebaixamento do amor divino. Se o amor divino vem da eternidade — pleno, sereno, forte e inabalável —, o amor humano vem do instante — fugaz, infiel, surpreendente e chamativo.

Tássia olhou para Dã, a Áspide, o Anticristo, notando sua face bíblica, e também sentiu seu coração palpitar, mas não se surpreendeu, embora também fosse a primeira vez que algo semelhante lhe acontecia. A clareza no amor é um traço peculiar da ingenuidade pueril... Assim se achavam eles: o Anticristo estava inquieto e surpreso com sua condição, Tássia inquieta e nada surpresa com sua condição; Rute numa palidez que não era própria de uma criança; a velha Tchesnokova sentada em um banquinho em seu quarto, junto à fresta da porta, suspirando e fazendo o sinal da cruz à maneira dos *velhos crentes*; o

gramofone festejava e gania *tchastuchkas* de Vorónej, e Vera, no ritmo, também dava ganidos e batia palmas. De repente, Vera saltou da cadeira, com o rosto tão vermelho quanto o de Tássia — não de constrangimento como a filha, mas de excitação —, e começou a dançar à moda russa, como num casamento, batendo os saltinhos com frequência, como se um saco de ervilhas se espalhasse pelo chão, estendendo para o lado os braços, que pareciam dizer: Eis as nossas vastidões... As estepes, as florestas, os rios... Ainda não estiveram na Sibéria? Espaços infinitos, ilimitados... E tudo isso foi povoado pela mulher russa. Mas, para povoar essa vastidão, é preciso conhecer bem seu ofício. Há duas situações em que a mulher precisa contar com sua experiência: quando o povo é continuamente exterminado e necessita de reforço e quando o povo vive em espaços muito amplos que devem ser povoados. Nesses casos, exige-se da mulher habilidade, uma habilidade doce, fecunda, melíflua, pois a salvação do povo está na audácia feminina...

Claro que isso não foi dito ou pensado, no entanto transparecia nessa dança obstinada que a mulher russa é capaz de realizar. Com um grito apaixonado e despudorado, que lembrava o gemido de uma mulher no auge do prazer carnal, abrindo largamente os braços, como se precisasse se refrescar do calor de um leito junto a uma estufa acesa, Vera se deslocava sob o som impetuoso das *tchastuchkas* de Vorónej; inesperadamente, ela se encostou em Dã, a Áspide, o Anticristo, e, com os seios rijos, apesar de ter amamentado duas filhas, doloridos e excitados, cravou-se nele.

— Acompanhe-me na dança, Dã Iákovlevitch.[156]

De repente Rute, que era Pelágia, a filha adotiva do Anticristo, com o rosto privado da última gota de sangue, gritou feito uma aldeã, histericamente, e caiu sem sentidos. No mesmo instante, a velha Tchesnokova saiu correndo de seu quarto, parou o gramofone e estendeu uma caneca de água ao Anticristo, que, assustado, inclinou-se sobre a filha.

— Vamos para casa, mamãe — disse Tássia, em voz baixa.

Perplexa com o acontecido e agitada pela dança, Vera estava em pé, ofegante, e, com a respiração entrecortada, expressou-se de forma genuinamente russa:

— Fiz algo de errado? Será que devo me desculpar?

— Não é necessário — disse Tássia —, agora eles não estão preocupados conosco. Vamos, mamãe.

Sem se despedirem, Vera e Tássia saíram da casa cuja paz haviam perturbado e, ao caminharem, cada uma perdia-se nos próprios pensamentos. Nas primeiras noites primaveris, perto da lua cheia, pensamos e respiramos profundamente. A

neve derretendo, as árvores gestantes... A Rua Derjávin matizava-se de verde com as folhas que os ramos concebiam, a floresta ao lado mostrava sua importância, e, sob as sombras das árvores, as velhas faziam a vigilância vestidas em novos uniformes: xales brancos e roupões de algodão. Nessa época, no princípio da primavera, os trajes de inverno ainda não tinham sido trocados: os mais pobres usavam casacos forrados de algodão e os mais ricos pelerines com gola de pele de raposa. Ao ouvirem passos na escuridão, as sentinelas da nação perscrutavam com os olhos, sussurravam, emitiam seu sinal silenciosamente, apenas por meio de sua feição: "Nós somos russos, e vocês?". Não são os Kopóssov passando? Que família leviana... Ele é um bêbado e um desordeiro, ela é uma indecente; e as crianças, o que as coitadas podem aprender com eles? Vejam, Vera e a filha ficam até tão tarde na rua... De onde elas estão vindo? Por acaso não é da casa nº 30, da Tchesnokova, ondem moram os judeus?

Assim, sob o olhar vigilante de velhas silentes, mãe e filha chegaram à casa nº 2, no finzinho da rua. Embora já tivesse tomado alguns goles, Andrei não estava bêbado e queria dar pelo menos duas surras em Vera por ela ter voltado tarde, no entanto, ao ver Tássia, ele se conteve e somente fuzilou a esposa com o olhar.

Vera preparou o jantar, mas ela mesma não comeu, indo se deitar no leito junto à estufa. Assim, quem colocou Ústia na cama foi Tássia, contrariando o costume da casa, já que era sempre Vera quem levava sua filha favorita para dormir. Vera estava tão cansada e sentia tanta indiferença para com a vida que a cercava que dormiu no mesmo instante, contrariando as expectativas de uma terrível noite de insônia.

Desde então, Vera percebeu em Tássia uma mudança que qualquer mulher, qualquer mãe, notaria sem dificuldade. No começo, essa ideia atingiu o coração de Vera como uma punhalada, mas, depois de refletir, ela achou essa transformação bastante oportuna. Pois, na loucura desmedida, a mulher sempre se torna astuta e calculista. Desde os tempos do Éden, a mulher é irrefreável em sua loucura. Não por acaso o primogênito de Eva foi Caim. Não por acaso Eva atraiu-se irresistivelmente pela sedução da serpente, assim como não por acaso o Senhor lhe disse:

— Multiplicarei a dor da tua gravidez; na dor tu colocarás teus filhos no mundo; tu serás atraída para o teu marido, e ele te dominará [...][157]

Já a Adão disse:

— Porque escutaste a voz de tua mulher e comeste da árvore que te proibi, dizendo: "Não comerás dela", tua terra será maldita; com dor tu te alimentarás dessa terra todos os dias de tua vida. [...] Tu comerás o pão com o suor de teu

rosto, até que tu retornes à terra da qual foste tirado, pois tu és pó e ao pó retornarás [...][158]

Assim a loucura e a impetuosidade da mulher formaram a base da vida humana, no momento em que o homem pecador fora expulso do paraíso, sendo condenado ao trabalho eterno... Quando o homem passou do pão divino para seu próprio pão, estava acompanhado por sua mulher, Eva, nome que, traduzido da Bíblia, significa "vida"...[159] Se na origem da história humana, desde a saída do Éden, a loucura e a *vida* definiam igualmente a mulher, será que existe algo capaz de deter seu desejo sem limites? Eis por que o terceiro flagelo do Senhor, o adultério, é tão intenso e incontrolável... Nesse flagelo, a mulher é o carrasco, ainda que ela mesma venha a sucumbir.

Vera Kopóssova compreendeu que só poderia atingir seu objetivo através do amor de sua filha pelo judeu, diante da qual ele era impotente, pois também a amava. Vera o compreendeu e guardou, com astúcia, seu irresistível desvario para o momento certo...

Nesse meio-tempo, a primavera que perfumava as margens do Volga chegou ao fim e o verão jovial despontou — a floresta floriu, começou a temporada de frutas silvestres. A astuta mulher percebeu que, nos últimos tempos, sua filha Tássia passou a receber as carícias de seu sombrio pai com reserva, embora continuasse permitindo que ele trançasse e destrançasse seus cabelos — como na juventude fazia com a esposa. "Chegou a hora," pensou Vera.

— Tássia — disse —, vá no domingo ao pico — assim chamavam o topo de um barranco coberto pela floresta —, as framboesas estão maduras. Seu pai precisa de uma infusão de framboesas frescas para sua ferida no peito. Eu mesma iria, mas estou ocupada na oficina, preciso compensar os dias de trabalho que perdi na primavera, quando Ústia ficou doente. Vá, Tássia, não haverá outro dia para colher; vão pegar tudo e não sobrará nada para nós.

— Está bem — disse Tássia—, eu vou.

Apesar de ter idade para casar, ela era obediente no dia a dia, embora, num caso excepcional, se pressentisse algo de errado, pudesse contrariar seus pais. No entanto, ali não parecia haver nada de errado: sua mãe a havia mandado à floresta para colher framboesas ao seu *tiátia*, ferido no *front*. Na verdade, Tássia até se alegrou — quem sabe o amor entre sua mãe e seu pai voltasse...

— Está bem, eu vou...

"Agora, daqui por diante, eu não posso errar," pensava a astuta mãe em desvario. E, esquecendo o pudor, ela dirigiu-se à casa nº 30 da Rua Derjávin,

onde havia se portado de forma indecente... Dessa vez, a velha Tchesnokova recebeu-a sem gentileza.

— O que quer aqui? — perguntou Tchesnokova, parada na soleira, sem deixá-la entrar.

No entanto, Vera notou ao lado o objeto de sua paixão, o judeu, que escolhia framboesas com a filha na entrada de casa.

— Dona Tchesnokova — disse Vera —, vejo que vocês foram à floresta colher framboesas... Por acaso foram ao pico? Eu preciso urgentemente delas, porque farei ao meu marido, que trouxe uma ferida da guerra, uma infusão de framboesas frescas.

— Então vá até o pico — respondeu Tchesnokova —, há frutas que não acabam mais... Um ano de boa colheita.

— Mas aí está a desgraça — respondeu Vera —, como estou ocupada, pois trabalho aos domingos, tive que mandar minha filha Tássia sozinha para lá. O lugar é afastado, e ela é muito jovem. Tem medo de ir sozinha e eu tenho medo por ela. Será que algum de vocês não irá ao pico?

— Não — disse Tchesnokova —, nós já fomos. Olhe, já estamos escolhendo as frutinhas. E do que tem medo? O último urso foi visto lá faz uns três anos. Os ursos foram tão perseguidos que se embrenharam na floresta, longe das pessoas.

— Os ursos podem ter fugido — respondeu Vera —, mas homens cheios de más intenções estão à solta. Para uma moça, um homem assim é pior do que um urso. Alguém pode ir atrás dela. Deus me livre, mas Pávlov pode assediá-la...

Pávlov continuava uma figura marcada na cidade de Bor, e com ele, feito o diabo, as mães assustavam suas jovens filhas que desejavam explorar lugares distantes.

— Cuidado, Pávlov vai pegar você.

Mas numa coisa Pávlov havia mudado: se durante a guerra ele não desprezava nenhuma mulher, agora olhava somente para as mais jovens e, conforme diziam, até para meninas de nove ou dez anos de idade, que são mais cheiinhas, robustas e vistosas, pois o próprio Pávlov estava perto dos trinta... No entanto, tudo lhe era relevado, porque seus companheiros do *front*, que agora ocupavam cargos importantes, sempre o tiravam de apuros. Eram os rumores. Mas também havia queixas contra o desordeiro. Certa vez correu a notícia de que Pávlov fora flagrado praticando um crime e tinha sido preso... Dois ou três dias depois, viram-no andando de novo pela rua principal, próximo do cinema, e também no parque da cidade, perto da pista de dança, vestido em um casaco de marinheiro, bêbado, forte, bonito, embora um pouco inchado, assediando as moças, puxando

brigas... Revoltados, pais e mães enviaram uma carta ao jornal local, *Pravda de Bor*. E no jornal tiveram que ponderar. De um lado, era necessário responder às reivindicações dos trabalhadores; de outro, não podiam ofender os protetores de Pávlov. Então, o jornal recorreu a um método já comprovado: a literatura, de cuja existência nada se espera, pois ela não se ocupa de fatos concretos, mas de fenômenos gerais do país e, às vezes, do mundo. E a melhor forma para tal generalização é a poesia. Convenientemente acharam um versejador, consoantes às lições de Marx: "a procura cria Rafaéis". Certamente, esse poeta não era um Rafael; em compensação, ele era natural dali e tinha crescido na família de um simples operário da casa das caldeiras a gás do hospital central de Bor. A mãe, de profissão, era contadora. Esse poeta, da família Sómov, tinha nacionalidade russa e sonhava estudar no Instituto de Literatura de Moscou, mas, por enquanto, se aprimorava sozinho em duas direções — lírica e satírica. A sátira, diga-se de passagem, era o que mais o atraía. Assim ele caçoava de seu sobrenome, vindo de um peixe, e aproveitava para mencionar outros análogos. Além de Sómov, dizia ele, temos à vontade Erchóv, Piskarióv, Kárpov, Ókunev e Schúkin, mas Stiérliadev e Sevriúgov[160] não se encontram, custam os olhos da cara... Com essa biografia e com essa orientação criativa, Sómov, nesse momento, serviu como uma luva ao *Pravda de Bor,* satisfazendo a demanda... Em seu poema, Sómov, em primeiro lugar, mudou o local da ação — transferiu-a de Bor para Moscou, aonde ele mesmo desejava ir havia tempos. Em segundo, trocou Pávlov por Prókhorov e Stepan por Ivan. Seguindo os passos do fabulista grego Esopo, Sómov escreveu algo como uma fábula satírica, que começava assim:

Certo Ivan Prókhorov podia ser visto
Entre os inválidos moscovitas,
Este Ivan era um belo tipo,
Mas indigno das feridas,
Conquistadas no cruel combate na defesa dos soviéticos.
Mas sobre isso depois falaremos,
Agora escutem...

Adiante ele enumerava, em versos, todas as ações indecorosas cometidas por Pávlov.

O primeiro golpe contra Sómov foi dado por Pávlov, que não se deixara enganar com a linguagem de Esopo. Do segundo golpe Sómov escapou pulando a cerca do parque, perto da pista de dança. No entanto, o terceiro golpe, vindo do comitê local do Agitprop,[161] foi indefensável, sobretudo porque Sómov contava conseguir uma carta de recomendação do comitê para ajudá-lo a passar no concurso do Instituto de Literatura de Moscou. Ele ouvira dizer que o concurso

era formado principalmente por judeus, mas, se o candidato fosse russo e tivesse uma carta de recomendação, todos os direitos estariam a seu favor...

O Agitprop resolveu acusá-lo de nada menos que servilismo e de tentativa de caluniar os defensores heroicos da pátria que derramaram seu sangue na guerra... No jornal, portas começaram a bater em polvorosa, produzindo correntes de ar. Alguns sofreram apenas um leve susto com uma advertência em sua ficha pessoal, outros foram totalmente privados da possibilidade de participar da construção cultural futura do país. O *Pravda de Bor* publicou uma carta de um grupo de veteranos de guerra — "Contra a calúnia em versos de certo Sómov" — escrita por Vladímir (Vilner),[162] um funcionário do Agitprop. Dessa maneira, Pávlov, de tão bem defendido, se tornou um completo insolente, e na cidade de Bor todos tinham medo de deixar suas jovens filhas andarem sozinhas.

E elas tinham vontade de passear, pois as noites de verão de Bor eram tão sedutoras que, sem elas, o coração jovem se enchia de melancolia. As ruas verdes, o ar da floresta misturando-se ao do rio em um elixir incomparável, as valsas soando da pista de dança, executadas pela orquestra de sopros da cooperativa das empresas de peixe, e, no alto, o céu sem Deus dos astrônomos resplandecendo, sob o qual se vive mais tranquilamente, porque ele alegra a todos, e não obriga a nada. Com dezessete anos, bastaria respirar a plenos pulmões, sonhar com o amor e olhar para a lua e para as estrelas... Se não fosse pela presença de Pávlov... Para uma moça, encontrar Pávlov à noite era uma ameaça terrível...

Uma noite, Tássia encontrou Pávlov perto do lugar onde, durante a guerra, ele, ainda jovem, tentara assediar a também jovem Vera, e quase na mesma hora. Claro que não passou de uma coincidência. Pávlov agarrou-a sem palavras, em silêncio, e foi um milagre que Tássia tenha conseguido se soltar, indo correndo para casa, com a blusa rasgada, toda trêmula, atirando-se ao colo da mãe. Nesse dia, Andrei estava viajando, tinha ido vender suas peças de madeira em Górki. Ele só voltou dois dias depois, relativamente calmo, e, por sorte, era o período da lua nova. Vera lhe disse:

— Você sai para beber com Pávlov, diz que ele é um veterano de guerra, seu amigo, pois saiba que anteontem ele tentou agarrar a sua filha.

A face de Andrei escureceu, e ele disse:

— Na certa, ele achou que a filha puxou a mãe, que tem a mesma fraqueza — e saiu de casa, embora já estivesse tarde.

Após meia hora, ele voltou e disse à Tássia:

— Não tenha medo, filhinha, pode andar tranquila, ele não vai mais tocar em

você. Eu não sei escrever versos, mas posso fazer seus olhos saltarem.

E realmente Pávlov não se aproximou mais de Tássia, somente a fitava de longe. No entanto, Vera não tinha plena convicção de que sua filha estava em segurança, pois sabia que o lado viril de Pávlov ficava atiçado quando ele bebia... Diziam que ele andava pela floresta com uma espingarda, como se estivesse caçando. Em todo caso, não era apenas contra Pávlov que as moças deveriam se precaver... Fazia anos que Vera amava e protegia sua filha. Mas devia ser forte a loucura que a dominou, já que usou a própria filha para seus propósitos... Essa mulher tinha tudo engenhosamente planejado quando fora à casa de Tchesnokova dizer que sua filha iria colher sozinha framboesas no pico, onde um riacho corria de um barranco, que ela iria por volta das sete da manhã, ou até antes, pois era quando havia menos gente e mais framboesas.

Logo que amanheceu, Tássia se levantou, comeu apressadamente, pegou as cestas e foi para a floresta, seguida de sua mãe, que havia inventado a história de estar ocupada aos domingos na oficina. Vera embrenhou-se cuidadosamente num arbusto, pensando com inquietação: “Será que Dã Iákovlevitch virá?”. Ela havia se informado de muitas coisas sobre ele. Soube que ele viera de algum lugar de Rjév, era viúvo — a esposa morrera durante a guerra —, e agora trabalhava como vigia noturno na cooperativa das empresas de peixe, profissão rara para um judeu, o que possivelmente o tornava o mais tolo de seus irmãos, sempre bem colocados. Vera não sabia que, desde que a filha adotiva apareceu na vida do Anticristo, ele não podia mais se alimentar unicamente do pão do exílio, legado pelo profeta Ezequiel, e que, entre as profissões que dão sustento aos homens, a de vigia noturno era a mais apropriada para Dã, porque o isolava das pessoas e, sob o céu noturno, o fazia se lembrar de seu velho ofício de pastor... Vera havia descoberto muitas coisas sobre o inquilino judeu da Tchesnokova, mas estava longe de saber de tudo. Evidentemente, antes de mais nada, ela não sabia que Dã Iákovlevitch era o Anticristo, o enviado do Senhor... Mas de uma coisa ela estava certa, como uma mulher magoada e uma mãe amorosa: Dã Iákovlevitch e sua filha Tássia amavam um ao outro, mas não sabiam como se encontrar e não se decidiam sobre dar esse passo... Uma mulher que sente paixão por um homem que ama a filha dela encontra-se numa estranha situação. Ora ela sente a carne da filha como uma parte da sua e se deleita, ora ela sente nessa carne seu próprio infortúnio e sofre, chegando a odiá-la, como o homem involuntariamente odeia e amaldiçoa sua mão, seu pé ou sua cabeça quando doem muito... Assim, Vera ora se deleitava intimamente por meio da felicidade de sua filha, ora via nessa felicidade o sucesso que outra mulher lhe roubava.

Vera teria caído numa loucura espiritual, e não apenas carnal, se a inconsciente astúcia bíblica — graças à qual Eva fora amaldiçoada pelo Senhor — não lhe sugerisse que, no sofrimento, o melhor é confiar na razão, e não no sentimento — somente na felicidade é sensato desfrutar dos sentimentos. E, logo que ela entendeu isso, transformou-se numa decaída comum, dominada por uma paixão desmedida que deveria ser satisfeita, sem medir esforços... Então ela tramou um encontro entre o homem a quem ela desejava e não tinha acesso e a mulher a quem ele amava, Tássia, sua filha.

A mulher astuta seguia sua filha, e sem demora elas chegaram ao pico, um lugar selvagem e isolado. O barranco estava coberto por árvores e arbustos, o riacho sussurrava, e havia framboesas a perder de vista. Mas o judeu não estava lá, não tinha vindo, embora sem dúvida tivesse ouvido as palavras de Vera. Para que a filha não a notasse, Vera sentou-se num canto afastado e suspirou. Sem suspeitar de nada, Tássia começou a colher framboesas. Ela já tinha enchido quase metade de sua cesta quando, de repente, ouviu galhos estalarem e, em meio a uma clareira, o judeu apareceu, também carregando uma cesta de vime. Tássia levantou a cabeça e deixou cair sua cesta, e as frutinhas se esparramaram pelo chão. Movidos por uma força estranha e hilária para os Céus, os amantes se viram um nos braços do outro. Dã, a Áspide, o Anticristo, cuja residência terrena se estendia de Hetalon a Emat, e Tássia Kopóssova, da cidade de Bor, da região de Górki. Sem palavras, sem lágrimas, sem suspiros, eles ficaram abraçados, cada um envolvendo firmemente os braços no que era seu: Anticristo em Tássia, Tássia em Anticristo. Eles estavam em pé, enlaçados, e Vera estava deitada, escondida atrás de uns arbustos, e tudo o que fazia parte dela sofria. No entanto, essa mulher em desvario conseguiu superar o sofrimento dessa paixão decaída, protegendo sua razão... Enquanto isso, os dois continuavam abraçados, inertes, até que Tássia, uma moça frágil, sentiu as mãos e os pés enfraquecerem nessa imobilidade ardente. Então o Anticristo, que agora sentia em si todas as sensações de sua amada, disse:

— Você virá amanhã?

— Sim — respondeu Tássia —, depois do trabalho, às seis da tarde. A oficina de costura fecha às cinco, mas ainda trocarei de roupa...

E eles se separaram sem se beijarem. O Anticristo foi embora depressa, pois sabia desaparecer instantaneamente, e Tássia ficou colhendo framboesas para que sua mãe não suspeitasse de nada. Mas sua mãe, tendo superado sua fraqueza, estava feliz com o acontecido, pois tudo ocorrera como o planejado.

Assim começou o amor inabalável de Anticristo e Tássia. Certamente, não era

amor divino, com o qual um irmão ama a uma irmã ou um pai ama a uma filha, mas também não era amor humano, como de um homem por uma mulher. No entanto, como o Anticristo não podia amar de outra forma e Tássia, bem ou mal, amava pela primeira vez, eles não ficaram surpresos com semelhante amor. Continuaram a se encontrar no mesmo lugar, onde o barranco coberto pela floresta começava, ao lado do riacho... Assim que via Dã, Tássia dava alguns passos ao seu encontro, como uma sonâmbula sob a lua cheia, e, no último passo, as forças a abandonavam, os joelhos cediam; se desse mais um, ela tombaria sem sentidos, mas o Anticristo nunca a deixava dar esse passo a mais, que talvez fosse a salvação dela. Enfraquecida, Tássia não caía no chão, mas no peito dele, e eles ficavam ali, enlaçados, sem palavras, sem beijos. Toda vez o encontro deles era idêntico, pois só o amor frívolo precisa de variedade. Tássia recebia tudo do abraço do Anticristo, enquanto sua pureza casta e sua ternura ajudavam-no a escapar do flagelo da luxúria, ao qual ele estava sujeito como todos os terrenos. Assim, numa floresta perto da cidade de Bor, na região de Górki, realizou-se o sonho eterno de um terceiro tipo de amor, nem carnal nem ascético...

Os pais da atual revolução sexual, os habitantes da cidade de Sodoma, que tentaram violar os anjos, procuravam por essa terceira forma de amor. Os primeiros maridos de Tamar, os irmãos Her e Onã, procuravam-na também. Mas Her morreu, e Onã, ao entrar na casa da esposa de seu irmão, espalhou sua semente pela terra, imortalizando seu nome como uma doença ou como um capricho. Outras perversões também se originaram da busca pelo terceiro amor,[163] nem masculino nem feminino, mas é impossível encontrar o terceiro órgão ou criar um *perpetuum mobile* sexual. Até hoje só se tem notícia de um caso do terceiro amor, que não é carnal nem ascético, tampouco é o substituto grego, o platonismo, já que o pecador tem talento para a substituição, como vemos, por exemplo, no cristianismo grego... Mas ali não havia substituição. Tássia Kopóssova, da cidade de Bor, experimentou o terceiro amor no verão de 1949... Ela o encontrou porque não o procurava... É a tal lei bíblica não formulada: quem não procura encontra, quem procura perde... No entanto, existe ainda a lei do materialismo dialético, que não precisa obrigatoriamente ser estudada pelas teorias de Feuerbach, pois foi exposta com muita clareza nesta canção soviética: “Quem é alegre ri, quem quer conquistará, quem procura sempre achará...”.[164]

Stepan Pávlov, que durante toda a sua vida rejeitara o ópio bíblico, queria

conquistar Tássia, por isso a procurava em toda parte e a encontrou no pico, perto do barranco, abraçada ao judeu... Pávlov andava pela floresta com sua espingarda, assobiando a canção sobre o vento alegre, na qual estão expostas as bases da dialética. De repente, ele viu ao longe: Irmãos, o que está acontecendo ali? Os *jides* se apoderaram de tudo, incluindo as moças... Ele parou de assobiar, levantou a espingarda, e só Deus sabe o que passou por sua cabeça nesse instante... Depois reconsiderou e, consumido pela ofensa, tramou algo mais engenhoso. “Ninguém nesta cidade ousou me bater, mas o pai dela, Andrei Kopóssov, me deu uma surra. Muito bem, se um rapaz russo não lhe agrada, irmão, você terá como genro um judeu, um rato da retaguarda.” Arrastando-se à maneira militar, Pávlov aproximou-se e escutou a hora do encontro de Tássia com o Anticristo no dia seguinte. Pávlov sabia onde encontrar Andrei e o achou sem esforço e sem dialética. Estava no centro de Bor, na frente do cinema, um pavilhão de compensado, chamado “Danúbio Azul”, ainda que na tabuleta anunciassem: “Cerveja, bebidas, petiscos”. Sabe-se lá o que o Danúbio fazia numa cidade às margens do Volga. Talvez o pavilhão tivesse sido batizado por algum freguês que atacara Budapeste ou tomara Viena ou Bucareste. O fato é que o pavilhão de compensado realmente estava pintado de azul. E quem trabalhava ali como balconista era Niura, com quem Pávlov havia vivido no passado. Ele costumava, antes de cair na bebedeira, ralhar com Niura por ela não encher o copo até a borda ou por enganá-lo na conta. Mas ela não cedia, porque era uma mulher que atingira a igualdade plena de direitos.

— Você é uma cadela — dizia Pávlov alegremente.

— E você é um grosso — alegremente respondia Niura.

— Você é uma ladra...

— E você é um velho safado...

— Vou meter o cacete na sua mãe...

— Meta na sua, sairá mais barato...

Nesse ponto, Pávlov, sob efeito do que acabara de ver e suportar, disse a Niura:

— E você é uma judia, uma *jidovka*...

Niura caiu no choro.

— Mas como judia? Por que, irmãos, ele me ofende deste jeito?

Os fregueses se intrometeram na conversa.

— Deixe disso, Niura, não leve Pávlov a mal... Não arrume sarna para se coçar... E você, Stiopa,[165] venha cá, vamos beber...

Andrei Kopóssov também estava no pavilhão, mas em outro grupo.

Começaram a beber separadamente, mas terminaram juntos. Quando os grupos se uniram, Pávlov disse a Andrei Kopóssov:

— Vamos para fora, tenho um assunto a tratar com você...

— Muito bem — disse Andrei.

Os outros companheiros de copo, sabendo da desavença entre eles, tentaram acalmá-los:

— Deixem disso, rapazes, vocês são dois veteranos de guerra. Que acerto de contas pode haver entre irmãos eslavos?...

"Irmãos eslavos", nessa época, era uma expressão da moda, vinda do *front*. Pávlov respondeu:

— Eu não vou bater em Andrei, pois sei que ele quebraria minhas costelas, e minha conversa com ele será amigável.

Saíram. Postaram-se na frente do pavilhão, fumaram *Trud* — marca de cigarros do pós-guerra —, regaram os alicerces do edifício, e Pávlov, além disso, aliviou a pressão do intestino duas vezes, em alto e bom som... Quando Pávlov ia começar a falar, um cachorro da rua se aproximou, mostrando lealdade, e interrompeu seus pensamentos.

— Ah, miserável — gritou Pávlov, acertando-lhe uma pedra. O cachorro deu um gemido estridente e fugiu ganindo.

— Então, o que você queria? — começou Andrei, mas, vendo que o outro hesitava, deu alguns passos para trás, pois, se Pávlov quisesse dar o troco pelo golpe que recebera antes, Andrei lhe daria outro com o pé, bem na barriga.

Pávlov notou o gesto e disse:

— Você tem raiva da pessoa errada, Andriucha...[166] Eu sou um veterano de guerra, assim como você... Tássia é filha de um combatente, e minhas intenções para com ela são sérias... Mas há um judeu que passou toda a guerra na retaguarda e está seduzindo sua filha...

— O quê? Que judeu? — gritou Kopóssov.

— Não desconte em mim — respondeu Pávlov —, é aquele judeu que mora com a Tchesnokova, na casa nº 30 da Derjávin.

E ele contou o que vira... Andrei ficou vermelho, depois empalideceu e gritou somente duas palavras:

— Eu mato!

— Não se precipite — respondeu Pávlov, contente por tê-lo atingido com mais eficácia do que um soco nos dentes —, você sempre me olha torto, Andriucha, mesmo quando bebemos juntos. Dá ouvido a fofocas, acha que eu tive algo com sua esposa. Não nego, ela até tentou grudar em mim, mas eu a mandei passear,

porque sou fiel à camaradagem do *front*.

Andrei rangeu os dentes.

— Deixe minha mulher fora disso, a conversa não é sobre ela, mas sobre minha filha.

— Mas eu tenho um plano para sua filha — disse Pávlov. — Quando eles se encontrarem amanhã no pico, nós pegaremos os dois em flagrante... De acordo?

— Sim — respondeu Kopóssov —, agora vamos beber mais um pouco...

Eles tomaram mais algumas. Andrei mergulhou num silêncio sombrio e apático, depois do qual não se sabe se o homem cairá num sono pesado e profundo ou se matará alguém. Mas Pávlov, ao contrário, esfuziante, sem reservas, foi tomado de alegria quando a famosa *tchastuchka* russa, herdada de seus avós e bisavós, saiu na ponta da língua. Sua voz agora, a bem da verdade, era um pouco rouca, e não mais aquela voz agradável de tenor; em compensação, ele dava gritos do fundo do coração:

— "Bata nos *jides*, salve a Rússia..." Chaim fechou a vendinha... Abraão e Sara, que casalzinho engraçado... O corajoso Jacozinho na guerra... Nós os defendemos, e eles crucificaram Cristo, venderam o poder soviético... Nós nas trincheiras, e eles em suas vendinhas... Durante a guerra, eu não vi nenhum judeu na linha de frente... Um judeu foi para o *front*, mas de medo ele se matou...

Pávlov gritava tão alto que a polícia reconheceu sua voz familiar, pensando que ele, mais uma vez, tivesse puxado briga no "Danúbio Azul". Foram até lá: havia barulho, mas nenhuma briga.

— Por que essa gritaria, Pávlov?

— E por que os judeus bebem nosso sangue?

— Pávlov, não perturbe a ordem — disse o sargento.

— E eles, podem perturbar? Querem tirar uma filha do próprio pai, um veterano de guerra...

— Quem quer, de que pai?... Se tiver provas, escreva uma queixa formal... De que pai querem tirar a filha? Do que está falando?

— Do meu amigo... Que foi para a guerra... Que derramou seu sangue... — disse Pávlov, enrolando a língua de tão bêbado.

Então Andrei deu um murro na mesa com tanta força que fez quebrar uma vasilha cara da balconista Niura.

— Cale a boca, miserável...

— Estou quieto — respondeu Pávlov. — Está tudo em ordem, sargento, tudo em ordem...

— Vão para o inferno — disse o sargento. — Resolvam vocês mesmos, mas

sem perturbar a ordem...

E ele saiu. Depois disso, Pávlov, já em silêncio, bebeu mais uma, depois outra, depois cochilou, apoiando a testa na mesa, mas foi despertado por uma leve brisa noturna, encostando as costas na parede.

Tudo estava em silêncio, a tranquilidade urbana em plenitude. A cidade de Bor, à beira do Volga, sabia dormir com doçura. Não importa para que lado se olhasse, não havia nenhuma janela iluminada, nenhum barulho além do farfalhar das folhas, nenhum movimento além do cintilar das estrelas e do ir e vir da lua por entre as fissuras das nuvens de chuva.

Quando Pávlov acordava dessa maneira, em meio a essa tranquilidade, sentia, nos primeiros minutos, algo insólito, algo que ele não podia entender. Tinha a impressão de que era novamente um bebê e olhava do berço por uma janela sombria, ou de que lhe surgia a Palavra, endereçada somente a ele, pois cada pessoa tem sua própria Palavra e, se ela não a escuta, a Palavra permanece inutilizada no mundo, ou ainda era como se ele visse pela primeira vez essa cintilação de estrelas elevadas e a tensão incomum produzida por essa visão comprimisse sua testa dura de marinheiro — parecia-lhe que algo iria jorrar a qualquer momento, como um córrego de água pura jorrando de uma enorme pedra cinza prisional, que era a testa de Pávlov para qualquer pensamento puro. No entanto, bastava se mexer um pouco, respirar fundo, endireitar os membros dormentes para voltar às suas necessidades prementes, ou seja, antes de tudo, ele apalpava suas calças. Se estivessem secas ou apenas um pouco molhadas devido a uma pequena necessidade, ele ia atrás de Váliuchka, uma jovem enfermeira, de Tánetchka, técnica do departamento de manutenção predial da cidade, de Ninka, de Aleksandra Ivánovna, ou de qualquer outra, a escolha era farta. Mas, se as calças estivessem molhadas e grudentas de ponta a ponta, devido a uma necessidade maior, ou seja, quando, após seu sono de bêbado, ele despertava com o traseiro assado — o que acontecia especialmente no verão, pois nessa estação petiscavam frutas (maçãs e as ameixas do Volga) —, se isso acontecesse, ele se dirigia somente para um lugar — para a casa de Aleksandra Ivánovna, a mesma viúva do setor de comércio alimentício que um dia o seduzira, um jovem ferido de guerra, inaugurando o rol das mulheres de Pávlov em Bor. A essa altura, a viúva já se aproximava dos cinquenta anos, mas estava sempre pronta para receber Pávlov, lavá-lo, alimentá-lo, ajeitá-lo na cama... Agora era verão e, como durante a noite ele bebera muito e comera muitas maçãs podres e não lavadas, vendidas pela imprestável da Niurka, sentiu-se, ao despertar, completamente impelido a ir à casa de Aleksandra Ivánovna. Lá ele dormiu o

resto da noite e parte do dia, pois, antes da caçada noturna ao judeu, era preciso estar “novo em folha”.

Kopóssov e Pávlov maquinaram tudo com esperteza: o primeiro movido pela amargura, o segundo pelo ódio. Kopóssov saiu um pouco mais cedo do trabalho, Pávlov um pouco mais cedo da casa de Aleksandra Ivánovna, e eles não se encontraram no próprio pico, mas no triângulo — havia também um lugar com esse nome na floresta, mas ninguém lembrava mais por que era chamado assim... Pávlov estava bêbado, Kopóssov sóbrio, mas munido de um machado de carpinteiro bem afiado que metera atrás do cinto militar, sob o paletó.

— Eles estão lá — disse Pávlov em voz baixa —, no lugar de costume. Eu já os vi, estão ali abraçados, como sempre...

O eslavo fica calado quando a fúria o tortura, acumulando seu ódio para o momento decisivo. Kopóssov colocou a mão no machado e andou pelo atalho na direção indicada. Afastou cuidadosamente um arbusto molhado, porque chuviscava desde manhã, e de fato viu ao longe sua filha nos braços do judeu... O eslavo fica calado quando tomado pela fúria, mas, no momento decisivo, pode dar o grito selvagem de seus ancestrais, com o qual, na época da grande migração dos povos, saquearam os Cárpatos, sonhando se estabelecer no Danúbio, e não no Dnieper... Então Kopóssov, o pai sofredor, com o machado de carpinteiro na mão, deu exatamente esse grito inarticulado... Já Pávlov gritou algo mais atual e articulado, mais precisamente: “Bata nos *jides*, salve a Rússia”.

Assim que os viu, Tássia estremeceu inteira e, pela primeira vez, chorou de medo nos braços de seu amado.

— Quem são eles? — perguntou o Anticristo a Tássia.

— Meu *tiátia* e seu amigo Pávlov — chorando e tremendo, respondeu Tássia.

— O que eles querem? — perguntou o Anticristo, pois com ele às vezes acontecia o seguinte: em momentos extremos, ele parava de repente de entender a vida que o cercava e de seu âmago surgia aquela aversão celestial que sentia pelos homens.

— Corra — Tássia disse chorando a Dã —, em mim *tiátia* apenas baterá, porque me ama, mas você ele partirá ao meio, porque o odeia. Corra, *tiátia* está com o machado...

— Ele não nos tocará com o machado — disse o Anticristo —, não nos tocará com nada além de sua mão.

— A mão dele também é pesada, pode até mutilar alguém — disse Tássia, tremendo de medo —, mas Pávlov prefere esganar.

Nesse meio-tempo, Kopóssov e Pávlov já corriam, deslizando pela grama

molhada do declive, e se aproximavam. Suas faces raivosas já podiam ser distinguidas. Em Kopóssov, à raiva misturada ao sofrimento tornava-o bem pouco atraente. Em Pávlov, ao contrário, à raiva misturada à alegria o fazia lembrar um eslavófilo satírico, fascinante e espirituoso.

— Aperte-se contra mim, minha querida — disse o Anticristo —, aperte-se com força e não tenha medo... Eles não vão nos tocar com muita força.

— Mas como não?! — perguntou Tássia, quase perdendo os sentidos. — Por que não com muita força se estão com tanto ódio?

— Porque não terão tempo para isso — respondeu o Anticristo. — Assim que nos tocarem, ambos irão morrer...

Ainda que Tássia já estivesse trêmula, o que ela viu à sua frente, perto de seu rosto, deixou-a febril e fora de si... Os olhos ardentes e fulminantes da Áspide sobressaíram em contraste aos traços judeus, suaves e dóceis de seu amado, inflamando-se com o ódio do Inferno, com o Flagelo Universal de Deus... Tássia gelou e sentiu medo, e não pelo homem que amava, que parecia ter sumido, mas por seu pai.

— Não toque em *tiátia* — ela suplicava, sem saber a quem se dirigir —, não toque em *tiátia*...

— Pena — disse o Anticristo —, então serei obrigado a poupar o outro também. Pois eles tramaram juntos e, neste momento, não podem ser castigados separados... Mas depois cada um terá seu próprio suplício...

Kopóssov e Pávlov não conseguiram parar, assim como quando se desce a toda a velocidade de uma montanha íngreme, e, como que puxados por um vento misterioso, passaram correndo pelos amantes abraçados... Então foram levados por entre os arbustos do barranco, arrastados pelas encostas lamacentas e escorregadias devido à chuva, e jogados no riacho, que sussurrava pacificamente entre as pedras... Nessa corrida involuntária, Kopóssov e Pávlov perderam a capacidade de controlar seu corpo, seus braços e suas pernas.

— Eh! — involuntariamente, Kopóssov bateu seu machado de carpinteiro numa grande pedra úmida. Era um bom machado, mas o cabo trincou.

E Pávlov, bêbado, sentiu as pedras do riacho nos próprios ossos.

— Eh... Ui... Filho da mãe... A grama está escorregadia... O judeu levou vantagem com a chuva da manhã.

Logo que Kopóssov e Pávlov desapareceram no barranco, os traços do Anticristo se apagaram, instantaneamente, e diante de Tássia surgiu seu amado.

— Eu vou para casa — disse Tássia —, e você também vá embora... Avisarei quando e onde vamos nos encontrar, porque aqui não será mais possível... Não

tema por mim, até logo — e eles se beijaram pela primeira vez, pois, a partir desse dia, o lado sublime desse amor, que era do terceiro tipo, ficou para trás, e o amor deles tornou-se humano, com beijos e desejo de variedade.

Quando Tássia voltou para casa, sua mãe a viu e se alarmou.

— Mamãe, eu me apaixonei... — disse Tássia e a abraçou, pressionando sua face contra a dela, de modo que as duas tranças douradas e volumosas, da mãe e da filha, se uniram.

— Por quem? — perguntou a mãe cuidadosa, mas também a mulher astuta.

— O vigia noturno da cooperativa das empresas de peixe — respondeu Tássia —, que aluga um quarto na casa da velha Tchesnokova.

— Mas para que tantos rodeios? — disse a mãe, dissimulada. — Não fui eu mesma que a levei pela primeira vez à casa de Dã Iákovlevitch?

— Ah, mamãe, como ele é doce... — a filha deixou escapar de forma inocente, o que fez sua mãe, apaixonada pelo mesmo homem que ela, ser tomada pelo ódio e pelo ciúme.

— E se o seu pai descobrir? — perguntou Vera, brava, como se ela mesma não tivesse tramado tudo.

— O *tiátia* já sabe — respondeu Tássia.

Vera sobressaltou-se e, dessa vez, não foi um susto dissimulado.

— Desde quando?

— Ele acabou de descobrir.

— E o que ele fez, bateu nele?

— Ele queria...

— Quer dizer que não conseguiu alcançá-lo?

— Talvez tenha sido isso — respondeu a filha de forma evasiva.

No entanto, a estranheza da conversa foi dissipada com um chute na porta, que escancarou, e na soleira surgiu Andrei Kopóssov, cujo aspecto fez a pequena Ústia cair no choro. De fato, havia com que se assustar... A roupa molhada, rasgada pelos galhos, cheia de lama, a boca torta, os lábios mordidos, os dedos brancos das mãos fechadas de antemão. Sem palavras, Vera se atirou na frente dele para proteger a filha; sem palavras, ele bateu na esposa com força, mas como de hábito, portanto não com força o suficiente, e, sem costume, ele bateu com força demasiada em Tássia, que no ato começou a sangrar... Vendo sua filha ensanguentada, Vera gritou selvagemente — a infeliz mulher compreendeu o que havia causado e que era culpada de tudo. No mesmo instante, ela entendeu qual era o castigo do terceiro flagelo do Senhor, o animal selvagem, o adultério... E ouviu, talvez sem razão, como um fragor em suas têmporas, a maldição de

Moisés contra o adultério:

"Que o Senhor te lance a maldição e a imprecação diante do teu povo, que Ele faça teu colo murchar e teu ventre inchar [...]".[167]

Com os braços erguidos, ela se atirou contra o marido, para defender a filha, mesmo à custa da própria vida, ou para confessar tudo a ele, diante das filhas. Mas não havia mais quem defender, nem a quem confessar... Assim que bateu em Tássia, Andrei enterneceu e começou a soluçar de forma nada viril, ao passo que, quando batia em Vera, era sempre com fúria e desprendimento. Ele deitou-se na cama com o rosto virado para baixo e Tássia sentou-se ao seu lado, pressionando o lenço contra o nariz quebrado e apoiando a mão na cabeça do pai. Vera entendeu que era desnecessária ali, e não apenas superou seu remorso como sentiu mais vontade de levar até o fim o que planejara, para si e para seu prazer.

— Vamos passear, filhinha — disse à assustada Ústia —, vamos até a floresta, respirar um pouco de ar puro.

Quando Tássia e seu pai ficaram a sós, ele disse:

— Filha, você é a minha única felicidade, será que eu seria capaz de lhe desejar algum mal?

Tássia respondeu:

— *Tiátia*, eu sei que não era sua vontade, foi Pávlov quem o instigou... Ele é um canalha...

— Concordo — respondeu Kopóssov —, Pávlov, na certa, é um canalha, apesar de ser um veterano de guerra... Mas será que não existia outro rapaz na cidade para você? Por acaso nossa cidade não é russa?

— *Tiátia*, não posso viver sem ele — respondeu Tássia, como uma moça de dezessete anos —, sem ele prefiro me jogar no Volga... *Tiátia*, acredite na filha que ama você.

Andrei Kopóssov ficou um tempo calado e então disse:

— Você pegou isso da sua mãe depravada, a desgraça está aí... Não é à toa que você se parece tanto com ela.

Assim terminou a conversa, embora ela tivesse começado com sinceridade e pudesse ter resolvido muitas coisas... Mas nada foi resolvido. Vera voltou com Ústia e começou a preparar o jantar, e Andrei foi para sua bancada moldar os barrizinhos para óleo, as tinas, as batedeiras para manteiga e outros utensílios de madeira que planejava levar para a próxima feira em Górki.

Vera pretendia executar seu plano durante a viagem de seu marido. Era difícil acreditar que tal plano se realizasse, mas ela também não podia aceitar que ele

fosse irrealizável.

Uma mulher que rejeita o pudor não deve nutrir grandes paixões, e é na vida trivial que está sua salvação... Vera não conhecia essa verdade e, se a conhecesse, não seria capaz de cumpri-la... Por muitos anos, ela vivera resignada com seus desejos femininos mais íntimos, no começo insaciados por circunstâncias da guerra e, depois, em razão de sua própria loucura... Esse desejo macerava nela como uma bebida forte que, num gole, nos faz cair no esquecimento... Eis a morte, eis o nascimento, eis a eternidade...

O homem só é capaz de entender a Eternidade rebaixando ao extremo esse sentimento divino. E o rebaixamento extremo da Eternidade é o prazer... Somente através do adultério, da luxúria, uma criatura mortal pode tocar o Eterno, e o amor recíproco enobrece a insignificância infame do homem diante de Deus... Uma Ideia Elevada está acima do amor recíproco, no entanto a existência dela são casos raros e já não completamente humanos, apesar de nascerem entre os homens... A ideia da salvação da linhagem humana impeliu as filhas de Ló, após a destruição de Sodoma, a cometer adultério com seu próprio pai, embebedado por elas.[168] A Ideia do Nascimento do Messias impeliu Tamar a cometer adultério com Judá, o pai de seu marido, ao se disfarçar de meretriz e enganá-lo.[169] O que impeliu Vera ao adultério com o Anticristo, amante de sua filha, foi ocultado dessa mãe louca e infeliz. Mas, em seu desvario, ela era astuta e obstinada... Ela sabia que Dã Iákovlevitch ficava em casa até o meio-dia, pois ele dormia depois de seu plantão noturno, ou seja, ela precisava achar um momento em que a velha Tchesnokova e a filha não estivessem em casa, especialmente a segunda... Se uma filha que ama seu pai tem ciúme até da própria mãe, imagine das mulheres de fora... E a filha de Dã Iákovlevitch era um caso à parte: Ruthina era uma menina nervosa, empalidecia à toa e a ponto de desmaiar. Mas sua aparência não condizia com esse caráter passional, ela parecia uma aldeã, eis que fenômeno... Na idade de Rute, Vera era igualzinha a ela e nada compreendia até completar dezesseis anos, quando se casara. De fato, logo que se casou, aprendera tudo muito rápido... Quanto à Rute, a julgar por sua palidez e por seus desmaios, ela não tinha mais nada a aprender, embora não tivesse nem dez anos... Era astuta, possivelmente já possuía a astúcia de uma mulher. Mas aí era mais simples: tratava-se de quem seria a mais astuta...

E, em matéria de astúcia, Vera levava vantagem... Ela esperou que Tchesnokova e Ruthina fossem à feira, seguiu-as até lá e só então bateu no portão da velha. Dã Iákovlevitch o abriu.

— Bom dia — disse Vera —, minha filha Tássia não está aí?

— Não — disse o Anticristo, embaraçado —, ela não costuma vir aqui.

— Então ela só costuma ir ao pico? — disse Vera, trancando o portão.

A imagem de um gancho ou de um cadeado trancando um portão por dentro provoca no ato arrepios a uma mulher ávida... Será que Dã, a Áspide, o Anticristo, vindo de uma terra em que meretrizes frequentemente ameaçavam os desígnios dos profetas, não entenderia esses arrepios?... Ele mesmo havia sido exposto ao terceiro flagelo do Senhor perto de Kertch, com a jovem prostituta Maria, em 1935.

Então o Anticristo disse a Vera:

— O que você quer? Eu lhe darei tudo, apenas vá embora daqui...

Vera, uma mulher indômita de coração extenuado, respondeu:

— Não quero nada além de você... Se você não ficar comigo, enviarei minha Tássia, por quem você se apaixonou, para longe daqui, e você nunca mais a verá... Ela não se atreverá a desobedecer à mãe, e o meu marido, o pai dela, me apoiará.

O Anticristo lhe disse através do profeta Ezequiel:

— Você não é como uma meretriz, pois despreza presentes. Você é como uma mulher adúltera que, em lugar do marido, acolhe estranhos. Assim, em sua devassidão, você é diferente das outras mulheres, pois ninguém a procura; ao contrário, você mesma é que oferece presentes e descobre sua nudez aos seus amantes.[170]

Vera respondeu no mesmo tom, abatida por sua luxúria melancólica:

— Faz tempo que não descubro minha nudez a ninguém, nem mesmo a meu marido, só a você quero descobrir-me. Em relação ao seu presente, ele não será adornado de ouro e de prata, ele surgiu do meu sangue e vive do meu sangue... Seu presente será minha amada filha Tássia...

O Anticristo disse:

— Você sabia, mulher, que, se o Senhor pune uma simples meretriz como um pecado comum, do tipo que os homens cometem a rodo, sua entrega à luxúria terá uma punição especial?... A pena dos adúlteros é a mesma dos que derramam sangue...

Vera, uma mulher russa que povoou com sua habilidade um continente enorme e desabitado, respondeu:

— Eu aceito tudo...

Quando a necessidade faz uma habilidade se desenvolver ao extremo, esta já não pode se limitar ao que é exigido, mas sai à procura de possibilidades de

manifestar-se a favor de suas próprias necessidades... Toda habilidade que serve ao outro aspira, no fim das contas, a servir também a si mesma, a existir por si mesma e a deleitar-se consigo mesma. É essa a habilidade da mulher. E, quando existe habilidade aprumada, existe arte: seja a arte de um poeta, de um carpinteiro ou de uma mulher... Dã, a Áspide, o Anticristo, olhou para Vera:

— Você sabe como é o julgamento do tribunal do Senhor? — perguntou ele. — Ele irá abandoná-la a uma fúria sangrenta e ao ciúme.

— Eu aceito tudo — Vera limitou-se a repetir, apoiando as costas no portão trancado, pois suas pernas mal se seguravam.

Dã, a Áspide, o Anticristo, voltou a fitar Vera e viu diante de si a mãe ainda jovem de sua amada Tássia, da qual poderia ser separado se não satisfizesse a paixão da mulher que a carregara no ventre... A situação não parecia completamente humana, mas tudo se misturava na cabeça do Anticristo, e ele não sabia se ali havia uma Ideia semelhante à de Tamar... Ele se lembrou das palavras do profeta Ezequiel: “Eis o que todos que falam provérbios podem dizer sobre ti: tal mãe, tal filha”.[171] Lembrou ainda que seu último encontro com Tássia havia terminado com um beijo, isto é, com o rebaixamento do que havia de sublime e uniforme entre eles. Talvez, no próximo encontro, ele e Tássia desejassem mais variedade, então o terceiro flagelo do Senhor, ao qual a decaída Vera queria se sujeitar, poderia cair também sobre sua filha pura e doce...

— Está bem — disse o Anticristo —, mas lembre-se do que disse o Senhor: “Eu farei tua conduta recair sobre tua cabeça”.[172]

— Eu aceito tudo — Vera disse, ou melhor, sussurrou.

No quintal da casa da velha Tchesnokova havia um celeiro, desses que se encontram com frequência em quintais de regiões não completamente rurais nem completamente urbanas. Antigamente Tchesnokova mantinha lá uma vaca e pequenos animais, mas ela tivera que abrir mão de tudo pelo imposto salgado do pós-guerra que taxava não apenas vacas como qualquer pintinho de uso particular, para liquidar a tendência para a propriedade privada. Agora no celeiro, coberto pela palha que sobrara dos animais, guardavam quinquilharias — a bicicleta do filho mais velho de Tchesnokova, morto na guerra, e as ferramentas necessárias para casa...

De forma inesperada para si mesma, Rute, que era Pelágia, a filha adotiva do Anticristo, disse à velha Tchesnokova que precisava voltar para casa e ver seu pai e, quando, ao chegar lá, não o encontrou em parte alguma, não pensou inicialmente em procurá-lo no celeiro, pois achava que ele estivesse na floresta,

perto do pico... Fazia algum tempo que Rute sabia dos encontros de seu pai com Tássia, a irmã mais velha de Ústia Kopóssova, mas ela guardava segredo e somente chorava baixinho de noite. Não encontrando o pai, Rute quis ir até seu quarto para estirar-se na cama e chorar, pois lá ninguém descobriria sua tristeza. No entanto, um leve ruído no barracão atraiu sua atenção. Rute aproximou-se cuidadosamente, olhou por uma fresta e viu o que lhe pareceu o inferno, o que nem mesmo a todos os adultos é dado conhecer. Ela viu seu pai com uma aparência terrível, e pernas nuas de mulher levantadas acima dele, como se o engolissem...

Num canto, sobre a palha, Vera se deitava de costas, para melhor acomodar seu ventre, saciado pela primeira vez em muito tempo, respirando avidamente, como se enchesse o peito do ar limpo da montanha. Não, não era uma respiração comum, não eram as inspirações e as expirações do ventre que sentem o prazer rotineiro da noite e que geraram Tássia e Ústia... Eram sopros a plenos pulmões, no alto da montanha, onde o ar é tão limpo que, um pouco mais alto, se tornaria insalubre para a vida, pois a vida necessita de lufadas de ar de camadas mais baixas e elementares; e cada inspiração era incomparável, como se fosse a primeira, e cada expiração era uma doce lembrança do que havia acabado de acontecer... Porém, quanto mais profunda a inspiração, mais curta a expiração, e eis que ela não existe mais e, em seu lugar, há uma inspiração eterna e profunda, como antes da morte, porque o último suspiro do homem é apenas inspiração, enquanto a expiração é liberada pelo cadáver...

Rute, uma menina viva que se achava no inferno, viu as pernas da mulher caírem como mortas, moles e pesadas, sobre a palha podre. A claridade se apagou. O crepúsculo do dia nublado se impôs, e Rute, na escuridão do celeiro, distinguiu apenas vagamente as sombras do pai e de Vera em movimento e, ao prestar atenção no sussurro deles, escutou um riso baixinho e alegre de mulher... E, assim, Rute repetiu o destino de Ánnuchka Emiliánova, a mártir infeliz de Brussiány que fora impelida à maldade pela felicidade alheia. Como foi dito perto da praça ocupada da vila de Brussiány: “Quem, na contrariedade, conserva o senso prático da infância é capaz de cometer grandes maldades”. No mesmo instante, Rute soube como se vingar do pai, pelo que ele fizera a ela, sua filha amada, e de Vera, pelo que esta fizera a ele, seu pai amado. A menina sabia, por Ústia, onde morava a família Kopóssov: bem perto, na casa nº 2 da Derjávin... Rute foi correndo até lá e viu Ústia sentada no quintal separando frutinhas silvestres.

— Onde está sua irmã Tássia? — perguntou Rute, que era Pelágia.

— Não é da sua conta — respondeu Ústia —, não brinco mais com você, você é judia e tem muito dinheiro.

Nesse meio-tempo, Tássia apareceu no quintal e disse à irmã:

— Quem lhe ensinou essas coisas, você não tem vergonha?

— Que me importa? — disse Ústia. — Ela não veio atrás de mim, mas de você.

— O que aconteceu? — perguntou Tássia, assustada com a aparência da menina, que estava muito pálida. — Alguma coisa com seu *tiátia*?

— Sim, com *tiátia* — respondeu Rute. — Vamos até minha casa...

Fora de si, Tássia correu atrás de Rute, entrou no quintal e se dirigiu à casa dela, sem nenhuma cautela, já que havia combinado com Dã de se encontrarem somente na floresta ou em outro lugar afastado.

— Não é aqui — disse Rute, e apontou para o celeiro. — Olhe pela fresta e veja o que meu pai e sua mãe estão fazendo...

Desconcertada, Tássia olhou pela fresta e viu o que Rute havia visto. Pois o Anticristo e Vera compreenderam que essa era sua festa terrena, que ela não se repetiria, por isso se esforçavam para prolongá-la...

Uma mudança instantânea aconteceu a Tássia. Onde foi parar sua doçura de menina? Eva, a mãe ancestral, que, em sua paixão desmedida, seduzira Adão e gerara Caim, amaldiçoada por Deus, manifestou-se em Tássia, para que com o pecado da inveja o do adultério fosse punido...

Ela saiu correndo do quintal da casa nº 30 da Derjávin e foi até o cais do rio, onde se acomodou em um banco e ficou à espera de seu pai, que voltaria nesse dia da feira de Górki. Quanto à Rute, ou Pelágia, ela correu à floresta e andou longamente na esperança de perder-se, embrenhou-se na mata até cair, esgotada, sobre uns arbustos, gastando o resto de suas forças em lágrimas.

Tássia ficou sentada no cais até anoitecer, petrificada e sem pensamentos, ouvindo com indiferença as conversas ao redor e os gritos das pequenas gaivotas ávidas do Volga, apelidadas “macaquinhos”. À noite, seu pai chegou. Tinha vendido todos os utensílios de madeira por uma boa soma e, mesmo depois de beber, sobrara dinheiro para a farinha e o toucinho... Ele viu Tássia e se alegrou.

— Olá, filhinha... Veio encontrar seu *tiátia*?

— Sim — disse Tássia —, pois agora você é meu pai e minha mãe... Ela despedaçou meu amor... Eu vi mamãe no celeiro da Tchesnokova, sobre a palha, e não ouso dizer com quem...

— Então não diga — o pai respondeu em voz baixa e ponderada, apenas curvando-se um pouco mais sob o peso dos produtos que trouxera de Górki,

como se a farinha e o toucinho tivessem se transformado em ferro —, não diga nada, filhinha... Vamos para casa...

Em casa, Vera os recebeu de forma inusitadamente alegre, chegou a ser carinhosa com o marido, o que não acontecia fazia muito tempo.

— Eu aqueci a estufa — disse —, quero preparar panquecas de trigo-sarraceno...

Na casa dos Kopóssov havia uma estufa que, na Rússia, é conhecida por "russa", embora ela possa ser encontrada em outros lugares. Mas na Rússia muitas coisas são chamadas "russas" — as bétulas são "russas", mesmo que cresçam mundo afora, o céu também é "russo", apesar de existir em toda parte. Assim, na casa dos Kopóssov havia uma estufa russa em que se assava pão, cozinhava-se *schi*[173] em rescaldo numa caldeira de ferro, e se douravam panquecas magníficas... Andrei gostava de panquecas de trigo-sarraceno, mas fazia tempo que Vera não fazia panquecas, sua especialidade.

— Muito bem, mulher — disse Andrei tirando os produtos que trouxera como se fossem uma carga pesada —, achei justamente farinha de trigo e de trigo-sarraceno, e um belo toucinho... Prepare as panquecas com ele, à moda russa... Panquecas fritas no toucinho são excelentes...

— Posso fritar no toucinho — Vera tentava agradar o marido de todas as formas e, ao passar por ele, roçou seu cabelo como que por acaso, mas, na verdade, seduzia-o.

— Andriucha, vá se lavar — disse ela —, acabou de voltar de viagem...

— Eu já me lavei — disse Andrei —, e você, Tássia, leve Ústia para passear enquanto as panquecas ficam prontas. O tempo está bom...

— É verdade — disse Vera, agitada —, vá, filhinha, vá passear com Ústia...

Sem dizer nada, Tássia pegou Ústia e saiu, e bastou o gancho trancar a porta por dentro para Vera sentir, pela primeira vez em muito tempo, desejo por seu marido... Ela se aproximou, sentou-se no banco, ao seu lado, olhou com ternura para os botões de sua camisa militar, desbotada de tantas lavagens, escorregou a mão por trás de sua gola, mais perto do corpo do qual, por seu próprio desvario, se afastara por tanto tempo... No mesmo instante, Andrei agarrou seu pescoço com uma mão e, com a outra, sua perna, como se pega uma galinha antes de matá-la, e a levou até a estufa.

— O que há com você?... Por quê?... — gritou Vera, apavorada.

— O que há comigo só eu sei, mas por quê — respondeu Andrei —, isso você deve saber...

E bateu a cabeça de Vera na quina da estufa, o que fez de imediato sua trança

dourada matizar-se de sangue. Depois disso, ele tentou meter a cabeça de Vera na estufa quente — empurrava a cabeça dela com uma mão e, com a outra, enfiava palha. E a palha incendiou... A essa altura, bateram na porta... Geralmente, quando alguma vizinha ia pedir pão, batia na porta várias vezes e, sem resposta, ia embora. Mas essa não foi e batia com força, fazendo o gancho da porta saltar. Como se dessa vez ela não viesse por vontade própria, mas enviada por Deus... Com as batidas na porta, Andrei caiu em si e soltou Vera, que, ensanguentada e queimada, ergueu o gancho da porta e saiu correndo de casa... Nesse momento, Tássia e Ústia precipitaram-se na direção dela, ambas se desfazendo em lágrimas... No meio do caminho, Tássia de repente se lembrou da voz mansa de seu pai e retornou depressa para casa. Andrei apareceu na soleira, viu os vizinhos indignados em volta, viu a esposa, ensanguentada e queimada, abraçada por suas filhas em pranto, e disse:

— Entrem para que as pessoas não as vejam nesse estado.

— Você é um tirano! — gritavam de todos os lados. — Por que bate na sua esposa? Será que não existe justiça para você?...

— Entrem em casa — voltou a dizer Andrei —, não vou mais bater... Eu não me sinto bem...

Nesse intervalo, alguém trouxe uma toalha molhada à Vera, que a colocou na cabeça ensanguentada, a dor aliviou um pouco e o sangue parou de jorrar, coagulando. Ela pegou suas duas filhas e voltou para casa.

— Dê um pedaço de pão com sal — Andrei disse à Vera —, quero comer.

Ela lhe deu o pão; ele se sentou no banco e comeu uma bela porção, metade do naco que havia em casa.

— Agora dê água — disse Andrei —, estou com sede.

Vera deu-lhe uma caneca de madeira cheia de água.

Ele a tomou de um fôlego.

— Dê mais — disse.

Ela deu-lhe mais... Andrei virou outra caneca cheia.

— Agora eu vou dormir — disse ele, subindo na estufa russa.

Passado algum tempo, Vera e suas filhas ouviram roncos.

— Vamos dormir também — disse Vera, deitando-se com as filhas no leito de tijolos junto à estufa...

De repente, começaram a ouvir gemidos de Andrei.

Há diversos tipos de gemidos. Existe o gemido animado, através do qual o homem chama a atenção para si mesmo, e existe o gemido indiferente para com tudo o que é vivo, através do qual o homem diz a si mesmo o que não poderia

dizer de outro modo. O outro modo de dizê-lo seria pronunciar as palavras do Salmo, desconhecidas por ele, nunca ouvidas nem lidas:

“Estou farto de meus lamentos, minha garganta secou, meus olhos se fatigam à espera de Deus”.[174]

No entanto, há momentos e circunstâncias em que só é possível dizer isso por meio de gemidos. Mesmo se Andrei Kopóssov estivesse com o Livro dos Salmos nas mãos, não diria com mais precisão o que disse com seus gemidos, pois uma série de passagens da Bíblia russa foi traduzida de maneira desajeitada.[175] Assim, o Salmo nº 87, versículo 4, necessário para o homem que agonizava, foi assim vertido: “Pois minha alma está saturada de desgraças, e minha vida se aproxima do inferno”, enquanto, pelo original, teríamos: “Pois minha alma está saturada de ofensas, e minha vida se aproxima do túmulo”.

A vida e a morte de Andrei Kopóssov, da cidade de Bor, da região de Górki, a antiga província de Níjni Nóvgorod, é a prova da imprecisão dessa tradução russa da Bíblia. Entre uma alma “saturada de desgraças” e uma alma “saturada de ofensas” há uma grande diferença. Descer ao inferno por causa de desgraças seria injusto, mas ofensas levam invariavelmente ao túmulo... Essa é apenas uma das imprecisões da versão russa da Bíblia. Felizmente, o gemido agônico não exige tradução.

— É melhor ir ver o que há com seu pai — disse Vera.

— Eu não posso, tenho medo — respondeu Tássia e, subitamente, sentiu uma pontada no estômago, que fez um calafrio passar por todo o seu corpo.

Então Vera se levantou, afastou a cortininha e viu o marido deitado de lado. Os olhos estavam abertos, e seu olhar era incomumente profundo e ausente.

— Você não está desconfortável nessa posição, Andrei? — perguntou Vera.

Andrei não respondeu, ficou com o mesmo olhar profundo e ignoto, fixo num canto do quarto, onde a escuridão antes do amanhecer fervilhava... Vera começou a virar o marido, para que, deitado de costas, o acomodasse melhor, e, no momento em que o virava, ele morreu. Mas Vera não entendeu isso de imediato. Nem quando a língua de Andrei, tão grande que não se sabe como cabia em sua boca, lançou-se para fora, como uma onda, e no ato se encolheu, como que acionada por uma mola, Vera entendeu o que ocorrera. Só quando as pernas de Andrei se esticaram sozinhas e seus olhos se fecharam, ela entendeu e chorou por seu marido morto, sentada à sua cabeceira.

A pequena Ústia acordou e caiu no choro, não pela morte do pai, da qual ainda não sabia, mas porque sua mãe estava chorando... Pois, toda vez que seu pai

batia em sua mãe e esta chorava, Ústia caía no choro em seguida. Já Tássia, nos primeiros minutos após o acontecido, não conseguiu se aproximar do pai devido às pontadas no estômago, sentindo calafrios. E ela passou esses minutos no quintal, no frio noturno...

Parecia que essa terrível noite não teria fim, mas seu fim chegou. De manhã, tudo já havia voltado ao normal. Ústia foi levada para a casa dos vizinhos, e Vera e Tássia lavaram o corpo de Andrei numa tina para lavar roupa. Pela primeira vez na vida, Tássia viu o corpo nu de seu pai e sentiu, além do pesar de filha, um constrangimento desagradável. Já Vera não via esse corpo nu fazia muito tempo e sentiu, além do pesar de esposa, repulsa e uma espécie de horror... Quando começaram a vestir Andrei, não acharam meias decentes, pois ele só usava roupas puídas, bebendo todo o seu dinheiro. Vera foi obrigada a enfiar nos pés do marido seu único e belo par de meias de seda, que foi cortado para que parecesse de homem. Porém, vestido em seu terno de festa e colocado no caixão, Andrei Kopóssov adquiriu para a esposa e a filha a aparência de um morto familiar, que, conforme as crenças pagãs, deve ser lembrado apenas pelo lado bom, enquanto tudo o ele que fez de ruim deve ser esquecido... É o defunto em nome do qual fazem juramentos, cuja sombra sagrada consola na tristeza, cujo corpo em decomposição por vezes torna uma esposa mais fiel do que quando vivo e repleto de seiva e força viril. Vera sabia que agora seria fiel àquele corpo que se decompunha até desaparecer, e Tássia sabia que seria fiel aos desejos do pai morto, já que não o fora quando ele estava vivo... Não será com o judeu que ela perpetuará a linhagem dos Kopóssov... Essa linhagem será russa, da região do Volga... Será a linhagem de Vesselóv, um motorista de segunda classe, o filho de Serguéievna, a velha sentinela. E Tássia terá dois filhos — Andrei Vesselóv e Varfolomei Vesselóv. Claro que ela ainda não via tão longe, nem conhecia seu futuro sobrenome, mas sabia que seria russo.

Quando estavam reunidos em volta do defunto — pois toda a Rua Derjávin compareceu à cerimônia, com exceção de Tchesnokova, da casa nº 30, uma *velha crente* —, Pávlov apareceu de supetão, bêbado, naturalmente. Ele se aproximou do caixão, sentou-se ao lado, olhou para o morto e subitamente pegou sua mão.

— Andriucha, o que você tem, irmão?... Vamos beber alguma coisa...

O corpo jazia em silêncio, sem se mexer, como uma estátua. Pávlov soltou a mão, que caiu sobre o peito do morto.

— Eu vou — disse Pávlov —, senão sou capaz de chorar — disse ele e saiu.

Nesse meio-tempo, as sentinelas da nação, velhas instaladas nos bancos da

cidade, comentaram:

— Na casa nº 2, dos Kopóssov, ele mesmo morreu... A esposa indecente acabou com ele... E, na nº 30, a filha do judeu desapareceu, faz dois dias que a estão procurando. O judeu perdeu totalmente a cabeça, porque sua filha, ao que parece, se afogou no Volga...

E Serguéievna acrescentou de sua parte:

— Tomara que todos eles percam a cabeça e se afoguem no Volga...

O filho de Serguéievna, Serguei Vesselóv, o futuro continuador da linhagem dos Kopóssov, fato de que ele ainda nem suspeitava, ouvindo as palavras de sua mãe, riu e disse:

— Mamãe, se todos eles se afogassem no Volga, os peixes iriam morrer de tanto fedor... Parece que a judia não se afogou no rio, mas se perdeu na floresta... Ela foi vista lá pela última vez...

— Nada mal — respondeu Serguéievna —, a floresta também não é coisa que se despreze... Não se consegue sair de lá sem conhecê-la bem, e na mata densa, num lugar mais afastado, um urso pode fazê-la em pedaços ou um homem bem-disposto pode ultrajá-la... Nada mal...

Com efeito, o Anticristo procurava sua filha como um louco havia dois dias, pois nem a ele era concedido saber tudo, mas somente o que o Senhor desejava que ele soubesse. Ele não sabia onde Rute estava, mas sabia por que ela desaparecera e suportava o sofrimento desmedido e religioso de um pai judeu que ama incondicionalmente sua criança. A bondosa Tchesnokova afligia-se com ele, mas se afligia à maneira russa, com um sentimento inconsciente da infinitude do espaço e do povo. Por mais que se perca, o fim jamais chegará.

— O que se há de fazer, querido? — disse. — Deus dá, Deus tira.

Mas, quando cada alma e cada palmo de terra são considerados, a dor da perda é imensurável... E, em seu pesar, o pai judeu, o Anticristo, o enviado de Deus, não queria acreditar no desígnio divino. E disse, através do profeta Jeremias, o que o justo Jó consagrara em seu destino e cuja vulgarização é a base do ateísmo:

— Tu serás justo, Senhor, ainda que eu o questione em juízo, no entanto falarei contigo sobre a justiça. Por que o caminho dos ímpios é afortunado e os pérfidos prosperam?[176]

O Senhor respondeu ao Anticristo, que havia perdido sua filha Rute, da mesma forma que este respondera à Maria, que perdera seu irmão Vássia. Ele respondeu através do profeta Isaías:

— Eu me revelei aos que não perguntavam por mim. [...] “Aqui estou! Aqui

estou!” dizia Eu a um povo que não me chamava por Meu nome...[177]

O Anticristo compreendeu o que já sabia, mas, no infortúnio, havia esquecido. Quem não escolheu, mas foi escolhido, não pode fazer perguntas ao Senhor. Deve fazer perguntas a si mesmo e esperar as respostas do Senhor.

Ele foi de novo à mata densa, de onde fazia pouco que voltara, molhado pela umidade da floresta. Quanto mais o Anticristo se afastava de lugares habitados, mais ele era atingido pela tristeza, mais ele ansiava por solidão, como um animal que se esconde de todos para morrer, pois essa grave questão deve ser solucionada longe das pequenezas do cotidiano... O bom é viver entre seus semelhantes, mas morrer longe deles. O Anticristo entendeu que não fora enviado pelo Senhor a Bor para amaldiçoar, mas para ser amaldiçoado. Somente o Senhor pode amaldiçoar sem ser amaldiçoado.

Dã, a Áspide, o Anticristo, sentou-se num cepo podre, coberto de musgo, e pôs as mãos na cabeça. Enquanto isso, sua filha Rute, que era Pelágia, estava por perto, a dez minutos de caminhada através das árvores derrubadas pela tempestade e por entre os arbustos espinhosos e enredados em teias de aranha. Era o terceiro dia em que ela vagava pela floresta, alimentando-se de frutas silvestres e de folhas, bebendo em poças de água e dormindo encostada em troncos de árvores. Estava quase sem voz de tanto gritar e seu vestido se achava em pedaços, rasgado pelos galhos das árvores... Nesse instante, ao sair para uma clareira aquecida pelo sol, ela decidiu descansar um pouco, deitou-se e adormeceu, esgotada. Seu sono era pesado e a levou para longe dali, mas só ao despertar ela entendeu aonde fora. Assim, dormindo, ela foi surpreendida por Pávlov, um homem bem-disposto, sempre pronto a ultrajar meninas na floresta, especialmente se fosse uma menina judia, conforme as esperanças da velha Serguéievna.

Depois do enterro de Andrei Kopóssov, Pávlov bebera, fora à missa em memória do morto e chorara, mas não visitara nenhuma mulher, de modo que havia muita energia acumulada nele... Arrastado para fora da cerimônia de tão bêbado, ele dirigiu-se à floresta com sua espingarda, levemente mais sóbrio. Entrou numa brenha onde nunca tinha estado. E, como uma miragem diante de um homem sedento no deserto, diante de Pávlov apareceu uma menina dormindo, totalmente indefesa... Ele notou que suas pernas nuas eram bem constituídas para sua idade e seus seios em crescimento frescos e firmes. O esgotamento e o medo que Rute experimentara nos dias e nas noites passados na floresta uniram-se à tranquilidade de seu sono puro, e a expressão confiante da menina seduzia o homem e o animal embrenhados na floresta... Com um

bramido inarticulado, Pávlov se atirou contra ela e, quando ele se inclinou, ela abriu os olhos. Se Pávlov pudesse voltar a si, lembrar-se dos momentos em que ele mesmo acordara ao pé de uma cerca, na solidão e na tranquilidade, à espera de uma Palavra, dirigida somente a ele, a qual estava à sua procura pelo mundo... Mas a Palavra não encontrou Pávlov... Ele até se alegrou com o despertar da judia — o violador sentiu uma alegria raivosa diante da fraqueza de quem ele odiava.

— Ah, minha pequena Sara, farei um estrago aí na frente! — gritou Pávlov, em êxtase. — Vai ficar dodói... *Azohen vei*...[178] — como todo eslavo com um desejo irrefreável, ele aprendera duas ou três expressões em iídiche, principalmente tristes, que lhe pareciam especialmente engraçadas e que sua língua de eslavo de fato reproduzia de forma cômica. — *Azohen vei*... — repetiu Pávlov e de repente sentiu em suas costas uma respiração quente e úmida...

Eram duas ursas que haviam saído da mata densa, tal como acontecera perto de Belém, quando duas ursas bíblicas surgiram de uma floresta para castigar, atendendo ao chamado do profeta Eliseu, as crianças maldosas que o ofenderam. Mesmo que Pávlov levasse a espingarda no ombro, ela era fajuta e as ursas estavam muito perto. Seria horrível se elas lhe quebrassem as costelas e ainda pior se o despedaçassem... E Pávlov caiu no choro. Não conseguia mexer nem as pernas nem os braços, ficou ali parado, chorando e suplicando.

— Eu quero viver — nem ele sabia a quem dizia isso, se à menina que queria violar ou às criaturas selvagens insensatas.

As duas ursas espicharam-se para Pávlov e o cheiraram... E ele não agradou... Elas cuspiram em seu rosto, uma depois da outra, cobrindo o ex-combatente da marinha de saliva cheia de muco. Então cheiraram Rute, lamberam suas mãos e foram embora, desaparecendo entre os arbustos. Com sua partida, Pávlov perdeu o equilíbrio que o pavor havia lhe propiciado por um instante. Caiu tal como se postava, todo esticado. Assim caem as pessoas paralisadas... Semiparalisado e privado da faculdade de falar, ele arrastou-se pela floresta em busca de pessoas, de vida. Às dezenove horas em ponto do dia seguinte ele chegou à estrada, e, como, por sorte, ali era fácil encontrar homens russos, o inválido conseguiu se explicar a alguém, pedindo para ser levado à casa de Aleksandra Ivánovna, a viúva de cinquenta anos. Pois sua fala voltou aos poucos, enquanto sua virilidade o deixou para sempre.

Aleksandra Ivánovna, a funcionária do setor de comércio alimentício, estava pronta para recebê-lo, fosse como fosse, pois ela era a única de suas mulheres que o amava. Desde então, ela começou a levá-lo todos os dias, numa cadeira de

rodas, para respirar ar fresco, dizendo aos conhecidos:

— Suas velhas feridas de guerra reapareceram... Acabaram com Stiopa...

E Rute, através do Sinal revelado na perda da virilidade de Pávlov, entendeu que era a profetisa Pelágia,[179] nascida na vila de Brussiány, perto da cidade de Rjév. Ela se lembrou de que isso lhe fora dito no sonho interrompido por Pávlov. Da mesma forma que Eliseu recebera o espírito do profeta Elias, Pelágia recebeu o espírito de seu pai, o Anticristo. E foi Pávlov quem contribuiu para isso. Assim, nem ele havia sido criado em vão pelo Senhor.

Pelágia pôs-se a caminho e rapidamente encontrou seu pai, que se sentava, desanimado, num cepo podre. E disse:

— Eu estou aqui...

O Anticristo se atirou à filha, viva e intacta, e eles se abraçaram com alegria.

O profeta Jonas, que passara três dias no ventre de uma baleia,[180] purificou a cidade de Nínive do pecado com sua maldição. Também por uma maldição, Anticristo, que havia pecado, se purificou.

E Disse Dã, a Áspide, o Anticristo:

— Perdoa-me, Senhor.

E sua filha, a profetisa Pelágia, respondeu:

— O Senhor é a minha força e o meu canto.[181]

Ela agora sabia quem era seu pai, mas ele não sabia quem era sua filha e pensava que Rute tivesse aprendido as palavras dos profetas com a *velha crente* Tchesnokova. Dã, a Áspide, o Anticristo, lhe disse:

— Rute, minha filha, você cresceu nessas paragens, mas agora nós devemos deixá-las.

— Eu não me importo — disse a profetisa Pelágia —, onde você estiver será meu lugar.

O Anticristo se alegrou, porque o Senhor o enviava para a próxima cidade: Vítebsk, onde, em 29 de setembro de 1949, Kukharienko, Aleksándr Semiónovitch, nascido em 1912, seria condenado como um inimigo perigoso do poder soviético, sendo transferido para os campos de trabalho correcional de Burepolómski. Mas isso já é o preâmbulo da parábola seguinte.

146 Comum entre soldados russos na Segunda Guerra, a carta triangular podia ser enviada sem selo. Além de indicar tratar-se de missiva militar, a forma triangular facilitava a leitura dos censores, já que o envelope era formado pela própria carta e apenas a ponta da base do triângulo era colada.

147 Alusão a uma conhecida frase de Stálin pronunciada em 17 de novembro de 1935 num encontro dos *stakhanovistas*: “A vida ficou melhor, a vida ficou mais alegre” (*Jizn stalo lutche, jizn stalo vesseleie*). O

poeta V. Lébedev Kumátch escreveu uma canção assim chamada em 1936.
148 Numa variação do jogo, cada participante deve colocar um objeto pessoal (um relógio, um lenço, uma pulseira, etc.) em uma sacola ou um chapéu. Um dos objetos é sorteado e um desafio é proposto ao seu dono para que ele possa recuperar a prenda que deixou como garantia.
149 Método usado na Rússia para curar ressaca.
150 Provável alusão a Fiódor Dostoiévski, com quem o narrador continuamente dialoga. Em “Vlás”, Dostoiévski compara os bêbados alemães e os russos: “O russo bêbado gosta de beber por desgosto e de chorar. Quando cai na farra, não celebra, apenas provoca desordens. [...] Não está satisfeito consigo mesmo; um sentimento de censura cresce em seu peito, e ele vinga-se disso nos que estão à sua volta [...]”. (*Diário de um escritor (1873): meia carta de um sujeito*, ed. Hedra, 2016, p. 75)
151 Um dos significados de *bor* é floresta de abetos situada em região seca.
152 No original, s*tarovierka*. Ainda encontrados na Rússia, os *velhos crentes* (*staroviéry* ou *staroobriádtsy*) romperam com a Igreja Ortodoxa Russa devido às reformas do patriarca Níkon (1645–1676) — que unificou duas práticas religiosas (grega e moscovita) — e conservaram as antigas liturgias.
153 O *subbótnik* (*subbótnitsa* é a forma feminina) pertencia a um movimento religioso, surgido na Rússia no reinado de Catarina II, que mesclava o cristianismo e o judaísmo, guardando os sábados (daí o nome da seita — de *subbota*, “sábado”).
154 Eram consideradas nações, cuja convivência foi muito debatida no início da URSS, o que no Brasil se entende por povos ou etnias.
155 Na Igreja Ortodoxa, o sinal da cruz (da direita para a esquerda) é feito com as pontas dos dedos indicador, médio e polegar grudadas, por isso a referência à pitada de sal, e os outros dois dedos unidos entre si e encostados na palma da mão. Entre os *velhos crentes*, o sinal da cruz (da esquerda para a direita, como na Igreja Católica) é feito com os dedos indicador e médios unidos e estendidos e as pontas dos dedos anelar e mínimo, dobrados, cobertas pelo polegar.
156 O patronímico Iákovlevitch significa “filho de Iákov” (Jacó).
157 Gênesis 3:16.
158 Gênesis 3:17, 19.
159 O nome Eva, do hebraico *hawwá*, significa “a que tem vida”, “vivente”, “repleta de vida”.
160 Sómov vem de *som*, “bagre”; Erchóv de *iorch*, variedade de perca; Piskarióv (sobrenome de personagem de Gógol em *Avenida Niévski*) de *peskar*, “gobião”; Kárpov de *karp*, “carpa”; Ókunev de *ókun*, “perca”; Schúkin de *schuka*, “lúcio”; Stiérliadev de *stierliad*, “acipênser” (tipo de esturjão); e Sevriugov de *sevriuga*, “esturjão”, os dois últimos são peixes muito caros e difíceis de achar.
161 Agitprop, abreviação de *agitátsia i propaganda* (“agitação e propaganda”), seção responsável pela propaganda de movimentos revolucionários e da ideologia soviética. Foi criado em 1920 e renomeado diversas vezes.
162 Vilner, nome de origem judia.
163 Os temos usados (do grego antigo) para os três tipos de amor bíblico são: *Ágape* (amor divino), *Eros* (amor erótico) e *Philia* (amor fraternal).
164 Trata-se de um trecho de “Cançãozinha de Robert” ou “Canção do vento alegre” (*Piéssenka Roberta* ou *Piésnia o vessiólom vietre*), de 1936, que aparece no filme *Os filhos do capitão Grant* (*Diéti kapitana Granta*), baseado no romance homônimo de Júlio Verne. A canção tem letra de Vassíli Lébedev-Kumátch (1898–1949), poeta considerado o criador das canções soviéticas de massa, e música do compositor Isaak Dunaiévski (1900–1955).
165 Apelido de Stepan.
166 Apelido de Andrei.

167 Números 5:21.
168 Sobre Ló, sobrinho de Abraão: “Ló subiu de Segor e se estabeleceu na montanha com suas duas filhas, porque não ousava continuar em Segor. Ele se instalou numa caverna, ele e suas duas filhas. A mais velha disse à mais nova: ‘Nosso pai é idoso e não há homem na terra que venha unir-se a nós, segundo o costume de todo o mundo. Vem, façamos nosso pai beber vinho e deitemo-nos com ele; assim suscitaremos uma descendência de nosso pai” (Gênesis 19: 30–32). (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 58)
169 A figura bíblica de Tamar, que, depois de casada com Her e Onã, relacionou-se com o pai deles, Judá, foi retomada mais de uma vez pelo autor. “Vendo-a, Judá tomou-a por uma prostituta, pois ela cobrira o rosto. Dirigiu-se a ela no caminho e disse: ‘Deixa-me ir contigo!’ [...]”. (Gênesis 38: 15, *Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 84). Depois disso, Tamar engravidou e teve gêmeos: Farés e Zara.
170 Ezequiel 16:31, 32, 34, 36. A passagem é uma adaptação do trecho bíblico.
171 Ezequiel 16:44.
172 Ezequiel 16:43.
173 Sopa à base de repolho com legumes e carne.
174 Salmos 69:4 pela *Bíblia de Jerusalém*, e 69:3 nas outras bíblias consultadas.
175 As primeiras traduções da Bíblia para o russo apareceram apenas no século XIX. Antes disso, eram utilizadas versões no eslavo eclesiástico. A primeira edição completa da Bíblia em russo (*sinodálnyi*) saiu em 1876, sendo, em 1939, atualizada por um missionário polonês (B. Götze (1888–1962)).
176 Jeremias 12:1
177 Isaías 65:1.
178 “Ah, que desgraça!”, corruptela do iídiche.
179 Há mais de uma versão para Pelágia entre os cristãos. Uma delas diz que Pelágia foi uma bailarina bela e sedutora do século III, Margarida, nascida em Antioquia. Após ouvir um sermão do bispo Nono, ela batizou-se, repartiu seus bens, abandonou sua cidade e foi para Jerusalém, onde, disfarçada de homem, viveu até o fim da vida. O dia de Santa Pelágia é comemorado em 8 de outubro.
180 Desobedecendo às ordens divinas, o profeta Jonas recusou-se a ir à cidade de Nínive (hoje se situaria no Iraque) para amaldiçoá-la, tendo sido castigado por Deus, que “[...] determinou que surgisse um peixe grande para engolir Jonas” (Jonas 2: 1). (*Bíblia de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 1631)
181 Salmos 118: 14.

IV

Existe uma questão russa eterna e, pode-se dizer, fundamental: “Quem está arruinando a Rússia?”. Assim que um homem russo se faz essa questão, ele olha para os lados, se não se tratar, claro, de um literato genuinamente russo. Mas, se for duplamente russo, ou seja, um homem e um literato russo, ele não olhará ao redor, mas, colocando-se essa questão, cravará os olhos na toalha de mesa suja de vinho, como se procurasse nela a resposta a esse velho enigma russo.

Na época de Vladímir, o Cristianizador, o homem russo, um pagão, esteve na iminência de adotar a fé muçulmana. Na *Rus*[182] teriam sido erguidas mesquitas russas, de pedra e de madeira. Mikula Selianínovitch usaria um turbante e Iaroslavna[183] um xador, e não haveria questões fatais, tão peculiares ao cristianismo. Mas, no último momento, contra a vontade da maioria dos nobres e de todo o povo, Vladímir[184] retirou a delegação de Corásmia e a enviou para Bizâncio. Assim, por mero acaso, em lugar do islamismo russo, surgiu o cristianismo russo. No entanto, será que a geografia da Rússia é tão cristã? Ao leste, dos montes Urais até a cordilheira de Altai, a Rússia cai na Ásia; ao sul, da Turquia aos Bálcãs, a Ásia avança sobre a Rússia; e o Volga, uma relíquia nacional, desemboca também na Ásia...

Eis a imagem da jovem Rússia — não a nórdica, meditativa, severa... No leste, rosto redondo e cabelos castanhos e, no sul, pretos; no leste, olhos claros e estreitos e, no sul, escuros e encobertos por firmes maçãs do rosto asiáticas. Faz trezentos ou quatrocentos anos que nesta Rússia de maçãs do rosto salientes existe a ideia nacional. Se remontássemos às origens, antes dessa geografia, quando eslavos do leste, expulsos das margens do Don, povoaram as redondezas do rio Dnieper, um negociante e viajante árabe olharia para seus olhos irrequietos de nômade e diria: “Se este povo aprender a montar num cavalo, será o flagelo da humanidade”. Uma fala profética, clara e nada enigmática. O enigma mais profundo se dá quando não existe enigma algum. O poço mais profundo é aquele que nem foi cavado. A cultura da Rússia está ligada à Europa, mas sua civilização à Ásia. Isso é um problema, mas não um enigma. O problema deve ser resolvido por meio de um árduo trabalho espiritual, que desviaria a ideia nacional dinâmica. Já o enigma não precisa de solução, mas é possível refletir sobre ele num estado de contemplação para o homem russo, como descreveu Gógol em *Almas mortas*: “Você não pensa em nada, e os pensamentos caem sozinhos em sua cabeça”.[185] Sem dúvida, foi exatamente

nesse estado que surgiu a questão fatal, ainda não resolvida: “Quem está arruinando a Rússia?”. Esta questão não foi inventada, caiu sozinha em sua cabeça...

A bem da verdade, uma resposta foi, ao que parece, encontrada com a ajuda das mentes habilidosas do povo e da *intelligentsia* extrema-nacionalista. Quem leva a Rússia à ruína, supostamente, estaria claro... A resposta veio sozinha e sem esforço... Mas quem ajudaria o russo nisso? Mais uma questão... O homem russo se familiarizou com essas questões; desde o início dos tempos, o ortodoxo foi habituado a elas através de suas aflições e de seus infortúnios.

— Salve-se — gritam para ele.

— Mas como? — geme ele, cansado, esgotado.

— É óbvio: bata!

Apesar de cansado, o russo sempre achará forças para bater em alguém.

— Nesses aqui?

— Nesses mesmos... E naqueles também...

— Por esses Deus me perdoará, mas aqueles são dos nossos... É como diz a canção popular:

Sai, sai daí, garoto,
Vai ver o mundo, vai,
Há gente à beça,
No meio, tua mãe e teu pai.
Diz aí, *garoto,*
Quantos mataste?
Dezoito ortodoxos,
E duzentos e setenta jides.
Pelos jides *serás perdoado,*
Pelos russos jamais...[186]

— Você também será perdoado pelos russos... Veja a Rússia, um mar de russos, um povo incontável. Por mais que se tire água, ele não diminuirá. A mulher russa trabalhou e povoou esse território. E os que foram tirados desta imensidão não serão mais vistos...

Realmente, se a juventude russa ou as gerações futuras, ainda não nascidas, lessem as terríveis memórias de testemunhas oculares, poderiam pensar: “Como era terrível a vida russa naquela época... Como as pessoas podiam viver então?”. Não havia nada de terrível, e as pessoas, em sua maioria, viviam normalmente. Viviam até com alegria, com fé na justiça, e o clima russo contribuía para isso. O clima não permitia o calor extremo, e, no frio intenso, aqueciam-se batendo palmas. Em 1937, por exemplo, a primavera foi magnífica, tudo floriu prematuramente, e as pessoas começaram a se recompor dos tormentos da

coletivização, e no verão de 1949 a fome do pós-guerra já havia passado. A situação ia mal apenas para uma esmagadora minoria, que podia ser contada pelos dedos, isso se cada dedo equivalesse a um milhão... Mas a Rússia não é tão apertada como a Europa. Na Rússia, não é comum se contarem pessoas pelos dedos. Aqui, desde o início dos tempos, vive-se num mundo de dar inveja. No entanto, não se pode invejar o russo por tudo. E por que é assim? Eis o destruidor da Rússia, aquele que se esforça para acabar com ela...

— E onde está ele?

De novo 75. Voltamos à velha questão: “Quem está arruinando a Rússia?”. Olha-se para os lados, para a toalha suja de vinho, com as mãos apoiadas nas bochechas... Os órgãos de repressão tentam resolver esse enigma nacional à sua maneira.

E assim entrou no rol dos destruidores da Rússia Kukhariénko, Aleksándr Semiónovitch, o encarregado pelo setor de estocagem de grãos da região de Vítebsk. Ele foi condenado no verão de 1949.

“Isso não é uma questão divina,” pensou o Senhor, “aqui, ao que parece, não há ninguém para ser condenado à maldição divina. Eles mesmos é que se condenam e entender isso não é difícil, mesmo para a razão humana limitada.”

Mas o homem sofre de uma doença: ele quer entender o que não pode, mas o que pode ele não quer... Essa doença espiritual do homem pecador vem do quarto flagelo.

“Lançarei uma doença aqui, uma doença mortal,” decidiu o Senhor. “Essa doença corrói tanto o espírito como a alma e o corpo.”

Assim o Anticristo, o enviado do Senhor, foi iniciado na parábola da doença do espírito.

Parábola da doença do espírito

Aleksándr Semiónovitch Kukharienko era de nacionalidade bielorrussa, a qual era o terceiro irmão russo... A enumeração das três primeiras posições da nação é imutável, segundo o grau de importância eslava, mas daí em diante não existe tanta rigidez. Às vezes em quarto lugar aparece o georgiano, às vezes o uzbeque, o moldávio ou mesmo o cazaque, às vezes o georgiano é o sexto, atrás do estoniano, e o cazaque o sétimo, na frente do moldávio... A partir do quarto lugar, tudo é decidido pelo acaso, mas os três primeiros lugares eslavos são imutáveis. O bielorrusso é o terceiro, a partir do russo, e vem logo atrás do ucraniano... Isso não é ruim, se levarmos em conta que, desde sempre, o

bielorrusso vive em terra infértil... No século XIX, um conhecido difamador da monarquia absolutista escrevera: “Nosso mujique de Orlóv chegou a tal ponto que se tornou tão miserável quanto um bielorrusso...”. Pois o princípio da igualdade não foi trazido do Ocidente, a ideia de que ele fora criado por *slogans* da Revolução Francesa é uma ilusão. O princípio da igualdade está nas raízes da consciência nacional russa. “Todos bem ou todos mal, eis a justiça.”

Na cidade de Vítebsk viviam duas importantes famílias de funcionários públicos: Kukharienko e Iarnutóvski. A família Kukharienko era feliz, mas a família Iarnutóvski ia de mal a pior. Os Kukharienko, Sacha e Valiucha,[187] se conheceram nas florestas de *partizans*[188] da Bielorrússia, onde, contrariando o regulamento e em caráter excepcional, nasceu Nínotchka, enquanto Míchenka[189] já nasceu em Vítebsk, após a libertação do país. Logo depois da guerra, o quadro de administração e de direção da Bielorrússia era formado sobretudo por *partizans*. Os mais influentes se esforçavam em nomear para cargos de chefia seus iguais, combatentes que sobreviveram... Foi assim que Kólia Iarnutóvski, especialista em minas, assumiu seu cargo de chefia. Casou-se com a secretária da procuradoria municipal, Svetlana. Eles se casaram por amor, mas não se acertaram. Mesmo assim trabalhavam arduamente e não se envolviam em nada amoral. Segundo registros do cartório, tiveram dois filhos. De modo que poderiam não se dar conta de que estavam privados da felicidade se não fosse pela feliz família Kukharienko... No fundo, eles nem sabiam em que consistia a felicidade dos Kukharienko, mas sabiam que eles, Sacha e Valiucha, eram felizes... E, de fato, por que tanta felicidade? Por que perto da casa dos Kukharienko cresciam grandes flores amarelas? Por que, nos dias livres, Sacha Kukharienko gostava de andar de bicicleta vestido numa camisa de seda laranja, com sua filha Nínotchka acomodada na frente? Por que, no verão, Valiucha usava uma blusinha branca e uma saia cinza e um lenço branco amarrado na cabeça e, no inverno, botas cromadas e um casaquinho com gola felpuda ruivo-acinzentada? Por que os Kukharienko comiam *galuchkes*[190] com colheres de madeira coloridas? Tudo isso Svetlana tentou copiar, até aprendeu a cozinhar *variénikes*[191] bielorrussos de batata melhor do que Valiuchka. Mas nos Iarnutóvski não havia a felicidade que os Kukharienko demonstravam às pessoas em volta. Além disso, as duas famílias viviam em condições materiais idênticas e bastante razoáveis para a Bielorrússia do pós-guerra, saqueada e queimada. E as duas famílias trabalhavam do mesmo modo para superar essa destruição.

O bielorrusso, desde tempos antigos, ama sua miserável mãe Bielorrússia,

assim como o ucraniano ama sua mãe Ucrânia, rica e repleta de *kulakes*, e o russo ama sua grande e espadaúda Progenitora. Mas o bielorrusso sempre amou com um amor menos marcante, com certa frieza, à maneira polonesa ou lituana, embora sem o pitoresco polonês... No nacionalismo bielorrusso não há a paixão ofendida ucraniana, o impulso briguento russo ou a teatralidade católica polonesa... E isso não é nada surpreendente. A terra bielorrussa, em sua maior parte, é uma planície pantanosa, coberta por florestas densas e permeada por rios que causam enchentes na primavera. O solo é pouco fértil; os pântanos, os charcos, os alagamentos na primavera e o lamaçal intransitável no outono dificultavam, em tempos antigos, o convívio da população. A ideia de unidade, indispensável para o nacionalismo, foi expressa ali sem muita clareza e, em grande parte, tomada de empréstimo da *intelligentsia*, de algumas mentes polaco-lituanas; essa ideia não amadureceu nas entranhas do povo, que por muito tempo preservou em lugares mais isolados, como na região pantanosa de Pinsk, não uma consciência nacional, mas tribal. Nem o arrogante civilizador greco-romano, nem o cruel saqueador mongol mostraram grande interesse por esses pântanos miseráveis. Em compensação, sofreram a invasão de uma massa de judeus desalojados, expulsos dos lugares mais abastados da nação, onde entenderam a lei de Darwin bem antes de ela ser formulada. Essa peculiar expansão judia, sem facas mas com trouxas, quando o desalojado chegou à morada do miserável, contribuiu para o aparecimento de uma ideia de unidade nacional autêntica, que, graças à tutela polaco-lituana,[192] rapidamente alcançou padrões mundiais. O resto do nacionalismo da Rússia Branca[193] é pouco conhecido, mas é improvável que tivesse se desenvolvido seriamente numa direção antirrussa, proibida. Por isso, na Bielorrússia, prisões sob acusação de nacionalismo eram bem menos frequentes que na Ucrânia. No entanto, elas existiam, e foi justamente assim que a feliz família Kukharienko e a infeliz família Iarnutóvski se arruinaram.

Se Kukharienko, o encarregado pelo setor de estocagem de grãos, por acaso, ou por vontade de Deus, acabasse na prisão, deveria ser por crimes na área agrícola. No entanto, foi preso por uma questão cultural. Um dia, numa vila, ele achara um velho livro de Buratchók-Boguchévitch,[194] *O pífaro bielorrusso*. No livro diziam que "a língua bielorrussa é tão humana e nobre como a francesa, a alemã ou qualquer outra. Será que só podemos ler e escrever numa língua estrangeira?".[195] Kukharienko dirigiu-se com o livro ao instituto pedagógico local, onde soube pelo catedrático Bogdanóvitch que Buratchók-Boguchévitch

era o fundador da moderna poesia bielorrussa. O encarregado pela estocagem de grãos da região de Vítebsk descobriu ainda que, além de Buratchók-Boguchévitch, contribuíra para o renascimento da cultura bielorrussa Ianka Lutchina,[196] que, a partir de 1889, passara a escrever poemas em bielorrusso e publicara a antologia *O feixe*. O catedrático Bogdanóvitch, que, por coincidência, era um parente distante do escritor pré-revolucionário Bogdanóvitch, ocupou-se com prazer do interesse pela ideia nacional bielorrussa vindo de um importante funcionário público, e ainda um ex-*partizan,* e lhe pediu para organizar uma exposição.

Aleksándr Semiónovitch Kukharienko realmente era um grande aficionado de tudo o que era bielorrusso, de modo que pudesse saborear pratos e canções de seu país. Afinal, a canção e a comida nacionais estão a um passo da cultura nacional. Só que, em 1949, a questão cultural tornou-se a mais perigosa, assim como era a questão dos detonadores de minas em 1942. Kukharienko enviou a sugestão de Bogdanóvitch a Iarnutóvski, que trabalhava justamente nessa perigosa esfera da construção do socialismo, no Agitprop. Iarnutóvski, que não deixava de se surpreender com a estranha felicidade da família Kukharienko — chegara a diminuir a frequência de suas visitas, a conselho da esposa, Svetlana, a secretária da procuradoria —, resolveu consultar as instâncias superiores. Como resultado da consulta, Bogdanóvitch foi preso. O catedrático tentava mostrar sob um ângulo supostamente positivo a luta de classes dos proprietários de terra poloneses contra a Rússia, que considerava a Bielorrússia como sua conquista cultural... Bogdanóvitch foi preso no dia 2 de junho e, na manhã do dia 19, na hora do desjejum, vieram atrás de Kukharienko...

Na véspera, a família Kukharienko estivera na floresta, pois famílias felizes desfrutam de uma alegria especial não apenas reunidas em casa, mas também fora de casa, em plena comunhão. Assim, caminharam por uma trilha da floresta. Sacha levava pela mão sua esposa Valiucha e Nínotchka seu irmãozinho Míchenka.

A floresta bielorrussa não é como a da região do Volga ou a da Ucrânia. A floresta para o bielorrusso é como o rio para os habitantes do Volga ou como o campo para os ucranianos. Por séculos, a floresta alimentou e vestiu o bielorrusso. A vegetação da floresta, com sua safra de frutinhas silvestres e cogumelos, não era um complemento para ele, mas o pão de cada dia. Desde tempos imemoriais, o forasteiro, ao passar por esses lugarejos, engasga-se com seu pão ressequido com arenque e cebola amarga cor de ferrugem... Mas eis as árvores provedoras bielorrussas... Árvores fortes, sólidas, como paredes de uma

casa que aquece e protege... Eis as clareiras ensolaradas, cobertas de frutas...

— Parem, crianças — disse o pai —, olhem ali, uma serpente... Vejam, Nínotchka e Míchenka... Enquanto um bielorrusso não matar uma serpente, não será um bielorrusso de verdade, assim diz o nosso povo... Nínotchka, pegue uma pedra, aproxime-se e mate a serpente.

Valiucha se inquietou:

— Para onde você a está mandando, e se a serpente picar?

— Como, picar? — respondeu Sacha. — Será que uma bielorrussa terá medo de serpentes? E eu estarei ao lado...

Então o pequeno Micha começou a chorar e disse:

— Não é preciso matar a serpente, ela também quer viver, ela também tem filhotes.

— Ah, meu filhinho — disse o pai —, será possível ter pena de uma serpente? Veja o que ela está fazendo agora. Ela está se aquecendo ao sol. E, quando uma serpente se aquece ao sol, ela o suga. É por isso que, depois do verão, o sol enfraquece. Agora pense em quantos répteis existem na terra e em quantos verões despontam na terra. Todo verão, uma multidão de répteis suga o sol e, se você for um homem, matará a serpente. Este é o seu dever. Mas, se ainda por cima for um bielorrusso, não terá o direito de passar ao lado de uma serpente viva. Esta é a nossa crença nacional.

Ele se inclinou e pegou uma pedra com uma mão e, com a outra, conduziu Nina atrás de si, cuidadosamente... Enquanto isso, a serpente se aquecia sobre a relva da floresta e, em sua alegria, perdeu a astúcia diante de seu inimigo secular, esquecendo por alguns instantes a maldição-advertência lançada pelo Senhor no tempo do Éden, o paraíso, depois de Eva ter sido seduzida:

“Pelo que tu fizeste, serás amaldiçoada diante de todos os animais domésticos e de todos os animais selvagens; tu andarás sobre teu ventre e comerás pó pelo resto de tua vida. Criarei inimizade entre ti e tua mulher e entre tua semente e a dela; ela golpeará tua cabeça e tu picarás seu calcanhar [...]”.[197]

Nínotchka atirou uma pedra na cabeça da serpente, amolecida na relva quente, desprovida da astúcia por causa do prazer que sentia; e a pedra a acertou em cheio, esmagando-lhe a cabeça. Ela começou a se debater, pois achava que a maldição do Senhor não tiraria seu direto de viver, já que o homem e, especialmente, a mulher também foram amaldiçoados. A serpente, que havia pouco se deliciava com o sol divino e comum, o qual todos sugam e enfraquecem, continuava a se debater. No entanto, ela foi cortada em pedaços com uma pá de sapador pelo pai e pela filha, e Micha, desfazendo-se em

lágrimas, foi levado por Vália para longe desse espetáculo. A família feliz não viu, porém, que mais duas serpentes, uma grande e outra pequena, encarava-a por trás de uns arbustos com olhos gélidos cheios de ódio.

— Bravo! — disse o pai e deu um beijo na filha. — Agora você se tornou uma verdadeira bielorrussa, porque cumpriu a crença popular ao matar a serpente com suas próprias mãos.

Foi desse modo singular que o domingo de 18 de junho ficou guardado na memória de Nínotchka...

No dia 19, perto das nove horas, quando a família Kukharienko estava comendo *galuchkes* no desjejum com suas colheres coloridas, apareceram dois sujeitos vestindo sobretudos de couro, apesar da manhã ensolarada.

— O senhor está preso...

Tudo isso acontecia não sem medo, mas como se fosse algo corriqueiro.

— Mostrem o mandato — disse Kukharienko.

O mais magro, bigodudo e aparentemente mais importante, resmungou e enfiou a mão no bolso com má vontade, mostrando o mandato... Kukharienko viu que a lei fora observada, o mandato fora assinado pelo procurador Vassíli Makárovitch. E, ao ver a assinatura de Vassíli Makárovitch, ao lado de quem ainda na antevéspera estivera sentado numa reunião, sentiu um aperto no coração... Nas famílias felizes, os corações estão unidos, existe entre eles uma ligação invisível. Sacha sentiu um aperto no peito e Valiucha, até então petrificada, começou a chorar.

— Não chore, Valiucha — disse Sacha, beijando sua boca lambuzada do creme azedo dos *galuchkes* —, não chore, assustará as crianças.

Mas era tarde. Nínotchka desfez-se em lágrimas, agarrando-se ao pai, e Míchenka, ao contrário, escondeu-se num canto.

— Nínotchka — disse o pai —, ontem na floresta você matou uma serpente com as próprias mãos, do que tem medo? Seu pai logo voltará. Eu vou lhe comprar uma boneca e voltarei.

— E traga da viagem um canivete — pediu Míchenka.

— Não — disse o pai —, canivetes são afiados, você cortará o dedinho. Míchenka, eu lhe trarei algo melhor.

Embora Míchenka ainda fosse pequeno, de algum modo entendeu que seu pai não estava apenas saindo, mas prestes a partir. Ele não havia pedido simplesmente para trazer algo, mas para trazer algo da viagem. Quanto a Vália, a esposa amorosa de Sacha, no início ela compreendeu a situação bem menos do que as crianças, pois, ao adquirir experiência de vida, aprendera a não

compreender o evidente. No entanto, fez tudo o que era esperado de uma esposa durante a prisão do marido. Ela rapidamente juntou suas coisas e despediu-se sem gritaria, para não assustar as crianças; ao dirigir-se até o carro em que Sacha entrava, ela viu um mundaréu ao redor, no qual era tão pequena, tão insignificante... Nínotchka também viu tudo isso pela janela — a bem da verdade, ela não reparou no mundaréu estranho, mas viu a rua e guardou a imagem de seu pai partindo, de suas costas...

Nesse mesmo dia, os Iarnutóvski, Kólia e Svieta,[198] também foram presos, uma hora antes, e seus filhos foram enviados para o orfanato de Vítebsk... Dessa forma, ficou claro para Valiucha que até nisso sua família tinha sido mais feliz. Ela não sabia por quanto tempo desfrutaria dessa felicidade, mas decidiu aproveitá-la... Vestiu as crianças depressa, fatiou o pão, colocou num pote de meio litro o mingau de semolina ainda quente, encheu de bombons uma lancheira usada a tiracolo e disse:

— Crianças, vamos para a estação.

Eles chegaram à estação.

— Nínotchka — disse sua mãe —, você vai viajar com Míchenka para Moscou, para a casa da tia Klava.[199]

— E você? — perguntou Nina.

— Eu ficarei aqui, perto do seu pai — respondeu Valiucha. — Nínotchka, você já é uma menina crescida, no caminho não conte a ninguém o que aconteceu ao seu pai, apenas fique de olho em Míchenka.

De repente, Valiucha sentiu sua cabeça girar: ela lembrou que, durante a ocupação alemã, havia na periferia de Vítebsk um campo de concentração, de onde as mulheres, através do arame farpado, pediam pão aos transeuntes ou que eles levassem seus filhos embora. Valiucha e sua amiga Stássia, depois morta num destacamento, afastaram com esforço o arame farpado e pegaram um menino de dois anos e dois meninos de seis, e ainda uma menina de oito. Os alemães começaram a atirar das torres de vigilância, por isso elas não conseguiram pegar as outras crianças que as mães, empurrando-se, tentavam lhes entregar... Em perigo, uma mãe normalmente aperta seu filho contra si, no entanto, às vezes, para salvá-lo, ela o entrega a alguém, afastando-se, confiando num acaso perigoso, pois, em situações desumanas, o dia é mais terrível que a noite, uma rua repleta de pessoas mais temível que uma floresta cheia de lobos, o familiar mais ameaçador que o desconhecido... O que sentiam essas mães amorosas, empurrando umas as outras, esforçando-se por afastar de si suas

crianças? Se sentissem nesse momento tristeza e sofrimento, não seriam capazes de fazer isso... Não, numa situação desumana, o coração arruína o homem e tudo o que é humano. Somente o instinto desumano da fêmea, não maternal, pode salvar... Por isso Valiucha beijou rapidamente Míchenka e Nínotchka e colocou-os num vagão do trem que partia para Moscou; quando o trem pôs-se em marcha e as crianças se afastaram, Vália, em vez de amargura, sentiu alegria... Ela caminhou alegre por algumas ruas e, apenas ao entrar em um parque sujo e deserto, começou a lastimar. Lá perto ficava um pavilhão onde se anunciava: “Cerveja. Bebidas”. Vália entrou e tomou um copo de vodca.

O instinto desumano que a ajudou a mandar tão habilmente suas crianças amadas para longe também a ajudou a dominar o horror que invadia seu coração. A vodca não a livrou do horror, mas tornou sua alma pequena, mais fraca, e almas fracas suportam grandes desgraças com mais facilidade. Depois de beber, Valiucha foi procurar Kulechóv, no NKVD[200] local, pois o conhecera ainda no movimento dos *partizans*. Lá ela discutiu com alguém na recepção. Depois, ao andar pela rua, as pessoas a evitaram. Passados três dias, ela foi presa. Assim sucumbiu uma família feliz.

Em Vítebsk, Sacha Kukharienko ainda tratava o investigador de uma maneira informal, mas em Minsk começaram a bater nele, a pisoteá-lo, a esmagar seus dedos com os saltos dos sapatos, e, com a ajuda dessas infrações da legalidade socialista, revelaram-se os pormenores de seu nacionalismo bielorrusso e de sua ligação com a Gestapo no período da guerra. O inquérito foi concluído e em 29 de setembro realizou-se o julgamento... Enquanto Sacha Kukharienko tentava provar sua inocência, procurando a verdade e exigindo justiça, tudo lhe era muito difícil, e ele raramente pensava nos filhos e na esposa. Quando mais relaxado, esquecendo seus próprios méritos e as injustiças dos outros, tudo ficou mais fácil, muito mais fácil, e ele já não pensava em nada além da esposa, Valiucha, e dos filhos, Nínotchka e Míchenka.

Eis o que aconteceu com as crianças... Nina e Micha chegaram bem a Moscou — no início comeram pão, mingau de semolina e bombons e, depois, compraram chá e bolacha do condutor. Além disso, os passageiros vizinhos lhes deram embutidos. Assim que Nínotcka se viu sozinha, tornou-se uma mulher independente, mostrando a mesma desenvoltura de Maria, da vila de Chagaro-Petróvskoie, da região de Khárkov, que em 1933 havia viajado sozinha, sem a mãe, levando seu irmão Vássia, é verdade que em outras circunstâncias... Nina contava aos passageiros que eles não tinham pais fazia tempo e foram criados por uma mulher estranha, mas agora descobriram uma tia, Klava, em Moscou...

Em geral, as crianças sabem mentir e gostam mais de fazê-lo do que os adultos. Pois cada mentira é uma espécie de brincadeira. O pequeno Micha também participava da brincadeira da irmã, e assim eles chegaram a Moscou. Um passageiro bondoso, um velho moscovita, levou as crianças até o endereço que Vália Kukharienko anotara em quatro pedaços de papel, em caso de perda, e colocara na lancheira com os bombons. Nessa lancheira, que a mãe pendurara no ombro de Nínotchka antes de partir, havia um coelhinho bordado. Vália não avisara Klávdia por telegrama, para que a viagem das crianças não despertasse atenção e também por saber que esta não ficaria contente com a chegada delas, de modo que o melhor seria que tudo acontecesse de forma repentina. Havia muito que Vália não trocava correspondências com a irmã e não gostava de seu marido, de nacionalidade judia.

Klávdia era muito mais velha do que Vália, fora muito bonita quando jovem e se casara, ainda antes da guerra, com um crítico de arte moscovita que conhecera em Ialta. O sobrenome, nome e patronímico desse crítico: Ívolguin, Aleksei Ióssifovitch. Aleksei, Klávdia e seu filho Saviéli — um adolescente doentio, resultado de uma mistura de sangue malsucedida, pensativo, porém mais inclinado para alucinações do que para reflexões — moravam num grande apartamento em um dos melhores lugares de Moscou — o bulevar Tverskoi. O defeito desse apartamento consistia em se localizar no térreo. Mas isso era apenas metade do problema, porque em edifícios antigos as janelas eram colocadas bem no alto, quase na altura do primeiro andar das novas construções, e embaixo havia um porão onde também morava gente. A desgraça maior, no entanto, era que o apartamento era comunal e, além da família Ívolguin, que ocupava três aposentos, o escritório de habitação instalara num dos quartos menores a zeladoria. Desse modo, apesar de terem somente um vizinho, precisavam dividir com ele a cozinha, a sala de banhos e o telefone, o que era constrangedor. Os Ívolguin escreveram inúmeras vezes a várias instâncias, pediram requerimentos a diversos institutos culturais em que Aleksei Ióssifovitch colaborava, no entanto, sem sucesso. Na zeladoria que ficava no apartamento dos Ívolguin morava o zelador tártaro Akhmét, que afrontava todos "com um canivete", do qual uma vez Aleksei Ióssifovitch se safara trancando-se no toalete. Se ele tivesse se trancado na sala de banhos, a coisa terminaria mal. A porta dela era fraca, podre, e o gancho mal se segurava.

— Vá procurar Fadéiev[201] — dizia Klávdia ao marido, brava —, só ele poderá nos ajudar a nos livrarmos disso.

— Como eu poderia me dirigir ao secretário-geral da União dos Escritores

Soviéticos por uma bobagem dessas? — respondeu Ívolguin, gesticulando. — Sem isso, eles já falam de mim...

— Que falem — respondeu Klávdia, gesticulando como ele, pois esposas de judeus com frequência se tornam plasticamente parecidas com seus maridos quando o casal vive sozinho, e não com uma grande família eslava, em que o marido judeu é como um filho adotivo...

— Mas eu nem o conheço — disse Ívolguin.

— Como não conhece? — respondeu Klávdia. — No funeral civil de Mikhoels[202] ele o cumprimentou.

— Fadéiev cumprimentou todo mundo, estava muito transtornado — respondeu Aleksei Ióssifovitch.

— A mim ele não cumprimentou — disse Klávdia, enchendo a conversa de repetições e disparates, com os quais ela poderia vencê-lo.

— A você não, mas a mim sim — gritou finalmente Ívolguin, nervoso.

— Não grite — gritou Klávdia, também nervosa —, vocês adoram gritar.

— Quem somos "nós"? — Ívolguin corou, e não de raiva, mas de vergonha e indignação, como acontecia cada vez que ouvia a palavra "judeu", não importava onde nem por que; era como se fosse flagrado fazendo algo impróprio, do mesmo jeito que seu filho Saviéli fora recentemente flagrado por Klávdia no toalete... Saviéli, naquele instante, ficara igualmente vermelho de vergonha.

A aparência de Ívolguin era ordinária, porém o sobrenome notável, e não era um pseudônimo, mas o que levava no passaporte — seu pai, um intelectual de antes da revolução, um patriota russo, o trocara a contento, como ele mesmo dizia: "o gato em iídiche tornou-se o passarinho em russo"...[203] Com o sobrenome Ívolguin, Aleksei teve sorte, somente o patronímico atrapalhava um pouco. Muitos nem sabiam que Aleksei Ióssifovitch era judeu. No funeral civil de Mikhoels, onde discursaram Fadéiev, Zúbov e outras personalidades russas ilustres, Aleksei Ívolguin disse algumas palavrinhas também. A palavra "judeu" não foi mencionada no funeral, e Aleksei Ióssifovitch só se sobressaltou duas vezes...

No entanto, Akhmét, o zelador, de algum jeito descobriu que o vizinho que o hostilizava era judeu.

— *Jid* — gritava Akhmét, bêbado —, vou fazê-lo em pedaços...

— Vá falar com Fadéiev — dizia Klávdia —, o tártaro ameaça aleijar você e Saviéli, ou você não se importa com seu filho? Você ainda não se interessou em

procurar um bom psiquiatra para ele — e, não se contendo, fez o marido sentir-se mal: — Já não é suficiente você ter presenteado o menino com esse nariz tão comprido?... As crianças o provocam na rua...

— E que tenho eu com isso? — corou Ívolguin, nervoso. — Olhe, meu nariz é normal, e meu pai também não tinha um nariz judeu.

— E quem poderia ter um nariz judeu, eu ou quem sabe meu pai, um toneleiro de aldeia? — disse Klávdia e, vendo que o marido corava como de hábito, acrescentou: — Só falta você me acusar de antissemitismo, pois todos os judeus do nosso instituto sabem que eu não sou antissemita e que meu marido é judeu.

— O que o antissemitismo tem com isso? — disse Aleksei Ióssifovitch. — Você sabe que meu ponto de vista a respeito é abrangente.

E, então, nessa noite, ele se calou, não disse mais nada à esposa, pois essa discussão aconteceu de noite, evidentemente sem a presença de Saviéli. Aleksei pegou o livro *Obras escolhidas de pensadores russos da segunda metade do século XVIII*[204] e sentou-se em sua cadeira de balanço predileta, lendo a seguinte frase: “Lembremos de que origens modestas descenderam os povos russos primitivos e que grandeza, glória e poderio eles alcançaram...”, então ele teve pensamentos agridoces: como seria bom se ele descendesse dos eslavos, autóctones, ou, em último caso, dos tártaros ou dos iacutos. E que não judeu seria ele, bom e humano, quanta coisa faria por aqueles que, sem sorte, nasceram judeus, de pai e mãe, e, o principal, numa condição que não pode ser mudada. Quando se nasce judeu, isso é definitivo, mesmo quando se morre como russo. Talvez para seu filho, Saviéli, fosse ainda pior, mais ultrajante. Faltava-lhe metade, apenas metade... Ah, que riqueza é ser russo, e como os russos não valorizam isso, eles não amam a Rússia o bastante... Ele sabia que muitos russos não tinham amor suficiente pela Rússia... Se ao menos permitissem a ele, Aleksei Ívolguin, ser um russo, que patriota ele seria... No entanto, ele sabia também que muitos russos ficavam descontentes quando um judeu amava a Rússia, sentiam ciúme dessa relação e preferiam um judeu inimigo da Rússia. E muitos judeus justificavam esses pensamentos ofensivos... Sim, sim, ele até podia apontar o dedo para alguns... Não apreciavam o pão russo, não valorizavam a hospitalidade russa... Ingratos!... Ah, como ele os detestava... Por causa deles, nós também sofremos... Klávdia é russa... Os bielorrussos também pertencem, efetivamente, à estirpe russa...

Depois disso, seus pensamentos, como sempre se dá nesses casos, dispersaram-se, indo para muitas direções, e tornaram-se cansativos, assim como, depois de passado o fervor inicial, são cansativas todas as conversas e

reflexões sobre o judaísmo. Além disso, apareceu Saviéli, estranhamente agitado, olhou para seus pais e disse:

— Brigaram de novo?

E eles sentaram-se para jantar. Aleksei Ióssifovitch pensava que, além dos pensamentos cansativos e rotineiros sobre o judaísmo, da discussão igualmente cansativa e rotineira com a esposa e da estranha agitação de Saviéli, essa noite só seria memorável pela forte chuva... Mas a noite passou a ser lembrada principalmente pelo desaparecimento de Akhmét... O zelador estava sumido fazia dois dias e então souberam pelo guarda da rua, Efraim Nikoláievitch, que Akhmét fora preso: havia esfaqueado alguém.

— Vá imediatamente atrás de um requerimento — dizia Klávdia, alegre —, para que não coloquem mais ninguém aqui.

Requerimentos desse tipo precisavam de três assinaturas influentes, obrigatoriamente eslavas, mas de preferência russas... Que terminassem em "ov", "in" ou, no pior dos casos, em "enko".[205]

Ívolguin correu para um escritório — a influente assinatura russa terminada em "ov" havia viajado a trabalho —, correu para outro — a terminada em "in" descansava na Crimeia —, mas no terceiro ele conseguiu a eslava, não russa, terminada em "enko"... Ele correu alegremente para casa, mas Klávdia o recebeu com desgosto.

— Tarde demais... Pode deixar sua assinatura eslava de molho. Já meteram alguém aqui... Ainda com uma filha... Akhmét, pelo menos, era sozinho.

Ívolguin notou que haviam tirado o cadeado da porta do quartinho usado pelo zelador, e era possível ouvir vozes de homem e de mulher.

— Quem é? — perguntou Ívolguin, com os olhos.

— Vamos embora, idiota — respondeu Klávdia, com os olhos.

Eles passaram para a sala de estar e sentaram-se perto do piano de cauda, desanimados.

— Quem é? — perguntou Aleksei Ióssifovitch, agora em voz alta.

— Certamente um judeu — respondeu Klávdia.

— Como? — disse Ívolguin. — Um zelador judeu?... Que piada... — e começou a rir.

— Não há nada de engraçado — Klávdia sorriu também —, tudo dependerá da primeira conversa... Vamos colocá-lo logo no seu lugar... Aqui, penso eu, será mais fácil... Em último caso, quebro-lhe a cabeça com uma panela. Ele não vai me espremer em minha própria pátria. Ele precisa lembrar que está morando na União Soviética...

Aleksei Ióssifovitch sabia que sua esposa, uma funcionária da contabilidade do Ministério de Construção de Estradas Automotivas, seria realmente capaz de bater com uma panela em alguém se estivesse certa de que não levaria por isso uma facada, à maneira tártara, mas fosse apenas intimada a comparecer ao tribunal, à maneira judia.

— Não faz mal, eu mostrarei no tribunal quem são eles... Vieram em bando para Moscou. Metem-se em toda parte, até em cargos de zelador.

— Não é necessário ir ao tribunal — disse Ívolguin —, deixe comigo, eu os entendo melhor que você. O descaramento judeu teme a palavra ríspida. Eles estão sempre sussurrando, querem resolver tudo de mansinho. Mas comigo não vão falar desse jeito. Eu lhes mostrarei que seus problemas não me interessam — e foi para o corredor.

Foi lá que aconteceu seu primeiro encontro com Dã, a Áspide, o Anticristo... Para não cumprimentá-lo e para dizer algo ríspido, o crítico de arte refletiu, franziu a testa e se deteve, enquanto o enviado do Senhor, o Anticristo, logo o discerniu, o reconheceu. Quem estava à sua frente usando chinelos, uma camiseta de redinhas e um pijama de seda era da tribo de Rúben, o primogênito de Jacó, que fora um dia muito poderosa, mas fazia tempo que entrara em declínio, e dessa tribo poucos foram incluídos no Resto e deixaram um descendente... O que estava parado na frente do Anticristo era o fim de um processo que começara na escravidão egípcia, quando as crueldades exaustivas do faraó lutavam contra a tenacidade e a vontade de sobreviver dos filhos de Jacó. Quanto mais o faraó os extenuava, mais eles se multiplicavam, até o dia em que, na tribo de Levi, nascera Moisés...

No entanto, quando Moisés nascera, o mal já havia se proliferado, pois na opressão, quando o homem não vive, mas sobrevive, e não tem Deus ao seu lado, o bem não consegue sobreviver, enquanto o mal consegue e vive, perto dos caldeirões de carne, a vida que lhe é rotineira.

De Rúben, o primogênito forte e bondoso de Israel, nascera aquele que se postava de chinelos e de pijama de seda na frente do Anticristo, lançando olhares impuros e acariciando com as mãos rechonchudas, não acostumadas ao trabalho, sua barriga redonda, como se ela fosse uma criança querida. O que estava parado na frente do Anticristo, no corredor, era um primor de indecência e de maldade. Mas a indecência não é capaz de criar nada de forma primorosa, não cria uma vilania perfeita nem um malfeitor perfeito. Por que, então, existe essa profusão de maldade, tão primorosa e desmedida? Quem a cria? Ela é fruto da bondade... Só a bondade frutifica, mas ela não gera apenas o seu semelhante, mas também o

seu contrário... Toda maldade nasce da bondade, mesmo que a bondade também gere a si mesma... Por que o Senhor permitira isso, por que a maldade se reproduzira até entre Seu povo? Eis a questão irônica dos ateístas e a questão louca dos místicos... Para que o Senhor precisaria de um Ívolguin, Aleksei Ióssifovitch, quando havia Moisés, Jeremias, Isaías e Jesus de Nazaré?... A resposta é simples para quem lê e relê não apenas o acréscimo cristão tardio — o Evangelho, que não contém nenhuma palavra independente —, mas também o poema divino sobre a criação do mundo, o princípio da Bíblia, sem o qual não é possível entender nada posterior... Ívolguin existe, porque, depois do Éden, o homem virou uma criatura amaldiçoada. Ele fora condenado a executar o trabalho eterno e a fazer parte da história, quando no Éden não havia nem trabalho nem história. Graças à misericórdia divina, na terra vivem os profetas e os justos, e da misericórdia provém a bondade, ao passo que a maldade vem do ser que a produz. Com a compreensão disso, o profeta bíblico se distingue do humanista meloso... Porém, quando perscrutou o sorriso maldoso do mujique, um ateu oprimido, o humanista russo Aleksándr Blok[206] renegou o humanismo, e isso foi um grito no deserto, pois o mal já havia se proliferado em demasia... O humanismo também se multiplicou, infecundo em meio às massas e fecundo na convivência com o individualismo, a personalidade isolada. No começo, proliferou-se o humanismo cristão, antibíblico, que depois, num sexto da superfície da terra,[207] foi superado por seu filho ilegítimo, o humanismo materialista, ao qual era devoto Ívolguin, Aleksei Ióssifovitch, um judeu internacionalista ou, dizendo-o na língua cristã, simplesmente um convertido, não batizado com água pura, mas com uma ideologia pura e melodiosa, que, em princípio, possui a mesma base da bondade que gera a maldade.

— A borra do chá — finalmente o crítico de arte judeu achou o que dizer ao zelador judeu —, não jogue a borra na banheira — proferiu Aleksei Ióssifovitch em voz alta, sem sussurros —, não temos a obrigação de limpar sua sujeira e de sua filha.

Assim que Aleksei, da tribo de Rúben, disse sua repreensão de teor comunal, Dã, da tribo de Dã, lembrou algo sobre Aleksei Ióssifovitch que este, evidentemente, desconhecia. Ele era um descendente longínquo do judeu que Moisés, durante a escravidão egípcia, salvara do ataque de um egípcio, o qual fora espancado e morto. E o judeu, assustado, gritara para Moisés:

— Quem te tornou nosso juiz?[208]

O judeu sabia que, depois de ser ridicularizado pelo egípcio, este o teria solto e

chegaria a tempo ao caldeirão de carne. Mas Moisés, seu defensor inoportuno, pusera tudo a perder... E com sarcasmo, um traço que se tornaria peculiar à arte contemporânea, o antigo judeu da escravidão egípcia exclamou:

— Quem te tornou nosso chefe?... Queres matar-me como mataste o egípcio? [209]

Assim está na tradução russa e imperfeita da Bíblia. Já, no original, está dito que o judeu "mostrou os dentes a Moisés". Eis uma definição precisa, uma marca clara... Dos que estavam lá, foi esse judeu quem mostrara os dentes a Moisés. Com efeito, Aleksei Ióssifovitch olhou para o Anticristo — que, devido ao seu caminho terreno, tinha o aspecto bastante cansado e os cabelos embranquecidos — e algo de deplorável e provinciano transpareceu no rosto desse zelador judeu. Alguma coisa mordazmente engraçada passou pela cabeça de Ívolguin, pois, sendo um crítico especializado em arte russa, ele podia rir plenamente da tristeza universal contida nos olhos de um judeu, tal como costumava rir Voltaire, o favorito, a vedete do livre-pensamento humanista russo...

Então Aleksei Ióssifovitch abriu a boca, mostrando os dentes que já tinham mastigado muito pão russo e muito salame ucraniano... Uma combinação de coroas de ouro na frente, pontes cromadas dos lados e uma ossada cor de café aguado nos intervalos. Aqui, pensava Dã, pelo bom serviço prestado ao povo-senhorio, um judeu zeloso é recompensado com comida, bebida e ar puro... A maior condecoração não vinha estampada no peito, mas na boca, entre os dentes...

— Há-há-há — proferiu Ívolguin, de modo claro e nítido, sem os sussurros judeus.

E o Anticristo disse mentalmente, através do profeta Isaías:

— Quem vós estais ridicularizando? Contra quem vós abris a boca e mostrais a língua? Será que vós não sois os filhos do crime, a semente da mentira? [210]

No entanto, a tristeza universal dos judeus, que divertira Voltaire e que agora divertia Ívolguin, não estava apenas nos olhos do Anticristo, mas também nos olhos do próprio Ívolguin, ou melhor, em seu aspecto mais decaído e insignificante.

Pois o que é insignificante é o grandioso rebaixado ao extremo... Rebaixem ao extremo a grande tristeza universal e ela se transformará num temor habitual e covarde. Não importava o que Aleksei Ióssifovitch fizesse, seus olhos, à sua revelia, expressavam sempre o mesmo: "Tenho medo, tenho medo...".

— Abrão, não tenhas medo[211] — disse o Senhor ao Patriarca.

Essa foi uma das principais condições da aliança do Senhor com Abraão e da transformação de Abrão em Abraão,[212] de um peregrino da Babilônia em Patriarca do povo do Senhor... Mas os que se multiplicaram no Egito, perto dos caldeirões de carne da escravidão, começaram a esquecer o Senhor, rompendo justamente essa Aliança.

— Tenham medo, é preciso ter medo — dizem ainda hoje —, a lebre teme a vida toda e assim se mantém viva...

É o que se ensina aos familiares mais novos, depois de um bom cálice de aguardente de ginja. E num tratado filosófico, por trás de uma pilha de ideias brilhantes, de repente se ouve:

— Tenho medo, tenho medo...

E nos raciocínios de um sábio convertido também surge: “Tenho medo, tenho medo”. Assim como na lírica hábil e talentosa do poeta que versa sobre igrejas e bétulas, esperando que, através do *te-déum* querido ao coração, dos doces sussurros dos “jardins de outono desfolhando” e da neve natalina artisticamente retratada, o leitor russo esqueça, ou ao menos perdoe, sua origem judia... Desse modo, foi rompida a Aliança com o Senhor...

Logo que Aleksei Ióssifovitch Ívolguin começou a rir, mostrando os dentes ao Anticristo, o temor daqueles olhos se acentuou. E, através do profeta Isaías, o Anticristo se dirigiu a todos no gênero feminino, pois todos vieram da mesma mulher, fraca e volúvel, todos são parte de sua carne:

— Quem te deixou assustada e atemorizada o ponto de te tornar infiel, de deixar de te lembrar de mim e de me guardar no teu coração? Não será porque estou há tempos calado que tu deixaste de me temer?[213] — e o Anticristo acrescentou de sua parte: — Quem teme muito aos homens não teme a Deus...

Entretanto, Aleksei Ióssifovitch, o crítico de arte, através de seu medo — o sentimento mais forte e fecundo que possuía —, de algum modo se inteirou do que estava acontecendo no corredor do apartamento comunal, apesar de não compreendê-lo. Ele parou de rir e foi para seu aposento às pressas, sem dizer mais nada.

— Eu revelarei a sua verdade — disse o Anticristo, olhando para as costas encurvadas e gordas de Aleksei, vindo da um dia gloriosa tribo de Rúben —, eu revelarei a sua verdade e os seus atos, e eles não lhe serão vantajosos...

Assim os vizinhos se separaram, e o corredor ficou vazio.

— Eu lhe mostrei quem manda aqui — Aleksei Ióssifovitch disse a Klávdia,

recobrando o ânimo na sala de estar —, e ele não ousou dar um pio. Um típico *jid* de província... Por causa de tipos como ele é que não gostam de nós.

Já o Anticristo, entrando em seu quartinho, sentou-se à mesa com a filha adotiva, Rute, para tomar chá. Depois do que acontecera na floresta, perto da cidade de Bor, pai e filha falavam pouco um com o outro, mas trocavam olhares, olhares igualmente luminosos e sorridentes... Assim deveria ser a vida comum do enviado do Senhor, um homem já grisalho, e da jovem profetisa terrena... Às vezes, pai e filha trocavam algumas palavras, mas logo se calavam novamente. Pois as pessoas conversam sem parar para se livrarem do penoso sentimento de estranheza que afasta suas almas. Quando o pai se calava longamente, a profetisa Pelágia sabia o que seu silêncio ocultava. Então ela pegava a Bíblia, que cheirava a vida de velhinhas: da capa gasta emanava um cheiro adocicado, de canela e bolor, e das folhas engorduradas cheiro de algo podre. As passagens que mais lhes agradavam estavam sublinhadas ou anotadas, com um mesmo lápis azul. O livro dos Salmos e as parábolas de Salomão eram os que tinham mais anotações. Essa Bíblia fora dada à Ruthina pela Tchesnokova, uma sectária dos *velhos crentes*...

Para um homem que absorveu cultura e acumulou sabedoria como se acumulasse bens, e não como um dom do Senhor, essas marcas e anotações não tinham nenhum valor. Já ao homem de intelecto refinado, pleno da sátira voltairiana, essas notas poderiam provocar risos e reforçar a convicção da insignificância da simples fé popular... E é assim em se tratando da fé simples das massas, que só pode ser acessada por meio de ritos e crendices. Pois a autenticidade na singeleza é ainda mais rara que na razão. Mas a Bíblia está repleta de extremos raros e divinos. Aos outros só restava depositar esperança nos ritos e num guia espiritual honesto e inteligente — um padre para o povo simples ou algum filósofo religioso para o meio cultivado. Contudo, a história da religião mostrou que raramente essas esperanças se realizam: ora falta razão, ora honestidade. Eis o que fora sublinhado nas parábolas de Salomão, com o lápis azul, pela *velha crente* Tchesnokova, que mal sabia ler e escrever: “O temor do Senhor é fonte de vida, pois afasta as armadilhas da morte”.[214] Sobre isso é possível filosofar, embora o intelecto refinado não considere essa ideia uma grande iguaria. E adiante: “Mais vale um prato de verduras com amor que um boi bem nutrido com ódio...”.[215] “Mais vale possuir pouco com o temor do Senhor do que um grande tesouro com inquietação”.[216] O intelecto refinado, em geral, cairá na risada diante dessa evidência, dessa sabedoria pueril. Rirá sem

compreender que aqui a sabedoria não parte da moral, à qual ele foi familiarizado por sacerdotes levianos e filósofos-humanistas melosos, mas parte do sentimento de egoísmo pessoal, ao que de fato ele confia suas ações.

— Egoísta — diz Salomão —, se tu gostas de ti mesmo, comerás um prato de verdura com amor, e não carne de boi com ódio.

O filósofo-humanista tenta ensinar a bondade partindo de uma moral estranha à natureza humana. A Bíblia ensina a bondade partindo do egoísmo do homem, pois ela não ignora, à maneira dos humanistas, a verdadeira natureza do homem; mas, à diferença dos fascistas engenhosos, que se apoiam na maldade e ensinam a maldade, a Bíblia, partindo da natureza maldosa dos homens, ensina a bondade.

— O homem mal-intencionado perverte o seu próximo — a profetisa Pelágia lia um trecho que havia sido sublinhado pela *velha crente* —, ele o guia para o mau caminho. Fecha os olhos para inventar uma impostura, morde os lábios, faz o mal; ele é a fornalha da maldade...[217]

Nesse momento, alguém tocou à porta da entrada, mas nem o pai nem a filha se mexeram. Pois, quando ambos estavam em casa, não havia ninguém para visitá-los.

— Os cabelos brancos são as coroas da glória quando se está no caminho da justiça — a profetisa Pelágia lia as parábolas de Salomão.[218]

Quem tocou à porta foi o bondoso companheiro de viagem que chegara de Vítebsk com Nínotchka e Míchenka. Ao tocar a campainha, ele não foi embora, mas virou a esquina e esperou para ver se as crianças seriam recebidas. Se por algum motivo não as recebessem, ele as levaria para a sala da polícia destinada às crianças. No entanto, elas foram recepcionadas com um grito de mulher que lhe pareceu de alegria e, satisfeito, com um sentimento agradável por seu ato caridoso, o homem, que preferiu manter-se anônimo, se afastou. Quem gritou foi Klávdia, que, ao reconhecer os filhos de sua irmã Valentina, vindos sem aviso, logo suspeitou de algo ruim. Não, o bom homem apenas imaginou que o grito fosse de alegria... Deixando as crianças entrarem, Klávdia pôs-se logo a perguntar onde estavam seus pais e por que elas haviam vindo sozinhas. Ívolguin se agitava ao lado e repetia:

— Klávdia, não se agite, é preciso pensar com calma...

Mas Saviéli, o adolescente doentio e mestiço, deitado no divã, estudava Nínotchka, dona de olhos cinza, a prima que ele via pela primeira vez. Com essa recepção, Míchenka caiu no choro e, em seguida, Nínotchka começou a piscar

seus belos olhos de gata, iguais aos de sua mãe.

— Mais essa — disse Ívolguin, no qual de algum modo havia se preservado o instinto do homem judeu, vulnerável às lágrimas infantis. — Agora você assustou as crianças. Antes de tudo, é preciso alimentá-las.

— Sim, claro — disse rapidamente Klávdia.

Deram às crianças um pouco de sopa requentada da véspera e macarrão com almôndega, uma para cada. Enquanto elas comiam, Klávdia e Aleksei Ióssifovitch, trancados no dormitório, liam a carta que acharam na lancheira com o coelhinho bordado. Klávdia só leu até a parte que mencionava a prisão de Sacha.

— Está claro — disse e, empalidecendo, deixou cair o papel —, antes ela não ligava para mim, mas agora, ao cair em desgraça, quer me destruir. Ela não quer entender que meu marido é judeu. Nós devemos ficar longe de qualquer suspeita.

— O que minha origem tem com isso? — perguntou Ívolguin, estremecendo, como sempre acontecia quando mencionavam, em voz alta, sua essência terrível e vergonhosa.

— Tudo! — gritou Klávdia, com raiva. — E não se faça de desentendido. Cordeiro de Deus... Quer que aconteça com você o mesmo que aconteceu com Sherman?

— O que Sherman tem a ver comigo? — disse Ívolguin, tentando conter seu coração agitado. — Sherman mantinha ligações com parentes na América — então ele sentiu o habitual “tenho medo, tenho medo” disparar, voar, invadir sua alma. “Tenho medo, estou apavorado,” gritava uma alma da um dia gloriosa tribo de Rúben, uma alma entre tantas outras, e a elas disse o Senhor, através do profeta Ezequiel:

— E, ao chegar às nações para onde se dirigiam, profanaram o meu santo nome, pois sobre eles falavam: “Eles são o povo do Senhor, mas partiram da terra Dele”.[219]

“Tenho medo, estou apavorado!” gritava roucamente a alma de Ívolguin, arrastada do corpo pelo medo, como se arrasta um prisioneiro à noite de seu leito.

E Ívolguin sussurrou com a voz rouca:

— Ouvi dizer que na Bielorrússia há um processo sério, estão julgando os nacionalistas... Bogdanóvitch e outros...

— Temos que resolver o que fazer com os filhos de Vália — disse Klávdia, com firmeza, mas já sem nervosismo —, ela pode ficar ofendida, mas eu não posso deixá-los aqui. Eu também tenho um filho. E, materialmente, também

seria difícil para nós, mas isso não é o principal...

— Está bem — disse Ívolguin precipitadamente —, mas agora não é o momento. Precisamos ir dormir... De manhã decidiremos...

Aleksei Ióssifovitch sabia perfeitamente o que a esposa havia decidido, embora ele ainda não conhecesse os detalhes; no entanto, temia ouvir em voz alta o que ela tinha em mente e se esforçava por adiar este momento... Ele temia tanto as ações torpes como as nobres. Ele temia tudo e, mesmo quando ousava gritar com pessoas em posição inferior, amedrontava-se.

Antes de dormir, serviram aos filhos de Vália, Nínotchka e Míchenka, e ao filho deles também, um copo de gelatina com pãozinho. Arrumaram a cama no divã da sala para as crianças, que, cansadas, rapidamente adormeceram. Saviéli se deitou em seu quarto, com a porta destrancada, pois, por ordem de Klávdia, a trava havia sido retirada por um serralheiro. Isso acontecera depois que o menino fora flagrado cometendo seu pecado juvenil — o mesmo pecado de Onã, o segundo marido de Tamar. Dessa maneira, Saviéli sentiria que seus pais poderiam entrar a qualquer momento e flagrá-lo em pecado. No entanto, nessa noite seus pais tiveram outras preocupações, e ambos se levantaram com os olhos inchados e saíram para trabalhar sem café da manhã. As crianças de novo comeram macarrão com almôndega e gelatina e começaram a brincar. O pequeno Míchenka se enfiou num grande relógio de parede, apanhando o pêndulo. Saviéli perguntou a Nínotchka:

— Você sabe fazer ginástica?

— Como assim? — estranhou Nínotchka.

— É muito simples — disse Saviéli —, eu vou levantá-la e você fará diferentes movimentos com os braços. Entendeu?

— Entendi — disse Nínotchka —, eu brincava assim com meu pai em Vítebsk... Ele me erguia em seus braços bem alto... Ou me levava para passear em sua bicicleta... E também me ensinou a recitar poemas... Escute...

Em frente à escola, há uma nova casa,
Na nova casa nós moramos,
Pela escada nós corremos
E contamos os andares:
Um andar, dois andares,
Três, quatro, e estamos lá.[220]

Saviéli lembrava que, quando era criança, ainda sem idade para ir à escola, gostava de olhar revistas de moda em que havia mulheres bonitas desenhadas e ele passava o dedinho sobre suas pernas lisas e lustrosas, o que era tão agradável como chupar uma balinha... Ele não sabia, evidentemente, que sua má mistura de

sangue é com frequência castigada pelo quarto flagelo do Senhor, a doença, e pelo terceiro, o animal feroz... Mesmo assim, embora fosse uma criança, sentava-se intuitivamente com a revista em algum canto isolado, onde passava o dedinho sobre aquelas pernas brilhantes, lustrosas e amarelas... Assim, desde a tenra idade, ele se acostumou a associar o sentimento de prazer à solidão. De seu cantinho ele observava as meninas do pátio, afastando-se delas na classe, e sofria, até que um dia, no banheiro da escola, um menino lhe ensinou o vergonhoso prazer... Saviéli também gostava de ir ao circo e a apresentações de ginástica, para ver os homens levantando as mulheres pelas pernas e pelas coxas. Por isso, ao ficar sozinho com sua prima — o pequeno não podia ser levado em conta —, ele decidiu, pela primeira vez, ensaiar seu próprio número, e seu coração palpitou como nunca. E ele entendeu — naturalmente não por meio da razão, pois ainda era muito tolo, mas por meio de suas mãos — o que era um corpo de mulher, diante do qual eram insignificantes todos os outros prazeres, que entretinham também Onã, o segundo marido de Tamar... Ali estava ela, a força de gravidade feminina, terna e úmida, em nome da qual qualquer insensatez se justifica... Será que ginastas e artistas de circo sentem isso todos os dias?... Ele ainda não havia conhecido o tédio de um homem saciado de pratos exuberantes, gansos corados e carpas assadas com creme azedo... Era filho de uma família moscovita abastada de 1949, mas se alimentava de salsichão e de almôndega.

Nínotchka também gostava quando Saviéli a erguia, dava gritinhos e agitava os braços, e Míchenka batia palmas. As crianças ficaram tão entretidas que nem notaram a chegada dos adultos. Klávdia entrou bem na hora da pirâmide, mas Saviéli não conseguia fazer sua prima acertar a posição, pois ela sentia cócegas. Finalmente, Nínotcka consentiu e, apesar de seus gritinhos, permitiu que ele encaixasse sua mão bem no fundo...

— O que está acontecendo aqui? — gritou Klávdia, muito pálida, mas foi uma pergunta retórica, pois ela sabia muito bem o que se passava. — Parem já com isso!

— Nós estamos brincando — disse Nínotchka, rindo.

Klávdia pegou Saviéli pelo braço, arrastou-o para o dormitório e lhe deu uma bela bofetada. Em seguida, entrou Aleksei Ióssifovitch, que também bateu nele, mas não com tanta força, pois era um pai judeu.

— Mais um motivo para mandá-los embora — disse Klávdia em voz baixa —, uma menina estranha em casa irá perverter Saviéli.

— Sim, sim, eu concordo — respondeu Ívolguin, e seu coração, com a

covardia habitual, pôs-se a saltar como uma lebre —, mas antes nós devemos, sem falta, servir-lhes o almoço... Antes que... — e ele hesitou.

Depois do almoço, Klávdia ordenou ao assustado Saviéli:

— Você ficará em casa. Eu, seu pai e as crianças vamos sair para resolver uma questão, está claro?

Sentindo-se culpado, Saviéli não teve coragem de lhe desobedecer e se deitou no divã. O casal Ívolguin e os filhos dos Kukharienko, os parentes que haviam sofrido repressão, tomaram um trólebus, passaram para outro, e chegaram à estação *Bielorússki*. Na estação, dirigiram-se à sala destinada a mães e filhos. Acomodando as crianças, Klávdia e Aleksei Ióssifovitch se afastaram para um canto perto da janela e começaram a sussurrar. Depois Klávdia partiu, e Aleksei Ióssifovitch aproximou-se delas e sentou-se ao lado, meditativo. Após refletir, levou Nina para o canto perto da janela, onde havia conversado com Klávdia, e disse:

— Você já é uma menina crescida, deve saber que seus pais foram presos e que não é possível esconder isso. Vivendo conosco, uma hora ou outra, vocês serão descobertos, porque nós somos seus parentes. Por isso, pegue Micha e leve-o para a sala de espera comum, sente-se lá e comece a chorar. Se perguntarem por que você está chorando, responda que sua mãe os abandonou e não voltou mais. Seu sobrenome agora é Ivanova.

Nínotchka era uma menina aplicada e obedecia aos mais velhos. Pegou Micha, foi até a sala grande, sentou-se e começou a chorar. Não chorava, porém, pela mãe inventada que os teria largado, mas por sua mãe verdadeira, de Vítebsk, e chorava também por seu pai. As pessoas começaram a se aproximar e a perguntar o que havia acontecido. Aproximou-se também uma mulher com uma braçadeira vermelha, a vigia de plantão da estação:

— Qual é o problema? — perguntou. — Por que você está chorando, menina?

— Nossa mãe nos deixou — disse Nínotchka, como lhe ensinara o tio Aleksei —, e não voltou mais.

De repente seu peito foi invadido por uma mágoa profunda, e ela sentiu pena de si mesma e de Míchenka...

— A menina está dizendo a verdade — disse a vigia. — Eu vi a mãe com eles na sala para mães e filhos — evidentemente, ela tinha visto Klávdia ao lado das crianças e tomou-a por sua mãe. — Pegue seu irmãozinho e venha comigo — disse ela.

Nínotchka pegou Míchenka nos braços e foi atrás da vigia. Quando passava em frente do telégrafo da estação, ela viu o tio Aleksei, que espiava por entre as

costas das pessoas e olhava para ela com inquietação. E de repente o tio Aleksei não estava mais lá... Nínotchka seguiu a mulher, atravessando algumas passagens, depois a plataforma de embarque, depois uma rua próxima da estação. Míchenka era pesado, e Nínotchka mal se aguentava em pé, seus braços quase se desprenderam. Mas eis que entraram em uma casa. A vigia foi embora, e as crianças ficaram sentadas no chão, num cantinho, por longo tempo. Finalmente, foram chamadas para outro recinto, onde se sentava um policial. Ele começou a perguntar quem eram e de onde vieram. Nínotchka, lembrando-se dos conselhos do tio Aleksei, respondeu como ele havia ensinado, e Míchenka, assustado, ficou calado. Porém, quando uma mulher severa com um pente sobre os cabelos grisalhos começou a indagar às crianças, elas se desfizeram em lágrimas, e Nínotchka contou tudo o que ocorrera, inclusive que seu sobrenome não era Ivanov, mas Kukharienko... Então lhes serviram um bom almoço... As crianças ficaram nessa casa por três dias, depois dos quais foram enviadas de trem para a cidade de Tobólsk.

No início, eles ficaram em um orfanato, a sete quilômetros de Tobólsk, chamado Makárenko, que ficava num velho mosteiro no meio da floresta. Lá era tudo muito bom. No verão, eles nadavam nos rios Irtých e Tobol. Perto do orfanato havia um criadouro de raposas, e as crianças iam frequentemente vê-las. No entanto, logo ocorreu um incêndio. Diziam que o orfanato havia sido incendiado pelas monjas, que queriam se vingar do poder soviético por este ter desapropriado o mosteiro, entregando o local à educação dos órfãos. Após o incêndio, todas as crianças foram transferidas a Tobólsk, para o orfanato Krúpskaia, que não era tão bom como o primeiro. Mas, numa manhã, a diretora mandou chamar Nina e lhe disse:

— Kukharienko, amanhã você será transferida.

— Para onde? — perguntou Nina.

— Lá você descobrirá.

— E meu irmão Micha?

A diretora não respondeu nada. De manhã, Nina se despediu de Micha e foi levada com outras crianças, em vagões de carga, para muito longe. O lugar para onde a transferiram era realmente detestável. Não davam comida suficiente, e os educadores eram bravos. Nas redondezas, havia enormes *sopkas*,[221] e as crianças, para que não se afastassem, eram o tempo todo ameaçadas com os ursos. Certa vez, Nina viu conduzirem um comboio de prisioneiros de guerra ou de detentos e guardou a lembrança de uma mulher, que, agredida por um escolta, estava com o rosto coberto de sangue... Desde então, a menina tornou-se muito

arredia e dizia grosserias aos superiores, por isso foi colocada no porão usado para guardar os barris de repolho azedo dos órfãos.

A educação no orfanato era regulada com severidade e as faltas cometidas pelas crianças invariavelmente castigadas... Ali não acreditavam em lágrimas.[222]

Em geral, desde tempos imemoriais, a Rússia gosta de chorar e de se lamentar, isso faz parte do caráter nacional russo. No entanto, em 1952 a vida nacional russa representava, como nunca, a vida de todo o Estado, atingindo plena integridade e uma ordem de severidade monástica. A salvação de uma alma jovem e imatura consiste geralmente em uma percepção frívola da vida. Tal frivolidade acompanha, desde sempre, a alma russa em momentos difíceis e a salva da ruína. Em 1952, ano de aço e das armas, essa frivolidade salvadora foi erradicada de todos os lugares, até do antissemitismo se erradicou a alegria. Não zombavam mais dos judeus, não riam mais deles, e o número de piadas sobre eles diminuiu. Em compensação, surgiu uma profusão de artigos de um rigor ascético, compilados, literalmente, no extremo da ideologia dominante. Parecia que, a qualquer momento, a palavra oral iria irromper na linguagem impressa... À noite numa cançoneta, de manhã no jornal... As estrofes da conhecida *tchastuchka* “Bata..., salve...” eram cantadas sem aquela alegria impetuosa, mas com severidade, como um hino. Extenuada e cansada, a alma russa modificou-se por completo, e já não emanava o cheiro do esfuziante *pogrom* ortodoxo, mas o cheiro do grave *pogrom* medieval, católico... Era normalmente doce, e não amargo, o bombom polonês *jid*, chupado por bocas polonesas cheirando a enxofre e depois passado para outras bocas, que, embora também eslavas, eram mais largas e menos ossudas. Como era agradável segurá-lo na boca, e petiscá-lo com um cálice de vodca era tão bom quanto um pepino salgado... Numa conversa erudita, o bombom também refrescava agradavelmente a boca. E sussurrava ao literato genuinamente russo uma resposta aos eternos enigmas russos... O bombom polonês *jid* era saboroso, mas, em 1952, o ano de aço e das armas, ele se tornou uma pílula amarga. Queimava as bocas, deformava os rostos.

Só Deus sabe quantos rostos terríveis Aleksei Ióssifovitch Ívolguin já tinha visto! Sua alma não gritava mais: “Tenho medo!”, simplesmente tremia, sem palavras.

— Ligue para Fadéiev — Klávdia sussurrava na cama.

— Para lembrá-lo de seu discurso no funeral civil do nacionalista burguês judeu Mikhoels? — mostrou os dentes Aleksei Ióssifovitch, acuado.

— Para que lembrá-lo disso? — dizia Klávdia. — Você acha que ele ainda lembra onde encontrou você?

— Não, não — dizia Ívolguin. — Agora o principal é não ser notado.

Contudo, seria difícil não ser notado quando aquela eterna questão russa, "Quem está arruinando Rússia?", se revelava em toda a sua extensão, inflamando e corroendo o homem russo. Em um casamento russo movimentado, é fácil desaparecer em meio à euforia geral: finge-se bêbado e mete-se embaixo de uma mesa; mas, quando o russo faz um balanço de suas ofensas e sua fala se enche de chiados e sibilos — *xxi*..., *jji*... —, tente passar despercebido... "Lixo... Traste... Chacal... *J-j-j-jid*..." Andando pela rua, sibilam de todas as direções. Nos lugares públicos — nos escritórios, nas salas de cinema, nos meios de transporte — chiam por toda parte... Aleksei Ióssifovitch passou a sentir receio de andar de bonde, de trólebus... O antissemitismo em bondes, trólebus e ônibus não era um fenômeno recente; no entanto, o transporte urbano se transformou num comício sobre rodas. A liberdade de expressão garantida pela Constituição, nesse sentido, sempre fora respeitada, mas agora havia mais oradores enfiados nos trólebus do que no *Hyde Park*. Mesmo antes, em épocas mais alegres, Aleksei Ióssifovitch ficava temeroso quando, entre os passageiros, começavam mexericos sonoros. Um dia, um sujeito brincalhão entrou no trólebus — embora raramente, isso acontecia. O sujeito farejou o ar e disse:

— Cidadãos, que perfume delicioso de alho... Camaradas, embora ainda não esteja claro quem exala esse odor agradável, agora ele é nosso, é coletivo.

Alguns ficaram calados, mas alguns deram risada, e Aleksei Ióssifovitch baixou os olhos e encolheu a cabeça entre os ombros. Não fora ele quem comera o alho, mas seu coração parou. "Agora vão me golpear pelas costas com uma palavra terrível... Agora vão dizer..." Mas não disseram... Passou... E numa outra vez passou também... E ainda numa outra... No entanto, Aleksei Ióssifovitch esperava... Até que, certo dia, no trólebus nº 20, que fazia o itinerário da avenida Marx à Floresta dos Abetos Prateados (uma pomposa denominação eslava), um russo disse a Aleksei Ióssifovitch, olhando-o nos olhos:

— Se nós não tivéssemos que escrever receitas em latim, há muito tempo teríamos esganado todos vocês, *jides*.

E o trólebus, esse coletivo espontâneo, apoiou o orador com um silêncio que manifestava aprovação. Pois, num coletivo russo, o judeu é uma peça importante, indispensável, para a sensação de unidade nacional.

Aleksei Ióssifovitch não saltou do trólebus, mas praticamente despencou na praça de Púchkin, o gênio russo, onde ficou longo tempo sentado, com a mão no

coração.

Dois dias depois, foi para Leningrado por uma incumbência da revista *O teatro,* e, durante toda a viagem, um russo de sua cabine dirigiu-se a ele “com a maior sinceridade”.

De um modo geral, o antissemitismo no transporte urbano distingue-se nitidamente do antissemitismo no transporte ferroviário. Dentro da cidade, as distâncias são curtas, há aperto e uma troca rápida de personagens, tudo isso conduz ao dinamismo, à gritaria, a fórmulas prontas, como *slogans*. No trem, acontece o oposto. Tudo é mais livre, há tempo de sobra para se familiarizar com os companheiros de viagem. Fazem reflexões ponderadas, “a bem da verdade”, análises. Aqui, quando o sujeito não quer gritar, mas raciocinar, observa-se o primeiro mandamento de um antissemita. O primeiro mandamento consiste em dizer que ele tem muitos amigos judeus. E em refletir sobre a fraternidade. Foi exatamente no estilo do antissemitismo sob o embalo do trem, as batidas das rodas, que Dostoiévski escrevera, em março de 1877, sua “Questão judaica”.[223]

— Sim, sim — aprovava Aleksei Ióssifovitch —, concordo com o senhor... Eu sempre fui um internacionalista, e há muito não observo os preconceitos da minha nação... Até meu sobrenome é internacional, Ívolguin, e sou casado com uma bielorrussa... E recebo com gratidão o apelo de Fiódor Mikháilovitch,[224] “Viva a fraternidade!”. Concordo com Fiódor Mikháilovitch quando ele diz que é mais provável um judeu não ser capaz de entender um russo do que o contrário... Cá entre nós — acrescentou com os olhos brilhando, contente por encontrar uma pessoa culta, e não um baderneiro —, cá entre nós, eu nunca gostei de mulheres judias... São desleixadas, nervosas e, em assuntos íntimos, têm aquela avidez judia... As eslavas são melhores — e o crítico de arte Aleksei Ióssifovitch, confiante, deu um estalido com os lábios.

De fato, dizendo qualquer indecência por desejo de agradar seu interlocutor, Aleksei Ióssifovitch disse uma verdade. Quando um povo cai em desespero, isso se reflete, antes de tudo, na mulher, pois ela é a feição nacional do povo. Nos campos de concentração cotidianos, que eram os assentamentos judeus, nas noites nupciais azedas de primos e primas, em quartos abafados — para que correntes de ar não resfriassem os pulmões tuberculosos —, a feição das beldades bíblicas, a cada geração, decaía mais. Mulheres de narizes desproporcionais, coxas ossudas e barrigas flácidas geravam filhos de ossos estreitos, encurvados, fracos, doentes... Por isso todos os que, por acaso, nasciam saudáveis esforçavam-se por fugir de tudo o que é judeu, apesar das severas

proibições dos talmudistas dogmáticos; os corpos sãos fugiam, salvavam-se dos campos de concentração cotidianos, onde os judeus eram trancafiados para sua decadência e degeneração... Fugiam também algumas mulheres bonitas que, seguindo seu instinto biológico, empenhavam-se em perpetuar não a sua própria estirpe, que perecia, mas uma estirpe estrangeira e forte. Fugiam também os mais inteligentes, tenazes e habilidosos... Passavam por qualquer fresta, por qualquer abertura... Como escreveu Herzen: "A necessidade fez os *jides* se tornarem astutos e engenhosos". Ninguém convocava fóruns internacionais por esse pretexto, ninguém criava fundos financeiros internacionais humanitários. Os que pereciam se salvavam sozinhos. Eles fugiam do que é judeu para preservar a própria humanidade. Mas só compreenderam o preço que pagaram por isso muito mais tarde, embora ainda hoje nem todos o compreendam. Ele é muito maior do que pagou Fausto a Mefisto. Eles não venderam sua alma, mas seu espírito. A alma conserva o homem dentro do homem, enquanto o espírito conserva Deus dentro do homem. Os que fugiram de si mesmos salvaram sua alma, mas arruinaram seu espírito...

Assim fugira de um assentamento o avô de Aleksei Ióssifovitch Ívolguin, com um nome cômico para o ouvido eslavo, Chaim, e o sobrenome Katz... Katz era um bom sobrenome para se conseguir um ganha-pão na Alemanha, mas na Rússia era necessário outro... Então Ióssif Katz, filho de Chaim, comprou de um comissário de polícia o sobrenome Ívolguin. E foi uma pechincha: cinco rublos de prata. Mas, se estivesse em um distrito remoto, por um rublo de prata compraria até o sobrenome da sua majestade imperial, Románov. No entanto, Ióssif Katz, um dentista, comprou seu sobrenome em São Petersburgo, onde a vida era mais cara. E aceitou o que lhe deram — já que tinha que ser Ívolguin... Como depois lhe foi grato seu filho, Ívolguin, Aleksei Ióssifovitch... Para um judeu da Rússia, uma herança dessas é melhor do que qualquer capital, do que qualquer propriedade. Assim, o recém-criado Ióssif Ívolguin era daqueles judeus que viviam bem, porque sabiam trabalhar com mais habilidade em seu ofício, e a Rússia, cada vez mais, precisava de hábeis engenheiros, advogados e outras profissões que eram vistas com suspeita pelos camponeses e proprietários de terras russos. Esses patriotas russos de origem judia se reuniam no jornal petersburguês *A Palavra*,[225] que *O Estandarte Russo*, das Centenas Negras,[226] chamava, não sem razão, de judeu. Quanto mais *A Palavra* publicava artigos contra o sionismo, acusando-o de tentar atrair os judeus para o âmbito de um nacionalismo estreito, e não para a cooperação fraternal com o grande povo russo, mais esbravejava *O Estandarte Russo*, das Centenas Negras, que também

publicava artigos contra o sionismo, mas estes eram mais inebriantes e desdenhosos, exigindo a prevenção da tomada de poder da humanidade pelo *kahal* mundial de judeus... As Centenas Negras faziam a carpintaria pesada, enquanto os judeus russófilos pequenos reparos... O doutor Dubróvin, líder da União do Povo Russo, ficava verde de raiva quando lia *A palavra*... A causa vital de um verdadeiro russo — a propaganda antissemita — foi passada para as mãos de judeus intelectualizados, e a eles coube o pedaço mais saboroso... Pois esses tratantes até com o antissemitismo conseguiram lucrar...

Ah, o jornal *A palavra*... Aleksei Ióssifovitch começara sua carreira de crítico literário precisamente lá, publicando, quando ainda um jovem jornalista, uma nota descrevendo como, em certo lugarejo, talmudistas perseguiram um adolescente que havia adotado o cristianismo. E o comissário de polícia, pelo que diziam, não havia reagido às queixas do sacerdote, porque fora subornado por ricos doadores da sinagoga. No entanto, agora Aleksei Ióssifovitch raramente conseguia permissão para se expressar contra os cosmopolitas nas páginas de jornais, e isso foi um péssimo sinal. Recentemente havia ocorrido a ele um caso bastante desagradável. Aleksei Ióssifovitch escrevera um artigo longo analisando como, por trás dos métodos aparentemente românticos de Mikhoels, transparecia o nacionalismo judeu pequeno-burguês. O artigo tratava de um tema atual, mas não fora aceito. De repente, ele viu seu artigo, um pouco modificado, numa forma mais primitiva, assinado por um conhecido e influente sobrenome russo terminando em “ov”. Aleksei Ióssifovitch ficou desnorteado. No fim das contas, não queria louros, “cuspo sobre o bronze pesadíssimo”.[227] No entanto, em sua versão original, o artigo seria muito mais proveitoso para a propaganda patriótica... Sim, o que o doutor Dubróvin sonhara em 1905, o ano dos *pogroms* ortodoxos, realizou-se em 1952, o ano de aço e das armas. O judeu era cada vez mais afastado da propaganda patriótica russa. Até sua habilidade era sacrificada em nome dos princípios. Tempos terríveis haviam chegado para Aleksei Ióssifovitch. Por toda parte, jornais recusavam seus serviços, e quem podia saber se amanhã ele não seria privado de seu ganha-pão na universidade?

— Ligue para Fadéiev — Klávdia sussurrava na cama —, ele ajudará. Se não fosse o incidente com minha irmã Vália, eu mesmo iria até ele na qualidade de sua mulher e de uma bielorrussa.

Nessa época, Aleksei Ióssifovitch desenvolveu a conhecida doença de quem não espera mais nada de bom do mundo exterior. Ele passou a temer mais a porta de entrada do que um animal selvagem: De repente tocam a campainha, fazem um escarcéu estranho, com batidas de pés...

Seu vizinho, o zelador, levantava-se cedo. Ao ouvir seus passos no corredor, Aleksei Ióssifovitch pensava com a cabeça doendo: “Eis uma profissão segura para um judeu — zelador. Nosso vizinho é esperto, eu jamais teria pensado nisso. Em caso de genocídio, a profissão não o salvará. Mas, em caso de um extermínio baseado na luta de classes, é das mais seguras profissões”.

— Ligue para Fadéiev — repetia Klávdia, com sua teimosia feminina, vendo a salvação somente no adultério espiritual.

— Está bem — disse Aleksei Ióssifovitch. — Amanhã eu ligarei.

Se o disse para acalmar a esposa ou se realmente havia se decidido, ainda não estava claro para ele... Mas, em 1952, o que significava “amanhã” para quem trabalhava na cultura, a esfera mais perigosa da construção do socialismo? Cada “amanhã” exigia novos sacrifícios, como se fosse um ídolo pagão cruel. Mas as vítimas humanas não eram substituídas por ovelhas, como acontecera a Abraão, que, ao chamado do Anjo, trocara Isaac por uma ovelha, para ser imolada no fogo em seu lugar.[228] A manada humana sacrificável diminuiu tanto que as vítimas passaram a ser escolhidas entre os mais bem colocados. Cada artigo sobre as questões da luta ideológica exigia novas vítimas, assim como cada reunião a portas fechadas e cada assembleia geral. E o “amanhã” de Ívolguin também chegou: deram-lhe uma punhalada em um seminário que discutia as questões da representação do inimigo de classe na dramaturgia contemporânea. E do que se lembraram? Do tempo em que Ívolguin era jovem e desejava chamar a atenção. E como concentrar a atenção em si se não com uma boa polêmica? A polêmica, em particular, fora contra os que achavam que o inimigo de classe só podia ser representado se fosse ridicularizado, caricaturado... “Um membro do Komsomol,” dizia, “não é capaz de criar a imagem do inimigo de classe com todas as suas nuances psicológicas. Certamente, é possível representar o inimigo de um modo ridículo e caricatural. Fazendo isso, o artista expressa apenas a sua própria atitude, o ódio contra seu inimigo. Mas isso seria um procedimento satírico que deveria ser espalhado por toda a obra”.

— Em outras palavras, Ívolguin pede que, além da caricatura do inimigo de classe, criem uma atmosfera caricatural da realidade soviética, para que a impressão artística geral não seja prejudicada. Ele afirma que, ao lado do Khlestakóv moderno, não deveria existir um caráter soviético moderno, um caráter positivo e pleno, mas que é preciso de um Prefeito soviético, de um Skvoznik-Dmukhanóvski[229] qualquer...

“Como está abafado aqui, estou sufocando... Seria possível abrir as janelas?...

Abri-las inteiramente... Tenham piedade... Não espero que me perdoem, não tenho direito de ter esperanças, apenas tenham piedade de mim.”

— Cito: “Retratar o inimigo de classe tal como ele é, em todo o seu desenvolvimento filosófico e psicológico, em toda a amplitude de sua atuação...”. Em outras palavras, com a desculpa da objetividade, Ívolguin clama que levem ao palco sermões antissoviéticos...

— Ívolguin... Ívolguin... Ívolguin... Ívolguin...

E de repente alguém disse: “Katz”...

— Ívolguin-Katz, assim como seu amado Meyerhold, pertence, com o perdão da palavra, à plêiade que Lunatchárski chamou de “*intelligentsia* azeda”, e, apesar dos erros que o próprio Lunatchárski cometeu depois, nessa questão ele tinha razão...

— Stanislávski também se rendeu às influências estrangeiras, ao realismo burguês... No entanto, ele achou forças em si mesmo...

Aleksei Ióssifovitch vivenciou, nesse instante, um estado de espírito estranho, uma miragem espiritual, uma condição inesperada. Lembrava-se sempre das palavras do russo do trólebus nº 20, da linha Avenida Marx–Floresta dos Abetos Prateados: “Se nós não tivéssemos que escrever receitas em latim, há muito tempo teríamos esganado vocês, *jides*”. E agora os esganavam... Será que aprenderam a escrever em latim? Não, meus caros, vocês ainda não sabem o que é o latim. Nosso latim está no fundo do coração. Enterrado profundamente, como um defunto querido. E, em cima dele, a sólida terra preta[230] do povo e a argila estéril da *intelligentsia* arrependida.

“Às quatro horas celebraram uma missa solene. Eu estava no paraíso. O órgão soava. Longas aleias de véus brancos. O repique suave dos sinos de prata embalados pelas mãos suaves de meninos pálidos. O coro dos anjos. Lábaros de rendas delicadas e perfumadas. As velas e a luz diurna se alastrando das janelas. Nuvens de fumaça espiralando dos incensários e o outono dourado atrás dos vitrais. As estátuas da Madonna; o ruído dos que faziam suas preces sobre o piso de pedra era tão abafado como o sussurro das folhas do lado de fora. Fiquei ali longo tempo, até que o cansaço me obrigou a ir embora.”

Esse era Meyerhold na época da encenação de *A Irmã Beatriz*.[231] Eis o que é o latim, camarada...

Quando o seminário terminou, todos os que saíram viram Aleksei Ióssifovitch sentado numa poltrona profunda e macia, num salão em frente à sala de reunião. Uma luz lateral iluminava-lhe o rosto, um rosto duro de defunto, branco como

mármore. Com o corpo todo estirado, a nuca apoiada no encosto da poltrona e a cabeça jogada para trás, ele escorava as mãos, brancas como mármore, esticadas bem para a frente, no elegante castão, grosso e com um monograma de cobre, de sua bengala nodosa e coberta de verniz amarelo. Assim ele se sentava, e todos passavam por ele como se passassem por cima de um cadáver espezinhado. Quando o Senhor olhou para ele, teve pena de Seu santo nome, que fora tão desonrado, e disse:

— Não é por vós que faço isso, mas por Meu Santo Nome, que vós profanastes entre as nações por onde passastes. Santificarei o meu grande nome, que profanastes entre as nações, e as nações saberão que sou o Senhor quando Eu mostrar, aos seus olhos, minha santidade em vós. Eu vos tirarei dentre as nações, vos reunirei de todos os países, e vos conduzirei a vossa terra. Então borrifarei água pura sobre vós e vós sereis purificados de todas as vossas imundícies, de todos os vossos ídolos vos purificarei. Eu vos darei um coração novo e um espírito novo, tirarei de vossa carne o coração de pedra e vos darei um de carne. [...] Então vos lembrareis de vossos caminhos ruins e de vossas ações rancorosas, e vós sentireis repulsa por vós mesmos em virtude de vossas iniquidades e vilanias. [...] Os povos que restarem em torno de vós saberão que Eu, o Senhor, reedifiquei as cidades destruídas e cultivei o deserto. Eu, o Senhor, o disse e o faço.[232]

Assim falava o Senhor, olhando para Aleksei Ióssifovitch, espezinhado por sua insignificância, da tribo de Rúben, e, enquanto Ele falava, a profetisa Pelágia, sentada num banquinho perto do parapeito da janela, lia Suas palavras no livro do profeta Ezequiel, na Bíblia que ganhara da velha Tchesnokova. Seu pai, Dã, a Áspide, o Anticristo, nesse momento, varria as folhas de outono caídas no pátio, que, umedecidas pela chuva, haviam grudado na terra. Esse trabalho era difícil e demorado, prolongava-se até a noite, e sua filha adotiva, a profetisa Pelágia, pegou uma pá de madeira e saiu para ajudá-lo. Assim eles trabalhavam até que, entre os inquilinos que passavam, surgiu seu vizinho, Aleksei Ióssifovitch, que andava como um cego, tateando o caminho com sua bengala elegante comprada em Sótchi. Ao terminarem o trabalho, pai e filha foram tomar o chá da tarde, pobre mas feliz, num estado de amor mútuo. E a família Ívolguin se sentou para seu rico e amargo jantar, segundo a receita das parábolas de Salomão: carne de boi gordurosa e frita...

Nervoso e angustiado, Ívolguin-Katz empanturrou-se de carne gordurosa e foi se deitar. O medo invadiu a família Ívolguin. Mesmo Saviéli, o adolescente mestiço que fazia tempo que não pensava em nada além do corpo feminino,

sentido através de sua prima Nínotchka, assustou-se com o estado do pai e disse:

— Papai e mamãe, eu não vou mais magoar vocês...

No entanto. Klávdia, mergulhada em sua tristeza, gritou para ele:

— Vá para o seu quarto!

Desse modo, Saviéli retirou-se para seu quarto e, ao se ver sozinho, sem ninguém o controlar, entregou-se ao pecado. E Klávdia começou sua habitual conversa sob os lençóis:

— Ligue para Fadéiev... Depois será tarde.

— Está bem — respondeu Ívolguin —, ligarei amanhã.

Ele dormiu ou desmaiou de medo. E sonhou que realmente ligava para o secretário-geral da União dos Escritores Soviéticos, membro do Comitê Central, deputado do Soviete Supremo. Ele falava com Fadéiev ao telefone. E o telefone era um cone de jornal, o mesmo usado, em bancas ou na feira, para embalar alguns tipos de produtos. Claro que não foi apenas por meio de um cone de jornal que Aleksei Ióssifovitch conseguiu uma ligação com o camarada Fadéiev. Algo se pendurava em seu ombro, uma espécie de bolsa, e Aleksei Ióssifovitch sabia que isso era parte do aparato de ligação direta. Mas ele apenas sentia seu peso, não conseguia vê-lo nem apalpá-lo. Na realidade, usava somente o cone de papel para falar, como se fosse um megafone.

— Salve, camarada Fadéiev — disse Aleksei Ióssifovitch.

— Salve, camarada Ívolguin — soava do cone de papel.

Um peso saiu-lhe do coração. “Chamou-me de camarada. E não de Katz.”

— Camarada Fadéiev — Aleksei Ióssifovitch dizia dentro do cone —, hoje, no seminário sobre a representação do inimigo de classe na dramaturgia, um grupo de pessoas, que não é digno de confiança política, fez as mais absurdas acusações contra mim... Sim, absurdas, camarada Fadéiev...

No cone de papel, fez-se um longo silêncio, mas sentia-se que a ligação não fora cortada: o camarada Fadéiev simplesmente refletia para não dar uma resposta apressada... Após uma longa pausa, o camarada Fadéiev respondeu do cone de papel.

— Por acaso sou pago porque amo meu avô?

Fadéiev não havia refletido à toa, sua resposta era algo filosófica, uma espécie de parábola. Mas qual era seu sentido?

— Camarada Fadéiev — Aleksei Ióssifovitch gritava dentro do cone —, explique-me...

A ligação ficou mais baixa, e não foi possível espremer mais nada do cone de jornal. Aleksei Ióssifovitch acordou suando frio.

A noite estava bem avançada, quase amanhecia, o momento mais imóvel de uma grande cidade insone. A noite se calava e a alvorada ainda não tinha despertado... A esposa dormia e o quarto de Saviéli, atrás da parede, estava silencioso. Aleksei Ióssifovitch sentou-se rapidamente à escrivaninha e escreveu, sob a luz de um abajur, uma carta breve e clara a Fadéiev. Não omitiu nada... Depois se vestiu, foi para o corredor na ponta dos pés, tentando não respirar, destrancou a porta e saiu. Tremendo por causa da umidade da alvorada outonal, foi até a primeira caixa do correio e, logo que depositou a carta, sentiu todos os seus membros estremecerem; agarrou a fria caixa de metal pública e, como um bêbado, lastimou entre lágrimas sua vida arruinada... O que o havia arruinado? Por que se sentia tão ferido? Será que ele era o primeiro homem arruinado do mundo? Mas ele não vivia por si mesmo, pelo que ele era, nem decaía por isso. *Ivan e Mária*[233] não haviam se encontrado para conceber Aleksei Ióssifovitch, e foi isso que o arruinou... Que lástima, que lástima... Ah, se ele fosse fruto de uma concepção imaculada, e não de Ióssif Chaímovitch... Aleksei Ióssifovitch encostou a testa no metal frio e indiferente da caixa do correio, que, a partir desse dia e de forma irrecuperável, o separou da carta para o camarada Fadéiev, escrita sob o abalo de um sonho estranho. E, através de seu choro confuso, ele repetiu as maldições do profeta Jeremias, dirigindo-as a si mesmo: “Maldito seja o dia em que nasci! O dia em que minha mãe me gerou não será abençoado! Maldito seja o homem que trouxe a boa nova a meu pai, dizendo: ‘Tu teves um filho’, causando-lhe grande alegria. E que esse homem seja como as cidades que o Senhor destruiu sem piedade, que ele ouça os brados pela manhã e os prantos ao meio-dia. Por que ele não me matou no ventre materno? Assim minha mãe seria meu caixão e seu ventre ficaria eternamente grávido”.[234]

Pela primeira vez e subitamente, através do pranto nacional, Ívolguin-Katz sentiu sua verdadeira alma; até então, ele somente estremecia e se acovardava impiamente à maneira judia, mas ria e chorava impiamente à maneira russa. Cada um possui seu choro, seu riso, seu temor... O russo, em seu temor, é religioso, enquanto o judeu é ateísta. O russo ri largamente, se esquecendo de tudo, ri como um ébrio, como uma criança, de modo antirreligioso, e chora do fundo do coração, livremente. Mas o riso e o choro nacionais judeus não possuem a liberdade ímpia dos russos. O riso e o choro judeus são voltados para Deus... Ao rir e chorar, o judeu não se afasta de si, pois, rindo ou chorando, ele ainda se vê de fora. Seu riso é irônico e seu choro sensato. Apenas no temor o judeu cai no esquecimento, no ateísmo, violando a promessa feita por Abraão ao

Senhor...

Desde essa alvorada de outono, quando, pela primeira vez, Aleksei Ióssifovitch chorou à maneira judia, algo sucedeu a sua alma, e ele se meteu na cama e ficou à espera de sua prisão... O ano de aço e das armas chegou ao fim, e começou 1953, um ano incomum e blindado, e sua prisão ainda não havia ocorrido. “Não pode ser,” pensava Aleksei Ióssifovitch, preocupado, “serei preso em janeiro, nos primeiros dias.”

À noite, o planeta Vênus brilhava intensamente. Não seria ela mesma, a estrela de Belém? Não estaria o Natal ligado a Vênus?

Dã, a Áspide, o Anticristo, limpava a neve do pátio e da rua em frente ao seu edifício, e lembrava como eram frias e estreladas as noites de dezembro e de janeiro perto de Belém, onde Rute, a moabita, se unira a Boaz, para perpetuar a tribo de Judá. Na constelação do Sagitário, cintilava a sensual e radiante Vênus... Desde meados de janeiro, havia nevado muito e o Anticristo não conseguia limpar a rua sozinho, por isso sua filha, a profetisa Pelágia, ajudava-o. Nessa época, Vênus já tinha se deslocado para a constelação do Capricórnio e, no fim do mês, no degelo, com as ruas escorregadias, Vênus passou para a constelação do Aquário...

“Vão me prender em fevereiro,” pensava Aleksei Ióssifovitch, “nos primeiros dias de fevereiro os médicos assassinos[235] de jalecos brancos confirmaram definitivamente as reflexões ponderadas, sob o embalo do trem, de Dostoiévski... Não pró, mas contra...”[236]

Ao longo de fevereiro, as ruas continuaram escorregadias e, em março, além do regelo, começou a ventar. Agora Vênus, a estrela de Natal, brilhava na constelação de Áries... Em 2 de março, Aleksei Ióssifovitch, enfim, foi preso. Levaram-no diretamente de sua cama, onde ele se deitava coberto por emplastros à base de mostarda, para curar o vento frio da gripe.

O investigador era um ucraniano de sobrenome Serdiuk. Um sobrenome militar, cossaco. Era possível encontrar um sargento com esse nome, assim como um general ou um oficial reformado e literato... No caso, tratava-se do capitão Serdiuk... Um jovem de Vínnitsa, onde conheciam muito bem os judeus.

Vivia ali certo Chaim,
Por todos adorado...

Serdiuk elaborava o protocolo tentando se livrar do inoportuno refrão, como se afugentasse uma mosca. Ele disse:

— Agora diga, cara de pau: onde você está escondendo o ouro?

E, subitamente, Aleksei Ióssifovitch mostrou os dentes, muito assustado:

— Só faltou me falar “cara de judeu”, e o senhor ainda se diz um investigador soviético...

Então Serdiuk passou a tratá-lo por senhor, com cortesia, e disse:

— Tenha a bondade, coloque-se a par deste material — e lhe estendeu uma pasta.

Satisfeito com sua pequena vitória, Aleksei Ióssifovitch soergueu-se para pegar a pasta, e, nesse instante, Serdiuk acertou-lhe os dentes com seu punho-martelo de cossaco... Aleksei Ióssifovitch recuou com as pernas um pouco dobradas, andando de trás para a frente. Ele andou, andou, andou... O gabinete não era tão grande, mas também não era pequeno. Ele andou, andou, andou... Daí não foi possível ir adiante, e ele bateu com a nuca contra a parede.

Assim, o capitão Serdiuk conduziu seu interrogatório de forma equivocada, e isso lhe foi imputado quando a legalidade foi restabelecida. Ele foi dispensado dos órgãos, ingressando no instituto de odontologia, pois ainda era jovem e podia abraçar outra carreira, ainda que fosse parente da anterior. Antes ele quebrava dentes, agora aprendia a colocá-los de volta. Ou seja, corrigia os erros cometidos no passado. E Aleksei Ióssifovitch Ívolguin, da tribo de Rúben, morto durante o interrogatório, finalmente se juntou ao seu povo.

Nesse ano, havia longos pingentes de gelo nos telhados, anunciando longa primavera. Gansos migratórios voavam alto: sinal de água e de enchentes. Muita seiva acumulada nas bétulas: um verão chuvoso...[237] Entre as águas da primavera, entre as chuvas de verão, o ano de 1953, incomum e blindado, se desfazia, ia embora. Tudo embotou, perdeu a solidez e a seriedade. E um camponês rico e gordo, de rosto redondo, [238] chegado a ditos populares, incumbiu-se de explicar à Rússia sua eterna questão. Mas isso aconteceu um pouco mais tarde. Antes, começou uma fase muito desinteressante, e a população viveu de maneira desinteressante por volta de dois anos, de modo que o Anticristo e a profetisa Pelágia não tinham muito a fazer — o Senhor não lhes enviou nada de novo... A profetisa só usou de sua força uma vez, castigando Saviéli, que, torturado pelo terceiro flagelo do Senhor, a espiava no toalete da sala de banhos... Por ser um jovem, a profetisa o castigou cruelmente, e ele foi levado para uma clínica psiquiátrica. Então Klávdia, que havia se tornado uma mulher solitária, uma viúva inconsolável e uma mãe sofredora, passou a visitar o zelador. Como todas as criaturas essencialmente más que sofreram um grande infortúnio, ela não ficou mais bondosa, porém mais tola. Mas existem diversos tipos de tolices, e a tolice em uma pessoa maldosa torna-a inquieta. Lágrimas

jorram facilmente, por qualquer motivo, e ela compartilha suas tristezas, de forma indiscreta, com qualquer um. Assim, subitamente, de uma mulher ranheta e destemida, Klávdia se transformou numa velhinha desamparada, tola e enfadonha...

Nínotchka Kukharienko, ao visitar sua tia, encontrou-a nesse estado. Apesar de seus tormentos, Nínotchka havia se transformado numa moça bonita e forte, mas não muito inteligente, por isso recentemente se casara de forma irrefletida. Encontrando-se depois de um longo intervalo, a sobrinha e a tia deram-se bem. Depois Nínotchka contou sobre o encontro ao Anticristo e à profetisa Pelágia:

— Nós nos atiramos aos braços uma da outra, gritamos e choramos.

Desde então, volta e meia elas iam tomar chá com a família do zelador, Dã Iákovlevitch. Nínotchka, uma jovem falante, contava:

— Em 1949, meus pais foram vítimas da repressão e, no mesmo processo, foi envolvida a família Iarnutóvski. Claro que naquele tempo eu era muito pequena, mas me lembro de várias coisas, mesmo da época em que ainda me carregavam no colo.

A essa altura, Klávdia geralmente desatava no choro e dizia:

— Bravo! Você conseguiu se conduzir na vida, não se levou por um mau caminho. E como você se parece com a minha irmã Vália...

— Procurei meus pais por dois anos — contava Nínotchka ao Anticristo e à profetisa Pelágia. — No começo, eu encontrei a mãe do Iarnutóvski, Vassilina Matvéievna. Ela também dedicou um bom tempo à procura de seus parentes pela Bielorrússia, mas não solicitou ajuda da União, porque estava doente e era analfabeta. Mas ela se afligia muito com seu filho Nikolai. Quem nos ajudou nas buscas foi o ex-ministro de Justiça da Bielorrússia, o camarada Vetróv.

Nesse ponto, Klávdia voltou a chorar, lembrando-se de seu marido, Aleksei Ióssifovitch, e da doença grave de seu filho, Saviéli.

— Vamos embora, tia — disse Nínotchka —, você está transtornada.

— Não, fale, fale. Dã Iákovlevitch é um homem bondoso. Ah, como é agradável desabafar as mágoas com um homem bom, como é prazeroso, eu sei por mim mesma.

Nínotchka continuava:

— Não foi possível encontrar meu pai (ao que parece, ele não estava mais vivo), nem os Iarnutóvski, mas a minha mãe, Valentina, eu consegui achar... Porém, ao achá-la, fiquei muito desapontada, pois vi uma mulher totalmente dominada pela bebida, e foi muito doloroso perceber que, naquele período tão difícil de sua vida, ela não conseguiu resistir e se entregou. Porém, ao me

encontrar, ela não pôde continuar assim e se matou, afogou-se no Volga...

Nínotchka se calou e Klávdia aquietou-se, não chorando como de costume, embora, aparentemente, fosse o momento mais apropriado para isso... O Anticristo e sua filha, a profetisa Pelágia, também ficaram em silêncio. “Aqui se manifesta aquele sofrimento que, para os filósofos cristãos, é a medida de todas as coisas,” pensava o Anticristo. “No entanto, somente o homem bom se torna mais inteligente com o sofrimento; o homem ruim, sem personalidade, pode apenas atoleimar. É por isso que os sofrimentos e a tolice são mais difundidos no mundo.”

— Meu pai, Aleksándr Semiónovitch Kukharienko — continuava Nínotchka —, ficou preso no campo de Burepolómski,[239] mas ninguém sabe onde ele foi parar depois. Minha mãe me disse que ele lhe escreveu até o momento em que ela sonhou com a morte dele.

— Minha irmã era tão bonita... — disse Klávdia, pressionando um lenço contra os olhos.

— Sim — disse Nínotchka —, minha mãe tinha uma constituição robusta e uma beleza encantadora. No verão, usava uma blusinha branca, uma saia cinza e um lenço branco na cabeça e, no inverno, botas cromadas, saia de um delicado xadrez e um casaquinho com gola felpuda ruivo-acinzentada... Lembro que havia flores amarelas perto de nossa casa... Às vezes fico triste, especialmente de noite... Mas não é nada... Pois eu sou motorista, trabalho num caminhão, assim como meu marido Fiédia.[240] Não foi à toa que escolhi essa especialidade. Em caso de guerra, serei a primeira a ir para o *front*, me sentarei em um tanque e me vingarei dos imperialistas, por todos nós. Eu entendo que, se não fosse o cerco imperialista, tudo seria diferente.

Nínotchka tinha vindo por pouco tempo e, no dia seguinte, após essa conversa noturna, ela deveria voltar para casa, no Extremo Oriente, onde ela havia crescido, no orfanato.

— A pátria não se esqueceu de mim, me deu abrigo e educação — dizia Nínotchka —, eu me casei, caí em boas mãos... Meu irmão Míchenka morreu de febre tifoide em Tobólsk. Eu sou a única sobrevivente da família Kukharienko. E, de repente, tenho a impressão de que estou sozinha no mundo, claro, em meu coletivo, grande e unido...

Depois isso, ela foi se deitar acompanhada por sua tia atenciosa, para que não perdesse o trem na manhã seguinte.

Aristóteles, um contemporâneo dos últimos profetas bíblicos, trezentos anos

antes do nascimento de Cristo e da deturpação desse grande personagem bíblico, escrevera que sem ação não há tragédia, mas pode haver tragédia sem personagens. Por exemplo, segundo ele, a maior parte das novas tragédias não representam personagens, pois a tragédia não é uma imitação dos homens, mas da ação e da vida, da felicidade e da infelicidade, e ambas residem no interior da ação.[241]

Depois de 1953, começou na Rússia um período em que, conforme Aristóteles, a ação histórica continuava, mas as personagens desapareciam. A tragédia conclui a vida, ou um período de vida, de um homem e de uma nação, a comédia a reanima. Diante do Anticristo, o enviado do Senhor, a personagem passou pela coletivização torturante, pela guerra nefasta e pelas esperanças do pós-guerra; pelo segundo flagelo do Senhor — a fome —, pelo primeiro — a espada —, e pelo terceiro — o adultério... Mas, ao chegar ao quarto flagelo — a doença, a chaga do espírito —, a personagem já quase havia desaparecido, em definitivo, tornando-se mais fraca e mais trivial, embora a força da infelicidade não tivesse diminuído, mas aumentado. No entanto, se olhássemos de cima, perceberíamos que mesmo antes, tanto na Rússia como no resto do mundo, houve grandes malfeitores de caráter desinteressante, ordinário e mesquinho, e grandes mártires de alma mesquinha. É pouco provável que Púchkin ou Shakespeare se interessassem pela personalidade de Hitler-Schicklgruber[242] ou de Stálin-Djugachvíli.[243] É pouco provável também que as vítimas de suas crueldades, especialmente no período mais atroz, fossem interessantes como personagens. A grande tragédia perde a personagem, mas, sem personagem, não é possível haver uma existência longa. Daí é a comédia que floresce, então o renascimento acontece através da personagem cômica. E é exatamente assim. Muitas personagens cômicas aparecem no fim dos anos cinquenta e sessenta. Como sempre, na comédia, elas surgem em combinações bizarras, com inclinações estranhas e, com frequência, sem nenhuma explicação, de maneira muito caótica, pois a comédia é o gênero mais afastado do Senhor e, portanto, o mais humano.

Ao voltar da clínica psiquiátrica, Saviéli, de um adolescente de inclinações perversas, virou um jovem sonhador, inofensivo e lírico. E o caminho natural para ele, evidentemente, era seguir no mais cômico dos estabelecimentos de ensino que já existiram no mundo: o Instituto de Literatura da União dos Escritores Soviéticos. Lá ele encontrou pessoas do Volga, conterrâneos da cidade de Bor, da região de Górki, o jovem poeta lírico Andrei Kopóssov e o satírico Sómov. E também Vássia Korobkóv, um rapaz estranho, de biografia misteriosa,

passado da idade de estudar, pelo que diziam um ladrão em outros tempos, de olhos escuros e aparência oriental, quase judia, mas era um notório antissemita que gostava de tumultuar. Com esse grupo dava-se também um velho desleixado, Ilováiski, literato erudito que começou a falar do cristianismo russo bem antes de conversas desse tipo se tornarem respeitadas pela sociedade e valorizadas por mulheres implicantes.

Devemos notar que, ao começar uma conversa, Ilováiski mostrava seu melhor lado, um homem inteligente e um hábil popularizador de ideias. Mas isso apenas na primeira meia hora de contato com ele. Nesses trinta minutos, ele habitualmente esbanjava toda a sua grande sabedoria para depois, o restante do tempo, dizer asneiras sem parar.

Foi o que se deu quando Ilováiski foi apresentado ao Anticristo e à sua filha adotiva, a profetisa Pelágia. Quem proporcionou esse encontro, evidentemente, foi Saviéli, que amava Rute-Pelágia fazia tempo, amava em segredo, como ele, em assuntos do gênero, havia se acostumado a se deleitar. Ilováiski desalinhava-se à maneira dos debatedores russos, mas seus olhos, apesar de claros, não eram abertos como os dos russos. Além disso, ele tinha sido reabilitado e agora bebia todos os dias. Às vezes, ele parecia interessado em Klávdia, a viúva de Aleksei Ióssifovitch Ívolguin, mãe de Saviéli. Em todo caso, quando ele aparecia, Klávdia sempre pintava os lábios e, em lugar do retrato de Stálin, sentado à escrivaninha de seu gabinete no Krêmlin, ela havia pendurado um ícone de Jesus Cristo.

Um dia, eles tomavam chá e travavam o habitual e tedioso debate russo sobre Cristo. Os russos sabem fazer muitas coisas com alegria, inclusive debater. Mas, quando discutem sobre Cristo, é sempre com um tédio surpreendente e de forma confusa, embora convincente. Experimente discutir sobre Cristo com um cristão russo de ideias firmes. Nas primeiras palavras, tem-se a impressão de que é possível falar abertamente com ele e fazê-lo mudar de opinião, pois seus argumentos, à primeira vista, parecem por demais tediosos e ingênuos. No entanto, conforme a discussão se alonga, você se surpreende com uma estranha sensação: sente-se mais inteligente do que o russo, mas é o russo que fala com mais inteligência... Dã, a Áspide, o Anticristo, pensava nessas horas que nem se o seu Irmão, Jesus, da tribo de Judá, um sábio fariseu da casa de Davi, Jesus, o filho adotivo de José, nem se Ele aparecesse em pessoa, conseguiria provar nada sobre si mesmo para um cristão russo como esse, mesmo que tivesse provado habilmente suas ideias aos membros de sua própria seita de fariseus, pois, embora essas pessoas lhe fossem hostis, de um modo geral compartilhavam de

sua visão de mundo e de sua fé na Lei de Moisés... Aqui, as opiniões eram aparentemente iguais às dele, de Cristo, estudadas no Evangelho, mas a visão de mundo expressa nelas lhe era totalmente hostil, estranha. Cada palavra se tornava irreconhecível, a ponto de você, o interlocutor, se sentir impotente diante de suas próprias palavras. Daí surgiu, em essência, a teoria ateísta de que Deus, depois de ter criado o mundo, não mais interferiu em suas questões, pois, visto assim, é como se Deus não mais existisse, apesar ter existido um dia. É na crença na existência remota de Deus que reside a única diferença entre o materialismo teológico e o materialismo comum.

Mas o sentido da discussão era especialmente inatingível quando cristãos russos de ideias firmes começavam a discutir entre si e a dizer a mesma coisa, mas usando palavras tão distintas que a discussão se tornava completamente incoerente. Tudo ganhava um ar tão absurdo que parecia que, a qualquer momento, se desvendaria a incógnita que era inacessível a discussões sensatas, inteligentes... Sem consciência de si, o insensato dirá a Palavra... Aquela Palavra que é o ponto principal do menos judeu dos quatro Evangelhos e o mais apreciado pelo intelectual decadente russo, o Evangelho de João... E os insensatos são levados desse Evangelho ao Apocalipse... O Apocalipse de João é igualmente estimado. Contudo, será aquele mesmo João? A obra menos judia da literatura evangélica é o quarto Evangelho, e a mais judia é o Apocalipse, o livro do ódio e da esperança. É aquele mesmo ódio contra o Império Romano que também sobrecarregou o coração de Cristo. O Apocalipse mostra com evidência o que o Evangelho de Mateus sugere com cautela: o ódio dos construtores do Templo contra os construtores da Torre de Babel, que representa qualquer império. No entanto, o Evangelho de Mateus — assim como os Evangelhos de Marcos e Lucas, mas especialmente o de Mateus — foi escrito com João, o pai do Apocalipse (são irmãos de espírito), enquanto o Evangelho de João foi escrito por um inimigo hábil e talentoso, do ponto de vista literário, não do espiritual. Foi no quarto Evangelho que nasceu originalmente a Palavra, mas seu sentido só fica claro depois. É plástico, à maneira grega, mas se pode sentir a tentativa de dar uma imagem a Deus, o início da divisão entre o bíblico e o grego, entre o cristianismo judaico e o cristianismo pagão. No entanto, acontece justamente o contrário: o Senhor às vezes dá o sentido ao insensato, mas sem a Palavra, o sentido através do pranto divino, inarticulado, da mesma forma que, em 1933, a jovem mártir Maria chorara perto da estação de Andréievka.

Todo o espírito do quarto Evangelho é grego e antibíblico. Mesmo assim, no cosmos não há baixas alturas. O grande é grandioso inclusive na decadência, no

misticismo e na queda. Somente no insignificante não há queda ou decadência. O acmeísta Gumilióv escreveu: “E no Evangelho de João está dito que a Palavra é Deus...”.[244] Claro que não é assim, esse não é o modo bíblico... A Palavra sempre rebaixa o sentido. Em um diálogo entre Deus e um profeta se rebaixa o divino, em um diálogo entre um profeta e o povo se rebaixa o profético. Os profetas sabiam que, na Palavra elevada, Deus é rebaixado e, na Palavra insignificante, Deus está ausente... No entanto, há tempos não existem profetas e o divino fora inúmeras vezes rebaixado, antes de se aproximar do povo através do insignificante.

Por isso, hoje mesmo a Palavra aleatória, grega e não bíblica do quarto Evangelho é valorizada. Mesmo uma Palavra humana, que se adianta ao sentido de Deus...

No auge da acalorada discussão russa sobre Cristo, quando todos — até os habitualmente mais tolos, como Klávdia, a viúva de Aleksei Ióssifovitch — davam mostras de inteligência (por isso não era possível se deter sobre algo ou entender alguma coisa), Ilováiski disse, agarrando com os dedos reumáticos uma xícara de chá de amplo consumo, branca de borda azul, que cheirava a vodca:

— Olhem para este cálice — usou a palavra “cálice” em lugar de “xícara”, pois se achava um conhecedor da Antiguidade —, olhem para este cálice... Agora é um simples cálice... Mas vou jogá-lo no chão e ele se tornará um cálice complexo...

Com efeito, à russa, com modos antiburgueses e impiedosos, ele arremessou no chão o objeto que não lhe pertencia, ouviu-se um estalo, fragmentos se espalharam e todos se calaram, pois realmente o cálice ordinário tornou-se complexo. Então Dã, a Áspide, o Anticristo, entendeu que através desse homem insensato o Senhor lhe enviara um Sinal, permitindo que a Palavra fosse dita antes de seu sentido ser determinado. Sua filha adotiva, Rute, a profetisa Pelágia, também o compreendeu.

Assim, desde 1933, desenrolaram-se as quatro parábolas do Senhor, e cada parábola continha os quatro flagelos do Senhor, revelados através do profeta Ezequiel. Em cada parábola, um dos flagelos se sobrepôs sobre os demais, tornando-se o ponto principal. Ora se sobrepôs o segundo flagelo — a fome —, ora o primeiro — a espada —, ora a terceiro — o animal feroz, o adultério —, ora o quarto — a doença, a peste. Eis que entre esses flagelos se concluiu a vida de uma geração, e agora se faz necessário fazer um balanço por meio de uma quinta parábola. O profeta Moisés fizera um balanço do desígnio de Deus por meio do sangue do Testamento, despejando-o num cálice para depois aspergir o

povo com ele.[245] Moisés não aspergira o povo com a água do rio, mas com o sangue. Mas esse cálice agora havia se quebrado, e sobre isso irá discorrer a quinta parábola, pela qual o Anticristo foi enviado à terra...

182 Principado medieval que originou a Rússia, a Bielorrússia e a Ucrânia.

183 Mikula Selianínovitch, *bogatyr,* guerreiro eslavo de grande habilidade e força, que aparece em várias narrativas bélicas (*bylinas*) do ciclo de Nóvgorod. Símbolo da mulher fiel, Iefrosinia Iaroslavna, pelo que se supõe, foi esposa de Ígor Sviatoslávitch (1151–1201), príncipe de Nóvgorod-Siéverski, e filha de Iarosláv Osmomysl (1135–1187). Sua figura aparece em "O pranto de Iaroslavna", um dos trechos mais poéticos de *O canto da campanha de Ígor* (*Slovo o polku Ígoreve*).

184 Vladímir, o Grande ou São Vladímir (960–1015), príncipe de Nóvgorod e de Kíev, foi responsável pela cristianização da *Rus*, até então um território pagão. Vladímir retirou os embaixadores de Corásmia, uma poderosa região muçulmana situada na Ásia Central, onde se negociava a adoção do islamismo, e adotou a religião cristã.

185 Na verdade, a frase surge em *O capote,* conto escrito por Gógol em 1842.

186 A versão trazida pelo autor é uma mistura de duas antigas canções populares russas: "O garoto na solitária", citada em *A lírica dos blatares* (criminosos) (ed. Fênix, 2001), de Fima Jiganets, e "Vivia em Odessa...", citada no trabalho de Anatóli Gueórguievski (1888–1955), *Os russos no Extremo Oriente, ensaios folclóricos e dialetológicos*, publicado em Vladisvostok entre 1926 e 1932.

187 Sacha é apelido de Aleksándr e Valiucha (ou Vália) de Valentina.

188 Durante a ocupação alemã, formaram-se grupos de resistência armada (*partizans*) nas florestas da Bielorrússia. Vítebsk, a nordeste da Bielorrússia, foi ocupada por nazistas de 11 de julho de 1941 a 26 de junho de 1946. Lá criaram um gueto para isolar os judeus da cidade e de regiões próximas (em 1939, mais de 20% da população de Vítebsk era formada por judeus).

189 Nínotchka é apelido de Nina e Micha (Míchenka) de Mikhail.

190 Espécie de nhoque ucraniano, feito à base de farinha, ovos e creme azedo, cozido em leite ou caldo.

191 Espécie de ravióli recheado normalmente de batata, mas também de queijo, cogumelos, frutas vermelhas, etc.

192 De 1569 a 1795, o Reino da Polônia e o Grão-ducado da Lituânia se uniram, criando a República das duas nações ou a Comunidade polaco-lituana. Com um sistema semifederativo e semidemocrático, o reino se alastrou pela Bielorrússia e Letônia e por partes da Ucrânia, Estônia e Rússia.

193 A Rússia Branca é a Bielorrússia (*biélyi,* "branco"), enquanto a Pequena Rússia a Ucrânia (*Malorrossia, mályi*, "pequeno").

194 Frantsisk Boguchévitch (pseudônimo: Matsei Bugatchók) (1840–1900) foi um dos pais da nova poesia bielorrussa, uma das bases para a construção da ideia nacional bielorrussa, a qual começou a se consolidar no fim do século XIX.

195 O prefácio de *O pífaro bielorrusso*, antologia poética de 1891, é considerado um manifesto do nacionalismo bielorrusso.

196 Ianka Lutchina (pseudônimo de Ivan Neslukhóvski) (1851–1897) foi um poeta nascido em Minsk cuja lírica mesclava elementos do realismo e do romantismo. Escrevia em russo, bielorrusso e polonês. A antologia poética *O feixe*, escrita em bielorrusso, foi publicada em 1903.

197 Gênesis 3:14, 15, que assim se inicia: "Então o Senhor Deus disse à serpente [...]".

198 Apelido de Svetlana.

199 Apelido de Klávdia.

200 Acrônimo de *Naródni Komissariat Vnútrennikh Diel* (Comissariado do Povo para Assuntos Internos).

Substituindo o OGPU, o NKVD era responsável pela segurança do Estado e tinha sob controle a polícia secreta soviética.

201 Aleksándr Fadéiev (1901–1956), escritor, vencedor do prêmio Stálin (1946) com o romance *A jovem guarda* (*Molodaia gvárdia*). Ocupou diversos cargos na União dos Escritores Soviéticos.

202 Salomon Mikhoels (1890–1948), ator e diretor soviético de origem judia, condecorado Artista do Povo da URSS (1949). Durante a Segunda Guerra Mundial, foi presidente do Comitê Judaico Antifascista, iniciativa do governo soviético, mas, em 1948, foi morto por ordem de Stálin com outros membros do comitê.

203 O sobrenome do pai seria Katz, "gato" em iídiche, enquanto Ívolguin vem de *ívolga*, "papa-figo", ave da família dos oriolídeos.

204 Enciclopédia, em dois volumes, organizada e prefaciada pelo filósofo Ivan Iákovlevitch Schipánov (1904–1983), publicada em 1952 em Moscou pela Politizdat (Editora de literatura política da URSS).

205 Os sufixos "ov" e "in" nos sobrenomes são característicos russos, enquanto o "enko" é muito achado entre ucranianos, sobretudo do Leste, e também entre alguns bielorrussos.

206 Aleksándr Blok (1880–1921), expoente da poesia russa simbolista.

207 Área que equivalia à da URSS.

208 Êxodo 2:14. Ao saber da morte do egípcio, o Faraó planejou matar Moisés, que se refugiou na terra de Madiã. (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 105)

209 Êxodo 2:14.

210 Isaías 57:4.

211 Gênesis 15:1.

212 Abrão era o nome original de Abraão, o primeiro patriarca bíblico: "E não mais te chamarás Abrão, mas teu nome será Abraão, pois eu te faço pai de uma multidão de nações" (Gênesis 17:5). (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 54–55) "Abraão é explicado aqui pela assonância com '*ab hamôn*, 'pai de multidão'." (Ibidem, p. 54)

213 Isaías 57:11.

214 Provérbios 14:27.

215 Provérbios 15:17.

216 Provérbios 15:16.

217 Provérbios 16:29, 30.

218 Provérbios 16:31.

219 Ezequiel 36:20.

220 O poema "A casa nova" (*Nóvyi dom*) aparece na *Cartilha* (*Bukvar*, 1934, Editora Estatal de Ensino Pedagógico) do pedagogo Piótr Afanássiev (1874–1944), o qual introduziu um método fônico analítico-sintético de alfabetização que passou a ser utilizado pelas cartilhas russas.

221 Montanhas arredondadas encontradas no extremo leste da Rússia, onde muitos campos de prisioneiros (*láguer*) foram instalados.

222 De "Moscou não acredita em lágrimas", antiga expressão russa (vinda provavelmente da época do Grão Príncipe Ivan Kalitá (1288–1340 ou 1341), quando as povoações vizinhas tinham que pagar altos tributos ao Principado de Moscou) que, em 1979, deu nome ao conhecido filme, *Moskvá slezam ne viérit*, dirigido por Vladímir Menchóv (1939).

223 Trata-se de um artigo que saiu, em 1877, no *Diário de um escritor*, já uma publicação independente de Dostoiévski, e não mais uma coluna da revista *O cidadão*, fundada pelo príncipe Meschérski (1839–1914) e editada pelo escritor em 1873 e 1874. No artigo, Dostoiévski procura se defender de acusações de antissemitismo, inclusive do uso do termo *jid* em seus textos.

224 Nome e patronímico de Dostoiévski.
225 *A Palavra (Riétch)* foi um jornal diário de linha liberal, ligado aos *cadetes* (constitucionais democratas), sobre política, economia e literatura que funcionou entre 1906 e 1917. Em 1918, o jornal circulou ainda como *Nossa palavra (Nacha Riétch), A palavra livre (Svobódnaia riétch), O século* (*Viék*), *Nova palavra (Nóvaia Riétch) e Nosso século (Nach Viék).*
226 *O Estandarte Russo* (*Rússkoie známia*), jornal nacionalista ortodoxo de Petersburgo, funcionou de 1905 a 1917. Foi editado pelo médico Aleksándr Dubróvin (1855–1921), um dos líderes da União do Povo Russo, a qual estava vinculada ao movimento das *Centenas Negras (Tchernossótennyi),* uma organização paramilitar ultraconservadora, apoiada pelo governo tsarista, conhecida pelo xenofobismo e antissemitismo.
227 Trecho do poema "A plenos pulmões" (*V vies golos*, 1929-1930), de Vladímir Maiakóvski. Aqui na tradução de Haroldo de Campos: "[...] Morre, /meu verso, /como um soldado/ anônimo /na lufada do assalto. /Cuspo /sobre o bronze pesadíssimo, /cuspo /sobre o mármore viscoso. [...]". (*Maikóvski, poemas*, ed. Perspectiva, 2006, p. 135).
228 Episódio narrado em "O sacrifício de Abraão" (Gênesis 22). Abraão recebera a ordem divina de sacrificar seu filho Isaac, mas, ao estender a mão para imolar Isaac, o Anjo lhe apareceu: "Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus [...]". (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 61) Na frente de Abraão surgiu, então, um cordeiro.
229 Khlestakóv e o prefeito Skvoznik-Dmukhanóvski são personagens da peça *O Inspetor Geral* (1836), de Nikolai Gógol.
230 Terra preta (*tchenoziom*), solo fértil das estepes e das pradarias do sul da Rússia.
231 Peça de Maurice Maeterlinck (1862–1949) encenada por Vssiévolod Meyerhold (1874–1940) em 1906 no Teatro de Arte Dramática fundado pela atriz Vera Komissarjévskaia (1864–1910) em Petersburgo.
232 Ezequiel 36:22–26, 31, 36.
233 No original, *Ivan da Mária*, nome russo para a planta *Melampyrum nemorosum*, cuja flor, que dá uma vez por ano, tem duas cores distintas, normalmente pétalas amarelas e folhas superiores azuis. Há algumas explicações para o nome russo, baseadas em lendas populares. Uma delas diz que Ivan e Mária, depois de se apaixonarem e de se casarem, descobriram-se irmãos, decidindo se transformar em uma flor de cores distintas e contrastantes. Outra versão do conto diz que eles foram transformados em flor por castigo divino.
234 Jeremias 20:14–18.
235 Trata-se de um processo contra médicos soviéticos de destaque, quase todos judeus, que se deu entre janeiro e março de 1953. Foram acusados de conspirarem com um grupo terrorista ligado a organizações sionistas e da inteligência dos EUA para assassinar líderes soviéticos. Com a morte de Stálin, o processo foi interrompido, e a nova liderança soviética reconheceu que se tratava de uma armação.
236 Alusão ao artigo "O pró e o contra" (continuação de "A Questão Judaica"), publicado por Dostoiévski em *Diário de um escritor,* na mesma edição de março de 1877.
237 Provérbios russos sobre o tempo.
238 Alusão a Nikita Khruschóv.
239 O campo de trabalho correcional (*Ispravítelno-Trudovói Láguer)* Burepolómski, em Níjni Nóvgorod (chamada Górki de 1932 a 1990), era extremamente rigoroso — para lá eram mandados criminosos reincidentes. O campo também é lembrado por ter sediado a primeira grande revolta de detentos (1951).
240 Apelido de Fiódor.
241 Reunião de trechos de *Poética* (de traduções russas da obra).
242 O nome de batismo do pai de Adolf Hitler era Alois Schicklgruber (1837–1903), que mudou seu sobrenome, de origem camponesa, para Hitler (Hiedler) (que veio de seu padrasto), considerando-o mais apropriado para sua carreira política.

243 Sobrenome verdadeiro de Stálin. Há muitas versões sobre a origem do sobrenome “Stálin”, mas depois se espalhou a ideia, ao que parece para fortalecer sua imagem, de que ele teria sido criado de *stal*, “aço” em russo.

244 Do poema “A palavra” (*Slovo*), escrito em 1921 por Nikolai Gumilióv (1886–1921), que, ao lado de Anna Akhmátova (1889–1966), sua esposa, e Óssip Mandelstam (1891–1938), criou o acmeísmo, buscando uma linguagem mais apolínea e clara, pautada no mundo sensível e no cotidiano.

245 Passagem descrita aparece no Êxodo 24: 5, 8: “[...] e imolaram a Iahweh [Senhor] novilhos como sacrifícios de comunhão. [...] Moisés tomou do sangue e o aspergiu sobre o povo, e disse: ‘Este é o sangue da Aliança que Iahweh fez convosco, através de todas essas cláusulas”. (*Bíblia de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 137)

V

Quando o cristianismo, a criança que se tornou órfã, perdeu sua mãe judia — em virtude da eterna rivalidade entre os construtores do Templo e os da Torre de Babel —, ele inicialmente caiu nas mãos dos que sabiam, se não tudo, ao menos muita coisa sobre sua mãe, mas eram hostis a ela. O tutor grego, pois essa figura era principalmente grega, representante de uma base espiritual completamente diferente, fez de tudo para que essa criança não conhecesse a verdade sobre si mesma. Para isso, ele introduziu a vida em reclusão não como um método criativo temporário, usado tanto por Moisés quanto por Jesus, mas como uma rotina monástica permanente, que criou a base ideológica para que a criança fosse definitivamente tirada de sua mãe judaico-cristã, sendo obrigada a esquecer a verdadeira imagem materna, suas verdadeiras esperanças, seus pesares e sofrimentos em meio ao seu povo, que perecia. Na reclusão monástica, deu-se até um novo aspecto físico a Jesus. Não, não era a imagem do sábio fariseu que, já na mocidade, surpreendera professores de cabeleiras brancas, conhecedores da Bíblia, nem a figura daquele que compreendera o sentido prático e a força da doutrina do profeta Jeremias sobre a não resistência ao ímpio, do qual, quando enfraquecido, é possível tomar a própria alma, como um butim. Também não era a aparência do sábio que havia percebido que a voz do profeta é uma voz que clama no deserto. O profeta vaticina o futuro, mas o povo só reconhece a razão do profeta quando o futuro se converte em passado. Por isso o profeta precisa do mesmo poder que possuía Moisés. Cristo-Rei — eis quem é agora o Salvador do povo... Ele sabe como é pesada a cruz do rei dos judeus... Os mais corajosos e desprendidos são ignorantes, os mais sensatos e sábios são covardes e interesseiros. Assim se dá sempre que um povo é oprimido por longo tempo, e isso estava claro para ele, o conhecedor da Bíblia e dos profetas. Ele se lembrava das palavras de Moisés, ele sabia que o Salvador e o Patriota deviam possuir também astúcia, porque o mundo é um covil de lobos. Com pessoas letradas, exprimia-se com a fala afiada e furiosa do experiente polemista; com pessoas ignorantes falava por alegorias, pois o caminho da escuridão passa pelo misticismo, e a confiança do ignorante só pode ser conquistada se este não compreender nada do que ocorre. Se um ignorante entende o particular, rejeita o todo que lhe é inacessível. Desse modo, o milagre se faz necessário tanto no geral como no particular, tanto na ideia principal do que traz alívio ao homem como em pequenas curas. Para a cúpula dos colaboradores letrados, acomodados no trono de Moisés, ele não passava de um impostor irrequieto, o que, a propósito, condiz com a realidade. Eles o entendiam

e por isso o odiavam. Para os ocupadores romanos, ele era o destruidor da Lei de Moisés, um rival da ideologia pagã. Eles não o entendiam e por isso tentaram usá-lo como um colaborador. Dessa sorte, também Jesus repetiu, quase com exatidão, o destino de seu pai espiritual, o profeta Jeremias, que fora colocado no calabouço por seu povo amado e de lá retirado pelos assírios, seus inimigos odiosos. Pois o profeta pode prever e compreender o destino de um povo, mas é impotente diante de seu próprio destino. Assim, o Salvador também era impotente diante de seu destino. A verdade estava nas palavras dos que o ridicularizaram, pregado numa cruz: "Salvou os outros, mas a si mesmo não pode salvar".[246] Ele estava surpreendentemente sozinho, não só na cruz, como também antes de ser colocado nela. Os apóstolos, que ele sempre desprezou interiormente, perto do fim da vida dele, ficariam ainda mais desapontados, procurando um jeito de livrarem-se dele. Os ignorantes, em contato com uma grande personalidade, começam a entender o particular, rejeitando o todo que lhes é inatingível.

Pouco antes da Páscoa, na casa de Simão, o leproso, em Betânia, fortaleceu-se o conflito direto entre Jesus e os apóstolos. Assim foi descrito no mais confiável Evangelho, o de Mateus:

"[...] aproximou-se Dele uma mulher segurando um vaso de alabastro com um unguento de grande valor e o verteu em sua cabeça, enquanto ele se recostava na mesa. Vendo isso, seus discípulos se indignaram, dizendo: 'Para que esse desperdício? Pois se poderia vender esse unguento por uma boa soma e distribuí-la entre os pobres."[247]

Aqui, os apóstolos fazem uma clara alusão ao fato de Jesus não observar seu próprio ensinamento, segundo o qual tudo deve ser repartido com os pobres. Compreendendo a recriminação deles, Jesus respondeu:

— Vós sempre tereis os pobres convosco, mas a mim nem sempre tereis.[248]

Ele se lembrava das palavras de Moisés: "[...] não favorecerás o pobre em seu processo [...]".[249] Ele sabia que a pobreza é uma doença e uma desgraça, mas não é um mérito... Foi justamente depois dessa disputa que Judas Iscariotes decidiu entregar Jesus ao sumo sacerdote. Mas o que, a rigor, significava entregá-lo nas condições estritas da letra da Lei? Significava provar a culpa dele perante o tribunal. "Os sumos sacerdotes, os anciãos e todo o Sinédrio, o conselho supremo, estavam à procura de falsos testemunhos contra Jesus, para que ele fosse entregue à morte, mas não os encontraram, embora lá se achassem muitas testemunhas falsas. Por fim, apresentaram-se duas, que disseram: — Esse

homem disse: ‘Posso derrubar o Templo de Deus e reedificá-lo em três dias’.”[250] A quem Jesus disse isso? Conforme o Evangelho, disse-o apenas aos apóstolos, isto é, as duas falsas testemunhas desconhecidas eram apóstolos. Todo o comportamento posterior de Judas Iscariotes, que é retratado na literatura cristã e no Evangelho de João como a encarnação do mal, na realidade nos mostra que esse homem não passou de um instrumento nas mãos de inimigos mais finórios e perigosos de Jesus que se achavam entre os apóstolos e permaneceram no anonimato. Judas era mais ingênuo e mais sincero, menos hábil em ocultar seus sentimentos do que os outros, e Jesus, que suspeitava de um complô entre os apóstolos, apontou Judas simplesmente por ele saltar à vista mais do que os outros, sem dúvida encobrindo o plano astuto de alguém. Ao indicar Judas, Jesus também não demonstrava confiança nos demais. No monte das Oliveiras, Jesus lhes disse: “Esta noite todos se sentirão tentados por mim, pois está escrito: ‘Eu irei ferir o pastor e as ovelhas do rebanho irão dispersar”.[251]

Na província, na Galileia, Jesus era uma personalidade conhecida, mas na capital poucos sabiam de sua existência, e quando o “destacamento de ouro” de Jerusalém chegou para prendê-lo, foi preciso que Judas beijasse um dos doze forasteiros para indicar quem havia blasfemado.[252] E mais adiante: “Mas tudo isso aconteceu para que se cumprissem os escritos dos profetas. Então todos os discípulos, tendo-o abandonado, fugiram”.[253]

Assim Jesus caiu, vítima não apenas do ódio evidente dos que colaboravam com os romanos, mas também vítima de uma conspiração interna dos apóstolos, que induziram Judas e o expuseram. A prova de que Judas Iscariotes era um homem ingênuo, mediano, mas consciente é sua conduta após o julgamento: “Então Judas, vendo que Jesus fora condenado e tomado pelo remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos sumos sacerdotes e aos anciãos, dizendo: ‘Eu pequei ao entregar sangue inocente’. Mas eles lhe disseram: ‘Isso não nos diz respeito, resolve sozinho’. E, jogando as moedas de prata no Templo, retirou-se e foi se enforcar”.[254] Aqui é possível reconhecer um homem de caráter honesto, mas insensato, que não se deu conta do curso dos acontecimentos, abismado com o fato de suas palavras insensatas terem levado Jesus a ser sentenciado à morte. Contudo, Judas está caracterizado, tanto na literatura como no pensamento cristão, como a figura canônica do traidor, para que os verdadeiros e sensatos traidores fossem mantidos em segredo. Ainda hoje esses traidores são considerados santos apóstolos e em sua honra são erigidos templos de Deus.

Assim, a calúnia e a mentira apareceram, desde o princípio, no seio dos

apóstolos, sendo ainda reforçadas pelo apóstolo Paulo, da tribo de Benjamim, que nunca vira Jesus ou ouvira sua Palavra viva e provinha dos antigos inimigos de seu Ensinamento... Não é de admirar, portanto, que, na reclusão grega, tenham dado até um novo aspecto físico a Jesus, descarnado, com a carne mortificada, que mais lembrava Santo Antônio do que o filho da casa de Davi.

Mais tarde, na Alta Idade Média, o cristianismo adolescente foi parar nas mãos daqueles que não eram somente hostis à mãe palestina, mas também ignoravam sua essência. Apenas eventualmente, através da magia negra, o cristianismo vislumbrava a verdade oculta em si, mas ele se amedrontava e castigava os mais talentosos por havê-la descoberto. Conforme amadurecia, o cristianismo caiu nas mãos de pessoas totalmente estranhas ao judaísmo, já que os gregos eram hostis ao judaísmo, mas não estranhos a ele. Eis por que muitas coisas simples e praticamente claras da casa materna tornaram-se complexas, inatingíveis, refletindo a metafísica impenetrável da casa estrangeira. Pois toda palavra humana, em outro mundo, transforma-se em cifra. Talvez seja por essa razão que o dogma fundamental do cristianismo, a não resistência ao mal, tenha sido convertido em código metafísico não pelos primeiros cristãos, mas, o mais provável, pelos povos poderosos da Alta Idade Média, quando a hostilidade dos antigos tutores do cristianismo contra sua verdadeira mãe judia ainda era sentida como uma ação viva, e não como um elemento mitológico, o que só depois surgiu no seio do cristianismo eslavo; ao mesmo tempo, na Alta Idade Média, a língua espiritual da Bíblia já tinha sido perdida, tornando-se incompreensível. Quando as palavras sobre a não resistência ao mal perderam a essência — palavras que Jesus, da tribo de Judá, dirigia ao seu povo amado, teimoso e desobediente, que era exaurido por uma luta árdua —, elas viraram o provérbio do filho de Deus que, ao descer do céu, entabulava conversas no deserto com monges gregos que mortificaram sua carne. Quando dessas palavras desapareceram a sabedoria do político e a amargura do patriota, restaram ensinamentos universais, privados da linguagem nacional, cada vez menos acessíveis ao coração vivo... Por que isso se deu? Desde seus primórdios, o cristianismo sempre foi hostil ao judaísmo, afirmando sua fé no mundo por meio de autossacrifício e abnegação. Foi assim que a afirmação extremada da origem divina e celestial de Cristo levou ao ateísmo. Será que os ateístas não se ocupam da mesma tarefa ao tentar provar a origem mitológica, anti-histórica, da figura de Jesus, ao negá-lo como uma personalidade nacional, um dos líderes do movimento nacional de Nazaré?

Em tempos remotos, o mercador grego Marcião[255] escreveu um Evangelho

em que negava a relação de Cristo com o Deus judeu da Bíblia. “O Deus da Bíblia,” afirmava Marcião, “é o Deus do mundo material, enquanto o pai de Cristo é o Deus do mundo espiritual.” O Concílio ecumênico, então, rejeitou o Evangelho de Marcião. Ele era visivelmente falso, distorcia demasiadamente o fato autêntico, cheirava a politeísmo e paganismo. No entanto, muito mais tarde, o Concílio acrescentou aos três Evangelhos canônicos um quarto, o de João, que, vale sublinhar, não tinha relação alguma com o São João, o autor do Apocalipse. Nesse quarto e decadente Evangelho, de uma forma mais hábil e pitoresca que em Marcião, prova-se, em essência, a mesma coisa, e Cristo é separado do Deus bíblico... É interessante notar que, de Evangelho em Evangelho, enfraqueceu-se o motivo da conspiração dos apóstolos contra Jesus. No mais antigo e autêntico Evangelho, o de Mateus, o episódio é apresentado integralmente; no Evangelho de Marcos, ainda é retratado de um modo marcante; em Lucas, aparece um tanto enfraquecido; em João, está completamente ausente. Os episódios mais trágicos que precederam a morte de Jesus foram descritos de forma muito distinta. Do Evangelho de João desapareceram tanto a conspiração dos apóstolos como a hostilidade entre os apóstolos e Jesus, e nada se dizia a respeito das duas falsas testemunhas misteriosas, da calúnia que levou Jesus a ser sentenciado à morte. Quanto a Judas, ele foi representado como um traidor isolado, um filho de Satanás. Foi omitida a passagem em que ele, mergulhado na tristeza, abdicou das moedas de prata, e, ao contrário, sublinhou-se sua cobiça através da caixa de moedas que carregava. A bem da verdade, foi descrito como Pedro, por fraqueza de caráter, se afastou provisoriamente de Jesus, mas esse é um fato flagrante. No entanto, o principal, o complô premeditado por um grupo de apóstolos que estava claro em Mateus, foi totalmente ocultado em João. Assim, a conspiração dos apóstolos contra Jesus transformou-se em uma conspiração do cristianismo contra o Cristo. O claro e simples Cálice de Deus foi quebrado impiedosamente em complexos fragmentos metafísicos, filosófico-religiosos. Na “Lenda do grande inquisidor”, Dostoiévski nos oferece uma imagem de Cristo sem vida, antinacional, cósmica, celestial, mas a conspiração terrena do cristianismo contra o Mestre foi descrita de um modo bastante preciso. É verdade que, na obra de Dostoiévski, o cristianismo foi chamado de “catolicismo”; no entanto, no mundo cristão, em fragmentos, isso não passava de um procedimento polêmico natural que poderia tranquilamente também se voltar contra a ortodoxia.

Assim, separando-se da Bíblia e da Lei de Moisés, o cristianismo enveredou pelo caminho natural e lógico do isolamento e do *raskol*.[256] A conspiração contra Moisés se transformou na conspiração contra Cristo. Não é de hoje que os

ideólogos do cristianismo não têm uma ideia espiritual comum e, como não a têm, procuram um inimigo físico comum, que poderia ajudar a preservar uma unidade ilusória. Contudo, esse inimigo físico comum foi encontrado há tempos, ainda na rotina monástica dos primeiros anacoretas gregos. E o nome dele é prazer. O cristianismo ensina o homem a fugir do campo dos prazeres, o campo de Satanás, desviando-o do caminho que leva ao Senhor, enquanto a Bíblia o ensina a atravessar o campo dos prazeres, de Satanás, atraindo-o para o Senhor, pois não há outro caminho: o homem foi amaldiçoado e o Senhor o expulsou do paraíso repleto de alimentos celestiais, fazendo-o procurar seu próprio alimento espiritual à custa de muito suor. Se, no campo dos prazeres, um ateísta se esforça por buscar seu pão espiritual, ele realiza o anseio do Senhor; mas, se um homem que se considera religioso espera, no campo dos prazeres, que o pão espiritual caia do céu, ele vai contra o Senhor. O cristianismo, que governou o mundo por mais de quinze séculos, agora acusa o ateísmo pelas imperfeições mundanas, embora este tenha tomado o poder há menos de um século. Esse é o mesmo cristianismo que exerceu o poder sobre o mundo apoiando a conspiração secreta dos apóstolos contra o Cristo. Também é o mesmo cristianismo que passou séculos em ociosidade espiritual, entregando-se a uma contemplação puramente budista de verdades metafísicas e substituindo o Ato por discussões enfurecidas sobre o bem e o mal... É o cristianismo que, até hoje, cobre de maldições aqueles que, num ímpeto saudável e sincero, correm para o campo dos prazeres, vão para onde convém, conforme os desígnios do Senhor. Mas, para sua infelicidade, os que fugiram dos sermões alienados passaram pelo perigoso campo do Diabo conduzidos não pelo árduo trabalho espiritual do Mestre, mas pelos próprios instintos físicos. Em razão disso, eles com frequência perecem — no início do caminho, graças à ignorância juvenil e, se conseguirem transpor o início, graças a descomedimentos senis, que levam do Cerne fecundo para outra extremidade, onde reina uma sabedoria perversa e mística. A ruína desses infelizes só provoca um riso maldoso nos eunucos cristãos em espírito, acomodados em seu ócio espiritual. De resto, agora muitos desses eunucos trocaram as vestes religiosas pela toga laica do professor de filosofia ou mesmo por um paletó de literato.

Eis a verdade: quem conhece a Bíblia conhece tudo o que é acessível ao homem, que não conhece nem a Bíblia nem a si mesmo... Um exemplo disso é a própria Rússia. Há mais de quatro séculos erigem na Rússia a Torre de Babel.[257] A Bíblia faz uma advertência: a torre consumirá toda a energia, talento e paixão, mas não será concluída, e a força e o talento virarão pó, como acontecera na Babilônia. Mas o Cálice foi rejeitado e quebrado, verdades claras

tornaram-se fragmentos metafisicamente complexos. Agitaram-se, construíram. Veio o arquiteto nacional, Dostoiévski, e olhou em volta. A torre se aproximava do céu no fim do século XIX. “Ah, o povo russo. Onde um russo põe os pés vira terra russa. Mas, irmãos, devemos dar a essa torre a aparência de um Templo. Assim nos distinguiremos do Ocidente. Teremos tanto uma Torre como um Templo. O império será poderoso, a religião será poderosa.” No entanto, os mais hábeis e abnegados construtores dos andares superiores eram ateístas. Então, os construtores cristãos se afastaram e agora riem da desgraça das pessoas que continuam o desafio da Babilônia ao Senhor, desafio por eles mesmos iniciado, riem da desgraça daqueles que foram ensinados a receber verdades do céu como se viessem diretamente das mãos do Filho de Deus, mas na realidade vieram das patas da frente dos monges anacoretas gregos. E a história já provou como, nesse caso, é fácil destituir o Habitante do céu e colocar outro no Seu lugar...

Tudo vem diretamente do céu, pois no Evangelho de Mateus (e eles sabem que esse é o mais autêntico Evangelho, apesar de admirarem e encherem de elogios o quarto e decadente, em que o talento literário prevalece sobre o conteúdo espiritual) há os versículos 63 e 64.[258] Os cristãos gostam de citá-los como prova irrefutável. E o que há nesses versículos? Jesus é levado para o tribunal. O sumo sacerdote, o homem que fez a grande tribo de Levi chegar ao limite de sua humilhação, faz-lhe uma pergunta:

— Tu és o Cristo, o filho de Deus?

Jesus lhe responde:

— Tu mesmo o disseste. Mas também vos digo: de agora em diante, vós vereis o Filho do Homem sentado à direita do poder e depois vindo sobre as nuvens do céu.

Então o sumo sacerdote rasgou as suas vestes e disse:

— Ele blasfema.

Mas será que o Cristo blasfemou? Ignoremos o fato de que essa passagem, em geral, é obscura e anti-histórica. Conforme a Lei de Moisés, só quem desonra Deus blasfema. Mas, aqui, o Cristo não desonrou Deus. Suponhamos que o sumo sacerdote, ao colaborar com os romanos, tenha infringido a Lei de Moisés, mas será que Jesus a infringiu? Todo judeu se considerava o Filho de Deus, pois, desde os tempos de Abraão, o povo era o povo do Senhor. Todo patriota podia sentir em si uma força messiânica quando seu povo corria o risco de desaparecer. Além disso, ao “Messias” celeste costumava-se acrescentar o título terreno de “Rei dos judeus”. Um título estranho para uma personalidade de outro mundo, metafísica e não nacional. No tocante à Ascensão do Filho do Homem para as

alturas celestiais, isso de modo algum é uma blasfêmia, pois, nesse caso, se deveria acusar também o canonicamente reconhecido profeta Elias, que se elevou ao céu num torvelinho de fogo... Isso não é uma blasfêmia, como afirma o sumo sacerdote do Evangelho, mas também não é um fenômeno único que prova a origem celeste, como afirmam os ideólogos do cristianismo, confiando nos versículos 63 e 64. Isso não é nada mais do que o estado de espírito genial de uma grande personalidade em um momento extremo. De modo que, na realidade, os ideólogos cristãos, ao tentarem elevar o acontecimento, rebaixaram-no, por serem estranhos à história e à concepção de mundo nacional judia. E não existe outro caminho para o verdadeiro entendimento da Bíblia e do Evangelho se não através da história e da concepção de mundo judia. Mas o Cálice foi quebrado.

O Cálice em si não tem complexidade. Em seu primeiro aspecto, ele não inquieta o espírito, já seu fragmento, em seu primeiro aspecto que é também o último, inquieta, pois ele possui uma aparência única, acabada, de alfa a ômega. Quanto menor o fragmento, mais longe ele ficará do Cálice, mais acabado ele será e mais inquietará o espírito. Mas o que inquieta com seu primeiro aspecto exige menos tensão espiritual para que se alcance a profundidade. O fragmento inquieta o espírito imediatamente, mas o Cálice não: ele é claro. Só que na clareza do Cálice se oculta um sentido muito mais profundo do que na essência impenetrável do fragmento. O Cálice é material e prático na existência, ele insere na existência o material. Trata-se justamente do que os judeus foram sempre acusados. Os judeus, dizem, introduziram o lado material no mundo, eles o arruinaram. E os metafísicos russos nacionais ficam particularmente exaltados com essas afirmações. Sim, o Cálice é prático e dialético na existência, mas no eterno ele é metafísico; o fragmento é metafísico e místico na existência e dialético no eterno, tentando alcançar o inacessível, dando ao finito um sentido dialético; conferindo às paixões humanas, ao amor e ao ódio humano desmedido um sentido místico e metafísico, elevado e eterno e, ao mesmo tempo, buscando atingir, de modo dialético e filosófico, noções eternas absolutas, como o Céu e Deus. Entre o Cálice e seus fragmentos existe a mesma diferença que entre a fé e as religiões, entre o sentido e as concepções, entre a primazia do sentimento íntimo e a primazia do rito público... Mas o Cálice divino foi quebrado, e disso tratará a última e quinta parábola do Anticristo, o enviado do Senhor.

Parábola do cálice quebrado

Andrei Kopóssov, como acontece às crianças concebidas por uma mãe que vivera uma paixão intensa, era um jovem de saúde frágil. A rigor, a saúde de uma criança pode ser fragilizada também por outros motivos, mas era como se a paixão desmedida e doentia de sua mãe, Vera, tivesse exaltado para sempre o menino. Ele cresceu nervoso e, ao mesmo tempo, tímido, com um sorriso amarelo no rosto. Andrei não conheceu seu pai, em honra do qual ele recebera seu nome, pois aquele havia morrido meses antes de o filho nascer, o que é sempre algo ruim para uma criança. Ele não era amado em família. Suas irmãs, Tássia e Ústia, davam-lhe palmadas; os filhos de Tássia, Andrei e Varfolomei Vesselóv, brigavam com ele; o marido de Tássia, Nikolai Vesselóv, ria dele; e a velha sentinela, Serguéievna, mãe de Vesselóv, fixava nele olhares de desaprovação. Somente sua mãe, Vera, o amava, no entanto ela mesma se sentia intimidada em família: quando suas próprias filhas gritavam, ela se calava, com ar culpado, e não tinha forças para defender seu filho querido. Por essa razão, a vida de Andrei em sua cidade natal, Bor, da região de Górki, foi-lhe um peso desde a infância. Rejeitado pelos homens, ele se lançou aos livros, tornando-se um frequentador assíduo da biblioteca de Bor. Nessa época, já tinha passado dos dezesseis anos, e só um milagre o impediria de escrever versos. Mas o milagre não aconteceu. Seu futuro estava claro. Sómov, o versejador profissional do *Pravda de Bor*, colocou-o definitivamente no seu verdadeiro caminho.

— Envie seus documentos para o Instituto de Literatura. Você é russo, do Volga, e ainda talentoso, será sem falta admitido.

O próprio Sómov, que poderia ser pai de Kopóssov, já tinha tentado ser aceito várias vezes, mas sem sucesso. Contudo, estava confiante de que, dessa vez, teria êxito, pois tinha, finalmente, conseguido uma carta de recomendação do Agitprop local.

— Eles têm uma cisma comigo por causa dos meus versos satíricos sobre o ferido de guerra Ivan Prókhorov — explicou Sómov —, esses versos agora circulam por Moscou de mão em mão... Ah, Moscou... Andriucha, você não pode imaginar como é a vida literária lá. E a vida sexual também não é coisa que se despreze, e todas as moças fumam... Também não precisa ficar vermelho, que adolescente você é...

Os primeiros poemas de Andrei, que foram publicados no *Pravda de Bor*, começavam assim:

Do pão um naco, do Volga um trago...

— Você tem talento popular — dizia Sómov —, agora isso é muito apreciado... Todos estão incomodados com a literatura judia... “Do pão um naco,

do Volga um trago”, há um quê de cristianismo russo.

Assim, pela primeira vez, no décimo sexto ano de sua vida, Andrei ouvia falar do cristianismo russo como de algo importante e sério, diferentemente da imagem que lhe passavam os jovens no Komsomol e as velhinhas cômicas nos átrios das igrejas.

Agora, sentado num quarto em Moscou, que teve a sorte de alugar de uma velhinha moscovita, já que ela passava a maior parte de seu tempo com o filho casado, agora, lembrando-se daquela antiga conversa e se sentindo um homem totalmente diferente, que na realidade não era, Andrei, como era comum a naturezas semelhantes, teve um acesso de vergonha, diante de si mesmo e por si mesmo.

Realmente, chegando a Moscou, Andrei ficou ainda mais parecido consigo mesmo, isto é, seus modos de adolescente se acentuaram mais, no entanto, à diferença de Saviéli, ele não tinha medo e vergonha das moças, porém se isolava delas tanto quanto das outras pessoas. Não é que fugisse das pessoas, mas preferia ficar sozinho. Ao se tornar um estudante do Instituto de Literatura, ele perdeu o gosto por escrever versos, mas refletia muito sobre arte e aprendeu a tirar disso uma felicidade que o levava às lágrimas. Também passou a se ocupar da religião, no começo em discussões tolas em rodas de amigos e, depois, em suas próprias reflexões. E essas reflexões contínuas e doentias, normalmente mais pesadas do que condizia à sua idade, revelaram muitas coisas a ele. Por exemplo, fazia algum tempo que ele suspeitava que a principal ideia dos humanistas — não existem povos ruins, todos os povos são bons — era insossa como comida de hospital, sem sal e sem carne suculenta. Essa ideia era tão destituída de talento como a ideia racista da superioridade de alguns povos sobre outros. Mas a ideia racista, ao menos, possuía carne — ainda que fosse suína e suja, era uma carne saudável de amor por si mesma e de aversão por tudo o que se achava fora dela. Ele já sabia que a entrada para esse labirinto se dava através das questões infantis do cristianismo sobre o bem e o mal. Ele sabia também que a zona pantanosa cristã de questões metafísicas, alheias a Cristo, havia retirado parcela importante da força espiritual da cultura ocidental, impedindo-a de se aproximar de verdades bíblicas que são a base da existência. Às vezes, compreendia isso com tanta clareza que todos os sofrimentos espirituais dos gênios do passado pareciam-lhe compreensíveis. Isso tudo ora o intimidava e o assustava, ora o levava da clareza aos comentadores de verdades evangélicas, conhecidos e reconhecidos pela juventude moscovita, que era dominada por eles. E ele voltava a cair no círculo sedutor das discussões cristãs sobre o bem e o

mal, nas quais as pessoas que julgava mais tolas que ele falavam com mais inteligência e traziam argumentos irrefutáveis. Suas tentativas de replicar trouxeram-lhe a fama de reacionário, maldoso, quase um homem de tendências racistas, e, quando, numa discussão, Vássia Korobkóv, sujeito nervoso e antissemita notório, gritou para ele: “Fascista!”, Andrei entendeu que as verdades evangélicas formadas durante séculos, tal como eram impostas por autoridades no assunto, realmente não deixavam a um homem de juízo outro caminho: ou aceitar essas verdades tal como haviam sido formadas ao longo de quinze séculos, ou virar um racista. Isso o assustou e ele parou de procurar companhias dadas a colóquios espirituais e religiosos, deixando para trás a sólida reputação de reacionário e de misantropo e, segundo expressão de Vássia, de descendente da décima quinta geração dos fariseus que haviam rejeitado e crucificado Cristo. Foi nesse momento, ao perder a confiança em si e cair em desespero, que Andrei topou com uma passagem a respeito da relação de Moisés com seu povo. Já tinha lhe acontecido muitas vezes de ouvir sobre as Tábuas quebradas de Moisés e mesmo de ler e reler a passagem em que Moisés se indignara com seu povo, que havia traído Deus, e quebrara as primeiras Tábuas, e, somente após ser convencido por Deus, ele escrevera as segundas. Mas ele tinha lido essa passagem sem o interesse e a tensão espiritual que lhe causavam os outros episódios do Evangelho.

Então, de repente, numa manhã, perto das onze horas, quando a senhoria se achava fora e ele estava completamente sozinho, Andrei leu sobre as Tábuas de Moisés como se ouvisse falar delas pela primeira vez, com surpresa e entusiasmo, como se, dessa vez, não tivesse colocado, como de hábito, sua velha bíblia desleixada, comprada de ocasião, sobre a mesa coberta por uma toalha antiquada, de um modelo usado antes da guerra, nem folheasse as páginas com marcas de dedos, mas como se subitamente realizasse uma subida, em busca da verdade, para algum lugar bem alto, numa montanha, um lugar mais próximo de si mesmo e mais longe da existência popular comunal.

Os humanistas ensinavam que não existem povos ruins. Uma atitude nobre, mas que exigia uma violência contra o próprio bom senso. Os racistas ensinavam que existem povos superiores e inferiores, e que, entre os superiores, incluíam, além deles mesmos, os seus próximos, “por amizade”. Uma atitude nada nobre, mas realista e conforme o espírito do cotidiano. Já o ensinamento bíblico de Moisés, se ponderado no estado de espírito em que Andrei se encontrava nessa manhã, dizia que, em geral, não existem povos bons. Uma ideia que não exigia uma violência contra o bom senso, nem dava a ninguém uma superioridade inata

em matéria de vilania. Eis um ponto de partida claro e sólido que permite entender muito da história material e da vida espiritual do homem. A Bíblia não dizia em absoluto o que afirmavam muitos de seus adeptos, nem continha o que negavam seus inimigos. Além disso, enquanto a Bíblia dos ortodoxos se fechava em si mesma com arrogância, sob o ímpeto multifacetado e enfurecido de ruas de cristãos aficionados por sua ideologia metafísica, a Bíblia viva mostrava a inverdade e a essência pagã do culto dos sofrimentos como base da moral, mostrava a substituição do principal pelo secundário e que o humanismo — o endeusamento do homem — e o racismo — o endeusamento da raça — são irmãos temporãos e frágeis, concebidos sob a paixão do culto dos sofrimentos corporais humanos.

Tudo isso Andrei entendeu num instante e tomou nota, sem rasuras, em um bloco de papel, por cerca de meia hora. Ele sabia que, por enquanto, não compreenderia mais nada e que logo passaria a duvidar do que havia compreendido. Dessa maneira, ele não se deixou seduzir por novas esperanças, fechou rapidamente a Bíblia e guardou a folha com sua caligrafia — mas como se fosse de outra mão — não entre seus papéis, mas onde guardava seu dinheiro e seus documentos, num bolso secreto da jaqueta pendurada atrás do armário, uma jaqueta tão velha que qualquer ladrão a teria desdenhado.

Faltavam oito para o meio-dia quando Andrei terminou sua vida autêntica e começou a falsa — ele marcou esse fato com precisão. Ele começou a vida falsa com a preparação do desjejum. Dirigiu-se à cozinha comunal coberta de fuligem onde havia mesinhas individuais na mesma quantidade das famílias de inquilinos, colocou sobre o fogão a frigideira da senhoria, derramou alguns ovos na gordura endurecida de frituras anteriores e, atento ao chiar dos ovos, pensou em como poderia aproveitar seu dia, sem que perdesse e depreciasse o que havia acabado de descobrir. Se ficasse sozinho, significaria passar um dia cerebral, orientado para uma direção, concentrado num único ponto, o que fatalmente o levaria a dúvidas e poderia anular seu achado. Já se ele encontrasse pessoas com suas ninharias cotidianas, significaria comparar continuamente sua descoberta secreta com as trivialidades que aconteciam em volta e, como resultado, deixaria uma má impressão de si e ainda defrontaria seu pensamento ainda frágil com algo já estabelecido, palpável e sólido, o que, de novo, reduziria e empalideceria seu achado. Dessa maneira, o melhor seria passar o dia em companhia de pessoas, no entanto evitar assuntos cotidianos e, de preferência, discussões religiosas. Daí se lembrou de que na galeria Tretiakóv[259] havia sido aberta uma exposição de um pintor francês, antigo emigrado russo, a qual provocou barulho

e gerou rumores extraoficiais. “Mas que sorte,” pensou Andrei, “e ainda visitarei a galeria Tretiakóv, faz tempo que eu não vou lá. Ligarei para Saviéli e para Sacha Sómov, meu conterrâneo. E também ligarei para Vássia Korobkóv, para me cercar de pessoas diferentes. Não ficarei sozinho o dia todo e, entre pessoas diferentes, haverá menos conversas sinceras, amigáveis e fúteis. Não preciso delas agora.”

Era verão, início de junho, as aulas no instituto chegavam ao fim, os exames se aproximavam, por isso, esse dia, conforme as normas específicas do instituto, era livre, sem aulas. “Não terei outra ocasião para visitar a galeria, dizem que a exposição não ficará por muito tempo,” pensava Andrei e, tirando a frigideira do fogo, foi até o telefone comunal, que, em plena hora de trabalho, não estava, felizmente, sendo usado pelos vizinhos. Primeiro, ligou para Saviéli. Respondeu-lhe uma voz feminina, sua mãe ou a vizinha. Saviéli ainda estava dormindo, e Andrei ficou pelo menos cinco minutos ouvindo os estalos e os ruídos do telefone. Finalmente, soou uma batida, ouviram-se vozes afastadas, de homem e de mulher, e Saviéli, limpando a garganta, tossindo, disse:

— Desculpe, meu velho, fui me deitar tarde... Bom dia...

Andrei falou da galeria Tretiakóv e da exposição.

— Claro! — disse Saviéli, entusiasmado. — Irei sem falta, espere por mim perto daquela imundície... “Transformaremos espadas em arados...” [260] Perto da estátua de Vutchétitch... Ou melhor, perto dos caixas... Só que não irei sozinho... Estarei acompanhado por uma dama... — e Saviéli deu uma risadinha pudica.

Sómov também estava em casa e concordou em ir.

— Precisamos nos ver, conterrâneo — disse. — Tenho um assunto a tratar com você.

Depois disso, Andrei hesitou em ligar para Vássia, de quem não gostava e tinha medo.

Vássia Korobkóv era de fato uma figura perigosa e estranha, mas nada excepcional. Ela era pobre, desajustado, não se sabia do que vivia e bebia, como somente na Rússia um homem pode viver e beber de honorários literários. Esses honorários eram bastante consistentes no país e alimentavam uma classe bastante heterogênea. Alguns de excessos desmedidos e luxuosos, outros até se fartarem, alguns com parcimônia, de restos, e outros ainda apenas ocasionalmente. No entanto, todos os que se serviam desses rendimentos sobreviviam: os altos dignitários e os velhacos, que, se, perto dos saciados, não tinham o que comer de dia, sempre tinham o que petiscar de noite. Assim, de petiscos livres, vivia também Vássia, que escrevia versos estranhos em russo e em ucraniano. Em

russo, sua lírica era dirigida às massas:

Eu tomo nas mãos um lápis de bétula,
E escorre dele um verso terno e rosado
Sobre a folha branca do campo nevado...

Em ucraniano ele escrevia versos mais individuais e religiosos:

Em Kíev deu o Senhor
O ar de sua graça
E foi grande a sua dor...

— Pois eu sou da região de Khárkov — dizia ele —, da vila de Chagaro-Petróvskoie, do sítio Lugovoi. Ou melhor, eu nasci em Kertch, onde minha falecida mãe, Maria, trabalhava com minha avó, também chamada Maria, como recrutada. Mas todos os meus parentes são de Khárkov. Na realidade, meu verdadeiro sobrenome é ucraniano — Korobko... O "v" foi acrescentado depois, no orfanato... Fui criado no orfanato até os dez anos, depois minha tia se incumbiu de minha criação, logo após a guerra, quando ela me achou. Tia Ksiénia era de Vorónej. Eu não conheço meu pai, mas Ksiénia dizia que ele era um marinheiro, um ucraniano da Crimeia. E, na Crimeia, cada ucraniano carrega algo de turco, tártaro e grego... Eis que ele me premiou com este focinho de *jid*... Mas meus parentes são diferentes, tipicamente ucranianos. Na vila de Chagaro-Petróvskoie vivem minha tia Chura e os filhos dela e vivia também meu tio Kólia, que morreu na guerra, e ainda o tio Vássia, que desapareceu ainda pequeno, durante a coletivização, e meu nome me foi dado em sua homenagem. E se vocês vissem minha tia Ksénia, de Vorónej, ela não tem nada de judia, uma típica ucraniana. Só eu tenho o nariz torto e os olhos e os cabelos pretos. Certa vez, um *jid* se aproximou de mim na rua e puxou conversa na língua dos *jides*. Eu estava bêbado, claro, mas não muito, e em resposta recitei uns versos:

Não há nada mais bonito que a nossa Ucrânia,
Lá não há jides *nem nobres,*
E uniatas[261] *jamais...*

Então ele reclamou: "Ai, *vei*", mas eu lhe respondi: "Desculpe-me, mas é permitido pela censura, Tarás Grigórievitch Chevtchenko,[262] volume tal, página tal, evidentemente numa edição de antes da revolução". Ainda por cima, meus velhos, eu tinha recebido meus honorários bem naquele dia e tinha tomado no restaurante "Ucrânia" um bom prato de *borsch* ucraniano, com pãezinhos de alho, para acompanhar a vodca. Eu me virei para o *jid*, que teve o descaramento de tomar a mim, um ucraniano, por um deles, talvez por causa do cheiro de alho. "Mas," digo eu, "um ucraniano não fede a alho como um *jid*." Virei-me para ele e ameacei-o com o pé, e eu mesmo fiquei surpreso com o que havia feito. Apavorado, o *jid* fugiu de mim como se fugisse do temível espírito pagão de um

cossaco.

Vássia sempre ria borbulhando e com modulação de tom, e sua capacidade de soltar gases era conhecida por vários círculos, assim como seu antissemitismo veemente e contínuo. O gás saía de seu intestino de diversas maneiras, refletindo seu estado interior. Às vezes era como uma palavra breve e clara, às vezes um lamento calmo e prolongado, às vezes ainda como um grito de horror selvagem...

Andrei Kopóssov temia Vássia de corpo e alma: sua alma sentia repulsa, seu corpo se resguardava da fúria de uma personalidade infeliz que, por não ter nada a perder, era mais perigosa para os outros. Quando, durante uma discussão religiosa, Vássia gritou "fascista" para Andrei, que já havia expressado sua opinião, este imediatamente foi embora. Ele sabia que, numa recente discussão religiosa sobre Cristo, Vássia dera um soco no olho do velho Ilováiski, conhecedor da Antiguidade. Mas também havia outra razão.

Um dia, havia muito tempo, ainda antes das rodas de discussão sobre o Cristo, nos primeiros dias de contato, Vássia convidara Andrei para ir a sua casa, na periferia industrial de Moscou, onde tinha um quarto, resultado de uma troca de moradia com a ex-esposa. Andrei, na época, não tinha um Evangelho, e Vássia havia prometido lhe emprestar um. Ele encontrou Vássia vestido numa camisa jogada por cima da calça, manchada de tinta, com um pincel na mão — retocava um ícone, de aspecto antigo, postado em sua frente. Vássia o convidou para sentar, ofereceu-lhe um chá ruim e *priánikes*[263] secos. No início, serviu-lhe modestamente. Mas depois lhe trouxe pão e uma vasilha com banha de porco, muito cheirosa.

— Minha tia de Vorónej me mandou — disse ele. — Ela desperdiça seu dinheiro comigo, ainda não sabe que vou acabar mal — e sorriu.

Talvez graças a esse acontecimento Andrei agora tivesse decidido ligar também para Vássia. Andrei sentiu uma vontade súbita de que, no dia em que lhe fora revelado o que ele queria preservar, este homem estivesse a seu lado.

— Sei, sei — respondeu Vássia, felizmente com voz sóbria —, tenho certeza que tudo isso não passa de um rebuliço criado por nossos franceses locais, assim como puseram nas alturas Malévitch, Tátlin e todos esses perseguidores do realismo russo. Mas eu irei por curiosidade.

Após comer rapidamente os ovos fritos já frios e tomar uma garrafa de quefir, Andrei saiu para o dia quente moscovita. Ele tinha ouvido dizer que o público ia em massa à exposição, que havia longas filas de espera, e por isso saiu muito antes da hora combinada, pensando que a estação de metrô *Novokuzniétskaia* estaria lotada. No entanto, a *Novokuzniétskaia* estava vazia e fresca, e perto do

gradil da galeria Tretiakóv havia, de fato, uma fila, mas pequena, de não mais de vinte minutos. “O que fazer?” pensou Andrei. “Entro sozinho e depois volto com os rapazes.” Após haver assim decidido, ele se dirigiu à fila do caixa, onde não ficou nem vinte minutos, e de repente alguém o chamou perto do gradil. Era Sómov, seu conterrâneo, que também chegara antes.

— É ele — disse o poeta satírico Sómov, sorrindo e olhando para Andrei —, eu o estou reconhecendo, mas não nos pires de meus óculos salvadores, bom dia, como estou contente por você estar vivo...

— Os rapazes ainda não chegaram — disse Andrei, cumprimentando-o e se alegrando com o fato de que o primeiro a chegar fosse o mais tolo, não alguém emocionalmente doentio, como Saviéli, nem raivoso, como Vássia.

— Vamos sem eles — disse Sómov —, eu queria lhe mostrar uma coisa... Compus um poema, claro que não é para publicação. “Os fenômenos colaterais do instinto de reprodução.” Eis — ele resfolegou perto da bochecha de Andrei e sussurrou:

Eu comi a alface e fui ao samizdat,[264]
O editor falou: Velhaco, vamos lá .
Eu respondi: Nem “a” nem “b”,
Nem “a” nem “b”, nem “KGB”.
O editor se zangou: aonde pensa que vai?
Com esta ocorrência, que vá para a agência...

“Eu me enganei,” pensou Andrei, “teria sido melhor se Vássia viesse antes, já que não fui fadado a ver a exposição sozinho. Ele, pelo menos, guardaria sua raiva para si mesmo. Realmente, foi um erro... O melhor seria ver a exposição sozinho. Este tolo vai me atrapalhar mais do que os outros.”

O pintor francês nascido na Rússia[265] causou uma impressão marcante a Andrei, a despeito do desapontamento que aguardava. A cadência do século XX tirou das pessoas um dos bens fundamentais da vida — a paciência. Os homens do século XX são impacientes tanto em seu comportamento como em seu entendimento. Se não compreendem algo de imediato, simplesmente seguem adiante.

A exposição do pintor francês, natural da Rússia, ocupava duas salas de fundo, de modo que, ao se dirigir para lá, era necessário passar por uma infinidade de quadros e de visitantes. Andrei estava agitado e muito falante, mas interiormente, e esse estado o agradava.

— Parece-me — disse Andrei sobre o pintor francês — que seus desenhos, especialmente do período tardio, estão mais próximos da literatura do que da pintura. Algo entre a literatura e a criação pictórica. A percepção visual do

espectador aqui é algo acessório. Como se dá na leitura. As cores e as figuras são, em essência, letras de algum alfabeto. É preciso aprender a lê-las para penetrar no acontecimento, enquanto o pintor realista é acessível até a um analfabeto. Não se trata de uma vantagem ou de uma falha, são apenas coisas diferentes. Um iletrado olha para um quadro de Rembrandt ou de Riépin[266] e vê árvores, pessoas, o céu — tudo o que é possível ser distinguido numa fotografia —, e, ao mesmo tempo, sabe que o pintor é muito conhecido e orgulha-se de compreender todos esses objetos, sendo grato ao artista. Outra coisa seria se esse sujeito pegasse um livro de Shakespeare ou mesmo se um homem letrado pegasse um livro de Shakespeare em inglês. Nem lendo sílaba por sílaba, será possível compreendê-lo. Vocês já notaram que um livro escrito numa língua incompreensível nos irrita interiormente? O mesmo se dá com a obra de um pintor realista. Ele nos irrita, de forma aberta ou secreta...

Diante de desenhos abstratos e surrealistas Sómov ficava entediado, mas, nas salas de obras russas ultrapassadas, mostrava um verdadeiro interesse, e seu rosto adquiria o aspecto sôfrego e estúpido de um homem intelectualmente limitado que quer compreender o que lhe é inatingível. Porém, em salas de época, ele se sentia mais à vontade. Salas com retratos do tempo de Catarina... Rostos de perucas, mas, se lhes tirassem as perucas, seus possuidores se achariam hoje sentados nas poltronas de diretores, de chefes de construtoras, de vice-ministros, das libertinas dos altos comitês, das esposas dos membros das instâncias superiores. Andariam de “Volga”,[267] e o conde Orlóv[268] poderia usufruir perfeitamente do bonde ou do metrô. Catarina II faria geleias na *datcha* vestindo um *sarafan*[269] russo. Eis quem construiu a Torre de Babel, transferindo-a às mãos sólidas de seus sucessores. Mais adiante, achava-se um enorme quadro de Ivánov, *O aparecimento do Cristo ao povo*,[270] na frente do qual sempre havia uma multidão, formada principalmente de pessoas provincianas. Os que se apressavam à exposição do francês não se detinham ali ou se detinham rapidamente. No entanto, Andrei ficou um bom tempo examinando o quadro e o público. Sómov bufava ao seu lado, e seu rosto era dominado pelo esforço criativo que aparece no rosto de um homem na privada. Aliás, rostos assim podem ser encontrados também nas igrejas. Andrei notou ao lado uma mulher insignificante, de uns quarenta anos, ou até menos, mas envelhecida por causa dos frequentes partos e abortos espontâneos. Sua fisionomia não era nem citadina, nem camponesa, um rosto miúdo e trivial. As bochechas vermelhas, ou melhor, uma vermelhidão doentia; o nariz pequeno e

arrebitado. Nada feminina, com os seios caídos. Assim são as mulheres devotas — e ela era uma devota — que acreditam em rumores e no governo, caso seja seu governo, o russo. Perto dela se postava um garoto de nove ou dez anos, de rosto redondo e queixo pesado, parecendo um mau aluno de uma escola de província ou de subúrbio. A julgar por seu comportamento, não era um menino peralta, obedecia a sua mãe e fazia perguntas. Ele perguntou sobre o quadro:

— O que é isso, mamãe?

— É Cristo — respondeu a mãe, baixinho —, ele queria que todos os homens vivessem bem e por isso os judeus o mataram.

O garoto consentiu com um aceno de cabeça e se dirigiu aos outros quadros. A mulher estava rodeada por moças russas desengonçadas e desproporcionais, que podiam tanto ser suas filhas quanto moças vindas dos "cafundós". Tinham vindo para visitar seus parentes ou para comprar produtos alimentícios. E na sua lista constava: visitar o Krêmlin, o Mausoléu de Lênin, a galeria Tretiakóv, o GUM, o TSUM, e o "O Mundo das Crianças".[271] As lojas de alimentos, evidentemente, eram as primeiras da fila, e não contavam. A mulher olhava para o *Aparecimento do Cristo ao povo*, e Andrei olhava para ela e pensava: "Eis o crente russo. Nas rodas de religião, agora muitos falam que o ateísmo perdeu adeptos e começou uma renascença religiosa. Muito bem, suponhamos que o ateísmo tenha perdido, mas será que isso levou a religião a vencer na Rússia? Sem ninguém ter aprendido nada, a religião renasce com a antiga histeria no lugar do sentimento, com pessoas teimosas discutindo sobre Cristo e com o povo simples que, em vez de refletir sobre Cristo, espera dele o mesmo que esperava do georgiano Stálin, do turco Rázin[272] ou de algum outro atamã russo. E se a Rússia, no futuro, tentar se salvar através da consciência popular nacionalista, ela não será nem materialista nem ateísta. A consciência nacional religiosa será a máscara do fascismo salvador russo. Em primeiro lugar, o que era chamado de 'ateísmo', na realidade, se comprometeu na Rússia, tornou-se inoportuno, perdeu a novidade. Em segundo, o ateísmo não mostrou a devida flexibilidade no âmbito nacional, revelou-se desajeitado, ao passo que a ortodoxia demonstrou inúmeras vezes, no passado, seu desprendimento ao engrandecer abertamente o poder nacional, e hoje, para a juventude, ela é uma novidade atraente".

Mas eis uma sala totalmente diferente. Os quadros *Púchkin*, de Kipriénski, [273] e *Lêrmontov*, de Peróv, provocavam a mesma sensação de suas reproduções folheadas na revista *Luzinha*.[274] Na mesma sala se encontravam *Tolstói* e *Dostoiévski*.[275] *Tolstói* tinha um olhar vazio, mas nele isso parecia natural, algo

budista, pois, entre os humanistas do século XIX, sobressaía a paixão por atingir a perfeição pelo caminho mais curto, o que inevitavelmente levava ao esquematismo espiritual e poético tão característico do budismo. Na parede oposta, pendurava-se o quadro *O peregrino,* de Peróv. Peróv pintou o retrato de Dostoiévski em 1872 e *O peregrino* em 1870. São surpreendentemente parecidos, em particular no olhar. Tanto Dostoiévski como *O peregrino* têm uma tensão penetrante e um aprofundamento no olhar e no porte. Como se esses olhos se fixassem nas mais profundas criações divinas, mas, na realidade, caso se observe com atenção, eles estão concentrados nas velhas alpargatas de fibra trançada e nas dívidas não saldadas. Mas isso foi ecleticamente reunido a pensamentos elevados e mais gerais. Não foi à toa que Dostoiévski elevou o tipo "peregrino" a santo. O peregrino, especialmente o russo, é eclético até o último fio de cabelo, ele combina, de forma mecânica, suas necessidades essenciais com as necessidades do mundo. Ele sonha que tudo o que elaborou se realize. *O peregrino* de Peróv tem um guarda-chuva nas costas e uma caneca pendurada no cinto. Já Dostoiévski segura o joelho dobrado com as mãos. Ambos estão compenetrados e meditam sobre a mesma coisa.

Mas eis que surgiu o francês, um emigrado russo. Andrei teve a impressão de que foi um erro, um erro imposto, o francês ser visto em tamanho natural, na parede do museu. Ele deveria ser folheado num álbum, num livro. A reprodução não perderia nada do original, assim como nada perde a imagem de Tolstói quando é impressa em tipografia ao pé de um manuscrito. Em compensação, haveria a possibilidade de se concentrar, já ali era impossível. Havia poucas pessoas vindas da província, que raramente eram atraídas para lá. Mas muitos judeus, basicamente o público que forma o prosélito moderno, religioso ou civil.

O prosélito de antes da revolução era, essencialmente, o mercador, o comerciante ou o engenheiro, o médico — um homem calculista que não tinha nada contra Moisés se este lhe garantisse algum lucro. O prosélito atual é o intelectual, o filósofo, o místico, e ele está conscientemente descontente com Moisés. "Tudo é proibido: não se pode, não se deve, não é permitido. Mas com Cristo tudo é possível, tudo é permitido." De Moisés ele sabe basicamente: "Olho por olho...". De Cristo: "Ame seu inimigo...". Os judeus da exposição eram claramente moscovitas, já tinham estado nas outras salas inúmeras vezes e não se detiveram ali, assim como o restante do público que viera ver o francês. O público da exposição temporária era homogêneo, enquanto das outras salas variado. Era tedioso. A animação vinha dos provincianos.

— O que é isso? — perguntou alguém da província. — Por que tem um

homenzinho na bochecha?

— Porque o pintor quis assim — respondia uma mulher de nariz grande, com os olhos brilhando e sorrindo de forma enigmática.

"É pouco provável," pensava Andrei, "uma pintura realista é muito mais difícil de explicar, há mais segredos nela. Já aqui tudo foi disposto como as frases de uma obra apurada. Não há nada de supérfluo." Um velho extremista da província, magro e de cabelos castanho-claros, disse ao seu filho em voz deliberadamente alta:

— Vamos embora, depois de Riépin e de outros bons quadros, não se deve ver isso.

Ninguém reagiu. Ele não suscitou polêmica e foi embora, mas queria muito ter discutido na fila, ter defendido a mãe *Rus*...

Mais adiante ficava a sala de Vrúbel. O conhecido *Demônio,*[276] de 1890, parece mais frágil que o *Demônio* corpóreo, estendido numa pose violentamente passional, porém sozinho, sem mulher... Preto, azul, lilás... Adiante o mártir Falk...[277] Kontchalóvski em *O retrato de Iakúlov*:[278] o homenzinho alegre de bigodinhos de bufão, sentado em pose oriental e vestindo uma gravata, parece parte do ornamento, assim como os iatagãs pendurados na parede. Tudo é como num tapete; o homem e o iatagã têm o mesmo direito de estar ali... A obra de Falk traz uma sensação de fragilidade. As cores são acanhadas, enquanto o talento de Kontchalóvski se impõe de forma senhorial. Não se trata simplesmente da distribuição e da organização do espaço. É um sentimento interior — fragilidade e pudor em Falk, força e tenacidade viva em Kontchalóvski. A fragilidade e o pudor são necessários à noite, a portas fechadas; a força e a tenacidade, necessárias ao dia, em meio a uma multidão de iguais... A fragilidade transforma-se numa leveza etérea, não do corpo, mas da essência, e conduz ao céu; a força e a tenacidade lançam suas raízes à terra. A força e a tenacidade não se acomodam no céu; a fragilidade e o pudor não se encaixam na terra... Em seguida, as naturezas-mortas... O pão russo, a carne... Aqui também, tirado do acervo, o francês em sua juventude, quando era um judeu russo... Eis a *Lua de mel*. Ele e ela, dois corpos compridos e nebulosos, em forma de arco-íris, elevam-se por detrás do horizonte... O céu está coberto de flores e a terra da lama bielorrussa. E as faces judias de bode dos amantes... Era a sala mais triste. Tudo era colorido, tudo era jovial, e volta e meia surgiam lágrimas nos olhos, mas não em todos. Para Sómov, o conterrâneo de Andrei, era simplesmente agradável. Ele não estava entediado, como diante dos desenhos

abstratos e surrealistas, nem tinha aquele ar estúpido e compenetrado, como diante das telas realistas. Tudo era de seu interesse, como numa festa de rua... Abstracionismo e realismo são artes de autoafirmação, mas o impressionismo é a arte do sacrifício. O pintor aqui é como um gladiador, que morre para exaltar a multidão. O impressionismo, e não o abstracionismo ou o realismo, seria o estilo mais apto a iniciar as almas imaturas e rudes à arte se um dia ele prevalecesse como arte oficial... Mas, para um homem sensível, tudo ali parecia pesado, como em um cemitério que lhe era querido. Muito longe dali, estava o realismo socialista, que acalmava a alma com ninharias sólidas, na linha da clareza cotidiana, engessada pela eternidade. Se Sómov se entediava diante da abstração, tinha um ar estúpido e compenetrado em meio ao velho realismo e se animava com o impressionismo, nas salas do realismo socialista se sentia como em um trólebus. Aqui tudo era conhecido, tudo era habitual, aqui ele era o guia, andava na frente e se perdia nas salas dos pintores acadêmicos, artistas do povo.[279] E Andrei foi para o pátio, perto da escultura "Transformaremos as espadas em arados", de Vutchétitch.

No banco perto do café, do qual emanavam, sem nenhuma consideração pelo lugar sagrado, os odores costumeiros do sistema de alimentação popular, Saviéli estava sentado ao lado de uma jovem mulher, com a qual, como logo entendeu Andrei, seu amigo passava as noites sonhando, e sob diversos aspectos. Sim, Saviéli ficava sempre nesse estado; mesmo um frango assado e colocado inteiro numa travessa, com as coxas separadas, provocava-lhe, em vez de apetite, desejo sexual... A mulher tinha um rosto despretensioso, não o redondo de traços tártaros, tão comum na Rússia, mas o rosto russo do Norte, desprovido de marcas asiáticas. Seus olhos eram particularmente incomuns. Os olhos claros russos são geralmente aguados, mas os dela eram de um azul encorpado, em tom escuro.

Assim que Andrei, um homem reservado, olhou para ela, veio-lhe algo de sua irmã, Tássia — que se apaixonara pelo Anticristo com o terceiro tipo de amor, nem carnal nem platônico — e de sua mãe, Vera — a amante abnegada do Anticristo. E Andrei alegrou-se, pois, sabendo que suas ideias bíblicas foram conduzidas intocadas pelas salas da galeria Tretiakóv, ele sentiu, através de uma sensação que repentinamente lhe inflamou, sua alma se fortalecer ainda mais.

— O que aconteceu? — perguntou Andrei a Saviéli.

— Atrasamos — disse Saviéli —, foi minha culpa.

Pelo visto, eles chegaram muito depois da hora combinada, sem saber que Andrei, tendo chegado bem mais cedo, não os havia esperado.

— Ilováiski apareceu em casa — disse Saviéli —, e ficamos discutindo sobre Cristo... Sou culpado...

— O culpado tem meu agrado — gritou Sómov, que havia aparecido —, o culpado tem meu agrado, e o inocente minhas saudações!

Sómov passou pelas salas do realismo socialista como se tomasse uma ducha, lavando-se do tédio do abstracionismo, da tolice compenetrada do realismo clássico e da festividade do impressionismo, e saiu como tinha entrado: em nada havia mudado e estava pronto para seguir a vida em sua realidade atual. As salas do realismo socialista eram como uma sala de banhos, na qual o homem era limpo de todas as camadas desnecessárias, tanto da arte passada como da realidade que se encerrava entre os muros da galeria.

— Esta é Ruthina, minha vizinha — disse Saviéli —, e este é Andrei Kopóssov, meu colega de curso.

Assim eles foram unidos pelo acaso, que, na realidade, era o desígnio divino. Logo no início da conversa, reconheceram um ao outro como conterrâneos. Descobriram que Ruthina, na infância, era amiga de Ústia, a irmã de Andrei, e que havia conhecido Tássia, sua outra irmã, e Vera, sua mãe. Sómov contou que também era da cidade de Bor, filho de um operário da casa das caldeiras a gás do hospital central de Bor e de uma contadora aposentada. E eles decidiram fazer um brinde a esse acaso.

Assim, o que deveria acontecer aconteceu. Mas ainda faltava algo. Vássia Korobkóv ainda não havia aparecido, estava muito atrasado. No entanto, assim que ele apareceu, o quadro se completou. A profetisa Pelágia o notou de longe e entendeu: eis a semente ruim do Anticristo que deveria ser destruída, assim como Tamar havia destruído as sementes ruins de Judá, seus filhos Her e Onã...

Vássia, bêbado, aproximou-se e disse:

— Atrasei-me, sou culpado!

E Sómov repetiu:

— O culpado tem meu agrado e o inocente minhas saudações!

Mas Vássia não gostou dos versos de Sómov, assim como Pávlov, o ferido de guerra da cidade de Bor, não havia gostado. Naquela época, Pávlov batera em Sómov no parque, perto da pista de dança. Agora, em Moscou, Korobkóv deu-lhe um golpe no pátio da galeria Tretiakóv... A Tretiakóv é um lugar bem vigiado, repleto de policiais. Por isso todos se afastaram correndo da exposição do célebre pintor francês e, quando se reuniram novamente, num jardim público nos arredores, Sómov não estava entre eles, havia se ofendido... A profetisa Pelágia disse a Vássia:

— Para que você bate nas pessoas?

Mas Vássia, que sempre ficava alegre ao bater em alguém impunemente, não respondeu nada, só olhou para a profetisa Pelágia e notou, por sua vez, que seus olhos se fixavam nele.

— Por que você olha para mim desse jeito? — perguntou Vássia. — Será que me conhece de algum lugar?

— Sim — disse a profetisa Pelágia, conhecida por Rute —, você é muito parecido com meu pai... Surpreendentemente parecido.

— E seu pai por acaso é judeu? — perguntou Vássia com sarcasmo. — Srul[280] Samuílovitch?

— Ele é judeu — respondeu a profetisa Pelágia —, mas se chama Dã Iákovlevitch... Você se enganou...

— Desculpe — disse Vássia sarcasticamente e continuou a falar em ucraniano —, *desculpe, perdão, como dizem na Ucrânia... "Em Kíev deu o Senhor o ar de sua graça e foi grande a sua dor"... Você é assim sensível?*

— Apareça em casa — disse a profetisa Pelágia — e verá como é parecido com meu pai... Tomaremos chá.

E ela o fitou de novo. Seu segundo olhar já era mortal, revelando muito de Tamar, que havia matado a semente ruim de Judá, seus filhos, o primogênito Her e Onã...

O rosto de Vássia, da tribo de Dã, se desfigurou e ele disse, repetindo o destino do filho de Sulamita, da tribo de Dã:

— Eu cuspo em sua vendinha *jid* e em seu Deus *jid*...

Então a profetisa Pelágia pronunciou mentalmente: "Que isto se realize. Aquele que blasfemar sobre o nome do Senhor deverá morrer. Seja estrangeiro, seja nativo, quem blasfemar sobre o nome do Senhor será entregue à morte".[281]

Assim ela disse a si mesma, olhando para Vássia, que se afastava. Andrei e Saviéli, que temiam Vássia por sua disposição para o mal, disseram:

— Ainda bem que ele foi embora — este foi Andrei.

E Saviéli acrescentou:

— Somente agora eu percebi que Vássia se parece com o pai de Rute.

Andrei disse:

— A culpa é minha, foi tolice convidá-lo.

— O dia começou mal — disse Saviéli —, mas pode terminar bem... Ilováiski está na minha casa e convidou para irmos à *datcha* de seus amigos. A *datcha* pertence a um cirurgião que estudou com Ilováiski no seminário. O sobrenome

do cirurgião é Vsesviátski.[282]

— Isso é perigoso — disse Andrei —, eles vão falar de Cristo e, para mim, será difícil ouvir sobre isso hoje.

— Não tem importância — sorriu Saviéli —, esses velhos falam de Cristo de outro modo... Falam de maneira cômica e alegre... Ilováiski fala hilariamente de Cristo com eles... Vamos... Você, eu e Ruthina, além de minha mãe e Ilováiski.

— Vamos — concordou Ruthina-Pelágia.

Andrei logo consentiu, pois começou a valorizar cada minuto que passava ao lado dessa mulher de olhos azuis. Enquanto Saviéli foi para casa, atrás de sua mãe, Andrei passou mais de uma hora a sós com Ruthina, cercado, evidentemente, de um público casual: primeiro, os transeuntes; depois, os passageiros do trólebus; em seguida, os viajantes indo à estação *Saviólovski*. Conversavam sobre a cidade de Bor e a região de Górki, das quais a profetisa Pelágia tinha muitas lembranças, embora tivesse saído de lá ainda menina.

— Como vai Ústia? — perguntou Pelágia.

— Ústia tem dois filhos pequenos — disse Andrei —, e Tássia, também: meu xará, Andrei, e seu irmão, Varfolomei. Andrei está no exército e Varfolomei trabalha como motorista.

— E como vai sua mãe, Vera? — perguntou a profetisa Pelágia.

— Minha mãe é uma pessoa boa, mas não tem firmeza. Todo mundo grita com ela, e ela obedece a todos, às filhas e aos netos; e até a velha Vesselova, a mãe do marido de Tássia, a maltrata. Mamãe tem medo de tudo e, mesmo quando está rezando, seu rosto se mostra assustado, como se Deus ralhasse com ela...

Assim eles conversaram e, aparentemente, não tinham mais sobre o que falar, mas, felizmente, tiveram tempo para se aproximarem, e sentaram-se com prazer, lado a lado, em silêncio, como às vezes a profetisa Pelágia ficava com seu pai, o Anticristo. Pelágia se surpreendeu com isso, pois ainda não sabia que Andrei Kopóssov era também uma semente do Anticristo (assim como Vássia Korobkóv), entretanto era uma semente saudável, apesar de não ser a principal.

O olhar fixo é fecundo quando o objeto não influi sobre a personalidade de quem observa, à diferença do que ocorre no budismo... O olhar budista contém o frio épico da união com a natureza, o mesmo que se apodera, cada vez mais, do cristianismo em decadência, porém o olhar fixo bíblico é lírico. A sabedoria da lei são os lábios de Deus, mas o corpo de Deus é uma lírica elevada. A profetisa Pelágia fitou Andrei Kopóssov em meio à agitação da estação e o reconheceu. Ela compreendeu que a vida dele se comporia liricamente. Quando uma vida se compõe liricamente, não importa de que matéria, muitas vezes da mais baixa e

ignóbil, Deus sempre permanece ao lado desse destino. Esse homem viverá uma vida longa, e será uma vida tensa e perigosa, mas a de um trabalhador espiritual, e ela não conhecerá o castigo divino, somente o castigo humano, que a alma não precisa temer...

Quando compreendeu tudo sobre Andrei Kopóssov, a profetisa Pelágia não tinha mais por que ficar ao lado dele, em silêncio, e logo apareceu Saviéli, sua mãe, Klávdia, agora uma velha jovial com os lábios pintados, e o velho Ilováiski, conhecedor da Antiguidade. O velho Ilováiski se tornava desagradável quando, ao encontrar alguém, se esforçava, com os lábios sujos senis e o rosto descuidado de um solitário desleixado, por beijar sua boca; o desafio consistia em desviar o beijo, da boca para a bochecha, virando desajeitadamente a cabeça, como que sem querer, obrigando Ilováiski a beijar o ar, mas sem, com isso, ofender o velho. A profetisa Pelágia realizou isso com delicadeza e sabedoria, no entanto Andrei foi apanhado e sentiu em seus lábios a carne morta do velho. Além disso, a mãe de Saviéli, que agora imitava Ilováiski em tudo, cravou seus lábios pintados nele. Saviéli se agitava:

— O trem para o subúrbio chegará logo — e correu para cuidar das passagens.

— Meu filhinho é um verdadeiro Ívolguin — disse Klávdia. — Quando o vejo agitado, me lembro de seu falecido pai, sempre alarmado — e, como era seu costume, ela deixou cair umas lágrimas.

O tempo subitamente piorou. Em Moscou isso acontecia com mais frequência no verão do que no inverno. De repente, no meio de um céu quase sem nuvens, trovejou uma vez, depois outra, e, quando eles embarcaram, já havia vento e um ar fresco e, após uns dez minutos de viagem, as janelas se cobriram de chuva. As conversas no trem eram conduzidas principalmente pelos moradores dos subúrbios, enquanto as pessoas da cidade, cansadas de Moscou, que se torna muito entediante quando surge continuamente diante de nossos olhos, se esforçavam por ver as *datchas* locais pela janelinha. A exceção era Ilováiski, que falava sem parar e não deixava ninguém em paz.

— Vocês, jovens — dizia Ilováiski —, certamente não ouviram, muito menos leram, os escritos do sacerdote Petróv... Um filósofo do cristianismo — Ilováiski deu uma risadinha —, o amor como base da vida em sociedade. Ele rejeitava a propriedade privada e a desigualdade econômica e provou que a propriedade privada é uma criação judia, não cristã. Sob sua influência, os seminaristas decidiram ir ao povo com um novo Evangelho. O populismo religioso foi omitido da história da revolução... Mas Petróv foi excomungado... Sim, sua tolice foi recebida com repressão, como é costume na Rússia.

— Acalme-se, Gavriil — disse Klávdia a Ilováiski.

— Mas o que foi que eu disse? — Ilováiski respondeu com um tom de surpresa e provocação. — Eu, ao contrário, estou zombando das tolices antigovernamentais.

— Não pronuncie a palavra “antigovernamental” — sussurrou Klávdia.

— Ah, sua alma se tornou judia após seu casamento com Katz... — disse Ilováiski.

E entre Ilováiski e Klávdia começou uma disputa inesperada, o que revelava a intimidade da relação dos dois.

— Vou voltar agora mesmo — sussurrou Klávdia na primeira parada. — Isso é uma indelicadeza com Saviéli... E com Ruthina...

— Qual é o problema? — disse Ilováiski. — Ruthina sabe que eu não sou um antissemita e respeito o pai dela, não é verdade?

— É verdade — concordou a profetisa Pelágia.

Mas Saviéli realmente empalideceu, e sabe-se lá o que aconteceria se eles não tivessem chegado nesse momento ao seu destino. A chegada e a mudança de ambiente agradaram a todos, mesmo ao impulsivo Ilováiski, que entendeu que passara dos limites. Ele sabia que tinha essa fraqueza, mas não podia se privar do prazer da maledicência quando estava seguro de que, por isso, seria apenas xingado e ninguém bateria nele, como costumava bater Vássia Korobkóv.

O subúrbio moscovita, úmido e coberto de *datchas*, acolheu os citadinos com ameaças vindas de cercas alheias, latidos de cães, ausência de policiamento nos cruzamentos, e vultos ameaçadores perto do quiosque de cerveja. No entanto, quando eles encontraram a *datcha* do cirurgião Vsesviátski, o amigo de Ilováiski, e entraram no quintal, defendendo-se das patas sujas de um cachorro grande e amistoso, ficaram mais alegres. E, ao verem na mesa da varanda um prato com maçãs, colhidas no jardim da *datcha*, umas com cabinhos e outras com folhas, e um prato de framboesas frescas, vindas do mesmo jardim, o encanto do subúrbio moscovita dissipou de vez a primeira impressão desagradável que tiveram.

À mesa, além do dono da casa, o cirurgião Vsesviátski, um velho bem cuidado de bochechas rosadas, sentavam-se sua esposa, Varvara Davýdovna, e um velho da idade deles, também conhecido de Ilováiski, e que, ao se apresentar, disse:

— Belogrúdov...[283] Um sobrenome épico, porém mais apropriado para o gênero feminino — o que logo revelou seu espírito brincalhão.

E ele indicou também sua profissão: professor de literatura.

Ilováiski imediatamente se pôs a beijar os três, primeiro o cirurgião, depois a

esposa, em seguida o professor de literatura, depois de novo o cirurgião. A empregada trouxe o samovar e Varvara Davýdovna uma garrafa empoeirada de aguardente de ginja. “Agora vão começar a falar de Cristo,” pensou Andrei, alarmado. Mas, enquanto não tomaram a aguardente, não o fizeram, e, depois de beberem, começaram a falar sobre isso docemente, como ocorre geralmente quando os velhos se recordam da remota juventude, sonhando com o passado como se ele não tivesse existido.

— Lembram? — diziam. — Lembram? — e seus olhos semicerravam-se, como se sonhassem com algo agradável, e, ao despertarem, sentiam um peso no coração.

— Lembram-se da homilética? — disse com doçura o professor de literatura Belogrúdov, semicerrando os olhos. — A homilética, a teoria da arte oratória religiosa...

— A liturgia, o estatuto da igreja — continuou amavelmente Ilováiski.

— A igreja possui um estatuto? — Klávdia olhava, tolamente surpresa. — Gavriil, será que há mesmo um estatuto? — ela também havia tomado a aguardente de ginja e estava coquete.

Da esposa maldosa do crítico de arte Ívolguin que se fazia passar por inteligente, comedida, cerimoniosa, uma mulher assegurada que expulsara com mão de ferro os filhos de sua irmã, vítima da repressão, não sobrara vestígio. Klávdia agora se zangava e se irritava como as mulheres tolas e levianas, perdoava rapidamente e se contentava com pouco. Para Saviéli, seu filho, fazia tempo que ela deixara de ser uma ameaça, que não era mais aquela mãe severa que constrangia seu pecado juvenil, e ele passou a ser exigente com ela, como um educador, rivalizando com Ilováiski no domínio da frágil alma dessa mulher, e não com a intenção de preservá-la, mas para marcar sua presença, por meio dela, diante de seu rival masculino.

— O estatuto da igreja — disse Ilováiski, em tom de sermão — é o estudo da ordem da execução de todos os seus ofícios.

— E os textos evangélicos, sobre os quais se escreviam sermões em casa — continuou Belogrúdov —, o estudo de João Crisóstomo, lembra-se, Gavriil? Lembra-se, Semion? — voltou-se para o cirurgião.

— Como não?! — respondeu o cirurgião Vsesviátski. — Nós praticávamos nas igrejas paroquiais. Mas eu preferia a teologia e a medicina... Era o que estudávamos nas classes superiores...

— E como os católicos demonstram... — disse Ilováiski, já bastante embriagado. — Sim... O pensamento católico é a Europa, com todas as suas

fraquezas... Mas os irmãos e as irmãs, na concepção da Trindade... — ele tentou se levantar, mas Klávdia, abraçando-o pelo ombro, o conteve. — Na concepção da Trindade... Entre nós o Espírito Santo provém somente do Pai, na Europa descende também do Filho. O pensamento católico é livre... Quanto a nós, somos escravizados pelo pensamento judaico, nascido de Moisés. Chega a ser hilário, nós, russos, e as ideias de Moisés...

"Agora vai começar," pensava Andrei, preocupado. Se não fosse por Ruthina, que estava sentada ao seu lado, ele seria invadido pela tristeza, mas seu amor por ela tinha amadurecido rapidamente, e um rapaz de vinte e poucos anos gosta de obedecer com submissão a uma mulher bonita de trinta, sem exibir sua masculinidade e esforçando-se por imitar suas maneiras. Já Ruthina permanecia tranquila e observava os velhos seminaristas bêbados.

— Kant equiparava a religião à moral — dizia Belogrúdov, solene, como se estivesse em cima de uma tribuna ou de um púlpito. — Para Hegel, a religião era o estágio inicial da filosofia, a qual surgiu dos homens selvagens como uma necessidade de pensamento e de conhecimento; a religião é uma ilusão do homem que adora a si mesmo... A divinização do espírito humano... — então ele mudou repentinamente de assunto e declarou: — No seminário eram proibidos Turguêniev, Gontcharóv, Tolstói, Belínski, Dobroliúbov, Píssarev, Tchernychévski, Gontcharóv... Pensando bem, falei Gontcharóv duas vezes...

— Eis um cálice — disse Ilováiski, pegando com os dedos reumáticos uma bonita xícara com borda dourada do serviço de chá —, ele é simples...

— Mãe — disse Saviéli —, tire a xícara de Ilováiski, senão ele quebrará o que não é dele...

— Você, meu jovem, tem complexo de Édipo — disse Ilováiski, virando-lhe a cabeça desgrenhada de intelectual-farrista russo.

— Se não fosse tão fraco, eu lhe daria um soco — disse Saviéli, com lágrimas de indignação juvenil brilhando nos olhos, porém, ao ver o rosto assustado e sofrido de sua mãe, deu-se por satisfeito e se acalmou.

— Já chega — desconcertados, disseram ao mesmo tempo os anfitriões, os Vsesviátski —, beberam além da conta e agem como crianças.

— Não foi nada, eu já estou calmo — disse Saviéli —, vou dar uma volta no jardim.

— Temos um belo jardim, deixe-me acompanhá-lo — disse Varvara Davýdovna, e eles saíram.

— Eis o legado insolente de Moisés — disse Ilováiski quando Saviéli saiu.

— Exatamente — acrescentou Belogrúdov —, lembrem-se, a revolução...

Houve um comício no seminário... Um pregador do Velho Testamento entrou na sala, e nós lhe dissemos: a Bíblia é um dogma... Por que, foi a nossa pergunta, nós, russos, devemos estudar a história do povo judeu, por algum motivo eleito por Deus, estudar todos os seus pormenores? Será que devemos estudar a história dos judeus mais a fundo do que a história da nossa própria pátria? Em 1952, no seminário, eu mandei um artigo sobre esse exemplo de patriotismo russo para uma revista antirreligiosa, mas não deixaram passar...

— Em 1952 — disse Vsesviátski — aconteceu uma história da qual sempre me recordo... No hospital do nosso campo, estavam fazendo a autópsia de um prisioneiro. A autópsia era feita pelo médico-chefe na presença de todos os médicos prisioneiros do campo. O cadáver era de um homem de idade, e no seu peito havia uma grande cruz de cobre. A cruz e o cordão foram entregues à despensa do campo, e o médico-chefe, o major Baránov, aproveitando a ocasião, perguntou aos médicos prisioneiros se eles acreditavam em Deus. Todos responderam que sim. Somente um respondeu: “Sim, mas no sentido filosófico”. “Dá no mesmo!” disse Baránov... Eu penso — acrescentou Vsesviátski — que, se eles estivessem em liberdade, não falariam tão corajosamente que sim... Mas lá, com uma condenação de dez ou quinze anos, não tinham nada a perder.

— Eis o cálice — de novo Ilováiski agarrou a xícara —, ele é simples, mas, ao jogá-lo no chão, ele se quebrará e se tornará um cálice complexo... Vocês se lembram do cálice de Moisés... Moisés é uma personagem cuja importância foi claramente exagerada — ele continuou —, sou especialista em Antiguidade. Com o perdão da palavra, mas a mim ninguém enganará. Foi o escriba Esdras quem atribuiu essa grandeza a Moisés, numa época posterior... Isso foi provado... Os profetas da época dos Juízes ou dos Reinos não mencionam Moisés, e os grandes profetas também não, com exceção de Jeremias... Mesmo assim, ele só o faz de passagem. O culto de Moisés surgiu num período posterior, na época dos profetas Neemias e Esdras. Foi Esdras quem escreveu o Pentateuco[284] de Moisés, conferindo-lhe artificialmente um caráter antigo.

— Mas o que isso importa? — não se conteve Andrei Kopóssov, pálido e agitado. — O quê?... Desculpe-me, mas o senhor usou o termo de forma imprecisa. Ele não “escreveu”, mas “anotou”. Eu li um tratado filosófico que tentava rebaixar o Pentateuco afirmando que ele tinha sido criado posteriormente... Mas para que reforçar o que já é de conhecimento geral? E a vida dos patriarcas não é uma crônica. Lá, por exemplo, menciona-se que Abraão chegou à região de Dã, enquanto Dã veio ao mundo quatro gerações após Abraão, e a região de Dã só surgiu após o êxodo do Egito, ou seja, muitos

séculos depois dos patriarcas. Esdras reforçou a figura de Moisés em momento histórico análogo ao da fuga do jugo babilônico, que, por sua vez, repetiu a fuga do jugo egípcio. Esse é um exemplo de imitação genial que Púchkin colocava no ponto mais alto de sua criação... A imitação de grandes paradigmas exige mais talento que inovação... O estágio inferior da criação é o epigonismo, depois vem a inovação e, em seguida, a imitação dos grandes paradigmas... Isso é o classicismo... A grandeza da Bíblia está na imitação, na imitação de Deus... Pode ser que o genial imitador Esdras tenha anotado o poema no Pentateuco de Moisés através de antigas lendas orais e depois tenha colocado Moisés como figura principal, papel que lhe convém, pois a verdade da poesia está acima da verdade histórica... Mas isso eu não li... Essa ideia eu compreendi sozinho, só depois a li em Aristóteles e fiquei contente ao achar uma confirmação. Aristóteles afirmava que, mesmo se a obra do historiador Heródoto tivesse sido escrita em versos, continuaria sendo história, e não poesia. A diferença é que o historiador fala sobre o que de fato aconteceu, enquanto o poeta fala sobre o que poderia ter acontecido. Por isso a poesia é mais filosófica e mais séria do que a história. A poesia fala sobre o geral e a história sobre o particular. O geral abrange o que deve ser feito e o que se almeja, enquanto o particular histórico fala do que aconteceu e de seu resultado. E a criação do mundo do ponto de vista bíblico, sobre a qual popes atoleimados discutem num palavreado científico-filosófico, é um poema que não permite uma análise histórico-científica...

Assim se expressando, de maneira prolixa e até lhe arder a garganta, Andrei entendeu que, se ele tentou dizer algo em que tinha convicção e acreditava sinceramente, Ilováiski iria replicar de maneira mais inteligente e irrefutável, conforme a capacidade do polemista russo, cuja fala é mais inteligente do que a ideia. Nesse momento, a empregada taciturna trouxe o samovar aquecido e o brincalhão Belogrúdov, vermelho da aguardente caseira, intrometeu-se:

— Juventude, crianças... Lembram-se... — disse, alegre e rindo. — Diga-me, filho, será que você não se deflorou na infância pela excitação, não se estimulou sozinho?...

— Diga-me, filho — tomou a palavra o intelectual-farrista Ilováiski, todo desgrenhado —, será que você não cometeu atos impuros com outro homem ou deixou que ele cometesse em você, não pecou com uma mulher?...[285]

— Gavriil, pare de dizer essas coisas na frente dos jovens... — disse Klávdia, vermelha, piscando tolamente os olhos.

— Não foi flagrado com um animal no pasto ou com uma ave? — Ilováiski estava descontrolado.

— A circuncisão do Cristo se deu no oitavo dia de sua existência carnal — dizia também o velho Belogrúdov, atrevido —, no oitavo dia dignaram-se a circuncidá-lo para a salvação da nossa tribo.

— Vocês se lembram do incêndio na igreja? — disse Vsesviátski. — Uma caixa com tocos de velas pegou fogo no coro... O sacerdote corria segurando uma cruz e gritava: “Apaguem, apaguem!...”. Depois o piso se incendiou...

— E quando nós estávamos escondidos nuns arbustos? — ria Belogrúdov. — Uns gritavam: “Bosta!”, outros: “Pegue!”, “Idiota!”...

— E a prece para a fundação da casa — ria Ilováiski —, para a escavação do poço... Abençoai os ovos e o queijo... A prece para os que traziam espigas de grãos.

E o ambiente em volta da mesa se tornou nocivo, com uma alegria típica de monastério, mas a profetisa Pelágia mantinha-se em silêncio, pois ela sabia como era difícil para um russo acreditar em Deus... Se lhe oferecessem algo de útil na descrença, no ateísmo, ele ficaria contente. No início, parecia que ele havia achado um substituto para sua fé, e ele alegrou-se, mas não por muito tempo, pois isso passou ainda mais rápido... E ele regressou, mas para onde? Um russo é capaz de acreditar diante da vastidão de sua terra e de sua história? Se não em Deus, ao menos “naquele que foi crucificado para nos salvar na época de Pôncio Pilatos”... O profeta Isaías dizia que não se deve procurar sempre por Deus, mas apenas quando Ele está próximo. Mas Ele só se aproximará de uma jovem nação não religiosa quando ela se cansar de sua frivolidade alegre, livre e ruidosa. Ele se aproximará de uma jovem nação na desgraça, mas se afastará dela na alegria. Uma nação adulta cederá à tentação na opressão — como, privados do Pai, foram tentados os judeus na opressão egípcia —, mas na alegria essa nação conhecerá o florescimento divino... É grande o pranto bíblico, o lamento dos profetas, o choro de Jeremias, mas o homem está mais próximo de Deus ao louvá-lo. Não por acaso o Livro dos Salmos é chamado, na versão original hebraica, de Livro dos Louvores... Conseguirá o povo russo sentir Deus plenamente na alegria, e não na desgraça; a fé russa irá se tornar adulta? Ou ele voltará ao mesmo círculo sem nada aprender? O ateísmo russo perdeu, mas terá a fé russa ganhado algo por isso?...

Agora os três velhos amantes do riso, ex-seminaristas, davam sinais de cansaço, e nos rostos exauridos transparecia devoção. Eles passaram a falar sobre a prece de outra maneira.

— E da oração com três profundas reverências, lembram? — disse Ilováiski. — “Senhor, soberano do meu ventre, livra-me do espírito da ociosidade, da

ambição e da vaniloquência, mas concede a mim, teu escravo, o espírito da castidade, da humildade, da paciência e do amor... Senhor, Rei, faça com que eu veja minhas faltas e não condene meu irmão, pois tu és bendito pelos séculos dos séculos, amém.”[286]

— E que cantos havia no seminário — disse Belogrúdov, num tom calmo e sonhador —, o coro do prelado... O chantre... — e se pôs a cantar com uma voz surpreendentemente jovial: — Creio em Ti, Pai Nosso...

Os outros dois velhos o acompanharam, e o canto soou de forma harmoniosa. Varvara Davýdovna, voltando do jardim com um prato de maçãs molhadas, disse:

— Vocês, beatos, cantem mais baixo, basta de louvores — e ela se sentou com um sorriso doce e tolo, o mesmo que adornava o rosto de Klávdia, entre lágrimas.

E os velhos, que até então só haviam blasfemado, cantavam com sentimento, mesmo o filósofo conhecedor da Antiguidade, Ilováiski, que, após assoar o nariz com modos de bêbado, disse:

— Na igreja do seminário havia dois coros, cada um com seu chantre... Vocês se lembram do regente Kolka, que se casou com a mulher de um pope rico?... Ela tocava piano de cauda e Kolka violino...

Para não perturbar a boa disposição conquistada com dificuldade pelos velhos, a profetisa Pelágia levantou-se cuidadosamente da mesa e dirigiu-se ao quintal, de onde foi ao jardim por um caminho revestido de tijolos. Andrei, atraído pelas orações e pelos salmos cantados pelos velhos, não notou a saída de Ruthina, mas, quando voltou a si e não a encontrou por perto, sentiu de repente a dor de uma perda irreparável, ficando atordoado, pois, pela primeira vez em três horas, ela não estava a seu lado. Levantando-se de um salto e chamando a atenção de todos, de modo que até os velhos pararam de cantar, Andrei desceu correndo os degraus da varanda e olhou ao redor, sem saber para onde ir. De repente alguém se atirou às suas costas e o empurrou, e ele, de susto, deu um grito estranho.

— O que você tem? — assustada, Varvara Davýdovna apareceu nos degraus com uma lanterna na mão, pois já estava escuro.

Surgiu também o desgrenhado Ilováiski, novamente com uma expressão maliciosa, maldosa e descarada no rosto.

— A juventude tem suas questões... O ciúme... Ele tem ciúme de Saviéli...

— Foi o cachorro que o assustou — disse Varvara Davýdovna —, ele não morde, meu jovem.

— Qual é o caminho da estação? — disse Andrei, sofrendo pela súbita

mudança que lhe acontecera, pois, pouco antes, ele se mostrava seguro de si diante daquelas pessoas, defendendo o que lhe era caro com palavras firmes, sentindo-se maduro, mas agora, ao se assustar como um tolo, ele revelara seus sofrimentos mais íntimos, que, aos olhos desses velhos, pareciam infantis, assim como agora se tornaram infantis as palavras tão apuradas que ele dissera durante a discussão...

— Mas espere — apareceu também Klávdia —, talvez possamos pegar o trem juntos... Ou pode ir com Saviéli... Saviéli! — chamou. — Mas onde está ele? Provavelmente passeando com Ruthina.

— Não, eu vou — disse Andrei, apressado, sentindo sobre si o olhar irônico e descarado de Ilováiski —, está na hora de ir...

Ele atravessou o portão e começou a andar a esmo sobre a grama molhada e, quando se virou, percebeu que, mesmo se quisesse voltar, não saberia por onde ir. Todas as *datchas* surgiam na escuridão e pareciam iguais. Afastando-se o quanto pôde, Andrei sentou-se numa grande pedra, das que emergem da terra ou jazem sem motivo à beira das estradas dos subúrbios, e começou a refletir, mas, por qualquer razão, não sobre seu amor por Ruthina, que era intenso, embora tivesse nascido três horas antes, e que já havia lhe causado tanto sofrimento e tanta vergonha diante de todos. Ele começou a pensar sobre o começo da sua vida em Moscou, quando tudo o que o afligia nesse instante ainda lhe era festivo e agradável.

Ao chegar à capital, Andrei descobrira entre muitas das pessoas respeitadas por ele naquele tempo um sentimento russo nacional-religioso, e este sentimento fora justamente o primeiro degrau de sua iniciação ao mundo espiritual. É possível refletir de várias maneiras sobre os acontecimentos atuais; no entanto, deve-se reconhecer que a renovação da juventude começou com um sem-número de crucifixos de grande consumo, feitos do mesmo material dos porquinhos com uma abertura em cima para pôr moedas. Ele também sonhava em conseguir um crucifixo desses, assim como antes sonhara com uma faca finlandesa, que ele via nas mãos dos poderosos. Uma vez que, mesmo antigamente, tudo o que era digno de imitação era russo, da mesma forma que era russo tudo o que era coroado e recompensado, esses crucifixos russos ajudaram a renunciar ao passado e a mudar muitas coisas, mas não mudaram nada em essência. Andrei começou a ler o Evangelho que Vássia Korobkóv lhe emprestara, e no Evangelho tudo também era russo e negava o que não era, mas o que havia de mais não russo, naturalmente, eram o judaísmo e Moisés... Tudo o que vinha de Moisés era maldoso, enquanto de Cristo bondoso... Muitas mulheres da

intelligentsia, algumas de origem judia, que haviam se iniciado na renovação russa, reforçaram ainda mais a afeição dele pelo Cristo russo... A alegre lua de mel entre Andrei e o cristianismo russo não foi destruída por dúvidas espirituais, para as quais, naquela época, ele não estava preparado, mas por acontecimentos à primeira vista insignificantes e cotidianos, e pelo caráter desagradável dos cristãos da capital. Um caráter definido pela obviedade e pelo consumismo, correspondendo mais às emoções nacionais do que ao desejo de penetrar verdadeiramente nos preceitos evangélicos. Quando os jovens começaram a fazer cópias à mão dos textos evangélicos e a repassá-los um para outro, como se fossem panfletos, ele entendeu definitivamente que a religião não salvaria a Rússia no futuro, assim como o ateísmo não a salvara no passado. Não há como se salvar sozinho: o homem é indefeso diante de si próprio. O caráter nacional — eis seu verdadeiro opressor. Não foi concedido ao homem modificar a si mesmo, mas compreender-se e advertir os outros por meio de suas palavras. O que será, só Deus o sabe, mas o que não deve ser, o homem também pode sabê-lo. Não deve haver esperança demasiada na religião, como houvera no ateísmo, pois, agora, a religião cristã não pode confiar em si mesma. O cristianismo, que começou seu caminho histórico com a conspiração dos apóstolos contra Cristo, compreende, certamente, que o que o homem mais espera receber da religião é paz de espírito, em troca da qual ele está disposto a dar sua submissão. Ele espera o mesmo que um filho espera de sua mãe — apenas se eu me tranquilizar, serei obediente... E ela o tranquilizará com o amor pelos sofrimentos e a recompensa será a vida após a morte. No entanto, se o amor ao sofrimento for substituído pelo amor à proeza — o que, em princípio, é a mesma coisa — e a recompensa, em vez da vida após a morte, tornar-se a glória da nação, isso estará plenamente de acordo com o desafio terreno contra Deus — a construção das torres nacionais de Babel. O cristianismo apostólico se orgulha de seu amor pelo homem, mas, na realidade, em sua base moral dá uma importância e um sentido exagerados ao homem no mundo divino, aproximando-se dos ateus. Não, não é isso que ensinam os profetas bíblicos, não é assim que eles trazem tranquilidade, mas com a verdade bíblica, com a verdade de Deus. A verdade consiste no fato de o homem ser uma criatura amaldiçoada desde sua expulsão do paraíso, do Éden. Compreender a verdade sobre si está ao alcance de qualquer um, no entanto nem todos estão dispostos a compreendê-la. Poucos concordam em fazê-lo. Mas essa verdade tanto aliviará sua vida como a reforçará. Assim, cada minuto bem vivido, qualquer felicidade, toda boa ação será recebida como algo não merecido, por isso a recompensa será duas vezes mais valiosa; toda

desgraça, todo fracasso, ao contrário, será recebido como algo merecido, por isso o castigo será menos ofensivo. Não esperar por recompensas, que devem ser sempre inesperadas e recebidas como algo que não lhe pertence, e não temer castigos, que devem ser sempre aceitos como algo natural — eis o verdadeiro destino de uma personalidade religiosa.

Há uma célebre passagem no Segundo Livro de Moisés, "Êxodo", em que os filhos de Israel, amedrontados diante do faraó que os perseguia, em lugar de lutas e feitos, dirigiram-se a Deus com uma prece, e a Moisés com maldições, pois ele os forçava a lutar e os afastava das preces. E o grande profeta, com o coração aflito, dirigiu-se ao povo que rezava e prometeu-lhe, por meio de uma prece, a clemência de Deus: "Não temais, ficai firme, e vós vereis a salvação que o Senhor hoje realizará. [...] O Senhor lutará por vós e vós vos tranquilizareis".[287] Então o Senhor deu uma lição a Moisés. "E disse o Senhor a Moisés: Por que chamas por mim? Dize aos filhos de Israel que partam."[288] O desígnio de Deus não é suficiente, sem o homem nada acontecerá, nada se realizará.

Andrei Kopóssov se lembrou de quando, algum tempo antes, visitara o mosteiro de Zagórski, nos arredores de Moscou, conhecido como Mosteiro da Trindade-São Sérgio,[289] e voltara de lá com um peso no coração. Ele sempre teve medo de cemitérios, e o mosteiro parecia exatamente um cemitério, com túmulos escavados para apreciação geral. Tudo ali tinha a aparência desses túmulos velhos, que, atraindo turistas, eram lucrativos — os muros do mosteiro, os campanários, o refeitório, que, construído no estilo rústico do "barroco russo", lembrava um *kalátch*[290] corado e petrificado, extraído de uma sepultura, um alimento ideal para os mortos e assustador para as bocas vivas. E, como nos túmulos, tudo estava coberto por inscrições: as religiosas com uma caligrafia ornamentada, as públicas com uma escrita severa. Multidões de velhas quase da mesma idade — perto dos sessenta anos —, quase da mesma altura e vestidas da mesma cor — preto ou cinza — harmonizavam com o cenário. Às vezes entre elas surgia um rosto de homem ou um rosto jovem, que com frequência era de menina — os meninos ali eram raros. Só que esses rostos também se tornavam parecidos com os das velhas, e se podia pensar que todos os defuntos tinham rostos assim, independentemente do sexo e da idade. Os visitantes de fora olhavam para elas com curiosidade e cautela, como um vivo olha para um defunto. Somente os monges — uns usando vestimentas pretas com insígnias de distinção, correntes e cruzes, outros vestes cinza e cinturadas sem insígnias — zanzavam pelo pátio com os rostos saudáveis, vivos e brilhantes e se dirigiam

aos devotos com tranquilidade. Havia um quê de coveiro nesses monges, que estavam habituados a lidar com corpos mortos como objetos de trabalho cotidiano. Apesar de ser verão, o dia estava frio e ventoso, e os devotos, como numa estação a céu aberto, se acomodavam sobre uma longa fileira de bancos de jardim. Uns dormiam, deitados nos bancos, outros petiscavam modestamente (pães e salsichões cozidos) e bebiam água de garrafas de meio litro. No mosteiro também havia gatos, que aparentemente se alimentavam das esmolas dos peregrinos, e nuvens de pombos, que pousavam sobre quem dormia e flanavam.

Numa das antigas igrejas, diante da célebre iconóstase, considerada um patrimônio do país, acontecia uma missa. O sacerdote, de óculos, com uma vasta cabeleira branca, sentava-se à cabeceira daquilo que representava o Caixão do Senhor — o Leito de Deus —, de um prata fúnebre e reluzente, e o recitativo dos homens era acompanhado pela "Aleluia!" das mulheres. Os devotos andavam em fila e seus lábios tocavam o Leito de Deus. Tudo isso acontecia a meia-luz e no aperto. Na outra metade da igreja, estreita como uma sala de espera, havia bancos em que os peregrinos se sentavam, espremidos, com suas trouxas e cestas, como numa estação de trem. Apesar da "Aleluia", o local lembrava uma repartição pública russa, com a morosidade das instituições russas, a igualdade russa, a monotonia e o coletivismo. O caráter russo, das florestas e das estepes, formou-se, desde tempos remotos, no espírito da coletividade, consolidando-se assim até os dias de hoje. Por isso o individualismo é tão frágil nele, por isso esse caráter é ateísta e comunitário, e a igreja russa o confirma até com seu aspecto exterior. Quando o homem russo tenta violar a si mesmo, isolando-se em mosteiros, vivendo a vida de eremitas, tentações lhe aparecem com força singular, tentações das quais só é possível se refugiar no coletivo. Lev Tolstói, que tinha uma percepção de mundo bastante sensata, representou essa ideia de modo pleno em *Padre Sérgio*. Uma menina de oito anos que sua mãe, uma turista, havia levado para ver uma missa, disse de modo tipicamente tolstoiano:

— Vamos embora, isso me dá medo — sussurrou a menina, farta de escutar a "Aleluia" e de ver o caixão de prata coberto de beijos.

Não, a religião não renovará o caráter russo, pois ela mesma é fruto desse caráter e precisa de renovação. Porém, justiça seja feita, a religião russa, por força de sua morosidade, apenas expressa de modo evidente o que é característico na situação atual da religião como um todo. Hoje é especialmente compreensível o temor de Tolstói da igreja, que tornou a fé pública e coletiva. Todas as religiões se formaram quando massas de pessoas ignorantes precisavam, tal como as ovelhas, de um pastor. Entretanto, a intimidade não é

menos necessária à religião, e talvez seja até mais, do que o amor. Nenhum outro homem, por melhor que seja e por mais importante que seja o título que o paramenta, deve ou pode violar a intimidade da fé, pois a exposição pública da fé pela igreja, num grau ainda maior que a do amor, é o caminho da desilusão e da ruína espiritual. E será que um homem que declara sua fé abertamente está longe daquele que comete adultério abertamente? Se no passado a expressão pública da fé era uma triste necessidade, no futuro a intimidade da fé se tornará uma necessidade inevitável. A intimidade é o único caminho para a renovação religiosa. As pessoas podem saber que um sujeito está apaixonado, mas não devem saber como ele ama, podem apenas imaginá-lo. O mesmo vale para a religião. A importância do rito, que priva a religião de intimidade, deve enfraquecer, ao passo que o significado da fé íntima deve aumentar...

Assim se tranquilizou Andrei Kopóssov, o filho ilegítimo do Anticristo, da tribo de Dã, e de uma mulher russa, Vera Kopóssova, da cidade de Bor, da região de Górki. Ele compreendeu o que o atormentava e determinou com clareza seu caminho. Ele sabia que acreditava em Deus e por isso se sentia no direito de prevenir os outros da tentação religiosa que se aproximava da Rússia em meio ao tédio de ateístas oficiais e desprovidos de talento, advertindo de que no futuro a religião seria o grande perigo no país. Ele seria odiado por sua posição antirreligiosa — em círculos antigovernamentais não oficiais despertaria risos, e em círculos oficiais tentariam se aproveitar dele, como Pilatos tentara se aproveitar da advertência de Cristo contra a envelhecida Lei de Moisés, Lei em que Jesus Cristo, um judeu, acreditava com todas as forças de sua grande alma.

Quando Andrei Kopóssov, filho do Anticristo, entendeu a orientação antirreligiosa a que fora predestinado, a profetisa Pelágia, filha adotiva do Anticristo, que estava com Saviéli no jardim escuro da *datcha*, sentiu isso por meio de um pequeno baque no coração e disse, sorrindo:

— Saviéli, eu gostei do seu amigo Andrei, mas ele é muito jovem, ele não serve para mim.

Fazia tempo que entre ela e Saviéli havia se estabelecido uma relação sincera e amistosa, como entre duas amigas, com ajuda da qual uma mulher inteligente impede o homem que não ama de dar passos arriscados. Se isso dura muito tempo, o homem realmente começa a entender cada sensação dessa mulher, e sua vida torna-se praticamente um prosseguimento da dela.

— Ele caiu de amores por você — disse Saviéli —, apaixonou-se num instante e, mesmo se encontrasse outra mulher, não seria feliz.

— Ele não vive para ser feliz ao lado de uma mulher — disse a profetisa

Pelágia.

— Vássia também se apaixonou por você — disse Saviéli —, apesar de ser um desbocado... É um homem infeliz.

— Eu sei — disse a profetisa Pelágia —, mas ele não sofrerá ou se atormentará por muito tempo.

De repente nos olhos dela surgiu um reflexo impuro, no tom rubro-escuro da ginja que matiza o ferro incandescente e as brasas de uma fogueira se extinguindo. Era a cor cruel do castigo celestial que a profetisa recebera como legado de seu pai adotivo, o Anticristo. Toda vida, bondosa ou perversa, termina sob domínio dessa cor...

Saviéli nunca havia visto nada parecido, pois o jardim se iluminou e as macieiras bem cuidadas, de troncos caiados, ficaram visíveis. Um homem são, vendo isso surgir da mulher amada, teria perdido o juízo, mas Saviéli já havia passado por um tratamento na clínica psiquiátrica e agora se sentia atraído pela alquimia com a mesma paixão que o atraía, na tenra juventude, para o doce pecado dos solitários. Ele também tinha seus acessos, mas não se afligia com eles: simplesmente, em tais momentos, os pensamentos contínuos que o atormentavam tornavam-se mais insistentes. Assim, ele começou a pedir a Ruthina-Pelágia que lhe desse um pouco de seu sangue.

— Qualquer pessoa pode fazer uma análise de sangue na policlínica — dizia Saviéli —, eu já combinei tudo, eu pagarei e me darão uma proveta com seu sangue... Não oficialmente, claro... Eu tenho uma prima, Nínotchka, até pensei em pegar o sangue dela quando ela veio nos visitar, mas depois eu soube que ela havia se casado. Preciso do sangue de uma virgem.

No jardim da *datcha* estava fresco e úmido depois da chuva intempestiva típica do subúrbio, e no ar pairava um odor rico que parecia o perfume da própria vida. “O perfume da vida terrena, em sua raiz, deveria ser exatamente assim,” pensava a profetisa Pelágia, “depois da chuva da noite, num jardim de macieiras de subúrbio.”

Esse perfume inspirou também Saviéli. Ele passou a falar do motivo de suas noites insones, da ideia que tivera nos últimos meses, de seu sonho de uma alquimia moderna e renovada, a única capaz de resolver o mistério de tudo, o mistério dos mistérios, o mistério da vida.

A profetisa entendeu que nem isso o salvaria. Os livros o arruinaram, o que acontece com frequência a naturezas impressionáveis, sensíveis, cuja vida emocional serviria a um gênio, enquanto a intelectual se limita a de um adolescente. São capazes de abraçar uma imagem artística com força e

profundidade, embora de forma limitada, mas um livro, que exige uma generalização madura, lhes é nocivo. Sem dúvida, Saviéli era um homem de extremos perigosos e fruto de uma má mistura de sangue, no entanto, muitos traços que lhe eram peculiares vinham, em geral, de uma leitura religiosa imatura. É mais provável que um jovem ardente descubra Deus em Púchkin do que no Evangelho... Assim como surgira, no início do século, um entusiasmo generalizado pelos livros inteligentes do materialismo econômico — que dera início ao declínio de muitas almas talentosas —, hoje surge o perigo do entusiasmo pelos livros sagrados, graças aos quais algumas almas, ou até muitas, já começaram a decair. O início da queda de Saviéli se dera com o Santo Evangelho, um fragmento da Bíblia. A Bíblia para pessoas dessa natureza é menos nociva ou menos sedutora. Tudo é muito claro — "olho por olho" —, o que é difícil de ser compreendido aqui? Porém, o Evangelho — "ame seu inimigo..." — arrebatará corações, fará promessas, cativará e levará não para a clareza de Púchkin, mas para os livros místicos. Assim, para o jovem crente, o ascetismo cristão inevitavelmente se transforma em uma mística erótica. Isso é particularmente perigoso numa época de aridez espiritual, provocada pelo predomínio de um ateísmo medíocre e inconsequente, o ateísmo idealista.

Fazia algum tempo que Saviéli passara a frequentar um círculo de jovens que se reuniam secretamente na residência de um deles e se entregavam com entusiasmo à Idade Média, graças à moda atual de cantar louvores a ela por qualquer pretexto. Gógol tinha o direito, num século envelhecido, de admirar a Idade Média, de alegrar-se com o jogo livre e juvenil da alma e do pensamento; no entanto, os homens de nosso tempo, que viram e sentiram o fim, inevitavelmente medíocre, do talentoso jogo medieval do homem-deus, não devem, em seu derradeiro momento sem talento, tentar imitar seu começo fecundo e notável... Nenhum jogo infantil deve ser levado até seu fim tedioso, pois qualquer criança sabe que a parte mais desinteressante de um jogo é o fim. A Idade Média foi uma infância renovada, alegre e temporária, que surgiu depois da velhice bíblica, sábia e eterna. Foi precisamente na Idade Média que o cristão tornou-se em definitivo um pagão alegre. O fascismo, como todo movimento popular, é um alegre jogo infantil que começou com os gênios medievais. Mas um gênio é dotado da grande capacidade salvadora de realizar o horror somente em sua alma e pensamento, poupando o mundo de sua mais terrível ameaça: a materialização de fantasias e extravagâncias humanas inconcebíveis. Quando desse jogo participam crianças de sangue impuro, fica claro que as fantasias de Shakespeare e de Dante têm seus atores e praticantes. Um simples enigma

atormentava a *intelligentsia* liberal: de onde surgiu o fascismo na culta Europa? O fascismo surge quando uma infinidade de pobres crianças de sangue impuro inicia-se nos jogos notáveis da Idade Média. E um homem adulto, aparentemente um representante de uma nação adulta, liga-se facilmente a esses alegres jogos, afasta as amarras da razão que o privaram de tantos prazeres selvagens, amaldiçoa o "é proibido" de Moisés, atribui um sentido pagão ao "é permitido" de Cristo, alegra-se, transforma-se numa criança medieval do século XX; no entanto, alegra-se já com beliscões e mordidas, como folgam e brincam os abortos espinhentos cheirando a urina. Mas o que confere pompa medieval a esse jogo são as quinquilharias místicas.

Em outros tempos, na Rússia, decadentes que tinham desaprendido a crer em Deus eram atraídos pelo misticismo. E o que ocorrerá se hoje por ele são atraídos os filhos do tedioso ateísmo dos anos anteriores que ainda não aprenderam a crer em Deus? Em que se transformará o misticismo russo popular de massa? Que jogo será jogado pelos russos para sua própria perdição e para a dos outros? Há muitos pecados na alma russa, pois esse é seu destino; uma nação que dominou tantos espaços não pode viver sem causar tormentos a si e aos outros. No entanto, será que não se prepara para o futuro um terrível pecado, que já não será perdoado por Deus? Quando o Santo Evangelho começar a ensinar a maldade às almas imaturas e cansadas do ateísmo...

Eis os livros que eram lidos no círculo frequentado por Saviéli: *Da condição do homem após a morte e a transformação do corpo perecível em imperecível, assim como foi criado no Éden, e da condição dos corpos imperecíveis condenados pelos princípios das trevas*; *As portas da natureza oculta e de suas qualidades que agem sobre o bem e o mal. O que é a essência das coisas e a matéria-prima que todos os químicos desejam há tempos conhecer: a matéria-prima do remédio filosófico universal, em prol dos que buscam verdadeiros conhecimentos espagíricos e médicos*.

No entanto, fazia algum tempo que Saviéli quase não aparecia nesse círculo, ficando mais tempo em casa em meio aos matrazes e as retortas que havia arranjado no depósito de uma farmácia. Pensava também em abandonar o Instituto de Literatura para entrar no curso de bioquímica da universidade. Por ora, abasbacava-se com o livro *Sobre os homúnculos filosóficos, o que eles são na realidade e como criá-los*.[291] Na página de rosto havia um adendo que lhe agradava especialmente: "Edição impressa, ilustrada e comunicada ao mundo". A origem dos homúnculos filosóficos foi divulgada ao mundo com simplicidade e segurança, sem excesso de lirismo e com convicção científica.

“É engendrado da seguinte maneira. Pegue um matraz do melhor vidro de cristal, coloque uma parte do melhor orvalho de maio, colhido na lua cheia, duas partes de sangue de homem e três partes de sangue de mulher. É necessário notar que os participantes, se possível, devem ser puros e castos. Em seguida, feche o matraz contendo esse material com uma rolha opaca e conserve-o num lugar quente para putrificar; então, no fundo, se precipitará terra vermelha. Depois filtre o mênstruo,[292] acumulado na parte de cima, em um vidro limpo e preserve-o cuidadosamente.”

Assim começava a descrição do processo de criação dos homúnculos filosóficos, homens e mulheres...

A profetisa Pelágia sabia que o que Saviéli queria realizar era pecado e, tendo ouvido mais de uma vez seus relatos entusiasmados e seus pedidos insistentes de que ela doasse um pouco de seu sangue para o experimento, pensava em como poderia advertir o rapaz atormentado que havia se apaixonado por ela. Ela sabia que palavras não adiantariam nesse caso, mas não podia achar um jeito de impedi-lo. Ela poderia recusar seu sangue, o que já havia feito, mas isso só reforçaria o desejo de Saviéli de executar o planejado: ele procuraria sangue em outro lugar, viveria por isso e tornaria seu pecado ainda maior. Ou ela poderia lhe dar seu sangue e ele realizaria sua experiência, que, certamente, não daria em nada ou, pelo menos, não no que ele esperava, como acontece em todo experimento alquímico. Então ele daria mostras de sua verdadeira obstinação mística, se lançaria a novas experiências, a novos fracassos, e, se estivesse fadado a viver uma vida longa, envelheceria no pecado. E agora, parada no jardim escuro da *datcha*, entre as macieiras, respirando profundamente o perfume rico, excitante e úmido da vida, vendo perto de si o rosto pálido de Saviéli — apaixonado, de feições eslavas, com o nariz curto de Klávdia e os olhos assustados e noturnos de Aleksei Ióssifovitch ou mesmo de seu avô, Ióssif Chaímovitch —, vendo e sentindo tudo isso, a profetisa Pelágia de repente decidiu lutar contra o pecado ajudando-o a se realizar e a se revelar, decidiu lutar contra Satanás indo ao seu encontro...

É preciso notar, a propósito, que a profetisa Pelágia, havia tempo, era atormentada por sua feminilidade e sentia plenamente em seu corpo o terceiro flagelo do Senhor — o animal selvagem. O sinal de seu dom profético lhe fora dado através da tentativa de estupro que sofrera quando era menina, perto da cidade de Bor, e ela se lembrava disso. Ela também sabia que a façanha da castidade, que agora guardava por amor ao Senhor, era fortalecida por Satanás, participante inevitável de qualquer drama arriscado do Senhor... No início,

quando Pelágia ainda era uma adolescente e, depois, uma jovem, o pudor e o amor filial a ajudaram, e fora o período menos complicado de sua luta. Porém, quando ela começou a ler a Bíblia e o Evangelho e a rezar com frequência, por algum motivo se tornou particularmente difícil manter seu voto de castidade. Ela rejeitara, sem esforço e sem luta, os que lhe fizeram propostas, na maior parte rapazes de seu círculo, pois as relações de Pelágia e de seu pai, zelador do JEK,[293] eram restritas... Mas na fase mais difícil, entre 25 e 30 anos, ela se viu muitas vezes diante de homens perigosos...

Uma vez, o JEK a enviou para ajudar na colheita de batatas, fora da cidade. No caminho, o motorista que conduzia a profetisa Pelágia ao entreposto tentou violentá-la na cabine. Nela transparecia algo de muito feminino que incitava uma natureza indômita à violência... Eles lutaram numa pequena floresta, aonde tinham ido tomar um pouco de ar fresco, e subitamente a profetisa Pelágia teve vontade de se entregar. Mas Satanás, que estava ao lado e tinha seus próprios desígnios, viu e compreendeu tudo. Esse motorista era um conhecido arruaceiro da aldeia que tinha sido preso por causa de uma briga com faca, mas um belo rapaz. Ele já havia violentado algumas mulheres na aldeia, no entanto todas tinham medo de apresentar queixa. Ele não gostava apenas de violar, mas, primeiramente, de assustar e de humilhar, sobretudo nesse dia, em que uma mulher se encontrava inteiramente sob seu poder, sozinha numa floresta no cair da tarde. Claro que ele não viu Satanás, que estava ao lado da profetisa. No entanto, quando o motorista bateu em seu rosto e a agarrou, Pelágia não quis usar seu poder profético, mas apenas sua força física. Se, na época em que Pávlov tentara violentá-la, ela era uma menina frágil, agora era uma mulher madura e robusta do norte da Rússia. Ela deu um chute no ventre do motorista e foi embora com a blusa rasgada, cobrindo com as mãos os seios desnudos. Assim ela se salvou da tentação pela primeira vez. Na segunda vez, tudo deveria acontecer de boa vontade: um homem bom e bonito havia lhe agradado, mas um ferido de guerra, um mutilado. Tudo também aconteceu muito rapidamente, e o grande perigo era justamente a pressa. Houve um pedido de casamento, tudo em ordem e conforme a lei, mas contra a ordem e a lei havia seu forte voto de castidade. Ela temia somente a desordem e o acaso. E esse acaso perigoso se dera durante um funeral, ao qual Pelágia havia ido com seu pai, o Anticristo. Seu pai, Dã, a Áspide, o Anticristo, precisou sair mais cedo devido aos seus afazeres de zelador, e na volta Pelágia foi acompanhada pelo ferido de guerra. Claro que houve lágrimas no funeral — embora o morto não fosse muito conhecido, as almas estavam enternecidas. Eles caminhavam nesse estado de espírito, e não era

ele que a conduzia, mas o contrário, pois as ruas estavam cobertas de gelo e ele usava uma prótese e uma bengala. Quando se aproximaram da casa dele, ele pediu que a profetisa Pelágia entrasse:

— Ruthina, vamos tomar um chá depois desse frio gelado...

Ele agiu como normalmente agem os homens nessa situação... Ela entrou e ele se pôs a mostrar as fotografias do *front* em que aparecia com o morto. Mostrando as fotos e chorando, seu rosto ganhou uma expressão totalmente infantil, e ela sentiu pena desse homem que havia sacrificado na guerra sua juventude e masculinidade e agora não era plenamente viril. E ela de novo teve vontade de se entregar. Mas Satanás, como antes, estava ao lado. A luz fora apagada com antecedência, o ferido de guerra visivelmente sentia vergonha, diante da jovem, de sua mutilação, do que sobrara de sua perna... A profetisa Pelágia já havia se deitado na cama quando, de repente, no escuro, esbarrou a mão na bengala dele, que caiu, e o barulho da queda fez com que a profetisa voltasse a si de longe, aonde havia ido por um instante, apoiada no travesseiro, ao lado de um corpo estranho e tenso que ela deveria salvar, assim como a si mesma... Ela se levantou de um salto, pois tudo o que acontecera, mesmo que o irreparável não tivesse sucedido, formara uma história. Assim que se compôs um enredo, restabeleceu-se a ordem, e, com a ordem, restabeleceu-se o voto de castidade que ela fizera ao Senhor. A profetisa se vestiu, desculpou-se e, pedindo que ele não acendesse a luz até que ela saísse, partiu tateando no escuro... Nessa época, Pelágia estava com 27 anos e, então, pareceu-lhe que sua virgindade era suficientemente forte e não estava tão sujeita a tentações. No entanto, as tentações logo reapareceram: primeiro em sonhos, depois na realidade. Por isso, agora, parada num jardim escuro, ao lado de um pecador apaixonado por ela, a profetisa resolveu lutar contra o pecado indo ao encontro dele, de Satanás, mas, mesmo assim, sem quebrar seu voto de castidade.

— Está bem — disse ela —, eu lhe darei sangue para a experiência.

Saviéli não podia acreditar em sua sorte, pôs-se a rir alegremente e pediu para beijar sua face. Ela permitiu. Então ele pediu para beijar sua mão. E ela consentiu de novo. Mas ele não teve coragem de ir adiante em seu pedido, e eles saíram do jardim.

— Ruthina, talvez possamos passar a noite aqui — disse Saviéli. — A *datcha* é grande, e acharão um quarto para nós.

— Não — disse a profetisa —, meu pai está sozinho em casa... E eu também sinto falta dele...

— Então eu vou também, mas vamos embora sem nos despedirmos, minha

mãe entenderá, senão eles vão nos segurar aqui. Só não sei como chamaremos Andrei...

— Andrei foi embora há muito tempo — disse Ruthina-Pelágia. — Eu o vi sair.

— Ele está sofrendo — disse Saviéli. — Tenho pena dele.

— Mas de Vássia você não tem pena — disse de repente Ruthina-Pelágia — e ele também está sofrendo.

— De Vássia? — repetiu Saviéli, surpreso. — Eu o conheço há muito tempo. Ele é perigoso, vive de uma forma assustadora, é como se todos fossem culpados de algo perante ele. Eu tenho medo de Vássia — confessou Saviéli —, é um terrível antissemita, um antissemita doentio e agitado.

— Não é verdade que ele se parece muito com meu pai? — perguntou a profetisa Pelágia.

— Realmente — respondeu Saviéli. — Eu estava pensando nisso agora mesmo. Provavelmente porque os ucranianos do Sul se misturaram com os turcos. Aliás, ele sabe que parece um judeu e sofre por isso. Se ele tivesse outra aparência, possivelmente seria um bom rapaz e um antissemita mais moderado. Hoje, perto da galeria Tretiakóv, ele ficou muito nervoso e bateu em Sómov tolamente. Pode-se bater em Sómov com mais inteligência, ele merece. Vássia nem sempre age como um tolo; quando ele se distrai, se esquece de si, bondade transparece nele, e é agradável ficar em sua companhia. Mas hoje ele pode causar problemas.

Isso era verdade. Depois de se separarem, perto da galeria Tretiakóv, depois de ele falar seus disparates, das vendas dos *jides* e do Deus *jid*, Vássia não conseguia se acalmar nem ficar sentado, andava de um lado para outro na esperança de se cansar e de se tranquilizar. Mas ele não se cansou nem se tranquilizou. E não compreendia o que lhe passava: ele odiava os judeus a ponto de ter um ataque de nervos e de repente se viu apaixonado por uma judia de olhos azuis. Em relação às mulheres, Vássia era mais calmo e ponderado do que Saviéli e Andrei e considerava as paixões e os suspiros amorosos sinais de fraqueza que não convinham a um homem, a não ser que fosse um judeu. Vássia havia se casado com uma lavadora de pratos, mas se separara; agora ele mantinha um relacionamento com uma professora de inglês da escola que ficava em frente à casa dele... Eis que, desde manhã, ele foi invadido pela tristeza. Vássia sabia onde morava Saviéli e ouvira dizer que no mesmo apartamento morava a judia que lhe tirava o sossego.

“Eu vou lá,” decidiu Vássia, “faz tempo que preciso fazer isso. Farei um

escândalo na casa dessa *jidovka* e depois me acalmarei e me esquecerei dela.”

Vássia passou antes pela Casa dos Escritores e entrou no famoso restaurante em que o público literário privilegiado tinha permissão de aspirar o cheiro picante da carne em decomposição e do molho de tomate azedo... Sentado à mesa de um cantor judeu rico que tinha pavor de seus escândalos e que, dois anos antes, havia apanhado dele nas festas de Maio, Vássia tomou, de graça, uns trezentos gramas de vodca com *sprats*...[294] Vássia comia pouco... Da Casa dos Escritores até o bulevar em que morava a judia era bem perto, e Vássia andava rápido, mas os trezentos gramas de vodca gratuita subiram-lhe mais à cabeça e deformaram ainda mais o mundo divino diante dele. Ele chegou nesse estado de espírito ao prédio do bulevar. Era uma construção antiga, distinta, pré-revolucionária, e a Vássia parecia haver um cheiro adocicado de *jid* na escadaria. No entanto, no andar de cima farreavam ruidosamente, ao som de *tchastuchkas*, e isso o acalmou: era sinal de que incomodavam os *jides* e de que não se deixavam dominar... Com os olhos por algum motivo lacrimejantes, ele achou o número do apartamento e tocou a campainha. A porta se abriu.

— Posso ver a Rute?... Ruthina, por favor?... A moça Ruthina? — começou Vássia, enrolando a língua, e subitamente se calou.

O que ele viu no vão da porta deixou-o pasmo. Ele viu sua própria imagem envelhecida, iluminada pela luz fraca e amarela da pequena lâmpada do corredor. Vássia se viu velho, grisalho, com uma corcunda judia. Pois foi seu pai, Dã, a Áspide, o Anticristo, quem abrira a porta.

— Rute não está em casa — disse o Anticristo e, ao fitar Vássia, também o reconheceu.

Era seu primogênito, concebido perto da cidade de Kertch, à beira-mar, com Maria, uma alma bondosa, uma jovem prostituta da vila de Chagaro-Petróvskoie, perto da cidade de Dimítrov, na região de Khárkov. Então o Anticristo desencostou mais a porta e Vássia, da tribo de Dã, uma semente ruim, entrou. Pai e filho sentaram-se à mesa, frente a frente, e começaram a se olhar. E, quanto mais se olhavam, mais se reconheciam.

— Então — disse o Anticristo —, conte, filho, como você pôde ofender seu Deus judeu?

— Está mentindo, *jid* — gritou Vássia. — Meu pai é ucraniano... Ucraniano com turco. E minha mãe é da vila de Chagaro-Petróvskoie. E meu Deus é ortodoxo. Eu odeio o Deus *jid*. E também odeio o pão impuro dos *jides* — e ele pegou um pedaço de pão de cima da mesa e o jogou no chão.

Era realmente o pão impuro do exílio, legado pelo profeta Ezequiel. E os

suaves olhos judeus do Anticristo se desfiguraram, irradiaram algo mortal, algo que a profetisa Pelágia havia herdado de seu pai adotivo. No mesmo instante, inflamaram-se os olhos de Pelágia, que estava a quilômetros dali, entre as macieiras do jardim escuro de uma *datcha*. Quando os olhos do Anticristo afoguearam e o quarto matizou-se de rubro-escuro, entre a cor da ginja e da framboesa, como nuvens celestes antes do crepúsculo, Vássia se assustou, e seu coração, que, alguns instantes antes, estava tomado pela segurança eslava, começou a doer, e pela primeira vez ele sentiu a única e verdadeira culpa judia perante o mundo decaído, a Fraqueza. Vássia se levantou e, sem que o pai o acompanhasse, foi até a porta de entrada e a abriu sozinho, saindo para o patamar da escadaria. Nesse momento, escancarou-se a porta do andar de cima, onde farreavam ruidosamente, e brutamontes de rostos vermelhos, todos os que havia, saíram para o patamar. Isso se chama: "os homens vão fumar". E um deles disse a Vássia:

— *Jid*, aonde você vai com esses olhos esbugalhados?

Vássia não respondeu nada e chegou não se sabe como ao seu prédio. Assim que entrou em casa, começou a procurar uma forma de enforcar-se. No começo, pensou em usar o cinto da calça, no entanto percebeu que o cinto poderia não aguentá-lo; então encontrou embaixo da banheira, no meio da poeira, uma corda de varal que estava lá não se sabe desde quando, talvez estivesse lá, à espera dele, desde o tempo dos antigos donos da casa, para que agora ele pudesse realizar aquilo a que fora predestinado. Ele fez um nó na corda e pôs-se a procurar um gancho, mas não conseguiu achar um bom, nem no quarto nem na cozinha, também não havia um prego decente, tampouco um martelo, pois Vássia vivia em total desalinho. Havia garrafas e vidros sujos no parapeito da janela, meias sujas sobre o radiador para calefação, montes de lixos em todo canto; e, com exceção de dois ícones — Cristo Salvador e São Nicolau —, Vássia não tinha objetos de valor.

"A venda dos ícones dará para meu enterro," pensou Vássia, "e, se tiverem a sorte de vender a um estrangeiro, ainda será possível colocar uma cruz. Escreverei a tia Ksiénia para que ela venda os ícones para o enterro e a cruz do túmulo."

Sentado à mesa, com a corda de varal enrolada na mão, Vássia escreveu uma carta a tia Ksiénia, assim como um pedido a quem o encontrasse morto para enviar um telegrama a Vorónej em nome de Ksiénia Korobko — sobrenome de casada Gussakóvaia —, e anotou o endereço. E também um a Aleksandra Korobko — sobrenome de casada Nalivaiko —, à região de Khárkov, distrito de

Dimítrov, vila de Chagaro-Petróvskoie, sítio Lugovoi. Ele acrescentou ao bilhete uma nota amassada de três rublos, terminando os preparativos, e começou de novo a procurar um gancho. Não o achando, resolveu simplesmente se atirar da sacada, no entanto ficou constrangido em poder provocar uma algazarra de curiosos, uma multidão de tolos. Ele continuou suas buscas e achou, finalmente, um gancho num canto perto da janela, coberto de teias de aranha e de tinta. Pelo visto, os antigos moradores usavam o gancho para fixar a barra em que penduravam as cortinas. Convencido de que o gancho era forte, molhou um pedaço de sabão na torneira, ensaboou a corda e largou o sabão ali mesmo, no meio do quarto. Vássia fez o nó de novo, pegou um banquinho bambo, sentiu fortes cólicas no estômago e, de pé no banquinho, urinou no chão; deu um salto no ar com o nó envolto no pescoço, pisando na beirada do banquinho, que caiu. O nó apertou na hora e ele começou a gemer e a babar... E Vássia morreu de modo impuro, soltando um sonoro peido de Khárkov.

Assim a semente podre do Anticristo, o enviado do Senhor, foi separada do mundo.

Vássia foi achado depois de três dias pelos vizinhos, que certamente ficaram assustados. Não há como um enforcado não causar espanto, no entanto aqui o susto fora reforçado por um incidente. Depois de muitos gritos e de muitos ais e sem tocarem no defunto, telefonaram para a polícia e a ambulância; de repente, antes da chegada das autoridades, Vássia se soltou e caiu no chão, na presença dos vários vizinhos que se aglomeraram ali, e dele rolou uma fina roda endentada, como um reloginho de um grande relógio de bolso, fez um semicírculo, oscilou um pouco e tombou, deitada. Com isso, conclui-se a parte insólita da morte de Vássia e começou a rotineira. Chegaram Ksiénia e Chura, que, prevenidas pelos telegramas, encomendaram um caixão e os músicos.

Ksiénia, como não raro acontece a mulheres que foram libertinas na juventude, transformara-se numa velhinha caridosa e compassiva, sem filhos. Era uma rica viúva, graças aos recursos que o falecido marido lhe deixara, e morava na periferia de Vorónej numa casinha própria com jardim. Para Vássia, sua tia sempre fora uma espécie de tutora e lembrava sua mãe, Maria, que ainda menina, em 1933, o ano da fome, fora morar com ela. Ksiénia enviara a irmã de volta à aldeia devido a um escândalo familiar, mas por Vássia esforçava-se para fazer o melhor. Ela organizou o funeral do sobrinho à própria custa, pois Chura não deu um copeque. De fato, ela não tinha nada. Como antes, Chura morava na vila de Chagaro-Petróvskoie, da qual pouco saía, era pobre, tinha uma penca de filhos, todos crescidos e mal arrumados na vida, e, como antes, ela tinha um

olhar maldoso, inexpressivo e extenuado. O velho sobretudo de Vássia, suas sandálias gastas, sua chaleira coberta de fuligem, tudo, salvo o que era enterrado com o sobrinho, ela embalou em trouxas e levou para sua casa, na vila de Chagaro-Petróvskoie. Ksiénia pegou apenas os dois ícones, de Cristo Salvador e de São Nicolau. Ela queria levar os ícones consigo, mas, a conselho de um vizinho, vendeu-os a contento a um sujeito barbudo, dando, evidentemente, uma comissão ao conselheiro.

Eis que levaram o caixão de Vássia. Enquanto o conduziam, ficou logo visível o constrangimento que uma morte comum pode causar. Num dia de verão, em plena manhã de trabalho, de repente, sem mais nem menos, ressoaram em meio à monotonia cotidiana sons de uma marcha fúnebre tocada por alguns músicos contratados. Saíram levando de casa as coroas e a tampa do caixão, que não estava apoiada nos ombros, mas nas cabeças dos homens que a carregavam. Finalmente, levaram o defunto, cujo rosto não mostrava inteligência, como, aliás, é o rosto da maioria das pessoas colocadas num caixão. De modo que, quando dizem: “O defunto tinha o rosto inteligente”, estão enganando a si mesmos com as lembranças do tempo em que ele vivia e era querido.

Poucas pessoas foram ao funeral. Uns poucos velhos e velhas e alguns jovens, evidentemente os vizinhos. Entre eles estava Andrei Kopóssov, que soubera da morte de Vássia e viera acompanhar seu irmão. Embora não o soubesse, Andrei sentia uma estranha compaixão por Vássia, como por um irmão de verdade, mas um irmão miserável, fracassado... E era de fato assim, como depois ele pôde se convencer. O pai de Vássia e de Andrei, o Anticristo, e sua filha adotiva, a profetisa Pelágia, observaram o funeral de longe.

Foi um funeral alegre, e essa alegria foi produzida pelas crianças. Na escola em que havia em frente ao prédio de Vássia, ele era conhecido, provavelmente por ter lá aparecido bêbado várias vezes à procura da professora de inglês, Ekaterina Anastássievna... A professora ou não estava em Moscou nesse dia ou havia se desentendido com Vássia em virtude de alguma atitude violenta, como era do feitio dele. Era evidente que toda a rua conhecia seu comportamento, e as crianças se divertiam com isso. Eis que também agora a criançada corria, alegre e travessa, pelo funeral. Meninas de mãos dadas davam pulinhos e gritavam:

— Enterraram o Alho. Enterraram o Alho...

Acontece que Vássia ganhara ali o apelido de “Alho”. Um dia, um garoto travesso, querendo divertir as meninas, aproximou-se correndo dele e, dando um salto para trás, franziu o nariz como se sentisse um cheio ruim e disse:

— Credo, que fedor!

As crianças corriam por todo lado ao longo da rua.

— Lá está o caixão — elas gritavam, animadas.

Afinal, crianças são insensíveis, pois ainda não foram atormentadas por sua consciência, ainda precisam amadurecer; seus corações são duros e rudes como raízes de plantas jovens cravadas na terra. No entanto, de uma lavanderia ao lado saíram duas funcionárias de jalecos brancos — ouviram os sons da marcha fúnebre, viram o caixão de um estranho e enxugaram algumas lágrimas. A vida não lhes parecia ser tão infinita como para a meninada, e qualquer morte era para elas uma ameaça. Elas sofriam por si mesmas, lamentavam a si mesmas.

Então o Anticristo, pai do primogênito rejeitado pelo Senhor, disse uma passagem do sexto salmo de Davi:

— Volta-te, Senhor, liberta a minha alma; salva-me com Tua graça.[295]

E a profetisa Pelágia, a filha adotiva do Anticristo, continuou:

— Pois na morte não há lembrança de ti; e no túmulo quem Te louvará?[296]

No entanto, o Anticristo ainda não sabia que sua filha era uma profetisa, pensava apenas que ela havia estudado o livro dos Salmos e a elogiou.

Nesse momento, o defunto foi colocado num caminhão e levado para o enterro. Poucos o acompanharam até o cemitério. Basicamente, Chura, Ksiénia e os homens que ela havia pago para segurar as coroas. Apenas Andrei Kopóssov, filho do Anticristo e de Vera Kopóssova, da cidade de Bor, na região de Górki, e irmão de Vássia, acompanhou o caixão sem receber nada em troca. O funeral de Vássia foi acanhado, quase deserto, mas, alguns dias depois, começaram a falar dele como de um talento que desaparecera de forma trágica e prematura. No restaurante dos literatos, almoços e jantares transformaram-se em refeições fúnebres, todos estavam enternecidos e, por alguns dias, trataram-se com consideração. No entanto, havia também outras pessoas a quem a morte de Vássia causou efeito, embora em outro sentido. Com ainda mais força se agarraram à conhecida postura “Quem está arruinando a Rússia?”, as mãos apoiadas nas bochechas, às vezes mexendo-se o maxilar, os olhos cravados na toalha de mesa suja de vinho. Andrei Kopóssov olhou à sua volta, observou os rostos variados, rostos que tinham conseguido tudo ou, em todo caso, muitas coisas, e compreendeu que, com a evolução natural da vida, cedo ou tarde, veria seus necrológios. “Quem está vivo morrerá,” pensou, “mas, uma vez que eu não estou vivo, não morrerei.” Incutiu a si essa ideia — “não morrerei” — e fim. Incutiu a si um pensamento pecaminoso. Pois ele já sabia muita coisa de si mesmo. Suspeitava vagamente, como num sonho, de que era filho do Anticristo,

o enviado do Senhor. Mas logo sua mãe, Vera Kopóssova, uma velhinha piedosa, o confirmou.

Depois das paixões que marcaram sua vida, ela envelhecera precocemente e dera de ler o Evangelho, e parecia bem mais velha do que seus cinquenta e poucos anos, pelo menos dez anos mais... Ela usava uns óculos baratos de velha com uma armação de ferro. Quando pegava o Evangelho nas mãos, seu rosto adquiria uma expressão tola e solene e sua nuca parecia a de um animal doméstico que olha para qualquer objeto humano com curiosidade.

É surpreendentemente belo o rosto de uma pessoa que pensa e que lê sinceramente, por si mesma, um livro profundo. Já o rosto de uma pessoa que não pensa e que lê um livro que lhe inquieta de forma insensata, conforme o que lhe fora incutido de fora, perde com frequência seus traços humanos, que são substituídos por traços animais, sempre desagradáveis no semblante de um homem. Algo de simiesco transparecia no rosto de Vera enquanto ela lia o Evangelho. Mas, mesmo tola nos pensamentos, ela às vezes era inesperadamente habilidosa nas palavras. Quando Vera foi visitar seu filho, ele resolveu levá-la à Praça Vermelha, aonde frequentemente os ex-provincianos levam seus parentes, para lhes suscitar respeito por sua posição atual.

Nesse dia, Andrei tinha um colóquio no instituto para o exame do dia seguinte, por isso ele e sua mãe chegaram cedo à praça, o sol ainda se levantava. O centro de Moscou, de dia, atormenta com o barulho e o tumulto, no entanto a aurora silenciosa sobre o Krêmlin é mais solene do que qualquer oração. Um brilho rosado e celestial cobre as velhas pedras da fortaleza. A *Rus* fica meditativa nesses minutos, a alma se aconchega, sentindo a tranquilidade da casa dos pais, e qualquer um que apareça verá ali uma mãe que não faz diferença entre o seu e o outro, pois se apieda de todos, como a Mãe de Deus... São breves esses instantes de comunhão na alvorada de verão sobre a Praça Vermelha. No alto do céu azul, cristalino e solene, ressoa o tinido dos relógios da Torre de Salvador[297] e, marcando o passo sobre a calçada ecoante, como sob os arcos de uma catedral, surgem os rituais da troca da guarda, perto do caixão do senhor marxista, o Mausoléu de Lênin.

Andrei Kopóssov e sua mãe, Vera Kopóssova, contemplavam tudo o que acontecia. De repente, Andrei olhou para trás e viu os olhos de sua mãe cheios de lágrimas, das que correm pela face de forma inconsciente e imperceptível.

— Não é nada, mamãe — disse Andrei Kopóssov —, é só a troca da guarda em frente ao Mausoléu de Lênin. Ela acontece todos os dias e várias vezes por dia.

— Que honra para um homem — disse Vera Kopossóva, em voz baixa e tomada por lágrimas, uma mulher continuamente humilhada, tanto por seus pecados como pelos pecados dos outros —, que honra para um homem... — disse sem pensamentos sensatos, mas com palavras repletas de sabedoria.

Assim se manifesta o verdadeiro caráter popular. Há tempos, o termo "caráter popular" se tornou uma expressão idolatrada na Rússia. Há tempos, seu sentido foi canonizado pela *intelligentsia* eslavófila:[298] o caráter popular é o povo simples. Os eslavófilos têm até a sua própria Bíblia, que estudam com o afinco de monges fanáticos, na qual acreditam incondicionalmente, da qual se vangloriam e a qual contrapõem, em discussões, à Bíblia dos hebreus. Essa Bíblia é a aldeia russa.

— Vocês têm a Bíblia e nós a aldeia russa: eis a nossa Bíblia. Vocês não podem compreendê-la.

Aqui se revela o sonho secreto dos eslavos de interromper a história. E também o sábio Herzen, com suas esperanças absurdas na *obschina*.[299] E Dostoiévski, o profeta da *intelligentsia* russa servil, o qual afirma ter descoberto o caráter popular, em seu melhor aspecto, entre prisioneiros. Mas o que ele é, o caráter popular, não conforme Dostoiévski, mas conforme Púchkin? Para Púchkin, o caráter popular não vem do povo simples, mas do caráter nacional. "O caráter nacional de um escritor," escrevia Púchkin, "é uma qualidade que só pode ser plenamente apreciada por seus compatriotas."[300] Segundo Púchkin, o aristocrata Racine é popular para um francês, mas não para um alemão. Púchkin, como sempre, é genialmente claro, no entanto nem sua genialidade profética poderia compreender o que ainda não foi dito pelo Senhor por meio do tempo contínuo. Pois o tempo é a língua que o Senhor usa para falar com os homens. Na época de Púchkin, a questão do caráter popular ainda não era uma questão trágica. A questão do povo não era interpretada com a tragicidade de hoje. Além disso, a matéria popular autêntica era profícua, parecia transbordar, um oceano inesgotável como os minérios do planeta. Mas quem o secou, quem o esgotou? A consciência popular, através da qual o povo passou a conduzir a direção da história. É fecundo o instinto popular, essa inteligência eterna das massas vinda dos ancestrais, na qual o homem parece agir e falar à sua maneira, mas, na realidade, fala como seu bisavô falava, age como seu avô agia. A fala do homem não vem dele, mas é essencial e eterna. Assim que o homem começa a falar à sua maneira, privado de cultura, torna-se estéril. O povo não pode ensinar, mas pode-se aprender com o povo, para depois lhe explicar o que ele é. Essa é a obrigação

sagrada de um indivíduo. O povo não é capaz de entender seu instinto fecundo com sua consciência humilde e estéril, pois, para entender os instintos nacionais, é necessário possuir uma consciência supranacional e comum a toda humanidade. Quando o povo tenta compreender, com sua consciência humilde, seus instintos profundos, surge a filosofia do *lubok*,[301] a filosofia da *tchastuchka*, a que se curvam os eslavófilos da Rússia. Um criminoso leviano, um oposicionista ou um governante — eis o produto final da consciência popular. Mas o pior é quando a cultura, que tem a obrigação de servir ao povo, explicando-lhe o que ele é, ou seja, explicando o elemento popular ao povo, tenta ouvir dele, de maneira covarde e submissa, verdades sobre si mesma, sobre seus valores e sua personalidade. Dessa maneira, ela corrompe o povo e, honrando a consciência popular estéril, destrói o instinto fecundo que existe nele. E do povo pouco restou, ele se conserva somente quando, de forma inconsciente, nascem palavras essenciais e sagradas, quando o homem raciocina tolamente, mas fala com sabedoria... Se, no século XIX, a Rússia conseguiu criar uma grande cultura, foi porque as reformas de Pedro, o Grande, separaram a *intelligentsia* do povo, e, explorando o oceano fecundo do instinto popular, a cultura não ficou escravizada pela consciência popular. Somente mais tarde, perto do fim do século, graças aos esforços de acusadores *raznotchínets*, a consciência popular começou a escravizar a cultura, e os adeptos desses acusadores levaram o processo ao extremo.

Assim pensava Andrei Kopóssov, durante o colóquio, lembrando-se das palavras de sua mãe. No Instituto de Literatura, antiga casa de Herzen, partidário da *obschina* rural — a salvadora da Rússia —, já haviam começado as reformas de verão: pairava cheiro de tinta, os corredores estavam entulhados de móveis e o chão forrado de jornais. Apenas a sala de conferências estava intacta, onde davam continuidade ao processo de educação dos partidários do realismo socialista. Após ter pensado algum tempo em seus próprios assuntos e ter feito anotações e observações rápidas numa folha de papel, ele queria prestar atenção no que diziam ao seu redor, no entanto se falava tanto da consciência popular eslavófila e o palestrante, um conhecido poeta com um pseudônimo genuinamente russo e um acento de Riazan, tinha a voz tão sonora que Andrei se distraiu de novo e começou a olhar para os lados.

A sala de conferências era revestida de fragmentos de literatura, de todos os tempos e de todos os povos, como órgãos separados, extraídos de um corpo. Andrei longamente pensou em que se pareciam aqueles painéis que cobriam completamente as quatro paredes da sala com capas de clássicos do passado e

dos que são considerados clássicos hoje, mas também de livros de várias categorias, de primeira, segunda e terceira. Ao redor, havia perfis e silhuetas. E Andrei entendeu que era uma sala de dissecação literária, um necrotério para partes isoladas de um mesmo corpo. As citações e as capas conservadas pareciam um fígado, pulmões, mãos e pés colocados em potes de vidro com álcool. As partes do corpo assim conservadas estão mais afastadas do homem do que uma pedra na rua ou um galho de árvore. Uma pedra e um galho lembram mais um homem vivo do que seu próprio fígado e pulmões extraídos de si. De forma análoga, os fragmentos de literatura de um necrotério literário estão longe da literatura. Além disso, havia algo de médico, de científico, nessa instituição, onde a literatura parecia uma cobaia, um coelho torturado por experimentos, onde à literatura foi destinado o papel de vítima em nome do bem-estar da humanidade, conforme os princípios humanistas do realismo socialista.

Ao terminarem as aulas, Andrei Kopóssov voltou rapidamente para casa, pois ele e sua mãe tinham que visitar inúmeros estabelecimentos, onde os provincianos se abasteciam de produtos difíceis de achar. Andrei precisava comprar uns jeans a Varfolomei Vesselóv, filho de sua irmã Tássia; uma combinação à Tássia, antiga paixão de seu pai, o Anticristo — fato que o jovem ignorava —; à velha sentinela Serguéievna, sogra de Tássia, torrões de açúcar natural para o chá — que na cidade de Bor não se encontravam —; aos filhos de Ústia roupas de baixo e guloseimas; e também, na medida do possível, conservas de carne para estocar e limões e laranjas, frutos sagrados, para se darem um pouco de prazer... No entanto, ao chegar, Andrei descobriu que tudo já havia sido comprado, empacotado em papel de embrulho branco, cinza e azul e em papel colorido com a marca da loja. E havia uma sacola cheia de frutos sagrados, limões e laranjas. Sua mãe, Vera, sentava-se com seu lencinho branco e lia o Evangelho, mas com um ar astuto, alegre e enigmático.

— Adivinhe, filhinho, quem esteve aqui e me ajudou a fazer as compras?...

— Mas, mamãe, será que você conhece alguém em Moscou?

— Eu conheço e me conhecem — disse Vera —, eu não queria lhe dizer logo, fiquei constrangida, mas a *velha crente* Tchesnokova, que mora na casa nº 30 da Rua Derjávin, ainda se corresponde com seus antigos inquilinos. Ela me deu o endereço de Dã Iákovlevitch e sua filha, Ruthina. E eu pedi para sua vizinha (que mulher simpática!) ligar para eles... Ruthina veio num instante. Ela nos convida para visitá-los, aqui está o endereço deles.

Então Andrei se sentou na cadeira e sentiu uma estranha inquietação com o que ouvira.

— Eu conheço o endereço — disse ele —, e conheço Ruthina. Eu a amo, mamãe, não posso mais esconder.

A essa altura, a aparência astuta desaparecera do rosto de sua mãe, deixando lugar para certo temor, submisso, tolo e solene, como quando ela lia o Evangelho.

— Você é muito desajeitado, meu filho — disse Vera e fez um rápido sinal da cruz —, muito agitado e inseguro, mas será possível amar a própria irmã? Seu pecado lhe será perdoado, pois você não sabia, mas a culpa recairá em mim por eu não ter lhe contado. Oh, sou uma pecadora sem salvação!

— O que você está dizendo, mamãe? — Andrei ficou surpreso e assustado. — Por acaso ela é sua filha?

— Ela não é minha filha, mas é filha do seu pai... Seu pai é Dã Iákovlevitch, um judeu... De modo que você não é russo... Não é à toa que seus parentes do lado de Tássia, os Vesselóv, um antigo clã do Volga, não gostam de você... Especialmente a velha Serguéievna. Ela tem um faro animal para judeus, apesar da idade. Assim, eu me retrato do que fiz, meu filho, e peço-lhe perdão pelo meu grave pecado.

Ela quis se ajoelhar diante de Andrei, que, no entanto, a conteve a tempo, dizendo:

— Não é nada, mamãe. O terrível não é saber de quem eu sou filho de verdade, mas não conseguir me acostumar a essa ideia. Vamos nos abraçar, mamãe, para que eu aceite isso mais rápido.

Eles ficaram assim abraçados até anoitecer. À noite, Andrei Kopóssov disse:

— Vou visitar meu pai.

— Obrigada, meu filho — disse Vera. — E eu vou com você. Ele pode não ser meu marido perante os homens, mas é meu marido perante Deus.

Ao chegarem, foram recebidos na antessala por Ruthina, que disse em voz baixa:

— Nosso pai hoje celebra uma festa triste. O início do jejum judaico *Shiv'ah Asar B'Tamuz,*[302] que é o jejum em memória das Tábuas da Lei que foram quebradas...

Quando eles entraram no apartamento e Vera Kopóssova, agora uma velhinha piedosa, viu o objeto de sua última paixão envelhecido, com os cabelos cinza e as costas permanentemente curvas, ela girou a cabeça jovialmente e disse:

— Mas seria você, meu querido? Aqui estou eu, sua amada... E aqui está seu filho, Andrei, que não leva seu nome, mas foi gerado por você...

A mãe e o pai, que por longo tempo não se viram, abraçaram-se; depois o filho

e o pai, que nunca haviam se visto; então o irmão e a irmã, que se viam sem saber quem eram e, por isso, quase pecaram... Então chegou a hora de acender as velas — na véspera de datas religiosas, as velas são acesas em um momento estritamente determinado.

Assim, em sua família terrena, Dã, a Áspide, o Anticristo, o enviado do Senhor, começou o jejum. Eis a composição de sua sagrada família. De um vagão de carga e de uma mãe anônima, que era conduzida à escravidão alemã, caiu nas mãos do Anticristo, ainda bebê, a profetisa Pelágia, nascida na vila de Brussiány, perto da cidade de Rjév. Através do adultério, o terceiro flagelo do Senhor, Vera Kopóssova uniu-se à sagrada família, assim como Tamar unira-se à família de Judá. E Vera e Anticristo tiveram, na cidade de Bor, um filho, Andrei, a semente boa. A semente ruim, o primogênito Vássia, gerado por Anticristo e Maria Korobko perto da cidade de Kerch, foi rejeitada e se tornou o Irmão perdido para sempre... Pois nem todos os fragmentos do Cálice serão colados, alguns serão eliminados, no entanto, graças à força divina, o Cálice ficará como novo...

O jejum *Shiv'ah Asar B'Tamuz,* no dia 17 de Tamuz,[303] é um dos mais tristes, e a mágoa não vem da violência de fora, comum na história dos judeus, mas das maldades que o povo lançou contra si mesmo, um povo que rejeitou seu Deus e ofendeu seu profeta Moisés, o qual, em fúria e sofrimento, renegou os insensatos e quebrou as Tábuas da Lei. Depois se seguiu o conhecido diálogo entre o Senhor e Moisés. Cada vez que Moisés tentava renegar seu povo ingrato, o Senhor o persuadia a dominar sua justa fúria, não em nome do povo, que era tão ruim quanto todos os outros, mas em nome da realização do vaticínio do profeta. No entanto, quando o Senhor quis renegar o povo, foi o próprio Moisés quem o persuadiu, e, de novo, não em nome do povo, mas do Desígnio do Senhor ligado a esse povo. Assim, no intervalo entre as Primeiras e as Segundas Tábuas, a relação de Moisés com seu povo se fortaleceu, tornando-se mais verdadeira e mais simples. Foi dito: "As Tábuas eram obra de Deus, e as escrituras esculpidas nas Tábuas eram sinais de Deus".[304]

Quando Moisés e Josué, filho de Num, aproximaram-se do acampamento, este disse:

— Há gritos de guerra no acampamento.[305]

Mas Moisés respondeu:

— Não são gritos de vitória nem de derrota, eu ouço a voz dos que cantam.[306]

Assim, entre cantos e danças ao redor do bezerro de ouro, um ídolo pagão, o

povo renegou Deus. A arte, um dom divino, foi lançada contra quem a dera.[307] E o pecado foi duplo, pois, além da arte, não há nada de divino no homem. A ciência é fruto dos homens, essencial, indispensável para a satisfação dos bens humanos. Ela não necessita de Deus, e a ciência religiosa não pode nem deve existir. Como a ciência, a filosofia é fruto dos homens e tem um motivo claro para existir: é necessária para uma criatura racional exercitar a mente. Da mesma forma que um esquilo, em sua corrida inútil na roda, realiza uma ação útil, conservando a força dos músculos, a filosofia preserva a força dos músculos da mente, força indispensável para a satisfação dos bens humanos na luta por sua existência. Por essa razão, a filosofia religiosa tem, no fundo, a mesma finalidade da filosofia ateísta, e qualquer tentativa de compreender Deus de forma coerente conduzirá inevitavelmente ao ateísmo. Deus também não pode ser compreendido através da moral, pois qualquer moralista sistemático e honesto, mesmo Lev Tolstói, deve responder às clássicas perguntas ligadas à moral: Por que o homem é mortal? Por que o mal existe no mundo de Deus e por que ele reina nos limites da vida humana?

Mas existe algo inútil e incompreensível para a vida, para a satisfação de bens, para a luta pela existência, e que, em oposição à ciência, enfraquece com frequência as possibilidades físicas; em oposição à filosofia, nem sempre aumenta a inteligência; e, em oposição à moral, obscurece as questões eternas... No sétimo dia da Criação, aconteceu seu Nascimento, quando o Senhor pediu ao homem que desse um nome a tudo o que ele havia criado...

Dessa forma, iniciou-se o jogo do Senhor com o homem, e o homem chamou esse jogo de arte. O que é a arte senão a imitação instintiva do Criador? Claro que, mesmo através da arte, não se pode enxergar Deus nem compreendê-lo. Pois o Senhor disse a Moisés: “Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode me ver e continuar vivendo”.[308] Mas a arte é a chama ardente da sarça que Moisés, ainda um pastor desconhecido, vira num deserto longínquo, perto do Monte Horeb.[309] Nenhuma arte, por superior que seja, pode compreender Deus, mas ela é um sinal semelhante à chama da sarça. Um sinal de que Deus está por perto. Quando a alma humana é comovida e iluminada pela arte, Deus está ao lado dela, e esse momento não pode ser desperdiçado, assim como o pastor Moisés não desperdiçara seu instante de comoção. Nesses instantes, o Senhor permite que se fale diretamente com Ele, face a face, pois assim disse o profeta Isaías: “Não fala sempre com Deus, mas somente quando Ele estiver ao lado...”.[310] No entanto, para que não se deixe passar o momento em que Deus

está ao lado, é necessário ao menos de uma fração de talento, e Moisés, que a possuía, disse: “Irei ver de perto esse grande fenômeno que impede a sarça de queimar...”.[311]

Na sagrada família do Anticristo, o enviado do Senhor, todos eram dotados dessa fração de talento, e nenhum deles havia perdido seu momento. Nem a profetisa Pelágia, nem Vera Kopóssova, nem Andrei Kopóssov. Já a semente ruim, Vássia, filho de Maria Korobko, fora rejeitada.

Ao se despedirem, Vera Kopóssova levantou os olhos ao seu marido e disse de forma repentina:

— É você, Senhor?

Ele respondeu:

— Não me chame de Senhor, pois só temos um Senhor. Todos nós chegamos e todos nós partiremos. Que diferença faz se o que nos leva para o outro mundo são circunstâncias exteriores inescapáveis ou nossas próprias artimanhas?

Com essas palavras, eles se despediram. Cada um foi viver sua própria vida. Vera, a esposa do Anticristo, tornou-se ainda mais tola nos pensamentos e mais sábia nas palavras, e partiu levando para a cidade de Bor os embrulhos e as frutas sagradas, limões e laranjas, que havia comprado; Andrei, o filho do Anticristo, terminou o ano letivo e foi descansar em sua cidade, perto de sua mãe e longe das reflexões da capital; a profetisa Pelágia se ocupou da realização da promessa que havia feito a Saviéli, que queria usar seu sangue virginal parar criar homúnculos filosóficos; o Anticristo, esperando as ordens do Senhor, continuou a trabalhar como zelador no JEK; e Vássia, a semente rejeitada, jazia no cemitério numa sepultura abarrotada de flores que eram trazidas por inúmeros admiradores que inesperadamente surgiram.

Nesse meio-tempo, a profetisa Pelágia foi tirar sangue na policlínica local para que fosse analisado no laboratório. Saviéli recuperou a proveta com o sangue dela, claro que de forma ilegal, por meio de uma enfermeira que trabalhava no laboratório e tinha o costume de beber. Também de forma ilegal, ele recuperou a proveta com seu próprio sangue, pois queria, nem que fosse num matraz, misturá-lo ao sangue de sua amada. Ele poderia, então, começar a segunda experiência — Saviéli escondeu da profetisa que já havia realizado a primeira, que fracassara: por meio de uma enfermeira permissiva do laboratório, ele conseguira sangue de homens e mulheres desconhecidos, misturara-o na proporção necessária, acrescentara nele o puro orvalho de maio, colhido na aurora que caíra sobre o bulevar Tverskoi, fechara a mistura com uma rolha opaca e a colocara num lugar quente para putrefação. No entanto, depois de ele

filtrar a película formada na parte de cima — o mênstruo — e a transferir para um matraz limpo, a bolha que deveria testemunhar a concepção de uma vida filosófica artificial não se formou. Embora Saviéli, por um lado, tenha ficado frustrado, por outro se alegrou. Não por ter decidido acabar com essa história estéril e pecaminosa, mas porque já tinha dúvidas quanto à atitude arriscada de usar sangue de pessoas desconhecidas na experiência. De fato, haviam dito: “Se o sangue usado para preparar o *Otzer*, do qual sairão um homem e uma mulher, for tirado de pessoas não castas, o homem sairá metade animal e as partes inferiores da mulher terão um aspecto horrendo”.

Agora ele fazia a experiência pela segunda vez, trancado em seu quarto, pois, no quarto de sua mãe, Ilováiski, conhecedor da Antiguidade, discutia em voz alta sobre Cristo ora com um amigo, ora com outro. Pouco tempo antes, Ilováiski havia se mudado para o apartamento deles, virando padrasto de Saviéli, e agora discutia sobre Cristo vestido sem cerimônia.

O classicista Ilováiski se tornara um chefe em casa e, durante uma discussão, andava de um lado para outro com passos miúdos, pisando no parquete encerado por Klávdia com seus pés de velho reflexivo, brancos com manchas vermelhas. Seus artelhos não eram igualmente torturados por calos, porém nenhum deles tinha um aspecto saudável. Ele vestia calças curtas e largas de uma cor indefinida e uma camiseta verde-clara sem mangas, cujas alças largas ficavam caindo de seus ombros brancos e ossudos enquanto gesticulava. As aberturas da camiseta eram tão grandes que mostravam seus flancos e suas costelas magras e, na frente, a blusa encurtava, pois, no corpo magro de Ilováiski, pronunciava-se uma barriga redonda.

— Aqui está o cálice — gritava ele pegando uma xícara com cheiro de vodca do serviço de chá comprado na época de Ívolguin e do qual só restara a metade. — E agora vou jogá-lo no chão e ele se tornará um cálice complexo...

Saviéli pegava uma garrafa térmica com chá, sanduíches de queijo e embutidos e passava o dia inteiro trancado em seu quarto, saindo apenas para ir ao toalete. Nem sua tola mãe, nem mesmo o indelicado Ilováiski o perturbavam. No entanto, uma noite, bateram repentinamente na sua porta.

Foi uma noite difícil e agitada. A experiência aproximava-se do ponto em que a primeira fracassara. O sangue já havia sido misturado na proporção necessária — duas partes do sangue de Saviéli e três partes do de Ruthina —, já havia sido reservado num local quente, fechado por uma rolha opaca, e também já havia sido diluído pelo orvalho, mas, de fato, não pelo orvalho do mês de maio, o que o preocupava; terra vermelha se formara no fundo, separara-se o mênstruo, que

fora filtrado e colocado num matraz limpo; uma parte da tintura vinda do reino animal, um ovo cru, fora inserida em outro matraz, no entanto a bolha-embrião ainda não havia aparecido.

Quando bateram na porta, Saviéli estava sentado com as mãos na cabeça e sua nuca formigava. Ele queria gritar de raiva, xingar sua mãe, quando, de repente, ouviu a voz de sua amada Ruthina, cujo sangue participava da experiência com o dele. O coração de Saviéli começou a palpitar, a respiração ficou acelerada, e ele destrancou a porta.

— Como está abafado aqui — disse ao entrar a bela Ruthina de olhos azuis —, a janela está fechada... — e abriu a janela.

O calor noturno de julho entrou arejando suavemente, como um pássaro, o quarto sufocante de Saviéli, parecendo sussurrar algo inaudível em seu ouvido... No centro da pétrea e estéril Moscou, sentiu-se de repente um odor de maçã, não da maçã podre vendida nos tabuleiros, mas perfume de maçã viva, regada pela chuva da noite. Era o perfume da vida. E, quando o perfume da vida coincide com o olhar da mulher amada, nasce a loucura sem a qual não há frutificação. A loucura ergueu o ânimo de Saviéli, atormentado desde a infância por seu pecado de menino solitário e tímido, e ele foi de braços abertos ao encontro da mulher que amava. No entanto, no quarto apertado, entulhado de matrazes e de provetas, ele tropeçou num objeto — que depois não conseguiu localizar — e caiu, batendo fortemente o joelho. Ruthina deu uma risadinha, passou sua mão delicada pelos cabelos dele — fazendo-o arrepiar como uma galinha exposta ao vento — e saiu. Agoniado, Saviéli deitou-se sem trocar de roupa e adormeceu sem fechar a janela. Acordou de súbito, como se tivesse ouvido um tiro. Era o classicista Ilováiski que batia na porta. Depois de brigar com Klávdia, Ilováiski, bêbado e com ares voltairianos, saíra vagando pela cidade. Entrando no metrô, ele se largou num assento. Assim que o trem se pôs em marcha, Ilováiski começou a virar a cabeça grisalha furiosamente, mas de maneira involuntária, ora para a esquerda, ora para a direita, apertando na mão os óculos sem estojo e assustando, com seu rosto amarelo, os passageiros pacíficos ao redor. Descendo na parada final, ele passou cambaleando por entre a multidão, mas não chegou até a saída; fitou feito um carneiro, arregalando os olhos de cima a baixo, as mulheres sentadas num dos bancos e acomodou-se ele mesmo ao lado, numa beirada livre, apoiando na mão a cabeça pendente, prestes a cair do pescoço.

Saviéli, que só despertara por um momento, caiu de novo num sono profundo. E teve um sonho que foi, no começo, terrivelmente cômico e depois simplesmente terrível. No início do sonho, ele andava por uma rua e viu sobre

uma cerca uma inscrição feita com giz: “Eu irei esfaqueá-lo”. Ele virou a esquina e viu de novo uma inscrição: “Acredite, será esfaqueado”. Em seguida, teve outro sonho: sentia náuseas devido a uma substância parecida com algodão, e partículas dessa substância pairavam ao redor dele. Fazendo esforço para acordar, como faz uma pessoa se afogando para vir à tona, Saviéli realmente sentiu uma náusea subindo de seu estômago. Acendeu a lâmpada de cabeceira, levantou-se e foi ver depressa o matraz em que se achava o mênstruo e também o matraz em que colocara uma partícula de ovo de galinha borrifada com o mênstruo, produzido de sangue e orvalho. A bolha-embrião subira até a superfície, porém não era mais uma simples bolha, mas algo que se desenvolvera durante a noite, com veias finas. Então, com as mãos trêmulas e os dedos enrijecidos, morrendo de medo de deixar cair o matraz com o mênstruo, Saviéli retirou a rolha e verteu no embrião, em outro matraz, um pouco do mênstruo, que havia sido aquecido com uma espiriteira.

Desde então, para Saviéli, a vida não tinha nenhum interesse além da experiência. Obedecendo rigidamente à prescrição, esforçava-se por não mexer no matraz bem fechado. Sem sair de casa, pálido e mais gordo pela vida sedentária, ele acompanhava o desenvolvimento da matéria concentrada no matraz, e o embrião ficava cada vez maior. Durante um mês, ele verteu mênstruo quatro vezes, aumentando a dose pouco a pouco. Eis que aconteceu o que fora previsto no livro de alquimia. “Após esse período, quando ouvir algo chiando e assobiando, aproxime-se do matraz e, para sua grande alegria e surpresa, verá duas criaturas vivas. E, se forem de sangue casto, você se alegrará com elas e as contemplará com uma felicidade sincera. Elas não terão mais do que um palmo de altura, no entanto se mexerão, movendo-se de um lado para outro dentro do matraz. Entre elas, crescerá uma pequena árvore repleta de frutos.”

E assim tudo se deu. Saviéli vertia o mênstruo através de um tubinho com um elástico de borracha, pois sabia que o ar que o homem comum respira é prejudicial ao homem e à mulher minúsculos que viviam no matraz. Em volta deles, cresceram muitas ervas e árvores que lhes serviam de alimento, e eles se relacionavam com Saviéli com temor e respeito. Saviéli decidiu se aproveitar desse temor e tirar desses homúnculos filosóficos o que desejava saber. Ele perguntou:

— Quais são as maiores ideias do mundo?

O homem filosófico respondeu, enquanto a mulher filosófica, sentada ao lado dele no matraz, acariciava-o:

— As principais são as ideias do Tempo e do Espaço. A ideia do Tempo é

religiosa e a do Espaço ateísta. A ideia do Espaço produziu a filosofia e a ciência; a ideia do Tempo, a religião e a arte. No entanto, depois as ideias se cruzaram. A ideia do Espaço é contemplativa e o homem é capaz de alcançar com ela a ilusão de sua igualdade com Deus. A ideia do Tempo é enérgica e o homem sente nela sua fraqueza diante do Futuro, sua dependência do Futuro, e necessita da ajuda de Deus. O budismo e a Antiguidade são ideias do Espaço, enquanto a Bíblia é a ideia do Tempo. Quando o Cálice foi quebrado, o mundo cristão temporal tornou-se cada vez mais espacial. Apoiando-se na ideia do Espaço, na ideia do presente e da beleza, um gênio pode atingir a grandeza, mas o ponto máximo dessa grandeza, ele só o atingirá com a ideia do Tempo, do Futuro.

Então Saviéli perguntou:

— O que é o mundo filosófico e o que é o mundo religioso?

O homem respondeu do matraz:

— O mundo filosófico é o mundo da União; o mundo religioso, o da Polaridade. No mundo filosófico tudo se origina do Uno e retorna para o Uno. Esse é o mundo do Homem-Deus. No mundo religioso, o essencial está permanentemente separado por um abismo. Esse é o mundo de Deus. O Céu e a Terra, Deus e o Homem, a Vida e a Morte... O que está de um lado do abismo pode ser compreendido, o que está do outro lado só pode ser conjecturado. Mas as ligações entre Deus e o Homem, o Céu e a Terra, a Vida e a Morte são inacessíveis, tanto ao entendimento quanto à conjectura. A mistura de ideias religiosas e filosóficas consiste num método convencional, científico, fecundo no particular, mas que obscurece a essência...

Então Saviéli perguntou:

— Quais são os caminhos que levam a Deus?

O homúnculo filosófico respondeu de dentro do matraz:

— Três caminhos levam a Deus: a Fé, a Descrença e a Dúvida. A Fé é o caminho mais simples, mais difundido e mais frágil. É o caminho da Igreja. A Descrença é o caminho mais perigoso, apesar de fecundo. É o caminho dos gênios terrenos que, trilhando seu próprio caminho para Deus, semeiam o ateísmo entre os fracos. O caminho da Dúvida é o dos justos, o caminho de Jó. É o mais difícil e se dá através de um trabalho espiritual cotidiano. Embora lento, é um caminho sólido.

Então Saviéli perguntou:

— Como distinguir uma Boa ação de uma Má ação quando, no mundo, com frequência o Mal traz a máscara do Bem e o Bem a máscara do Mal?

O homem respondeu de dentro do matraz:

— Se o que você faz e ensina lhe é difícil, você faz e ensina o Bem. Mas, se seus ensinamentos são facilmente assimilados e seus atos lhe são fáceis, você ensina e faz o Mal.

Então Saviéli perguntou:

— O que é a Verdade?

O homúnculo respondeu:

— Não há apenas uma Verdade para o homem, mas também não há três. Existem duas Verdades: a autêntica e seu reflexo no espelho. Não cabe ao homem distinguir a Autêntica da Lendária, no entanto ele deve fazer uma escolha: ao procurar pela Autêntica, não deve passar para a Lendária; ao procurar pela Lendária, não deve passar para a Autêntica. Não abdique de sua verdade nem procure por um terceiro caminho, pois ele não existe...

Nesse momento, a conversa do homem filosófico do matraz com Saviéli foi interrompida, pois sua mãe o chamou para almoçar e ele, sentido uma fome repentina, não pôde recusar. Ao sair do quarto, viu somente a mulher do matraz aconchegar-se no homem, cansado depois de sua fala, e começar a acariciá-lo.

Quando o crítico de arte Aleksei Ióssifovitch Ívolguin estava vivo e sua fotografia se achava sobre a escrivaninha (e não pendurada na parede como agora), Klávdia não cozinhava bem. A bem da verdade, ela sabia fritar um bom bife de carne bovina, mas fazia *borsch* como no exército, com repolho duro, e, como segundo prato, costumava preparar salsichões ou almôndegas com macarrão. Já ela paparicava com pratos saborosos seu novo marido, Ilováiski, que adorava, apesar de se desentenderem por causa do gênio terrível dele. Ela dizia com a voz tomada por lágrimas:

— No campo de concentração, ele só comia peixe em conserva, passou muita fome.

Ela cercava o marido de pratos variados, mas saía-se especialmente bem no preparo de sua comida nacional, a bielorrussa. *Schi* azedo com cogumelos ou com trigo-sarraceno cozido; fígado à moda de Gómel; rocambole de carne estufado recheado com toucinho; cebola e cheiro verde, *drotchiona*[312] de batata com porco; batata cozida com carne de porco; farinha com cheiro verde assada.

Dessa vez, a comida também estava boa, de modo que Saviéli, apesar do esforço mental, comeu com apetite e sua dor de cabeça diminuiu um pouco. No entanto, ele lembrou que não havia entendido todas as explicações do homem no matraz, nem lhe perguntado tudo. Por isso, terminou de comer depressa e, aprumando-se com um guardanapo após a ingestão dessa comida pesada e

gordurosa, retirou-se para seu quarto e se trancou.

— O que é um homem bom? — perguntou ao homem no matraz.

— Um homem bom não é um homem de Deus — respondeu ele —, a bondade não é divina, é um sentimento por demais insignificante para Deus, mas necessário para o pequeno homem pecador. Muito mais necessária do que a Verdade é a Riqueza espiritual. O Bem e a Bondade são coisas diferentes. Um gênio não pode ser uma pessoa boa, pois ele serve a Deus, assim como uma pessoa boa não pode ser um gênio, pois ela serve ao homem. Um homem bom raramente traz bondade ao mundo, pois ele atrai pessoas ruins, que se estragaram, se perderam, caprichosas, ávidas, exigentes; e um homem bom não é um curandeiro, mas um cuidador de doentes espiritualmente incuráveis. Um homem bom é um anônimo justo, pronto para renunciar a si mesmo; por esse motivo, um gênio e um profeta não podem ser bons, pois, nesse caso, pecariam contra Deus, renegando o elemento divino que lhes fora legado do alto em prol de homens imperfeitos e efêmeros. O bem que surgiu no mundo não veio de homens bons, mas de profetas, que curam, e de gênios, que criam riquezas espirituais. O que cura o mundo é a amargura da verdade, a clarividência implacável do gênio, e não a bondade. A bondade não cura o mundo, mas o consola e salva o pecador da solidão, ou seja, fortalece o mundo decaído, não permite que ele se desfaça fisicamente, pois a bondade não é sentimento espiritual, mas material. Ela geme ao lado do doente, tem sede ao lado do sedento, tem fome ao lado do faminto, escuta as queixas e os infortúnios de estranhos. Aproximam-se dela e, quanto mais ela oferece, mais exigem, sem darem nada em troca nem agradecerem. O mundo permanece mau, mas, graças à bondade, ele existe e não irá sucumbir à sua própria maldade. Um verdadeiro cristão é um homem bom em qualquer religião, mas um verdadeiro judeu, em qualquer religião, é um gênio e um profeta. Analisem não importa que gênio, acharão nele algum princípio judaico, ainda que ele renegue o judaísmo. O judaísmo está muito mais próximo de Deus do que o cristianismo, que está mais próximo do homem. Mas um homem bom, assim como um gênio, é um fenômeno raro, por isso há tão poucos cristãos verdadeiros como judeus verdadeiros. Os homens, em sua maioria, somente se chamam judeus ou cristãos, com frequência por força do nascimento e, mais raramente, das circunstâncias. A principal inverdade cristã está na afirmação de, que servindo ao homem, pode-se servir a Deus. Coisa diferente é o fato de o Senhor, em virtude dos pecados dos homens, aprovar esse caminho, embora ele esteja longe do divino. O Senhor também mudou suas decisões várias vezes. Ele criou o homem sem prever as

consequências. Depois de criá-lo e de ver em que resultou, resolveu aniquilar Sua criação. Em primeiro lugar, expulsou o homem do Paraíso, do Éden, depois viu que isso só reforçou o pecado e resolveu destruir totalmente a vida. Mas, após o primeiro justo, Noé — o primeiro Salvador que Deus não ousou destruir e graças ao qual salvou o restante do mundo —, o Senhor compreendeu que o homem não é capaz de amá-Lo, e não por causa de um intento maldoso, mas por sua própria insignificância. Só os gênios e os profetas são capazes disso. Então Ele resolveu enviar o Messias, o Cristo, para mudar o ideal de Amor em prol do pecador. Se não conseguem amar a Deus, que ao menos amem uns aos outros. E sob esse ideal uma civilização foi erigida. O papel principal não foi desempenhado por um gênio ou por um profeta, mas por um homem bom que não estava a serviço de Deus. Cego e insensato, ele se deu igualmente a todos, porém os homens maldosos souberam se aproveitar com mais habilidade. Desse modo, a bondade gera a maldade, pois ela não escuta o que vem de Deus, mas seu coração cego. Os que mais necessitam da bondade são os mais privados dela. O cristianismo construiu sua civilização porque foi o que mais se afastou do divino e, graças ao ideal da bondade, atraiu para si os mais tenazes, os mais fortes, famintos e maus, ou seja, os que foram mais privados desse ideal. Somente os gênios não participaram desse jogo. Um jogo baseado na mentira de que, servindo ao homem, serve-se a Deus. Um homem que vive sob os Mandamentos de Deus, que são extremamente simples, não precisa do cristianismo. Visto que o pecador não é capaz de cumprir o “não matarás”, “não roubarás” e “não cometerás adultério”, ele se salva nas ambiguidades cristãs. Entre a massa e o indivíduo há sempre um abismo. A massa vive conforme o hábito e para ela o cristianismo é um bem. No entanto, isso é uma tragédia para quem tenta ser um cristão consciente. De fato, mesmo aqui os ardilosos acharam uma saída: “Eu anseio, mas ainda não estou pronto”. O cristianismo, no limiar do ateísmo, é um jogo mais hábil. O judaísmo não é capaz de criar um jogo tão flexível, é sério demais. No cristianismo, é possível acreditar com ardor, mesmo sendo um incrédulo, e usufruir dessa vantagem, pois a fé cristã é extremamente dialética. A luta e a busca pelo Eterno, pelo Imutável, em que não deveria haver nem luta nem busca — eis a dramaturgia da vida cristã. À primeira vista, o cristianismo pode parecer uma doutrina idealista que não leva em consideração a natureza do homem. O homem é mau, mas ele prega um bem idealista. Na realidade, não é assim. Uma doutrina idealista é capaz de criar uma religião ou uma cultura, mas não impérios poderosos nem civilizações terrenas. O cristianismo se utilizou justamente, e com bastante habilidade, da verdadeira

natureza do homem. Pois a essência do homem pode não estar baseada na maldade, mas está na imprudência. A imprudência extrema é a base do sentimento cristão e corresponde ao mundo decaído. É evidente que Cristo não era um cristão, sequer ouvira falar desse termo em sua vida, mas ele compreendera o que a natureza frívola do homem precisava. Não foi Cristo que construiu a civilização, mas o cristianismo. Cristo mesmo era um homem profundo e espirituoso que se relacionava com Deus. Ele se considerava um judeu e era de fato um judeu da seita dos fariseus. Mas o grande mérito do cristianismo consiste em, sem mudar nada em essência do mundo pagão que lhe era odioso e ruim, ter criado a aparência de uma mudança completa. Por sua vez, o social-ateísmo, em seu auge, aprendeu isso com o cristianismo, conseguindo manter a ordem no mundo decaído, muito mudado na forma e nada na essência. O judaísmo não poderia ser assim, pois era enorme a ruptura entre ele e o paganismo, a idolatria, assim como sua rejeição mútua. Deus é grande e o homem pecador, eis por que o judaísmo — a religião do gênio e do profeta — preserva Deus para o homem, enquanto o cristianismo — a religião do homem anônimo, bom e insensato, do mártir voluntário que se sacrifica em nome dos outros, de ingratos — salva o homem para Deus num mundo leviano e decaído. Se não o salva espiritualmente, ao menos o salva materialmente. O mundo não apenas se habituou à materialidade cristã como se afeiçoou a ela. Esse caráter material não deve ser mudado, mas hoje a essência do cristianismo deve ser compreendida e modificada. Sua essência consistiu, ao longo de quinze séculos, na luta contra suas raízes bíblicas.

Saviéli percebeu que o homem no matraz estava esgotado, assim como ele mesmo. No entanto, sabia que o homúnculo era submisso e o respeitava, por isso continuou a questioná-lo.

— Diga-me — perguntou Saviéli, afundando-se pesadamente na cadeira e fechando os olhos —, por que eu não consigo crer em Deus racionalmente, apesar de ter lido muitos livros inteligentes que provavam a existência de Deus?

— Porque — respondeu o homenzinho de dentro do matraz, com voz baixa e cansada — Deus não está na inteligência, mas no instinto. O homem nasceu com o instinto de Deus do mesmo modo que nasceu com o instinto de comer, beber e se multiplicar. Mas esses instintos são simples, concretos e acessíveis à verificação empírica e racional. A inteligência do selvagem não era capaz de compreender os fenômenos físicos científicos do céu e da terra, que, mesmo atingíveis pela razão, estavam fora do alcance da experiência. Na mesma situação se encontra a inteligência do homem civilizado em relação ao complexo

instinto de Deus, que também está fora do alcance da experiência. Imaginemos um caso fantástico: se o desejo de beber não fosse amparado pela presença acessível de um líquido, a existência da água seria para a razão um problema análogo ao da existência de Deus. A sede obrigaria o homem a procurar e a imaginar a água, mas a razão provaria com mais facilidade sua ausência do que sua presença. Imaginemos ainda um homem que nunca tenha visto uma mulher, um mundo sem mulheres, seu desejo e sua luxúria o obrigariam a imaginar a mulher, no entanto sua razão com mais facilidade rejeitaria a existência dela do que a provaria. O desejo seria forte e provavelmente torturaria mais os sensatos do que os insensatos, de modo que seriam escritos muitos livros inteligentes sobre a existência da mulher. Quando a inteligência ficasse extenuada dessas tentativas de encontrar a mulher através da análise, os mais honestos e consequentes dos homens sensatos, com dois ou três livros claros e inteligentes, provariam que é um absurdo condicionar a existência da mulher à da luxúria ou a existência da água à da sede. E, se considerarmos que a sede e a luxúria surgiram em tempos selvagens, elas poderiam facilmente ser explicadas como resultado daqueles tempos bárbaros, até hoje não de todo superados. “Creio porque é um absurdo,” exclamou, em desespero, Tertuliano, escritor do cristianismo primitivo. Ele teve inteligência para reconhecer a impotência da razão para compreender Deus, mas a inteligência não lhe foi suficiente para rejeitar a razão, pois o absurdo é uma noção racional e científica. Só um artista pode, como Moisés, ouvir Deus falar através de uma sarça ardente. A razão exige uma prova racional, mas a única prova do instinto é a necessidade. A necessidade de Deus é a única prova da presença de Deus, assim como a sede seria a única prova da presença da água se ela não existisse na terra, e a luxúria a única prova da presença da mulher, caso Deus, tendo criado Adão, não tivesse criado Eva...

Após essas palavras, o silêncio invadiu o quarto, e de repente Saviéli ouviu chiados e assobios, como no início da concepção dos homúnculos. Assustado, ele abriu os olhos e viu que o homem e a mulher do matraz estavam provando os frutos da primeira árvore que havia crescido e florescido. E, na rolha do matraz, acumulou-se uma névoa que lembrava uma nuvem. A nuvem se condensava a olhos vistos, até tornar-se vermelha como sangue. Saviéli aqueceu rapidamente o mênstruo na espiriteira, ainda que não fosse a hora de vertê-lo. No entanto, assim que verteu uma grande dose do mênstruo que conservava a vida dos homens minúsculos no matraz, uma chama ardente exalou da nuvem cor de sangue, e os dois homúnculos começaram a se arrastar, tentando esconder-se do fogo. Saviéli

sentiu um aperto no coração. Diante de seus olhos, as cores do matraz desbotaram, as ervas murcharam e as árvores secaram, como acontece durante uma seca. A terra do matraz se abriu, chamas ardiam com força, e os homúnculos, o homem e a mulher, caíram imóveis e foram engolidos pela erupção. Aterrorizado, Saviéli começou a soluçar, mas já não era seu coração que doía, mas sua alma, algo muito maior do que o coração e situado no peito inteiro, do ventre até a garganta. Ouviu sua mãe e Ilováiski baterem na porta, no entanto não a abriu. Ele ficou observando como no matraz se formaram quatro partes, uma sobre a outra: a parte superior tinha um brilho tão intenso que ofuscava o olhar; no meio havia uma parte cristalina; depois uma vermelha como sangue; e a parte mais baixa era formada por uma fumaça negra que se reproduzia sem cessar.

— Saviéli — gritava a mãe —, abra a porta, menino, nós vamos ajudá-lo.

No entanto, Saviéli sabia que não deveria destrancar a porta até que tudo estivesse terminado.

— Não vá fazer uma bobagem, meu velho — ele ouviu a voz de Ilováiski —, só se deve se fingir de louco para seu proveito.

— Gavriil — disse a mãe —, vá buscar o zelador, vamos arrombar a porta — e ela se desfez em lágrimas.

Saviéli notou que atrás da porta havia muitas pessoas aglomeradas, alguém aproximou alguma coisa dela, pressionou-a com o ombro, e ouviu-se o ranger de um objeto metálico. Nesse momento, ocorreu uma grande explosão, queimando Saviéli, que sentiu algo pontudo lacerando sua bochecha e sua mão esquerda, pois o matraz estava do seu lado esquerdo. Ele estava em pé, sentindo uma dor dilacerante, mas, quando sangue começou a jorrar, como numa torrente, de sua bochecha e de sua mão, ele caiu e perdeu a consciência. Mas, no instante em que perdia os sentidos, compreendeu seu erro. A explosão fora consequência da falta de solidez do matraz e de seu formato, que não fora escolhido adequadamente: ele era alongado, quando teria sido necessário usar um matraz redondo, como uma bola.

Quando no quarto irromperam Ilováiski, Klávdia, um serralheiro do JEK e a profetisa Pelágia, que estava substituindo seu pai, o zelador, viram uma cena terrível: tudo estava envolvido em uma fumaça tóxica, parte escura, parte amarela; o chão estava inundado por uma solução oleosa e escorregadia, cujos respingos salpicaram a mobília; estilhaços do matraz que explodira estalavam sob os pés; e do matraz saía um tipo de massa que lembrava lodo e cheirava a charco. Saviéli estava deitado no chão, em meio a esse caos, ferido pelos

estilhaços, ensanguentado.

É escusado falar do sofrimento de Klávdia, a mãe do insensato coberto de feridas, ou da preocupação e perplexidade de todos os que presenciaram o acontecido. Por sorte, os socorristas apareceram a tempo de prestar ajuda a Saviéli. Ele foi transferido para o divã da sala, as feridas foram tratadas e se verificaram inofensivas, embora sangrassem em abundância. Saviéli abriu os olhos.

— O que aconteceu com você, filhinho? — perguntou Klávdia, ajoelhando-se diante dele.

— Mamãe — disse Saviéli, baixinho —, eu tenho a sensação de que minha cabeça ficou tão pequena como a cabeça de um alfinete, e que querem enfiar algo muito grande nela — e ele pressionou a mão enfaixada contra a testa.

Pouco tempo depois, levaram Saviéli. Assim que o levaram, a profetisa Pelágia voltou a si, se ajoelhou e disse:

— Eu pequei, Senhor, contra Seu escravo Saviéli... Como posso me redimir?

E a profetisa Pelágia entendeu que ela não teria feito isso se Satanás não estivesse ao seu lado. Mas Satanás se aproximava apenas de sua feminilidade, e a aparição dele agora não fora em vão. De súbito ela compreendeu o motivo de Satanás ter aparecido e teve medo. Ela se lembrou das filhas de Ló, que, em nome da continuidade de sua estirpe depois da destruição da pecadora Sodoma, embebedaram seu pai e se deitaram com ele, perpetuando a linhagem dos moabitas. Ela também se lembrou da grande moabita Tamar, que, disfarçando-se de meretriz, deitou-se com seu sogro, Judá, dando continuidade à tribo de Judá e fundando a Casa de Davi, de onde descendiam o sábio Salomão e Cristo, o Messias. Assim, com a ajuda de Satanás, Pelágia teve o sinal de realizar sua Ideia através da violência, pois no amor de uma filha por um pai há ternura, mas na paixão de uma mulher por um homem há crueldade, e o Senhor não pode ser cruel.

Eis que seu pai, Dã, a Áspide, o Anticristo, voltou para casa, e eles se sentaram para jantar. A exemplo das filhas de Ló, a profetisa Pelágia havia preparado uma garrafa de aguardente caseiro, envelhecido com ervas da floresta, a qual a *velha crente* Tchesnokova, da cidade de Bor, na região de Górki, lhe enviara através de Vera. Ela tinha pensado em guardar essa garrafa para a festa feliz de *Simchat-Torá*,[313] a alegria da leitura da Torá, mas compreendeu que o momento havia chegado: ela deveria realizar a Ideia. E Satanás já havia aparecido parcialmente. Satanás tem o hábito de aparecer aos poucos; é como se espiássemos pelo vão de uma porta que se abre paulatinamente. Primeiro, aparecem os cascos, depois a

eles se junta o corpo hirsuto, então surge o rosto de bode com o ar de sabedoria do astuto pessimista.

A aguardente da velha, envelhecida com ervas da floresta, era boa. O Anticristo a tomou, assim como Ló de Sodoma, e viu o corpo preservado e robusto, repleto de feminilidade, de sua filha querida. Seus braços eram redondos, os ombros largos, mas não de um jeito masculino — ela não tinha a ossatura máscula de um homem, mas a força femínea e tenaz de uma mulher fecunda. O Anticristo sabia que ela era uma mulher de físico vigoroso, como as belas camponesas do Norte. Para uma moça, ela já não era tão jovem, e, como um pai querido que amava uma filha em quem confiava plenamente, ele sabia que ela ainda não tinha sido tocada. Há velhas virgens que, por não frutificarem, secam. Mas Pelágia não secou, o que foi um milagre de uma floração longa, assim como é o milagre de uma vida longa. Mas até pessoas longevas morrem, e todo milagre tem um limite. Através de Satanás, um pessimista astuto, o Anticristo entendeu que ele, o pai, estava fadado a dar um limite à floração infecunda de sua filha. Ela não era sua filha de sangue, mas sua filha de alma — Dã a pegara ainda bebê das mãos de sua mãe, que estava prestes a morrer, e a criara, e agora ele mesmo tinha o dever de realizar o que era inconcebível sem a ajuda de Satanás. Ele não via Satanás, apenas sentia o cheiro acre de um corpo úmido e tépido, o cheiro maturado, desagradável e intenso do arenque, o cheiro de algo que esteve sempre escondido bem fundo, decompondo no calor, mas que agora se revelava... Era o cheiro da sedução de Satanás, que já havia mostrado uma parte de seu corpo, pois ele aparece aos poucos, paulatinamente, para preparar o terreno e habituá-lo à sua presença.

Dã, a Áspide, o Anticristo, compreendeu que era um caminho sem volta, que atrás havia apenas a Maldição, entendeu que arruinaria seu sonho se, nesse instante, abraçasse Ruthina de forma afetuosa e paternal, em vez de agarrá-la com força, como um homem pronto para seu ato. E se, ao agarrá-la, ele hesitasse em derrubá-la, arruinaria definitivamente sua esperança. Mas Dã, a Áspide, era astuto e decidiu deixar que sua filha lhe desse as costas para, então, agarrá-la. Quando ela se virou para o bufê, criou-se o momento perfeito, mas ele hesitou e tomou-a num instante inesperado para si mesmo. Ela fora buscar alguma coisa do outro lado do quarto e, como as camas ficavam longe dali — a dela, de moça, ficava atrás de um biombo, e a dele era dobrável —, ele a derrubou no chão mesmo. No entanto, em seguida aconteceu algo que Dã realmente não esperava. Ele pensava que ela iria resistir com as mãos e os joelhos, mas ela cravou os dentes na mão dele, mordendo-a não como uma pessoa o faria, mas como um

animal selvagem, de forma irracional, para perfurar, desprezando a dor de sua vítima. O Anticristo gemeu de dor e de surpresa, e sua mão entorpeceu instantaneamente, até o antebraço, e ele só conseguia pensar em salvá-la. Mas, quando ele estava a ponto de desistir, Satanás ajudou-o a distrair-se da dor terrível que sentia e a entender que a resistência de Ruthina se limitaria a isso, pois ela não poderia simplesmente se entregar ao seu querido pai. No entanto, seus joelhos fortes, a principal defesa de uma mulher, ficaram imóveis e resignados. Então, ajudado pela mão livre de mordidas, o Anticristo fez tudo o que queria e sonhava.

Assim tudo se deu, e chegou o momento em que Satanás se mostrou inteiramente, parte por parte, e o prazer cruel da queda transpassou como uma onda seus corpos, com a esperança de que seus corações parassem ao mesmo tempo e de que ambos morressem em felicidade. Porém, por mais que os dois se esforçassem para permanecer nesse prazer fatal, a mesma força que os fazia mergulhar na inumanidade os trouxe de volta, de volta à vida, à dor e ao medo da morte, e seus corações deram uma guinada brusca, superando o deleite do Sono Eterno...

Alguma coisa cintilou no quarto ainda escuro — era a face de Satanás que desaparecia, bela e triste, e não com a expressão raivosa ou sarcástica que surge em seu rosto durante as tentações, quando o homem luta contra ele.

O relógio deu duas horas da madrugada. Os dois sentiam muita sede, como doentes; a boca, quase sem saliva, estava viscosa. Ruthina se levantou da cama e, sem acender a luz, farfalhou na escuridão com a roupa que fora amarrotada e até rasgada em alguns lugares pelo Anticristo. Ela se despiu e se deitou. O Anticristo também tirou a camisa e se deitou ao lado.

— O que vai acontecer agora? — ele perguntou, aflito.

— Não diga nada, pai — disse Ruthina, pois, mesmo se tornando sua mulher, continuava a chamá-lo de pai.

O Anticristo obedeceu à filha que violara, pois não havia outro caminho para alcançar a Ideia. Eles estavam deitados, mas a noite, como de hábito, vivia e trabalhava, buscava seu fim. No início, a noite o buscava de modo invisível, imperceptível, sem nenhuma mudança, depois o fazia empalidecendo, embranquecendo, movendo-se devagar.

— O que vai acontecer agora? — voltou a dizer o Anticristo quando surgiu um reflexo avermelhado e nervoso no céu, estranho à tranquilidade noturna. Já não era a noite, mas a aurora.

— Não diga nada, pai — voltou a ordenar sua filha, que se tornara sua mulher.

Agora eles estavam deitados em meio ao labor frenético e apressado das forças matinais que limpavam o céu e a terra sob o pipilar renovado dos pássaros. Quando tudo se tornou claro e radiante, e nada se ocultava da luz, ele perguntou pela terceira vez:

— O que vai acontecer agora?

Ela não respondeu, havia dormido, e o frescor e a pureza da manhã iluminavam seu rosto belo e bondoso. Apenas nesse instante o Anticristo soube do Senhor que sua filha Ruthina era na realidade a profetisa Pelágia, da vila de Brussiány, região de Rjév.

Da mesma forma que o Senhor entregara às mãos de Satanás o justo Jó para que, passando por sofrimentos, sua fé se fortalecesse, pai e filha, para o bem de Deus, foram entregues às mesmas mãos, participantes permanentes e indispensáveis da dramaturgia trágica do Senhor. Dã, a Áspide, o Anticristo, se lembrou do profeta Isaías: “Então Isaías disse: ‘Escutai agora, Casa de Davi! Será que vós não embaraçastes os homens o suficiente, e ainda quereis embaraçar meu Deus? Pois o Senhor mesmo vos dará um sinal: a Virgem conceberá e dará à luz um Filho que receberá o nome de Emanuel. Ele se alimentará de leite e de mel, até que aprenda a rejeitar o mal e a escolher o bem’”.[314] E Isaías disse adiante: “E eu me aproximei da profetisa, e ela concebeu e deu à luz um filho”.[315] Sendo um judeu instruído — assim como seu Irmão —, o Anticristo sabia que esse não era ainda o Filho, mas um filho-sinal. Pois, sem um sinal, nada de divino pode acontecer. Depois da Casa de Davi, foi concedido à Casa de Dã cobrir-se de glória, que se anunciou: “Um menino nasceu para nós, um Filho nos foi dado”.[316]

Logo que o Anticristo compreendeu isso e tudo se realizou, sentiu saudade de seu passado e de sua terra. Assim ele se afligira no início, quando, como um adolescente judeu, quase um garoto, aparecera, em 1933, trazendo o segundo flagelo do Senhor — a fome —, na região de Khárkov, distrito de Dimítrov, vila de Chagaro-Petróvskoie. Naquela época, ele sussurrava com frequência o juramento secular, a maldição de sua Cidade Santa: “Se eu me esquecer de Ti, que minha língua se grude na goela”.[317]

A verdadeira pátria do homem não é a terra em que vive, mas a nação a que pertence. Não existe terra russa, judia, inglesa, turca, ou seja qual for. Toda a terra é do Senhor, e o Senhor é seu único habitante originário. E o direito legítimo a um ou a outro pedaço da terra não é dado por conquistas ou deslocamentos históricos, nem por um domínio secular, mas é dado a uma nação

que tornou essa porção de terra frutífera e estabeleceu nela uma ordem justa, ou, à semelhança do Pliúchkin[318] de Gógol, a uma nação que ocupou avidamente os vastos espaços que lhe caíram nas mãos. De uma nação como essa o Senhor cobrará seu Bem com crueldade. Mas a nação que o preservar será por Ele recompensada.

E então o Anticristo avistou a Cidade, que não estava coberta de flores, mas renascia depois dos quatro flagelos enviados pelo Senhor. Assim ela ficou depois do jugo babilônico, conforme o Livro de Neemias, pois, ao renascer, não houve um único Moisés, como houvera após o jugo egípcio, mas houve Neemias, que retirou seu povo da Babilônia, e Esdras, que lhe ensinou a Lei.

"E se levantou Eliasib, o sumo sacerdote, com seus irmãos, os sacerdotes, e juntos construíram a porta das Ovelhas. Eles a consagraram e colocaram as vigas, e a consagraram da torre de Meá até a torre de Hananeel. E, ao lado deles, os homens de Jericó construíram; e, ao lado deles, Zacur, filho de Imri. E os filhos de Asená construíram a porta dos Peixes; colocaram as vigas e fixaram os batentes, as fechaduras e as trancas. Ao lado deles, fez os reparos Meremot, filho de Urias, filho de Acus; ao lado dele, Masolam, filho de Baraquias, filho de Mesezebel; ao lado dele, Sadoc, filho de Baana. E, ao lado deles, fizeram os reparos os homens de Técua, porém seus nobres não baixaram a nuca ao serviço do Senhor. E a porta Velha foi reparada por Joiada, filho de Fasea, e Mesolam, filho de Besodias; colocaram as vigas e fixaram os batentes, as fechaduras e as trancas [...]"[319]

Assim, com a obstinação de formigas, reconstruíam o Eterno com suas mãos frágeis humanas.

"Melquias, filho de Herem, e Hasub, filho de Faat-Moab, repararam o segundo setor, assim como a torre dos Fornos [...] A porta do Vale foi reparada por Hanun e os habitantes de Zanoa [...] e ainda restauraram mil côvados do muro, até a porta do Esterco. E a porta do Esterco foi reparada por Malquias [...] E a porta da Fonte restaurou Salum [...] Ele mesmo fez os reparos no muro do reservatório de Siloé, em frente ao jardim do Rei, até a escadaria que desce da Cidade de Davi. Ao lado dele, restaurou Neemias, filho de Azboc [...] até os túmulos de Davi, até a cisterna construída e até a Casa dos Valentes [...] Ao lado dele, fez os reparos Azer, filho de Jesua [...] em frente à subida do Arsenal, na Esquina [...] Ao lado dele, Falel [...] diante da Esquina e da torre que sobressai na casa do Rei, que fica no alto, perto do pátio do cárcere [...] Fadaías [...] até a porta das Águas [...] O sacerdotes fizeram os reparos a partir da porta dos Cavalos [...]."[320]

No entanto, em um mundo decaído, ao lado dos Construtores, sempre há os Destruidores, e eles também devem ser compreendidos. Hoje em dia, um liberal e humanista sempre compreenderá melhor a grande verdade do Destruidor do que a fina verdade do Construtor. Não é à toa que, desde o fim do século XIX, as palavras de ouro do liberal sempre precedem a faca de um assassino. De fato, enquanto o Construtor trabalha egoisticamente por si mesmo, o Destruidor se esforça abnegadamente para todos. O Destruidor sempre parece desprendido, embora viva na abundância. Ele sempre provoca piedade, sempre perde alguma coisa. Pois, no mundo decaído, não achar significa perder.

Os Destruidores que viviam nas redondezas de grandes espaços disseram com suas habituais queixas, invariáveis desde os tempos babilônicos:

— Acabarão a obra algum dia? Farão reviver dos escombros cheios de pó as pedras queimadas?[321]

No entanto, o experiente Construtor sabe o que deve esperar dos sofrimentos do Destruidor e quanto é difícil, para o Destruidor, ver os bens dos outros. Naquele tempo, os Destruidores eram Sanabalat, o horonita, e Tobias, o amonita, que viviam em vastos espaços, recebidos gratuitamente após a invasão babilônica.[322] Eis as palavras de Neemias, filho de Hacalias, antigo copeiro do rei persa Artaxerxes e quem liderou os que participavam da construção:

— Nós construíamos o muro, e do muro se ergueu a metade; porque o povo trabalhava com afinco [...] Nossos inimigos, porém, disseram: “Eles não saberão nem verão nada até aparecermos entre eles e os matarmos, então faremos cessar a obra. [...] Olhei ao redor, levantei-me e disse aos nobres, aos magistrados e ao resto do povo: “Não tenhais medo, devei vos lembrar do Senhor, grande e terrível, e combater por vossos irmãos, vossos filhos e vossas filhas, vossas mulheres e vossas casas [...] Desde esse dia, metade dos meus homens trabalhava na obra e a outra metade empunhava lanças, escudos, arcos e couraças [...] Os que edificavam o muro e os que carregavam as cargas, com uma mão, cuidavam da obra e, com a outra, seguravam a lança [...] Mas nem eu, nem meus irmãos, nem meus homens, nem os guardas que me acompanhavam tiramos nossas vestes; cada um mantinha a espada e água ao alcance da mão.[323]

O Anticristo se lembrava de tudo isso com frequência e caía em meditação. O amor filial da profetisa Pelágia não diminuiu desde o dia em que seu pai, através de Satanás, tornara-se também seu marido. Mas, durante a noite, aparecia também a paixão conjugal. Assim, Pelágia engravidou e, conforme seus cálculos, teria o bebê no início da primavera, na época de *Purim*, uma festa

alegre. Desde que engravidou, ela passou a estar sempre em companhia de seu pai, pois sabia que ele não estaria com ela para sempre. Seu pai cuidava bem dela e, sabendo que uma grávida precisa do ar puro do campo, saía frequentemente com ela da cidade, indo para as florestas outonais dos subúrbios, pois o outono já havia chegado.

Certa vez, eles foram a uma região pouco habitada, cheia de ravinas e com uma colina coberta pela floresta. Com eles estava Andrei Kopóssov, que também já sabia quem eram na realidade seu pai e sua irmã, a qual se tornou para Andrei uma espécie de mãe adotiva e esperava um filho de seu pai. Enquanto subiam a colina, Dã, a Áspide, o Anticristo, o enviado do Senhor, disse através de Mateus, o evangelista mais confiável, usando as palavras de seu Irmão da tribo de Judá:

— Não penseis que eu vim abolir a Lei ou os profetas; eu não vim para destruí-los, mas para realizá-los, pois, em verdade, eu vos digo: enquanto houver o céu e a terra, nem um iota, nem uma linha se ocultarão da Lei, até que tudo seja cumprido.[324]

Então Andrei Kopóssov, que ia a Deus pelo caminho mais difícil, o terceiro — não pela Fé ou a Descrença, mas pela Dúvida, como o profeta Jó —, perguntou, abrindo o pequeno Evangelho de bolso do qual não se separava:

— Pai, por que seu Irmão Jesus, da tribo de Judá, diz claramente nos versículos 17 e 18 do capítulo 5 do Evangelho de Mateus que veio para executar a Lei de Moisés, mas, a partir do versículo 21, começa a falar coisa diferente e nos versículos 38 e 39 diz: “Vós ouvistes o que foi dito: olho por olho, dente por dente, mas eu vos digo: não resistais ao mau; se alguém ferir-te a face direita, estenda-lhe também a outra”. E nos versículos 43 e 44 diz: “Vós ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Mas eu vos digo: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos ofendem e vos perseguem”.

Dã, a Áspide, o Anticristo, o enviado do Senhor, respondeu:

— Tudo foi dito corretamente e não há aqui nenhuma contradição. Como um judeu crente, como um gênio que se dirige a Deus, ele preserva e executa a Lei divina, para guardar Deus ao homem; é do que se fala nos versículos 17 e 18. Essa é a primeira Verdade, a de Moisés. Mas, como sábio, Salvador e Messias, Ele sabe que o pecador neste mundo decaído não é capaz de amar a Deus conforme os Mandamentos da Lei de Moisés, não é capaz de cumprir os mais simples preceitos divinos: “não matarás”, “não roubarás”, “não cometerás adultério”. Os pecadores não serão convencidos nem mesmo pelos profetas de Deus, cujas vozes clamam no deserto. Por isso, para a salvação do mundo

decaído, Ele não se apoiou na Lei divina dos profetas, estranha ao mundo, mas nos preceitos do homem bom, compreensíveis a qualquer pecador que vive de sua abnegação e de seu sacrifício, assim como o verme vive da maçã. Dessa maneira, é através do humano, e não do divino, que o mundo decaído se salva para Deus. É justamente disso que fala meu Irmão Jesus, da tribo de Judá. Esses preceitos são para poucos, mas salvam muitos. Essa é a segunda Verdade. E uma terceira não pode existir... E meu irmão Jesus disse, concluindo seu Sermão sobre a Montanha: "Vós deveis ser perfeitos como vosso Pai celestial...".[325] São palavras de quem compreendeu Deus, ditas àqueles que, em virtude de seus pecados, são incapazes de compreendê-Lo e devem se salvar por meio de outra perfeição, a humana, pois a bondade é também uma perfeição.

A essa altura, a profetisa Pelágia, filha adotiva e mulher de Dã, o Anticristo, perguntou:

— Pai, então a quem seu Irmão Jesus Cristo trouxe a salvação: aos perseguidos ou aos perseguidores, aos odiados ou aos que odeiam?

Dã, o Anticristo, respondeu:

— Claro que Cristo trouxe a salvação aos perseguidores e aos que odeiam, pois seus tormentos são terríveis. São terríveis os sofrimentos de um perseguidor miserável.

— Pai — replicou a profetisa Pelágia —, mas como podem se salvar os perseguidos e os odiados?

Dã, o Anticristo respondeu:

— Para os perseguidores, Cristo é o Salvador; para os perseguidos, o Anticristo. Foi para isso que fui enviado pelo Senhor. Vocês ouviram o que foi dito: amem os seus inimigos, abençoem quem os amaldiçoa, façam o bem a quem os odeia e orem por quem os ofende e os persegue. Mas eu lhes digo: não amem seus inimigos, mas o ódio de seus inimigos; não abençoem quem os amaldiçoa, mas as maldições que lhes foram lançadas; não orem por quem os ofende e os persegue, mas por suas ofensas e perseguições. Pois o ódio de seus inimigos é a Marca da bênção Divina. Se o ódio é secular e universal, se a paixão por esse ódio é sincera, se o homem que odeia não odeia por vontade própria, mas como se algo dentro dele odiasse, se às vezes nem a razão de quem odeia consegue dominar seu ódio, se ao redor desse ódio se erigem ideologias e impérios — o Senhor, através desse ódio, envia um sinal a quem é odiado. O ódio de um homem contra outro homem não é raro no mundo decaído e com frequência é tão mesquinho como este mundo. Mas somente o povo do Senhor mereceu a honra de ser odiado invariavelmente, por um ódio universal e

fecundo, por mais de dois mil anos e ao longo de mais de dez impérios — as Torres de Babel. Esse povo em nada se destaca dos outros, em nada é melhor que os outros, mas por esse ódio invariável ele se destaca e nisso ele é melhor.

Assim terminou de falar Dã, o Anticristo, o enviado pelo Senhor, que já sabia que não ficaria aqui por muito tempo, pois os quatro flagelos atuais do Senhor terminaram. Contudo, quando novos sofrimentos serão enviados, isso só o Senhor sabe. Claro que essas punições nunca abandonam o mundo decaído, mas há períodos pecadores em que elas se renovam e adquirem força incomum. Então o Anticristo pode aparecer de novo ou não, pois isso depende do plano do Senhor. Desse modo, a profetisa Pelágia sabia que teria que se separar de seu pai e marido por longo tempo, se não para sempre. No entanto, ela não sabia quando e como essa separação aconteceria, e rezava ao Senhor que ao menos se desse após o nascimento de seu bebê. Com isso, eles passaram os dias até o Natal com amor e inquietação.

Nesse ano, o Natal não foi dos mais frios, mas cheio de vento e de preocupações. Dã, o Anticristo, comemorou modestamente o aniversário de seu Irmão, apenas na companhia da profetisa Pelágia, sua filha e mulher. Ele celebrou a data pensando no seu Irmão e conversando com sua filha, que lhe daria um filho. Ele disse:

— Todo homem nasce espiritualmente miserável, tolo e mau. Mas, enquanto é um bebê insensato, vive no paraíso divino. Quando aparecem os germes da consciência, ele é imediatamente expulso do paraíso, entregue à própria sorte, então a miséria, a tolice e a maldade o espreitam. Como retornar a Deus vivendo com sua consciência e entregue à própria sorte? Contra a miséria há os gênios; contra a tolice, os profetas e os sábios; e contra a maldade, pessoas boas, anônimas. Púchkin não é um gênio terreno, nem Shakespeare, nem o divino Moisés, nem os profetas Jeremias e Isaías. Só são terrenos aqueles que se entregam totalmente ao presente e dos quais, no futuro, nada sobrará. Se um homem bom deixar rastros atrás de si, se ele se tornar conhecido e for coberto de glórias — ele não ofereceu a verdadeira bondade, não realizou até o fim o que fora idealizado, mesmo se disserem que ele era uma pessoa boa. Apenas um justo anônimo, que nunca recebe nada em troca, realiza a bondade em completude. Eis para que foi concebido meu Irmão da tribo de Judá, pois Ele é o único consolo e a única recompensa dos justos anônimos que vivem para a salvação dos perseguidores. Já eu vim para recompensar e salvar os perseguidos.

Anticristo despertou no meio da noite, soergueu-se sobre seu cotovelo, lembrou-se das palavras sobre si que o Senhor colocara em seus lábios, sorriu,

olhou para sua filha, que dormia ao lado, quente, volumosa, com bonitas manchas amarelas de gravidez, olhou pela janela noturna e viu brilharem as estrelas natalinas — e uma delas brilhava mais que todas —; ele olhou ao redor e se despediu suavemente do mundo de Deus e também de sua filha, roçando-lhe cuidadosamente os lábios para não a acordar. Depois disso, Dã, a Áspide, o Anticristo, adormeceu; ele viveu ainda por três horas e morreu dormindo ao amanhecer, esquecendo instantaneamente tudo o que havia de terreno em si, da mesma forma que às vezes nos esquecemos por completo de um sonho noturno no despertar da manhã.

A profetisa Pelágia, mesmo depois de seu pai ter despertado do sonho terreno, continuou a dormir ao lado do corpo já frio que pertencera a ele. Ela sonhou com um funeral, assim como sonhara Ánnuchka Emeliánova, a mártir ímpia, num chiqueiro alemão. Ánnuchka sonhara com o caixão de sua mãe, sob um temporal, no meio de um pátio localizado na cidade de Rjév, 3º setor, barracão nº 3...

Já no sonho da profetisa Pelágia o lugar não foi indicado com precisão, apesar de ela ser quase conterrânea de Ánnuchka Emeliánova, pois a vila de Brussiány ficava perto de Rjév. Além disso, não chovia diante da profetisa Pelágia, mas fazia um dia ensolarado. Eis que passava uma densa multidão de pessoas carregando quatro caixões. A multidão embrenhou-se numa ponte estreita, mas comprida. Andou um pouco, deixando um caixão na ponte, andou mais um pouco, deixando o segundo. Quando atravessaram a ponte, colocaram o terceiro caixão na água e, um pouco adiante, caminhando pela margem do rio, colocaram também o quarto. Só que os caixões não foram levados pela corrente, mas se agitavam perto da margem. De repente, do caixão que se achava mais perto da margem se levantou uma moça forte e saudável e caiu, ficando com água até o pescoço. Então, do caixão que estava um pouco mais distante um jovem se ergueu, precipitou-se na água e andou em direção à moça; ele a conduziu pela mão até a margem onde estava a multidão e, ao voltar, deitou-se de novo em seu caixão, que começou lentamente a se afastar. Quanto à moça, encharcada, assim que ela pisou na margem, começou a falar com uma voz muito alta, como uma lunática, mas não na língua que havia falado até morrer, ou seja, não em russo. E ela também havia mudado, seu rosto escurecera, assim como seus cabelos; a forma redonda do corpo desaparecera; e seus gestos tornaram-se rápidos, como das pessoas do Sul. Os que estavam na margem a pegaram pelas mãos molhadas, com cuidado e respeito, e levaram-na a um quarto. Lá a moça colocou roupas secas, que deixaram seus joelhos visíveis, e pegou uma bolsinha branca, bordada

de miçangas. Seu monólogo, porém, continuava, apesar de já não parecer tão despropositado nem tão ruidoso. Ela falava numa língua incompreensível, primitiva, selvagem, talvez das cavernas, que não lembrava nenhuma outra. Mesmo assim, dessa torrente de palavras guturais e ininteligíveis, surgia, vez ou outra, uma palavra russa habitual. No entanto, a palavra solta não possibilitava nenhuma interpretação. Em todo caso, as pessoas ouviam avidamente a moça, da mesma forma que observavam seus gestos. Os que não conseguiam achar um lugar no quarto, olhavam pelas janelas ou pelo vão da porta e também se aglomeravam na entrada. Ouviram-na por horas, embora não a compreendessem. No início, a profetisa Pelágia receou entrar no quarto, mas depois pensou: "Que mal ela poderia me fazer?" — e entrou, dizendo à morta:

— Bom dia...

— Bom dia, Pelágia — respondeu em russo a morta, retomando sua fala desconhecida, da qual ocasionalmente brotava uma palavra russa.

Entretanto, quanto mais as pessoas ouviam a moça morta, menos a entendiam, embora a aprovassem com vontade.

— Sim... Ora essa... Cada coisa... É preciso...

Ao redor, o público estava diferente, as pessoas já não pareciam de luto, num enterro. Havia muitos jovens, com roupas multicoloridas e rostos que não eram sombrios nem pensativos...

Assim, depois desse pesadelo, Pelágia acordou, sentindo a alma aliviada, e viu pela janela a manhã gélida, ensolarada e alegre de Natal. Abraçou o pai para acordá-lo e lhe contar o sonho terrível que tivera, no entanto se afastou subitamente dele, sentindo aversão. Um instante antes de sua consciência ser surpreendida por uma mágoa humana, a morte de um ente querido, ela sentiu uma aversão verdadeiramente bíblica por um corpo morto. Ela sabia que havia mais de seu pai em cada palavra que ele lhe dissera e ela memorizara e mesmo em qualquer objeto que ele vira e tocara do que nesse corpo inexpressivo que ele abandonara para sempre. Não era à toa que, nos antigos tempos bíblicos, os homens de Nazaré, dedicados a Deus, eram proibidos de tocar num cadáver. Enquanto o corpo estivesse insepulto, não podia haver lembrança viva do morto. O corpo devia ser entregue, sem demora, a terra, para que o ente querido pudesse renascer.

Assim, de maneira modesta e discreta, ela o fez, com a ajuda de seu irmão, Andrei Kopóssov. Os filhos, com o coração mortificado, enterraram o pai num caixão modesto e barato, num cemitério acessível a todos e de grande consumo. No entanto, enquanto voltavam do cemitério, seus corações renasceram. Seu pai

estava de novo com eles. Desde então, raramente eles se separavam do pai ou um do outro, mas isso não se tornou um peso para eles, pois não se cansavam de ficarem juntos.

Pelágia teve seu filho no início de março, exatamente na festa de *Chuchan Purim*,[326] no dia 15 de Adar, segundo o calendário judaico. Essa festa celebra a libertação dos judeus da ameaça de extermínio total, tramado pelo grego Amã, um estrangeiro no império persa, que trezentos e cinquenta e sete anos antes do Nascimento de Cristo tentara resolver definitivamente a questão judaica: salvar a humanidade dos judeus e, ao mesmo tempo, do Nascimento de Cristo, de modo que foi dito no decreto: "[...] para que essas pessoas não nos impeçam, em tempos futuros, de seguir a vida com tranquilidade e sem preocupações até o fim".[327]

No entanto, graças aos esforços da judia Ester,[328] a humanidade pacífica não se livrou do nascimento de Cristo. Quanto ao próprio Amã, o grego libertador, ele foi enforcado por ordem do rei. Assim fracassara a primeira conspiração grega contra o Cristo, que ainda não havia nascido. Mas a segunda conspiração grega, realizada depois da morte de Cristo, foi em parte cumprida. O cálice foi quebrado. E agora, após os quatro flagelos do Senhor terem terminado, foi de novo uma mulher que se opôs a essa conspiração: a profetisa Pelágia, da vila de Brussiány, perto da Rjév, que deu à luz uma criança-sinal, concebida por seu pai, o Anticristo, irmão de Jesus Cristo.

Essa criança, chamada Dã, em homenagem ao pai, tinha os traços judeus do lado paterno, mas os olhos nórdicos de Rjév de sua mãe. Como todos os bebês saudáveis, ele estava no paraíso divino, no entanto já se revelavam pequenos sinais — perceptíveis apenas a Pelágia, sua mãe-profetisa — de que, ao abandonar o paraíso na infância, Dã se destacaria de muitos e, ao tornar-se um adolescente, se destacaria de todos. Ele passará rapidamente pela fase dos questionamentos e acreditará em seu achado assim que o encontrar. Ele amará do fundo do coração todos os profetas bíblicos, mas principalmente o profeta que ficou para sempre desconhecido, condicionalmente incluído no livro do profeta Isaías e chamado Segundo Isaías.[329] Por isso, a profetisa Pelágia agora lia com frequência o Segundo Isaías, o profeta desconhecido, e cada palavra ardia sem se consumir, semelhante à sarça de Moisés, como que assinalando a Divindade do sentido que ela continha.

"Eis meu Servo que eu levo pela mão, eleito por mim, e que é simpático à minha alma. Eu pus meu espírito sobre Ele, e Ele anunciará o julgamento aos

povos,”[330] assim lia a profetisa Pelágia, a mãe do bebê Dã. “Por muito tempo eu me calei,” ela lia, “tive paciência e me contive, mas agora irei gritar como uma mulher em trabalho de parto, irei a todos destruir e engolir.”[331] “Eu ofereci Meu dorso aos que me feriram e Minhas faces aos que me golpearam, e não ocultei Meu rosto dos insultos e dos escarros.”[332]

Assim falava o profeta desconhecido Segundo Isaías, quinhentos anos antes da estrela de Belém. Foi também dito: “E o Senhor Deus irá Me socorrer, por isso Eu não Me sinto intimidado, por isso fiz do Meu rosto uma rocha e sei que não serei humilhado. Perto está quem Me justifica. Quem quer disputar comigo? Compareçamos juntos! Quem quer me questionar em juízo? Que venha até Mim!”.[333]

E há o curto capítulo 53 do Segundo Isaías, com apenas doze versículos. Todo o espírito do Evangelho — a dramaturgia do Evangelho e mesmo seu enredo principal — está contido nesse pequeno capítulo escrito pelo Segundo Isaías quinhentos anos antes do Natal. Tudo o que há de criativo no Evangelho se acha nesse capítulo. Ele só omite os adornos e o sentido pagão que, mais tarde, através do tutor grego, foram usados para rebaixar o Evangelho. Eis o Evangelho do Segundo Isaías, o mais antigo, o principal, o mais poético — não é um Evangelho-crônica, como todos os outros, mas um Evangelho-profecia:

“Senhor! Quem acreditará no que ouvimos, e a quem se revelou o braço do Senhor? Ele cresceu como um rebento diante Dele, como uma raiz de terra árida; Ele não tinha aparência nem brilho para atrair nosso olhar. Ele era pelos homens desprezado e rejeitado, um homem de dor e conhecedor do sofrimento, e nós Lhe viramos o rosto. Ele era desprezado, e nós fizemos pouco caso Dele. Ele tomou para Si nossas dores e carregou Consigo nossas doenças, e nós O considerávamos derrotado, ferido e humilhado por Deus. Mas Ele foi ferido por nossas transgressões e torturado por nossas iniquidades; o castigo que nos traria paz caíra sobre Ele, e fomos curados por Suas feridas. Todos nós andávamos sem rumo como ovelhas, cada um seguia seu próprio caminho; mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de todos nós. Ele foi maltratado, mas sofria voluntariamente e não abria a boca; como um cordeiro foi conduzido ao matadouro e, como uma ovelha, ficou mudo diante dos tosquiadores; Ele não abriu a boca. Foi preso depois de detido e julgado, mas quem se preocupará com Sua sina? Ele foi separado da terra dos vivos, foi punido pelos crimes de Seu povo. Colocaram Seu caixão com os ímpios e Seu sepulcro com os ricos, ainda que não tivesse pecado, nem houvesse mentiras em Sua boca. Mas o Senhor quis

esmagá-lo e entregou-o ao sofrimento. Quando Sua vida se fizer expiação do pecado, Ele verá descendentes, prolongará seus dias, e por Suas mãos a vontade do Senhor se realizará. Graças aos esforços de Sua alma, Ele verá a luz e se sentirá satisfeito; por Seu conhecimento, Ele, Meu Servo, o Justo, justificará multidões e tomará para Si suas transgressões. Eu Lhe darei Seu quinhão entre os grandes e Ele repartirá os despojos entre os poderosos, já que Ele se despojou até a morte e foi contado com os transgressores, quando, na verdade, Ele carregou Consigo o pecado de muitos e intercedeu pelos transgressores".

Esse é o Evangelho do Segundo Isaías, o único Evangelho profético. Apesar de ele ser profético, ou seja, de ter sido escrito bem antes de seus vaticínios se realizarem, ele traz, em essência, mais significação do que os Evangelhos escritos consideravelmente depois da realização do que foi predito. Em sua última frase, assinala-se quem é o Cristo: aquele que intercede pelos criminosos, que são a maioria, e não pelas vítimas.

Certamente, no mundo da filosofia, no mundo da Unidade, no mundo espacial de conceitos gerais, o criminoso e a vítima são inseparáveis, e é por isso que o Cristo dos filósofos intercede por todos. No entanto, no mundo religioso, no mundo da Polaridade de conceitos essenciais, no mundo móvel, temporal, bíblico, o criminoso, em cada momento concreto, é separado nitidamente de sua vítima, e Cristo, na religião, aparece somente como intercessor do criminoso. Pela vítima quem intercede é o Anticristo. Eis por que, no mundo antigo espacial, o Cristo e o Anticristo estão como que fundidos num só homem, pois, no mundo antigo, a vítima não pode ser separada do criminoso.

No Segundo Isaías, não se fala apenas do Cristo, mas também do Anticristo: "E conduzirei os cegos por um caminho que eles não conhecem, por veredas desconhecidas; diante deles Eu farei as trevas virarem luz e os caminhos tortuosos virarem planos, eis o que lhes farei e não os abandonarei"[334] — assim dizia não apenas o intercessor dos criminosos, o Cristo, mas também o intercessor das vítimas, o Anticristo. "Quando tu atravessares as águas, Eu estarei contigo; quando passares pelos rios, eles não te engolirão; quando andares pelo fogo, não te queimarás e a chama não te alcançará".[335]

Através do Anticristo, Seu enviado, o Senhor se dirige à vítima: "Eu sou o Senhor e, além de Mim, não há Salvador.[336] [...] Assim diz o Senhor, teu redentor, e que te formou desde o ventre materno. Eu sou o Senhor que criou todas as coisas, que sozinho estendeu os céus e firmou a terra com Sua Própria Força. [...] Que diz ao abismo: seca-te!".[337] E aos perseguidores, cujo

intercessor é o Cristo, diz o Anticristo, o intercessor dos perseguidos: “Eu alimentarei teus opressores com sua própria carne, e eles se embriagarão pelo seu próprio sangue, como um mosto.[338] [...] Eis que Eu tiro de tuas mãos o cálice do atordoamento; a levedura do cálice da minha cólera, tu nunca mais a provarás. Mas eu o colocarei nas mãos dos que te atormentavam dizendo: Abaixa-te, para que andemos sobre ti! E tu fizeste tuas costas como chão, rua para os passantes”.[339]

Assim dizia o Anticristo, o pai da profetisa Pelágia e do filho dela, o Anticristo que no mundo filosófico, o mundo da Unidade, é o inimigo do Cristo, mas que no mundo religioso, o mundo da Polaridade, é o Irmão do Cristo, seu complemento no justo julgamento de Deus. Assim a profetisa Pelágia lia e compreendia o Segundo Isaías.

Quando seu filho cresceu um pouco, a profetisa passou a levá-lo com frequência para fora da cidade, para a região pouco habitada, cheia de ravinas e com uma colina coberta pela floresta em que o pai de Pelágia passara seus ensinamentos, tanto a ela como a seu irmão Andrei Kopóssov. Não raro, ela era acompanhada por Andrei Kopóssov e Saviéli Ívolguin, seu vizinho, que, conforme concluiu a medicina, estava praticamente curado de sua doença do espírito. Com efeito, seu rosto perdera aquele entusiasmo perigoso que revelava seu mundo interior polifônico; ele se tornou menos solitário e começou a encarar as coisas de modo mais confiante, sem mais imaginar que o mundo tramava algo contra ele ou que lhe ocultava alguma coisa. E a questão do conhecimento deixou de ser para ele uma questão marcada por contrários. Saviéli já sabia que no mundo não havia Unidade, por isso a questão do conhecimento se tornou parte da vida trivial, e não algo trágico e fatal, como seria se houvesse uma unidade geral dos fenômenos e das noções. Ele também se lembrava do principal preceito do desconhecido profeta, o Segundo Isaías, que resumia suas revelações. Ele aparece no versículo 6 do capítulo 55: “Procurai o Senhor quando se pode achá-Lo, chamai o Senhor quando Ele está perto”.

Assim, graças aos mais recentes tratamentos de saúde, graças a sua renúncia à busca da unidade do mundo, conforme lhe ensinara o homem morto do matraz, e graças ao grande mandamento do profeta, a alma de Saviéli se aquietou, ele se tornou agradável ao convívio, e a profetisa Pelágia convidava-o com prazer para passeios fora da cidade.

Quando chegou o primeiro aniversário da partida de seu pai, o Anticristo, exatamente no dia do Nascimento de Cristo, a profetisa Pelágia se preparou para

ir ao campo com seu filho. Seus zelosos companheiros de viagem, Andrei e Saviéli, foram com ela. Pelágia agasalhou bem seu bebê, pois, embora nesse Natal não fizesse muito frio, como fora no anterior, estava gelado e uma neve espessa caía sem cessar desde manhã.

No inverno, especialmente no campo, num dia nevado, predominam duas cores: o branco e o preto, pois, sobre fundo branco, tudo o que é escuro parece negro. Por isso, ao se olhar para os troncos das árvores do lado que, na noite anterior, fora varrido por um vento rasante e pela neve, todos os troncos parecerão irmãos brancos, cobertos de neve, enquanto, do outro lado, todos parecerão irmãos negros. E essas duas cores conferem algo de sagrado à floresta invernal, e se anda por ela com a alma entorpecida, como num templo de Deus. Há uma austeridade sagrada e viril no branco e no preto que torna todas as outras cores secundárias e apagadas. A floresta invernal sob a cúpula branca será divina enquanto o sol não aparecer, enquanto não despertarem as cores terrenas e frívolas, os reflexos femininos e alegres, o azul radiante no céu. Isso é bonito e agradável, mas traz uma inquietação feminina. Revela-se por um instante algo da alienação estival, doce ao corpo, da sensação frenética de perda produzida pelo verão, quando sentimos a vida escapar, dia após dia. Mas no bom inverno nevado do campo e dos subúrbios, Deus como que dá uma trégua ao homem: diminui o desassossego da existência, reforça a imobilidade, despersonaliza agradavelmente os dias, de modo que o homem não sente os dias lhe fugirem. Mesmo entre os pássaros, as criaturas que mais animam a natureza, predomina a ave negra, morosa e invernal, sobre a neve branca — o corvo e a gralha. Mas o pintassilgo brilhante vem voando, como uma pequena nuvem casual, fugidia, como um pigmento feminino e vibrante em meio à alvura, como o profano num templo...

Com tais sentimentos, chegaram à floresta invernal: Andrei Kopóssov, Saviéli Ívolguin e a profetisa Pelágia com seu filho Dã, no qual já haviam despertado os primeiros germes da consciência, alegrando sua mãe, apesar de sua expulsão do paraíso divino ainda estar longe. Eles caminhavam, embrenhando-se na neve, em direção à colina onde, no outono anterior, o pai de Pelágia e Andrei os instruíra. Olharam em volta e tudo o que viram na Terra, no plano inferior, era sagrado, mas, no plano superior, não havia nem o sol — que era cultuado por adoradores, mas que Abraão se recusava a cultuar —, nem o céu — ídolo pagão que hoje foi obliterado pelo sagrado dia terreno do Natal —, nem o espaço ilimitado das estrelas — provavelmente as principais responsáveis pelo politeísmo, desviando por longo tempo, com sua beleza multifacetada, o homem antigo do Deus Único

que existe. Mas agora Ele estava próximo, era o sagrado momento em que Ele poderia ser achado, pois a floresta negra invernal ardia em sua alvura, como a sarça ardera no deserto diante do pastor Moisés. Andrei Kopóssov, o filho do Anticristo, Saviéli Ívolguin, o pecador-alquimista, e a profetisa Pelágia, a mulher do Anticristo, ouviram a voz de Deus com mais clareza que nunca. No entanto, o pequeno Dã, de fralda nos braços da profetisa e olhando, com seus olhos azuis nórdicos de Rjév, para os galhos suspensos cobertos de neve, frescos e perfumados, ouviu a voz do Senhor como se estivesse diante Dele e apoiasse sua mão em Seu rosto. Claro que o que ele ouviu ficará guardado por muito tempo em seu coração, porém, quando chegar a hora, tudo lhe será revelado, se ele levar a vida que lhe fora destinada pelo Senhor e que fora criada por seu pai.

No poema bíblico sobre a criação do mundo foi dito que o Senhor criou, enquanto o homem inventou os nomes para a criação, pois, em virtude da fraqueza humana, o Divino deve ser rebaixado através da palavra e do nome, isto é, através da arte. Da mesma forma, as ideias insondáveis do Senhor, para que se tornem acessíveis ao homem, devem ser rebaixadas através da grande palavra do profeta. Mas a palavra do profeta também é muitas vezes rebaixada se não vem com um sinal, assim como o sinal que eles, nesse instante, receberam da floresta invernal sagrada. E disse o profeta Isaías: “Pede um sinal ao Senhor, pede seja nas profundezas, seja nas alturas”.[340] Eis o que disse a eles o Senhor na floresta invernal sagrada, por meio do profeta Isaías: “Se o ímpio é favorecido, ele não aprende a justiça. [...] O Senhor sai de Sua morada para punir os habitantes da terra por sua iniquidade, e a terra descobrirá o sangue que ela absorveu e não mais esconderá seus mortos”.[341]

Na floresta invernal, eles entenderam que o malfeitor só pode confiar no Cristo e que por meio do Cristo ele será perdoado e consolado, por meio do sangue vertido por Ele. Mas o Senhor não o perdoará, pois o Cristo é o Salvador, enquanto o Senhor é o Criador.

Qualquer vida e qualquer destino, mesmo uma vida amarga e um destino cruel, à medida que se desenrola, deve compor um Salmo. Um louvor ao Senhor por ela ter se realizado, à diferença das vidas que não nasceram e dos destinos que não se realizaram. Qualquer vida, mesmo amarga, é uma sorte e um privilégio. Por isso, simplesmente com seu nascimento, o malfeitor, o renegado, engana o Criador. Já o Cristo Salvador tem o coração puro, pois é puro o coração de quem desconhece o tormento da criação; o Cristo foi enviado pelo Senhor para não abandonar aqueles que Ele mesmo, o Criador, abandonou. A essência do Senhor

é infinita e inalcançável ao homem, mas nesse infinito existe apenas um aspecto do Senhor, talvez não o principal nem o mais importante, que é acessível à compreensão humana: o aspecto da Criação.

— Eis que virão os dias — disse o Senhor através de Amós, o mais antigo dos profetas, o fundador da profecia —, eis que virão os dias em que enviarei fome à terra; não fome de pão, nem sede de água, mas sede de ouvir as palavras do Senhor.[342]

Esses tempos se aproximam, e a fome da Palavra do Senhor talvez seja o mais terrível flagelo do Senhor, o quinto, que foi anunciado pelo profeta Amós, assim como os quatro flagelos anteriores foram anunciados pelo profeta Jeremias. O ímpio foi perdoado através de Cristo, foi salvo dos quatro flagelos: do primeiro — a espada —, do segundo — a fome —, do terceiro — o animal selvagem do adultério —, e do quarto — a doença, a peste. Mas do quinto flagelo, a sede e a fome da Palavra do Senhor, nenhum ímpio se salvará, nem Cristo, intercessor dos criminosos, o salvará. Da fome da Palavra do Senhor e da sede da consolação do Senhor, o ímpio morrerá atormentado. Em compensação, o justo se saciará da Palavra. E foi dito no Livro do profeta Isaías:

— E será assim: antes de me chamarem, Eu responderei; enquanto estiverem falando, Eu já os terei compreendido [...][343]

E foi dito:

— Sedentos! Vinde às águas, e mesmo vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei [...][344] Aguçai vossos ouvidos e vinde a Mim, escutai e vossa alma viverá; Eu vos darei o preceito perpétuo, as graças imutáveis prometidas a Davi [...][345] Como a chuva e a neve que caem do céu sem nunca retornar, mas regam a terra e a tornam capaz de reproduzir e de germinar, dando a semente a quem semeia e o pão a quem come, assim será a Minha Palavra que sair da Minha boca; ela não voltará em vão para Mim, antes cumprirá o que Me convém, realizará o motivo de Eu a ter enviado.[346]

O gênio repete o gênio, e o Livro do profeta Isaías repete o Deuteronômio de Moisés, em que foi dito sobre a Palavra divina:

— Que Minha Doutrina caia como a chuva, Minha fala como o orvalho, como o chuvisco sobre a folhagem, como a tempestade sobre a relva [...][347]

Eles entenderam através do sinal — as árvores negras da floresta ardendo sobre o branco nevado sagrado — que, após os quatro pesados flagelos do Senhor, virá o quinto, a sede e a fome da Palavra de Deus, e somente um

trabalhador espiritual poderá lembrá-la ao mundo e dela o salvar, matando a sede do mundo, alimentando-o da Palavra divina. E também compreenderam a essência do grito do coração do profeta Isaías:

— E vós, que lembrais o Senhor, não fiqueis em silêncio![348]

Outubro, novembro, dezembro de 1974,
janeiro de1975

☆

246 Marcos 15:31.
247 Mateus 26:7, 8.
248 Mateus 26:11.
249 Êxodo 23: 2,3.
250 Mateus 26:59–61.
251 Mateus 26:31.
252 "Seu traidor dera-lhes um sinal, dizendo: 'É aquele que eu beijar; prendei-o'" (Mateus 26:48). (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 1752)
253 Mateus 26:56.
254 Mateus 27:3–5.
255 Marcião de Sinope (c. 85–160), fundador do marcionismo, propôs a separação do Antigo e Novo Testamento, que teriam dois deuses distintos, sendo acusado depois de heresia.
256 O termo *raskol* significa "cisão", "cisma", "divisão", e também alude ao movimento dos *velhos crentes* (*staroobriádtchestvo*), que rompeu com a Igreja Ortodoxa Russa no século XVII devido às reformas do patriarca Níkon. O termo *raskol*, a propósito, surge no sobrenome de Rodion Románovitch Raskólnikov, a personagem principal de *Crime e castigo* (1866), de Dostoiévski.
257 Período remonta ao reinado (1533–1547) de Ivan, o Terrível, o primeiro tsar da Rússia.
258 Mateus 26.
259 Galeria de arte em Moscou dedicada a artistas russos. Foi fundada em 1856 pelo empresário e mecenas Pável Tretiakóv (1832–1898).
260 Nome da escultura (retirado de Isaías 2:4) projetada por Evguéni Vutchétitch (1908–1974) para o prédio da ONU, em Nova Iorque (1957). Uma cópia se acha em frente à Nova Galeria Tretiakóv (*Krýmski val*).
261 Cristãos ortodoxos que reconhecem a autoridade do Papa.
262 Tarás Chevtchenko (1814–1861), poeta ucraniano. Os dois últimos poemas foram citados no original em ucraniano.
263 Bolo de mel, tradicionalmente da cidade de Tula.
264 Publicações clandestinas que circulavam na URSS.
265 Alusão a Marc Chagall. A exposição se deu em junho de 1973, na última visita de Chagall, aos 86 anos, à URSS, onde, então, ele era praticamente desconhecido.

266 Iliá Riépin (1844–1930), pintor russo de cunho realista.
267 Carro soviético, cuja primeira linha (1956) se chamava *Gaz-21*. Algumas linhas eram reservadas para uso do alto escalão.
268 Conde Orlóv (1734–1783) era um dos "favoritos" de Catarina II, a Grande.
269 Vestido típico sem mangas, usado na Rússia e em alguns países do norte.
270 Quadro feito entre 1837 e 1857 por Aleksándr Ivánov (1806–1858), pintor acadêmico.
271 GUM (*Glávnyi universálnyi magazin*), centro comercial ao lado da Praça Vermelha; TSUM (*Tsentrálnyi universálnyj magazin*), centro comercial perto do Teatro *Bolchói*; "O Mundo das Crianças" (*Diétskii mir*), rede de lojas de produtos infantis fundada em 1957.
272 Stepan (Stenka) Rázin (1630–1671), líder cossaco (atamã) que organizou uma série de insurreições contra o poder tsarista. Foi enforcado barbaramente por ordem do tsar Aleksei. A figura de Rázin se tornou mítica, gerando obras como o poema *A execução de Stepan Rázin*, de Ievtuchenko, que inspirou música homônima (1964) de Chostakóvitch.
273 O retrato de Púchkin, feito por Oriest Kipriénski (1782–1836), é de 1827.
274 *Luzinha* (*Ogoniók*), revista ilustrada semanal política e literária de grande tiragem. Começou a circular em Moscou em 1923.
275 O retrato de Lêrmontov é de 1869 e o de Dostoiévski de 1872, ambos feitos pelo pintor Vassíli Peróv (1833/1834–1882), um dos Itinerantes (*peredvíjniki)*, ou membro da Sociedade de Exposições de Pintores Itinerantes, que romperam com a temática clássica da arte acadêmica, voltando-se, dentro da estética realista, para motivos sociais e paisagens russas.
276 *O demônio sentado* (1890), um dos quadros mais famosos de Mikhail Vrúbel (1856–1910), expoente da pintura simbolista.
277 Robert Falk (1886–1958), pintor e professor do VKhUTEMAS (*Víschie khudójestvenno-tekhnítcheskie másterskie*, Oficinas Superiores de Arte e Técnica). Um dos fundadores do grupo de vanguarda "Valete de ouros", do qual fizeram parte pintores como Kontchalóvski, Machkóv e Lariónov.
278 *O retrato do pintor Iakúlov* foi feito por Piótr Kontchalóvski (1876–1956) em 1910.
279 Na União Soviética, os artistas de destaque recebiam o título honorário de "Artista do Povo da URSS" (hoje seria o "Artista do Povo da Federação Russa").
280 Diminutivo de Israel.
281 Levítico 24:16.
282 "Vsesviátski" vem de *sviátki*, que se refere ao Natal.
283 "Belogrúdov", de *biélyi* ("branco") e *grud* ("peito", "seio").
284 Primeiros cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.
285 Os dois diálogos usam fórmulas de confissão com termos do eslavo eclesiástico.
286 Trata-se da Oração de Santo Efrém, o Sírio (traduzida do texto russo).
287 Êxodo 14:13, 14.
288 Êxodo 14: 15.
289 Mosteiro (ou Lavra) da Trindade-São Sérgio (*Tróitse-Sérguieva lavra*), mosteiro mais importante da Rússia situado em Sérguiev Possád (região de Moscou), cidade parte da rota do Anel de Ouro.
290 Pão branco redondo trançado, em forma de argola.
291 A personagem faz clara alusão ao *Fausto*, de Goethe (segunda parte).
292 No caso, termo da alquimia para "solvente".
293 JEK, acrônimo de *Jilischno-ekspluatatsiónnaia kontora* (Escritório de Gestão Habitacional).
294 *Sprats* (em russo, *chpróty*), peixes da família *Clupeidae*, normalmente defumados, do Mar Báltico.
295 Salmos 6:4.

296 Salmos 6:5.
297 Principal torre do Krêmlin de Moscou.
298 Em linhas gerais, o pensamento “eslavófilo” defendia um caminho voltado para a própria tradição russa, por vezes revelando um traço messiânico; ao contrário dos “ocidentalistas”, que queriam modernizar o país conforme modelos europeus. No século XIX, o tema marcou debates acalorados entre literatos russos.
299 Comunidade autônoma de camponeses.
300 Retirado de um pequeno texto de Púchkin, “O caráter popular na literatura” (*Naródnost v literature*), achado entre seus manuscritos dos anos 1820.
301 Estampa popular com uma sequência de imagens acompanhada por textos simples.
302 O jejum *Shiv’ah Asar B’Tamuz* ocorre em memória da quebra de partes do muro de Jerusalém, antes da destruição do Segundo Templo pelos romanos, e da quebra das Tábuas da Lei por Moisés.
303 O jejum dura três semanas, do dia 17 de Tamuz até 9 de Av. Tamuz, no calendário judaico, é o quarto mês, com 29 dias, e Av o quinto, com 30 dias.
304 Êxodo 32:16.
305 Êxodo 32:17.
306 Êxodo 32:18.
307 “Quando se aproximou do acampamento e viu o bezerro e as danças, Moisés acendeu-se em ira; lançou das mãos as tábuas e quebrou-as no sopé da montanha” (Êxodo 32: 19). (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 149)
308 Êxodo 33:20.
309 Monte Horeb ou Sinai, “o cenário da aparição da sarça ardente [...] e da adoração do bezerro de ouro”. (*Dicionário bíblico, op. cit.*, p.427)
310 Possível alusão a Isaías 55:6: “Procurai Iahweh [Senhor] enquanto ele se deixa encontrar, invocai-o enquanto está perto”. (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 1343)
311 Êxodo 3:3.
312 Prato russo e bielorrusso. Espécie de fritada em que os ovos podem ser misturados com leite, batata ralada ou farinha. Além disso, pode-se acrescentar *bacon* e outros recheios.
313 A festa de *Simchat-Torá*, celebrada depois de *Sukkot* (outono), marca o fim do ciclo anual da leitura da Torá e o início de um novo.
314 Isaías 7:13–15.
315 Isaías 8:3.
316 Isaías 9:5.
317 Salmos 137:5, 6.
318 Personagem de *Almas Mortas*, Stepan Pliúchkin era um “*pomiêchtchik*, um proprietário rural [...] dono de mais de mil almas”. (*Almas Mortas*, ed. Abril, 1987, p. 137, tradução de Tatiana Belinky)
319 Neemias 3:1–6.
320 Neemias 3:11, 13, 15 –17, 19, 25, 26, 28.
321 Neemias 3: 34 pela *Bíblia de Jerusalém*, 4:2 em outras versões consultadas.
322 “Sanabalat é conhecido como governador de Samaria. Tobias era, sob suas ordens, judeu governador de Amon” (Neemias 2:10). (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 642)
323 Neemias 3: 38 e Neemias 4: 5, 8, 10, 11, 12, 17 pela *Bíblia de Jerusalém*; em outras versões, Neemias 4: 6, 11, 14, 16, 17, 18, 23.
324 Mateus 5:17, 18.
325 Mateus 5:48.

326 A festa de *Purim* — que comemora a salvação dos judeus persas da conspiração de Amã — é celebrada nos 14º (*Purim*) e 15º (*Chuchan Purim*) dias do mês de Adar, o 12º (ou 13º) mês do calendário judaico (coincide normalmente com o mês de março).
327 Ester 3:13g (adaptado).
328 Segundo Livro de Ester, ela revelara a Assuero, rei da Pérsia, que Amã era o inimigo dos hebreus. Então o rei "[...] ordenou que Amã fosse enforcado na forca que mandara preparar para Mardoqueu", tio de Ester (Hadassa). (*Dicionário bíblico, op. cit.*, p. 309)
329 Corresponde aos capítulos 40 e 55 do Livro de Isaías, já que estes "não podem ser obra do profeta do século VIII. [...] Esses capítulos contêm a pregação dum anônimo, continuador de Isaías [...] o qual na falta de um nome melhor, chamamos de Dêutero-Isaías ou de Segundo Isaías [...]". (*Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 1238)
330 Isaías 42:1, 2.
331 Isaías 42:14.
332 Isaías 50:6.
333 Isaías 50:7, 8.
334 Isaías 42:16.
335 Isaías 43:2.
336 Isaías 43:11.
337 Isaías 44:24, 27.
338 Isaías 49:26.
339 Isaías 51:22, 23.
340 Isaías 7:11.
341 Isaías 26:10, 21.
342 Amós 8: 11.
343 Isaías 65:24.
344 Isaías 55:1.
345 Isaías 55:3.
346 Isaías 55:10, 11.
347 Deuteronômio 32:2.
348 Isaías 62:6.

Notas sobre *Salmo, romance-meditação sobre os quatro flagelos do Senhor*

O escritor, dramaturgo e roteirista Friedrich Gorenstein (1932–2002), judeu nascido em Kíev, escreveu o romance *Salmo* entre 1974 e 1975, ainda vivendo na União Soviética (ele emigrou para a Alemanha em 1980), mas em seu país, obviamente, a obra nunca foi publicada, assim como nenhum de seus livros (foram dezesseis romances). Depois, no entanto, ele se tornou um escritor cultuado na Rússia — foi finalista, em 1992, do prestigioso prêmio *Booker Prize* —, sendo apreciado por artistas e escritores, como Andrei Tarkóvski (1932–1986), com quem escreveu os roteiros de *Andrei Rublióv* (1966) e *Solaris* (1972), e Viktor Eroféiev (1947). Entre os roteiros de Gorenstein (foram dezessete escritos entre 1963 e 1980), devemos citar também o de *A escrava do amor* (1975), filme de Nikita Mikhalkóv (1945), e *Sviétlyi viéter* (*Vento luminoso*) — roteiro baseado na novela *Ariel,* de Aleksándr Beliáiev (1884–1942), que escreveu com Tarkóvski, mas este não chegou a filmá-lo.

Romances sobre temas bíblicos não são novidade na literatura universal. Mas, à diferença, por exemplo, de *José e seus irmãos* (1926–1940), de Thomas Mann, e de *Mestre e Margarida* (1940), de Mikhail Bulgákov, *Salmo* estabelece uma continuidade entre as épocas bíblicas e o século XX, o foco do romance. As profecias, retiradas da Bíblia, se encaixam perfeitamente nos acontecimentos descritos na obra, cuja personagem principal é o Anticristo, enviado à terra pelo Senhor. Assim, em *Salmo,* Gorenstein não recria episódios bíblicos, mas usa-os para ilustrar a vida na União Soviética, como que transportando uma época para outra.

A vinda do Anticristo à terra ocorre com precisão: no ano de 1933, numa pequena vila da Ucrânia, na região de Khárkov. Já o desaparecimento dele, sua morte, se dá no ano de 1973. Portanto, a passagem mítica do Anticristo pela terra dura 40 anos, e o que ele testemunha é transmitido diretamente ao Senhor (Deus pai), com quem ele se comunica através dos profetas. Temos, portanto, um narrador, no mínimo, peculiar.

Os quatro flagelos impostos pelo Senhor aos homens constituem os quatro capítulos, ou quatro parábolas, desse romance fantástico, porém há um quinto, e nisso o texto se assemelha à Biblia, que também não é precisa, pois “não é uma crônica”, como pontua Andrei, um dos filhos do Anticristo.

Cada capítulo, dedicado a uma punição, um flagelo, tem uma estrutura idêntica: um preâmbulo filosófico-religioso seguido de uma parábola, um procedimento bíblico que dá o tom do romance. A forma de parábola, não encontrada em nenhuma outra obra russo-soviética, fez com que muitos críticos

considerassem *Salmo* um dos romances russos mais complexos do século XX. As digressões do narrador perpassam o texto, seguindo a tradição de escritores como Dostoiévski e Tolstói. Elas não estão separadas estruturalmente do enredo, mas se entrelaçam a ele e fazem voos surpreendentes. F.G., como ele mesmo descreveu, usa as tramas de sua escritura como uma tela em que ele tece seus pensamentos livremente, que se refletem como um espelho no decorrer das histórias.

Além do evidente debate religioso — Velho Testamento (Bíblia) *versus* Novo Testamento (Evangelho) —, há outro tema que permeia o romance: a relação dos judeus com o mundo sob domínio do cristianismo, o que criou a chamada *questão judaica*, principalmente em relação aos russos e aos alemães. Gorenstein foi um dos poucos escritores soviéticos a abordar a *questão judaica*, ou a posição do judeu na URSS, com tamanha força, talvez um dos únicos, ao lado de Vassíli Grossman (1905–1964).

A *questão judaica* é um tema relevante para o livro, sobre a qual se discorre desde o "tutor grego",[1] passando pela Idade Média — que deu início, conforme o narrador, ao ateísmo — e pelos períodos nazista e comunista. Nessa questão, F.G. estabelece um diálogo contínuo e flagrante com Fiódor Dostoiévski, com quem, pelo estilo e pela temática, foi muitas vezes comparado. Na polêmica estabelecida com Dostoiévski em *Salmo* — que surge de outras formas em outras obras, como na peça *Spóry o Dostoiévskom* (*Discussões sobre Dostoiévski*, 1973) e em seu conhecido romance *Miesto* (*O lugar*, 1976) —, F.G. cita, em particular, artigos de *Diário de um escritor*, como "A questão judaica" (1877). *A concepção* de mundo cristã de Dostoiévski, como explicitada por Nikolai Berdiáiev (1874–1948), é colocada em discussão em *Salmo* através do Velho Testamento. Esse choque de visões perpassa todo o romance, norteando as digressões do narrador.

O narrador de *Salmo* vê em Cristo um Messias, um Salvador, enviado pelo Senhor à terra para salvar os inúmeros pecadores (e não suas vítimas) e sua vinda foi anunciada pelo profeta Isaías. No romance, o Cristo não é contrário ao Velho Testamento, à sua "mãe judia", mas não foi compreendido pelos apóstolos que o traíram — e não somente Judas Iscariotes — por meio de uma conspiração. Nessa traição, teria nascido a "ideia cristã" de Cristo. Depois, "o tutor grego" substituiu a imagem de Jesus Cristo pela imagem de um monge descarnado, separando o cristianismo, a "criança órfã", de sua "mãe judia" e delineando, ainda segundo o narrador, uma segunda conspiração, tramada dentro dos monastérios gregos, pela vida em reclusão — um método utilizado tanto

pelos profetas como por Jesus. Ideias simples do Velho Testamento tornaram-se “complexas”, como fragmentos de um “cálice quebrado”, e as novas concepções cristãs, algumas extraídas do próprio Velho Testamento, foram contrapostas a ele. Um exemplo repetidamente citado pelo narrador é a doutrina cristã da não resistência ao mal, a qual aparece ainda nas palavras do profeta Jeremias. Já a vinda do Anticristo, compreendido pelos ideólogos cristãos como um inimigo do Cristo, foi vaticinada pelo profeta Jeremias. À diferença de Cristo, que veio para abençoar, salvar e, conforme quer demonstrar o narrador, perdoar os pecadores, Anticristo veio para amaldiçoá-los, salvando suas vítimas. Ou seja, em *Salmo,* Cristo e Anticristo, apesar das diferenças, se completam — são irmãos, e não inimigos.

A vinda do Anticristo não aconteceu em qualquer lugar, mas na Rússia, o país escolhido para ser punido, assim como os judeus e os alemães, cada um por seus próprios pecados: os judeus por terem esquecido sua aliança com Deus e por se assimilarem, renegando sua origem; os russos por tentarem construir a Torre de Babel (o império), contrapondo o homem a Deus; e os alemães por suas ideias de supremacia racial.

Eis os quatro terríveis flagelos do Senhor, conforme as palavras do profeta Ezequiel: a espada, a fome, o animal feroz — compreendido como luxúria —, e a doença — a peste.

No primeiro capítulo, surgem os flagelos da fome e da luxúria, pois “ás vezes os flagelos acontecem juntos, às vezes separados, às vezes um se fortalece, às vezes outro...”. O livro começa com citações do profeta Isaías e do Gênesis, contando a história do Cristo e do Anticristo e da iniciação do homem à arte: “Quanto à arte, um Dom sagrado do Senhor, o homem aprendeu a dirigi-la contra Aquele de quem a recebera.” (p. 16) Assim, logo no início da obra, surge um narrador instigante: não seria ele mesmo uma representação artística?

A primeira parábola, “Parábola do irmão perdido”, descreve a vida de uma mendiga de nome Maria, da vila de Chagaro-Petróvskoie, no ano de 1933, durante a coletivização. Nesse momento, implantou-se na URSS o *golodomor* (em tradução literal, “morte pela fome”), época em que produtos agrícolas eram expropriados por grupos especiais (*Prodotriády*), deixando os camponeses em situação precária. Ao ver o Anticristo, os frequentadores da casa de chá “O lavrador vermelho” pensaram que ele pertencia a um grupo como esse e foram por isso punidos. No decorrer da história, a jovem Maria foi castigada pela luxúria, terminando a vida como uma prostituta.

Nessa parábola, há reflexões sobre as igrejas desapropriadas durante a URSS,

transformadas em depósitos de batata, e sobre a substituição da imagem de Cristo — que já havia sido substituída pela imagem de um monge descarnado de Alexandria — pela imagem de um bigodudo assírio (alusão a Stálin). Mesmo assim, para o narrador, o ateísmo ainda seria melhor do que a idolatria...

Tomada pela luxúria (o terceiro flagelo do Senhor), Maria se entrega a um grego e, ao voltar para casa, uma desgraça a espera: a morte de sua mãe, que fora atropelada por um trem. Morando em Kertch, Maria passa a vagar pela praia de Enikalé, onde encontra Dã, a Áspide, o Anticristo, e também se entrega a ele — nem o Anticristo escapa desse flagelo. Desta união, nasce um menino, Vássia, o nome do irmão perdido de Maria.

Em seguida, na "Parábola dos suplícios dos ímpios", que aborda a punição da espada, narra-se a história de outra menina, Ánnuchka, e se passa em 1940 na cidade de Rjév, ao norte da Rússia. Ánnuchka morava num barracão com a mãe e dois irmãos (Mítia e Vova) — o pai havia morrido na Guerra da Finlândia (1939/1940). Depois da morte de Vova e do roubo sofrido, a família recebeu do governo uma habitação na velha igreja do cemitério. E aqui o Anticristo apareceu para vistoriar os antigos afrescos. A mãe de Ánnuchka havia colado sobre os afrescos jornais e, por cima deles, um retrato de Stálin. Por causa da umidade, os jornais descolaram: "Mas, como as paredes grossas da igreja eram úmidas, os jornais descolaram e enrugaram, de modo que o busto do Cristo ortodoxo ficou ao lado do busto de Stálin, e era possível imaginar que fossem companheiros de luta". (p.123) Apenas uma amostra da ironia de Gorenstein, que está presente em todo o texto, lançando não raro um olhar ferino sobre a humanidade.

Nessa mesma cidade, a guerra alcança Ánnuchka, e, no lugar do poder soviético, vem o poder alemão. Com a mãe e o irmão, Ánnuchka foge para uma pequena aldeia sob poder de tropas soviéticas, onde todos adoecem — a mãe morre num hospital e o irmão desaparece. A menina vai parar num orfanato e, durante a evacuação, é transferida para uma zona ocupada por alemães, sendo enviada para trabalhar na Alemanha. No trem em que será conduzida, o Anticristo entrega-lhe um papel escrito em duas línguas e a instrui a jogá-lo num rio, para amaldiçoar a Alemanha. Nesse mesmo trem, uma mulher entrega ao Anticristo um bebê, uma menina a quem ele chama de Rute e que desempenhará papel fundamental nos capítulos seguintes. Quanto à Ánnuchka, ela morre na Alemanha, mas não sem antes ser recompensada, pela Maldição cumprida, com o gozo divino:

> Quando, ao amanhecer, os outros trabalhadores braquicéfalos ouviram os gemidos de agonia de Ánnuchka, eles se aproximaram e viram em seu rosto a expressão feliz da paixão irrefreável que

> só se manifesta no clímax nupcial. Casos como esse são conhecidos pela medicina — assim às vezes se morre de febre nos anos de mocidade, quando o corpo extenuado carrega paixões ainda não consumidas. (p. 172)

A esse episódio são acrescidas, como de hábito, as digressões do narrador. Pela primeira vez, o Anticristo encontra em seu caminho terreno um antissemita russo e surge o termo *jid*, usado de forma desdenhosa para se referir aos judeus. Mas chega 1941, o ano da punição pela espada, e com ele outro tipo de antissemitismo — o do poder alemão. O poder alemão é organizado, científico, classifica as pessoas entre dolicocéfalos, de crânio alongado germânico, e braquicéfalos, de crânio redondo eslavo. Dessa maneira, F.G. ironiza magistralmente a ideia racista do nazismo.

No terceiro capítulo, que aborda o flagelo da luxúria, a participação do Anticristo, no auge de sua virilidade, é direta (tanto que, a partir desse ponto, a tradução passou a usar "você" nas falas de Dã — há dois planos distintos no romance, celestial e terreno, que foram demarcados também pelas formas de tratamento). Os acontecimentos da "Parábola do adultério" se dão no ano de 1948, no pós-guerra, uma época de esperança na URSS. A família Kopóssov, da cidade de Bor, às margens do Volga, é protagonista do episódio, particularmente a mãe, Vera, que, por desígnio divino, se vê apaixonada pelo Anticristo. Mas quis o destino que Dã, o Anticristo, e Tássia, a filha de Vera, se apaixonassem, e entre eles surgiu um terceiro tipo de amor, "nem carnal nem ascético". No entanto, por meio de uma trama de Vera, o Anticristo foi atingido pelo terceiro flagelo — o animal selvagem, a luxúria. Também foi em virtude da luxúria, de um Sinal (a prostração de Pávlov), que a filha adotiva do Anticristo, Rute, entendeu que ela era a profetisa Pelágia. Um capítulo pródigo em análises e descrições da vida e da natureza dos russos diante da vastidão de sua terra.

Na quarta parábola, surge a punição pela doença, mas é uma doença do espírito. No preâmbulo, o narrador logo estabelece a questão primordial: Quem está arruinando a Rússia? Como é a imagem da nova Rússia? E nos dá um diagnóstico:

> A cultura da Rússia está ligada à Europa, mas sua civilização à Ásia. Isso é um problema, mas não um enigma. O problema deve ser resolvido por meio de um árduo trabalho espiritual, que desviaria a ideia nacional dinâmica. [...] Os órgãos de repressão tentaram resolver esse enigma nacional à sua maneira. (p. 232)

Agora o Anticristo é enviado para outra missão: para a cidade de Vítebsk (Bielorrússia), em 1949, quando Aleksándr Semiónovitch Kukharienko entrou para o rol dos inimigos da Rússia. Naquela época, no pós-guerra, houve um novo enrijecimento do regime stalinista, incentivando a perseguição daqueles que estariam arruinando a Rússia. "A parábola da doença do espirito" conta a historia

da família Kukharienko, que, depois da prisão do pai, se separa: a mãe se vê obrigada a enviar seus dois filhos pequenos, Nínotchka e Míchenka, para a casa de sua irmã, Klávdia, em Moscou. Klávdia era casada com o crítico de arte Aleksei Ióssifovitch Ívolguin e tinha um filho adolescente "doentio", Saviéli. Aleksei era um judeu de sobrenome original Katz, mas seu pai havia comprado um sobrenome russo, Ívolguin, de um comissário de policia: "o gato em iídiche tornou-se o passarinho em russo".

Ívolguin vivia continuamente amedrontado, temia tudo e todos, por ser um judeu e por seu tipo de trabalho (a cultura). No encontro de Ívolguin com Anticristo, que havia começado a trabalhar como zelador no prédio comunal onde o crítico de arte morava, Dã percebeu seu pavor e pensou: "Quem teme muito aos homens não teme a Deus...". A essa altura, chegaram a Moscou Nínotchka e Míchenka, que foram enviados por sua mãe para serem salvos. Ao ler a carta que traziam na lancheira, Klávdia entendeu que sua irmã havia caído em desgraça, vítima de um processo que se instaurou na Bielorrússia contra os nacionalistas. No dia seguinte, as crianças foram levadas a uma estação de trem, sendo abandonadas. O tema da criança órfã é também um *leitmotiv* do livro e da vida do autor: seu pai, Naum Gorenstein (1902–1937), professor de economia política, foi fuzilado em 1937 e sua mãe, Enna, morreu em Orenburg, a caminho da evacuação. Friedrich foi mandado para um orfanato e, depois da Segunda Guerra, foi criado pela família de sua tia materna em Berdítchev, mudando-se para Moscou em 1961.

Mas chega o ano de 1952, o ano da perseguição dos *cosmopolitas* e dos criminosos de "jalecos brancos", e Ívolguin espera ser preso a qualquer momento. Os cosmopolitas eram os intelectuais judeus acusados de não serem leais ao poder soviético, enquanto os homens de "jalecos brancos" eram os médicos judeus acusados de matarem os líderes da nação — tema também aludido em *Vida e destino,* de Vassíli Grossman, tratou-se de um processo contra médicos soviéticos de destaque, quase todos judeus, que se deu entre janeiro e março de 1953; com a morte de Stálin, o processo foi interrompido e a nova liderança soviética reconheceu tratar-se de uma armação.

Aqui o narrador analisa, com a ironia habitual, a manifestação do antissemitismo dentro do transporte público, em bondes, trólebus e ônibus, em que a liberdade de expressão era "garantida pela Constituição". Nessa parábola, há também uma crítica dura contra os judeus que abandonaram seus assentamentos, criados na época de Catarina, a Grande, mudaram de sobrenome e quiseram se assimilar sofregamente: "Eles não venderam sua alma, mas seu

espírito. A alma conserva o homem dentro do homem, enquanto o espírito conserva Deus dentro do homem. Os que fugiram de si mesmos salvaram sua alma, mas arruinaram seu espírito...". (p. 266) Como nota Korine Amacher, estudiosa de Gorenstein, a questão do antissemitismo na URSS trata, no fim, "da aceitação ou da recusa do que era percebido como o 'outro' naquela sociedade"[2], incluindo a recusa de si mesmo. Por isso o "estrangeiro", o "de fora", o "estranho" são elementos continuamente acentuados ao longo da obra. Em certo momento, Dã afirma: "Esse povo em nada se destaca dos outros, em nada é melhor que os outros, mas por esse ódio invariável ele se destaca e nisso ele é melhor." (p.377)

Assim, fugira de um lugarejo judeu o avô de Aleksei e, depois, o pai dele comprara um sobrenome russo em Petersburgo, onde o próprio Aleksei nascera. O começo da carreira de Aleksei Ívolguin como crítico se deu no jornal *A palavra*, que, de certo modo, conforme o narrador, era pior do que o jornal *O estandarte russo*, das Centenas Negras, notoriamente antissemita e xenófobo. Em 1952, Ívolguin passou por um expurgo, um processo por que muitos intelectuais daquele tempo passaram. Vasculharam seus textos antigos e descobriram seu sobrenome verdadeiro, Katz. No ano seguinte, Aleksei foi preso, morrendo durante o depoimento severamente conduzido pelo investigador. Klávdia se tornou "uma viúva inconsolável e uma mãe sofredora" e seu filho doentio, Saviéli, foi parar numa clínica psiquiátrica. Ao voltar da clínica, ele ingressou no Instituto de Literatura da União dos Escritores, onde conheceu Andrei Kopóssov, Vássia Korobkóv e o velho Ilováiski, um "conhecedor da Antiguidade". Eles mantinham discussões sobre religião, que estavam em voga, para as quais eram convidadas também o Anticristo e sua filha, Rute-Pelágia. Quando, para ilustrar uma fala, Ilováiski quebrou uma xícara, Dã entendeu que, através deste insensato, o Senhor havia lhe enviado um Sinal, permitindo que a Palavra fosse dita e só depois seu sentido determinado, pois "o Cálice divino foi quebrado, e disso tratará a última e quinta parábola", pela qual Anticristo foi mandado à terra.

A introdução da quinta parábola é bastante complexa, pois o narrador sintetiza as parábolas anteriores e se aprofunda em suas reflexões. Aquilo que chamou de "cálice quebrado" e serviu de Sinal ao Anticristo era a Bíblia, a Lei de Moisés, o Pentateuco. Mas quem quebrou o cálice e quando?

"A parábola do cálice quebrado" começa com a história do estudante Andrei Kopóssov (filho de Anticristo e Vera Kopóssova), que, num momento de lucidez, leu a passagem bíblica sobre as Tábuas de Moisés e compreendeu seu

ensinamento, que, contrariando os humanistas — que ensinavam que não existem povos ruins — e os racistas — que ensinavam que existem povos superiores e inferiores —, afirmava que todos os povos são ruins. Para proteger sua descoberta de seus próprios pensamentos, Andrei resolveu ir a uma exposição na galeria Tretiakóv de um pintor francês nascido na Rússia. O nome do pintor não é citado, mas, pela descrição, não é difícil concluir que se trata de Marc Chagall, sobre quem F.G. escreveu, em 1994, o roteiro-romance *Letit sebie aeroplan (O aeroplano voa sozinho).* De fato, ocorreu uma exposição de Chagall em Moscou, em 1973, em duas salas de fundo da Tretiakóv, conforme é descrito em *Salmo*. Nesse período, o degelo, ocorre o enfraquecimento da doutrina ateísta soviética, que proibia os ritos — há um renascimento do cristianismo no país.

Para a exposição, Andrei convida Saviéli, que leva com ele sua vizinha, Rute-Pelagia; Vássia, a "semente ruim", o filho de Anticristo e Maria; e o "versejador" Sómov, seu conterrâneo — assim, todas as parábolas se reúnem. Em seguida, Andrei, Saviéli e Rute vão para uma *datcha*, onde haverá um encontro com ex-seminaristas, amigos do velho Ilováiski. A conversa, como não podia ser diferente, gira em torno do cálice quebrado.

Durante o encontro na galeria Tretiakóv, Vássia, um antissemita notório, soube por Pelágia de sua semelhança física com o pai dela, Dã. Sabendo que ele era vizinho de Saviéli, Vássia resolveu visitar o Anticristo. Mal fixou os olhos em Vássia, Dã reconheceu a "semente ruim", seu filho, enquanto o outro viu a si mesmo envelhecido. Não suportando essa semelhança, Vássia Korobkóv se enforcou.

Enquanto isso, Andrei Kopóssov recebe a visita de sua mãe, Vera, de Bor, levando-a ao mausoléu de Lênin. Ao ver a pomposa troca da guarda, ela disse: "Que honra para um homem...". Esta simples observação deu ao narrador a chance de desenvolver um pensamento complexo sobre o caráter popular russo, demarcando o que seria popular para Dostoiévski e o que seria para Púchkin, poeta muito estimado por Gorenstein, e que influência isso teria tido no desenvolvimento das artes:

> Se, no século XIX, a Rússia conseguiu criar uma grande cultura, foi porque as reformas de Pedro, o Grande, separaram a *intelligentsia* do povo, e, explorando o oceano fecundo do instinto popular, a cultura não ficou escravizada pela consciência popular. Somente mais tarde, perto do fim do século, graças aos esforços de acusadores *raznotchinets*, a consciência popular começou a escravizar a cultura, e os adeptos desses acusadores levaram o processo ao extremo. (p. 349)

Em sua visita, Vera contou a Andrei que Dã, a Áspide, o Anticristo, era seu verdadeiro pai e eles resolvem visitá-lo, e todos, incluindo Pelágia, celebram a quebra das Tábuas da Lei — o jejum judaico *Shiv'ah Asar B'Tamuz*. Por sua

vez, Saviéli conseguiu o sangue de Pelágia para fazer uma experiência alquímica: gerar um homúnculo filosófico, numa clara alusão a *Fausto,* de Goethe. Seguindo à risca as instruções, Saviéli conseguiu gerar dois homúnculos, uma mulher e um homem, que recriam primorosamente a queda do homem, a saída do Éden. Ao homúnculo do matraz, concebido pelo mênstruo, ele fez várias perguntas:

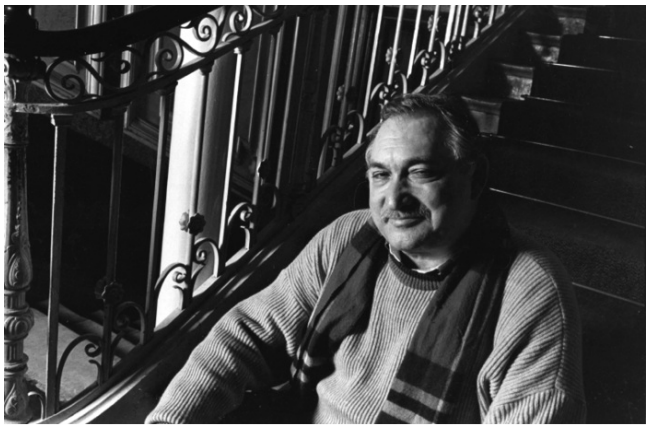
> — O que é um homem bom? — perguntou ao homem no matraz.
> — Um homem bom não é um homem de Deus — respondeu ele—, a bondade não é divina, é um sentimento por demais insignificante para Deus, mas necessário para o pequeno homem pecador. Muito mais necessária do que a Verdade é a Riqueza espiritual. (p. 361)
> [...]
> — Diga-me — perguntou Saviéli, afundando-se pesadamente na cadeira e fechando os olhos —, por que eu não consigo crer em Deus racionalmente, apesar de ter lido muitos livros inteligentes que provavam a existência de Deus?
> — Porque — respondeu o homenzinho de dentro do matraz, com voz baixa e cansada — Deus não está na inteligência, mas no instinto. O homem nasceu com o instinto de Deus do mesmo modo que nasceu com o instinto de comer, beber e se multiplicar. (p. 364)

A profetisa Pelágia sofria intimamente. Ela havia pecado ao dar seu sangue a Saviéli e agora sentia a presença de Satanás. Subitamente ela compreendeu sua intenção e se apavorou: entendeu que deveria perpetuar a tribo de Dã. Ela se lembrou das duas filhas de Ló e de Tamar, que se fez passar por meretriz para se entregar ao seu sogro, Judá, dando continuidade a sua tribo. Assim, Pelágia serviu ao seu pai uma forte aguardente e, com a ajuda de Satanás, entregou-se a ele. Quando Dã engravidou sua filha adotiva, começou a sentir saudade de sua terra. Ele entendeu que seu caminho terreno havia terminado. O Anticristo morreu no dia do aniversário de seu irmão, Jesus, no Natal. No ano seguinte, a profetisa teve sua criança, durante a festa de *Purim*, uma ocasião alegre. Após a morte de Dã, Pelágia, com seu filho no colo, seu irmão, Andrei, e Saviéli passaram a frequentar a floresta nevada onde o Anticristo lhes transmitia seus ensinamentos. A floresta coberta de neve contrastava com os troncos negros e parecia um templo, no qual Deus se aproximava deles. Nesse cenário lírico, Gorenstein termina seu livro, explicando, inclusive, o porquê do título:

> Qualquer vida e qualquer destino, mesmo uma vida amarga e um destino cruel, à medida que se desenrola, deve compor um Salmo. Um louvor ao Senhor por ela ter se realizado, à diferença das vidas que não nasceram e dos destinos que não se realizaram. Qualquer vida, mesmo amarga, é uma sorte e um privilégio. Por isso, simplesmente com seu nascimento, o malfeitor, o renegado, engana o Criador. Já o Cristo Salvador tem o coração puro, pois é puro o coração de quem desconhece o tormento da criação; o Cristo foi enviado pelo Senhor para não abandonar aqueles que Ele mesmo, o Criador, abandonou. A essência do Senhor é infinita e inalcançável ao homem, mas nesse infinito existe apenas um aspecto do Senhor, talvez não o principal nem o mais importante, que é acessível à compreensão humana: o aspecto da Criação. (p. 387)

E o narrador estabelece o Divino no homem: a arte, pois só “um artista pode, como Moisés, ouvir Deus falar através de uma sarça ardente”.

Moissei Mountian



Friedrich Gorenstein

1 O termo “tutor grego” usado pelo narrador faz referência ao processo de helenização por que teria passado o cristianismo primitivo, ainda fundido ao judaísmo (a figura do anacoreta, monge cristão que vivia em retiro, também pode ser datada dos primórdios do cristianismo). A imagem medieval de Cristo sofredor teria se fortalecido, conforme Le Goff, a partir do século XIII. (N. da E.)

2 AMACHER, Korine. *L’ouvre de Friedrich Gorenstein, refus de soi, refus de l’autre dans la société soviétique*. ***Bilan de la culture soviétique, revue Transitions,*** vol. XLI-2, 2002, p. 174.

Colaboradores

MOISSEI MOUNTIAN
Nascido na Moldávia (URSS), é formado em engenharia civil. Em 1972, mudou-se com sua esposa, Sofia Mountian, para o Brasil, onde, em 2008, fundou com sua filha Daniela a editora Kalinka e começou a trabalhar como tradutor. Foi indicado duas vezes ao Prêmio Jabuti pelas traduções de O diabo mesquinho, de Fiódor Sologub (Kalinka, 2008), e Os sonhos teus vão acabar contigo, de Daniil Kharms (Kalinka, 2103, com Aurora Fornoni Bernardini e Daniela Mountian). Também traduziu Encontros com Liz e outras histórias, de Leonid Dobýtchin (Kalinka, 2009), Diário de um escritor (1873): Meia carta de um sujeito, de Fiódor Dostoiévski (Hedra, 2016), e A ressurreição do lariço: Contos de Kolimá 5, de Varlam Chalámov (Ed. 34, 2016), os dois últimos em parceria com sua filha.

IRINEU FRANCO PERPETUO
Jornalista e tradutor, colaborador da revista *Concerto* e jurado do concurso de música *Prelúdio*, da TV Cultura. Coautor, com Alexandre Pavan, de *Populares & Eruditos* (Ed. Invenção, 2001), e autor de *Cyro Pereira – Maestro* (DBA Editora, 2005) e dos audiolivros *História da Música Clássica* (Livro Falante, 2008), *Alma Brasileira: A Trajetória de Villa-Lobos* (Livro Falante, 2011) e *Chopin: O Poeta do Piano* (Livro Falante, 2012). Publicou, pela Editora Globo, a tradução de dois livros de A. S. Púchkin: *Pequenas Tragédias* (2006) e *Boris Godunov* (2007). Traduziu ainda *Memórias de Um Caçador* (Ed. 34), de Ivan Turguêniev; *A Morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, e *Memórias do Subsolo,* de Dostoiévski (ambos pela Coleção Folha Grandes Nomes da Literatura, 2016); *Vida e Destino* (Ed. Alfaguara, segundo lugar no Prêmio Jabuti 2015) e *A Estrada* (Ed. Alfaguara, 2015), livros de Vassíli Grossman; e *Mestre e Margarida*, de Bulgákov (Ed. 34). Verteu ainda *Frankenstein*, de Mary Shelley (Coleção Folha Grandes Nomes da Literatura, 2017).

FABIO FLAKS
Fabio Flaks é artista plástico e mestre em Poéticas Visuais pelo Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes (USP, 2009). Realizou diversas exposições coletivas e individuais, como no Paço das Artes (São Paulo, 2015), Feira Internacional de Arte Contemporânea ARCO (*Solo Project,* Madri, 2014), Galeria Pilar (São Paulo, 2013), Centro Universitário Maria Antonia (São Paulo, 2010), Galeria Virgilio (São Paulo, 2006), Galeria Vicente Rego Monteiro da Fundação Joaquim Nabuco (Recife, 2004), Centro Cultural São Paulo (2003) e Museu de Arte de Ribeirão Preto (2003).

DANIELA MOUNTIAN, editora da Kalinka, tradutora e doutora em literatura russa pela USP.
LEILA GUENTHER, escritora e poeta. Autora de *Viagem a um deserto interior* (Ateliê Editorial).

Catálogo da Editora Kalinka

O Diabo Mesquinho FIÓDOR SOLOGUB
Encontros com Liz e outras histórias LEONID DOBÝTCHIN
“Os sonhos teus vão acabar contigo”: prosa, poesia, teatro DANIIL KHARMS
Luminescência: antologia poética VIATCHESLÁV KUPRIYÁNOV
Luminescência: desdobramentos VIATCHESLÁV KUPRIYÁNOV
Poesia russa: seleta bilíngue
Tarakã, o bigodudo (Ars et Vita e Kalinka) KORNEI TCHUKÓVSKI
Parque Cultural SERGUEI DOVLÁTOV
Salmo FRIEDRICH GORENSTEIN

CRÉDITOS
TÍTULO Salmo
AUTOR Friedrich Gorenstein
TRADUÇÃO do RUSSO Moissei Mountian
TRADUÇÃO do RUSSO Irineu Franco Perpetuo
POSFÁCIO Moissei Mountian
PREPARAÇÃO e COTEJO Daniela Mountian
REVISÃO Leila Guenther
EDIÇÃO Daniela Mountian
CAPA Fabio Flaks
ISBN 978-85-61096-10-6

Edição: Editora Kalinka
Rua Imaculada Conceição, 41 cj. 03
01226-020 São Paulo-SP Tel.11 2579-6290
www.kalinka.com.br

Produção executiva: Editora Hedra
Rua Fradique Coutinho, 1139 Vila Madalena
05416-011 São Paulo-SP Tel.11 3097-8304
www.hedra.com.br